



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

GIOVANA BRAGA KEBIAN

COMO A GENTE CONVIVE COM ISSO?:
efeitos da violência na vida de mulheres jornalistas

RIO DE JANEIRO

2025

GIOVANA BRAGA KEBIAN

COMO A GENTE CONVIVE COM ISSO?:

efeitos da violência na vida de mulheres jornalistas

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura, na linha de pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais.

Orientador: Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Rio de Janeiro

2025

*Eu também me transformo em testemunha.
Testemunha daquilo que as pessoas se lembram, e de como se
lembram, do que querem falar e do que tentam esquecer ou
afastar para o canto mais distante da memória.
(Svetlana Aléksievitch)*

Para Alana, Amanda, Helena, Ívina,
Renata, Sávia, Schirlei e Vanessa.

AGRADECIMENTOS

A universidade é um lugar de muitos sentidos: do prestígio, do conhecimento, dos privilégios. Nos últimos dois anos, descobri que é também o lugar dos afetos. Uma teia em rede formada pela generosidade, escuta e acolhimento sustentaram a construção deste projeto, que apesar de assinar sozinha, carrega o nome de muitos e muitas em suas entrelinhas.

Agradeço aos meus pais, Letícia e Antonio, e às minhas irmãs, Ingrid e Karen, pelo amor incondicional, pela torcida aguerrida e pelo colo nas horas certas. Aos meus sobrinhos, Antonio e Joana, por quem eu luto para que possam viver em um mundo menos desigual.

Ao Igor, meu orientador, por embarcar nessa jornada comigo. Agradeço pela escuta atenta, capricho e compreensão nos momentos precisos para que este trabalho tomasse vida.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, à Escola de Comunicação e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, por me proporcionarem uma formação interdisciplinar, crítica e libertadora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior e à Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro, pela concessão das bolsas de pesquisa.

Aos professores e professoras, tanto do PPGCOM/UFRJ, como de outros programas, cujos ensinamentos, dedicação e troca foram fundamentais.

À Tati Leal e ao João Malerba, que plantaram, ainda em 2022, uma sementinha sobre esse mestrado. Obrigada pelos conselhos, aulas e parceria dentro e fora da vida acadêmica.

À Marialva Barbosa e à Paula Melani, pela dedicação assídua à participação na banca de qualificação e pelas contribuições valiosas à elaboração deste trabalho.

À Daniela Osvald Ramos e aos colegas do Observatório de Mídia, Comunicação e Liberdade de Expressão da USP (Obcom/USP), a quem devo muitos debates e trocas significativas.

Aos amigos e amigas também do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde da Fiocruz (Nechs/Fiocruz), por ampliarem minha percepção sobre esta temática e pelos encontros sempre repletos de muito afeto.

Aos servidores e servidoras que trabalham na universidade e permitem o seu funcionamento. À Jorgina e ao Thiago, em especial, por toda a paciência para responder e atender às minhas centenas de demandas e dúvidas, sempre muito solícitos.

Aos trabalhadores e trabalhadoras das bibliotecas, livrarias e cafês que passei a frequentar nos momentos finais da escrita da dissertação.

À Glaucia Mayara Niedermeyer Orth, por me ajudar a enfrentar o desafio de se trabalhar com traumas.

À Marcelle e à minha irmã Karen, pela acolhida em Brasília e São Paulo para fazer as entrevistas. À Mari, ao Dudu e à minha irmã Ingrid, pela ajuda com as transcrições.

Aos amigos e amigas do mestrado, especialmente Tay Gregório, Cadu Freitas, Marcelo Monteiro, Miranda Perozini, Laís Sebben, Helena Strecker e Rejane Nogueira, pela partilha das angústias que atravessam a vida acadêmica e a vida adulta.

Aos amigos e amigas da graduação, que dividiram comigo o início dessa trajetória.

Às amigas da vida, ao BdP em especial, que me acompanham desde sempre.

À Julia, Fernanda, Helena e Dri, que muito ouviram sobre este projeto.

À Ana Clara Galante, Gabi Morgado, Carol Nunes e ao Pedro Cardoni, por serem ouvidos nos momentos difíceis de se fazer jornalismo. Aos focas da 2ª turma de Jornalismo e Saúde do Estadão, que tornaram a reta final deste processo ainda mais especial.

À Leticia Kleim e aos colegas da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.

À Taynara Lira, Jade Alves, Caê Vatiero, Raquel da Cruz, Raísa Cetra, Maria Tranjan e a toda a equipe da Artigo 19. Às amigas da 2ª turma do Empodera Legal, da Artigo 19, que tive a honra de integrar, em especial, à Juli Cândido e à Juliana Vieira.

Aos colegas da Rede Nacional de Proteção a Jornalistas e Comunicadores, à Federação Nacional dos Jornalistas e às demais organizações que se empenham na luta ferrenha pela liberdade de expressão e segurança dos jornalistas.

Mas, sobretudo, agradeço às minhas interlocutoras Alana Rocha, Amanda Klein, Helena Bertho, Ívina Garcia, Sávia Barreto, Schirlei Alves, Renata Cristiane e Vanessa Lippelt, pela coragem e disposição em participar deste projeto. Jornalistas com quem, ao longo dos últimos dois anos, me questionei em conjunto: Como a gente convive com isso?

RESUMO

Em um contexto de descredibilização do jornalismo, aumento da desinformação e do discurso de ódio nas redes sociais digitais, ataques diretos e personalizados a jornalistas e comunicadores/as tiveram expressivo aumento na última década no Brasil, em especial a partir de 2019. Neste cenário, destaca-se o panorama que se colocou sobre as mulheres jornalistas. Além de se tornarem alvos por conta da profissão, elas são frequentemente vítimas de ataques machistas e misóginos, que atingem sua moral, corpo e aparência, e que, por vezes, se interseccionam com outros tipos de violência, como o racismo e a transfobia. Ao lidarem com as agressões, muitas vezes, não conseguem mecanismos suficientes para garantir sua segurança, seus relatos são desacreditados e/ou diminuídos e passam a temer que a violência se estenda a seus filhos e familiares. Passados dois anos do período quando o Brasil registrou recorde de agressões a jornalistas, entre 2019 a 2022, muitas das profissionais permanecem afetadas pelas sequelas das violências que as acometeram e cujos efeitos perduram *a posteriori*, sugerindo, inclusive, alterações de condutas nas suas práticas jornalísticas. Neste trabalho, partimos da discussão sobre memória, trauma e gênero para compreender como as agressões, ataques e ameaças que mulheres jornalistas receberam em decorrência do exercício da profissão promoveram marcas em suas vidas pessoais e profissionais. Conduzimos entrevistas individuais com oito jornalistas brasileiras que sofreram algum tipo de violência entre 2019 e 2023, de acordo com os registros da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj). Orientada pela abordagem da história oral, a presente investigação estabelece um diálogo entre os relatos colhidos nas entrevistas, o processo de rememoração dos eventos traumáticos pelas vítimas e os efeitos da violência a nível privado e na produção jornalística. Lançamos a hipótese de que os traumas causados pelas agressões promovem alterações no *ethos* jornalístico. Um deles diz respeito à restrição discursiva que as próprias mulheres impõem a si mesmas como consequência dos episódios traumáticos de violência que vivenciaram, fenômeno aqui denominado de autointerdição.

Palavras-chave: mulheres jornalistas; violência contra jornalistas; trauma; história oral; autointerdição.

ABSTRACT

In a context of discrediting journalism, an increase in disinformation and hate speech on digital social networks, there has been a significant rise in direct and personalized attacks on journalists and communicators in the past decade in Brazil, particularly since 2019. In this scenario, the situation of female journalists stands out. In addition to becoming targets due to their profession, they are often victims of sexist and misogynistic attacks that target their morals, bodies, and appearances, which sometimes intersect with other forms of violence, such as racism. When dealing with these aggressions, they lack sufficient mechanisms to ensure their safety, and their testimonies are often discredited and/or minimized, fearing that the violence will extend to their children and families. Two years after Brazil recorded the highest number of aggressions on journalists, between 2019 and 2022, many of these female professionals remain affected by the lasting sequels of the violence they endured, with effects that persist over time, even suggesting changes in their journalistic practices. This study discusses memory, trauma and gender to understand how the assaults, attacks, and threats received by female journalists due to their profession have left marks on their personal and professional lives. We conducted in-depth interviews with eight Brazilian journalists who experienced some form of violence between 2019 and 2023, according to records from the National Federation of Journalists (Fenaj). Guided by the oral history approach, this investigation establishes a dialogue between the testimonies collected in the interviews, the process of recollecting traumatic events by the victims, and the effects of the violence on both their private lives and journalistic production. We hypothesize that the trauma caused by the violence leads to changes in journalistic ethos, a phenomenon we call self-interdiction. This refers to the discursive restriction that the women themselves impose on their own speech as a consequence of traumatic episodes of violence they have experienced.

Key-words: women journalists; violence against journalists; trauma; oral history; self-interdiction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ocorrências contra jornalistas ao longo dos anos.....	65
Figura 2 – Tipos de violência contra mulheres jornalistas.....	66
Figura 3 – Locais das ocorrências contra mulheres jornalistas.....	67
Figura 4 – Autores das agressões contra mulheres jornalistas.....	68
Figura 5 – Principais veículos das vítimas agredidas.....	69
Figura 6 – Mapa dos locais das ocorrências.....	72
Figura 7 – Ameaça à Vanessa Lippelt.....	83
Figura 8 – Cartaz racista contra Renata Cristiane.....	87
Figura 9 – Publicação da ex-ministra Damare Alves.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Jornalistas entrevistadas.....	71

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	196
ANEXO II – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE)	201
ANEXO III – Roteiro das entrevistas individuais	215
ANEXO IV – Transcrição das entrevistas com as jornalistas	219
A) Alana Rocha	219
B) Amanda Klein	266
C) Helena Bertho	287
D) Ívina Garcia	318
E) Sávia Barreto	352
F) Schirlei Alves	390
G) Renata Cristiane	415
H) Vanessa Lippelt	449

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. “Elas queriam dar o furo”: a violência contra mulheres jornalistas	22
2.1 Jornalismo, democracia e crise epistêmica	23
2.2 Redes sociais, desinformação e discurso de ódio contra jornalistas	33
2.3 Gênero: uma categoria útil de análise no jornalismo	38
2.4 “Violam nossos corpos, nossa identidade”	46
3. A “arte da escuta” ou a riqueza epistemológica da história oral	58
3.1 A trajetória das escolhas	60
3.1.1 Radiografia da violência contra mulheres jornalistas (2019-2023)	64
3.2 Perfil das jornalistas selecionadas	70
3.3 Contribuições da história oral aos estudos de Jornalismo	93
3.4 Ser afetada	100
4. A violência que fica: trauma, memória e autointerdição	109
4.1 Jornalismo, trauma e a cultura do silêncio das redações	111
4.2 Trauma, memória e história	115
4.3 Trauma e gênero: uma abordagem feminista	126
4.4 Como a gente convive com isso?	135
4.4.1 Autointerdição: um lugar-comum nas práticas jornalísticas	136
4.4.2 O jornalismo como forma de enfrentar o ódio	148
5. Considerações finais	155
6. Referências	166
6.1 Bibliográficas	166
6.2 Notícias e sites de internet	180
6.3 Legislação	187
6.4 Relatórios	189
6.5 Entrevistas	194
6.6 Mensagens privadas em meio eletrônico	195

1. Introdução

“Colabore com a limpeza do Brasil matando um jornalista todo dia”; “Jornalista bom é jornalista morto”; “Jornalista a pior desgraça do país”, assim diziam as frases pichadas em um tapume do Hospital das Clínicas, localizado na região hospitalar de Belo Horizonte, em Minas Gerais (Fenaj, 2021, p. 63). O caso aconteceu em 2020, ano marcado pelo início da pandemia da Covid-19, pela implementação de medidas sanitárias, como o isolamento social, e pelo trabalho incessante do jornalismo, junto à comunidade científica, de alertar a população sobre os riscos do coronavírus. Em contrapartida, neste mesmo período, observou-se o aumento desenfreado da desinformação e de uma ofensiva anti-imprensa, atestada pelo crescimento exponencial no número de ataques pessoais e generalizados contra a imprensa no Brasil.

De acordo com o monitoramento histórico da Federação Nacional dos Jornalistas (2019; 2023), em 2022, foram registrados 376 episódios de agressão à categoria no Brasil, quase o triplo de ocorrências se comparado a 2018, quando foram contabilizados 135 casos. Os dados da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (2023) são ainda mais alarmantes, pois, segundo a organização, foram 557 ocorrências no último ano do governo Bolsonaro, das quais cerca de 60% estavam envolvidas com a cobertura política. A organização Repórteres Sem Fronteiras sinaliza os graves prejuízos ao direito à comunicação e ao acesso à informação em um país que caiu oito posições no ranking de liberdade de imprensa em 2022, em comparação ao ano de 2018 (RSF, 2022).

O aumento da violência contra jornalistas no Brasil nos últimos anos não é um caso à parte. Em diferentes lugares no mundo, observa-se uma onda de ataques à categoria em regimes democráticos associada à descredibilização do jornalismo como instituição crível, especialmente durante a pandemia de Covid-19, a usos de táticas de desinformação pelos agressores para multiplicar os efeitos de seus ataques nas redes sociais digitais e à ascensão de governos de extrema direita (Posetti et al., 2022; Waisbord, 2020). São casos como o da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos em 2016, do atual presidente turco, Recep Tayyip Erdoğan, de Rodrigo Duterte, nas Filipinas e de Jair Bolsonaro, no Brasil (Campos Mello, 2020; Ressa; 2022; Waisbord, 2020). Durante seu governo, Bolsonaro e seus apoiadores foram os principais responsáveis por proferir ataques contra a imprensa. Entre 2019 e 2022, apenas o ex-presidente realizou 570 ataques a veículos de comunicação e aos

jornalistas, uma média de 142,5 agressões por ano ou um ataque a cada dois dias e meio (Fenaj, 2023).

Estes líderes compartilham características nas suas estratégias de campanha eleitoral e governamental: forte uso e apelo das redes sociais digitais, formação de milícias digitais¹ para disparo de mensagens falsas, propagação do ódio à imprensa, campanhas de difamação e promoção de ataques em massa direcionados a jornalistas. Parte da estratégia desses governantes consistia na apropriação indevida do termo *fake news* a fim de acusar jornalistas de publicar mentiras toda vez que um conteúdo em desacordo a seus governos fosse veiculado. Mas a violência não se restringe ao ambiente digital e se manifesta também por meio de agressões físicas, verbais, da violência patrimonial, das ameaças, hostilidades e, até mesmo, nos assassinatos, como o do jornalista britânico Dom Phillips, que foi morto em junho de 2022 junto ao indigenista Bruno Pereira em uma expedição no Vale do Javari, em Atalaia do Norte, perto da fronteira com o Peru, onde são comuns invasões de terras feitas por madeireiros e garimpeiros. (Fenaj, 2023).

Quando direcionados a mulheres jornalistas e comunicadoras, os ataques assumem características específicas. Além de terem seu trabalho descredibilizado, as profissionais da imprensa são criticadas por conta do seu corpo, aparência e comportamento sexual, tornando-se vítimas do que algumas autoras e autores denominam de *gender harassment* ou assédio de gênero (Chen et. al, 2018; Koirala, 2020; Rego, 2018). Segundo Chen et al (2018), esse tipo de violência inclui comentários sexistas e misóginos que criticam, atacam, marginalizam, estereotipam ou ameaçam as vítimas com base em atributos de gênero ou sexualidade.

Aqui entendemos o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1990, p. 14). Nestas relações sociais, a existência de determinados regimes de poder/discurso molda códigos sexuais rígidos e hierárquicos, tornando o gênero uma das formas de atribuir significado entre as relações de poder (Butler, 2018). Embora ambos, homens e mulheres jornalistas, estejam na mira de um discurso anti-imprensa, há uma expressiva diferença no tratamento destinado de acordo com o gênero da vítima, pois as agressões contra as mulheres refletem a estrutura machista e misógina que compõe a sociedade patriarcal. Segundo Kate Manne (2018), o machismo justifica e racionaliza a ordem do patriarcado, enquanto a misoginia polícia e reforça suas leis e normas, garantindo punição para aqueles que não cumprem a ordem

¹ Grupos organizados que usam das redes sociais digitais para promover ataques coordenados e atentar contra a democracia.

vigente. Neste sentido, mulheres jornalistas, ao se atreverem a cobrir determinados temas, denunciar ações de chefes de Estado e investigar governos são punidas como desviantes da norma patriarcal.

Um dos casos mais dramáticos aconteceu com a jornalista Patrícia Campos Mello, da *Folha de S. Paulo*, em 2020. Durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News, um dos depoentes, que havia sido fonte da repórter, mentiu em seu relato (Campos Mello, 2020). Hans River do Nascimento, ex-funcionário de uma das empresas de marketing digital que estava sendo acusada a participar de um esquema de financiamento para disparo de mensagens falsas em massa durante a campanha eleitoral de 2018, revelado em reportagem da *Folha* (Campos Mello, 2018), alegou que Patrícia havia se oferecido sexualmente em troca de informações. A declaração falsa, desmentida pela repórter que apresentou os *prints* das conversas com a fonte, repercutiu nas redes sociais em inúmeros ataques, memes e comentários machistas, especialmente após o então presidente Jair Bolsonaro comentar sobre o caso, afirmando que a repórter “queria dar o furo” (Uribe, 2020, online).

Em 2021, contemplada com uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), realizei um estudo de caso sobre esse episódio ocorrido com Campos Mello, que, posteriormente, se tornou minha monografia (Kebian, 2022). Os resultados apontaram que 78,7% da amostra analisada, a partir de uma coleta de 18 mil *tweets* que mencionaram a jornalista, foram considerados ataques, sendo a maioria deles personalizados e direcionados à Patrícia. Das agressões contra a repórter, mais de 70% utilizaram atributos de gênero ou sexualidade para desqualificá-la e 25% fizeram uso da expressão “dar o furo” ou variações semelhantes, replicando a expressão utilizada pelo presidente da República. A maioria também reproduziu a versão do depoimento de Hans River, apontando forte adesão à narrativa desinformativa.

Em 2021, uma decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) condenou Jair Bolsonaro pelas ofensas dirigidas à repórter e, no ano seguinte, o TJ-SP elevou o valor final da multa de R\$ 20 mil para R\$ 35 mil (Fernandes, 2022). Em 2024, Hans River também foi condenado a pagar R\$ 50 mil por danos morais à jornalista (Folha de S. Paulo, 2024). Além disso, uma decisão inédita do Tribunal de Justiça de São Paulo condenou o ex-presidente por dano moral a jornalistas a pagar R\$ 50 mil, em uma ação movida pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (Oliver, 2023).

Embora de grande relevância, as determinações judiciais não cessaram a violência contra jornalistas, nem tampouco eliminaram o machismo dos ataques contra as mulheres da imprensa. Em 2023, primeiro ano após o governo de Jair Bolsonaro, o número de ocorrências contra jornalistas diminuiu em mais de 51,86%, no entanto, os 181 casos registrados representam 34,07% a mais do que aqueles contabilizados em 2018, antes da eleição do ex-presidente (Fenaj, 2024). No ambiente digital, a mudança nas rotinas jornalísticas, que passaram a exigir cada vez mais a presença das comunicadoras em plataformas de mídia social, – seja para apurar informações, conversar com fontes ou promover seu trabalho – tornou as jornalistas mais expostas a linchamentos virtuais (Chen et al, 2018; Posetti et al, 2021).

A Relatoria Especial da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (CIDH, 2016) aponta inúmeros obstáculos para que mulheres jornalistas consigam acessar recursos judiciais em episódios de assédio e violência, incluindo os maus-tratos que as vítimas e seus familiares tendem a receber e a desconfiança persistente das instâncias judiciais para apurar e punir as denúncias. Segundo o Observatório de Assassinatos contra Jornalistas da Unesco, crimes contra a categoria apresentam uma alta taxa de impunidade, com cerca de 85% dos casos sem resolução ou penalidade para os responsáveis (Unesco, 2025). Para além dos episódios de agressão que ganharam repercussão na imprensa, uma quantidade considerável de casos de violência sequer chega ao conhecimento de autoridades ou entidades de classe devido à alta taxa de subnotificação. Adicionalmente, episódios de agressão contra mulheres jornalistas que têm suas raízes na violência de gênero frequentemente são diminuídos e desacreditados devido à naturalização de valores patriarcais pela sociedade (CIDH, 2016).

Neste contexto, observa-se a adoção de estratégias por parte das profissionais para autopreservação e autoproteção contra os ataques, exposições e retaliações. Para Schirlei Alves, que atua como *freelancer* em Florianópolis, a primeira reação após ter sido vítima de violência digital em decorrência da cobertura do julgamento de estupro da influenciadora Mariana Ferrer (Alves, 2020), foi tornar privadas suas redes sociais (Fenaj, 2021). Em entrevista ao portal *Gênero e Número*, a jornalista contou que passou a pensar duas vezes antes de assumir uma cobertura. “Eu continuo fazendo reportagem, mas algumas pautas eu abri mão” (Cruz, 2022, online).

A jornalista também *freelancer* Maria Teresa Cruz, que atua em São Paulo, também

tornou privados seus perfis públicos no *X*² e no *Instagram*³, depois de sofrer uma situação semelhante à de Schirlei. Ao manifestar sua opinião sobre os protestos contra o *Carrefour*, após o assassinato de um homem negro por seguranças em uma loja em Porto Alegre, a jornalista foi vítima de inúmeros insultos machistas e misóginos, tendo recebido, inclusive, mensagens que incitavam violência sexual e ameaças de incendiar a residência da profissional (Fenaj, 2021, p. 29).

Em uma pesquisa realizada pelas organizações *Troll Busters* e *International Women's Media Foundation* (Ferrier, 2018) sobre o impacto dos ataques online contra mulheres jornalistas nos Estados Unidos, cerca de 30% disseram que tiveram problemas emocionais e mais de 50% apresentaram quadros de estresse pós-traumático e sintomas físicos em decorrência das agressões. Além disso, 37% das entrevistadas afirmaram que passaram a evitar cobrir determinadas pautas, após terem sido vítimas de violência digital e quase um terço das jornalistas afirmou ter cogitado trocar de profissão.

Além da amplitude numérica dos dados, estes sugerem a intensidade dos efeitos produzidos pelas agressões enfrentadas por mulheres jornalistas. É nesse contexto que emerge nosso problema de pesquisa: diante do agravamento da violência e incorporação de ataques às mulheres jornalistas em suas rotinas profissionais, como são afetadas suas práticas jornalísticas? Como as agressões que vivenciaram no passado ainda as afetam no tempo presente? Em síntese, podemos nos apropriar da fala dita pela jornalista Vanessa Lippelt, uma das interlocutoras deste trabalho, e que acabou dando nome a este projeto: “Como a gente convive com isso?” (Sinderski, 2023, online).

Nossa hipótese é de que os episódios de violência são tão avassaladores que produzem feridas na memória das vítimas, caracterizando um processo traumático (Seligmann-Silva, 2000). Não é a primeira vez que o trauma está presente em pesquisas sobre jornalismo. O *Darth Center for Journalism and Trauma*, da Universidade de Columbia, em Nova York, é referência nos estudos sobre os impactos psicológicos da cobertura jornalística de violência, conflitos e tragédias. A maioria dos estudos produzidos neste campo utiliza a concepção de trauma como um fenômeno patologizante, buscando mensurar os sintomas nos e nas profissionais e associar coberturas jornalísticas arriscadas ao desenvolvimento de estresses pós-traumáticos. Neste trabalho, buscamos alargar a concepção de trauma, considerando-o

² Antigamente conhecido como *Twitter*, o *X* é um microblog que permite aos usuários receberem e publicarem atualizações pessoais e/ou darem opiniões sobre temas diversos. Nele, é possível seguir e acompanhar políticos e personalidades públicas.

³ O *Instagram* é uma rede social voltada especialmente à publicação de fotos e vídeos. Também é possível fazer publicações com duração de 24h, conhecidas como *stories*.

uma atribuição histórica e socialmente mediada (Erickson, 1995) e tendo em vista também hierarquias de gênero que estruturam a sociedade patriarcal e que impactam na forma como as vítimas experienciam os episódios de violência (Brown, 1995; Herman, 1992; Sideris, 1998).

Marcadas pelo constante medo de sofrer novamente uma violência e reviver seus traumas, elas tornam seus perfis nas redes sociais privados, deixam de cobrir determinadas matérias e/ou de entrevistar certas fontes, solicitam troca de editorias, cargos e funções, se ausentam do ofício e, em alguns casos, evadem da profissão. Assim, a segunda hipótese desta pesquisa é de que a violência contra mulheres jornalistas tem como consequência a autointerdição, conceito que exploraremos ao longo do trabalho, em diálogo teórico com as definições de autocensura (Fígaro, Nonato, 2018), pós-censura (Costa, Junior, 2018) e censura de multidões (Waisbord, 2020). Compreendemos este fenômeno um novo *ethos* na prática jornalística, caracterizado pela interdição da circulação discursiva que as próprias mulheres impõem a si mesmas como consequência a episódios traumáticos de violência experienciados por elas.

Para esta investigação, nos debruçamos sobre dois importantes referenciais teóricos. O primeiro diz respeito às discussões acadêmicas sobre gênero e jornalismo, tendo como referência a perspectiva histórica adotada pela teórica norte-americana Joan Scott (1990; 1994), aliada aos estudos sobre a experiência interseccional de mulheres (Crenshaw, 1989; hooks, 2018; Kilomba, 2019). Esta abordagem nos permite analisar o papel do gênero como estruturante na divisão sexual do trabalho dentro das redações jornalísticas, assim como condutor da cultura jornalística (Veiga, 2014) e, finalmente, como determinante nos atos de violência e pela forma como elas lidam com as agressões. Consideramos também como outros eixos de dominação (classe, raça, território, identidade de gênero e sexualidade) impactam nas vivências de diferentes jornalistas.

Além disso, os estudos sobre comunicação, memória e trauma fundamentam a parte teórico-metodológica da presente investigação. A memória, neste caso, diz respeito ao conjunto de processos discursivos que formulam um entendimento comum sobre o passado (Ortega, 2011). No “espaço biográfico” (Arfuch, 2010) em que se constroem as narrativas sobre o passado — neste trabalho averiguadas por meio das entrevistas — estão também os elementos que permitem identificar as atribuições sógnicas que caracterizam determinado acontecimento como traumático e que variam de acordo com os contextos históricos, sociais e culturais (Alexander, 2004; Erickson, 1995). Nesse sentido, buscamos analisar os testemunhos das mulheres jornalistas a partir de uma abordagem teórica feminista sobre o

trauma (Brown, 1995, 2004; Herman, 1992; Root, 1992), uma vez que suas experiências relatadas estão inscritas em uma estrutura que as hierarquiza a partir do gênero, da raça e de demais eixos de subordinação.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em compreender como as agressões, ataques e ameaças que mulheres jornalistas receberam em decorrência do exercício da profissão entre 2019 e 2023 promoveram marcas em suas vidas pessoais e profissionais. Já em relação aos objetivos específicos, esta pesquisa buscou:

- a) relacionar o contexto político e social que motivou as agressões às jornalistas, como a temática da cobertura noticiosa, identificando quais discursos são silenciados;
- b) identificar as mudanças que ocorreram na vida das profissionais após o ato de violência (a nível pessoal e profissional) e analisar seus impactos à produção jornalística;
- c) analisar semelhanças e diferenças nos discursos das jornalistas entrevistadas, refletindo sobre como a subjetividade aparece nos processos de interpretação e reelaboração da memória sobre eventos individuais e coletivos;
- d) identificar o papel desempenhado pelas empresas de comunicação, Estado e organizações da sociedade civil no acolhimento às vítimas de violência, assim como na elaboração de políticas e medidas de prevenção e enfrentamento às agressões, quando cabível.

Para isso, conduzimos entrevistas individuais com oito jornalistas brasileiras que foram vítimas de violência entre 2019 e 2023, tendo como marco a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro para definição do recorte temporal deste estudo. Para seleção das participantes, como detalhado no terceiro capítulo, fizemos um levantamento dos episódios de violência que ocorreram contra mulheres jornalistas no Brasil durante este período e que foram registrados nos relatórios da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Em seguida, selecionamos oito casos considerando a diversidade de experiências no que diz respeito ao tipo de violência, identidade de gênero e étnico-racial, local onde ocorreu a agressão, tipo de veículo (rádio, TV, impresso, digital), porte do veículo (mídia local ou de abrangência nacional) e vínculo de trabalho (celetista/autônoma).

A abordagem da história oral foi fundamental para guiar o processo dialógico das entrevistas com as jornalistas, uma vez que esta prática oferece importantes recursos para compreender a forma como lembramos e construímos os fatos de vida, que, por sua vez,

constroem a memória e a maneira com a qual nos enxergamos no mundo (Ribeiro, 2015; Sarlo, 2007; Schwarzstein, 2001). Assim, consideramos não apenas a mera extração de informação, mas também a forma como elas narram suas experiências traumáticas. Por meio de diálogos explícitos sobre a memória, relacionando-a com experiências passadas e o contexto presente e cultural em que se recorda, buscamos atribuir sentidos aos atos de violência em questão e avaliar os efeitos no tempo presente nos discursos das mulheres jornalistas vítimas de violência.

As entrevistas com as jornalistas Alana Rocha, Amanda Klein, Helena Bertho, Ívina Garcia, Sávia Barreto, Schirlei Alves e Vanessa Lippelt foram conduzidas de maneira presencial entre os dias 12 de julho e 20 de setembro de 2024, nas cidades de São Paulo (SP), Brasília (DF) e Cabo Frio (RJ). Os diálogos foram registrados em áudio e vídeo e, em seguida, foram transcritos para embasar a discussão deste trabalho. Ressalta-se que este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em conformidade com a legislação que regulamenta a pesquisa com seres humanos, a saber a Resolução de Pesquisa com Seres Humanos (Resolução n. 466, 2012) e a Resolução de Pesquisa em Ciências Humanas (Resolução n. 510, 2016).

Ao menos nos últimos cinco anos, o tema da violência contra a imprensa brasileira ganhou mais atenção no debate público e na sociedade civil devido ao agravamento dos casos no país e de falas públicas do ex-presidente Jair Bolsonaro. Diversas pesquisas começaram a reunir esforços para mapear casos, identificar as principais causas para a ascensão do fenômeno e categorizar os tipos de violência. Cleusa Maria Jung (2021) buscou entender como organizações que representam os jornalistas debatem e se posicionam dentro da discussão e da problemática da violência contra os profissionais e dos atentados contra as liberdades de expressão e de imprensa no Brasil. Ao olhar atentamente os relatórios sobre violência contra jornalistas elaborados entre 2012 e 2020 pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Aline Oliveira Rios (2021) identificou a existência de padrões nos atos de violência, revelando ainda um cenário de transformação a partir de 2018 no país. Ricardo José Torres (2020) elabora em sua tese que o contexto atual de vigilância comunicacional em meios digitais promove transformações na rotina dos jornalistas investigativos, tornando-os mais vulneráveis aos ataques digitais. Já a dissertação defendida por João Paulo Saconi (2023) faz uma análise das dimensões coletivas e individuais das violências perpetradas contra jornalistas em um período de 10 anos (2013-2023), considerado por ele o acirramento sociopolítico brasileiro, inaugurado pelas Jornadas de Junho de 2013.

Também não são inéditos os estudos que se debruçam sobre as intersecções entre gênero e a violência contra a categoria. A tese de Susana Lemos de Almeida (2022) mostrou como os ataques às mulheres jornalistas cariocas sempre atingem seus corpos e sua moral carregando a marca do patriarcado e evidenciando o machismo e a misoginia em uma relação desproporcional de poder. Janaina Amorim (2021) investigou como o assédio sexual afeta a rotina profissional de jornalistas em Imperatriz, no Maranhão. Daniela Osvald Ramos (2020) descreve como a misoginia *online* nos ataques digitais contra mulheres jornalistas se origina do chamado *gamergate*, espaço frequentado por uma subcultura da internet onde comentários sexistas e misóginos são reproduzidos de forma generalizada. Em sua tese, Jéssica Gustafson (2023) demonstra como as organizações inicialmente formadas para a promoção de jornalismo com visão de gênero, como a *Red Internacional de Periodistas con Visión de Género*⁴ (RIPVG), passaram a se dedicar ao tema da proteção de mulheres jornalistas devido ao aumento desproporcional de agressões no continente latino-americano.

Com base na bibliografia já elaborada acerca da violência perpetrada contra a categoria, este estudo busca avançar nas discussões e se interessa especialmente pelo momento posterior aos atos de violência, aspecto pouco explorado até então pela recente produção acadêmica brasileira. Como as agressões contra mulheres jornalistas frequentemente se apoiam na violência de gênero, a presente pesquisa também se justifica uma vez que contribui para aprofundar os estudos relativos às desigualdades e violências enfrentadas por mulheres, considerando as especificidades da profissão. A escolha por recuar-se e calar-se diante dos atos de violência remete a uma postura historicamente exigida das mulheres: do silenciamento e do impedimento de falar em espaços públicos. Assim, esta pesquisa promove contribuições teóricas para o campo de estudos de jornalismo e gênero no Brasil, evidenciando como o patriarcado e as assimetrias de gênero estruturam as diversas relações sociais, tanto privadas quanto públicas.

Além disso, este trabalho se torna relevante devido à sua escolha metodológica. Primeiro, porque, ao trabalhar com fontes orais, optamos por produzir novos documentos históricos, que são elaborados a partir do diálogo entre a entrevistadora, eu, e as jornalistas entrevistadas, minhas interlocutoras. Este exercício de reflexão da memória, reelaboração do passado e interpretação dos relatos produz um registro de uma época, resultando em documentos que poderão ser utilizados por outras pessoas para sustentar novas pesquisas⁵. Dessa forma, contribuimos para a ampliação das fontes de investigação sobre o tema da

⁴ Rede Internacional de Jornalistas com Visão de Gênero, em tradução minha.

⁵ As transcrições das entrevistas na íntegra estão disponíveis nos anexos desta dissertação.

violência contra mulheres jornalistas e mostramos como a abordagem da história oral pode ser utilizada em pesquisas do campo do jornalismo.

A seleção das entrevistadas também acrescenta riqueza epistemológica à pesquisa, pois ao escolher entrevistar jornalistas menos conhecidas, com uma amostra diversa no que diz respeito às suas trajetórias profissionais e às experiências de violência enfrentadas, este trabalho se propõe a alcançar um retrato mais completo das distintas realidades das mulheres da categoria no Brasil. Para além daquelas profissionais cujos casos ganharam grande repercussão e visibilidade, a maior parte pertencente aos grandes veículos de imprensa, aqui buscamos compreender justamente como a violência marca aquelas jornalistas que não contam com tantos recursos para se proteger, que vivem em cidades onde a repressão à imprensa é parte institucionalizada da política local, que não contam com contratos fixos de trabalho, que sofrem também com o racismo e a transfobia.

Por fim, pesquisar os efeitos da violência na vida de mulheres jornalistas e as consequências na produção discursiva poderá evidenciar as principais lacunas existentes por parte do Estado e de corporações jornalísticas ao garantir a segurança de profissionais da imprensa, como a insuficiência ou inexistência de políticas de prevenção e enfrentamento, canais de denúncia efetivos, coleta de dados com recorte de gênero, entre outros. Este trabalho permitirá fornecer bases para pesquisas posteriores que se concentrem na análise da eficácia de políticas públicas de segurança para jornalistas, com especificidades na promoção de mecanismo para enfrentamento a violência de gênero no contexto anti-imprensa, como o Programa de Proteção a Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas, do Governo Federal (Brasil, 2007).

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, incluindo a presente introdução. No segundo capítulo, intitulado “Elas queriam dar o furo: as mulheres jornalistas sob ataque”, contextualizo as transformações político-sociais e os fatores que contribuem para o agravamento da violência contra jornalistas a partir de 2019 e sua relação com a quebra de confiança em instituições democráticas, ascensão de governos de extrema direita e estratégias de desinformação. Também são abordadas as assimetrias de gênero e raça históricas no mercado de jornalismo no Brasil e conceituadas as recentes tendências das agressões direcionadas às mulheres jornalistas, como o assédio de gênero, a violência digital e o assédio judicial.

O terceiro capítulo “A ‘arte da escuta’ ou a riqueza epistemológica da história oral”, em alusão ao texto de Alessandro Portelli (2016), é dedicado à explanação do percurso teórico-metodológico adotado durante as entrevistas realizadas. Nele, detalho os passos e

critérios utilizados para seleção das jornalistas entrevistadas a partir de um levantamento das ocorrências contra mulheres jornalistas registradas pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), além os cuidados éticos tomados pelo projeto, como a consulta de uma psicóloga especializada em trauma e a obtenção de um parecer do Comitê de Ética em Pesquisa. Também neste capítulo, apresento brevemente o perfil e a trajetória das jornalistas entrevistadas, assim como os motivos pelos quais abordar e discutir as violências por elas enfrentadas se torna relevante ao projeto. Por fim, compartilho algumas reflexões sobre as afetações no campo e o processo dialógico das entrevistas proporcionado pela prática da história oral.

No quarto capítulo, “A violência que fica – trauma, memória e autointerdição”, trazemos um breve histórico sobre a compreensão do trauma em diferentes disciplinas, incluindo a abordagem patologizante frequentemente adotada em estudos de jornalismo, a perspectiva psicanalítica e, por fim, a compreensão histórica e social sobre o fenômeno. Partindo de uma abordagem feminista sobre o trauma, em diálogo com a memória e a história, refletimos sobre como as mulheres jornalistas que foram vítimas de agressão no exercício profissional têm sua experiência afetada no tempo presente, a partir dos relatos colhidos nas entrevistas.

O próprio processo de rememoração e narração das violências enfrentadas se torna um desafio, na medida em que elas passam a reviver as memórias traumáticas que, muitas das vezes, buscaram esquecer. Além disso, as jornalistas encontram inúmeras dificuldades para lidar com as agressões, como a falta de apoio do entorno social e a falta de reconhecimento público de suas violências. Nesse sentido, elaboramos o conceito de autointerdição, como uma expressão censória generificada, que promove interdição discursiva a partir do impacto de experiências traumáticas. Por outro lado, mostramos como permanecer atuando no jornalismo assumiu novos contornos para as jornalistas – não mais apenas uma profissão, mas uma forma de ressignificação do trauma e um dever frente à onda de ataques, discursos de ódio e desinformação.

Por fim, o quinto capítulo é dedicado às Considerações Finais. Nele, reflito sobre o trabalho elaborado, o cumprimento das hipóteses lançadas ao início deste projeto, suas contribuições teórico-metodológicas para os estudos de Jornalismo e os impactos produzidos não apenas no campo acadêmico, mas para as jornalistas e para a sociedade civil. São feitas também algumas observações sobre os limites da pesquisa e desafios encontrados ao longo do projeto, assim como as possibilidades de continuidade da pesquisa em investigações posteriores.

2. “Elas queriam dar o furo”: a violência contra mulheres jornalistas

A Relatoria Especial de Liberdade de Expressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) vem destacando o aumento de casos de violência, as formas de discriminação e o impacto desproporcional que as mulheres jornalistas enfrentam no exercício da profissão, chamando atenção, especialmente, para os casos de assassinatos, violência sexual e violência digital que ocorreram na última década na América Latina. Segundo a organização (Villarreal, 2022), a violência baseada no gênero que atinge as profissionais torna-se especialmente preocupante uma vez que as jornalistas exercem sua liberdade de expressão de maneira vigorosa e ativa, ao mesmo tempo que costumam ter um perfil público.

De acordo com o relatório *Mujeres periodistas y Libertad de Expresión* (CIDH, 2016), os atos de violência contra as mulheres jornalistas revelam um padrão de discriminação enraizado em percepções referentes à inferioridade e subordinação das mulheres em relação aos homens. Além disso, muitos dos obstáculos enfrentados por elas são também manifestações de discriminação baseadas em outros fatores, como raça, origem étnica, religião ou crenças, orientação sexual e identidade de gênero. Dessa forma, compreende-se que esse tipo de violência não pode ser percebido de maneira isolada, uma vez que “esses riscos fazem parte do fenômeno estendido de exclusão das mulheres da vida pública. Trata-se de um fenômeno multidimensional que inclui formas e práticas variadas de discriminação que afetam as mulheres durante toda sua vida⁶” (CIDH, 2016, p. 17, tradução minha).

Partindo dessa perspectiva multifatorial, o presente capítulo tem como objetivo contextualizar o recente fenômeno da violência contra mulheres jornalistas no Brasil, especialmente no que concerne às violações cometidas publicamente devido ao exercício da profissão. Primeiro, recorreremos aos trabalhos de João Paulo Saconi (2023) e Susana Lemos de Almeida (2022), que nos ajudam a elucidar os acontecimentos político-sociais que atravessaram o Brasil na última década, corroborando para a ascensão do “ódio como forma social” (Sodré, 2021), para a perda de credibilidade do jornalismo por parte da sociedade civil e para o recrudescimento de atos públicos de violência personalizados contra profissionais da imprensa.

⁶ No original: estos riesgos forman parte del fenómeno extendido de la exclusión de las mujeres en la vida pública. Se trata de un fenómeno multidimensional que incluye variadas formas y prácticas de discriminación que afectan a las mujeres durante toda su vida

Em seguida, destacamos o papel desempenhado pelas redes sociais digitais, cuja popularização e aumento do uso nos últimos anos transformaram tanto a forma como as audiências passam a consumir informação, evidenciando os “limites da objetividade jornalística” (Barsotti, 2021) e retirando o monopólio dos *gatekeepers* da imprensa, quanto alteram as rotinas jornalísticas. Por um lado, o aumento da circulação da desinformação nas redes atinge diretamente o trabalho da imprensa, por outro, características estruturais das plataformas de mídia social, como a mediação algorítmica, fazem com que os e as jornalistas estejam sempre interagindo com o público no ambiente *online*, a fim de ter seu trabalho visibilizado. Esta exposição os tornou mais vulneráveis a violações digitais, cujas estratégias de operacionalização — ataques virtuais massivos, ameaças, exposição de dados pessoais e publicação de montagens de vídeos e fotos — são mais eficazes para atingir em massa o trabalho jornalístico. Nesse sentido, as mulheres jornalistas tanto são mais atacadas no ambiente digital, quanto enfrentam agressões generificadas e racializadas nesses espaços (Posetti et al., 2021).

Adentrando no objeto da presente pesquisa, propomos um recuo para abordar as assimetrias de gênero e raça dentro do mercado jornalístico, partindo da perspectiva histórica de gênero de Joan Scott (1990; 1994), e também fazendo uso do trabalho de Márcia Veiga (2012) sobre a cultura jornalística nas redações. Gonzalez (1984), hooks (2018) e Kilomba (2019) contribuem para a discussão sobre o papel da mulher negra no imaginário social branco e sobre como esses estereótipos são apropriados em atos de discriminação contra mulheres jornalistas e no dia a dia das suas relações de trabalho.

Por fim, discorremos sobre as manifestações de violência contra as profissionais da imprensa, relacionando as agressões com o trabalho jornalístico com a produção de pautas que colocam em xeque governos, expõem escândalos de corrupção e/ou denunciam arbitrariedades do poder público. Exploramos suas raízes na violência de gênero a partir do conceito de assédio de gênero (Chen et al., 2018; Rego, 2018), sua magnitude no ambiente digital e abordamos a questão do assédio judicial, uma prática que faz uso do poder judiciário para promover retaliação e silenciamento dos e das profissionais.

2.1 Jornalismo, democracia e crise epistêmica

Na década de 1950, o processo de modernização das redações brasileiras, que importou o modelo que vinha sendo feito nos Estados Unidos, consolidou uma série de valores à profissão responsáveis por caracterizar o que seria considerado o “verdadeiro jornalismo”. Tendo iniciado no *Diário Carioca* e, posteriormente, replicado nas demais redações, o que se buscava, fundamentalmente, era distinguir a prática jornalística do campo literário, pois “utilizando-se de determinadas técnicas e procedimentos, o jornalismo deveria ser capaz de separar os fatos das opiniões, a objetividade da subjetividade, a natureza da sociedade” (Jácome, 2017, p. 10).

Como demonstra Marialva Barbosa (2007), as reformas nas redações que importam o “modelo americano” somadas às modificações já nas primeiras décadas do século XX que buscam a profissionalização do jornalismo, são responsáveis por garantir à imprensa o lugar institucional para a representação dos acontecimentos de forma oficializada. “O discurso jornalístico se reveste da aura de fidelidade aos fatos, o que lhe confere considerável poder simbólico” (Barbosa, 2007, p. 151).

Isso se deve, especialmente, devido a dois valores fundamentais para a identidade dos jornalistas consolidados na década de 1950 no Brasil – as autoproclamadas objetividade e neutralidade –, que também passam a nortear as práticas profissionais. Há uma mítica, cultivada pela própria imprensa, de que os jornalistas são aqueles que noticiam os fatos, transmitem informação, relatam os acontecimentos, alheios de qualquer opinião ou juízo de valor. Junto a essa percepção, constroi-se também a ideia do jornalismo como “defensor da democracia e como um quarto poder independente e autônomo” (Jácome, 2017, p. 107).

Mediante suas estratégias discursivas – apuração, testemunho *in loco*, dados cruzados, relato de especialistas, apresentação de dois pontos de vista –, a imprensa pode ser capaz de justificar o relato, garantindo credibilidade com o público que admite aquele enunciado como verdade. Este pacto entre o produto jornalístico e o leitor (ou ouvinte, telespectador, internauta) constitui a credibilidade percebida, o “resultado de uma intensa e permanente negociação de sentidos entre o jornalismo e seu público” (Lisboa; Beneti, 2015, p.12).

Diversos estudos demonstram, porém, os limites da objetividade jornalística e a influência dos *media* na opinião pública. Miquel Alsina (1989) aponta que os jornalistas, assim como todas as pessoas, são construtores da realidade social e o fazem a partir de seus repertórios culturais pessoais. Para o autor, a notícia nada mais é do que “uma representação

social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível⁷” (1989, p. 147, tradução minha). A diferença é que, ao contrário do restante da população, os jornalistas têm essa construção da realidade social difundida publicamente.

No que pese os limites da imprensa para representação do real, desde a segunda metade do século XX, o jornalismo foi tido como uma atividade fundamental dentro da sociedade e para o exercício da democracia. O ofício desempenhado pelos e pelas jornalistas é visto como prestador de serviço, vigilante de abusos de poder e porta-voz de denúncias e injustiças. Para Aline Rios e Marcelo Bronosky (2019, p. 49), “é por meio da atuação jornalística, por exemplo, que se estimula a transparência pública e a necessidade de tornar públicos os atos vinculados ao exercício dos poderes”.

No entanto, a legitimidade social e a credibilidade percebida do jornalismo vêm apresentando um declínio nos últimos anos, tendo como reflexo o aumento das agressões e ataques a profissionais da imprensa, comunicadores e comunicadoras. O Brasil aparece como um dos países que tiveram queda significativa na pontuação de liberdade de expressão (foram -36 pontos entre 2010 e 2020), ao lado de países como Nicarágua, Filipinas e Índia, segundo o Relatório Global de Expressão 2020/2021 produzido pela organização Artigo 19 (2021). De acordo com o documento, o país apresenta uma combinação perfeita de elementos que caracterizam a tendência mundial de declínio da liberdade de expressão: “populismo autocrático, desinformação, desigualdade severa e controle tecnológico” (Artigo 19, 2021, p. 12).

Uma série de transformações no cenário político brasileiro, marcadas pelo tensionamento de uma sociedade política polarizada, pela ascensão do conservadorismo e de ideais de extrema direita, somados à inserção de novas tecnologias de comunicação e do aumento da desinformação e do discurso de ódio, caracterizam esse processo. Em sua tese, Silvana Lemos Almeida (2022) traz um panorama internacional sobre a liberdade de expressão no século XXI e demonstra como o avanço da extrema direita e do conservadorismo também estiveram presentes em outros países onde as taxas de violência contra jornalistas e ataques à imprensa apresentaram considerável aumento.

Esse não foi um caso isolado no mundo [a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos] – há exemplos em outros países, como a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, no Brasil, e de políticos extremistas em

⁷Nossa tradução: una representación social de la realidad cotidiana producida institucionalmente que se manifiesta en la construcción de un mundo posible.

outros países: na Rússia (Vladimir Putin), Hungria (Viktor Orbán), Turquia (Recep Tayyip Erdogan), Venezuela (Hugo Chávez). (Almeida, 2022, p. 29).

Almeida chama atenção especialmente para o cenário político da América Latina, região marcada por um contexto histórico de ditaduras civis-militares, agravados níveis de violência e desigualdade social. “O resultado desta equação são democracias incivilizadas, que sofrem com a deslegitimação das instituições das leis e da justiça” (Almeida, 2022, p. 31). Dados da organização Repórteres Sem Fronteiras demonstram que a região apresenta altos índices de assassinatos de jornalistas e comunicadores, em alguns casos equiparáveis ao de países do Oriente Médio que enfrentam guerras civis (RSF, 2022). Entre 2011 e 2021, Brasil, Colômbia, México e Honduras somaram 134 assassinatos contra profissionais da imprensa, acumulando juntos 80% dos assassinatos contra a categoria em toda a região.

Em pesquisa recente, Juliano Domingues (2023) analisou a relação entre o aumento da violência contra jornalistas e a qualidade das democracias na América Latina, concluindo que

“quanto maior a garantia ao exercício de liberdades civis e de direitos políticos, incluído independência da mídia e responsabilização de autoridades, menor a ocorrência de censura oficial e autocensura, assédio, intimidação, detenções, prisões, agressões e ameaças a jornalistas” (Domingues, 2023, p. 47).

Em sua dissertação, João Paulo Saconi (2023) parte da discussão sobre “sociedade incivil” (Sodré, 2021) e “incivilismo” (Sodré e Paiva, 2019) para compreender por que ocorre um desgaste no *ethos* jornalístico no Brasil e o consequente agravamento da violência contra jornalistas. Em *A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças* (Sodré, 2021), Muniz Sodré discute as transformações da sociedade mediada pelo capital financeiro e por uma nova ordem, denominada por ele de *bios virtual*. O autor demonstra como a incorporação da internet surge com o pressuposto de romper o monopólio da fala (Sodré, 1982), referindo-se à concentração hegemônica da mídia, especialmente da televisão. No entanto, a interatividade e o imediatismo que garantiriam supostamente um melhor exercício da democracia, liberdade de expressão e civilismo não se concretizam no meio eletrônico uma vez que “a rede é uma ‘cidade’ sem cidadania, todos os habitantes eletronicamente juntos, mas humanamente separados” (Sodré, 2021, p. 15).

Sodré distingue a inovação tecnológica proporcionada pela conexão em rede do dispositivo cultural de comunicação, a mediação que ocorre nesse ambiente. Para ele, a comunicação eletrônica estabelece “um novo paradigma, com uma estrutura de interconexão invisível, em que tudo é, ao mesmo tempo, conexão e passagem na superfície reticular – e na interioridade das pessoas, tornadas meros relés de transmissão” (Sodré, 2021, p. 21). Essa

transformação limita a nossa capacidade discursiva, isto é, o direito à prática social que nos permite o exercício da cidadania, reduzindo-nos apenas à fonação, à repetição, ao nível mecânico de reprodução da fala ou da escrita.

Paralelamente às transformações tecnológicas no campo da comunicação, o liberalismo clássico cede espaço à financeirização do capital, tornando o sujeito dentro desta sociedade essencialmente um “capital humano”, destituído da sua condição política de sujeito liberal. Nesse contexto, torna-se relevante pensar nas democracias iliberais, formas políticas de governo esvaziadas que, embora mantenham processos eleitorais democráticos, têm seus cidadãos afastados dos direitos e liberdades civis. A partir do conceito de sociedade civil em Gramsci, Sodré (2021) elabora que a sociedade incivil seria aquela cuja representação política foi exaurida, sem diálogo e sem fala verdadeira. Ela seria consequência das mutações econômicas, tecnológicas e sociais, em que

um ordenamento humano regido globalmente por tecnologias de comunicação, solidárias à transformação no modo de acumulação do capital, à desestabilização das formas clássicas de representação do mundo, mas também ambigualmente atravessadas pela incitação generalizada à reinvenção institucional (Sodré, 2021, p. 23).

A sociedade incivil descrita por Sodré (2021) pressupõe a ocorrência de mudanças econômicas, tecnológicas e sociais que possibilitam a ascensão de “discursos subterrâneos e humanamente controláveis” criados pelas tecnologias da comunicação. Essas práticas ganham força uma vez que há um *bios virtual*, “uma vivência em que o ‘real’ (e suas representações) é ‘sequestrado’ por uma ‘realidade separada’ [...] dotada de lógica e linguagem próprias” (Saconi, 2023, p. 45). O que se mostra em jogo, em última instância, é a dissolução dos limites entre real e virtual; humano e máquina.

Neste contexto, Sodré e Paiva (2019) apontam um descompasso entre os objetivos da mídia (enquanto parecerista do capital financeiro e do Estado) e a busca dos cidadãos pela universalização dos direitos sociais, promovendo uma quebra de expectativa na audiência, que se sente frustrada, incompreendida e ressentida, características do “incivilismo”. Em uma sociedade marcada, por um lado, pela aceleração das formas de vida devido à incorporação de novas tecnologias da comunicação e, por outro, pelo duro ressentimento provocado pelo descompasso entre a mídia e os direitos sociais, o “ódio como forma social” passa a imperar em diferentes manifestações da vida cotidiana. Para Sodré (2021), essa se torna uma das principais manifestações disruptivas da sociedade civil, uma expressão máxima do “incivilismo à brasileira”. O ódio como forma social seria “uma espécie de terreno baldio:

não se permite dizer o próprio nome, isto é, não pensa nem fala, apenas reverbera daquilo que se sente" (Sodré, 2021, p. 155).

A partir dessa compreensão, Saconi (2023) localiza o ano de 2013 como um marco para a abertura do acirramento sociopolítico brasileiro. As “Jornadas de Junho” que levaram milhares de pessoas às ruas, inicialmente reivindicando a redução do preço das passagens de ônibus e, posteriormente, incluindo a discussão sobre ampliação de outros direitos sociais, tiveram também marcas do “incivilismo à brasileira” e do “ódio como forma social”. Dentre essas demonstrações, ele cita a atuação dos *Black blocs* que vandalizaram patrimônios públicos e também a morte do cinegrafista da *TV Bandeirantes* Santiago Andrade, atingido por um rojão enquanto cobria uma das manifestações no Rio de Janeiro, em 2014 (Rossi; Bedinelli, 2014). Em 2013, a Federação Nacional dos Jornalistas (2014) já registrava um aumento nas ocorrências de violência contra jornalistas, tendo sido os agentes de segurança responsáveis por 61,9% dos casos e os manifestantes por 20,1%.

Os anos seguintes dariam continuidade ao tensionamento político de uma sociedade polarizada e marcada pela descrença no sistema político formal, no entanto, a busca pela ampliação dos direitos sociais não estava mais no centro das reivindicações dos manifestantes. Como aponta Saconi (2023), o movimento *Passe Livre*, que tivera protagonismo no início das “Jornadas de Junho”, saíria de cena, dando espaço para a ascensão de movimentos ligados ao campo da direita e da extrema direita, como o *Movimento Brasil Livre* (MBL).

Aqui resgatamos também que nesse mesmo período ocorre o aumento de ofensivas conservadoras capitaneadas por frentes religiosas na política brasileira que se baseiam na retórica da chamada “ideologia de gênero” e visam impedir a ampliação de políticas de direitos reprodutivos para as mulheres e medidas de equidade para a população LGBTQIAP+. Segundo o relatório *Ofensivas antigênero no Brasil: políticas de Estado, legislação, mobilização social* (ABIA et al., 2022, p.11), o termo ideologia de gênero

não se trata de um conceito, mas sim de um dispositivo que, intrigantemente, recorre à concepção marxista de ideologia para acusar a teoria feminista do gênero de falsificação. Ou seja, os inventores desse truque afirmam que o conceito de gênero é um engodo porque clama pela igualdade entre homens e mulheres para borrar a diferença sexual “natural”, concebida como dimensão ontológica e imutável do humano. O dispositivo também faz supor que, as teóricas e ativistas do gênero - e quem mais recorre ao conceito - simplesmente propagam ideologia, enquanto quem o critica estaria totalmente isento de vieses ideológicos.

As pesquisadoras Fernanda Nascimento e Jéssica Gustafson (2022) argumentam que a última década no Brasil consolidou a chamada “cruzada antigênero”, cenário em que as disputas de gênero e sexualidade agendam o debate público por meio da mobilização de sentimentos, valores e crenças. Elas citam alguns episódios que demonstram o avanço desta ofensiva, como a polêmica envolvendo o “kit-gay”⁸, o fechamento da exposição Queermuseu em Porto Alegre⁹, a perseguição à teórica do campo dos estudos de gênero Judith Butler no Brasil e, posteriormente, os ataques sistemáticos a mulheres jornalistas.

Em Brasília, as revelações da Operação Lava-Jato e acusações constantes contra o Partido dos Trabalhadores (PT), junto à crise econômica e o avanço do conservadorismo no Congresso, aceleraram o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016 (Saconi, 2023). Durante a sessão na Câmara dos Deputados que decidiu pelo *impeachment* da ex-presidenta, o voto de Jair Bolsonaro, à época deputado federal, ficou marcado pela homenagem ao coronel Brilhante Ustra, torturador à época da ditadura civil-militar (Poder 360, 2021, online, grifo meu):

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa Casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. **Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve.** Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, **pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim.**

De acordo com Saconi (2023, p. 71), “comportamentos violentos como o voto no processo de impeachment, amplificados pelas redes sociais, fizeram com que Bolsonaro ganhasse notoriedade até chegar à Presidência, em outubro de 2018”. A declaração “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” se tornaria, posteriormente, o *slogan* da campanha do ex-presidente. Embora as redes sociais digitais tenham, de fato, contribuído para a validação de discursos que corroboram com a eleição de Bolsonaro, como exploraremos mais adiante, o seu crescimento enquanto “comunicador político” envolve também a repercussão de suas falas nos veículos de imprensa, frequentemente a partir de um “jornalismo declaratório” (Barsotti, 2023) que se abstém de criticar e esclarecer o teor falso ou discriminatório de determinadas falas do então presidente.

⁸ O suposto “kit-gay”, conforme apelidado por grupos conservadores, trata-se de um material educativo produzido pelo Ministério da Educação, durante o primeiro mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff, para promover o respeito ao gênero e à diversidade sexual no sistema público de educação.

⁹ Em 2017, a exposição Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira foi fechada pelo Santander Cultural, em Porto Alegre, após ter sido alvo de inúmeras críticas de grupos que viram nas obras apologia a pedofilia, zoofilia e blasfêmia.

Sobre este aspecto, a pesquisadora Suzy dos Santos (2006) elabora que o contexto político brasileiro é marcado pelas intersecções entre os sistemas político e midiático, denominado de coronelismo eletrônico. Esse conceito abarca desde o fato de autoridades públicas (como prefeitos, governadores e líderes religiosos) serem proprietários de meios de radiodifusão no Brasil, interferindo na política a nível local, regional e nacional, o monopólio de uma elite político-econômica que detém das principais concessões de rádio e TV e o aparecimento de figuras midiáticas em cargos eletivos que fazem uso da exposição frequente no sistema de radiodifusão. Em entrevista à *Rádio UFRJ*¹⁰, em 2019, este último fenômeno característico do coronelismo eletrônico é conceituado:

Um comunicador político pode ser um apresentador de rádio ou TV ou uma celebridade que faz carreira na mídia. Para ser eleito, é importante a exposição frequente nas telas e microfones. Outro fenômeno é o aumento expressivo das figuras religiosas, como a bancada evangélica passou a ter 91 parlamentares, também eleitos se apoiando no sistema de radiodifusão.

Em consonância com essa perspectiva, Malerba e Fernandes (2021, p. 53) apontam o papel central da TV aberta e não apenas das redes sociais digitais para explicar a vitória da extrema direita no Brasil: “não podemos perder de vista que a disseminação de informação (e desinformação) que galvanizaria aceitação social e apoio político aos seus partidos e candidatos já acontecia bem antes e através da radiodifusão”. Os pesquisadores argumentam que Jair Bolsonaro, assim como outras figuras midiáticas, ganham força a partir do espaço cedido por emissoras brasileiras de rádio e TV para a circulação do discurso de ódio que reforça valores conservadores arraigados na sociedade brasileira.

Os registros de violência contra jornalistas acompanham as mudanças no cenário político social no Brasil. A partir da análise dos relatórios da Fenaj de 1998 a 2020, Aline de Oliveira Rios (2021, p. 86) observa que “até 2010, o Brasil experimentou uma relativa estabilidade em relação à prática de violência contra jornalistas de caráter não-letal”. Na segunda década deste século, houve o aumento no número de ocorrências nos anos de 2013 e 2016, respectivamente relacionados a agressões durante as *Jornadas de Junho* e durante os protestos contra e a favor do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, cujos autores em sua maioria foram policiais militares e guardas civis.

Rios (2021, p. 12) localiza um cenário de transformação a partir de 2018, “quando a incidência de ataques mediados virtualmente ganhou novos contornos”. Nesse ano, segundo a Fenaj (2019), a maioria dos autores das agressões foram cidadãos comuns, eleitores de um ou

¹⁰Coronelismo eletrônico persiste. Rádio UFRJ, 30 set. 2019. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7u0XP0KJbebtZ1kvrng335?si=_UJdFN6bS2S7jySKYhL9Gw. Acesso em 10 mar. 2024.

outro candidato, mas especialmente de Jair Bolsonaro, à época candidato pelo Partido Social Liberal (PSL). Nos anos seguintes, a partir do início do governo de Bolsonaro, houve um crescimento exponencial no número de agressões, cujo ex-presidente e seus apoiadores foram os principais autores. Apenas no último ano do seu governo, Bolsonaro foi responsável por proferir sozinho por 41,6% dos ataques contra a categoria (Abraji, 2023), além da repercussão promovida por seus apoiadores políticos e filhos, que também ocupam cargos públicos.

Nesse sentido, o ano de 2020 se tornou particularmente simbólico para a categoria. Marcado pelo início da pandemia de Covid-19, a imprensa atestou o auge da crise epistêmica e da credibilidade jornalística nesse período, quando o discurso negacionista e desinformativo passou a ganhar força por meio das redes sociais digitais e também pelas falas do governo. Diante da decisão do Ministério da Saúde em omitir os dados oficiais sobre o número de casos e mortes causados pelo coronavírus, *g1*, *O Globo*, *Extra*, *Estadão*, *Folha* e *UOL* formam o Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI)¹¹ para divulgar diariamente informações consideradas cruciais durante a crise sanitária.

Foi também em 2020 que as empresas de comunicação decidiram retirar seus colaboradores do “cercadinho da Alvorada”, espaço onde tradicionalmente são concedidas entrevistas com o presidente da República, já que Bolsonaro não se dispunha para coletivas. Nas vezes em que decidiu falar com os jornalistas, era comum declarações sobre a imprensa, taxando-a de “*fake news*”; “Globo Lixo”; “idiotas” e “mentirosa”. A respeito da decisão da saída dos jornalistas do cercadinho, iniciada pelo *Grupo Globo*, em seguida acompanhada pela *Folha de S. Paulo* e por demais veículos, Daniela Osvald Ramos (2024a, p. 13 e 14) aponta uma forma de censura indireta ao trabalho jornalístico.

O ataque constante do maior representante político do país aos jornalistas parece ter tido efeito pedagógico ao ensinar uma estratégia de censura não institucionalizada por meio da violência verbal e do constrangimento físico, tanto a outros atores políticos como a cidadãos comuns.

Jornalistas ouvidas nesta pesquisa também perceberam mudanças na frequência e na caracterização da violência durante o mandato de Jair Bolsonaro. Sáva Barreto, atualmente correspondente da *TV Cidade Verde*, afiliada do *SBT*, em Brasília, conta que esperou o resultado das eleições presidenciais de 2022 para se mudar de Teresina (PI). “Eu não teria coragem de vir no governo Bolsonaro. Eu tava esperando o resultado da eleição pra tomar uma decisão. Eu já tava pensando em Brasília, mas eu tava esperando o resultado porque se o

¹¹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml> Acesso 16 dez 2024.

Bolsonaro tivesse sido eleito eu não viria” (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim). A jornalista Vanessa Lippelt, que foi vítima de ameaças de estupro e de morte devido a uma reportagem do *Congresso em Foco* (Neiva, 2022) em que foi editora, atribui ao bolsonarismo a gravidade das agressões que recebeu. “A minha vida inteira eu escrevi matérias que devem ter desagradado grupos, pessoas e eu nunca recebi nenhum tipo de ameaça de morte. Então, é justamente durante o bolsonarismo que isso acontece” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

Amanda Klein, jornalista da *Jovem Pan* que chegou a ser atacada diretamente pelo ex-presidente, destaca a preferência de Bolsonaro e seus apoiadores em atacar mulheres jornalistas:

Foram as mulheres que enfrentaram o bolsonarismo. Olha quem ele mais atacou durante 22. Eu, Vera, Patrícia Campos Mello, Dani Lima. Eram essas as mulheres mais atacadas. Eram sempre mulheres, né, porque eu acho que eles fazem isso. E tem a ver com essa cultura, uma cultura que é muito mais acentuada nessa forma de pensamento do bolsonarismo, que é uma cultura absolutamente machista e misógina, que a gente sente isso na pele. Tanto que quando o Bolsonaro falou comigo, “é porque seu marido vota em mim” (Klein, 30/08/2024, entrevista concedida a mim)

Durante todos os anos do mandato de Jair Bolsonaro, as taxas de agressão contra jornalistas permaneceram altas, atingindo seu estopim em 2022, nas eleições presidenciais. Embora a Fenaj (2023) tenha registrado uma leve queda no número de ocorrências contra jornalistas em 2022, em comparação com o ano anterior (foram 376 agressões em 2022 e 430 em 2021), levantamentos de outras organizações apontam um recorde nos registros durante o último ano do governo Bolsonaro. Segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (2023), foram contabilizadas 557 ocorrências, das quais cerca de 60% estavam envolvidas com a cobertura política. A polarização causada pelas eleições presidenciais é apontada como a grande responsável pelo alto número de casos naquele ano. As tensões se estenderam até o início de 2023, durante a invasão do Palácio da Alvorada, na tentativa de realizar um golpe de Estado, episódio que ficou conhecido como 8 de janeiro.

Assim, localizamos que, especialmente a partir de 2019, o “incivilismo à brasileira” e o “ódio como forma social” passam a ser atestados em ações como os recorrentes ataques à democracia e o discurso negacionista durante a pandemia da Covid-19, culminando na invasão ao Palácio da Alvorada no 8 de Janeiro. Essa sucessão de acontecimentos leva ao aumento da fragilidade da credibilidade percebida (Lisboa; Benetti, 2015) da imprensa, que perde o *status* garantido durante a década de 1950 para a representação do real e passa a se tornar alvo de ataques e retaliações. Nesse processo, a articulação das redes sociais digitais

por parte do Gabinete do Ódio¹² se tornou essencial para a disseminação de desinformação proposital a fim de sobrepor uma narrativa política em detrimento do discurso da imprensa e de outras instituições. Adiante, exploraremos como o ambiente digital se tornou um espaço hostil para jornalistas, que além de precisarem enfrentar as narrativas de desinformação, passaram a receber ataques personalizados, com discursos estigmatizantes, principalmente no caso das mulheres jornalistas.

2.2 Redes sociais, desinformação e discurso de ódio contra jornalistas

A ampliação do acesso à internet, o barateamento dos dispositivos móveis e a ascensão de novas tecnologias da comunicação, especialmente das redes sociais digitais, trouxeram inúmeras transformações nas relações entre o jornalismo e a audiência. A imprensa, que até então era a principal instituição que detinha do controle para definir, a partir dos seus critérios de noticiabilidade e da linha editorial de cada veículo, quais temas deveriam ser ou não publicados, perde o domínio exclusivo para mediação do debate público. Primeiro, surgem os *blogs*¹³ criados por cidadãos comuns, utilizados para expressar opiniões, fazer resenhas sobre livros, filmes, produtos, ou até mesmo relatar fatos cotidianos de suas realidades locais. Com o *boom* do *Youtube*¹⁴, os *vlogs*¹⁵ passam a produzir e viralizar registros com imagens e a chegada do *Twitter*, atual *X*, representaria um marco para a comunicação em rede, permitindo a publicação em tempo real para quem estivesse conectado.

Por um lado, o avanço dessas tecnologias possibilitou a ampliação de iniciativas em busca por cidadania, descentralizando o domínio da comunicação dos grandes conglomerados de imprensa e dando visibilidade a perspectivas de indivíduos que até então não detinham dos meios de produção para chegar ao alcance de muitas pessoas. Tem-se como exemplo o jornal comunitário *Voz das Comunidades*, que cresceu expressivamente a partir de 2010, após seu fundador, René Silva, narrar em tempo real no então *Twitter* uma incursão da Polícia Militar

¹² O Gabinete do Ódio foi uma cúpula de assessores do ex-presidente Jair Bolsonaro que atuavam no Palácio do Planalto e era responsável pela gestão das redes sociais do chefe de Estado desde a campanha eleitoral de 2018 até o final do seu mandato.

¹³ Os *blogs* são sites pessoais ou profissionais, extremamente populares nos anos 2000, que funcionam como uma espécie de diário *online*. Não é preciso pagar um domínio para hospedar um *blog*, de maneira que qualquer pessoa que quisesse poderia ter um.

¹⁴ Rede social que permite assistir e publicar vídeos gratuitamente.

¹⁵ *Vlog* se refere à abreviação dos termos *video blog* e designa um diário feito em formato de vídeo, mostrando o seu cotidiano ou um evento particular (ex: uma viagem, primeiro dia de aula etc).

no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em 2010 (TV Brasil, 2024). Renata Cristiane – uma das jornalistas ouvidas nessa pesquisa – fundou, em 2011, o portal *RC24H*, um veículo nativo digital que cobre o noticiário da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, e observa como a ascensão do webjornalismo permitiu que a cobertura local ganhasse espaço em noticiários nacionais:

E aí, começou também essa história de você filmar, de você fazer os vídeos, de você... né? E aí, começou, tal, a apresentar um pouco esse formato e foi transformando. Então, foi muito enorme. Foi muito pioneiro. Todo mundo ficou doido. Pô, nossa, o pessoal ‘pegaram’ muito conteúdo meu aí, da capital, São Paulo, BH e do Brasil fora, muito conteúdo nosso aqui. Às vezes, a gente dava uma pauta aqui, que ia parar no *Domingo Espetacular*, *Fantástico*. A pauta que a gente tinha trabalhado. O escândalo, por exemplo, do Glaydson Acácio dos Santos, o “Faraó dos Bitcoins”¹⁶, fui eu que descobri (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim).

Por outro lado, o uso e popularização das redes sociais digitais também traria consequências no que diz respeito à produção e circulação de informação, uma vez que o ambiente digital se caracteriza pela autorregulamentação, sem moderação discursiva. Adriana Barsotti (2021) argumenta que a pandemia da Covid-19 possibilitou escancarar “os limites da objetividade jornalística”, pois neste período, pela primeira vez, o consumo de notícias pelas redes sociais ultrapassou o de outros veículos de imprensa (Nielsen et al., 2020). A pesquisadora alerta sobre os perigos dessa tendência de consumo, uma vez que é justamente nas redes sociais onde há maior circulação de desinformação e onde “quem determina os regimes de visibilidade das notícias nas redes sociais são os algoritmos, limitando o poder de alcance do jornalismo” (Barsotti, 2021, p. 1 e 2).

Cada atividade que realizamos *online* deixa rastros digitais que são utilizados pelas *Big Techs* para distribuir os conteúdos publicados de maneira segmentada e sob demanda – região, idade, gênero e orientação política, por exemplo. Mediados por algoritmos, esses conteúdos ganham maior ou menor projeção conforme a performance de interações em rede (curtidas, compartilhamentos, comentários) e conforme são monetizados por empresas privadas para impulsionar o seu alcance. Essa estratégia, inclusive, foi apontada como aquela utilizada pela *Cambridge Analytica*, empresa responsável pela campanha eleitoral de Donald Trump que contribuiu para a vitória do candidato republicano nas eleições norte-americanas

¹⁶ Glaydson Acácio dos Santos, dono de empresa de bitcoins, foi preso em operação da Polícia Federal em 2021 por suspeita de pirâmide financeira. Conhecido como “Faraó dos Bitcoins”, a prisão de Glaydson gerou revolta e causou diversos protestos de seus apoiadores em cidades da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://rc24h.com.br/pf-prende-dono-de-empresa-de-bitcoin-de-cabo-frio-por-suspeita-de-piramide-financeira/> Acesso em 16 dez 2024.

de 2016. Segundo Silvana Lemos Almeida (2022, p. 36), “a empresa categorizava o eleitor com adjetivos como "neurótico", "entusiasta", "alegre", "raivoso", "contente", por exemplo, e, por meio do conteúdo disparado, aumentava a chance de o internauta votar em um determinado candidato”.

Wardle e Darakshan (2017) explicam que, a partir da mediação algorítmica, as plataformas de mídia social criam bolhas de filtro, fazendo com que os indivíduos passem a consumir apenas aqueles conteúdos que lhes agradam, o que facilita a formação de comunidades de nicho, por onde circulam narrativas de desinformação e discurso de ódio contra grupos sociais. Embora a desinformação frequentemente seja associada como um sinônimo de *fake news* ou notícias falsas, os pesquisadores se atentam para os riscos da utilização dessa nomenclatura cujo significado foi esvaziado pelo senso comum e passou, inclusive, a ser adotada por movimentos de extrema direita na tentativa de desacreditar a imprensa.

Aqui destacamos que o fenômeno da desinformação no ambiente digital não deva ser reduzido apenas às notícias falsas, uma vez que envolve uma complexa e capilarizada rede de atores políticos para sustentar as crenças em “fatos alternativos”, como robôs que impulsionam conteúdo falso automatizado ou blogueiros e influenciadores que são pagos para promover produtos e/ou serviços enganosos (Campos Mello, 2020; Santini et al., 2018; Tucker et al., 2016). Além disso, as *fake news* frequentemente possuem elementos estéticos ou linguísticos que as aproximam das informações oficiais, como a fonte, cores e padrão das manchetes utilizados por veículos de imprensa. Como explicam Bennett e Livingston (2018, p. 124, tradução minha¹⁷), “conteúdos intencionalmente falsos se espalham como notícias ou simulam formatos de documentos para atingir seus objetivos políticos”. Pertencem ainda ao universo da desinformação as fotos e vídeos produzidos a partir de inteligência artificial que permitem mimetizar de maneira ainda mais realista a imagem de pessoas públicas, em geral adversários políticos, manipulando supostas declarações que nunca foram feitas.

O aumento da desinformação nas redes sociais digitais acaba atingindo diretamente a imprensa, a ciência e a política, instituições que, respaldadas por um discurso moderno, alcançam a legitimidade para a produção de conhecimento (Bennett; Livingston, 2018). Com a quebra de confiança do público nas instâncias que até então eram compreendidas como detentoras da “verdade”, como fontes oficiais e como elementares para a manutenção da ordem democrática, passamos a enfrentar uma nova ordem, caracterizada como “ordem da

¹⁷ No original: Intentional falsehoods spread as news stories or simulated documentary formats to advance political goals.

desinformação”¹⁸. Nesse sentido, Barsotti (2021) argumenta que o contexto político e a ascensão de regimes autoritários levaram à multiplicação de mídias partidárias, ao aumento dos ataques à imprensa e à tendência do público a preferir consumir conteúdos de acordo com seus interesses políticos e pessoais, contribuindo para a perda da credibilidade jornalística. De acordo com o relatório *Digital News Report*, o Brasil é o país com a maior proporção de pessoas (43%) que afirmam preferir consumir notícias que “combinem com seus pontos de vista” (Nielsen et al., 2020).

No ambiente digital, diante da imensurável quantidade de informação que é produzida e compartilhada a todo instante, grupos de extrema direita se valem das *affordances* (Cesarino, 2020) das plataformas de mídia social e das estratégias de desinformação para promover seus “fatos alternativos”. Isso inclui a narrativa de que o planeta Terra seria plano, de que as vacinas não são eficazes ou que um candidato à presidência da República tinha como proposta a distribuição de um “kit gay” para estudantes de escolas públicas, expressões de um projeto político negacionista denominado pelas pesquisadoras Marialva Barbosa e Ana Regina Rêgo (2020) de “construção intencional da ignorância”. A fim de atingir seus objetivos políticos e respaldar os “fatos alternativos”, tornou-se necessário, portanto, atacar e desacreditar quem estaria na contramão desse processo: cientistas, ativistas de direitos humanos e jornalistas.

Jornalistas, que antes eram reconhecidos como fundamentais dentro do processo democrático, tornaram-se alvos de ataques digitais sistemáticos em massa, campanhas de difamação e agressões que se estendem também para o mundo físico. Waisbord (2020), Chen et al (2018) e Koirala (2020) demonstram que a incorporação da internet e das plataformas de mídia social às rotinas jornalísticas tornou o acesso aos e às profissionais da imprensa mais fácil por parte da população no geral, que se manifesta muitas vezes por meio de perfis anônimos ou até falsos.

Chen et al. (2018) identificam que jornalistas passaram a ser cobrados não apenas de cobrir determinadas agendas, mas de interagir dentro da dinâmica das redes sociais digitais, buscando criar mais engajamento e atrair audiência para seus produtos. Holton et al. (2021) apontam que a ascensão do meio digital nas rotinas jornalísticas e o aumento das expectativas de uma profissional multitarefas corroboram para o agravamento do trabalho fora do horário de trabalho, mesclando vida pessoal e profissional nas plataformas de mídia social. Esse

¹⁸ No original: disinformational order.

contexto se radicalizou com a pandemia da Covid-19, quando o isolamento social e as restrições sanitárias tornaram o uso do digital no jornalismo praticamente inevitável.

No caso das mulheres jornalistas, o exercício ativo que é exigido no ambiente *online* soma-se à condição de gênero, tornando as profissionais alvos mais propícios de grupos organizados que promovem ataques coordenados, como os masculinistas, os supremacistas brancos e os nacionalistas. De acordo com Mariana Valente (2023), o masculinismo é mobilizado em comunidades de nicho, especialmente por meio de fóruns anônimos, e consiste em

um movimento de homens que vê as mulheres como inimigas de seus interesses e propagam noções de inferioridade da mulher. São grupos diferentes, que se autodenominam de variados nomes, como os PUAs (*pick-up artists*, ou “artistas da sedução”, que ensinam práticas de conquistar mulheres a partir dessa ideia de inferioridade), os MGTOW (*men going their own way*, ou homens seguindo seu próprio caminho, que defendem práticas para reassegurar a dominância masculina), os *red pills* (homens que julgam ter se libertado da dominância feminina) e os *incels* (*involuntary celibates*, ou celibatários involuntários, que afirmam ser rejeitados pelas mulheres por não serem o padrão desejado e se organizam em torno desse ressentimento) (Valente, 2023, p. 105 e 106)

Desde 2011, a jornalista Lola Aronovich, argentina naturalizada brasileira, recebe ataques misóginos *online* e *offline* devido ao blog que mantém, chamado *Escreva, Lola, escreva*. Como aponta Mariana Valente (2023, p. 106), Lola descobriu que antes de receber os ataques diretos em seu blog, seu nome já circulava nas comunidades e fóruns masculinistas. Os constantes ataques que a jornalista recebeu — e ainda recebe — levou à sanção da Lei 13.642/2018 (Brasil, 2018), conhecida como a “Lei Lola”, que permite à Polícia Federal investigar crimes misóginos na internet.

Uma pesquisa da organização Repórteres Sem Fronteiras em parceria com o Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio (RSF, ITS, 2021), que analisou meio milhão de ataques contra jornalistas no *Twitter*, identificou a presença de 3,9% de perfis com alta probabilidade de serem robôs. Apesar do número baixo, estas contas foram responsáveis por cerca de 20% de todo o conteúdo publicado, sugerindo a forte influência que estes perfis possuem no debate público *online*. A mesma pesquisa ainda apontou que a quantidade de *tweets* mencionando mulheres jornalistas foi 13 vezes maior do que aquela mencionando homens, assim como a incidência de termos depreciativos foi 50% maior no caso de profissionais mulheres.

Devido à ausência de regulação do discurso de ódio nas plataformas de mídia social, as agressões circulam livremente e ganham visibilidade por meio da mediação algorítmica, alimentada por *likes* e compartilhamentos. “Uma ofensa, assim, é potencializada pela própria

rede e pela capacidade da rede de reproduzir o caso e amplificar seus efeitos para os envolvidos” (Recuero, 2013, p. 65). Sobre este aspecto, a jornalista Amanda Klein, que sofreu ataques sistemáticos *online* impulsionados por seu colega de trabalho, Rodrigo Constantino, acredita que as agressões eram uma estratégia para seu agressor ganhar mais visibilidade:

E aí eu percebi que esses ataques eram um modo de ganhar a vida. Porque eu percebia nos comentários que, quando a gente tava amiguinho, no primeiro mês do ‘3 em 1’, acabava e a gente fazia coraçãozinho no ar. E aquilo não rendia *likes* e nem engajamento. E aí a gente foi descobrindo isso, né? Porque eu acho que o jornalismo também se adaptou a essa realidade, de perceber como essas pessoas usavam as redes sociais pra ter canais gigantescos no *YouTube*, pra monetizar aquilo. E quando ele começava a me atacar, era a forma que ele recebia engajamento dos seus seguidores e aumentava a sua influência. Aí eu entendi que eu acabava sendo uma escada para ele. Eu servia de escada, né? Não só para ele, mas como outros que vieram depois (Klein, 30/08/2024, entrevista concedida a mim).

Na medida em que a profissão jornalística depende cada vez mais da internet e das redes sociais, seja para coletar informações, entrar em contato com fontes, divulgar notícias ou interagir com o público, jornalistas enfrentam uma dificuldade em exercer seu ofício em um ambiente marcado por hostilidades. Este paradoxo, assim como as especificidades características das agressões contra as mulheres jornalistas, serão exploradas adiante a fim de argumentar de que maneira a violência contra as profissionais da imprensa promove também transformações nas práticas jornalísticas.

Embora o uso das redes sociais digitais para promoção de narrativas desinformativas e ataques personalizados à imprensa tenha contribuído para acelerar o processo de ofensivas contra as mulheres jornalistas no Brasil nos últimos anos, a violência *online* é apenas uma faceta de um quadro mais complexo de desigualdades estruturais experienciadas pelas mulheres dentro do jornalismo. Para entender as raízes dessas agressões, é necessário voltar ao contexto histórico e sociocultural das redações, nas quais as mulheres, especialmente as mulheres negras e não-brancas, enfrentam barreiras sistemáticas tanto para a ascensão profissional quanto para o reconhecimento de seu trabalho. Na próxima seção, aprofundaremos a análise sobre como as hierarquias de gênero e raça perpetuam essas desigualdades, refletindo nas escolhas editoriais, nas oportunidades para ocupar cargos de liderança e na forma como as mulheres jornalistas são representadas e tratadas dentro e fora das redações.

2.3 Gênero: uma categoria útil de análise no jornalismo

No Brasil, os primeiros registros de mulheres em redações datam ainda no século XX, sendo extremamente limitada a participação das jornalistas nesses espaços. A ausência ou insuficiência de profissionais mulheres era tão naturalizada que muitas redações sequer tinham banheiro feminino, como demonstra Ribeiro (1998, p. 31):

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço.

Em sua tese de doutorado, Paula Melani Rocha (2004) demonstra como a feminização no jornalismo brasileiro acontece a partir da década de 1980, quando se multiplicam os cursos de graduação em Comunicação Social e Jornalismo no país e há um aumento no ingresso de mulheres nas universidades. Elas acessam o jornalismo por meio da profissionalização da carreira, contudo, ainda enfrentam um descompasso até chegarem ao mercado de trabalho, pois “apesar das mulheres ocuparem a maioria das cadeiras nos cursos de graduação no final do século XX, somente no século XXI elas ultrapassaram em número os postos ocupados no mercado de trabalho” (Santiago; Rocha, 2020, p. 33). Atualmente, embora o jornalismo no país seja composto majoritariamente por mulheres, brancas, solteiras e de até 40 anos (Lima et al., 2021), as redações contêm resquícios da divisão sexual do trabalho de uma sociedade patriarcal.

Na pesquisa intitulada *Mulheres no Jornalismo Brasileiro* (Mazzote; Toste, 2017), conduzida pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e pela revista digital *Gênero e Número*, 65% das jornalistas entrevistadas afirmaram haver mais homens em cargos de poder. O domínio masculino também é percebido de acordo com as editorias; áreas como esporte e tecnologia apresentam mais editores homens, por outro lado, em turismo, moda, gastronomia e estilo de vida – editorias consideradas mais brandas e de menor relevância – há proporcionalmente mais mulheres editoras que homens.

As jornalistas que concederam entrevista a esta pesquisa também constataam a desproporção de gênero e raça na maior parte das redações em que trabalharam: “Homens, mais homens na chefia. É... e pessoas brancas, né? Eu já tive mulheres assim como editoras, mas nos cargos superiores sempre homens, né? E eu sempre senti que eu tinha que mostrar muito mais capacidade, digamos assim, do que os meus colegas homens” (Alves, 13/07/2024,

entrevista concedida a mim); “E eu ficava meio receosa porque na *TV Aratu*, por exemplo, não tinha nenhuma repórter mulher policial, só tinha eu. E mulher trans” (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim); “É, sempre pessoas brancas. E... a maioria... assim... Eu trabalhei numa redação que só tinha mulher, que era a *Folha dos Lagos*, era bem legal. Eu trabalhei em outros que era meio a meio. [...] Mas, assim, pretos nunca” (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim).

No tocante à raça, o quadro é dramaticamente desigual: um total de 94,5% das mulheres jornalistas disseram haver mais pessoas brancas do que negras em seus veículos e esse percentual sobe para 95,6% nos cargos de liderança (Mazzote; Toste, 2017). Os dados confirmam a tese de que a população negra, pobre e periférica historicamente estrutura o perfil da desigualdade social brasileira (Gonzalez, 1984; Carneiro, 2019) e de que “quando a raça é interseccionada ao gênero, as mulheres negras se encontram em maior situação de desvantagem estrutural, seja na divisão do trabalho, seja na remuneração pela atividade exercida” (Sousa et al., 2022, p. 3).

As desigualdades não se limitam à distribuição desigual de cargos e salários entre homens e mulheres, agravada no caso das mulheres negras. Soma-se a isso as constantes discriminações de gênero que as jornalistas enfrentam dentro do ambiente de trabalho, como o descrédito para assumir determinadas tarefas, a falta de reconhecimento da habilidade de trabalho e a distribuição de atividades e pautas pela chefia, como observam as jornalistas Helena Bertho e Sália Barreto, entrevistadas neste projeto:

Ano passado eu fui pra essa redação que era uma *startup* de jornalismo pro cargo de editora-executiva e eu nunca fui ouvida lá. Eu não era de fato ouvida. É...eu tinha cargo alto, um salário alto e me botaram pra subir nota da *FP*. E eu trouxe muitas propostas, eu trouxe muitas...muita vontade de fazer coisa e me escantearam, assim, foi bizarro, foi bizarro, foi...E, assim, em reunião não me deixavam falar, então era, foi meio chocante depois de ter saído da *AzMin*a (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim).

E eu fui ser editora-chefe e âncora junto com esse meu amigo, que era dono do portal, da *CBN*. E foi curioso, porque no meio da campanha ele teve que sair, porque ele ia participar de uma campanha como coordenador e eu fiquei sozinha no comando. E muitas pessoas falavam pra ele: “Mas você vai deixar só a Sália?” Só a Sália. [Risadas] É...sendo que na verdade eu era a editora, o conteúdo todo quem fazia era eu e, assim, é uma visão totalmente machista como se eu tivesse ali como suporte dele, quando na verdade não era isso, né? Com todo respeito ao trabalho dele, mas a gente tava ali numa posição de igualdade e muitas vezes eu dava mais contribuições, sei que isso é relativo, mas ele mesmo admite isso (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim).

Adicionalmente, não são raros os relatos de episódios de assédio sexual, como compartilhou a jornalista Vanessa Lippelt,

Eu me lembro, na época da faculdade, eu fui procurar um estágio na [TV] *Manchete*, me chamaram lá. E uma grande figura da *Manchete*, na reunião, virou e falou assim, “Olha, você é ótima, sua figura é ótima no vídeo, mas você precisa oferecer algo a mais”. Eu falei, “tá bom, brigada”. E fui embora. Arrasada. Eu fui embora chorando. O cara falou pra mim que eu era boa, que eu era competente, que a minha imagem era boa. Mas, veja bem, eu tinha que oferecer algo a mais. O algo a mais era algum favor sexual, alguma coisa. [...] Então, tem coisas que são muito sutis, que foram normalizadas. [...] eu falo “cara, isso aqui tava muito errado”. De chefias mesmo, de propostas. Não são propostas só sexuais. É de usar a posição de poder pra obter outros tipos de favores, né? (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

Nos grupos focais realizados pela pesquisa *Mulheres no Jornalismo Brasileiro* (Mazzote; Toste, 2017), 73% afirmaram já terem ouvido comentários e piadas machistas no ambiente de trabalho, advindas frequentemente de superiores hierárquicos. Além disso, 83,6% das jornalistas afirmaram já terem sofrido ao menos um episódio de violência psicológica, incluindo a pressão para não engravidarem. Como apontam Tuzzo e Temer (2021, p. 66), machismo e paternalismo estruturam a formação social brasileira, aparecendo também nas relações sociais de trabalho:

Preteridas pelas chefias, que em muitos casos desconfiam da capacidade das mulheres jornalistas enfrentarem pautas especiais ou mais complexas, ou mesmo situações que envolvam qualquer conflito potencial, estas profissionais são igualmente assediadas fora das redações. No contexto da sociedade brasileira, que ainda convive com ecos do paternalismo e do machismo (faces de uma mesma moeda), muitos entrevistados e espectadores eventuais do processo de captação da mensagem, reagem com mais agressividade quando são confrontados por jornalistas mulheres.

Ao acompanhar de perto o dia a dia da redação da *RBS*, afiliada da *TV Globo* no Rio Grande do Sul, Márcia Veiga (2012) elabora como atributos ligados ao campo do masculino eram bem vistos diante da estrutura hierárquica da empresa, em detrimento daqueles ligados ao campo do feminino. Por exemplo, um dos repórteres investigativos da empresa e as matérias publicadas por ele sempre remetiam a características positivas valorizadas pelo jornalismo: “caça de furos”, coragem, iniciativa, autonomia, risco, conquista. Por outro lado, a forma como diferentes funcionários olhavam para uma das editoras-chefe revelava estigmas atribuídos ao papel da mulher: cuidado, compreensão, fragilidade, desejo.

Veiga (2012) demonstra a existência de distintos valores atribuídos de acordo com concepções de gênero dentro das redações, uma vez que os próprios jornalistas também são sujeitos constituídos por gênero. Isso se traduz não apenas na desproporção entre cargos

hierárquicos, ainda que as mulheres sejam maioria dentro do jornalismo, mas também nos valores-notícias que norteiam os veículos de comunicação, privilegiando perspectivas masculinas, e ainda nas relações sociais entre os próprios jornalistas. Sobre este aspecto, a jornalista Helena Bertho, ouvida pela pesquisa, compartilha a dificuldade constante que enfrentava em conseguir emplacar pautas com perspectiva de gênero nas redações em que trabalhou:

Então, eu passei por coisas do tipo, querer fazer pautas sobre menstruação e o editor falar “Quem quer ouvir sobre menstruação? Ninguém se interessa sobre isso”, e eu tipo, “Só 50% da população, por um acaso, o público-alvo desse site”. Aborto, falar que tem que ouvir o outro lado e eu nem sei qual é o outro lado do aborto. Casos de violência doméstica, pedirem pra ouvir o agressor. Então, assim, é...afeta [rindo nervoso], afeta muito o trabalho e é difícil (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim)

Como mostra Veiga (2012), o gênero se torna um elemento distintivo dentro da rotina das redações; um elemento constitutivo não apenas dos jornalistas, “mas também das instituições, e se intersecciona com as relações de poder e formação das hierarquias, seja entre pessoas, seja no âmbito das notícias” (Veiga, 2012, p. 100).

Não se trata de dizer, porém, que existam diferenças inerentes entre os gêneros atribuídas de acordo com os sexos biológicos; não estamos afirmando que mulheres são essencialmente cuidadoras, frágeis, mães, sedutoras e delicadas, enquanto homens são naturalmente provedores, corajosos, valentes e viris. Embora muitas vezes tenham se atentado às diferenças sexuais entre homens e mulheres para justificar as desigualdades sociais, “a diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas” (Butler, 2019, p. 20).

Aqui, me aproprio de Joan Scott (1994), que assim como outras teóricas feministas já haviam apontado, considera o gênero uma construção social que tem como base as diferenças sexuais. No entanto, a autora avança sobre essa concepção, entendendo o gênero também como um saber historicamente específico sobre a diferença sexual. Embora o senso comum possa compreender a História como a disciplina responsável pelo estudo dos acontecimentos passados, isto é, a organização dos registros das mudanças sociais nas organizações ao longo do tempo, uma abordagem mais crítica entende que o conhecimento histórico é também um saber produzido, que enquadra os sentidos atribuídos às organizações sociais.

A história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries,

distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações (Foucault, 2007, p. 7).

Neste sentido, Scott realiza uma crítica à abordagem limitada de algumas teóricas feministas da década de 1970 que buscaram resgatar a “história das mulheres” em oposição à “história dos homens”, o que, segundo ela, obteve pouco impacto em termos práticos. A autora não se interessa em recuperar o que aconteceu com homens e mulheres no passado, mas de compreender como, ao longo da história, foram construídos significados coletivos a respeito de homens e mulheres, masculino e feminino, e como estes saberes foram utilizados para justificar desigualdades.

Ao entender gênero a partir da perspectiva histórica foucaultiana¹⁹, Scott argumenta que os significados para as diferenças corporais variam de acordo com as culturas, grupos sociais e no tempo, abrindo espaço também para a disputa desses significados a fim de gerar novos saberes sobre homens e mulheres. Incorporando as noções de saber e poder de Foucault, a autora define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1990, p. 86). Segundo a autora,

Tal saber não é absoluto ou verdadeiro, mas sempre relativo. Ele é produzido de maneira complexa no interior de epistemes que têm, elas próprias, uma história autônoma (ou quase). Seus usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder - de dominação e de subordinação - são construídas. O saber não se refere apenas a ideias, mas a instituições e estruturas, práticas cotidianas e rituais específicos, já que todos constituem relações sociais (Scott, 1994, p. 12).

Com isso, Scott desconsidera que o gênero esteja presente somente nas relações baseadas nos sistemas de parentesco. Enquanto um elemento constitutivo das relações sociais, o gênero irá aparecer em quatro aspectos que se relacionam entre si: nas representações múltiplas de símbolos culturais (Maria, mãe de Jesus, por exemplo); nos conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas (mulher deve se ater ao lar); na noção política em referência às instituições e organizações sociais (o mercado de trabalho, a educação, o sufrágio fazem parte das construções de gênero) e na construção da identidade subjetiva (a forma como nos enxergamos no mundo).

Como sintetiza o antropólogo Maurice Godelier, “as diferenças entre os corpos, relacionadas ao sexo, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as

¹⁹ Para Foucault, a representação (relação entre signo/significado) depende do contexto social, cultural e histórico. Ver mais em FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 8ª ed., 1999.

realidades que não têm nada a ver com a sexualidade” (Godelier, 1981, p. 17, apud, Scott 1990, p. 89). Por conseguinte, os epistemes que circulam pela sociedade se apropriam das diferenças biológicas corporais para produzir e justificar desigualdades sociais entre homens e mulheres, em uma relação de dominação/exploração. As instâncias de poder, responsáveis por operar os sentidos sobre o masculino e o feminino, produzem também os seus lugares sociais, a partir dos símbolos culturais hegemônicos.

Isso se traduz em uma realidade marcada por desigualdades, mas também por violências. Em 2023, o Brasil atingiu o recorde no número de feminicídios desde a criação da lei que tipifica este tipo de crime (Brasil, 2015): 1.463 mulheres foram assassinadas em decorrência do gênero no país, segundo o Atlas da Violência (2023) do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O relatório também aponta que o risco de sofrer um homicídio é 1,8 vezes maior entre as mulheres negras do que as não negras, revelando o encontro do racismo estrutural com o patriarcado.

O cruzamento entre racismo e sexismo abre caminho para uma reflexão mais profunda sobre como a opressão de gênero se articula não apenas por meio de normas culturais, mas também em um contexto estruturado por outras formas de dominação. Nesse sentido, bell hooks parte da perspectiva daquelas que estão à margem para o centro, principalmente, mulheres negras e não-brancas, para elaborar o que deveria ser o verdadeiro objetivo do movimento feminista: “acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão” (hooks, 2018, p. 18).

A autora critica a tentativa do movimento feminista em universalizar uma forma única de opressão baseada no gênero, sem considerar outras formas de dominação, especialmente o racismo, que, na visão dela, é indissociável do patriarcado e da exploração sexista. Dessa forma, hooks defende a impossibilidade do exercício de um feminismo que não seja também antirracista, uma vez que seu trabalho focaliza o papel sistêmico do patriarcado e as formas institucionais em que opera o sexismo. Ela chama atenção para a introdução do que denomina feminismo como estilo de vida, isto é, a ideia de que poderia haver tantas versões do feminismo quantas fossem as mulheres existentes, não importando, portanto, qual fosse seu posicionamento político. Essa crença fez com que muitas mulheres, especialmente brancas e com privilégio de classe, não confrontassem seu sexismo internalizado na relação com outras mulheres e com que muitos homens não sentissem que precisam do movimento feminista, embora também sejam vítimas do patriarcado.

Sob esta mesma percepção estrutural, está ancorada a sua definição de violência. Para hooks (2018), a violência masculina perpetuada contra as mulheres consiste no mais

escancarado uso da força para manutenção do controle e da dominação e sintetiza o ordenamento hierárquico em que se baseiam as relações de coerção e autoridade de muitas sociedades ocidentais. Nesse sentido, a autora acredita que para alcançar o fim da violência sexista, é necessário enfrentar todos os outros tipos de violência, do contrário, ao lutar isoladamente contra a violência contra a mulher, continuaremos acreditando ser aceitável que mulheres façam uso da força coercitiva contra outros grupos dominados quando ocuparem posições de poder.

Adicionalmente, Lélia Gonzalez (1984) recorre à psicanálise para explicar como o mito da democracia racial constroi as representações sobre as mulheres negras que permeiam o inconsciente da neurose cultural branca. Para a autora, essas representações estão centradas na figura da mulata, a partir da exaltação mística durante os ritos carnavalescos (que seria uma representação atual das mucamas na época da escravidão), e na figura da “mãe preta”, derivada do papel cumprido pelas ex-escravizadas que se transforma naquele exercido pelas empregadas domésticas, nos dias atuais. A forma como mulheres negras são nomeadas vai depender da situação em que são vistas, mas em ambos os casos subentende-se uma posição subalterna ao homem e à mulher brancos.

Gonzalez explica que a ideologia do branqueamento faz com que as pessoas negras internalizem e reproduzam os valores brancos ocidentais, inclusive a respeito das representações sobre as mulheres negras. Ou elas são lidas como “instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores” (Prado Júnior, 1976, p. 342 e 343) ou então são pensadas a partir do “exemplo extraordinário de amor e dedicação” (Gonzalez, 1984, p. 235) da mãe preta, que é “quase da família”, mas não pertence àquele espaço. Em ambas as situações, a mulher negra é vista como objeto, como o Outro em relação à figura do homem branco que corresponde à narrativa universal da experiência humana.

Ao romperem com o imaginário branco sobre o lugar que devem ocupar, as mulheres negras, por vezes, também podem ser subjugadas e lhes são atribuídos novos estigmas: raivosa, descontrolada, descompensada, desequilibrada. Em entrevista para o presente projeto, a jornalista Renata Cristiane, que já sofreu diversas violências dentro da profissão, incluindo episódios de racismo, diz que tenta evitar determinadas reações quando se impõe diante de uma agressão, justamente para evitar certos estereótipos:

Então, às vezes eu grito, berro, xingo pra ser respeitada, mas não é uma coisa que eu gosto de fazer. Porque é um lugar comum que reservam pra mim, eu fazer a mulher negra que vai ser escandalosa, “os homossexuais são escandalosos”, “as pessoas pretas não sabem se comportar nos lugares onde a elite costuma frequentar, não tem compostura”. **É o lugar, é a vala comum que reserva pra mim.** “Olha lá! Sabia! Preto quando não caga na

entrada, caga na saída” (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Também se apropriando da psicanálise, Grada Kilomba (2019) demonstra que aquilo que um sujeito afirma sobre o outro reflete uma recusa em reconhecer em si próprio. Esse mecanismo de defesa do ego é o que sustenta representações sobre as pessoas negras pensadas a partir da “alteridade”, isto é, “a personificação de aspectos repressores do ‘eu’ do sujeito branco” (Kilomba, 2019, p. 38). Assim, as imagens que percorrem o mundo conceitual branco parecem permear o inconsciente das pessoas negras, embora não sejam nem verdadeiras nem gratificantes e frequentemente digam mais a respeito sobre aquilo que as pessoas brancas reprimem e se negam a reconhecer em si mesmas.

Muitas vezes, o próprio jornalismo, enquanto autoridade para produzir e reproduzir símbolos culturais hegemônicos, contribui para reforçar os estereótipos, estigmas e as relações desiguais entre homens e mulheres, entre masculino e feminino e entre pessoas brancas e não brancas. Por outro lado, dentro das redações, as próprias jornalistas e comunicadoras, precisam lidar com as situações adversas que as colocam em posições subalternas àquelas ocupadas por seus colegas homens: seja em relação a um cargo ocupado, à remuneração ou ao mérito para exercer determinada atividade.

Nos últimos anos, devido aos tensionamentos da política brasileira, marcada por uma “cruzada antigênero” (Nascimento; Gustafson, 2022) e uma sociedade polarizada (Tuzzo, Temer, 2021), as mulheres jornalistas se veem cada vez mais ameaçadas. Nesse processo, novas formas de violência e agressões contra as comunicadoras são mobilizadas a fim de deslegitimar o trabalho realizado por elas e tentar silenciá-las como forma de retaliação. Como já exposto, as redes sociais digitais cumprem um papel decisivo nesse aspecto, diminuindo as fronteiras entre o público e o privado, possibilitando o envio de ataques em massa e criando um verdadeiro ecossistema de violência, uma “máquina do ódio” capaz de promover “assassinatos de reputações” (Campos Mello, 2020).

2.4 “Violam nossos corpos, nossa identidade”

Em um estudo realizado pela Unesco e organizado por Posetti et al. (2022), quase 75% das mulheres jornalistas e comunicadoras de diferentes partes do mundo afirmaram já terem sofrido algum tipo de violência *online*, como ofensas em seus perfis, ameaças de

estupro e morte e publicação não consensual de dados pessoais. O monitoramento das eleições municipais de 2024, realizado pela Coalizão em Defesa do Jornalismo (CDJ), em parceria Laboratório de Internet e Ciência de Dados (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e o ITS Rio, também destacou a maior prevalência de ataques contra mulheres jornalistas nas redes. Segundo o relatório final, elas “receberam 50,8% dos ataques registrados, apesar de representarem 45,9% dos profissionais monitorados. No *Instagram* o número foi ainda maior, 68,3%, enquanto no *X* foi de 53%” (Fenaj, 2024, online).

Diferentemente do que ocorre quando se manifesta contra seus colegas homens, os ataques contra as profissionais da imprensa, com frequência, fazem referência ao corpo e à aparência das vítimas, utilizam linguagem extremamente violenta, machista e misógina e reproduzem estereótipos e papéis de gênero. Essa distinção entre discursos que resvalam à esfera pública e privada é observada pela jornalista Ívina Garcia, após ter sido vítima de um episódio de linchamento virtual:

[...] eu recebi mensagem das pessoas perguntando quanto era o programa. Eu duvido que um colega que passasse pela mesma situação, recebesse uma mensagem dessa. Gente chamando de prostituta e perguntando quanto que era o programa, duvido. Tanto que tem um colega lá no Amazonas que ele também faz uma cobertura mais investigativa e também recebe mensagens criticando, mas nunca sobre a aparência dele. Nunca é sobre se ele tem mulher, se ele tem franjinha ou se o rosto dele é de esquerdista, nunca é sobre isso. É sempre sobre o trabalho (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim).

Ívina não foi a única a ser chamada de “prostituta”, “puta”, “vadia” ou termos semelhantes. Em entrevista à pesquisa, Amanda Klein conta que houve um episódio em que Rodrigo Constantino, com quem ela co-apresentava um programa na *Jovem Pan*, a chamou de “prostituta intelectual” (Klein, 30/08/2024, entrevista concedida a mim). Em dezembro de 2022, uma pesquisa feita pela Abraji mostrou que termos como “vaca”, “vadia” e “vagabunda” para ofender mulheres jornalistas cresceu 300% no *X* durante as eleições, em comparação com os 40 dias anteriores ao início da campanha eleitoral (Sinderski, 2022). Nos países de língua inglesa, o termo *presstitute*, neologismo que exprime a junção dos termos *press* (imprensa) e *prostitute* (prostituta) se tornou frequente nos ataques. Outro caso marcante é o da jornalista Patrícia Campos Mello, cuja expressão “dar o furo”, em alusão a supostos favores sexuais oferecidos a uma fonte, foi utilizada em inúmeras mensagens à repórter, reproduzindo a declaração do ex-presidente Jair Bolsonaro (Campos Mello, 2020).

Em 2021, em uma conversa com seus apoiadores no Palácio da Alvorada, Bolsonaro chamou a jornalista e apresentadora da *CNN Brasil* Daniela Lima de quadrúpede. “É uma

quadrúpede. Afinal de contas, acho que não preciso dizer de quem ela foi eleitora no passado, né? De outra do mesmo gênero” (Fenaj, 2022a, p. 21), se referindo à ex-presidente Dilma Rousseff. No mesmo ano, durante uma coletiva de imprensa em Guaratinguetá, em São Paulo, o ex-presidente mandou à repórter Laurene Santos, da *TV Vanguarda*, afiliada da *TV Globo*, “calar a boca”: “Essa Globo é uma merda de imprensa. Vocês são uma porcaria de imprensa! Cala a boca! (...) Você tinha que ter vergonha na cara por prestar um serviço porco, que é isso que você faz, na Rede Globo” (Fenaj, 2022a, p. 23 e 24).

Falas hostis, agressivas e violentas do ex-presidente também foram repercutidas no ambiente digital, onde as mulheres jornalistas se tornaram os principais alvos dos ataques. Esse tipo de agressão, que mobiliza atributos de gênero e/ou sexualidade para atacar as vítimas, levou alguns autores (Chen et al., 2018; Koirala, 2020; Rego, 2018) a designarem esta prática como assédio de gênero²⁰. Já a organização internacional Artigo 19 (Trajan, 2023, p. 16) utiliza a expressão tecnoviolência de gênero para se referir aos “atos de violência por razão de gênero, cometidos, facilitados ou agravados por Tecnologias de Informação e Comunicação”. Daniela Osvald Ramos (2020) fala em “trollagem de gênero”, uma tradução literal de *gendertrolling*, que designa o assédio em massa com razão de gênero mobilizado nas redes sociais pelos chamados *trolls*²¹. Aqui, optamos por utilizar a terminologia assédio de gênero ou ataque de gênero, pois consideramos que abarca não apenas a violência no ambiente digital, mas também no *offline*.

Koirala (2020) argumenta que os ataques digitais machistas refletem a cultura patriarcal e os problemas ligados à violência de gênero no mundo físico. Ao atribuir o valor de “puta” a uma jornalista, o que está implícito é a existência de um comportamento adequado às mulheres que não é cumprido por aquela jornalista, associando gênero e sexualidade à conceituação do que é ser mulher de “verdade”. Neste caso, espera-se que as mulheres mantenham-se discretas nas suas relações, não tenham muitos parceiros sexuais e não sejam provocantes e extravagantes com suas roupas e maquiagem. Aquelas que o fazem são caracterizadas como “putas”, mulheres não se respeitam, não se valorizam, não se comportam, mulheres que não são mulheres “de verdade”, desviantes da norma de gênero.

Nesse sentido, é interessante articular a noção de gênero presente na obra da teórica feminista Judith Butler. Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (Butler, 2018), a autora realiza uma genealogia da categoria “mulher” na produção feminista e

²⁰O termo é uma tradução literal para os conceitos *gender harassment* ou *gender trolling*, utilizados pelos autores.

²¹O termo troll é utilizado para descrever aqueles que fazem uso de um discurso deliberadamente ofensivo para atacar as pessoas e provocar uma resposta emocional.

coloca em questão a identidade como fundamento da ação do feminismo. A partir desse exercício genealógico, Butler busca distanciar a ideia de gênero como identidade ontológica, como era comumente tratada por grande parte da literatura feminista.

Uma das grandes contribuições da chamada Segunda Onda do Feminismo é a ideia de patriarcado e dominação masculina, ou seja, a existência de um sistema estrutural de opressão no qual as mulheres são subordinadas. Nesse contexto, se distingue a ideia de sexo biológico, ligado ao plano da natureza e responsável pelas distinções fisiológicas, dos papéis de gênero, que são expressos pela construção social e cultural dentro desse sistema de dominação. Essa concepção pode ser amplamente apreendida na obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1970), e em sua célebre frase “não se nasce mulher, torna-se”, sugerindo que a subordinação das mulheres está associada à existência de um regime de opressão, e não a fatores naturais.

A crítica de Butler reside no fato de que, ao separar gênero de sexo, a literatura feminista manteve uma estrutura binária em que o sexo estava ligado à natureza, enquanto o gênero era considerado uma categoria cultural derivada dessa divisão. A ideia de gênero como construção social acaba levando a um outro tipo de determinismo – não mais biológico, mas cultural:

A ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (Butler, 2018, p. 26).

Em certa medida, portanto, mantém-se a concepção do sujeito pré-discursivo diante da perceptiva dicotômica sobre o gênero, uma vez que antes mesmo de uma pessoa vir ao mundo, já lhe são atribuídas as imposições binárias de homem ou mulher de acordo com o sexo biológico. Contudo, para Butler, o sujeito só existe na ação e é resultado daquilo que se expressa. Segundo a autora,

o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados (Butler, 2018, p. 48, grifo meu).

O gênero, portanto, não é apenas uma categoria que se refere à mulher ou ao homem, mas transcende essa concepção binária, assumindo um caráter performativo – isto é, sendo produzido por meio de repetidas performances moldadas por normas culturais. Butler observa

que os limites da análise discursiva de gênero se estabelecem no interior de discursos e práticas culturais hegemônicos, como o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. A identidade feminina, então, não é uma essência pré-existente que alguém “descobre”, mas sim um produto de discursos e práticas que regulam o que é considerado feminino em uma dada sociedade.

Butler localiza na linguagem a origem da opressão de gênero que detém o poder para atuar sobre os corpos, construindo as interrelações pelas quais estes são percebidos. “Consequentemente, o corpo dilacerado e as guerras travadas entre as mulheres são violências textuais, são a desconstrução dos construtos que desde sempre representam uma espécie de violência contra as possibilidades do corpo” (Butler, 2018, p. 170). Isso se relaciona à ideia de que quando o corpo feminino não segue as normas sociais de gênero, como no caso das jornalistas que “se atrevem” a cobrir determinadas pautas, no lugar de se manterem passivas, torna-se vulnerável à violência uma vez que rompe com as normas linguísticas de como deve se apresentar.

Chen et al. (2018) se atentam tanto à existência de conteúdo sexista mais hostil, misógino e pejorativo em relação às mulheres no ambiente digital, com forte apelo à violência sexual, quanto à presença de conteúdo que promove estereótipos em relação ao lugar e à posição das mulheres. Já Richard Rego (2018), ao se basear em casos como o da jornalista indiana Rana Ayyub, cujo rosto foi implantado em um vídeo pornográfico por meio de inteligência artificial, defende que os ataques digitais contra mulheres jornalistas constituem uma expressão da violência sexual contra a mulher.

Aos atributos machistas e misóginos, somam-se às acusações de parcialidade e má conduta da profissão. Em entrevista à revista *Gênero e Número*, a jornalista Juliana Dal Piva, do *Portal UOL*, que também foi vítima de inúmeros ataques, apontou a tentativa constante dos agressores em desacreditá-las profissionalmente, sugerindo uma determinada inclinação política, ainda que inexistente (Cruz, 2022b):

Para nós, mulheres, é misógino, é ofensa. A pessoa ali tem pouco mais de 200 caracteres. O automático é uma palavra, né? Chamando de “vagabunda” ou “burra”, aí tem as desqualificações no sentido de você parecer novinha demais pra eles, então “estagiária” e variações disso; aí vêm os xingamentos que não são gênero, mas que também aparecem muito que é “jornalista”, “extrema imprensa”, “Globo lixo”, mesmo se você não é da empresa, entende?

Constantemente os agressores resgatam o sentimento anti-comunista para expressar oposição às jornalistas, como apontam Amanda Klein (30/08/2024, entrevista concedida a mim) “Eu fiquei rotulada e tachada nas redes sociais como se eu fosse comunista. Eu não sou

comunista. Eu me vejo como uma pessoa de centro-esquerda. Eu não acho que eu sou essa esquerdista absurda que eles me tacham, mas eles precisavam fazer isso” e Ívina Garcia (14/07/2024, entrevista concedida a mim) “Ah... me chamavam de feia, comunista, me chamavam de jornalista, que eu acho que essa é uma das piores que tem... Falavam "Ai cadê? cadê? Onde você estava no governo Lula que você não fez isso?". Eu era uma criança. [ri]”.

Autores como Posetti et al. (2022) destacam a conexão entre violência digital, desinformação e teorias conspiratórias, apontando que os agressores se utilizam de informações incorretas ou falsas para difamar suas vítimas nos ataques a mulheres jornalistas. Lucina Di Meco (2023) utiliza o conceito de desinformação de gênero para descrever informações inexatas ou falsas que visam a prejudicar as mulheres, baseadas em estereótipos sexistas arraigados. Ela observa que essas agressões, quando dirigidas a mulheres, geralmente não fazem parte de um debate público legítimo e apresentam um caráter pessoal, destinando-se a silenciá-las como opositoras.

Episódios semelhantes de violência também foram observados no contexto internacional. Um relatório produzido pela *International Center for Journalists* (Posetti et al., 2023) apontou que a cada 14 segundos a jornalista investigativa indiana Rana Ayyub recebe um ataque digital. Das agressões proferidas contra ela, 62% são de cunho pessoal e revelam um conteúdo sexista, misógino, com violência sexual explícita ou racista e quase 35% buscam desacreditá-la por seu trabalho profissional. A pesquisa aponta ainda a intersecção entre a misoginia e a islamofobia contra a profissional, a presença constante de ameaças de morte e estupro e de conteúdos desinformativos, como montagens de fotos e vídeos hipersexualizados.

Nas Filipinas, a jornalista Maria Ressa, cofundadora do *Rappler*, um dos principais veículos nativos digitais do país de grande audiência, também foi ostensivamente perseguida (Ressa, 2022). O jornal foi um dos principais denunciadores dos abusos de poder e da guerra às drogas promovida pelo então presidente Rodrigo Duterte, que provocou milhares de assassinatos sem julgamento. Ressa chegou a ser acusada de fraude fiscal e “difamação cibernética” por suas publicações, mas conseguiu ser absolvida (Reuters, 2023). Nas redes sociais, ela foi alvo de inúmeros ataques com termos racistas e misóginos, como *presstitute*, críticas a sua aparência para desqualificar seu trabalho, além de ameaças de morte e estupro. Em 2021, Maria Ressa recebeu o Prêmio Nobel da Paz por sua atuação jornalística nas Filipinas, a primeira vez que uma profissional da categoria ganhou este tipo de premiação.

Para Waisbord (2020), repórteres que produziram matérias críticas sobre política nacional, presidência, imigração, extremismo de direita, armas, raça, direitos humanos,

abusos sexuais e serviços de inteligência se tornam alvos mais vulneráveis de ataques e intimidação. Embora em grande parte das vezes os ataques contra mulheres jornalistas ocorram após coberturas jornalísticas que revelam escândalos de corrupção, abuso de poder e má conduta de autoridades públicas, a violência não se limita a essas condições. Por serem mulheres, estão sujeitas a sofrerem discriminação com base no gênero, assédio e violência sexual dentro e fora das redações, independentemente do tema das matérias publicadas.

A repórter da rádio Guaíba Laura Gross, por exemplo, foi agredida física e sexualmente durante a transmissão de um jogo entre Internacional e o River Plate em 2019, no estádio Beira Rio, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, quando um torcedor tentou beijá-la à força (Fenaj, 2020). Antes, o agressor havia dito que a repórter era linda e, por isso, poderia conceder entrevista. Após a jornalista se esquivar do assédio, o torcedor tentou beijá-la novamente até que ela o empurrasse para poder entrar na área reservada à imprensa. Em entrevista ao jornal *Correio Braziliense*, a jornalista sugeriu que a não foi a primeira vez que passou por este tipo de situação. “Eu não quero me fazer de vítima. Eu não quero ser vítima. Eu não quero que ninguém seja vítima. Eu quero que os homens parem” (Phelipe, 2019, online).

Situação semelhante foi vivenciada por Vanessa Lippelt, quando atuou como jornalista esportiva da *TV Globo*. “Quando eu cobria futebol, gente, eu lembro de eu tá gravando uma passagem no Maracanã. Começa um cara a gritar, lembrei disso agora, é, é... um cara gritando da arquibancada, “Sua gostosa da *Globo*, não sei o quê, papapá, vou fazer com você” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim). Observa-se que no jornalismo esportivo, editoria formada majoritariamente por profissionais homens, as mulheres “sentem que devem estar particularmente vigilantes quanto às suas atitudes, especialmente, para evitar certos estereótipos (sedutora, lésbica) que sentem na pele e devem negociar diversas tensões”²² (Schoch, 2019, p. 31, tradução minha).

Outro aspecto notável nos ataques às mulheres jornalistas são as ameaças extensivas à família, especialmente a seus filhos. Os agressores recorrem ao fato de que as mulheres são, na maior parte das vezes, as principais responsáveis pelos cuidados com as crianças, como estratégia de demonstração de poder e intimidação das jornalistas. Em uma mensagem proferida contra a jornalista Vanessa Lippelt, o agressor afirmou ter dados dela e de sua família e ameaçou estuprar tanto ela como as crianças (Fenaj, 2022a, p. 33). “A gente vai

²²No original: Les femmes journalistes de sport ont le sentiment de devoir être particulièrement vigilantes quant à leurs attitudes, notamment pour éviter certains stéréotypes (séductrice, lesbienne) dont elles se sentent facilement affublées et de devoir négocier diverses tensions.

estuprar suas filhas na sua frente, a gente vai te estuprar, a gente vai, a gente vai te matar na frente delas’. Cara, um texto misógino, horroroso, assim, horroroso, pesado, com muito ódio” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

Em entrevista à Abraji sobre o ocorrido, Lippelt percebe que há uma estratégia, por parte dos agressores, em atingir as mulheres, limitando os espaços que elas podem ocupar e ameaçando também a sua família:

Eles violam nossos corpos, nossa identidade, vão naquilo que é mais caro à mulher, que são os filhos. É cruel porque eles sabem onde dói. É um ódio muito grande. **É como se quisessem dizer que não podemos estar onde estamos, que temos que nos recolher à nossa insignificância como mulher** (Sinderski, 2023, online, grifo meu).

No relatório *Mulheres de Expressão* (Tranjan, 2023), a organização internacional Artigo 19 reconhece que, a partir de 2018, as violações que atentam à liberdade de expressão no Brasil enfrentaram um processo de escalada. Eles destacam que essas agressões passaram a ser cometidas de maneira indiscriminada por agentes da esfera pública e política, tornando visíveis as discriminações contra as mulheres jornalistas e comunicadoras, que até então estavam ofuscadas pelos casos contra jornalistas homens. Segundo a organização, a partir desse marco, há duas importantes tendências nos atos de violência: o assédio de gênero, como já abordado, e o assédio judicial. De acordo com a definição do relatório, o assédio judicial (Tranjan, 2023, p. 23):

caracteriza-se pela mobilização do Poder Judiciário para intimidar e silenciar pessoas que se manifestam na esfera pública – defensoras dos direitos humanos, ativistas, jornalistas e comunicadoras estão entre os alvos. O cenário não se restringe ao Brasil; em outros países, as SLAPPs (Strategic Lawsuit Against Public Participation – em português, “Processo Estratégico Contra a Participação Pública”) também têm ganhado força.

O termo assédio judicial foi usado, originalmente, pela advogada Taís Gasparian, a partir do emblemático episódio que ocorreu, em 2011, com a jornalista Elvira Lobato (Abraji, 2024, p. 10). Em dezembro de 2007, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou a reportagem de Lobato, intitulada “Universal chega aos 30 anos com império empresarial” (Lobato, 2007) que apontava o vasto patrimônio do líder religioso Edir Macedo. À época, a Igreja Universal do Reino de Deus já havia construído “um império na área de telecomunicações, com 23 emissoras de televisão e 40 de rádio, além de mais 19 empresas correlatas à comunicação” (Almeida, 2022, p. 155).

Após a publicação, a jornalista passou a receber inúmeras notificações na justiça, oriundas do juizado de pequenas causas, que permite que qualquer pessoa abra um processo.

Ao todo, a repórter foi alvo de 111 ações judiciais abertas por fiéis ou pastores iniciantes de lugares onde o jornal *Folha de S. Paulo* sequer circulava; muitas vezes havia audiências marcadas para um mesmo dia e horário em Porto Alegre, Mato Grosso e Piauí. Segundo o relatório da Artigo 19 (Trajan, 2023), após a onda extensiva de retaliações, a jornalista decidiu antecipar sua aposentadoria e sair da profissão. Assim como Lobato, observamos que outras mulheres vítimas de violência na profissão também optaram por deixar o jornalismo ou, em alguma medida, decidiram se autointerditar, como abordaremos adiante.

Segundo o Monitor do Assédio Judicial contra jornalistas no Brasil, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (2024), foram identificados 654 episódios de assédio judicial no Brasil, de 2008 a 2024. Em entrevista ao podcast *Vozes em Risco*²³, a coordenadora jurídica da Abraji, Letícia Kleim, explica que o assédio judicial pode se manifestar de distintas maneiras: no primeiro caso, uma única pessoa recebe processos em série, de autoria de diferentes pessoas, em locais distintos, como aconteceu com a jornalista Elvira Lobato. Na segunda forma, “atores muito influentes ou relevantes no cenário político e econômico que processam a todos as pessoas que publicam alguma coisa a seu respeito” (Kebian, 2024, online). Este último caso é exemplificado pela atuação do empresário Luciano Hang, autor de 54 processos contra a imprensa entre 2018 e 2022 (Abraji, 2024, p. 29). A Abraji classifica ainda como assédio judicial os pedidos de indenização excessiva, como o caso enfrentado pelo jornalista Rubens Valente (Abraji, 2024, p. 29), que recebeu um pedido de indenização por danos morais de R\$ 200 mil por parte do ministro Gilmar Mendes, após publicação do livro *Operação Banqueiro* (Valente, 2014), fruto de investigação jornalística.

Embora muitas vezes os processos não resultem em condenações, o assédio judicial busca intimidar e promover a retaliação de maneira difusa, na tentativa de fazer com que jornalistas deixem de escrever, denunciar e revelar informações para não se tornarem alvos de retaliação novamente. Por exemplo, Schirlei Alves, jornalista que publicou uma reportagem mostrando o constrangimento de uma vítima de violência sexual durante sua audiência do julgamento de estupro (Alves, 2020), foi processada nas esferas civil e criminal e chegou a ser condenada a um ano de prisão em regime aberto e R\$ 400 mil em indenizações ao juiz Rudson Marcos e ao promotor Thiago Carriço Oliveira, que atuaram no caso (Olliveira,

²³ O podcast *Vozes em Risco*, de minha autoria, faz parte da campanha #CompartilheInformação #CompartilheDemocracia, da ONG Artigo 19, e aborda as violências enfrentadas por jornalistas e comunicadores durante as eleições municipais de 2024. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2FdHhWmAhlDCBSu8LbIqVg?si=Y0W_4aTkQ36aOs15oupv8A&nd=1&dlsi=86f92d1336a7475e Acesso em 18 dez. de 2024.

2023). Alves ainda aguarda o resultado do recurso judicial, mas desde que descobriu que estava sendo processada, sofre com a intimidação:

E é um *modus operandi* que a gente tem visto assim com muita frequência e... eu me sinto intimidada, né? Tô sendo processada pelo juiz na comarca onde ele trabalha, né? Promotor também, então, com certeza eu me sinto intimidada, assim. Não é o mesmo peso, ainda mais quando o advogado deles é o ex-presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, que é uma pessoa influente, né? É... assusta. Intimida (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim).

No caso de Schirlei, que atua como jornalista independente, a ausência de vínculo empregatício poderia se tornar um agravante no episódio de assédio judicial, na medida em que o/a profissional deve utilizar de recursos próprios para contratar advogados e garantir sua proteção legal. Por sorte, a jornalista compartilhou que o *The Intercept Brasil*, veículo que publicou a reportagem, lhe fornece o suporte jurídico necessário.

Sobre este aspecto, cabe aqui notar a insuficiência de políticas de prevenção, proteção e enfrentamento à violência contra jornalistas e comunicadoras que corroboram para este cenário. O Brasil dispõe de um Programa de Proteção para Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas (PPDH), instituído por decreto em 2007 (BRASIL, 2007). Foi somente em 2018 que o programa passou a contemplar também jornalistas, comunicadores e ambientalistas no seu escopo, após a publicação de uma portaria que regulamenta o PPDH (BRASIL, 2018). No entanto, como aponta o relatório *Sob Risco: Como superar as falhas dos programas de proteção a jornalistas na América Latina*, produzido pela organização Repórteres Sem Fronteira, (2022), o programa possui inúmeras falhas, falta de estrutura, recursos e burocracia que impedem a sua eficácia.

Além disso, o PPDH tampouco prevê medidas específicas para tratar a violência de gênero e a violência sexual que atingem as mulheres jornalistas (Kebian, 2023). Diante dessa lacuna e do aumento dos casos de agressão, Jéssica Gustafson Costa (2023) observou que a *Red Internacional de Periodistas con Visión de Género* (RIPVG)²⁴, inicialmente criada para promover a perspectiva de gênero dentro do jornalismo, passou a exercer um papel de acolhimento de jornalistas vítimas de violência:

a atuação da RIPVG ganha novos contornos no sentido de contemplar essa grave demanda de acompanhamento, registro e mobilização. Frente a este cenário, a rede internacional passa a dedicar boa parte de sua atuação a uma série de ações que visam a denúncia dos casos, assim como a busca por estratégias de proteção. Uma comissão específica, chamada de comissão de

²⁴ Organização que tem início no México, mas se expande posteriormente para demais países da América Latina, incluindo o Brasil. <http://www.redinternacionaldeperiodistas.com/> Acesso em 12 mar. 2024.

alerta, é criada em 2009, para dar acompanhamento às agressões contra mulheres jornalistas. (Costa, 2023, p. 29)

Assim como a RIPVG, iniciativas como o Programa de Proteção Legal a Jornalistas²⁵ e o Programa Tim Lopes²⁶, da Abraji, e a Rede Nacional de Proteção de Jornalistas e Comunicadores²⁷, articulação formada pelas organizações Artigo 19, Instituto Vladimir Herzog, Repórteres Sem Fronteira, Associação Profissão Jornalista (APJ) e Intervozes, visam cobrir a demanda por proteção, frente à falta de atuação do Estado. Destaca-se que um dos grandes desafios do enfrentamento à violência contra jornalistas no Brasil consiste no fato do poder público, incluindo muitas das vezes o próprio chefe de Estado, como ocorreu no governo Bolsonaro, corresponde ao principal agente responsável pelas agressões.

Por outro lado, a maior parte das empresas de comunicação não demonstra grande preocupação com os atos e agressões que atingem a categoria, negligenciando a segurança de suas funcionárias e funcionários (Holton et al., 2021). Em entrevista à dissertação de João Paulo Saconi (2023), a presidente da Fenaj, Samira Castro, explicou que até a morte do cinegrafista Santiago Andrade, em 2014, poucas corporações de mídia adotavam Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para a cobertura das manifestações. Embora 80,3% dos 203 jornalistas ouvidos pela pesquisa (Saconi, 2023) tenham reportado seus respondentes sobre as ocorrências que foram vítimas, 33% considerou que não recebeu o apoio necessário para lidar com os casos. O mesmo é percebido pelas jornalistas que responderam à pesquisa *Mulheres no jornalismo brasileiro*: 46% afirmaram que suas empresas atuais não possuem canais para receber e responder a denúncias de assédio e discriminação de gênero (Mazzote; Toste, 2017).

Como consequência direta da falta de prevenção, proteção e enfrentamento, especialmente com perspectiva de gênero, observa-se um movimento de recuo por parte das vítimas. As agressões que se tornaram uma tônica dentro da profissão afetam as jornalistas não apenas a nível pessoal, mas implicam mutações em suas rotinas profissionais, podendo causar prejuízos à produção jornalística. Para compreender esse processo, recorreremos à abordagem teórica sobre memória, trauma e gênero utilizada para analisar as entrevistas conduzidas com as jornalistas, como veremos adiante.

Neste capítulo, buscamos contextualizar o fenômeno da violência contra as mulheres jornalistas brasileiras nos últimos anos, desde os processos político-sociais que promoveram

²⁵ <https://www.abraji.org.br/projetos/programa-de-protecao-legal-para-jornalistas> Acesso em 12 mar. 2024.

²⁶ <https://www.abraji.org.br/projetos/programa-tim-lopes> Acesso em 12 mar. 2024.

²⁷ <https://rededeprotecao.org.br/> Acesso em 12 mar. 2024.

mudanças na credibilidade percebida da imprensa ao avanço da desinformação e dos ataques digitais massivos orquestrados nas redes sociais digitais. Abordamos ainda como as hierarquias de gênero e raça perpetuam desigualdades dentro das redações jornalísticas e que se agravam em um momento de recrudescimento dos ataques à imprensa. Nesse contexto, tornou-se comum a manifestação do assédio de gênero, prática que utiliza atributos de gênero e sexualidade para desqualificar as profissionais, da violência digital, por meio de ataques massivos e coordenados nas redes, e do assédio judicial, que mobiliza uma série de ações coordenadas a fim de promover retaliações à prática jornalística de forma difusa.

A partir dessa contextualização da violência contra mulheres jornalistas no Brasil nos últimos anos, é possível perceber como os diferentes tipos de agressão – seja física, verbal, psicológica, digital ou judicial – se entrelaçam com as estruturas de gênero e raça, afetando de forma única as profissionais da imprensa. A fim de compreender os efeitos dessa violência, que não se limita a uma dimensão pessoal, na vida das mulheres jornalistas, é essencial adotar uma perspectiva que leve em consideração não apenas as formas de opressão sofridas, mas também como esses ataques se inscrevem na memória das vítimas, moldando a experiência das jornalistas a longo prazo. Assim, as entrevistas realizadas com as profissionais agredidas nos últimos anos oferecem uma chave de leitura para explorar os sentidos coletivos que as consequências psicológicas e profissionais dessas violências assumem, permitindo uma compreensão mais profunda das marcas deixadas por esses ataques em suas trajetórias. No próximo capítulo, detalho a trajetória percorrida para a escolha das jornalistas a serem entrevistadas, as contribuições proporcionadas pela história oral aos estudos de Jornalismo e da Comunicação, além de certos desdobramentos proporcionados pela afetação do processo dialógico das entrevistas.

3. A “arte da escuta” ou a riqueza epistemológica da história oral

A história relatada por uma testemunha ou por um participante que ninguém notou. Sim, é isso que me interessa, é isso que eu gostaria de transformar em literatura. Mas as pessoas que contavam não eram apenas testemunhas, menos que tudo testemunhas: eram atores e criadores. É impossível chegar muito perto da realidade, cara a cara. Entre a realidade e nós existem os nossos sentimentos. Entendo que estou lidando com versões, cada um tem a sua, e delas, do volume e do cruzamento delas, nasce a imagem do tempo e das pessoas que vivem nele. (Aleksiévitch, 2016, p. 18)

No trecho acima retirado do livro *A guerra não tem rosto de mulher*, a escritora russa Svetlana Aleksiévitch (2016) relata algumas das suas observações após começar a entrevistar mulheres que tinham participado da Segunda Guerra Mundial. Ela escolheu entrevistá-las instigada sobre a versão das mulheres em um período no qual os relatos a respeito da guerra que tinha acesso eram sempre contados por homens, a partir de uma perspectiva masculina. Aleksiévitch percebe que mais do que relatar os fatos que testemunharam, as entrevistas eram verdadeiros processos de criação de histórias. Não eram apenas relatos sobre as atrocidades do *front*, mas histórias de amor, histórias sobre dificuldades, histórias de vida. A forma como a memória apreende os fatos vividos trazia uma marca de cada uma das entrevistadas ao narrarem suas lembranças sobre uma época que não existe mais.

Processo semelhante buscamos percorrer durante este trabalho, desde o seu recorte, ao optar trabalhar exclusivamente com mulheres jornalistas, mas também por meio da condução das entrevistas individuais com as profissionais. Nosso interesse não se ateve aos relatos das violências que enfrentaram (em outras palavras, à simples coleta de dados), mas se expandiu a fim de compreender como elas, no tempo presente, rememoram estes acontecimentos, no tempo passado, que julgamos eventos traumáticos, aspecto que será abordado no capítulo seguinte. Aqui, me dedico à explicitação dos passos metodológicos tomados durante as entrevistas.

Em primeiro lugar, detalho o percurso adotado para a seleção das jornalistas participantes, desde o levantamento de dados dos relatórios da Fenaj aos cuidados éticos tomados para propor os convites às entrevistadas. Elaborei a “Radiografia da violência contra mulheres jornalistas (2019-2023)”, na qual apresento, a partir da análise do levantamento realizado, os principais indicadores sobre as mulheres jornalistas brasileiras que foram vítimas de violência durante a profissão nesse período, que guiaram a escolha das participantes. Em seguida, trago o perfil de cada uma das jornalistas entrevistadas e

apresento, além dos dados demográficos, suas trajetórias profissionais e os episódios de violência que me fizeram chegar até elas.

As jornalistas participantes desta pesquisa são mulheres cisgênero e transgênero; brancas, pardas e negras; jornalistas mais experientes e mais novatas na profissão; celetistas e autônomas. Nasceram, moram e trabalham em diferentes cidades brasileiras, em capitais e cidades do interior, nas cinco regiões do país. Trabalham e/ou trabalharam em veículos de rádio, impresso, digital e TV; mídias hegemônicas, independentes e comunitárias; veículos com perspectiva de gênero e até mais conservadores. Assim, embora compartilhem o fato de serem mulheres, jornalistas e de terem sido vítimas de violência, suas trajetórias são singulares e aspectos como raça/etnia, sexualidade, identidade de gênero, local onde atuam e contrato de trabalho se mostraram decisivos no desdobramento das agressões vivenciadas.

Orientada pela abordagem da história oral, que pressupõe o uso de fontes orais como forma de investigação, conduzi entrevistas individuais com oito mulheres jornalistas brasileiras que foram vítimas de violência entre 2019 e 2023. Em seus testemunhos, nos atentamos a forma como rememoram tais acontecimentos – algumas de maneira clara e nítida, outras já se esqueceram de alguns detalhes, ou, mais precisamente, nunca tiveram a intenção de recordar certas informações devido ao impacto da experiência vivida. Trabalhando com histórias temáticas de mulheres jornalistas sobre os episódios de violência desencadeados devido à atuação profissional, no cruzamento de seus relatos — que se aproximam e se afastam em diversos aspectos —, encontramos um registro de um tempo e a percepção das mulheres da categoria sobre ele.

Assim, os encontros entre eu e minhas entrevistadas, marcados pela desafiadora rememoração de experiências traumáticas, se tornam fundamentais para este projeto. Por meio desses encontros, apenas com *olho no olho*, que algumas delas se sentiram suficientemente confortáveis para falar e, por esta razão, optei por realizar todas as entrevistas de maneira presencial. Nessa troca dialógica, entre o passado traumático experienciado e o momento presente em que se rememora, se encontram os afetos; o tom de voz embargado, as hesitações, os gestos e expressões usados para representar aquilo que pode ter se tornado irrepresentável. A partir de Favret-Saada (2005) e Moriceau (2020), compartilho algumas reflexões sobre como os afetos que mediaram as minhas interações com as jornalistas durante a pesquisa de campo podem ser frutíferos para a construção de conhecimento na pesquisa acadêmica.

3.1 A trajetória das escolhas

Ao optar por trabalhar com relatos colhidos em entrevistas aprofundadas com mulheres jornalistas, o primeiro passo consistiu na escolha das entrevistadas. Desde a graduação, quando comecei a pesquisar este tema, tomei conhecimento de episódios emblemáticos de violência que ocorreram com profissionais da imprensa, muitas, inclusive, que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente em eventos de Jornalismo. Embora tivesse em mente alguns nomes, reconhecia que meu universo era limitado e precisava encontrar alguma estratégia para alcançar aqueles casos mais ordinários que não haviam ganhado a repercussão por parte da imprensa hegemônica – seja por se tratarem de ocorrências em veículos locais de pequenas e médias cidades, seja pela subnotificação dos casos. Não me limitar a esse universo de nomes mais conhecidos dentro do jornalismo era um critério importante a fim de contemplar uma amostra diversa e mais representativa à realidade da categoria.

Uma possibilidade pensada foi lançar um questionário *online* e tentar divulgá-lo por meio dos meus contatos, repassá-los a organizações da sociedade civil e entidades de classe e tentar ampliar a quantidade de respostas – estratégia conhecida como bola de neve. Ainda assim, não havia garantia que eu fosse conseguir capilarizar a coleta de dados, pois muitas das vezes este tipo de questionário circula entre os mesmos grupos, os mesmos lugares, fornecendo as mesmas respostas. Eu mesma já havia respondido a cerca de três questionários sobre violência contra jornalistas durante o primeiro ano de mestrado. Assim, me surgia uma nova questão: a coleta de dados já existe – diversas pesquisas, levantamentos e relatórios tinham sido feitos – era necessário encontrar essas respostas.

Primeiro, recorri aos relatórios da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), organização que é responsável por alguns projetos sobre a temática no Brasil. Um deles é o Monitoramento de ataques a jornalistas, realizado em parceria com o Instituto Voces del Sur, que resultou na publicação dos Relatórios Sombras (Voces del Sur, 2022; 2023) e retrata o panorama da violência contra a categoria na América Latina, a partir de uma perspectiva comparativa. Em 2022, sob o escopo deste mesmo projeto, a Abraji lançou pela primeira vez o Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil, um relatório detalhado sobre o panorama brasileiro, trazendo dados específicos como o gênero, o perfil etnográfico das vítimas, a editoria para qual elas estavam cobrindo no momento dos ataques, o tipo de agressão, os principais veículos atacados, a presença de discursos estigmatizantes, além do

cruzamento de dados e recomendações para prevenção da violência. O que me chamou atenção foi também a quantidade de ocorrências – foram registrados 557 alertas de violações à liberdade de imprensa no país em 2022 (Abraji, 2023, p. 6), número 48% maior que as 376 ocorrências relatadas pela Fenaj no mesmo ano.

Outra importante iniciativa feita pela Abraji, com apoio do *Global Media Defense Fund* da UNESCO, é o Monitoramento da violência de gênero contra jornalistas (Abraji, 2022), que aborda especificamente as agressões e ataques ocorridos contra mulheres da imprensa no Brasil e identifica o uso de discursos estigmatizantes para atacá-las. Neste projeto, a Abraji inclui ainda a categorização dos ataques considerados assédio de gênero, se apropriando da terminologia em língua inglesa *gender trolling* ou *gender harassment* (Chen et al., 2018; Koirala, 2020), para designar aqueles ataques discursos estigmatizantes que se baseiam em atributos de gênero ou sexualidade para desqualificar as vítimas.

De acordo com a Abraji, tanto homens quanto mulheres podem ser vítimas do assédio de gênero, embora este tipo de violência atinja mulheres com mais frequência. “Se um jornalista homem é chamado de “afeminado” ou “gay”, com o fim de insultá-lo, o caso é considerado um ataque homofóbico e se encaixa na definição” (Abraji, 2022, p. 11). Ainda que nem todos os ataques virtuais contra mulheres jornalistas sejam assédios de gênero, este tipo representa uma parcela significativa dos ataques digitais. Segundo o monitoramento realizado pela Abraji (2022), os assédios de gênero estiveram presentes em 23,3% dos ataques contra mulheres jornalistas durante o ano de 2021.

Apesar da complexidade e riqueza de detalhes apresentadas pelos relatórios da associação, incluindo a perspectiva de gênero que adotamos também neste estudo, os documentos não trazem informações qualitativas sobre as ocorrências, apenas quantitativas. Em outras palavras, não é possível acessar quem são as vítimas, escolha adotada, possivelmente, a fim de preservar as suas identidades. Com isso, foi preciso recorrer a outras fontes de pesquisa, neste caso, os relatórios de Violência e Liberdade de Expressão elaborados pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

Desde 1998, a Fenaj passou a contabilizar as ocorrências contra a categoria e ataques generalizados à imprensa e publicar os resultados desse levantamento anualmente. Os primeiros relatórios davam conta apenas dos casos mais graves, como os assassinatos e atentatos, mas, com o passar dos anos, a entidade começou a incluir outros tipos de agressão. Por exemplo, nas edições mais recentes, foram incorporados os inúmeros ataques *online*,

diante da proeminência do meio digital para este fim. Já no relatório referente ao ano de 2023 (Fenaj, 2024), pela primeira vez, foram registrados episódios de transfobia²⁸.

O diagnóstico da organização é um pouco mais sucinto do que aquele realizado pela Abraji. A coleta dos dados é feita a partir de denúncias reportadas à federação ou a um dos Sindicatos de Jornalistas, feitas pelas próprias vítimas da violência ou por outros jornalistas. Soma-se ao levantamento, o monitoramento de ocorrências publicadas por veículos de mídia, que também são contabilizadas no relatório. A Fenaj apresenta a quantidade total de casos e traz recortes por região e estado, por tipo de violência, por tipo de mídia, pelos agressores e por gênero. No entanto, ao apresentar os dados sobre violência contra jornalistas por gênero, o documento não se aprofunda nas características das violências que se manifestam contra homens e mulheres. Segundo a edição do relatório referente ao ano de 2023 (Fenaj, 2024, p. 11):

Como em toda a série histórica dos Relatórios da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil, em 2023, os profissionais do sexo masculino foram maioria entre as vítimas de violência em decorrência do exercício profissional. Do total de vítimas, 179 foram do sexo masculino [sic] e, 66, do sexo feminino [sic]. Em porcentagem, 68,32% das vítimas foram homens e, 25,19%, mulheres. Em 17 casos (6,49%), não foi possível a identificação de gênero.

O fato de haver mais registros contra profissionais do gênero masculino pode ser explicado devido a uma distribuição desproporcional na divisão sexual do trabalho, uma vez que as editorias que costumam mobilizar um maior número de agressões, como política e segurança pública (Abraji, 2023; Waisbord, 2020), são também aquelas ocupadas majoritariamente por homens. Cabe ainda dizer que, quando olhamos para algumas tendências específicas de violência, como é o caso da violência *online*, diversos levantamentos (Posetti et. al, 2022; RSF; ITS, 2018; CDJor, 2024) apontam um cenário reverso, no qual as mulheres jornalistas estão entre as principais vítimas.

Ainda assim, o menor número de ocorrências contra as mulheres jornalistas em uma análise geral não significa que elas estejam imunes à violência durante a profissão, como vimos no capítulo anterior. Frutos (2016) explica que as mulheres jornalistas estão sujeitas a uma dupla insegurança: devido ao risco da profissão e ao risco de ser mulher, condição que as torna vítimas da violência de gênero. Há também que considerar as taxas de subnotificação, especialmente se tratando em episódios de violência de gênero e assédio sexual, nos quais é comum que as vítimas deixem de denunciar.

²⁸ Episódios de transfobia contra jornalistas já haviam ocorrido antes, inclusive com Alana Rocha, uma das nossas entrevistadas, mas este tipo de violência não era categorizado pela entidade.

Como demonstra Aimée Vega Montiel (2019), apesar da gravidade da violência enfrentada por mulheres jornalistas, que frequentemente decorre da própria estrutura da violência de gênero, este cenário muitas vezes é negligenciado e ofuscado diante do aumento dos assassinatos e atos de violência contra jornalistas homens. No México, até 2012, o governo não fazia nenhuma distinção de gênero ao divulgar dados sobre agressões contra jornalistas no país. O cenário mudou após a promulgação da *Ley para la Protección de Personas Defensoras de Derechos Humanos y Periodistas*²⁹ (México, 2012), que passou a exigir que as ocorrências contra jornalistas no país fossem publicadas anualmente em relatórios com os casos por gênero desagregados. Isso também levou organizações como a *Comunicación e Información de la Mujer* (CIMAC) e a *Red Internacional de Periodistas con Visión de Género* (RIPVG) passarem a levantar dados próprios sobre as agressões contra mulheres jornalistas (CIMAC, 2012), incluindo casos de feminicídio e outras violências até então invisibilizadas.

Somado ao gênero, determinadas condições também interferem em menor ou maior grau de exposição à violência que mulheres jornalistas podem se tornar vítimas, como raça/etnia, orientação sexual, identidade de gênero, religião ou crença, entre outros. Neste sentido, o conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (1989) torna-se valioso para pensar como dois ou mais eixos de subordinação podem se sobrepor interpelando a experiência de vida de um indivíduo. Este aspecto foi observado em casos como a trajetória da jornalista Renata Cristiane, cujo racismo, sexismo e a homofobia, se inter cruzam na manifestação da violência:

“Essa macaca sapatona tem que parar de se meter na nossa vida” [...] As pessoas, quando elas perdem a razão, que elas veem que eu estou instrumentalizada, que eu tenho consciência de classe, racial, que eu sei quem eu sou no meu tempo e espaço, aí elas... perdem a linha e rebaixam a discussão, se utilizando de estratégias de racismo, de misoginia, de homofobia. Porque ela sabe que esse xingamento descompensa quem é as chamadas as maiorias minorizadas. (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim)

Diante disso, optamos por uma análise que 1) tenha como objeto específico as mulheres jornalistas a fim de se aprofundar nos efeitos da violência a partir de uma perspectiva de gênero; 2) leve em consideração também outras condições que possam interpelar na experiência das vítimas. Por isso, se fez necessário buscar uma base de dados mais ampla na qual pudéssemos explorar casos diversos de cada uma das suas trajetórias.

²⁹ Tradução minha: Lei para Proteção de Pessoas Defensoras de Direitos Humanos e Jornalistas.

Apesar da insuficiência da abordagem dos relatórios da Fenaj, estes trazem ao final do documento um breve relato das ocorrências registradas naquele ano, contendo informações como nome da vítima (em alguns casos, é ocultado), veículo para qual trabalha, agressor, tipo de violência, data e local da ocorrência. Por este motivo, os relatórios foram escolhidos como fonte para realizar o levantamento dos episódios de violência ocorridos contra mulheres jornalistas no Brasil.

O recorte temporal escolhido foi de cinco anos – de 2019 a 2023, tendo como marco o primeiro ano de governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Segundo o diagnóstico de diferentes organizações (Abraji, 2023; Artigo 19, 2022; Fenaj, 2023) e também de pesquisas acadêmicas (Almeida, 2022; Jung, 2021; Rios, 2021; Saconi, 2023), há um agravamento nos episódios de violência contra a categoria após a eleição do ex-presidente, especialmente a partir de 2020, com a pandemia da Covid-19. Assim, optamos por incluir os casos que ocorreram durante o seu mandato, estendendo-se até o ano consecutivo, quando ocorreram uma série de ataques a jornalistas relacionados aos atos antidemocráticos do 8 de janeiro. Segundo o relatório Violência contra jornalistas e liberdade de expressão da Fenaj (2024), em 2023 houve uma queda em mais de 50% nos ataques a jornalistas no Brasil na comparação a 2022, mas o número de registros permaneceu superior à quantidade de casos antes da eleição de Bolsonaro.

3.1.1 Radiografia da violência contra mulheres jornalistas (2019-2023)

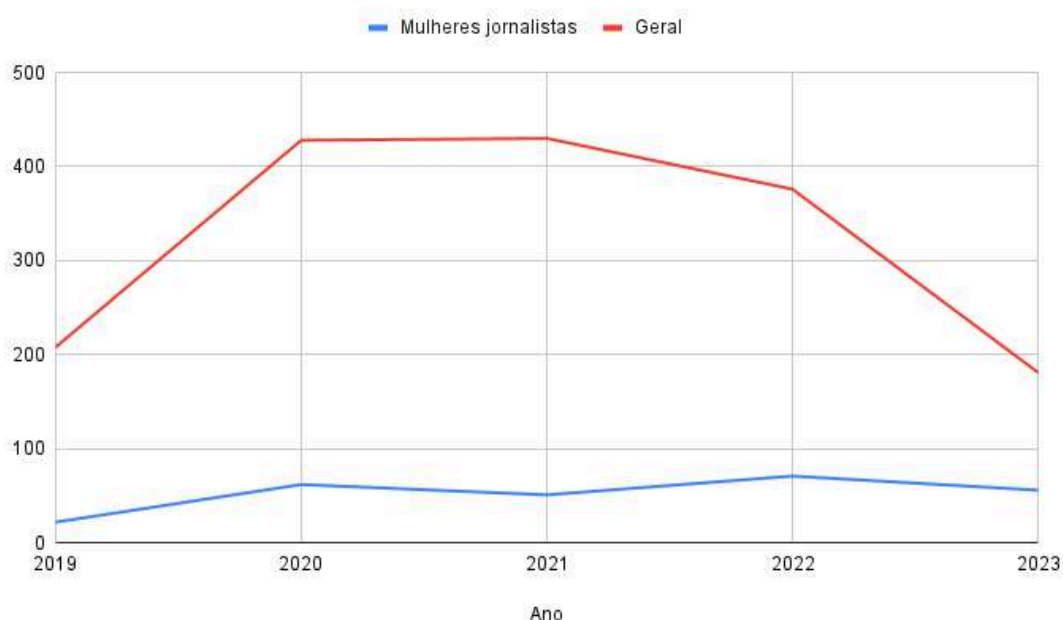
Ao realizar o levantamento com base nos relatórios da Fenaj (2020; 2021; 2022; 2023; 2024) foi possível ter acesso a um panorama geral do cenário de violência contra as mulheres jornalistas. Foram encontrados 262 episódios de violência ao longo dos cinco anos analisados. Consideraram-se todos os episódios que ocorreram contra mulheres, cisgênero ou transgênero, cujas identidades das vítimas foram ou não preservadas e cujos casos foram registrados em ocorrências individuais ou coletivas. Ou seja, se uma repórter e um cinegrafista foram agredidos juntos, o registro também foi considerado. Não foram incluídos apenas os casos cujo gênero da vítima não foi identificado.

O ano de 2022 concentrou o maior número de episódios, 71 casos; já o ano de 2019 foi o que teve o menor número de registros, com 22 casos. Em 35,4% dos casos totais, foram registrados mais de um tipo de violência em uma mesma ocorrência, apontando o forte

predomínio da intersecção entre as agressões. Em um único caso, foram registrados quatro tipos de violência. Além disso, houve casos de jornalistas que apareceram mais de uma vez no levantamento, uma vez que foram vítimas de diferentes ocorrências.

Quando comparamos os registros de violência contra mulheres jornalistas e os registros gerais contra toda a categoria concentrados pela Fenaj (fig. 1), percebe-se que os índices de violência contra as profissionais da imprensa se mantiveram estáveis ao longo dos anos analisados. Enquanto os casos gerais tiveram uma queda de mais de 50% entre 2022 e 2023; para as mulheres jornalistas, a redução foi de apenas 21,1% e o número de ocorrências permaneceu mais elevado do que em 2019.

Figura 1 – Ocorrências contra jornalistas ao longo dos anos



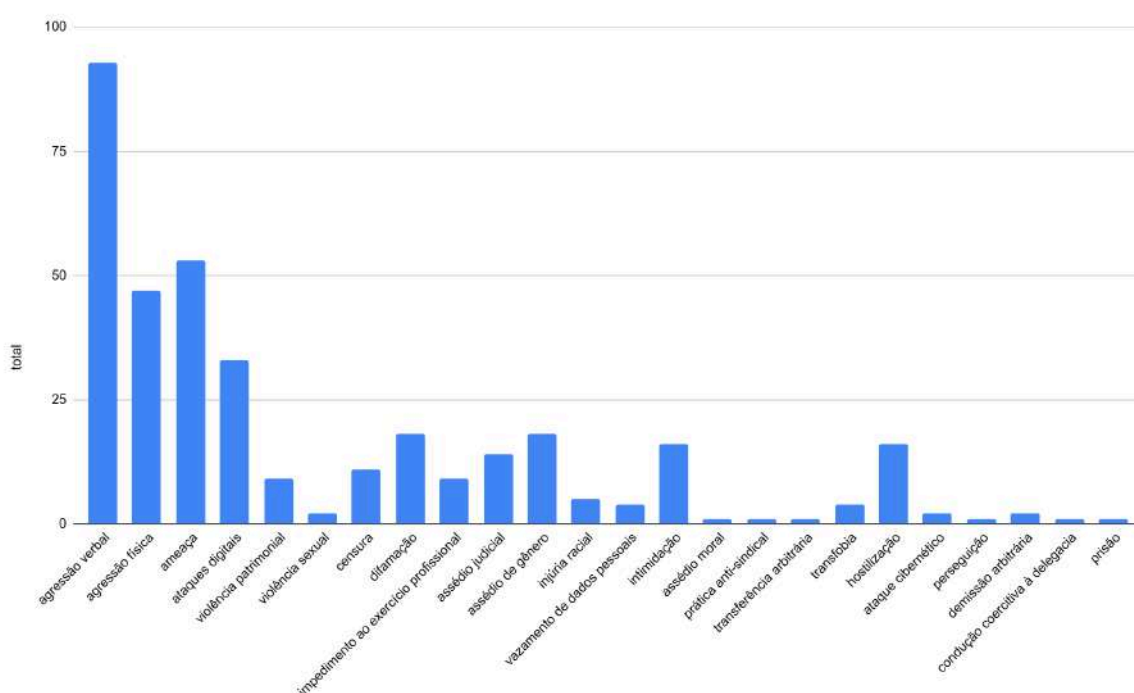
Fonte: Elaboração própria

Em alguns casos coletados, além da tipologia da violência atribuída pela entidade, acrescentamos outros valores. Por exemplo, nos casos em que as vítimas foram hostilizadas com atributos machistas ou misóginos, categorizamos estes ataques como “assédio de gênero”; quando houve abuso de processos ou decisões judiciais, incluímos “assédio judicial”; já no caso da exposição não consensual de informações pessoais, incluímos “vazamento de dados pessoais”, terminologias que não foram incluídas preliminarmente pela entidade.

No gráfico abaixo (fig. 2), é possível visualizar os principais tipos de agressões às mulheres jornalistas no referido período no Brasil. Percebe-se que as agressões verbais

(25,7%), seguida das ameaças (14,6%) e das agressões físicas (13%) constituem as expressões da violência mais frequentes. Também tiveram destaque os ataques digitais (9,1%), confirmando o papel do ambiente *online* para promoção do discurso de ódio contra as profissionais, o assédio de gênero (5%) e a difamação (5%).

Figura 2 – Tipos de violência contra mulheres jornalistas



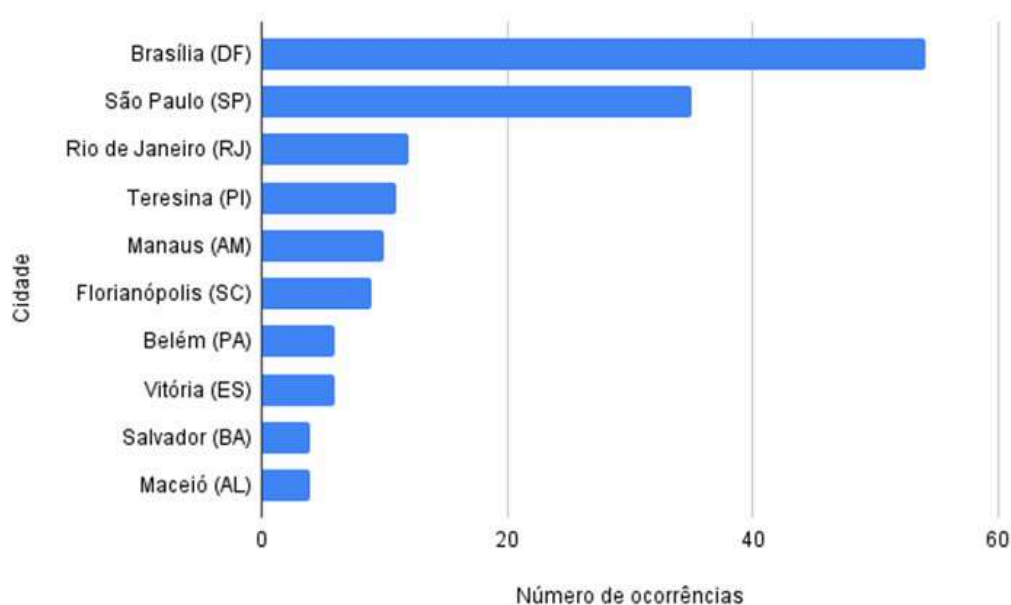
Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito ao local das ocorrências, observou-se uma predominância dos casos em Brasília (DF), representando 21% do total dos registros. Em seguida, aparecem as cidades de São Paulo (SP), com 13,6%; Rio de Janeiro (RJ), com 4,6%; Teresina (PI), com 4,2%; Manaus (AM), com 3,8%; Florianópolis (SC), com 3,4%; Belém (PA), com 2,3%, Vitória (ES), com 2,3% e, por fim, Maceió (AL), com 1,5%. As demais cidades, que registraram entre uma a duas ocorrências, representaram 42% dos casos.

A maior incidência da violência no Distrito Federal se deve à conjuntura política e ao fato de que, como veremos a seguir, os políticos foram os principais agressores contra mulheres jornalistas, com destaque para atuação do ex-presidente Jair Bolsonaro. Vale lembrar que os episódios de ataques digitais cujos agressores foram deputados federais ou representantes do Governo Federal também foram registrados com a localização em Brasília

(DF), o que corroborou para o predomínio das ocorrências nesta localidade. As cidades de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), respectivamente, aparecem como segundo e terceiro local com maior incidência, possivelmente devido à concentração de grandes veículos, especialmente emissoras, nessas duas cidades. Chama a atenção a variedade dos demais locais entre as 10 principais cidades que registraram ocorrências, com capitais do Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do país.

Figura 3 – Locais das ocorrências contra mulheres jornalistas

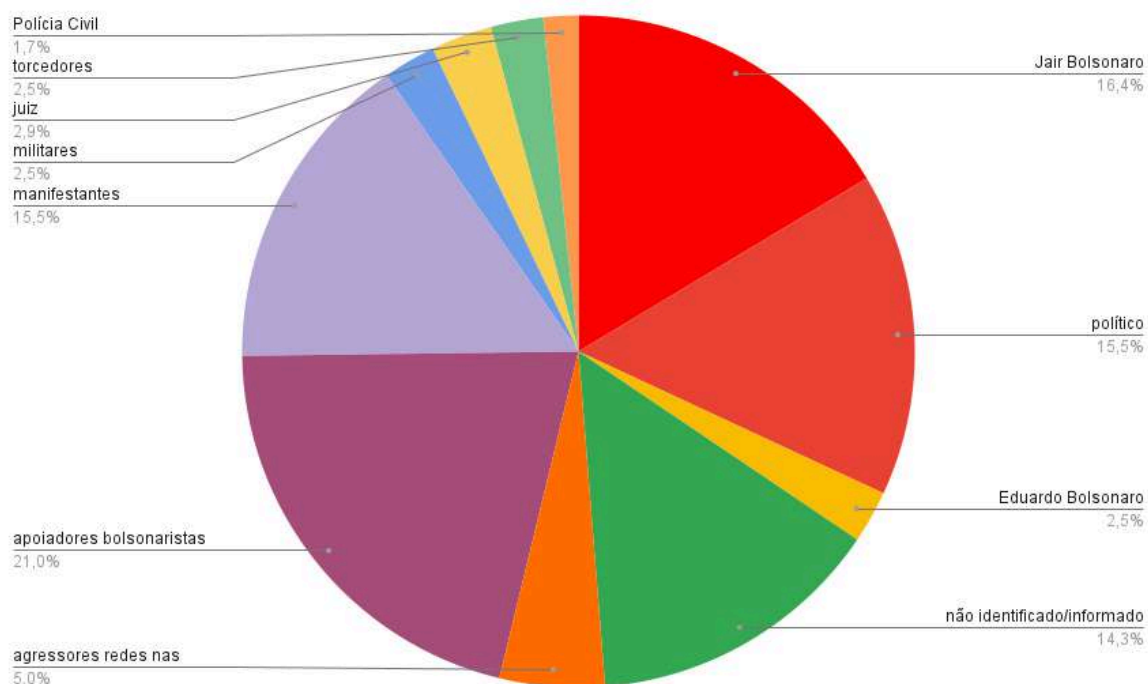


Fonte: Elaboração própria

Assim como no somatório de ocorrências entre jornalistas de todos os gêneros, os políticos foram os principais autores dos ataques contra as profissionais da imprensa, responsáveis por 34,5% das agressões. Foram considerados “políticos” todos os registros perpetrados por prefeitos/as, vereadores/as, governadores/as, deputados/as estaduais e federais, secretários/as, ministros/as e presidente da República. Dentre os políticos, destaca-se o papel do ex-presidente Jair Bolsonaro, responsável por 16,4% dos ataques, e do seu filho, Eduardo Bolsonaro, que proferiu 2,5% das agressões. Além dos políticos, tiveram papel expressivo os apoiadores bolsonaristas (21%), manifestantes (15,5%) e os agressores nas redes sociais (5%). Com menor expressão, apareceram juízes (2,9%), militares (2,5%), torcedores (2,5%) e a Polícia Civil (1,7%). Casos em que não foram identificados e/ou informados os autores somaram 14,3%.

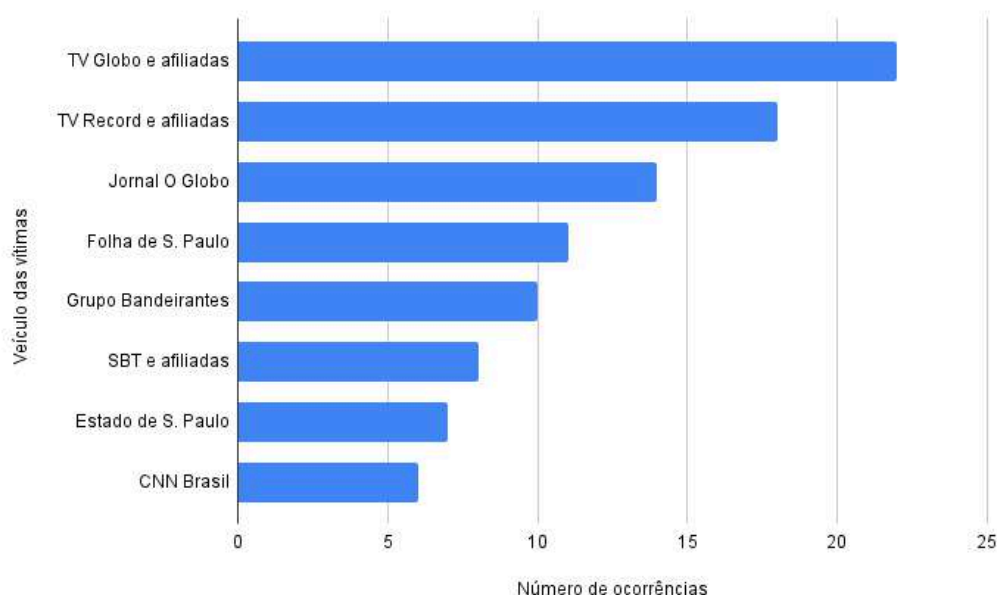
Observa-se que o bolsonarismo (total de ocorrências promovidas por Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro e apoiadores bolsonaristas) representou 39,9% das agressões contra mulheres jornalistas entre 2019 e 2023. Destaca-se também o papel dos torcedores, que frequentemente estiveram envolvidos em episódios de assédio sexual durante a cobertura esportiva, expressão característica da violência contra mulheres jornalistas.

Figura 4 – Autores das agressões contra mulheres jornalistas



Fonte: Elaboração própria

Por fim, com o levantamento, foi possível identificar também quais foram os principais veículos de mídia para os quais as vítimas violentadas trabalhavam (fig.5). Em primeiro lugar, apareceu a *TV Globo* e suas afiliadas (22,6%), seguida pela *TV Record* e afiliadas (18,8%), jornal *O Globo* (14,6%), *Folha de S. Paulo* (11,5%), *Grupo Bandeirantes de Comunicação*, que inclui a *TV Band*, suas afiliadas e a rádio *Band News FM* (10,4%), o *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT) e suas afiliadas (8,3%), o jornal *O Estado de S. Paulo* (7,3%) e a *CNN Brasil* (6,3%).

Figura 5 – Principais veículos das vítimas agredidas

Fonte: Elaboração própria.

A maior incidência dos grandes veículos de imprensa, especialmente de emissoras de televisão, pode ser explicada devido à abrangência dessas empresas de comunicação no país. O *Media Ownership Monitor*³⁰, projeto da organização Repórteres Sem Fronteiras e do Instituto Intermédios que mapeia os donos de mídia no Brasil, constatou que 26 grupos são proprietários de 50 meios de comunicação de maior relevância no país, sendo nove pertencentes ao *Grupo Globo*, cinco ao *Grupo Bandeirantes* e cinco à família Macedo (considerando o *Grupo Record* e a Igreja Universal do Reino de Deus, do mesmo proprietário). Além disso, algumas das jornalistas trabalham para mais de um desses veículos concomitantemente, como a jornalista Miriam Leitão, que é comentarista na *TV Globo*, na rádio *CBN* e colunista no jornal *O Globo*, o que corroborou para o aparecimento desses veículos mais de uma vez na coleta de dados.

Tendo em vista a concentração dos meios de comunicação no Brasil, não utilizamos o critério dos veículos mais atingidos para selecionar nossas participantes. Segundo o relatório global de liberdade de expressão 2019-2021 da ONG Artigo 19 (2021), jornalistas que atuam nas pequenas e médias cidades, afastadas dos grandes centros urbanos e com atuação em mídias locais são os mais atingidos. São muitas vezes esses e essas comunicadores/as que, por

³⁰ Disponível em: <https://www.mom-gmr.org/> Acesso em 09 abr. 2024.

meio de sofrer represálias, deixam de tornar públicas suas denúncias, enfrentam dificuldades de acesso à denúncia, proteção e têm suas violências invisibilizadas, o que contribui para a subnotificação de casos.

3.2 Perfil das jornalistas selecionadas

Como os relatórios da Fenaj trazem uma breve descrição das ocorrências, conseguimos ter acesso a informações relevantes que nortearam a seleção do *corpus* de análise. Devido à limitação de tempo do mestrado, estipulamos uma amostra limitada entre seis a dez jornalistas para participação na presente pesquisa.

Em primeiro lugar, separamos aqueles casos cuja descrição dos relatórios da Fenaj sugeriram mudanças nas condutas jornalísticas, como tornar privados os perfis nas redes sociais, afastar-se da profissão, solicitar medidas protetivas à Justiça e trocar de funções dentro da profissão. Em seguida, a partir de uma breve pesquisa exploratória, buscamos registros de reportagens nas quais aquelas jornalistas haviam falado publicamente sobre os episódios de violência enfrentados, a fim de obter um entendimento prévio mais aprofundado do contexto das agressões. Nesse percurso, observou-se que muitas das jornalistas não estavam mais nos veículos onde trabalhavam e que algumas haviam, inclusive, mudado de cidade.

Outro fator considerado para o afinilamento do grupo de jornalistas entrevistadas foi a possibilidade de realizar as entrevistas presencialmente. Considerando as limitações de tempo e recursos do projeto, optamos por escolher jornalistas cujas entrevistas poderiam ser feitas nas cidades do estado do Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília, mas isso não significa que nossa amostra se restringiu a profissionais desses três estados. A fim de contemplar a diversidade regional, selecionamos também jornalistas cujos episódios de violência foram registrados em cidades de outros estados, mas que atualmente residem em algum desses locais³¹ ou em que houve a possibilidade de entrevistá-las durante a realização de congressos e eventos³².

³¹ Foi o caso de Sália Barreto, jornalista piauiense, que mora hoje em Brasília (DF) e Ívina Garcia, jornalista manauara, que atualmente reside em São Paulo (SP).

³² As entrevistas com as jornalistas Schirlei Alves, que mora em Florianópolis (SC), e Alana Rocha, de Riachão do Jacuípe (BA), foram feitas durante o 19º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Abraji, realizado entre os dias 11 e 14 de julho de 2024, em São Paulo (SP).

Por fim, chegamos a uma amostra de oito jornalistas: Schirlei Alves, à época repórter *freelancer* para o *The Intercept Brasil*, que reside em Florianópolis (SC); Alana Rocha, repórter da rádio *Gazeta FM*, em Riachão do Jacuípe (BA); Ívina Garcia, à época da revista *Cenarium*, em Manaus (AM); Sávia Barreto, à época da *Rede Meio Norte*, em Teresina (PI); Vanessa Lippelt, à época repórter do *Congresso em Foco*, em Brasília (DF); Renata Cristiane, fundadora do portal *RC24H*, em Cabo Frio (RJ); Helena Bertho, cofundadora da revista *Azmina*, e Amanda Klein, apresentadora da *Jovem Pan*, ambas em São Paulo (SP).

Assim, foram selecionadas jornalistas de televisão (Sávia e Amanda), impresso/digital (Schirlei, Renata, Ívina, Helena e Vanessa) e de rádio (Alana, Amanda e Renata). Além disso, há profissionais que pertencem a veículos de linhas editoriais distintas (revista *Azmina* e *Jovem Pan*, por exemplo), com influência local (*RC24H* e rádio *Gazeta FM*) ou abrangência nacional (*The Intercept Brasil* e *Jovem Pan*) e ainda com cobertura especializada (*Congresso em Foco* e *Azmina*). Já no que diz respeito aos atos de violência, houve registros tanto em grandes metrópoles (São Paulo e Brasília), como em capitais de menor porte (Teresina, Manaus e Florianópolis) e em cidades do interior (Cabo Frio e Riachão do Jacuípe), contemplando, as cinco regiões do país. Quanto aos tipos de violência, foram incluídas as agressões verbais, intimidações, assédio judicial, ataques digitais, assédio de gênero, ameaças, violência física e violência patrimonial.

Tabela 1 – Jornalistas entrevistadas

Jornalista	Veículo	Tipo de violência
Alana Rocha	Gazeta FM	agressão verbal; transfobia, ameaça, intimidação, violência patrimonial; violência física
Amanda Klein	Jovem Pan	agressão verbal; assédio de gênero; ataques digitais
Ívina Garcia	Revista Cenarium	ataques digitais; assédio de gênero
Helena Bertho	Revista Azmina	ameaças; ataques digitais; vazamento de dados pessoais
Sávia Barreto	Rede Meio Norte	agressão verbal; assédio de gênero; ataques digitais
Schirlei Alves	freelancer/The Intercept Brasil	ataques digitais; assédio de gênero; ameaça; assédio judicial
Renata Cristiane	RC24H	agressão verbal; ameaça; intimidação; assédio de gênero; racismo; ataques

		digitais
Vanessa Lippelt	Congresso em Foco	ameaças; assédio de gênero; ataques digitais

Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 – Mapa dos locais das ocorrências



Fonte: Elaboração própria a partir do MyMaps³³

No que diz respeito aos dados demográficos, as jornalistas em questão têm idade entre 27 e 53 anos; se identificam como mulher cisgênero (6), mulher transgênero (1) e pessoa não-binária³⁴(1); se declararam heterossexuais (5), homossexuais (2) e pansexual (1), se

³³ Mymaps é uma ferramenta do Google, que permite a criação de mapas para facilitar a visualização de dados georreferenciados. O mapa interativo em questão pode ser acessado pelo link: https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=1QetqI_1xYErJbJHqs7QRPvgsgztZRuw&usp=sharing Acesso em 23 dez. 2024.

³⁴ Pessoas não-binárias não se identificam nem com o gênero masculino, nem com o gênero feminino.

identificam como brancas (4), pardas (3) e preta (1), são solteiras (3) e casadas/possuem união estável (5); três delas são mães e quatro não têm filhos.

As entrevistas foram feitas entre os dias 12 de julho e 20 de setembro de 2024, nas cidades de São Paulo (SP), Brasília (DF) e Cabo Frio (RJ). Com a devida autorização das participantes, as entrevistas foram registradas em áudio e vídeo e, posteriormente, foram transcritas³⁵. Todas as jornalistas que participaram da pesquisa autorizaram serem identificadas no projeto.

Abaixo, apresento uma breve apresentação das jornalistas entrevistadas e contextualizo as violências que elas enfrentaram:

a) Schirlei Alves – *freelancer/The Intercept Brasil*

Schirlei Alves tem 36 anos, é uma mulher branca, cisgênero e heterossexual. Nascida em Joinville, em Santa Catarina, atualmente mora em Florianópolis (SC). Durante sua carreira, Schirlei passou por veículos como *TV da Cidade*, *A Notícia*, *Diário Gaúcho*, *Diário Catarinense* e *ND*. Nos últimos anos, vem atuando como jornalista *freelancer* e colaborando com pautas para veículos como *The Intercept Brasil*, *Gênero e Número* e *Portal Catarinas*. Ao longo de sua trajetória, Schirlei se especializou na cobertura sobre Direitos Humanos e violência de gênero, sendo a mais marcante delas sobre o caso Mariana Ferrer (Alves, 2020).

Em 2018, Mariana Ferrer, uma jovem influenciadora à época de 21 anos, denunciou ter sido estuprada durante uma festa em um clube de Florianópolis, mesmo sem se lembrar quem foi o agressor. O exame de corpo e delito detectou a presença de espermatozoides na roupa da jovem e o rompimento do hímen dela, que até então era virgem. Após investigações, a Polícia Civil chegou ao nome de um empresário do ramo esportivo e indiciou André Camargo Aranha. Ele foi visto em câmeras de segurança do evento acompanhando Mariana enquanto a jovem aparentava estar sob efeito de drogas, em direção a um camarim privado do clube.

Em reportagem para o *The Intercept Brasil*, Schirlei Alves revelou a humilhação e o constrangimento enfrentados por Mariana durante a audiência de julgamento do estupro. A repórter foi responsável por cunhar o termo “estupro culposo”, denunciando a linha argumentativa da defesa de acusação que buscou condenar a vítima de violência sexual por seu comportamento “provocativo” e “inadequado” para uma mulher, apresentando fotos que ela publicou em suas redes sociais consideradas “sensuais” (Alves, 2020). Trechos do julgamento do caso Mariana Ferrer foram publicados pela reportagem do *The Intercept Brasil*

³⁵ A transcrição completa das entrevistas está disponível nos anexos da dissertação.

e expuseram a violência psicológica que a vítima enfrentou durante a audiência, sem que o juiz Rudson Marcos, da 3ª Vara Criminal de Florianópolis tivesse intervido corretamente.

O trabalho da jornalista ajudou a dar visibilidade nacional ao caso e aumentou a discussão sobre consentimento nas redes sociais digitais. Uma semana após o julgamento, a *hashtag*³⁶ #JustiçaporMariFerrer ocupava os *trend topics*³⁷ do *Twitter* (atual *X*) e houve protestos em solidariedade à influenciadora registrados em Florianópolis. A matéria contribuiu, inclusive, para aprovação de uma lei, apelidada de Lei Mariana Ferrer (Brasil, 2021), que prevê a punição a agentes públicos que causarem sofrimento desnecessário a vítimas de violência sexual.

No entanto, o preço por realizar seu trabalho custou caro à jornalista, que passou a receber milhares de ataques de gênero nas redes sociais digitais, em que os agressores a acusavam de mentirosa, argumentando a inexistência do termo jurídico “estupro culposos”, e utilizando termos machistas e misóginos. Decisões judiciais obrigaram a reportagem do *The Intercept Brasil* a ser atualizada três vezes para esclarecer que a expressão se tratava de um artifício utilizado pelo jornalismo e não estava presente no processo. Em outra ocasião, foi necessário a inclusão de trechos específicos na matéria por determinação de ordem judicial atendendo à decisão liminar da juíza Cleni Serly Rauen Vieira, juíza substituta da 3ª Vara Cível da Comarca de Florianópolis (Demori, Bianchi, 2020).

Três anos depois da publicação da reportagem, uma decisão inédita de um tribunal de Santa Catarina decidiu pela condenação da jornalista a um ano de prisão em regime aberto e ao pagamento de R\$ 400 mil em indenizações ao juiz Rudson Marcos e ao promotor Thiago Carriço Oliveira, que atuaram no caso Mariana Ferrer (Oliveira, 2023). Em fevereiro de 2024, relatoras da Organização das Nações Unidas (ONU) enviaram uma carta ao Brasil expressando sua preocupação com essa decisão. Segundo o documento, o trabalho da jornalista não parecia difamar o juiz e a condenação da repórter “parece ser uma tentativa de intimidá-la e silenciá-la por denunciar, criticar e expor a má conduta do Judiciário” (Chade, Fibe, 2024, online). No entanto, o apelo não surtiu efeito no governo brasileiro, que após um mês, enviou uma resposta protocolar, na qual dizia que “o direito à liberdade de expressão, inerente à atividade jornalística, precisa respeitar os limites do direito à honra e à dignidade dos sujeitos sobre os quais as notícias são publicadas” (Chade, Fibe, 2024, online).

Além dos diferentes tipos de violência que se manifestam, o caso de Schirlei nos chama a atenção por uma série de razões. O principal motivo que levou à perseguição da

³⁶ Mecanismo utilizados nas redes sociais para viralizar um tema.

³⁷ Lista dos principais assuntos comentados na rede naquele dia.

jornalista foi o fato dela ter exposto a humilhação que uma vítima de violência sexual sofreu durante uma audiência judicial, desencadeando reações de uma sociedade brasileira marcada pelo machismo e pelo conservadorismo. Ao designar a expressão “estupro culposos”, Alves expôs o tratamento que as mulheres recebem ao denunciarem violações a seus corpos – atos que são justificados pela aparência e pelo comportamento sexual das vítimas. Por outro lado, aos agressores lhes é concedida a possibilidade de negar, mesmo diante de registros em câmeras de segurança e provas concretas, a existência de evidências de que a vítima não estava em condições de consentir uma relação sexual. “Segundo o promotor responsável pelo caso, não havia como o empresário saber, durante o ato sexual, que a jovem não estava em condições de consentir a relação, não existindo portanto intenção de estuprar – ou seja, uma espécie de ‘estupro culposos’” (Alves, 2020, online).

A cobertura da repórter que torna visível o tratamento injusto e machista às mulheres em um ambiente onde a vítima de violência deveria ser acolhida causa reações adversas porque não há reconhecimento por parte da sociedade, especialmente dos homens, do que é consentimento e dos limites do corpo de uma mulher que precisam ser respeitados. Os ataques ganham força uma vez que são respaldados por uma cultura que valida a sexualidade masculina como naturalmente agressiva e a sexualidade feminina como passiva (Brownmiller, 1975) e, por consequência, não reconhecem o estupro como uma forma de violência.

Assim, se a motivação principal para a mobilização dos ataques à jornalista está ancorada nas desigualdades de gênero, o caráter das agressões recebida pela repórter também reflete essas mesmas hierarquias. Como explicou Schirlei, em entrevista à *Gênero e Número* (Cruz, 2022a, online):

As mensagens que eu recebi tinham isso ‘ah, sua vagabunda, sua puta, sua piranha’. Nada a ver com o material, com a reportagem, com o assunto. Tinha umas mensagens até que citavam o órgão genital feminino, então para que isso? E aí e essa coisa de questionar a tua capacidade profissional por ser mulher, eu sentia muito isso. ‘Ah, sua burra, ah, tu é louca’

Além disso, na mesma entrevista, a jornalista comentou sobre o medo e a insegurança que sentiu após o início dos ataques, o que desencadeou sua decisão de privar suas redes sociais, a necessidade de se resguardar na casa de sua mãe por um motivo de segurança e a opção por deixar de cobrir determinadas pautas. Vale lembrar que essas decisões possivelmente foram reforçadas uma vez que a repórter atua como autônoma e, portanto, não está sob amparo de nenhuma corporação de mídia.

b) Alana Rocha – rádio *Gazeta FM*

Alana Rocha, de 44 anos, é uma mulher transgênero, parda, que nasceu e mora em Riachão do Jacuípe, município baiano com cerca de 33 mil habitantes³⁸. Alana começou sua trajetória no jornalismo ainda antes de se profissionalizar, atuando na rádio comunitária *Gazeta FM* da sua cidade. Um tempo depois, ela criou um blog e um canal no *Youtube*, chamado *TVerdade*³⁹, no qual fazia reportagens e transmissões sobre acontecimentos cotidianos locais, especialmente sobre a cobertura policial, a que mais gostava. Apaixonada por televisão, Alana se inspira em personalidades como Kátia Guzzo, jornalista da *TV Bahia*, e Márcia Goldschmidt, ex-apresentadora do programa *A Hora da Verdade*, que ia ao ar na *Band*.

Em 2016, um ano após se graduar na universidade, a jornalista se tornou a primeira mulher trans a trabalhar em um programa jornalístico na TV aberta, quando assumiu o cargo de repórter no programa *Ronda*, da *TV Aratu*, afiliada do *SBT*, em Salvador (BA). Um tempo depois, ela voltou a trabalhar na *Gazeta FM* e também atuou na assessoria de comunicação de políticos locais. No dia da nossa conversa, em 12 de julho de 2024, ela já não estava mais na rádio porque pretendia se lançar como candidata a vereadora em Riachão do Jacuípe.

Ao longo de sua trajetória profissional, Alana Rocha foi vítima de inúmeros ataques verbais, agressões físicas, ações judiciais, violência patrimonial, violência de gênero e também ataques transfóbicos. Em 2021, um funcionário da prefeitura de Riachão do Jacuípe a perseguiu em uma motocicleta enquanto proferia xingamentos a jornalista, incluindo “vagabunda” e a chamando por um nome masculino, ofensa considerada transfóbica (Fenaj, 2022a, p. 19). Em 2022, no dia em que recebeu o título de cidadã jacuipense na Câmara Municipal da cidade, a jornalista foi agredida fisicamente e ameaçada por um preposto da Prefeitura, que chegou a atirar ovos contra a profissional (Fenaj, 2023, p. 17). Alana também acumula inúmeras acusações na justiça por parte de funcionários da Prefeitura, como uma ação cível movida pelo vereador Valdiney Pereira de Jesus (União Brasil), conhecido como irmão Boka, que pede indenização por dano moral e uso de sua imagem (Fenaj, 2022a, p. 19).

Em 2023, Alana foi vítima de um ataque intimidatório, após criticar o cancelamento de uma sessão na Câmara Municipal em decorrência do falecimento de um familiar de um dos parlamentares. O carro da jornalista, que estava estacionado em frente à emissora onde trabalhava, foi apedrejado, ficando com o para-brisa e o vidro lateral da porta do passageiro

³⁸ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/riachao-do-jacuipe.html> Acesso em 07 jan. 2025.

³⁹ Disponível em: <https://horadaverdade104.blogspot.com/> Acesso 06 jan. 2025.

destruídos (Fenaj, 2024, p. 29). Sobre este ataque, ela comentou em uma entrevista (Doria, 2023, online, grifo meu):

Sofri muitas ameaças aqui na cidade, principalmente agressões verbais, por parte de políticos da região, principalmente vereadores, que **se aproveitam da imunidade parlamentar para me atacar**", denuncia. Essa foi a segunda vez em que teve o carro vandalizado. Na primeira, o ataque veio acompanhado de uma mensagem: **"Ou cala a boca ou a próxima pedrada vai ser em você"**.

Atualmente, Alana recebe assistência jurídica da Abraji, por meio do Programa de Proteção Legal para Jornalistas. Ao trabalhar em uma rádio comunitária de uma cidade do interior, a jornalista lida constantemente com as ameaças e retaliações advindas de autoridades públicas em um contexto que parece manter marcas do coronelismo e do paternalismo na política local. Em uma análise sobre a legislação das rádios comunitárias, Malerba (2020) explica que a desproteção legal que se impôs a esses veículos, a partir da década de 1990 — quando se esperava avançar com a democratização de espaço eletromagnético no país e com as condições de trabalho desses comunicadores —, fez com que as rádios comunitárias enfrentassem inúmeros problemas estruturais, entre elas a sustentabilidade financeira. Com a maior parte de seus colaboradores atuando de forma voluntária, essas emissoras dificilmente possuem recursos para lidar com processos judiciais, que se tornaram mais frequentes com a tônica do assédio judicial.

Outro ponto característico da violência enfrentada por comunicadores locais e de veículos comunitários é a proximidade com alvos de denúncias de reportagem, como políticos, agentes do Estado e policiais. Como consequência, agressões físicas e ameaças diretas se tornam mais comuns no contexto em que o jornalismo combativo e “sem amarras”, exercido por veículos sem financiamento da iniciativa privada, expõe esquemas de corrupção, abuso de poder e desigualdades no ecossistema político local. Em pesquisa recente (Kebian, Malerba, 2025)⁴⁰, vimos que quando se tratam dos assassinatos de jornalistas, radialistas e comunicadores, a maioria dos registros estão em cidades no interior do Brasil, de pequeno e médio porte.

Por ser uma mulher trans, a violência que se manifesta contra Alana busca frequentemente invalidar sua identidade de gênero, como quando a jornalista é chamada pelo pronome masculino ou por outros termos ofensivos transfóbicos. Ao mesmo tempo, os agressores fazem uso de termos misóginos comumente utilizados contra mulheres cisgênero,

⁴⁰ O silenciamento das comunidades: uma análise dos assassinatos de radialistas comunitários/as no Brasil entre 1995 e 2023, no prelo.

como “vagabunda”, de maneira que nos vemos diante de um caso explícito de assédio de gênero, tanto pelo sexismo quanto pela transfobia.

Por fim, o que nos levou a trabalhar com o caso de Alana foi o fato de que, segundo os registros da Fenaj e em reportagens encontradas, havia indícios de que as agressões haviam interferido em sua atividade profissional. Após o ataque a pedras em seu carro, Alana Rocha compartilhou em suas redes sociais que decidiu se afastar um tempo da profissão, para preservar sua sanidade mental e de sua família. “Vou me afastar também porque estou muito abalada emocionalmente, com meu psicológico fragilizado, e além de tudo, estou muito triste com esses últimos desdobramentos” (ANF, 2023, online). No entanto, há uma percepção clara por parte da profissional da imprensa de que o recuo da profissão é involuntário, não significa ceder às vontades dos agressores, mas prezar por sua segurança e integridade física e mental. “Por conta de tudo isso, resolvi me afastar da comunicação em minha cidade, **NÃO POR COVARDIA OU MEDO, repito, NÃO POR COVARDIA OU MEDO**, mas sim pela saúde e integridade da minha mãe, que é o mais importante agora” (ANF, 2023, online, grifo meu).

c) Ívina Garcia – revista *Cenarium*

A jornalista Ívina Garcia é uma mulher cisgênero, pansexual⁴¹, parda, manauara, de 27 anos. Ívina é casada e tem uma filha de 7 anos. Ela começou sua carreira no jornalismo trabalhando como estagiária na *TV A Crítica*, depois passou a escrever para o jornal homônimo, até ser contratada como repórter na revista *Cenarium*, quando ainda estava terminando a faculdade. Em 2023, Ívina foi selecionada para participar do programa de treinamento do jornal *Valor Econômico* e, no ano seguinte, se mudou para São Paulo para trabalhar como repórter do *Valor*. Essa mudança de cidade permitiu que conseguimos nos encontrar pessoalmente e possibilitou a inclusão de uma jornalista da região Norte na pesquisa.

Em 2022, a repórter vinha acompanhando os acampamentos bolsonaristas que foram montados em Manaus em reação ao resultado das eleições presidenciais e que conclamavam um golpe militar. Após publicar uma reportagem exclusiva na revista *Cenarium* que revelou o nome de cinco empresas que estavam financiando o acampamento na capital amazonense (Garcia, 2022), Ívina publicou um resumo do seu trabalho em seu perfil do X. Grupos bolsonaristas fizeram uma captura de tela das publicações e passaram a coordenar ataques nas redes contra ela.

⁴¹ Pansexuais são pessoas que se atraem por quaisquer identidades de gênero, binárias ou não.

A partir disso, a jornalista recebeu inúmeros ataques nas redes sociais e passou a ser agredida verbalmente e a receber ameaças extensivas à sua família. As agressões a chamavam de “hipócrita”, “bandida”, “vadia” e “desprezível” (Fenaj, 2023, p. 25). “Sabemos onde você e sua família moram”; “O que é seu tá indo”; “Amarrar uma âncora na pessoa e jogar no rio Negro” (Fenaj, 2023, p. 25), foram algumas das ameaças. A foto do perfil de Ívina também passou a circular em grupos de *WhatsApp*⁴² bolsonaristas e ela recebeu comentários machistas sobre sua aparência. De acordo com o registro de ocorrência da Fenaj, após as agressões, ela precisou se licenciar do trabalho para fazer um tratamento de saúde.

O caso de violência enfrentado por Ívina foi bastante característico durante a campanha eleitoral em 2022 e também no período que se sucedeu. Assim como em Manaus, acampamentos bolsonaristas foram montados em outras cidades brasileiras e diversos jornalistas foram atacados na tentativa de fazer a cobertura. Como vimos, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro representaram uma parcela significativa dos autores de agressões à categoria, especialmente em momentos de grande tensão, polarização política e com grave ameaça a um possível golpe de Estado, como no período pós-eleição e nos atos antidemocráticos do 8 de janeiro. Nesse sentido, destaca-se a intensa articulação em rede desses grupos para promoção de ataques coordenados, massivos e sistemáticos a jornalistas.

Outro ponto de interesse é o contexto político específico que se instalou em Manaus e no estado do Amazonas nos últimos anos, tendo como estopim o ano de 2022. Durante o governo Bolsonaro, a capital foi palco de um dos episódios mais dramáticos da pandemia de Covid-19, na qual dezenas de pacientes morreram por asfíxia e falta de ar devido à falta de oxigênio em janeiro de 2021 (Poder 360, 2021). Cerca de um mês antes da crise da falta de oxigênio, o atual governador, Wilson Lima (União Brasil), revogou um decreto que impunha medidas de segurança sanitária durante a pandemia devido à pressão de comerciantes e às críticas do ex-presidente, seu aliado.

O estado do Amazonas, assim como os demais da Amazônia Legal, também foi um ponto de grande disputa política no governo de Jair Bolsonaro no que diz respeito à pauta da crise climática. Durante seu mandato, houve o aumento sucessivo nos índices de desmatamento da floresta Amazônica, que atingiu o maior recorde em 2022, com aumento de 150% (Pajolla, 2023). Com frequência, o noticiário nacional reportou também episódios de violência e disputa entre indígenas e/ou comunidades originárias e garimpeiros. Um deles,

⁴² Aplicativo que permite aos usuários o envio de mensagens instantâneas diretas e privadas a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Também é possível gravar mensagens de voz e chamadas de vídeo.

que ganhou repercussão internacional, acabou suscitando no assassinato do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira no Vale do Javari, no Amazonas, em junho de 2022.

Apesar desses eventos, o bolsonarismo teve grande crescimento nos últimos anos na região. Embora o presidente Lula tenha sido o mais votado pela maioria dos cidadãos amazonenses, o então candidato Jair Bolsonaro foi o preferido em Manaus, onde conseguiu mais de 60% dos votos válidos nas eleições de 2022⁴³. Wilson Lima, do União Brasil, também foi reeleito governador do Amazonas e mais da metade dos parlamentares da Amazônia Legal eleitos em 2022 no Congresso Nacional são de forças políticas ligadas ao bolsonarismo (Pontes, 2023). Como consequência, o cenário para exercício do jornalismo também se acalorou na região, como aponta o relatório *Fronteiras da Informação - Relatório sobre Jornalismo e violência na Amazônia*, do Instituto Vladimir Herzog (2024). De acordo com o documento, nos últimos dez anos, o estado do Amazonas foi o segundo que mais registrou ocorrências contra a categoria na região amazônica, depois do Pará, que ocupou o primeiro lugar. Além das disputas por terra e conflitos com garimpeiros e madeireiros que historicamente envolvem ocorrências e atos de violência contra jornalistas e comunicadores, o relatório também aponta o acirramento político durante o período eleitoral em 2022 como ponto de grande tensão.

Assim, consideramos de grande importância a inclusão de ao menos um caso dessa região na amostra das entrevistadas. Além da gravidade das agressões e da articulação em rede para os ataques contra Ívina, também nos chamou a atenção neste caso a licença solicitada pela profissional para cuidar da saúde. Isso nos sugere que, embora os ataques possam se manifestar no ambiente *online*, as consequências da violência digital se materializam também no mundo físico, promovendo marcas na saúde física e mental das jornalistas violentadas. Antes da entrevista, nos perguntamos também se a troca de veículo de comunicação, incluindo a mudança para outro estado e região, poderia se refletir em uma tentativa de se desvincular da revista que publicou a reportagem que desencadeou os ataques e se apartar do local onde não tinha sua integridade física garantida.

d) Sália Barreto – Rede Meio Norte

Sália Barreto é piauiense, nascida em Teresina, tem 36 anos, é uma mulher cisgênero, heterossexual e parda. Sália começou sua carreira ainda jovem, trabalhando no portal 180

⁴³ Disponível em:

<https://g1.globo.com/am/amazonas/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/lula-vence-no-am-com-511percent-dos-votos-mas-bolsonaro-ganha-em-manauas.ghtml> Acesso em 06 jan. 2024.

graus, e passou por veículos como o jornal *Meio Norte*, portal *O Olho*, portal *186*, rádio *Jockey FM* e *CBN Teresina*. Além do jornalismo, ela começou a cursar Ciências Sociais, mas abandonou o curso quando ingressou no mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Piauí. Depois, chegou a iniciar o doutorado em Políticas Públicas na mesma instituição, mas não o concluiu. Ficou mais conhecida quando se tornou comentarista política da *Rede Meio Norte*, grupo de televisão de Teresina (PI). Atualmente, ela atua como correspondente política da *TV Cidade Verde*, afiliada do *SBT*, em Brasília (DF).

Em 2020, a jornalista, que à época atuava como repórter na *Rede Meio Norte*, foi agredida verbalmente pelo vereador Luiz Lobão Castelo Branco (MDB). A repórter havia feito um comentário no programa *Jogo de Poder*, na *TV Meio Norte*, “de que havia desconfiança do partido de que [no caso, o Luiz Lobão], pudesse não apoiar o candidato a prefeito da sigla, e sim, outro candidato” (Gabriele, 2020, online). No dia seguinte, o parlamentar, que estava em seu carro no estacionamento da Câmara dos Vereadores de Teresina, saiu do veículo aos gritos, dirigindo ofensas à jornalista. Em suas redes sociais, Sávia comentou sobre o machismo nos ataques que se revela tanto pelas falas do vereador quanto pela exaltação do tom de voz e ameaças (Gabriele, 2020, online, grifo meu):

Eu vivi uma experiência dura de ser mulher e jornalista. Eu estava na Câmara de Teresina, gravando entrevistas, conversando com as fontes, quando este vereador me abordou de maneira agressiva e violenta verbalmente. Ele disse que assistiu ao programa e que eu estava mentindo sobre ele. Respondi que não era mentira e sim uma informação de bastidores apurada com uma fonte do próprio partido dele. **A partir daí, o vereador começou a gritar e ficou bastante alterado.** O vereador entrou no carro dirigido pelo motorista dele e continuou gritando que não era para eu falar dele. **Perguntei se era alguma ameaça e ele continuou repetindo. Ficou gritando coisas como: “Não faça eu perder o respeito por você”.**

Em uma outra ocasião, Sávia teve seu nome divulgado em uma lista de profissionais que prestam serviços de assessoria de imprensa a parlamentares da Assembleia Legislativa do Piauí, o que desencadeou uma série de mensagens de cunho machista e misógino em suas redes (Fenaj, 2022a, p. 23). De acordo com a ocorrência registrada pela Fenaj (2022a, p. 23), a jornalista precisou desativar seu perfil nas redes sociais, indicando mais uma consequência das agressões.

O episódio ocorrido com Sávia nos interessou devido a alguns fatores, entre eles, o caráter explicitamente machista do ataque do vereador, o fato de ser uma agressão verbal promovida por um parlamentar e a inserção da jornalista na cobertura política. Além de ser uma editoria predominantemente masculina, este é um espaço em que o/a jornalista lida com muitos parlamentares, políticos e autoridades, que, na maior parte das vezes, também são

homens. Para se ter uma ideia, em Teresina, apenas cinco vereadoras foram eleitas nas últimas eleições municipais de 2024, do total de 29 cadeiras da Câmara dos Vereadores que a cidade dispõe (Guimarães, 2024).

Além disso, abordar um episódio de violência que ocorreu com uma jornalista em uma cidade do Nordeste, fora dos holofotes dos grandes centros urbanos, é um fator interessante a ser explorado no trabalho, pois o contexto da violência enfrentada também poderia estar relacionado à proximidade de atores políticos na cobertura local. Sávia passou por muitos veículos relevantes do Piauí, incluindo emissoras de televisão afiliadas de grandes conglomerados de imprensa, mas sua atuação ainda é, sobretudo, local. Embora se trate de uma capital, a cidade de Teresina é uma das menores do Nordeste e, segundo o IBGE, possui apenas 866.300 habitantes⁴⁴, sendo um pouco mais populosa que João Pessoa e Aracaju.

Por fim, durante a pesquisa exploratória sobre este caso, descobrimos que Sávia havia saído da *Rede Meio Norte* para a *TV Cidade Verde* e se mudado de Teresina (PI) para Brasília (DF). Assim como Ívina, a mudança de veículo e de cidade, estado e região – que nos possibilitou realizar a entrevista presencialmente em Brasília – nos instigou se estaria relacionada à agressão vivida pela jornalista e uma possível tentativa de mudança de vida pessoal e profissional.

e) Vanessa Lippelt – *Congresso em Foco*

Vanessa Lippelt tem 53 anos, é uma mulher branca, cisgênero, heterossexual, nascida em Alfenas, no interior de Minas Gerais. Começou a cursar jornalismo ainda em Alfenas, mas terminou o curso no Rio de Janeiro, quando se mudou para a capital fluminense por causa do seu primeiro casamento. Iniciou sua carreira em uma agência de notícias internacional, a *Worldwide Television News* (WTN). Foi correspondente internacional na *ESPN* e repórter na *Band Rio*, *TV Globo*, *Jornal Extra* e *Globo.com*. Em Brasília, onde vive atualmente, passou pelo *Jornal de Brasília*, *Congresso em Foco* e *O Antagonista*. Hoje, Vanessa ocupa o cargo de coordenadora de comunicação do gabinete da deputada federal Célia Xacriabá (PSOL-MG). É mãe de três filhos, sendo a mais nova de 7 anos.

À época editora do site *Congresso em Foco*, portal de notícias especializado na cobertura política brasileira, Vanessa Lippelt recebeu inúmeros ataques machistas e misóginos, ameaças de estupro e de morte nas redes sociais. Tudo começou com a publicação da reportagem *Fórum anônimo organiza tática para produção de fake news pró-Bolsonaro*

⁴⁴ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/teresina.html> Acesso em 07 jan. 2025.

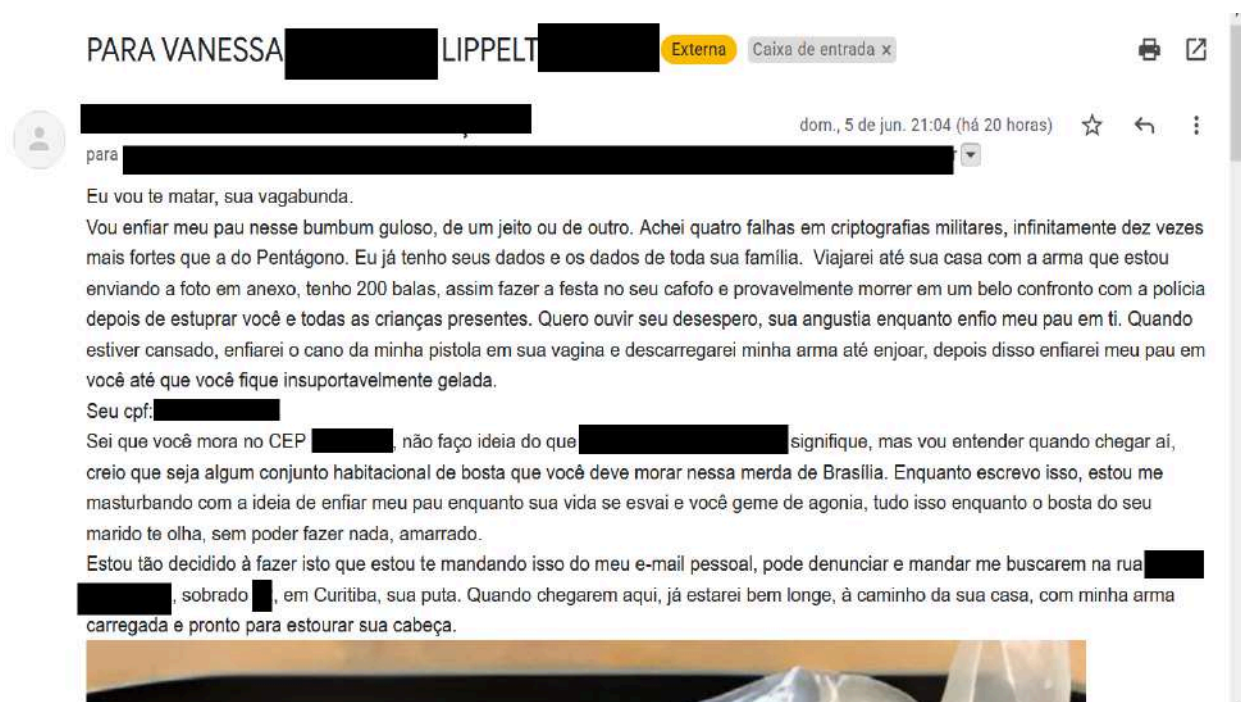
(Neiva, 2022), de autoria do jornalista Lucas Neiva, para o mesmo portal. A matéria revelava como uma plataforma anônima, intitulada *1500chan*, publicava instruções para impulsionar conteúdo falso, financiado por criptomoedas, a favor do ex-presidente durante a campanha eleitoral. Após a publicação, Lucas passou a ser perseguido e recebeu ameaças de morte.

No processo de busca por informações pessoais de Lucas, os agressores acabaram se deparando com uma outra reportagem assinada por Vanessa, que também denunciava o uso da plataforma *1500chan* para organizar uma tentativa de massacre a uma escola⁴⁵. Neste mesmo portal, as informações pessoais dos dois jornalistas foram vazadas e o site sofreu um ataque *hacker* (Fenaj, 2023, p. 32 e 33). Em uma das ameaças que Vanessa recebeu por e-mail, os agressores anexaram uma foto de um revólver junto à seguinte mensagem :

Eu vou te matar, sua vagabunda. [...] Achei quatro falhas em criptografias militares, infinitamente dez vezes mais fortes que a do Pentágono. Eu já tenho seus dados e os dados de toda sua família. Viajarei até sua casa com a arma que estou enviando a foto em anexo, tenho 200 balas, assim fazer a festa no seu cafofo e provavelmente morrer em um belo confronto com a polícia depois de estuprar você e todas as crianças presentes. (Congresso em Foco, 2022, online).

⁴⁵ Em entrevista ao canal no *Youtube* da *TV Fórum*, da revista *Fórum*, Vanessa cita essa informação, mas não encontramos o link da matéria. A entrevista está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=N-Q9tRWYG4U> Acesso em 07 jan. 2025.

Figura 7 – Ameaça à Vanessa Lippelt



Fonte: Congresso em Foco, 2022, online⁴⁶

Em entrevista ao canal na *Youtube* da *TV Fórum*, da revista *Fórum*, a jornalista contou que suas filhas também receberam ameaças e que a família começou a adotar algumas medidas de segurança e alterar a rotina para se proteger. Para Lippelt, o sentimento de medo e insegurança em decorrência das ameaças e ataques que recebeu superaram aqueles que sentiu quando cobria as editorias policial e de segurança pública no Rio de Janeiro:

Eu trabalhei no Rio durante muito tempo. Eu fiz matéria de prisão de traficante, subindo em morro... Eu nunca, nunca, de bandido, nunca recebi uma ameaça dessa. Nunca. É assustador o grau de crueldade, de misoginia e eles sabem obviamente onde eles vão pegar, onde vão colocar nossas famílias. A gente fica com medo, óbvio que a gente fica com medo. **A gente alterou as nossas rotinas, a gente acaba tendo que alterar a rotina da nossa família. A gente fica numa neura toda hora pra ver se porta tá trancada** (TV Fórum, 2022, online, grifo meu).

Sobre as ameaças enviadas aos dois jornalistas do *Congresso em Foco*, uma reportagem do site *Metrópoles* (Torres et al., 2023) noticiou que a *Google* foi obrigada a pagar uma multa diária de R\$100 mil caso não repassasse as informações sobre os e-mails cadastrados na plataforma que ameaçavam os profissionais. De acordo com a matéria, embora

⁴⁶Depois de Repórter, editora é ameaçada de morte e estupro. Congresso em Foco, 06 jun. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/depois-de-reporter-editora-e-ameacada-de-morte-e-estupro/> Acesso em 04 abr. 2024.

o suspeito de enviar as mensagens tenha sido identificado como um jovem de 23 anos, a Polícia Civil do Distrito Federal não divulgou o nome dele. Em entrevista à Abraji, Vanessa desabafou sobre as dificuldades em lidar com os processos burocráticos para conseguir que seus agressores sejam punidos e como esse cenário impacta em uma rotina de constante medo:

Você passa a viver ansiosa, a temer algumas coisas. Eu tenho pavor de atender telefone. Quando me ligam de um número desconhecido, eu não atendo. Tive que colocar vários filtros na minha caixa de e-mail para não receber mais alguns tipos de mensagem. Tranquei e perdi minhas contas pessoais do Instagram e do Facebook. **O que resta? Resta aprender a lidar com isso** (Sinderski, 2023, online, grifo meu).

Existem algumas peculiaridades que tornam esse caso relevante à pesquisa. Em relação à violência que sofreu, é preciso levar em conta que, em um primeiro momento, não foi o trabalho jornalístico de Vanessa que motivou diretamente as agressões, mas sim o trabalho de um outro colega. Na medida em que os agressores do fórum se organizavam para orquestrar os ataques contra Lucas, decidiram ampliar e ter também a jornalista como alvo. Assim, torna-se evidente o nível de capilaridade e sistematização das agressões no ambiente digital. A violência foi motivada como reação dos usuários do fórum *1500chan* que se preocuparam com o fato de que havia outros jornalistas monitorando o espaço onde eles podiam publicar conteúdo ofensivo de maneira anônima e sem moderação.

Além disso, a agressão também revela uma típica característica do movimento masculinista de fóruns *online*, nos quais há a intenção deliberada de insultar e atacar mulheres (Valente, 2023). Embora ambos, tanto Vanessa quanto Lucas, tenham sido ameaçados, os ataques contra a jornalista representam o forte caráter misógino, incluindo ameaças de violações sexuais contra a jornalista e suas filhas, mostrando que o risco de ser mulher e jornalista se agrava em um contexto de ataques à imprensa.

Há também a questão relatada em algumas entrevistas (Sinderski, 2023; TV Fórum, 2022) pela jornalista sobre as barreiras enfrentadas para protocolar denúncias de violência que ocorrem no ambiente digital. Embora a Justiça conte com mecanismos como a Lei Lola (Brasil, 2018), destinada a tratar crimes praticados na rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, “a sua efetividade fica limitada por não existir clareza sobre quais crimes poderiam ser abarcados por essa investigação” (Valente, 2023, p. 114). Com frequência, investigações como essas exigem a colaboração de informações relevantes para chegar aos suspeitos cedidas por *Big Techs*, mas acabam esbarrando na compreensão de proteção de dados, como foi o caso da *Google*. Este caso, portanto, também ilustra os desafios

do enfrentamento à violência contra mulheres jornalistas no ambiente digital.

Como exposto nas entrevistas que Vanessa concedeu à imprensa sobre o episódio (Sinderski, 2023; TV Fórum, 2022), a violência pode ter ocasionado mudanças na rotina pessoal e profissional da jornalista. Além do relato sobre medo e insegurança e da privação em perfis de redes sociais, Vanessa decidiu sair da redação e passou a se dedicar a assessoria de uma parlamentar, o que também pode indicar uma evasão da redação como forma de se autopreservar.

f) Renata Cristiane de Oliveira – RC 24H

A jornalista Renata Cristiane de Oliveira tem 52 anos e é uma mulher cisgênero, negra e lésbica. Nascida no Rio de Janeiro, Renata se mudou para Cabo Frio, na Região dos Lagos do estado, depois de terminar a faculdade de Jornalismo. Ela também se formou em História e trabalhou em diversos veículos de imprensa da região, como *Rádio Ondas*, *Rádio Litoral*, *Jornal Hoje*, *Folha dos Lagos* e *Rádio Sucesso FM*. Depois de ser demitida de uma emissora de rádio, passou a se dedicar inteiramente ao blog que já mantinha sobre notícias da Região dos Lagos. Hoje, o portal *RC24H* já funciona há mais de dez anos e se tornou um dos mais relevantes da região. Renata também atua também como editora do jornal *O Dia* e colunista política da rádio *Costa do Sol FM*.

Em 2020, a jornalista republicou uma informação divulgada pela revista *Veja* (Bruno, 2020) sobre os parlamentares que compunham a base política do então governador fluminense Wilson Witzel, entre eles o subtenente Mauro Bernardo, que era pré-candidato à prefeitura de Cabo Frio. A reportagem revelava como diversos familiares do subtenente ocupavam cargos ligados ao Governo do Estado do Rio de Janeiro:

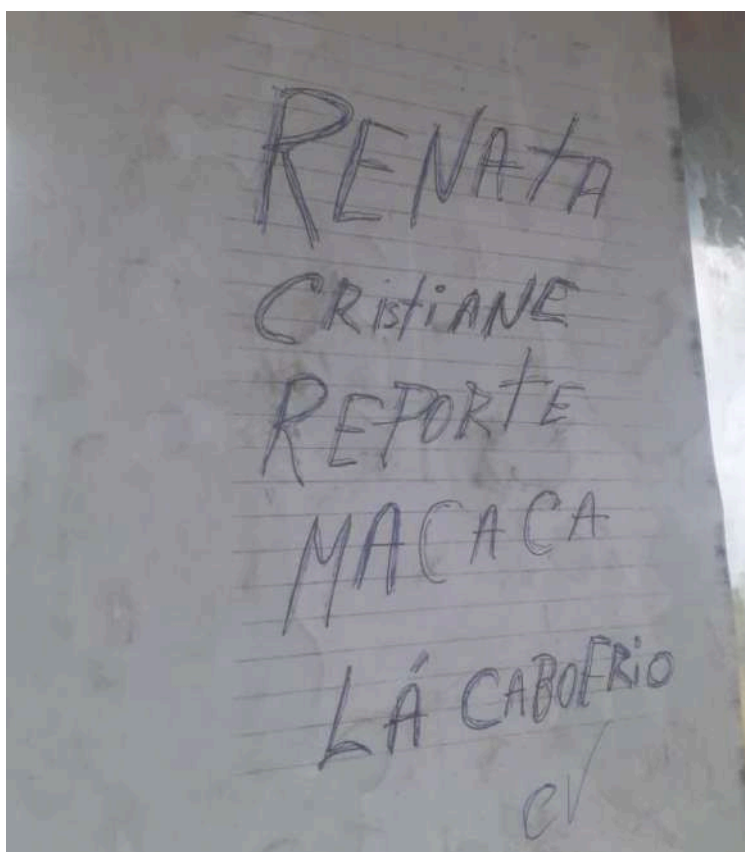
Membro da recém-criada Comissão Especial de impeachment do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), na Assembleia Legislativa (Alerj), o deputado estadual Mauro Bernardo dos Santos, conhecido como Subtenente Bernardo (PROS), tem a enteada nomeada na Fundação Leão XIII, órgão ligado à vice-governadoria. Além disso, dois filhos do parlamentar, que são policiais militares, estão cedidos à segurança da Alerj. Até o ano passado, um outro enteado e o cunhado de Bernardo estavam lotados em seu gabinete. PM aposentado, o político é pré-candidato a prefeito em Cabo Frio, cidade da Região dos Lagos. Pouco antes de ser detonada a crise no Palácio Guanabara, o militar contava com o apoio de Witzel para se eleger. (Bruno, 2020, online).

Após repercutir a informação revelada pela *Veja*, Renata Cristiane foi atacada diretamente pelo subtenente Mauro Bernardo, que a chamou de mentirosa (Fenaj, 2021) e

também recebeu áudios intimidatórios, com ameaças de morte. “Renata Cristiane, os ossos do seu corpo estão com os dias contados. O Bernardo vai quebrar, vai desossar seu osso todinho” (Fenaj, 2021, p. 26). Posteriormente, durante nossa conversa, tomei conhecimento de que, devido a essas ameaças, o Programa de Proteção a Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas chegou a entrar em contato com a jornalista para oferecer segurança pessoal.

Além deste episódio, em julho de 2022, uma mensagem racista com os dizeres “Renata Cristiane reporte macaca lá Cabo Frio (sic)” (Fenaj, 2023, p. 66) foi colocada em um ponto de ônibus em São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos. Segundo o portal *g1*, a própria jornalista precisou tirar os cartazes do ponto de ônibus. “Eu mesma apaguei, peguei um spray e cobri aquilo. **Fiquei com vergonha daquele negócio.** Todo mundo lá no ponto de ônibus super movimentado e vou ficar com o meu nome lá, macaca. Fui lá e apaguei” (Velarinho, 2022, online, grifo meu).

Figura 8 – Cartaz racista contra Renata Cristiane



Fonte: Jornal O Dia, 07 jul. 2022⁴⁷

Em entrevista ao jornal *O Dia*, Renata contou que não foi a primeira vez que foi vítima de racismo e também já sofreu outros tipos de preconceito. De acordo com a matéria (Velarinho, 2022, online), “em algumas situações, ela foi julgada pela cor da sua pele e modo de se vestir. Casada com uma mulher branca, a jornalista também viveu situações ao lado da companheira, como quando foi questionada se era funcionária da sua mulher”.

Embora os relatórios da Fenaj tenham registrado apenas estes dois episódios, essas não foram as únicas violências enfrentadas pela profissional. Ao aceitar participar deste projeto, a jornalista comentou a recorrência deste tipo de situação: “Aliás, **ontem sofri o mais traumatizante dos ataques que venho sofrendo nos últimos anos.** [...] Bolsonaro esteve na minha cidade. Passou por vários municípios da região” (Cristiane, 2024, online, grifo meu). Um vídeo publicado em seu perfil no *Instagram* flagrou manifestantes bolsonaristas

⁴⁷ Jornalista do DIA é chamada de 'macaca' em São Pedro da Aldeia. O Dia, 01 jul. 2022. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/07/6434717-jornalista-do-dia-e-chamada-de-macaca-em-sao-pedro-da-aldeia.html> Acesso em: 04 abr. 2024.

agredindo a jornalista que estava registrando uma confusão durante o protesto (RC 24H, 2024).

Percebe-se que tanto o ataque racista quanto a hostilização que a repórter recebeu durante a manifestação não tiveram motivação direta devido à publicação de alguma reportagem que provocou discordância de setores da sociedade. O caso de Renata torna-se interessante à pesquisa, uma vez que são os marcadores sociais da diferença (o fato dela ser uma mulher negra e lésbica) que mobilizam as reações contra a jornalista. Isso também se evidenciou no caso das ameaças do subtenente Mauro Bernardes, que não teve a mesma reação quando a *Veja* publicou a reportagem (Fenaj, 2022a). Como a própria Renata observa, seu trabalho e reconhecimento obtido a partir da sua atuação jornalística na Região dos Lagos parece causar incômodo: “Algumas pessoas devem achar que eu não deveria estar no lugar que ocupo como profissional. Essa ação acabou me abrindo gatilhos de situações passadas onde sofri com o preconceito” (O Dia, 2022, online).

Portanto, acreditamos que abordar este caso na pesquisa permitiria compreender como a experiência de mulheres negras no jornalismo que são vítimas de agressão se torna indissociável da experiência do racismo. Ademais, por se tratar de uma cidade no interior, a proximidade com os atores políticos sociais também se torna um elemento relevante a ser explorado pela análise.

g) Helena Bertho – revista *Azmina*

Helena Bertho tem 36 anos, é natural de São José do Rio Pardo, no interior paulista, e se identifica como uma pessoa não-binária, branca e sapatão⁴⁸. Helena se mudou para São Paulo para cursar Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP) e depois se especializou em roteiro pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Já atuou em diversos veículos, como *UOL*, *M de Mulher*, *Veja São Paulo* e a *Revista Sou Mais Eu*. Especializada na cobertura de gênero, direitos humanos, diversidade e sexualidade, foi uma das cofundadoras da revista *Azmina*, onde atuou como editora-chefe e diretora de conteúdo. Atualmente, Helena trabalha na organização de comunicação *Nem presa nem morta*⁴⁹, que atua no debate público sobre aborto no Brasil, e também na *Infoamazônia*⁵⁰, portal especializado em jornalismo georreferenciado sobre a região amazônica.

⁴⁸ Este foi o termo utilizado pela jornalista para designar sua sexualidade.

⁴⁹ Disponível em: <https://nempresanemmorta.org/> Acesso em 07 jan. 2025.

⁵⁰ Disponível em: <https://infoamazonia.org/sobre/> Acesso em 07 jan. 2025.

Em primeiro lugar, cabe esclarecer o porquê optamos por incluir o caso de Helena na pesquisa que trabalha com mulheres jornalistas, uma vez que ela se identifica como pessoa não-binária. Neste trabalho, utilizamos o critério de autodeclaração ao perguntar às participantes sobre sua raça/etnia, identidade de gênero e sexualidade. Embora Helena tenha se autodeclarado uma pessoa não-binária, ao ser convidada para este projeto, ela foi informada que este trabalho tinha como recorte as mulheres jornalistas e aceitou de prontidão o convite. Além disso, em determinado momento da nossa conversa, ela mencionou que, em 2020, recebeu um prêmio da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, em nome “das jornalistas mulheres” (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim).

Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler (2018) problematiza a construção unitária da identidade de mulheres dentro do movimento feminista, pressupondo a divisão binária entre gêneros (masculino e feminino) que mimetiza a divisão fisiológica entre sexos (homem e mulher). Segundo a autora (Butler, 2018, p. 21), “a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos”. Muitas pessoas não-binárias, apesar de não se identificarem como mulheres cis ou trans, compartilham experiências de opressão relacionadas ao gênero e à violência. Este parece ser o caso de Helena, cuja identidade de gênero se cruza à sexualidade, ao se identificar como “sapatão não-binária” e ao se reconhecer como pertencente ao grupo de “jornalistas mulheres”. Além disso, seu percurso profissional, incluindo o próprio episódio de violência enfrentado durante a profissão, também se relaciona a essa identidade. Por tudo isso, consideramos adequado incluí-la no grupo de jornalistas entrevistadas.

Criada em 2015, a revista *Azmina* é veículo jornalístico focado na cobertura de temas diversos com recorte de gênero. O projeto é uma das frentes de atuação do Instituto Azmina, organização feminista que utiliza informação e tecnologia para combater a violência de gênero. Além da revista, o instituto conta com outras iniciativas, como o aplicativo *PenhaS*⁵¹, voltado para dar suporte às mulheres em situação de violência.

Em setembro de 2019, Helena assinou a reportagem *Como é feito um aborto seguro* (Bertho, 2019), que fornecia orientações para mulheres que desejassem interromper a gravidez de acordo com os casos previstos pela legislação brasileira. A reportagem foi feita com base em informações públicas da Organização Mundial da Saúde (OMS), além da consulta de especialistas na área de saúde que realizam o procedimento de forma legal. No entanto, após a publicação da reportagem, internautas alertaram à então ministra da Família,

⁵¹ Disponível em: <https://azmina.com.br/projetos/penhas/> Acesso em 07 abr. 2024.

Mulher e Direitos Humanos Damares Alves a fim de denunciar o conteúdo da matéria. No *X*, a ex-ministra classificou a reportagem “Uma apologia ao crime e que pode colocar tantas meninas e mulheres em risco, Já encaminhamos à denúncia. Vamos acompanhar” (Fenaj, 2020, p. 19).

Figura 9 – Publicação da ex-ministra Damares Alves



Fonte: X, 19 set. 2019, online⁵²

A publicação da ex-ministra desencadeou uma série de ataques digitais à equipe da *Azmina*. Tanto Helena Bertho, autora da matéria, quanto Thais Fôlego, à época editora-chefe da revista, “foram chamadas, entre outras coisas, de assassinas, criminosas, canalhas e lixo humano” (Zaremba, 2019, online). Os endereços da equipe foram divulgados, além de ameaças e potenciais processos judiciais. De acordo com o registro da Fenaj (2020, p. 19), “parlamentares conservadores endossaram as acusações de “apologia ao crime”, o que é injustificável, visto que a legislação brasileira prevê o aborto legal, aspecto abordado na reportagem”.

⁵² Disponível em: <https://twitter.com/DamaresAlves/status/1174873389976248320> Acesso em: 07 abr. 2024.

Este caso nos chama atenção porque, assim como o de Schirlei Alves, representa a mobilização de setores conservadores da sociedade à publicação de reportagens sobre questões de gênero, direitos reprodutivos e violações de Direitos Humanos. A perseguição à jornalista que publica informações baseadas nas recomendações da OMS e não incita a realização do aborto fora das normativas permitidas no país revela uma obsessão por censurar qualquer conteúdo sobre o tema dos direitos reprodutivos, mesmo quando esses envolvem fornecer informações sobre acesso à saúde pública. Também se torna evidente como o papel desempenhado por autoridades públicas corrobora para potencializar os ataques em massa a jornalistas, gerando uma rede de agressões inclusive àquelas que não tinham publicado a reportagem. Assim como no caso ocorrido com a jornalista Patrícia Campos Mello, quando um comentário de Jair Bolsonaro incitou milhares de ataques, neste caso, a publicação de Damares Alves foi responsável por desencadear as agressões contra as jornalistas.

Podemos considerar que este episódio representa uma expressão da ofensiva antigênero que é posta em curso no Brasil e intensificada durante o governo Bolsonaro (Nascimento, Gustafson, 2022). Neste contexto, a atuação de um veículo jornalístico que destina sua cobertura à perspectiva de gênero se torna especialmente vulnerável, em comparação com a atuação de outros tipos de mídia.

h) Amanda Klein – Jovem Pan

Amanda Klein tem 44 anos, é carioca, mas mora em São Paulo desde os 9 anos. A jornalista é uma mulher branca, cisgênero, heterossexual, casada e mãe de um filho. Klein trabalha há mais de dez anos na *Rede TV*, onde apresenta, atualmente, o programa *Rede TV News*, mas em sua carreira já passou por emissoras como *Band News*, *Band* e *SBT*. Desde 2021, ela passou a compor também o time de comentaristas da *Jovem Pan*, rede de rádio e TV que, nos últimos anos, ficou conhecida por sua cobertura conservadora e favorável ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Apesar disso, a jornalista é conhecida por defender posicionamentos ligados ao campo político progressista dentro da emissora.

Amanda foi vítima de diversos episódios de violência, especialmente agressões verbais, assédio de gênero, campanhas de difamação e ataques digitais. Em outubro de 2020, uma campanha nas redes sociais pedia pela demissão da jornalista, por assumir posições quase sempre contrárias às de seu colega Luis Ernesto Lacombe, da *Rede TV*, assumidamente conservador. Nas redes, ela foi chamada de “feia”, “esquerdopata” e “insuportável” pelos

agressores (Fenaj, 2020, p. 29).

Em setembro de 2021, Klein decidiu sair do programa *3 em 1*, da *Rádio Jovem Pan*, após ser constantemente constrangida e ter recebido agressões verbais do economista e colega de trabalho Rodrigo Constantino (Fenaj, 2022a, p. 25). “Se eu continuasse no programa seria como se, de alguma forma, eu estivesse normalizando aquilo. Eu não quero que isso seja legitimado. Eu não aceito um ataque à minha honra, à minha dignidade” (Pinheiro, 2021, online), comentou a jornalista em entrevista ao *Portal UOL*. Amanda classificou o tratamento que recebia de Constantino como um “assédio online ao vivo” (Pinheiro, 2021, online). No último programa que apresentaram juntos, antes da jornalista pedir para sair, Constantino chamou-a de mentirosa e desonesta. Nas redes sociais, ele a classificou como “burra” e “canalha” (Pinheiro, 2021, online).

Ele sempre se refere a mim como jornalista militante, faz referências ao meu marido e à minha família no programa. Não são coisas profissionais —em qualquer ambiente de trabalho, não só no jornalismo. É um assédio moral público, ao vivo e diário [...] Resvala em um terreno pessoal (Pinheiro, 2021, online, grifo meu).

Essa não foi a única vez que comentários sobre sua vida íntima foram utilizados como forma de atacar a jornalista. Em setembro de 2022, durante uma sabatina em razão das eleições presidenciais, Klein perguntou ao então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro sobre a origem do dinheiro para compra de 51 imóveis por membros da sua família, fato que havia acabado de ser revelado em reportagem do *UOL* (Herdy; Dal Piva, 2022). Ao responder, Bolsonaro disse “Amanda, você é casada com uma pessoa que vota em mim. Eu não sei como é o teu convívio na tua casa com ele, mas eu não tenho nada a ver com isso. (...) Amanda, respeitosamente essa acusação tua é leviana. É leviana, tá?!” (Soares, 2022).

Optamos por incluir o caso de Amanda Klein por algumas razões. Em primeiro lugar, consideramos relevante para a pesquisa que ao menos uma das entrevistadas tenha sido atacada diretamente pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, já que foi ele o principal autor dos ataques contra mulheres jornalistas. Além disso, nos atentamos especialmente aos assédios constantes promovidos por Constantino, uma vez que se trata da violência dentro do próprio ambiente de trabalho, mas que é retroalimentada pelas redes sociais, como na campanha que também solicitava a saída da jornalista por discordância política dos demais comentaristas. Nesse sentido, buscamos nos aprofundar na decisão da jornalista em sair do programa, a fim de compreender esta como uma possível expressão do que denominamos autointerdição.

Por fim, o fato de trabalhar em uma emissora conservadora e assumir um posicionamento mais crítico também nos chamou a atenção, pois será uma forma de explorar como diferentes veículos de mídia lidam com as ocorrências de seus funcionários. Sobre o episódio com Constantino, Amanda avaliou positivamente a atuação da empresa em uma entrevista. “Quando o deboche começava a aumentar, eu falava com algum chefe. Eles sempre foram solícitos e atenciosos. Não tenho nada para falar da *Jovem Pan*. Sempre foram respeitosos e cuidaram de mim” (Pinheiro, 2021, online). Embora considere que recebeu apoio da empresa, no final do desenrolar do conflito, quem precisou sair do programa ‘3 em 1’, da *Jovem Pan*, foi Amanda, que sofreu os ataques.

Dessa forma, a seleção das jornalistas participantes visou contemplar uma amostra amplamente diversa em aspectos de identidade, regionalidade e trajetória profissional. Cabe dizer que, embora as ocorrências citadas acima tenham sido as que nos fizeram chegar até as entrevistadas, durante os diálogos com as jornalistas, muitas relataram outros episódios de violência que não aparecem nos registros da Fenaj, principalmente casos de assédio judicial e comentários machistas no ambiente de trabalho.

Foi também, por meio das entrevistas, que tivemos como nos aprofundar em aspectos que outros registros – entrevistas à imprensa, postagens em redes sociais, relatórios de organizações da sociedade civil – já sugeriam relacionados à mudanças no *ethos* jornalístico, impactos na saúde física e mental e percepção das jornalistas sobre a violência enfrentada. Nesse sentido, a abordagem da história oral, que valoriza as fontes orais como forma de investigação, tornou-se uma valiosa ferramenta para dialogar com nossas interlocutoras.

3.3 Contribuições da história oral aos estudos de Jornalismo

De maneira simplificada, poderíamos dizer que a história oral diz respeito ao uso de fontes testemunhais orais como forma de investigação na História ou nas Ciências Sociais. Mas, diferentemente de outras vertentes da História que demandam a busca e interpretação de documentos já existentes, as fontes orais são co-criadas em uma troca dialógica entre a pessoa que entrevista e a pessoa que narra. Esse processo de rememoração ao narrar, promovido pelo

encontro entre entrevistador e entrevistado, torna a história oral essencialmente uma “arte da escuta” (Portelli, 2016).

Assim, um primeiro aspecto que torna o uso da história oral extremamente rico do ponto de vista epistemológico é a possibilidade de se produzir documentos históricos, que servirão como fonte para investigações posteriores, a partir da experiência de sujeitos que, ao longo da História, não estiveram no centro da narrativa. Isso expande o nosso leque de possíveis objetos de estudo e abordagens, pois conseguimos acessar, por exemplo, histórias de vida de uma comunidade que foi atingida por uma catástrofe ambiental (Melo, 2020), dos judeus do Egito que imigraram para o Brasil (Rouchou, 2000), de mulheres russas que participaram da Segunda Guerra Mundial (Aléksievitch, 2016) e de mulheres jornalistas vítimas de violência no Brasil entre 2019 e 2023, como aqui se pretende fazer.

De acordo com Ribeiro (2015), estamos imersos em uma cultura da memória e o relato de vida tem sido amplamente utilizado no campo do jornalismo, seja em textos biográficos de profissionais da categoria, seja em projetos de memória institucionais e empresariais, como se observa no *Memória Globo*⁵³ e no Centro de Memória da Imprensa⁵⁴, iniciativa do Sindicato de Jornalistas do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisadora defende que uma das formas mais interessantes de se trabalhar com história oral nos estudos da comunicação e do jornalismo é por meio das histórias de vida, que consistem na rememoração de fatos de vida desde a infância e a adolescência até a vida adulta. Outra possibilidade, explicitada por Verena Alberti (2004), são as histórias temáticas, isto é, aquelas que tratam de acontecimentos específicos na vida de determinado grupo, como, por exemplo, um evento traumático que tenha marcado uma comunidade.

Aqui, nos aproximamos mais dessa segunda abordagem, uma vez que este trabalho tem como objetivo compreender os efeitos dos atos de violência na vida de mulheres jornalistas durante um período delimitado. Por outro lado, é difícil dissociar tais eventos específicos do decorrer de suas trajetórias profissionais e de outros momentos da vida como um todo e, com frequência, as jornalistas, especialmente as mais velhas, passavam a compartilhar vivências de sua infância, adolescência e início de carreira. Ao falar sobre sua paixão pela televisão, Alana relembra as brincadeiras que fazia na infância.

Eu lembro que, lá na Bahia, tem uma jornalista que se chama Kátia Guzzo, que ela é uma das baluartes da TV baiana. E ela apresentou por décadas o ‘BATV’ e os, os de rede, né? Da *TV Globo*, da afiliada da *Globo* lá. E eu lembro que, por volta de 10, 11 anos, eu assistia ela, anotava tudo que... eu

⁵³ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/> Acesso em 23 dez. 2024.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.abi.org.br/centro-de-memoria-da-imprensa-inaugurado-no-rio/> Acesso em 23 dez. 2024.

não tinha celular na época, né? Anotava tudo que ela falava no jornal e, quando minha mãe saía para trabalhar de manhã — eu estudava à tarde — eu montava um estúdio de TV no meu quarto e fingia que era a Kátia Guzzo, que tava apresentando o jornal. (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim)

Durante as décadas de 1960 e 1970, quando se tem os primeiros registros do uso de fontes orais na História, essa prática foi alvo de críticas devido a sua suposta descredibilidade para reconstituição dos fatos históricos. Segundo abordagens metodologicamente mais conservadoras, as narrativas orais não seriam confiáveis já que se baseiam em processos de memória e subjetividade, capazes de “distorcer” os fatos. Sobre esse tema, Portelli (2016) coloca em questão que as demais fontes documentais consolidadas no campo da História também estariam sujeitas a distorções igualmente sérias.

O uso de cartas e relatos de viagens produzidos por colonizadores europeus para reconstituir a História do Brasil — e de muitos países latinoamericanos que enfrentaram o mesmo processo — interfere no motivo pelo qual adotamos determinada narrativa sobre as histórias nacionais: “um panteão de heróis, um grupo de excluídos e réprobos, uma linha de desenvolvimento unitário que conduzia até o presente” (Sarlo, 2007, p.14). Além disso, embora possa dar espaço a grupos subrepresentados na História Oficial, Dora Schwarzstein (2001) adverte que a história oral não se trata do lugar onde os setores populares poderiam falar por si mesmos, pois o controle da operação da construção das fontes históricas permanece nas mãos do historiador.

Ao trabalhar diretamente com relatos que reconstituem experiências passadas, a história oral não se dedica à recordação passiva dos fatos, mas à reelaboração do passado através da memória e da narrativa, dos filtros de linguagem. Essas “visões do passado”, como designa Beatriz Sarlo (2007), são construções que colocam a experiência vivida em uma temporalidade que não é a de seu acontecer, mas a da lembrança. Esta, por sua vez, será sempre uma reelaboração do que realmente aconteceu. O que nos interessa, portanto, é “a maneira como as memórias foram construídas e reconstruídas como parte de uma consciência contemporânea⁵⁵” (Schwarzstein, 2001, p. 74 e 75).

Há uma série de fatores que levam à recordação de um evento em detrimento de outro por parte de um sujeito: o impacto que determinado fato histórico tem na vida de uma pessoa, as condições sociais, históricas e culturais à época do evento, suas crenças pessoais e a relação entre a pessoa que rememora eventos passados com aquela que dialoga são alguns

⁵⁵ No original: la manera en que las memorias fueron construidas y reconstruidas como parte de una conciencia contemporánea.

deles. Isso explica porque entrevistas com diferentes pessoas pertencentes a um mesmo grupo sobre um mesmo evento produzem relatos tão distintos, como observou Svétlana Aleksievitch (2016) ao entrevistar mulheres russas que participaram da Segunda Guerra Mundial: algumas se prontificaram a falar, se lembravam com detalhes precisos sobre os anos no *front*; outras diziam que não tinham nada para relatar, mas guardavam com exatidão momentos marcantes que não estavam presentes na maioria dos livros sobre a guerra.

Assumindo a subjetividade dos sujeitos que narram e localizando de onde partem esses saberes, torna-se necessário manter o olhar crítico sobre as fontes orais e, quando necessário, contrapô-las com outros documentos históricos e fontes de investigação. No processo de narração da memória, acontece algumas vezes das pessoas “reescreverem” e “inventarem” passagens. Não se tratam de invenções nem de mentiras propositais, mas uma expressão de que as recordações que temos acesso nada mais são do que a reelaboração do sujeito sobre o que realmente ocorreu. Como observa Aleksievitch (2016, p. 13) “as lembranças não são um relato apaixonado ou desapaixonado de uma realidade que desapareceu, mas um renascimento do passado, quando o tempo se volta para trás. Antes de mais nada, é uma criação. Ao contar, as pessoas criam, ‘escrevem’ sua vida”.

Tenhamos em mente um exemplo simplificado: ao narrar sobre o processo de luto, é possível que uma pessoa diga que o enterro de um ente querido foi em um dia chuvoso, mesmo que estivesse ensolarado, pois a forma como recorda sobre aquele evento a remete a um dia cinzento, frio e nebuloso, compatível à lembrança sobre o sentimento de perda e enlutamento. Nesse sentido, Beatriz Sarlo (2007, p. 9) explica a complexa relação entre memória e história:

o passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade).

Assim, as fontes orais se fragmentam em três temporalidades distintas, mas interconectadas: o tempo passado (de quando ocorreram os fatos), o tempo do diálogo (de reconstituição da memória, que a cada repetição volta a se atualizar) e o tempo de produção das fontes orais (a interpretação da memória, a transcrição e a produção do documento histórico). Sintetizando, Portelli diz que a história oral “é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória” (Portelli, 2016, p. 18).

Na triangulação entre as experiências passadas e o contexto presente em que se escuta, é importante se atentar também às relações entre o entrevistador e o entrevistado. O primeiro

contato com a pessoa com quem desejamos estabelecer um diálogo para uma entrevista pode já definir a relação que se estabelece entre os dois sujeitos. Portelli (2016) argumenta que os pontos em comum podem aproximar o diálogo, mas a diferença também se torna significativa. Nos aspectos que separam entrevistador e entrevistado, muitas vezes se estabelece uma relação de confiança na medida em que ambas as partes reconhecem e compartilham a necessidade de ouvir e aceitar o outro. A respeito deste aspecto, Judith Butler (2011) elabora como a existência humana se forma não *a priori*, mas sempre em relação com o Outro, afinal, “somos primeiro dirigidos, reportados por um Outro, antes mesmo que assumamos a linguagem para nós” (Butler, 2011, p. 22).

Evidentemente, ter pontos em comum com as jornalistas que entrevistei neste estudo me aproximou muitas vezes de minhas interlocutoras – de modo geral, também sou mulher, jornalista, conheço o processo produtivo e exaustivo de trabalho das redações e já presenciei episódios de violência, embora nunca tenha sido vítima de um processo mais duro de retaliação no exercício da profissão. Além da mesma profissão, por vezes tínhamos outras coisas em comum. Sávia e eu, por exemplo, compartilhamos uma trajetória acadêmica e um interesse comum pelos estudos de gênero, o que acredito ter gerado uma identificação quando propus o convite à pesquisa, diante da sua resposta: “Tudo bem. Aceito participar da entrevista porque acho o tema importante e porque acredito na Ciência e nas mulheres pesquisadoras, como você!” (Barreto, 2024a, online).

Ao mesmo tempo, existem algumas distinções que nos afastam: geracionais, regionais, raciais etc. Para além dos marcadores sociais da diferença, está o fato de que não experienciei aquilo que elas viveram e, mesmo através do testemunho possivelmente mais fidedigno, não sou capaz de acessar a experiência passada por completo (o que estou diante é da recordação da experiência). Assim, mais do que pontos em comum com minhas interlocutoras, a abertura para a escuta ao diálogo é essencial para garantir a criação de um espaço narrativo favorável. Voltarei a este ponto na seção seguinte quando compartilho alguns dos encontros que tive com as jornalistas ao entrevistá-las.

Quando Portelli (2016) define a história oral como a “arte da escuta” significa que, diferentemente do que ocorre em outros tipos de entrevista, cabe aqui priorizar a liberdade de fala dos entrevistados, mesmo quando consideramos que parte de seus relatos não se torna relevante. Embora haja um fio condutor da entrevista, deve-se deixar uma abertura para que a conversa tome o rumo necessário. Normalmente, são aqueles elementos que damos menor importância, muitas vezes de caráter pessoal, onde se encontram o retrato de uma época, mediados pela experiência subjetiva.

Esse aspecto é fundamental quando estamos entrevistando mulheres, uma vez que, por muitos anos (e, por vezes, ainda hoje), a experiência de vida delas foi resguardada à esfera privada, considerada de menor importância em comparação à esfera pública e masculina. Para a história oral, devido à prerrogativa do testemunho e da subjetividade, o pessoal adquire um valor não apenas resumido à intimidade, mas de manifestação pública. “Em última instância, a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro” (Portelli, 2016, p. 16).

Embora se assemelhem em alguns pontos, é importante notar que se discernem as entrevistas de projetos de história oral daquelas entrevistas feitas no processo de apuração jornalística. O relato de testemunhas de crimes, acidentes ou catástrofes na cobertura do jornalismo diário, por exemplo, tem como objetivo extrair informações para a reconstituição dos fatos e para a construção do texto noticioso. Ao entrevistar especialistas, o/a jornalista busca uma “fonte oficial” com conhecimento técnico que possa garantir legitimidade ao discurso, um tipo de estratégia argumentativa. É o que ocorre quando há entrevistas com juristas que explicam se há base legal para processos de *impeachment* contra autoridades que ocupam cargos públicos. Existem ainda as entrevistas com os “personagens”, que buscam ilustrar um fenômeno, mostrar como uma mudança impacta na vida cotidiana das pessoas. Por exemplo, o relato de taxistas sobre o aumento do preço da gasolina. Nestes três casos — entrevistas com vítimas de factualidade, especialistas ou “personagens” — o que interessa primordialmente está no plano da informação, seja pelo testemunho, pela expertise ou pela exemplificação.

Na história oral, por outro lado, a entrevista se aproxima mais a um diálogo ou a uma conversa. Existem dois planos, o da narrativa e da informação, mas também o do exercício da memória e da reflexão sobre o que narrar. A narrativa está sempre atrelada à experiência que, por sua vez, é interpelada pelos processos de mediação e hipermediação (Sarlo, 2007). Para a história oral, as pausas, repetições, hesitações ao falar, o que se escolhe falar, o tom de voz, gestos também são elementos a serem interpretados pelo entrevistador. Dessa forma, a necessidade de se criar um espaço de escuta se deve também a poder criar as condições necessárias à interpretação desses elementos.

Assim como os entrevistados buscam na linguagem recursos para representar suas experiências passadas, cabe a quem entrevista fazer uso de escolhas linguísticas a fim de preservar traços da oralidade que também remetem à experiência. “Insistimos que o significado de um evento não pode ser separado da linguagem na qual ele é lembrado e narrado. Por outro, a forma narrativa sempre contém mais camadas de significado, “mais

caminhos de interpretação do que uma análise lógica, racional” (Portelli, 2016, p. 20). A última parte do trabalho por meio da história oral, portanto, consiste justamente em transpor os significados das entrevistas, de maneira que traduzam a rememoração dos eventos, produzindo novos documentos históricos que preservem os traços da oralidade e marcas da subjetividade.

Ao longo da minha breve experiência trabalhando em redações jornalísticas, sempre enfrentei dificuldades ao ter que entrevistar familiares de vítimas de balas perdidas, situação recorrente no cotidiano do noticiário local do Rio de Janeiro. Nas emissoras de televisão, onde muitas das vezes nos é exigida frieza ao tratar da violência, agilidade para conseguir contato com as fontes e a apuração precisa dos relatos, deixamos de lado grande parte do sofrimento que aquele processo desvela. Com frequência, as entrevistas eram feitas por videochamadas ou rápidas ligações, sem a atenção e o cuidado exigidos. Isso também dificultava que eu conseguisse me conectar a fundo com a realidade de meus interlocutores e minhas interlocutoras, na maioria das vezes, mulheres pretas, moradoras de favelas ou territórios periféricos, mães que perderam seus filhos, maridos ou familiares.

Trabalhar com temas sensíveis como o desta pesquisa exigem o cuidado e atenção necessários, uma vez que o processo de entrevista remete à reconstituição de experiências de alta intensidade emocional. “A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontornável” (Sarlo, 2007, p. 10), mas nem sempre o retorno ao passado é um movimento libertador, podendo ser acionados novos gatilhos no processo de rememoração dos traumas. Diante dessas preocupações éticas, foram adotadas algumas medidas, como a submissão e aprovação deste projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que deixou as jornalistas mais seguras e a vontade para falar durante as entrevistas. Além disso, todos os encontros com as entrevistadas foram feitos de maneira presencial, preocupação adotada desde o início da escolha das jornalistas participantes para que houvesse um espaço de confiança. Ao longo da realização das entrevistas, também me reuni com Glaucia Mayara Niedermeyer Orth, psicóloga que se dedica a estudar questões relativas ao trauma e que pôde me assessorar quanto à condução da entrevista e a abordagem desses temas com as entrevistadas.

Mesmo diante de tais cuidados, inevitavelmente, o processo de diálogo e de rememoração das violências enfrentadas suscitaram diferentes emoções nas entrevistadas e também em mim, ao partilhar dos seus testemunhos. Nesse sentido, não sou imune às afetações, pois, como apontado por Aléksievich (2016), entre quem narra e quem escuta,

estão os nossos sentimentos. Sobre esse aspecto, decidi compartilhar, como uma espécie de diário de campo, alguns dos encontros que tive.

3.4 Ser afetada

Eram por volta das 10h da manhã quando cheguei à Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo. O espaço já me era familiar: há exatamente um ano atrás, tinha estado naquela mesma faculdade, para o mesmo evento, o Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Abraji. No corredor, buscando a sala onde aconteceria uma das palestras que queria assistir, encontrei com Alana. Nos cumprimentamos, me apresentei novamente (como havíamos conversado há mais de um ano pessoalmente, não sabia se ela se lembraria do meu rosto) e confirmei a entrevista que faríamos mais tarde. Perdi o início da primeira palestra, mas não importava muito.

Assim que terminou, fui direto procurar a próxima mesa, intitulada *O assédio judicial e o aumento das ações criminais contra jornalistas*. Além de me interessar pelo tema, estava ansiosa para ouvir duas das palestrantes que participaram, justamente Alana Rocha e Schirlei Alves. Há alguns meses atrás, havia entrado em contato com ambas para fazer o convite à participação no projeto. Eu explicara como cheguei até elas, por que gostaria de entrevistá-las e por que era importante ouvir suas histórias. Alana, de prontidão, aceitou o meu pedido e me respondeu por *WhatsApp*: “Sempre bom a gente expor essas situações. Para que possamos combater cada vez mais” (Rocha, 2024, online).

Eu estava convicta de que não teria problemas para conseguir entrevistar Schirlei Alves. Em janeiro de 2021, poucos meses após a publicação da reportagem sobre o caso Mariana Ferrer (Alves, 2020) e início dos ataques virtuais, conversamos por *WhatsApp* para uma reportagem⁵⁶ que eu estava fazendo sobre violência contra jornalistas para a *Rádio UFRJ*. Por isso, me surpreendi quando, após entrar em contato novamente e ficar alguns dias sem resposta, recebi esta mensagem de Schirlei:

Oi, Giovana. **Eu tenho recebido muitas demandas pra falar sobre o meu caso e isso sobrecarrega o meu emocional.** Eu pretendo fazer uma mesa sobre isso na Abraji. Assim posso atender a quase todos os pedidos de uma

⁵⁶ Violência contra jornalistas foi recorde em 2020, aponta relatório. Rádio UFRJ, 26 jan. 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/76vObn6gMvkRfPlgn6eOra?si=Q2c4ggBIR8KHQ5fJIR4_uw Acesso: 20 dez. 2024.

vez. Eu não tenho condições de atender a todas as demandas neste momento. Agradeço pelo interesse e entendo a importância. **Mas eu também preciso me preservar.** Eu tenho concedido algumas entrevistas bem pontuais, mas a demanda, infelizmente, tem sido maior do que eu consigo dar conta. Espero que entenda! Em breve vai sair uma entrevista que eu dei para a *Reuters*. Posso compartilhar com você quando sair. (Alves, 2024, online, grifo meu)

Três anos depois que nos falamos pela primeira vez, talvez muitas pessoas já tivessem esquecido sobre o caso Mariana Ferrer ou o que aconteceu com a jornalista que publicou a reportagem do *The Intercept Brasil* àquela época. Mas, na vida de Schirlei, era impossível esquecer aquele episódio devido aos inúmeros desdobramentos que se seguiram: ataques nas redes, ameaças, processos judiciais, cumprimentos de liminares, novas intimações... Posteriormente, durante nossa conversa, quando lhe perguntei o que a afetava mais, Schirlei (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim), respondeu:

Não sei. Te responder essa pergunta. Não sei o que me abalou mais, acho que foi uma mistura de tudo, assim. Acho que... eu não sei, é um turbilhão tão grande de emoção que eu não... eu não consigo te descrever assim. Não acho palavra assim, não sei... Mas tudo, a gente ficou muito, eu fiquei muito envolvida porque a gente tinha defesa pra fazer, então, já teve liminar ali, eu já tive que me manifestar nas redes sociais. Então, eu tinha, eu tinha, eu tinha compromissos. Eu tinha que... eu tinha prazo pra cumprir judicialmente. Ah, eu tinha que... tinha, tinha uma liminar da juíza que mandava a gente fazer algumas postagens nas nossas redes, então, eu tive que me preocupar com isso.... contato com os advogados. Eu era, toda vez que eu era intimada em casa, eu tinha que estar em contato com a juíza. Então, assim, eu tinha responsabilidades, a partir daquele momento, judiciais. E na justiça tudo tem prazo e.... não dá para pensar muito, sabe?

Foi a partir da primeira negativa à participação neste projeto que me dei conta da dimensão da responsabilidade que estava lidando ao entrevistar aquelas pessoas. É fato que houve algumas *Alanas*, que ficaram felizes em ajudar com a pesquisa, que queriam expor seus agressores e denunciar a violência que enfrentaram. Foi esse também o caso de Ívina Garcia, que prontamente se ofereceu para me enviar os *prints* e áudios das agressões que tinha guardados. Mas havia também outras *Schirleis*, como Sávila, que desde o convite à entrevista, expôs sua preocupação em precisar rememorar as agressões e questionou a possibilidade de ter sua identidade preservada (Barreto, 2024a, online, grifo meu):

Na sua pesquisa, meu nome vai aparecer? Você dará identidade às jornalistas entrevistadas? **Penso sobre as consequências de trazer de volta esse redemoinho de agressões. E, sim, eu mudei toda a minha vida depois do episódio.** Sua hipótese se confirma, rs.

Expliquei a ela que poderia decidir sobre se identificar ou não no projeto mais adiante e que poderíamos conversar e amadurecer a ideia juntas. Deixei claro que aquela era uma escolha sua, mas que acreditava que era importante se identificar, afinal, além de serem episódios de violência que ficaram publicizados, muitos noticiados pela própria imprensa, as jornalistas eram também figuras públicas, que poderiam facilmente ser identificadas pelo relato. Expliquei que não exporia nomes de terceiros ou informações que pudessem comprometer sua segurança física e disse que achava importante a identificação para “dar um rosto” ao número tão exorbitante de casos de violência registrados. A resposta fez com que Sávia concordasse em participar do projeto e, meses depois daquele primeiro contato, nos encontramos em Brasília.

No caso de Schirlei, porém, a resposta negativa veio de imediato e fiquei sem saber o que fazer. Eu já estava me planejando para ir ao Congresso da Abraji e já iria assistir àquela palestra de qualquer maneira, mas, por questões metodológicas, não poderia utilizar o relato daquele espaço da mesma forma que usaria das entrevistas individuais, como ela havia sugerido. Naquele primeiro momento, portanto, decidimos que o seu caso seria abordado na dissertação como forma de refletir sobre o impacto da violência na sua vida, impossibilitando-a, inclusive, de falar sobre o tema, mas não a incluiria no *corpus* de análise propriamente dito.

Assim, no dia da palestra sobre assédio judicial, entrei na sala alguns minutos antes, me sentei ao fundo da sala e fiquei aguardando o início. Pensei melhor e troquei de lugar, sentando-me em uma das primeiras carteiras, à esquerda da mesa das palestrantes, bem à diagonal de Schirlei e Alana. Cristina Zahar, coordenadora do Comitê para a Proteção de Jornalistas (CPJ) para a América Latina, mediadora da palestra, fez a fala inicial. Em seguida, falaram Taís Gasparian, advogada e fundadora do Instituto Tornavoz, e Letícia Kleim, coordenadora jurídica da Abraji. Depois, foi a vez de Alana. Eu já conhecia um pouco da sua história, pois assisti a uma mesa em que ela participou na edição anterior do congresso da Abraji, ocasião em que nos conhecemos pela primeira vez. No entanto, naquele dia, descobri que ela tinha enfrentado diversos processos judiciais e o que mais me impressionava era a forma como Alana lidava ao falar sobre esses casos. Sempre de cabeça erguida, parecia encarar situações trágicas com um certo humor, debochando e expondo o ridículo de seus agressores, fato que se confirmou posteriormente, durante nossa conversa a sós. Em determinado momento da entrevista, ela comentou sobre como lidava com certos comentários machistas e transfóbicos que chegou a escutar de colegas na *TV Aratu*:

Então, às vezes, eu entrava na brincadeira, não levava tão a sério uma piada... Mesmo sabendo que aquilo ali era um pouco transfóbico, era um pouco machista, mas tem coisas que, pelo menos, minha visão é assim. Tem coisas menores que você pode passar por cima, né? Sabe? Seguir em frente. **Não é você parar numa... numa...você pode tropeçar numa pedra e cair. Agora você tropeçar numa britazinha e cair? Pelo amor de Deus, né? Você pisa na brita, ela vai afundar na terra e você vai embora!** Agora uma pedra grande, de alicerce, se você tomar papada nela, você vai cair. Aí, você vai ter que realmente resolver (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Alana conseguiu arrancar algumas risadas da plateia, que estava tensa. Muitos e muitas jornalistas ali presentes também vinham sendo alvo de assédio judicial e se identificavam com as histórias relatadas.

A última a falar foi Schirlei. Ela havia preparado uma apresentação, cujo primeiro slide dizia: “Como o caso Mariana Ferrer mudou a minha vida”. Senti um frio na espinha ao ler aquela frase. Não sei dizer direito qual era a sensação, mas lembro de pensar “Caramba, essa frase resume exatamente a minha hipótese de pesquisa”. Eu já havia lido algumas entrevistas com Schirlei contando sobre seu episódio, já conhecia a sua história, já havíamos nos falado. Mas estar ali, defronte a ela, escutando-a falar pessoalmente, tinha um outro peso, um outro significado. Era como se desse forma e vida a algo irrepresentável.

Ao longo da palestra, senti a garganta apertar. Durante toda a sua fala, Schirlei fez menção a alguns amigos, também jornalistas, que foram fundamentais para que ela conseguisse continuar trabalhando. Foram amigos que a ajudaram a salvar as mensagens que ela recebeu, para que pudesse ter provas, posteriormente.

Eu não tinha condição de olhar as mensagens. Eu tive que pedir ajuda, umas amigas minhas criaram um grupo, que eu tenho esse grupo WhatsApp até hoje. E aí elas criaram um grupo para me ajudar assim. “Ah, o que que a gente precisa fazer?” Eu dizia “Cara, eu preciso que vocês façam um print dos ataques e coloquem eles numa pasta, porque eu vou precisar disso depois”. Eu tenho até hoje essa pasta, né, com os prints e tal. E elas me ajudaram, pessoal da Abrají também me ajudou a catar esses, esses ataques e fazer essa garimpada daí, porque eu não tinha a menor condição de ficar olhando aquilo, sabe? Tive que me afastar das redes, tive que fechar minhas redes... se não eu ia enlouquecer (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim).

O tom de voz de Schirlei era totalmente diferente do de Alana. Era possível ver que estar ali em pé diante de uma plateia de jornalistas e estudantes de jornalismo de diferentes lugares do país, compartilhando uma experiência tão íntima, era um desafio que exigia muito de sua energia mental. Não que a violência que acometeu Alana não fosse igualmente grave,

mas a forma como ela lidava, publicamente, ao falar sobre aquilo transparecia mais leve e tranquila, como quem conta uma anedota na mesa do bar a um grupo de amigos. Posteriormente, conversando sozinha com ela, Alana confessou que certos acontecimentos a deixaram muito abalada, especialmente devido à preocupação de sua mãe, o que confirmou a importância da realização das entrevistas individuais para que as jornalistas se sentissem mais seguras e confortáveis em compartilhar suas experiências.

Quase no final da palestra, depois de hesitar se falava ou não, Schirlei decidiu compartilhar que chegou a ter ideias suicidas quando os ataques ficaram mais intensos. Lembro dos meus olhos encherem d'água naquele momento. Era um sentimento de dor e revolta, ambos misturados. Olhava o slide à sua frente com alguns dos *prints* das mensagens, eram comentários misóginos, horríveis. Segurei o choro e tentei manter a compostura. Schirlei terminou de falar e Cristina Zahar tomou a palavra, abrindo para as perguntas do público. Eu havia rascunhado algumas no meu pequeno bloquinho, mas não tive coragem de levantar a mão. Sabia que se fosse falar, a voz sairia embargada, trêmula e era bem possível que começasse a chorar. Outros colegas prontamente levantaram a mão e me lembro de compartilharem que também estavam sendo alvo de assédio judicial, de pedirem orientações, conselhos e de parabenizarem as jornalistas.

Quando a mesa terminou, algumas pessoas se aproximaram das palestrantes. Esperei mais um pouco para, então, ir falar com Schirlei. Me apresentei, lembrei a ela que havíamos nos falado e, em um ímpeto quase que incontrolável, comecei a chorar. Desabei. Aquele relato era muito mais do que eu estava esperando escutar. Só consegui agradecê-la por compartilhar sua história, por ter feito o que ela fez. Chorei, soluçando como criança, e nos abraçamos. Vi que seus olhos também se encheram d'água. Alana, que estava ao lado, começou a tentar me acalmar e disse algo como: “Ô, bichinha, você ficou emocionada, foi? Não chore não! Que bom que estamos aqui, que bom que temos esse espaço!”.

Já um pouco mais calma, vi um rapaz que estava atrás de mim, estudante de mestrado na USP, se aproximar e perguntar à Schirlei se ela poderia lhe conceder entrevista à sua pesquisa sobre assédio judicial. Ela começou a responder o que me havia dito por mensagem, mas parou por um instante. E, então, concordou em falar com o rapaz. Depois, me olhou e disse que também poderíamos conversar.

Ao escrever sobre sua experiência em campo estudando feitiçaria no Bocage, região rural da França, a antropóloga Jeanne Favret-Saada (2005) criticou o distanciamento de métodos e práticas etnográficas tradicionais, incluindo a observação participante. Favret-Saada questiona o lugar dos afetos representado pela literatura anglo-saxã nesses

processos: quando não são negados ou rechaçados, são tidos como “mero produto de uma construção cultural, e que não têm nenhuma consistência fora dessa construção” (Favret-Saada, 2005, p. 155). Segundo ela, a racionalidade exigida por tais métodos negligencia elementos subjetivos do próprio pesquisador que não se podem desvincular do processo de produção e interpretação do conhecimento.

Nesse sentido, ao se deixar ser afetada em campo e assumir o papel que lhe foi designado nas sessões de feitiçaria, a antropóloga observa que:

entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás, que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer uma certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo (Favret-Saada, 2005, p. 160).

Assim, ser afetado em campo possibilita encontrar também resultados empíricos que só são possíveis diante de uma perspectiva relacional com o objeto. Ao ver-me chorando, afetada com seu relato, é possível que Schirlei tenha se sensibilizado e, afetada em troca, resolveu conceder-me entrevista ao projeto. Foram igualmente relevantes os elementos que se sucederam para que ela aceitasse falar: o contato inicial, ter respeitado a primeira resposta negativa ao convite, ter ido ao encontro dela presencialmente, estar no Congresso da Abraji (espaço em que tradicionalmente se discute violência contra jornalistas e segurança à categoria), a conversa, o choro, o abraço.

Em uma abordagem afetiva da comunicação, Jean-Luc Moriceau (2020) defende que os pesquisadores se guiem pelos afetos como ponto de reflexividade em suas investigações. Segundo ele, “os afetos nos colocam em comunicação, e muitas vezes é a pesquisa que vem até nós, desde que estejamos prontos para sermos transformados pela experiência do ato de pesquisar, abalados em nossas crenças, nossas teorias, nossa sensibilidade” (Moriceau, 2020, p. 24). Para ele, não é possível definir o afeto, que se manifesta de maneiras diversas, pluridirecionais. Presume-se um processo dialógico com o objeto: deixar que sejamos afetados por aquilo que estudamos e afetá-lo igualmente em troca.

Nas conversas, vi-me constantemente afetada e igualmente afetando minhas interlocutoras. Quase sempre começava perguntando por que elas escolheram ser jornalistas, quais foram as suas percepções sobre a faculdade, sobre os lugares em que trabalharam, coberturas mais marcantes. Algumas já desatavam a falar, desde o início, outras iam se

soltando com o passar do tempo. Em meio às lembranças, elas se emocionavam: riam, choravam, suspiravam. Com o tempo, ia tomando jeito e gosto pela coisa. O roteiro de perguntas já não era levado tão à risca, as entrevistas fluíam com mais naturalidade e, por vezes, acaba também compartilhando parte da minha experiência pessoal. Foi assim com Helena, quando comentei que fui leitora da revista *Azmina*, quando tinha 15 anos, e ajudei a fundar um coletivo feminista na minha escola e também com Renata, quando ela comentou que era fã do ‘Bom Dia Rio’, telejornal da *TV Globo* em que estava trabalhando como editora naquela época.

Meu Deus, aquilo é maravilhoso. Os jornais, aquelas meninas todas negras. Nossa, aquilo foi maravilhoso. [...] Então, quando eu ligo a televisão, eu vejo aquilo e vejo o Fachel falar, a Silvana que conhece cada greta do subúrbio, cada viela que ela sabe se pegar, rua tal, sai daqui, foge do congestionamento, ela fala. É subúrbio, na veia, você vê o povo demais naquele jornal, eu acho a melhor coisa que tem na televisão brasileira inteira (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim).

A caminho de cada nova entrevista, me preparava mentalmente para ouvir uma nova história. Cada encontro era único, singular e intenso. Eu ficava cansada depois de duas, às vezes, quase três horas de conversa. E imagino que elas também. Não apenas pela duração da entrevista, mas por todo esforço que envolvia rememorar episódios que muitas vezes elas lutaram tanto para esquecer. Sobre este aspecto, Aleksievitch (2016, p. 179) escreveu: “Eu também me transformo em testemunha. Testemunha daquilo que as pessoas se lembram, e de como se lembram, do que querem falar, e do que tentam esquecer ou afastar para o canto mais distante da memória”.

Algumas abriram as portas de suas casas para mim. Era como se dissessem “Entre, veja, essa sou eu. É aqui onde eu moro, é aqui onde guardo minha intimidade”. Um ato corajoso, mesmo para aquelas com quem já vinha trocando mensagens há alguns meses. Em São Paulo, foi a filha de Ívina, de apenas 7 anos, quem me recebeu na porta. Na sala do apartamento, diversos bonequinhos de filmes de ficção científica e cultura *geek* decoravam o hack onde ficava a televisão. Depois de passar um café, sentamos no sofá e começamos a conversar. De vez em quando, sua filha espichava a cabeça para ver o que estava acontecendo, se já tinha terminado. Ela devia estar achando engraçado a mãe, jornalista e quem normalmente entrevistava as pessoas, agora sendo entrevistada.

Mesmo Amanda Klein, talvez a jornalista com maior visibilidade entre as minhas entrevistadas, me recebeu em sua casa. Me mostrou onde fazia as entradas ao vivo para a televisão, me emprestou seu tripé para melhor posicionar o celular e me ofereceu água, café,

água de coco. A conversa terminou quando ela precisou sair para buscar o filho na escola e me disse “fica a vontade, pode esperar seu uber aqui dentro”. A casa de uma jornalista talvez fosse aquele único resquício de intimidade que lhe restara. A única coisa que não conseguiram invadir, violar, expor. Sentia-me adentrando em um espaço sagrado e, a cada ida, dava início a um novo ritual mnemônico. Estar em suas casas, ver de perto suas rotinas, às vezes, conhecer seus filhos, familiares (a família de Vanessa foi ao encontro dela no final da nossa conversa), tornava aquela experiência mais imersiva e completa.

Às vezes, ao final das entrevistas, recebia uma mensagem delas me agradecendo. Lembro-me de Sávía me dizer, meses antes de nos encontrarmos pessoalmente, que falaria sobre meu convite em sua análise. Quando chegou no café em Brasília onde marcamos de conversar, ela me contou que acabava de vir de uma sessão de terapia. Horas depois, descobri que aquela era a primeira vez que Sávía falava abertamente sobre como a agressão impactou na sua vida, mudando-a por completo. Depois, compartilhou nos *stories*⁵⁷ do seu *Instagram* uma foto que tiramos com o seguinte texto:

hoje, do outro lado da mesa, como entrevistada da @giovanakebian para a dissertação de mestrado dela sobre o efeito da violência anti-imprensa na vida de mulheres jornalistas. 3h depois... obrigada por tocar nesse tema tão necessário e pela paciência (passei alguns meses para decidir se falaria ou não, rs). que a pesquisa da @giovanakebian contribua para o trabalho das mulheres no jornalismo (e as violências advindas da visibilidade) ganhem as reflexões tão necessárias para as mudanças que desejamos (Barreto, 2024b, online).

É interessante notar como, assim como eu me sensibilizei por suas falas, elas também se emocionaram, se afetaram e foram tocadas pelos seus próprios relatos em um momento mais distanciado da experiência, como disse Vanessa (2024, p. 488, grifo meu), ao final da nossa entrevista:

G Da minha parte, eu acho que você já contou tudo o que eu precisava, mas você gostaria de falar mais alguma coisa?

V: Não, não, eu achei até que foi menos... **É bom passar o tempo e você revisitar algumas coisas.**

G: Com distância...

V: É, com distância. Principalmente esse momento que eu falei que eu não ia parar. E que eu acho que as minhas colegas também são assim. Eu acho que elas são unânimes em dizer isso. Ninguém vai parar.

Neste capítulo, portanto, abordamos os procedimentos metodológicos que foram tomados a fim de selecionar as jornalistas participantes da pesquisa e também detalhamos a abordagem teórico-metodológica que conduziu as entrevistas. Em primeiro lugar, foi realizado um levantamento com todos os episódios de violência contra mulheres jornalistas

⁵⁷ Um *story* é um tipo de publicação de foto ou vídeo no *Instagram* que tem duração de 24 horas.

registrados pela Fenaj, entre 2019 e 2023. A partir dos casos em que haviam registros de mudanças nas práticas jornalísticas, possivelmente associadas às agressões, passamos a fazer uma breve pesquisa exploratória para encontrar relatos das jornalistas em entrevistas à imprensa e nos aprofundar nos contextos que suscitaram as violências. Em seguida, selecionamos oito jornalistas, buscando contemplar uma amostra representativa em relação aos aspectos identitários, regionais, profissionais e também considerando a possibilidade da realização das entrevistas de maneira presencial. Apresentamos brevemente as trajetórias dessas profissionais, assim como justificamos os motivos pelos quais cada uma delas foi incluída na amostra.

Ainda neste capítulo, explicitamos como utilizamos a história oral na condução das entrevistas com as jornalistas. Nesse processo dialógico, nos interessamos não somente pelas informações relativas aos eventos passados, mas sobretudo pela forma como a memória apreende os fatos e como elas passam a narrar a violência que enfrentaram. Essa perspectiva se torna extremamente valiosa a fim de compreender como essas experiências assumem um *status* traumático, perspectiva que será abordada adiante.

Por fim, este capítulo também trouxe algumas reflexões sobre os afetos na pesquisa acadêmica em forma de relato de campo, evidenciando como a subjetividade dos e das pesquisadores é indissociável de sua prática e como emoções podem ser utilizadas como ferramenta para guiar a pesquisa empírica.

Assim, os temas abordados no presente capítulo são de extrema importância para elucidação do percurso teórico-metodológico percorrido pela pesquisa, assim como para familiarização do contexto que motivaram as violências enfrentadas por cada uma das jornalistas. A perspectiva da história oral, que tem a memória na sua centralidade, também é valiosa para pensar nos processos traumáticos enfrentados pelas jornalistas, como veremos a seguir.

4. A violência que fica: trauma, memória e autointerdição

“**Como a gente convive com isso?** Eu tenho que lidar até hoje com a polícia, porque quero que a pessoa [que fez as ameaças] seja punida. **Mas, mesmo depois da solução, vão ficar as sequelas. Fica o medo**” (Sinderski, 2023, online, grifo meu). O trecho da entrevista de Vanessa Lippelt cedida à Abraji, um ano após receber ameaças de morte e estupro em decorrência de uma reportagem em que foi editora, sintetiza o sentimento compartilhado por muitas das jornalistas mulheres vítimas de violência de gênero. A primeira frase “Como a gente convive com isso?” deu nome, inclusive, a este projeto e simboliza que, embora se tratem de eventos passados, as consequências das agressões ainda são visíveis no tempo presente, como uma cicatriz que carrega a memória da lesão que a provocou.

Parto da discussão sobre memória e trauma para acessar e interpretar os relatos das entrevistas e os efeitos dessa “violência que fica” na vida de mulheres jornalistas. Ainda que o senso comum não costume pensar no jornalismo como uma profissão que enfrenta riscos extremos ou precisa se sacrificar em prol da população, como são representadas carreiras heroicas de médicos, bombeiros e militares, os e as profissionais da imprensa são testemunhas diárias de violências, abusos e outras atrocidades, tanto pelo risco de certas coberturas, quanto por precisar entrevistar vítimas de eventos traumáticos (Seely, 2019). Estudos produzidos com correspondentes de guerra (Feinstein et al., 2002), no contexto do atentado às torres gêmeas do *World Trade Center* (Depalma, 2009) ou com jornalistas mexicanos que cobrem o narcotráfico (Flores Morales et al., 2014) mostraram que esses profissionais possuem maior probabilidade de desenvolver quadros de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático. Nesse sentido, as agressões em decorrência do trabalho jornalístico, que incluem ameaças de morte, violação sexual e outras atrocidades, também podem se tornar eventos traumáticos.

De fato, o conceito de trauma tem sido utilizado amplamente na literatura de diferentes campos de estudos, de maneira que podemos compreendê-lo a partir da área médica, que pensa no trauma enquanto uma lesão e busca tratar seus sintomas, da psicanálise, que entende o trauma como a demonstração de memórias reprimidas do inconsciente, ou, ainda, a partir de uma abordagem social para teoria do trauma (Alexander, 2004; Erickson, 1995). Este último caso é o que adotamos neste estudo, buscando entender como o trauma se manifesta não apenas como experiência isolada e individual, mas por meio da disputa sónica para a formação de uma memória coletiva (Ortega, 2011). Assim, a narração da memória,

aqui acessada através das entrevistas, é um potente mecanismo para acessar os significados compreendidos pelas mulheres jornalistas a respeito da violência enfrentada e onde observamos o *status* traumático dessas experiências tão impactantes que, por vezes, se tornam inenarráveis.

Adicionalmente, teóricas como Judith Herman (1992), Laura Brown (1995; 2005), Maria Root (1992) e Jennifer Freyd (1999) introduziram importantes contribuições aos estudos do trauma, a partir de uma abordagem feminista. Ao contrário de traumas ocasionados por contextos de violência como guerras, acidentes e desastres naturais, que são publicamente reconhecidos como tragédias, as mulheres enfrentam obstáculos para lidar com traumas relacionados à violência de gênero e que recaem à esfera privada, devido à falta de reconhecimento público, apoio do entorno e criação de mecanismos e ações para restituir as vítimas de violência. Relaciono essa abordagem com a experiência de mulheres jornalistas que, ao enfrentarem as agressões no contexto laboral, frequentemente são desacreditadas, diminuídas ou carecem de mecanismos estruturais para reportar as agressões (Herman, 1992).

A partir desse contexto, proponho a discussão sobre processos censórios e controle discursivo das profissionais da imprensa. Diante das agressões e ataques que foram incorporados em suas rotinas jornalísticas, as mulheres buscam mecanismos para lidar com a violência e seguir adiante. Muitas têm utilizado estratégias como a privação de seus perfis nas redes sociais, troca de editoria, função ou veículo, evitar abordar determinados assuntos e evitar se expor no ambiente de trabalho. Há, porém, um paradoxo no que diz respeito à identidade profissional: como jornalistas são designadas à participação ativa e cidadã no espaço público, mas como mulheres estão mais suscetíveis a experienciar episódios de violência em um contexto anti-imprensa. Denominamos este fenômeno autointerdição, uma expressão da pós-censura (Costa; Júnior, 2018) que reproduz uma lógica de privação e silenciamento historicamente imposta às mulheres. Em outros casos, porém, a forma de lidar com o trauma consiste justamente na persistência em realizar o ofício jornalístico, encontrando na profissão uma estratégia de resistência frente à ofensiva contra o jornalismo, a democracia e, especialmente, contra as mulheres jornalistas. Assim, após o trauma, elas buscam ressignificar a violência e encontram no jornalismo uma forma de enfrentar o ódio.

4.1 Jornalismo, trauma e a cultura do silêncio das redações

O jornalismo não costuma ser associado a uma profissão arriscada e que recebe o reconhecimento heroico como acontece com outras categorias. Durante a pandemia de Covid-19, manifestações de apoio aos médicos, enfermeiros e profissionais de saúde que arriscaram suas vidas para tratar e cuidar de outras pessoas eram corriqueiras, incluindo convocações de aplausos coletivos e homenagens nas redes sociais. Em episódios de catástrofes naturais, terremotos, conflitos armados e guerras civis, bombeiros, policiais e militares também são frequentemente representados como “heróis e heroínas” que se arriscam em prol do bem-estar da população.

No entanto, em grande parte dessas factuaisidades, jornalistas e profissionais da imprensa também estão na linha de frente para acompanhar de perto o passo a passo desses acontecimentos e levar informação ao público, arriscando suas vidas tanto quanto médicos, enfermeiros, bombeiros e policiais. De acordo com o dossiê *Jornalistas vitimados pela Covid-19*, produzido pela Fenaj (2022b), o Brasil foi recordista no número de mortes de profissionais da imprensa em decorrência do coronavírus em todo mundo, seguido por Índia, Peru e México. Foram registradas ao menos 314 mortes de jornalistas e comunicadores entre abril de 2020 e fevereiro de 2022, totalizando uma média de 2,2 mortes por dia.

No tocante às mortes, o ano de 2024 foi eleito o mais letal para jornalistas desde o início da série histórica elaborada pelo Comitê de Proteção a Jornalistas (CPJ, 2025). Foram registradas ao menos 124 assassinatos de profissionais da mídia em 2024, dos quais a maioria eram palestinos e foram assassinados pelas forças israelenses. De acordo com a organização, o número de conflitos globais dobrou nos últimos cinco anos em regiões como Sudão, Paquistão, Myanmar e Gaza, aumentando os riscos para a imprensa. Mesmo no caso daqueles que sobrevivem, na busca por conseguir o melhor ângulo, a melhor entrevista, o melhor personagem, jornalistas arriscam sua saúde física e mental, se expondo à violência e situações extremas de trauma, como demonstram alguns estudos já realizados no campo.

Uma pesquisa da *New York Press Photographers Association* (Depalma, 2009), que ouviu 190 profissionais de mídia no contexto do 11 de setembro nos Estados Unidos, mostrou que um a cada cinco dos jornalistas e fotojornalistas que cobriram o atentado às torres gêmeas do *World Trade Center* desenvolveram sintomas de estresse pós-traumático e um a cada quatro foram diagnosticados com depressão. Além dos impactos psicológicos, muitos tiveram sequelas físicas causadas pela exposição à poeira tóxica das explosões e 30% dos

profissionais disseram que tanto os problemas físicos quanto psicológicos prejudicaram suas carreiras. Mas, embora 45% dos jornalistas tenham afirmado que cogitaram recusar trabalhos que pudessem reativar emoções indesejadas devido aos traumas enfrentados, apenas 25% de fato o fizeram, revelando a dificuldade que os jornalistas apresentam em lidar com os traumas na profissão.

Para Natalee Seely (2019), jornalistas estão expostos tanto a traumas primários quanto secundários, o que significa que eles podem ser tanto vítimas diretas de violências e episódios traumáticos devido às coberturas arriscadas, mas também estão sujeitos a traumas secundários ao entrevistarem pessoas que enfrentam situações traumáticas. Como uma mudança na indústria da mídia tem exigido cada vez mais reportagens sobre violência, conflitos armados, assassinatos e abusos sexuais, consequentemente, os e as jornalistas ficam mais expostos a possíveis temas traumáticos (Seely, 2019). Indo ao encontro desta perspectiva, Schirlei Alves conta que, quando foi trabalhar na editoria policial do *Diário Gaúcho*, em Porto Alegre, precisou lidar com um cotidiano constante de violências (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim):

Porto Alegre, na época, a gente fazia levantamento de homicídio e a gente não contava só homicídio, a gente contava esquartejados, decapitados, queimados. Era muito violento, muito violento. Todo dia 13 homicídios, 14 homicídios, era um absurdo assim, sabe? Muito perigoso na época andar em Porto Alegre. A Força Nacional chegou a ir pra lá por causa da violência. Bem pesado mesmo, assim. E aí, todo dia eu contava histórias também de pessoas que estavam... de famílias, de mães que perderam filhos pra violência, que perderam filhos pro tráfico. Enfim, todo dia era uma história muito pesada assim, né?

Além disso, resultados de traumas ocasionados por coberturas jornalísticas também foram observados em estudos feitos em outros países. No México, Flores Morales et al. (2014) encontraram altas taxas de depressão, ansiedade e síndrome do estresse pós-traumático entre os jornalistas mexicanos, mas sobretudo entre aqueles e aquelas que cobriram sistematicamente notícias sobre o narcotráfico e o crime organizado. Os repórteres fotográficos foram os que tiveram resultados mais preocupantes, possivelmente devido à proximidade que ficam nos conflitos armados. A pesquisa destacou ainda que, ao longo de 2011, ano em que o estudo foi conduzido, 70,5% dos jornalistas que cobrem narcotráfico foram vítimas de algum tipo de agressão por parte de policiais militares, funcionários do governo ou integrantes de grupos organizados, o que também pode ter contribuído para o agravamento dos quadros psicossomáticos.

Ademais, a literatura sobre trauma e jornalismo com frequência aborda a experiência dos correspondentes de guerra, uma vez que eles atuam na linha de frente de conflitos armados e são testemunhas de episódios drásticos de violência, tortura e abusos. Na pesquisa desenvolvida por Feinstein et al. (2002), 20% dos jornalistas correspondentes de guerra ouvidos apresentaram sintomas de transtorno do estresse pós-traumático, índice mais elevado do que o grupo que não cobria guerras e também foi entrevistado.

Por outro lado, Michelle Beitz e Paul Beighley (2020) destacam que os traumas enfrentados por jornalistas locais exigem maior atenção, pois estes profissionais representam a maioria entre os registros de assassinatos da categoria e estão mais expostos à violência, podendo desenvolver quadros traumáticos como consequência. Os pesquisadores argumentam que, ao contrário dos correspondentes que contam com a garantia de que eventualmente voltarão para seus países de origem, onde estão seguros, os jornalistas locais precisam conviver com aquela realidade, que é muitas vezes permeada por guerras, assassinatos e conflitos armados. Assim, eles estão vulneráveis a uma dose dupla de trauma: aqueles causados pela exposição direta na cobertura jornalística sobre violência, assassinatos, desastres naturais e, por outro lado, devido ao fato de também pertencerem àquela comunidade e compartilharem seus traumas coletivos e históricos. Sobre este aspecto, Daniela Osvald Ramos (2024b, online) alerta sobre o risco que os jornalistas locais se expuseram ao cobrir as enchentes do Rio Grande do Sul, em maio de 2024.

Mesmo que não tenham perdido nada e que seus lares e familiares estejam seguros, estão testemunhando durante um longo período de tempo situações de profunda tristeza, impotência e violências físicas e simbólicas contra seres humanos e animais. É uma dupla exposição que necessita de uma abordagem informada sobre trauma tanto do ponto de vista da cobertura jornalística, como o básico, que é nunca perguntar ou pedir para uma pessoa que vivencia um trauma em curso contar detalhes sobre o que está sentindo ou do que passou, pois isso pode levar a uma retraumatização, como do ponto de vista de testemunha e ou vítima da catástrofe que se desenrola.

Em 2021, o *Dart Center for Journalism and Trauma*, vinculado à Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, publicou um guia de estilo (Thompson, 2021) para a abordagem informada sobre o trauma. O documento busca orientar jornalistas, repórteres, produtores e editores sobre a escolha de notícias, uso da linguagem e ética na reportagem sobre o impacto do trauma em indivíduos, famílias e comunidades, recomendações para o uso apropriado de terminologia psicológica e científica relevante e considerações especiais ao relatar questões decorrentes de trauma. O *Dart Center* também reúne outras investigações sobre jornalismo e trauma, que, assim como os autores apresentados acima, mostram como

determinadas coberturas caracterizadas por violência extrema, terrorismo, guerras e conflitos armados podem se tornar potencialmente traumáticas para os e as profissionais da imprensa.

Mais recentemente, alguns estudos (Ferrier, 2018; Yeon Lee, Park, 2024) têm se interessado não somente nos traumas ocasionados pelas características das coberturas, mas também pelas consequências que elas podem produzir, como ataques *online*, perseguição política, agressões físicas e ameaças a jornalistas. A pesquisa conduzida por Na Yeon Lee e Ahran Park (2024) mostrou a existência de uma relação direta entre a violência digital, o aparecimento de traumas psicológicos e a vontade de deixar a profissão no caso das mulheres jornalistas sul-coreanas. Ou seja, se uma jornalista foi vítima de ataques *online*, a probabilidade dela enfrentar quadros traumáticos relacionados ao episódio é maior e, por conseguinte, aumentam os riscos do abandono da profissão. Segundo o estudo, embora também tenha sido observado um aumento de traumas psicológicos relatados por jornalistas homens que enfrentaram agressões digitais, o desejo de deixar a profissão não foi constatado. Dessa forma, a pesquisa comparativa sugere a existência de uma distinção de gênero no que diz respeito à interdição discursiva no caso das mulheres jornalistas, como exploraremos adiante, a partir dos resultados das entrevistas.

Na pesquisa feita com correspondentes de guerra, Feinstein et al. (2002) concluíram que a introdução de questões ligadas ao sofrimento emocional em um mundo masculino é temida pelos jornalistas de ser associada como sinônimo de fraqueza ou incompetência — atributos frequentemente ligados ao feminino dentro da sociedade patriarcal. Ao questionar por que os correspondentes permaneciam na profissão mesmo diante das sequelas fisiológicas e psíquicas decorrentes das coberturas, os jornalistas responderam que, embora nunca tenham sido obrigados a cobrir determinado conflito, recusar um trabalho para evitar efeitos traumáticos poderia ser interpretado como sinônimo de fragilidade e impactar em suas carreiras. Consequentemente, uma vez que começam a cobrir guerras, a tendência é continuar aceitando todas as demandas, criando uma cultura do silêncio a respeito das questões de saúde mental desenvolvidas pelas coberturas tanto por parte dos trabalhadores quanto dos gestores de empresas de mídia.

Essa percepção está de acordo com o que foi observado por Veiga (2014) em sua pesquisa etnográfica na redação da RBS. Ao analisar como os jornalistas são “seres constituídos por gênero”, Veiga demonstra que o masculino é o gênero do jornalismo, ou seja, o *ethos* valorizado dentro da profissão prioriza os atributos ligados à masculinidade. Assim, a ambição, associada à ideia de que a cobertura de guerra poderia valorizar o currículo profissional, faz com que os jornalistas temam em levar questões de saúde mental a seus

supervisores e preferiam sofrer em silêncio. Segundo Depalma (2009), os *freelancers* são os mais relutantes em recusar coberturas que podem ser prejudiciais à sua saúde ou solicitar coberturas menos violentas e estressantes, o que evidentemente está associado à fragilidade do tipo de vínculo de trabalho.

Observa-se, portanto, que a cultura do silêncio permeia as redações e dificulta que jornalistas falem abertamente sobre impactos psicológicos provocados devido ao exercício profissional e de coberturas traumáticas. Mas e quando o trauma é decorrente de violências enfrentadas na profissão, muitas vezes associadas a questões estruturais, estigmas e desigualdades? Como se manifestam os traumas associados à violência de gênero, à misoginia, ao racismo e ao patriarcalismo?

O agravamento da violência contra a categoria implica novos desafios neste contexto uma vez que os próprios profissionais passam a ser alvos de ataques e retaliações. Quando estas agressões se direcionam às mulheres jornalistas, assumem um caráter explicitamente violento, machista e misógino, de maneira que os danos causados pela violência também resvalam na estrutura social que as hierarquiza a partir do gênero, raça, sexualidade e outros componentes. Antes de abordar este aspecto, propomos um recuo a fim de recuperar as principais definições sobre trauma e sua relação direta com a memória, a história e o contexto social em que se insere.

4.2 Trauma, memória e história

Uma das principais elaborações sobre o conceito de trauma datam do final do século XIX e início do século XX. Naquela época, acreditava-se que a histeria, uma estranha doença caracterizada por uma série de sintomas incompreensíveis, tinha origem no útero e, portanto, raízes na sexualidade feminina. Na França, o médico neurologista Jean-Martin Charcot foi o responsável por atribuir os sintomas físicos da histeria a causas psíquicas (Herman, 1992). Ele trabalhava no hospital Salpêtrière, em Paris, onde atendia muitos pacientes das classes mais baixas, como moradores de ruas, prostitutas e doentes mentais. Charcot fazia demonstrações públicas ao tratar pacientes “histéricas” – a maioria delas eram mulheres jovens, vítimas de violência, estupro e exploração que encontravam refúgio no Salpêtrière – por meio da hipnose.

Após sua morte, dois discípulos de Charcot, Janet, na França, e Freud, em Viena, deram continuidade ao seu trabalho e chegaram a conclusões parecidas: a histeria era uma

condição causada por um trauma psicológico. Ao observar mulheres que eram diagnosticadas como “histéricas”, Freud percebeu que os sintomas se relacionavam à reelaboração de memórias reprimidas do inconsciente e ao excesso de excitação não descarregada. Para ele, “o trauma não é produzido como resultado de uma agressão avassaladora, mas sim como reativações de conteúdos primários reprimidos”⁵⁸ (Ortega, 2011, p. 23, tradução minha).

O diagnóstico de histeria vinculado ao excesso de excitação sexual das mulheres foi posteriormente alvo da crítica feminista por patologizar uma instabilidade que seria interpretada como aspecto inerente ao corpo feminino, assim como o uso do termo “histérica” para condenar o comportamento de mulheres (Griffiths, 2018). De todo modo, a contribuição de Freud sobre o trauma foi fundamental para formar a base da psicanálise, que através da rememoração e da expressão da palavra busca mitigar os efeitos de um trauma.

Após a Segunda Guerra Mundial, a ideia de trauma foi amplamente utilizada como uma explicação para o estado de choque enfrentado pelos soldados que foram ao *front* ou então pelos sobreviventes dos campos de concentração e que experienciaram atos de extrema violência e crueldade. Sobre o estado traumático, Judith Herman (1992, p. 24, tradução minha⁵⁹) o descreve como uma “aflição dos impotentes”:

No momento do trauma, a vítima fica indefesa devido à força avassaladora. Quando a força é a da natureza, falamos de desastres. Quando a força é de outros seres humanos, falamos de atrocidades. Os acontecimentos traumáticos sobrecarregam os sistemas normais de cuidados que dão às pessoas uma sensação de controle, ligação e significado.

Percebia-se, então, que presenciar certos acontecimentos como mortes, ameaças de mortes, desastres naturais, catástrofes, entre outros, era capaz de provocar alterações no estado psíquico de um indivíduo. Aproximando-se do campo médico, o trauma era compreendido como uma lesão e sua definição, portanto, estava associada à natureza do evento que era considerado “fora dos limites da experiência humana” (Brown, 1995). A medicina psiquiátrica passou a listar uma série de sintomas como pesadelos, *flashbacks*, sono perturbado, mente distraída e dificuldade de concentração que estariam associados ao diagnóstico do trauma (posteriormente esses sintomas seriam atribuídos a um quadro de transtorno de estresse pós-traumático ou PTSD, sigla em inglês para *post-traumatic stress disorder*).

⁵⁸ No original: el trauma no se produce como resultado de la agresión detonante, sino como reactivaciones de contenidos primarios reprimidos.

⁵⁹ No original: At the moment of trauma, the victim is rendered helpless by overwhelming force. When the force is that of nature, we speak of disasters. When the force is that of other human beings, we speak of atrocities. Traumatic events overwhelm the ordinary systems of care that give people a sense of control, connection, and meaning.

Embora não seja nosso objetivo — e nem competência — atribuir diagnósticos de doenças psíquicas, quase todas as entrevistadas relataram terem experienciado sintomas em decorrência das agressões, que expressam a forma como as violências impactaram a percepção das jornalistas sobre o evento experienciado, colocando-as em um estado de choque. Sávia é a que fala mais abertamente sobre como a agressão a afetou profundamente nos dias que se sucederam. Ela chegou a cogitar o adiamento de uma cirurgia estética, que estava marcada para o dia seguinte à agressão:

Eu fiquei em casa um tempão, eu fiquei em casa um tempão. Eu fiquei os 15 dias da cirurgia e eu fiquei depois. Assim, porque a gente tava entrando ao vivo de casa e, não sei te dizer quanto tempo eu fiquei em casa, mas fiquei em casa muito tempo, tipo, mais de um mês certamente. E depois saí, assim, muito pouco, pra resolver alguma coisa, voltar pra academia... [...] É...E fui saindo aos poucos. Pra voltar pra Câmara, por exemplo, eu devo ter voltado uns 3 meses depois, por esse medo. **Eu, assim, eu não tive um diagnóstico, mas pra mim foi quase uma síndrome do pânico.** Eu não tive o diagnóstico. Eu comecei a fazer a minha terapia, e a gente...Meu analista não gosta de diagnóstico, né? [Risadas] Ele não gosta de estereotipar, e talvez seja até bom, porque aí eu talvez me identificasse com o diagnóstico, eu não sei. Mas, eu sinto, hoje eu vejo que eram sintomas, assim, de uma quase de uma síndrome do pânico (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Amanda conta que quebrou um dente por bruxismo, de tanto apertar a boca.

[...] eu fiz terapia muitos anos na minha vida. Eu acho que isso me ajudou. Nos momentos mais difíceis, procurei ajuda com uma amiga que faz meditação e que faz limpeza e, assim, que vinha, defumava a casa inteira, limpava. Quebrei um dente que, aliás, vou botar um permanente. **Quebrei um dente de bruxismo, assim, de apertar a boca à noite.** Não sentia. Aí, comecei a sentir uma dor de dente, dor de dente, eu fui ao dentista, ele olhou e disse: um dente perfeitamente saudável do fundo, eu nunca tinha tido..., a primeira cárie na minha vida foi quando eu tava grávida. Sempre tive ótima dentição. E o cara falou “você quebrou esse dente até o osso”. Ele falou: “não consigo salvar nada esse dente, vou ter que retirar inteiro, vou ter que fazer uma extração. Você vai ficar com o dente provisório, a gente vai esperar o seu osso se recompor”. **Então, assim, meu nervosismo, acho que vai aparecer muito mais desse lado** (Klein, 30/08/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Também foram comuns os relatos de insônia, especialmente pelo medo de perseguição. Ívina compartilha que seu maior medo era que algo pudesse acontecer com a sua filha e também diz que a psicoterapia a ajudou evitar que desenvolvesse um quadro de síndrome do pânico devido a um trauma antigo.

Porque se acontecesse algo comigo, era ela sem eu. Se acontecesse algo com a gente, era minha filha que tava envolvida nisso também, sabe? Então, **eu tive noites que eu não consegui dormir, que eu ficava pensando que a**

qualquer momento iam invadir minha casa. E aí, eu, às vezes, eu ficava na sala sentada tipo, todo o carro que passava eu me preocupava um pouco, sabe? Quando tinha carro parado na frente da minha casa, eu sempre pensava na segurança dela assim. [...] Porque **na minha cabeça tava com todas essas ideias de perseguição de novo**, porque eu tenho uma predisposição a me sentir perseguida por uma situação que aconteceu quando eu era adolescente. Eu fui assaltada e a assaltante começou a me perseguir. **E aí eu desenvolvi crise do pânico, desenvolvi pânico social, eu não saía de casa. Então, eu fiquei preocupada de isso acontecer de novo com essa situação.** E aí eu falei da psicóloga e a gente conseguiu tratar muito bem essa parte e eu não tive essa mesma reação que eu tive quando eu era criança, adolescente, enfim (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Vanessa chegou a se afastar do trabalho por questões de saúde e conta que durante todo o período teve medo de sair na rua. “O médico me afastou 12 dias do trabalho. E foram 12 dias todo mundo preso dentro de casa. Porque a gente não sabia onde tava esse cara.” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim). Tanto ela quanto Renata compartilharam que fizeram uso de medicação controlada.

G: Renata, como é que você ficava quando você recebia essas mensagens, essas ameaças?

R: Sem dormir, sem dormir. Dormindo no Rivotril.

G: Chegou a procurar tratamento psicológico, psiquiátrico?

R: Cheguei, cheguei. Teve momento que eu, que eu dei uma surtada. (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu)

Em mais de uma vez, o termo “paranoia” foi usado para descrever o estado mental de alerta e hipervigilância que as jornalistas sentiram nos dias que sucederam às agressões.

Ah, naqueles primeiros dias a gente ficou com muito medo, né? Tipo, tocava a campainha...Sei lá, teve gente que mandou docinhos pra gente porque ficou preocupado, tocou a campainha, chegou entrega que a gente não tinha pedido, já disparava o coração. Que que é? Será que é bomba? Será que...**Cê fica meio paranoica, né?** Com as histórias que tem, mas no fim não teve nada assim, tipo... **Por um tempo, ainda, a gente foi um pouco mais cuidadosa com sair de casa, voltar de casa e tal. Depois, esqueci completamente** (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Então, eu tinha medo que as pessoas... porque como compartilhavam as minhas fotos, aí eu tinha medo que as pessoas, sei lá, que algum maluco me reconhecesse na rua e viesse me bater. **Então, eu tinha medo de sair na rua, ficava só dentro de casa. Fiquei meio paranoica, assim, olhava na janela se não tinha ninguém lá fora me vigiando** (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Cathy Caruth (1996) define o trauma como uma experiência tão intensamente dolorosa que um indivíduo não é capaz de processá-la normalmente. O caráter traumático de um evento reside justamente na sua forma incompreensível pela vítima que impossibilita a sua narração:

o trauma não se encontra no simples ato violento ou no evento original do passado de um indivíduo, mas sim no modo como sua natureza inassimilável — o modo precisamente como não é compreendido à primeira instância —, retorna posteriormente para assombrar o sobrevivente (Caruth, 1995, p. 4, tradução minha⁶⁰).

Judith Herman (1992) demonstra como as memórias traumáticas operam de forma diferenciada das memórias comuns e não necessariamente seguem uma linha narrativa linear. Do ponto de vista psíquico, elas costumam ser predominantemente imagéticas e podem apresentar sensações corpóreas. Influenciada pela obra de Herman, Caruth descreve que logo após um evento traumático, é possível que a vítima esqueça totalmente aquele acontecimento e, quando as memórias retornam, elas geralmente são não verbais e o indivíduo se sente incapaz de descrever aquele sentimento por meio de palavras. Ainda que a vítima continue tendo contato com o trauma e seus cheiros, sons, sentimentos — que se manifestam principalmente por meio de *flashbacks* e outros sintomas — seu cérebro não consegue trabalhar com esses elementos e dar sentido àquela experiência. Desta forma, o trauma se torna uma “experiência não reivindicada⁶¹”, pois embora uma pessoa tenha enfrentado um evento devastador, ela não é capaz de nomeá-lo simbolicamente.

Caruth argumenta que a literatura e a ficção são capazes de dar voz a indivíduos e populações traumatizados, traduzindo aquilo que a linguagem literal não consegue dar forma. Para a autora, isso ocorre porque, ao descrever experiências traumáticas, a linguagem literária se interessa precisamente pela complexa relação entre saber e não saber, assim como se caracteriza a experiência traumática: entre saber que algo aconteceu, foi factível, mas não deter de condições para assimilar aquele evento.

Apropriando-se da teoria psicanalítica, Márcio Seligmann-Silva (2000) explica que o trauma constitui uma ferida na memória e é caracterizado pela “incapacidade de *recepção* de um evento que vai além dos “limites” da nossa percepção e torna-se, para nós, algo *sem-forma*” (Seligmann-Silva, 2000, p. 84, grifo do autor). Ao mesmo tempo que possui uma

⁶⁰ No original: Trauma is not locatable in the simple violent or original event in an individual's past, but rather in the way that its very unassimilated nature —the way it was precisely not known in the first instance— returns to haunt the survivor later on.

⁶¹ Uma tradução literal para a expressão *Unclaimed experience* que intitula a principal obra da autora.

face inassimilável e amorfa, o trauma também pode se manifestar por meio da recordação do evento traumático de forma extremamente clara e nítida, devido às marcas profundas que deixa na memória da vítima. No período pós-Segunda Guerra Mundial, o testemunho passou a ser considerado uma modalidade crucial para lidar com os acontecimentos daquela época. Segundo Felman (1995, p. 16, na tradução de Seligmann-Silva, 2000, p. 84):

O testemunho parece ser composto por pequenas partes de memória que foram oprimidas pelas ocorrências que não tinham se assentado como compreensão ou lembrança, atos que não podem ser construídos como saber nem assimilados à plena cognição, eventos em excesso em relação aos nossos quadros referenciais.⁶²

Assim, os testemunhos são postos em tensão na dialética entre memória e esquecimento, dois lados da mesma moeda que não se separam após a experiência de eventos traumáticos. Se por um lado, as vítimas recorrem ao testemunho como forma de superação e esquecimento, uma “fuga para frente”, por outro, é por meio da rememoração do trauma que se busca a libertação do mesmo. Como demonstra Seligmann-Silva (2000, p. 90),

O silenciar alia-se, muitas vezes, ao viver. A libertação do campo de concentração deve ser compreendida, também, no seu sentido de libertação de um passado: libertação significa luta pela sobrevivência, pelo ver-se livre do passado e por liberar esse passado da sua terrível presença e literalidade.

Similarmente, observamos nos relatos de algumas das jornalistas a dificuldade em narrar e precisar alguns detalhes, como quando a perguntei à Schirlei se tinha sido ela quem procurou o apoio da Abraji ou o contrário. “**Eu não sei... naquele dia eu tava muito 'fora da casinha'**, assim. Mas eu acho que foi a Abraji que entrou em contato comigo. Acho que foi” (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu). O mesmo foi observado na fala de Vanessa, quando a pergunto por quanto tempo depois da agressão continuou trabalhando no *Congreso em Foco*. “**Foi em junho? Foi em junho isso? Eu saí em... Eu não lembro se eu saí em outubro.** ‘Foi’ alguns meses depois. Eu já não queria mais ficar lá. Porque eu me sentia muito desrespeitada” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu). Ou no caso de Sávia que relata não se lembrar o que falou na TV que desencadeou a agressão do vereador: “eu falei que não, que eu tinha dado minha opinião, né? **Que na verdade é uma coisa tão pequena que eu nem lembro exatamente o que era, assim, a notícia**” (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

⁶² No original: As a relation to events, testimony seems to be composed of bits and pieces of a memory that has been overwhelmed by occurrences that have not settled into understanding or remembrance, acts that cannot be construed as knowledge nor assimilated into full cognition, events in excess of our frames of reference.

Há o reconhecimento por parte das jornalistas que, por viverem episódios de intensa carga emocional, são incapazes de se lembrar de certos detalhes do que ocorreu, dado ao estado abalado em que se encontravam. Sávia, inclusive, admite que buscou conscientemente esquecer de imediato aquilo que tinha acontecido:

É o que eu lembro hoje. Detalhe, eu tô fazendo um exercício de tentar lembrar, por quê? **Porque aconteceu e eu, simplesmente, não quero lembrar, morreu pra mim.** Eu não lembro a matéria, eu não lembro exatamente o que ele falou. Provavelmente você vai ver em notícias, né? **Mas, eu não lembro, eu só lembro que foi uma violência que eu fiquei extremamente angustiada** e aí eu lembro que eu saí, que tiraram ele, né? Eu achei que ele realmente ia me bater, que ele ia me agredir fisicamente e eu entrei no carro, no meu carro, e comecei a chorar (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu)

A dificuldade de narrar o trauma também se apresenta de forma mais indireta em outros aspectos da vida das jornalistas. Sávia, que antes da agressão estava fazendo uma pesquisa de doutorado em Políticas Públicas na Universidade Federal do Piauí sobre desigualdade de gênero nos órgãos públicos, diz que não conseguiu terminar sua tese, pois se via constantemente rememorando a própria violência.

S: E aí eu voltei a trabalhar e eu tive que pedir os adiamentos da minha tese, vários. Eu já ia, assim, fazer a segunda qualificação, que é como se fosse um mês antes ou dois meses antes da defesa. Eu parei tudo, é...Eu não conseguia. [Pausa] E...

G: Que que acontecia? Você ficava...sem conseguir se concentrar?

S: **Eu não tinha a motivação pra escrever sobre desigualdade de gênero. Era...Me machucava, me machucava.** É como uma pessoa que foi vítima de pedofilia e vai fazer um trabalho acadêmico sobre pessoas vítimas de pedofilia. É doloroso (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Outra tentativa de esquecimento voluntário é percebida quando pergunto às jornalistas quais eram os temas que os agressores utilizaram para atacá-las e, no geral, preferem não dizer:

Ai.... [suspira] não gosto muito de falar, mas aí... tudo que tu pode imaginar. "Lixo, vagabunda", aí, de tudo assim. Eram ataques misóginos, eram questionando minha sanidade mental, questionando meu profissionalismo, me chamando de burra. Enfim, dizendo que eu que eu tava ganhando dinheiro da Mariana, que a Mariana tava me pagando para fazer a matéria. Enfim.... (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

A dificuldade em evocar o passado traumatizante em entrevistas também é constatada no clássico texto *A Gestão do Indizível* de Michael Pollak (2010). Nele, o autor destaca uma

das entrevistas que realizou com sobreviventes dos campos de concentração femininos, Ruth A., e mostra como o silêncio é, com constância, erroneamente associado ao esquecimento. “Em certa medida, Ruth tinha organizado toda sua vida social em torno da possibilidade não de poder falar de sua experiência em campo de concentração, mas de experimentar um sentimento de segurança, sendo compreendida sem ter que falar disso” (Pollak, 2010, p. 11). De maneira análoga, tanto Schirlei quanto Sávvia compartilham a necessidade que sentiram em utilizar o silenciamento como forma de dar seguimento à vida cotidiana:

Na verdade, todo apoio me incomodou muito, porque era mexer na ferida e eu simplesmente não queria tocar, falar desse assunto, né? Minha irmã falava: “Ah, não sei quem perguntou como você tá”, e eu falei assim: “Eu não quero saber, pode encerrar”, eu fazia assim. Então, eu não queria que me tratassem. “Ah, a mamãe vai fazer um café da manhã pra ti”. Eu não quero, não quero, eu não vou. Então, eu rejeitei todo apoio que teve assim. **Porque era ficar falando do assunto, me colocar na posição de vítima. Eu era a vítima, ok, mas eu não vou ficar aqui presa a isso, não vou maximizar e deixar que isso marque a minha vida.** (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

E a repercussão mexeu muito comigo também, de novo, porque foi gatilho pra mim já dá outra situação dos ataques lá atrás. Eu não fui atacada dessa vez, eu só recebi mensagens de apoio. Uma avalanche de mensagens de apoio. É bom? **É bom, mas também é gatilho, é desgastante, traz sofrimento.** Porque há uma exposição, né? Que a gente não tem muito controle também.... Ainda bem que eu não fui atacada de novo, mas... mas é gatilho, assim, é pesado. (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Em outros relatos, porém, as jornalistas demonstram desejarem não esquecer o que aconteceu, como forma de atestarem que sofreram violência. Mesmo diante do estado de choque e sem conseguir assimilar a totalidade do evento traumático, as jornalistas percebem que precisam produzir registros sobre o acontecimento a fim de assegurar a si mesmas que foram vitimizadas.

Chorei, chorei, chorei, chorei e meu olho ficou inchado. Eu, tipo, tirei uma foto chorando. Eu não sei, me deu um impulso de registrar isso, porque era pra mim, era assim: **“Eu quero lembrar desse dia, eu quero lembrar o que aconteceu, eu preciso de um registro, preciso saber o que aconteceu.** Porque se eu não tiver o registro, não aconteceu e ele vai dizer que não aconteceu e todo mundo vai dizer que não aconteceu”. E o registro era só eu chorando (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Assim, ao narrarem os traumas, observamos nos testemunhos das mulheres jornalistas a mesma dialética entre memória e esquecimento que pode ser observada em outros contextos históricos de grupos sociais que passaram por extermínios ou situações de violência extrema. Em sua dissertação de mestrado, Mariana Boujikian (2023) entrevistou mulheres de

diferentes gerações da diáspora armênia em São Paulo a fim de descobrir as memórias coletivas sobre o Genocídio Armênio de 1915. Descendente de armênios, Boujikian esperava encontrar relatos semelhantes ao que escutou de sua avó na infância, que sempre havia defendido a necessidade de falar sobre a violência e injustiças que lhe acometeram. Ao ir a campo, porém, ela percebeu que para muitas famílias o silêncio era a regra ao se tratar do extermínio de 1,5 milhões de armênios pelo Império turco-otomano. A escolha por calar-se estaria associada, possivelmente, à tentativa de esquecer o passado e seguir em frente, em um novo país, um novo continente, em uma nova cultura (Boujikian, 2023).

Isso não impediu, no entanto, que descendentes de sobreviventes do Genocídio Armênio fossem atravessados pelo trauma coletivo que acometeu este grupo social no passado, mas cujas sequelas permanecem vívidas no presente. Até hoje a República da Turquia nega a ocorrência de um genocídio, assim como diversos países, incluindo o Brasil⁶³ não reconhecem este acontecimento histórico. Armênios que vivem em território turco lidam constantemente com as tensões históricas entre os dois países e acabam se isolando em comunidades e bairros, sem a possibilidade de se expressar livremente sobre tema do genocídio que se tornou um tabu (Boujikian, 2023) ou, mais precisamente, um trauma cultural (Alexander, 2004).

Entre os anos 1970 e 1980, estudiosos do campo das Ciências Humanas e Sociais retomaram a perspectiva psicanalítica sobre o trauma para elaborar os efeitos deste enquanto experiência coletiva e social (Alexander, 2004; Erickson, 1995). Um importante entendimento desta corrente é de que os eventos não são intrinsecamente traumáticos, mas o caráter do trauma reside na estrutura da sua experiência ou recepção: o acontecimento não é assimilado ou vivido plenamente no momento, mas apenas tardiamente. Freud já havia mostrado como o trauma é resultado da reativação de memórias avassaladoras reprimidas pelo inconsciente, contudo, diferentemente da compreensão psicanalítica, na qual o indivíduo é o objeto central de estudo, esta abordagem interessa-se sobretudo pela forma como determinadas epistemes e acontecimentos de diferentes campos atravessam e modificam as estruturas sociais, tornando-se traumas de uma comunidade ou grupo social.

Kai Erickson (1995) faz uma distinção entre o trauma individual, aquele que afeta a *psique* humana de forma tão agressiva que prejudica até mesmo suas respostas involuntárias de defesa, e o trauma coletivo, que atinge os tecidos básicos da vida social, danificando os

⁶³ Em 2015, o Senado Federal reconheceu o genocídio armênio e recomendou ao Presidente da República que também reconhecesse. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2024/04/6846307-gostariamos-de-ver-o-reconhecimento-do-genocidio-armenio-pelo-brasil-diz-embaixador.html> Acesso em: 15 jan 2025.

laços que unem as pessoas e alterando a compreensão de uma comunidade enquanto coletividade. Tem-se como exemplo a enchente que atingiu o Rio Grande do Sul em maio de 2024, evento que abalou individualmente cada pessoa que perdeu itens, familiares e passou por dificuldades financeiras e emocionais, ao mesmo tempo em que a dor e o luto enfrentados são compartilhados através da vida cotidiana e das estruturas físicas que foram comprometidas, tornando-se um trauma na memória coletiva daquela comunidade.

Jeffrey Alexander (2004) elabora sobre a existência de traumas culturais, que ocorrem quando “um evento terrível deixa marcas indeléveis na consciência do grupo, marcando as suas memórias para sempre e mudando a sua identidade futura de formas fundamentais e irrevogáveis”⁶⁴ (Alexander, 2004, p. 1, tradução minha). Assim como o genocídio de 1915 é um trauma cultural para os armênios, no contexto brasileiro, podemos pensar na Escravidão como um trauma tanto social quanto cultural, pois os efeitos deixados por mais de 300 anos de um regime político-econômico escravagista não apenas contribuiu para a estratificação e marginalização social da maior parte da população negra, mas também para a perpetuação de ideais racistas introjetados na cultura do país, afetando a identidade e representação das pessoas negras em distintos âmbitos da vida social. Portanto, um trauma cultural pode afetar permanentemente a constituição dos sujeitos vítimas desse acontecimento marcante, pois ainda que se trate de um evento passado, atua continuamente no tempo presente, marcando a memória de uma coletividade.

Portanto, vemos que o trauma pode assumir inúmeros significados, desde o ponto de vista psíquico, individual e somático, até a compreensão do trauma como expressão coletiva, social e cultural. Da mesma forma, as jornalistas vivenciam tanto traumas individuais, que as afetam, inclusive, através da manifestação de sintomas como hipervigilância, ansiedade, pânico, entre outros relatados, como percebem que suas experiências individuais não são isoladas. “Eu lembro que ‘teve’ outros colegas que foram atacados, foi... jogaram pedra em carro, inclusive dessa *TV A Crítica*, teve outro colega que foi empurrado” (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim); “As mulheres sempre foram punidas por falar, **a história da mulher é a história do silêncio**, então se você é uma mulher pública, uma mulher que fala, você vai ser punida em algum momento de alguma forma, ou desincentivada” (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu); “Os riscos aos quais nós, mulheres, nós estamos expostas diariamente, é o tempo inteiro, nós duas não

⁶⁴ No original: Cultural trauma occurs when members of a collectivity feel they have been subjected to a horrendous event that leaves indelible marks upon their group consciousness, marking their memories forever and changing their future identity in fundamental and irrevocable ways.

estamos seguras aqui” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

As dificuldades em narrar o acontecimento que enfrentaram também atestam a sua dimensão traumática, que se expressa entre o desejo de esquecer por completo e a necessidade de saber que foram vítimas de violência, antecipando que seus testemunhos podem ser desacreditados. O pêndulo entre memória e esquecimento, entre o saber e não saber, é observado nos relatos das jornalistas, especialmente quando refletem sobre os momentos em que narram suas violências e acabam se colocando, novamente, na posição de vítimas. Por outro lado, ao narrarem, elas têm a possibilidade de confrontar o passado de dor e podem seguir adiante. Como expressou Schirlei Alves, “De certa forma, eu tô sendo vítima de uma violência, né? De várias violências. **E falar sobre isso.... às vezes é cura e às vezes é revitimização, às vezes é pesado, né?**” (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Neste trabalho, o que está em jogo não é o debate sobre a presença ou ausência de expressões psicossomáticas do trauma relatadas pelas entrevistadas. Nos aproximando da perspectiva do trauma enquanto uma atribuição histórica e socialmente construída (Erikson, 1995), o que nos interessa é a compreensão das disputas sógnicas que permeiam a memória coletiva e fazem com que determinadas violências – frequentemente baseadas nas assimetrias históricas entre os gêneros – assumam o *status* traumático para um grupo social, neste caso, para as mulheres jornalistas. Os traumas vivenciados por elas têm raízes em uma estrutura que as hierarquiza socialmente a partir do gênero e da raça (hooks, 2018), a mesma que afeta a forma como, muitas das vezes, as vítimas enfrentam dificuldades para obter o reconhecimento público de suas experiências como traumáticas (Herman, 1992).

Como vimos, a memória coletiva não é fixa ou pré-determinada, mas enfrenta uma constante disputa de significados, a partir das mediações socioculturais que entrelaçam os sujeitos de uma comunidade. As memórias sociais “são processos tanto discursivos como corpóreos ou incorporados e mobilizam recursos emocionais, cognitivos e físicos com o objetivo de construir uma atualização socialmente compartilhada de eventos passados”⁶⁵ (Ortega, 2011, p. 41, tradução minha).

Em uma perspectiva feminista sobre o trauma, que considera as assimetrias estruturais entre homens e mulheres, os significados das memórias sobre acontecimentos individuais e coletivos assumem novos contornos. A partir do reconhecimento de que suas experiências

⁶⁵No original: Las memorias sociales son procesos tanto discursivos como corpóreos o incorporados y mobilizan recursos emocionales, cognitivos y físicos con el objetivo de construir una actualización socialmente compartida de eventos pasados.

não são isoladas e da existência de desigualdades entre os gêneros dentro da sociedade patriarcal, as jornalistas podem, então, reconhecer a violência como um trauma coletivo enfrentado pelas mulheres da profissão. Os traumas e violências que resvalam nas estruturas de gênero e raça foram, por muito tempo, negligenciados pela literatura sobre trauma devido à naturalização dessas relações. Veremos, adiante, como esses eventos são interpretados a partir de uma abordagem não universalizante e quais são os efeitos deletérios às vítimas.

4.3 Trauma e gênero: uma abordagem feminista

Na década de 1975, um manuscrito sobre incesto escrito pela psiquiatra norte-americana Judith Herman e uma colega, Lisa Hirschman, começou a circular antes da publicação e alcançou grande repercussão. Herman recebeu inúmeras cartas de mulheres compartilhando suas experiências de abuso sexual e dizendo que achavam que tinham sido as únicas a passar por aquilo e que ninguém acreditaria nas suas versões. Como contou em uma entrevista à *New Yorker*, essa reação pode ser explicada porque “geralmente, os crimes sexuais eram considerados raros na realidade, mas excessivos na imaginação hiperativa de mulheres e crianças” (Orbey, 2023, online, tradução minha⁶⁶).

Nos anos seguintes, Herman ouviu e testemunhou inúmeras histórias de violência doméstica e sexual em seu consultório e passou a dedicar sua carreira à pesquisa sobre o processo de recuperação traumática de vítimas de violência de gênero. O avanço do movimento feminista na década de 1970 trouxe à tona inúmeros relatos sobre violência contra a mulher que, até então, eram resvalados à esfera privada e negados pelo reconhecimento público.

A criação de um espaço seguro possibilitou às mulheres superar as **barreiras da negação, do sigilo e da vergonha que as impediam de nomear as suas dores**. No espaço protegido do consultório, as mulheres ousaram falar em estupro, mas os sábios da ciência não as acreditaram. [...] Entrando na discussão pública sobre estupro pela primeira vez, as mulheres acharam necessário definir o óbvio: o estupro era uma atrocidade. **As feministas redefiniram o estupro como um crime de violência e não como um ato sexual**. Esta formulação simplista foi avançada para contrariar a ideia de que a violação satisfazia os desejos mais profundos das mulheres, uma visão que então prevalecia em todas as formas de literatura, desde a

⁶⁶ No original: It was generally held that sexual offenses were rare in reality but rampant in the overactive imaginations of women and children.

pornografia popular até aos textos acadêmicos (Herman, 1992, p. 20 e 21, tradução⁶⁷ e grifo meus).

O entendimento do trauma de mulheres ocasionado por atos de violência sexual e doméstica, como demonstra Herman, estava diretamente ligado ao novo significado atribuído a essas agressões. Isso vai de acordo com a teoria de Joan Scott (1990), que considera o gênero um saber historicamente específico sobre as diferenças sexuais. Mudar o significado sobre o incesto, o estupro e violações baseadas na violência de gênero só é possível no contexto histórico e social enquadrado — o avanço do movimento feminista e as denúncias públicas de violência. Por consequência, o deslocamento do entendimento do que consistia o estupro permitiu também o deslocamento do *status* traumático a essas experiências.

Ao incorporar a perspectiva de gênero na discussão sobre trauma, Laura Brown (1995) propõe uma abordagem feminista para a clínica psicanalítica. Em *Not Outside the Range: One Feminist Perspective on Psychic Trauma*, ela narra o encontro com uma paciente jovem em seu consultório que havia sido vítima de violência sexual repetidas vezes do padrasto, apresentando sintomas compatíveis ao diagnóstico da Síndrome do Estresse Pós-Traumático. No entanto, segundo a definição da Associação Psiquiátrica dos Estados Unidos, não poderia ser o caso, pois o trauma seria constituído por um evento “para além dos limites da experiência humana” e a violência sexual era algo extremamente comum entre meninas e mulheres jovens (Brown, 1995).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, uma em cada três mulheres torna-se vítima de violência física ou violência sexual ao longo da sua vida (WHO, 2021). Em 2023, o Brasil registrou 74.930 vítimas de estupro, o maior número de acordo com a série histórica do Atlas da Violência (2023), do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Dessas, 88,7% são mulheres e 61,4% têm entre 6 e 13 anos de idade. A maioria dos episódios de violência sexual (68,3%) aconteceu na residência da vítima: em 77,2% dos casos foram cometidos por pessoas conhecidas, sendo 24,3% parceiros ou ex-parceiros íntimos.

Brown percebe que a experiência adotada para conceituação do trauma estava pautada a partir de uma perspectiva masculina, pública, universal e privilegiada. Os eventos “para além dos limites da experiência humana” considerados traumáticos eram as guerras, os

⁶⁷ No original: The creation of a privileged space made it possible for women to overcome the barriers of denial, secrecy, and shame that prevented them from naming their injuries. In the protected environment of the consulting room, women had dared to speak of rape, but the learned men of science had not believed them. [...] Entering the public discussion of rape for the first time, women found it necessary to establish the obvious: that rape is an atrocity. Feminists redefined rape as a crime of violence rather than a sexual act. This simplistic formulation was advanced to counter the view that rape fulfilled women’s deepest desires, a view then prevailing in every form of literature, from popular pornography to academic texts.

genocídios e as grandes catástrofes naturais, deixando de lado aquelas experiências que as mulheres encontram na esfera interpessoal:

O trauma “real” é muitas vezes apenas aquele trauma que o grupo dominante pode ser considerado vítima em vez do perpetrador ou responsável pelo trauma. Os traumas privados, secretos, insidiosos os quais a análise feminista chama atenção são mais comuns do que aqueles eventos que a cultura dominante e suas formas e instituições expressam e perpetuam⁶⁸ (Brown, 1995, p 102, tradução minha).

Assim como Judith Herman e Laura Brown, outras autoras também introduziram importantes contribuições feministas ao estudo do trauma, enfatizando a relação com a cultura dominante e demonstrando como as formas de poder anteriores a um evento traumático impactam a exposição, experiência e recepção do trauma (Griffiths, 2018). Ao levar em consideração as diferenças político-sociais entre homens e mulheres, as teóricas feministas que estudam o trauma despatologizam as respostas individuais e responsabilizam aqueles que perpetuam a violência (Webster e Dunn, 2005).

Revisitando as representações da “loucura” e da “histeria” na literatura, por exemplo, a crítica feminista literária observa que muitos desses enquadramentos revelam uma prática opressora que regulamenta e limita o comportamento feminino ao papel passivo e submisso. Uma vez que há um deslocamento do trauma como ferramenta de domínio, as respostas ao evento de extrema violência deixam de ser lidas como “sintomas” e passam a ser interpretadas como uma oportunidade política de recusar a permanecer em silêncio, de colocar a crise individual dentro do quadro mais amplo da opressão política e de resistir às formas culturais que perpetuam desigualdades (Griffiths, 2018).

Laura Brown (2005) argumenta que aquilo que se torna traumatizante para uma pessoa não é simplesmente a experiência de ameaça à vida ou à segurança. O trauma se forma *a posteriori* a partir do que será simbolicamente evocado por esta experiência e a maneira como o contexto social responde à pessoa que foi traumatizada. Nesse sentido, Brown (2005) destaca duas principais contribuições para a teoria feminista do trauma. A primeira corresponde ao trabalho de Maria Root sobre os “traumas insidiosos⁶⁹” (tradução minha) e a segunda aos estudos de Jennifer Freyd sobre o “trauma de traição⁷⁰” (tradução minha).

⁶⁸ No original: “Real” trauma is often only that form of trauma in which the dominant group can participate as a victim rather than as the perpetrator or etilogist of the trauma. The private, secret, insidious traumas to which a feminist analysis draws attention are more often than not those events in which the dominant culture and its forms and institutions are expressed and perpetuated.

⁶⁹ No original: insidious trauma.

⁷⁰ No original: betrayal trauma.

Root (1992) mostra que na vida de muitos grupos minoritários, como mulheres, pessoas negras e LGBTQIAP+, episódios cotidianos de violência podem ser considerados eventos traumáticos subliminares. Isso inclui (a) notícias de que um membro do seu grupo foi alvo de violência ou discriminação baseada em preconceitos; (b) imagens negativas e estigmatizantes de um grupo na mídia, em livros didáticos e no discurso de colegas ou colegas de trabalho; e (c) diversas formas de racismo institucionalizado, heterossexismo e outros sistemas de valores excludentes, nos quais é negado ao indivíduo o acesso a recursos materiais ou humanos apenas com base na pertença a um grupo. Segundo ela, “os eventos subliminares são insidiosamente traumáticos; não afetam diretamente a vida ou a integridade física, mas são lembretes constantes da condição precária de segurança de uma pessoa em contextos onde o seu grupo é alvo de preconceitos” (Brown, 2004, p. 466, tradução minha⁷¹).

Sobre os traumas insidiosos, Renata compartilha como ser uma mulher negra fez com que experienciasse cotidianamente episódios de violência e racismo, mas com frequência não os considerasse uma agressão:

Não tinha consciência racial. Eu só fui ter consciência racial quando eu sofri discriminação. Assim, quando eu sofri discriminação, **a vida inteira a gente sofre o racismo, o racismo não é uma questão que você escapa.** Você sofre de racismo o tempo inteiro. Só que o racismo descarado, muito escroto, que me traumatizou, eu sofri numa empresa que eu fazia estágio, comecei como estagiária lá de comunicação, era mais na função de RP, mas, como pagava bem, eu acabei topando. [...] E eu era realmente a única pessoa preta. Mas eu não me reconhecia, eu não me entendia como negra, porque o que acontece quando você vive num ambiente que, embora eu morasse na Zona Sul, morava em Copacabana. Minha família toda é de São Paulo, meus pares todos são de Santos, São Paulo, mas minha mãe foi morar no Rio. Então, **havia uma falsa democracia racial e eu fingia que não estava entendendo as piadinhas racistas, eu fingia que não percebia que eu tava sendo discriminada, eu fingia que não tava percebendo que estava sendo preterida pela minha aparência, até que chegou esse fato que foi muito... é... agudo, e aí eu virei a chave.** Eu falei, “não, não tenho culpa de eu ter nascido com essa cor”. E foi onde eu fiquei desgostosa (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Outra importante contribuição da teoria feminista do trauma foi pensada a partir do contexto dos abusos sexuais. Uma vez que a maior parte deles ocorre com pessoas conhecidas e supostamente de confiança, como companheiros, maridos e familiares, muitas vezes a vítima tarda em reconhecer aquele evento como uma violência e assimilá-lo enquanto um trauma. É o que Jennifer Freyd (1999) vai denominar de trauma de traição: aquele que surge quando a vítima é capaz de reconhecer conscientemente o que aconteceu e avalia-o

⁷¹ No original: The subthreshold events are insidiously traumatic; they do not directly affect life or limb, but they are constant reminders of the precariousness of one's safety in contexts where one's group is the target of bias.

cognitivamente como uma traição ou violação, um desenvolvimento que só pode ocorrer um tempo considerável após o ato ou atos de violação (Brown, 2004, p. 466).

Ademais, Tina Sideris (1998) mostra que o contexto social é responsável pela mediação da experiência do processo repressivo e pelo enquadramento das respostas como consequências do trauma. Em outras palavras, isso significa que o contexto social tanto corrobora com a forma como a violência se manifesta quanto com a forma em que os indivíduos de um determinado grupo social são afetados pelo trauma. Por outro lado, a subjetividade de cada um e a forma como cada um de nós interpretamos o mundo permite diferentes respostas para situações semelhantes de violência extrema e trauma.

Ao analisar o apartheid da África do Sul, Sideris observou que a dicotomia entre público e privado que media o comportamento de homens e mulheres desempenhou um importante papel na forma em que as mulheres adotaram para resistir à opressão. Esses estudos revelam como os papéis de gênero não apenas definem as expectativas sociais e as formas de resistência, mas também influenciam a maneira como as mulheres experienciam e processam episódios traumáticos de violência. As normas de gênero frequentemente colocam as mulheres em uma posição de vulnerabilidade, em que suas experiências de trauma são muitas vezes minimizadas ou distorcidas pelas expectativas patriarcais.

Nesse sentido, Judith Herman (1992) argumenta que como os eventos traumáticos invariavelmente causam danos às relações, as pessoas no entorno social das vítimas são decisivas para ajudá-las a enfrentar o trauma. Uma resposta solidária e a prestação de apoio à violência enfrentada pode amenizar o impacto enfrentado, enquanto uma resposta hostil ou negativa poderá agravar o quadro traumático.

No caso de episódios de violência sexual, em que o agressor costuma ser um conhecido, as pessoas mais próximas à vítima não necessariamente vão ficar ao seu lado, inclusive, a sua comunidade pode ser mais solidária ao agressor do que a ela. Nesse sentido, em muitos casos, a vítima precisa romper e abandonar parte do seu ambiente social: sair da escola, universidade, trabalho ou de um grupo de amigos. Mulheres que foram violadas por companheiros ou maridos costumam ficar ainda mais vulneráveis, pois rompe-se com aqueles que representavam a maior fonte de segurança e proteção, tornando-se agora um perigo.

De acordo com Herman, a resposta da comunidade ao evento traumático apresenta um papel decisivo na resolução do trauma e um pré-requisito para que as vítimas voltem a encontrar sentido no mundo se dá por meio do compartilhamento da experiência traumática com outras pessoas. Nesse sentido, é necessário não apenas o apoio das pessoas mais próximas, mas também da comunidade mais ampla.

A restauração da ruptura entre a pessoa traumatizada e a comunidade depende, em primeiro lugar, do reconhecimento público do acontecimento traumático e, em segundo lugar, de alguma forma de ação comunitária. Uma vez reconhecido publicamente que uma pessoa foi ferida, a comunidade deve tomar medidas para atribuir a responsabilidade pelo dano e repará-lo (Herman, 1992, p. 51, tradução minha⁷²).

A autora compara as experiências de recuperação traumática de mulheres vítimas de violência sexual com as de homens ex-combatentes de guerra. Embora ambos tenham sido expostos a atrocidades, os antigos veteranos da guerra do Vietnã ou da Segunda Guerra Mundial foram homenageados e prestigiados com a construção de monumentos, entrega de medalhas, cerimônias públicas de memória, além de compensações individuais em razão dos danos sofridos. No caso dos crimes de violência de gênero, confinados à esfera privada, as vítimas não obtêm os mesmos reconhecimento e restituição da comunidade, pois “não há monumentos públicos para vítimas de estupro” (Herman, 1992, p. 53, tradução minha⁷³).

Embora reconheçam terem sido vítimas de violência, muitas das jornalistas dividiram que não obtiveram o mesmo tipo de reconhecimento público ou ações de restituição para reparação daquele trauma por parte das organizações onde trabalham ou então por parte de sindicatos, associações e entidades de classe. Como demonstra Vanessa,

O dono do veículo para o qual eu trabalhava, ele teve a brilhante ideia de criar uma vaquinha. Uma vaquinha pra arrecadar 250 mil reais com a justificativa de que seria para financiar o apoio emocional, segurança, né, dos jornalistas envolvidos, da equipe de reportagem como um todo e tal. Eu nunca... O Silvio, no *Congresso em Foco*, nunca pagou nenhuma consulta de uma psiquiatra. Nunca! Nunca! Nunca pagou um vidro de um rivotril, que custa seis reais. Aí, pra fazer uma graça, quando teve o Prêmio Congresso em Foco logo em seguida, quando eu e o Lucas chegamos no evento, nos são apresentados dois seguranças. Eu falei, “pra que eu preciso de segurança num evento fechado?” Contrataram segurança pra quê? Pra mostrar pros parlamentares que estavam lá, pras pessoas que estavam lá, “olha, nós estamos pagando aqui o segurança”. Minhas filhas não tiveram segurança. Eu não tive segurança. Nunca pagaram um litro da minha gasolina pra eu ficar levando minhas filhas da minha casa até a esquina pra elas irem pra escola. Nada. Nada! (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

Além disso, a jornalista conta que, nos momentos em que o dono do veículo ou outras pessoas se pronunciavam publicamente a respeito das ameaças recebidas pelos jornalistas, com frequência, era mencionado apenas o caso que ocorreu com o repórter Lucas Neiva, negligenciando a agressão que ocorreu com ela:

⁷² No original: Restoration of the breach between the traumatized person and the community depends, first, upon public acknowledgment of the traumatic event and, second, upon some form of community action. Once it is publicly recognized that a person has been harmed, the community must take action to assign responsibility for the harm and to repair the injury.

⁷³ There is no public monument for rape survivors.

Não tem como desmerecer qualquer tipo de, de...de violência que alguém tenha sofrido. Mas a violência que o meu colega sofreu é completamente diferente da minha. **E aí você vê uma hipervalorização do que foi feito contra um homem e aquela coisa de tentar invisibilizar o que foi com uma mulher.** E a coisa só muda dentro do Congresso em Foco no momento em que eu tenho uma crise de choro com, com.... com o Edson, que eu não sei nem qual que é a... E eu falava “eu não tô entendendo porque vocês querem invisibilizar o que aconteceu comigo” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

A falta de apoio da empresa também é relatada por Alana, que não conseguiu acesso às câmeras de segurança da rádio *Gazeta FM* para encontrar o registro do agressor que atirou pedras contra o vidro do seu carro. Além disso, outros funcionários que testemunharam o ato de agressão, posteriormente se negaram a prestar queixa na delegacia junto à ela:

eu tinha a certeza de que as câmeras iam ser... as imagens iam ser passadas pra mim, pra eu utilizar como prova, só que aí vieram com uma narrativa de que o equipamento tinha dado um problema. Que eu não acreditei de, de primeira... de primeira hora, eu não acreditei. Hoje, confesso que não acreditei ainda não, viu? Tá ali entre 70% de, de não acreditar e 30% de acreditar. E aquilo me revoltou. E aí, depois, é... uma das testemunhas disse que duas pessoas da rádio também testemunharam o ato. E essas pessoas negaram pra mim, então, com o queixo duro dizendo que não viram, que não estavam lá na hora. Sendo que a testemunha que atesta que viu o vereador quebrando, jogando a pedra no carro, olhou pra, pro mezanino da rádio e viu duas pessoas que trabalham na rádio lá, vendo, presenciando a ação. E essas pessoas... então, assim, eu senti nessas pessoas, uma falta de humanidade, uma falta de, de empatia (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim).

No caso de Ívina, a jornalista recebeu suporte da revista *Cenarium*, que a afastou das atividades e a permitiu ficar em casa durante o período subsequente aos ataques recebidos a fim de preservar sua integridade física. Por outro lado, ela denuncia que não recebeu o mesmo acolhimento por parte do Sindicato de Jornalistas de Manaus, da Prefeitura e do Governo do Estado:

É, o sindicato não publicou uma notinha. Eu acho que é porque não era formada. Eu tava terminando a faculdade, não tinha carteirinha do Sindicato, não tenho até hoje. Mas eu tenho... Eu sou... tenho MTB, eu tenho registro de trabalho. Mas a regional, lavou a mão assim [...] Não, não, da revista eu acho que o que eles puderam fazer, eles fizeram, assim, de me blindar e etc. Mas eu acho que faltou o governo se posicionar contra isso, o prefeito se posicionar contra isso, porque eu não fui a única pessoa que foi atingida por essas pessoas. Eu tive colegas que foram agredidos fisicamente, tipo, por isso e não teve uma notinha, um *tweetezinho* pra dizer tipo "Não apoio a agressão". E o governador do Amazonas, ele é jornalista. Eu acho que o que pegou mais para mim foi isso, porque o governador é jornalista. Ele inclusive trabalhou na TV que eu trabalhei, ele era apresentador, e ele não

deu nenhuma notinha pra apoio aos jornalistas do estado dele que tavam sendo agredidos no trabalho, sabe? E outros, outros deputados estaduais etc. que também tão sempre ali dando opinião sobre tudo também se calaram nesse período. **E, pra mim, acho que foi isso que pesou mais, porque a gente não, eu não sentia esse apoio** como eu vi... acho que teve um colega em Minas que foi agredido e que o governo, a prefeitura saíram em defesa e desmobilizaram o acampamento depois da agressão, sabe? (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu)

Sávia conta que recebeu apoio da empresa, mas fez contato direto com o diretor de jornalismo porque não existia à época um canal de denúncia ou um protocolo na *Rede Meio Norte* para jornalistas que tivessem enfrentado esse tipo de situação. “Eu tinha um canal aberto assim com ele e eu liguei pra ele, daí eu acho que ele coordenou uma defesa minha, mas não tem ainda um canal pra isso” (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim). O mesmo é observado na fala de Amanda que reportava a violência que sofria diretamente ao seu chefe. “E sempre que isso acontecia, eu mandava uma mensagem, né, pro meu chefe e tal, pra quem tinha me contratado, e ele tentava intervir ali, fazer meio que, mas assim, era meio imparável” (Klein, 30/08/2024, entrevista concedida a mim).

A procura direta pelos superiores hierárquicos para denunciar as agressões revela a ausência de canais próprios nas empresas para tratar episódios de violência, como também foi atestada em outros estudos (Mazzotte; Toste, 2017; Saconi, 2023). De acordo com a pesquisa *Mulheres no Jornalismo Brasileiro* (Mazzotte; Toste, 2017), 46% das participantes disseram que suas empresas não possuem canais para receber e responder a denúncias de assédio e discriminação de gênero. Dentre aquelas que afirmaram que suas empresas possuem tais canais, apenas 30,8% disseram que são adequados e eficazes.

A falta de preparo para lidar com as agressões não se restringe às empresas. Vanessa também compartilhou que teve dificuldades em registrar o boletim de ocorrência na primeira delegacia em que foi para denunciar que ela e sua família estavam recebendo ameaças nos *chans*. “**E aí, você chega numa delegacia e você não é atendida. Você não tem o acolhimento.** Mesmo eu sendo jornalista, sabendo que eles tinham obrigação de pegar e fazer o registro da ocorrência” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu). Mais adiante, quando o caso já estava sendo investigado, ela comenta a frustração que sentiu ao saber que a Polícia chegou no nome de um dos suspeitos, mas não solicitou apreender nenhum equipamento eletrônico dele.

A minha pergunta é, por que a polícia de Curitiba, por que a polícia do Paraná, quando teve acesso a ele, não pediu a apreensão do celular, do notebook, de qualquer outro dispositivo que ele tivesse? Nada, nunca, nada foi acessado. Outra coisa, a polícia daqui descobriu outros e-mails dele, e-mails do *Gmail*, do *Google*, pediu acesso ao conteúdo para o *Google*,

mostrou tudo o que estava acontecendo, o *Google* negou, mesmo sobre multa. Negou. Não deu acesso (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

Em geral, o reconhecimento público, a denúncia e a “ação da comunidade” (Herman, 1992) exigindo medidas em resposta à violência foram feitas pelas organizações e associações voltadas à defesa do jornalismo e à liberdade de expressão, como expressaram as jornalistas: “Já a Fenaj mandou mensagem, conversaram comigo, me deram todo o apoio. A Abraji também deu todo esse apoio, o Repórteres Sem Fronteiras também, fizeram entrevista com a gente lá” (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim); “Sim, a gente falou com o Repórteres Sem Fronteiras, com Artigo 19, é...Abraji” (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim); “Abraji me procurou, o sindicato daqui me procurou, algumas instituições me procuraram” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim); “E, quando a Abraji chegou, foi a luz no fim do túnel, né? Foi o sol que clareou tudo, a tempestade que passou. E aí, eu me senti mais forte e mais tranquila” (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim).

Embora tenha havido o contato de organizações e associações como essas na maior parte dos casos, o apoio ainda parece não ser o suficiente. Schirlei Alves comentou que precisou interromper o tratamento psicológico porque não tinha recursos e nem recebeu apoio financeiro para custear a terapia:

S: Eu tinha uma psicóloga na época, sim, tentei um pouco, mas não, não fiz muita, muita terapia, assim. Não tive suporte financeiro pra isso, não tive suporte financeiro, né?

G: Nem das organizações que já tinha entrado em contato com você?

S: Não, suporte financeiro, não. Nem psicológico. Eu tive apoio jurídico pro bono assim. Só que eu tinha assessoria jurídica do *Intercept*, né? (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim).

Em um único caso, o de Renata, foi relatado o contato do Estado para oferta de segurança à jornalista, por meio do Programa de Proteção a Defensores de Direitos Humanos, Jornalistas e Ambientalistas (PPDH) do Governo Federal. Renata vinha recebendo ameaças contínuas em relação à cobertura sobre o esquema de pirâmide coordenado por Glaidson Acácio dos Santos, o “Faraó dos Bitcoins”:

Eu cheguei a cogitar deixar a região, porque a região... No Rio de Janeiro, eu moro num prédio com segurança, com o cara pode chegar lá. Mas não consegui, não consigo também. O pessoal do PPDH, “vamos botar um segurança”. Falei, “ah, não vou andar com segurança não, gente”. (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim).

Assim, a teoria feminista do trauma, que enfatiza a importância do reconhecimento público e do apoio comunitário na recuperação das vítimas (Herman, 1992) ganha um contorno prático ao ser aplicada à realidade vivida por essas jornalistas. Ao contrário dos traumas considerados públicos e “universais” – como as guerras – as violências que atingem as mulheres, especialmente em contextos de abuso sexual ou agressões no trabalho, são frequentemente deslegitimadas ou tratadas com indiferença (Brown, 1995). Muitas das entrevistadas destacaram a ausência de canais eficazes nas empresas para lidar com denúncias de violência e o tratamento desigual em relação às agressões sofridas em comparação a seus colegas homens. Ademais, o fato do próprio jornalismo já possuir uma “cultura de silêncio das redações” (Depalma, 2009), como vimos anteriormente, e não se atentar aos riscos exercidos por seus e suas profissionais ou por aqueles em decorrência de certas coberturas, agrava a forma como o contexto social lida com os traumas enfrentados pelas mulheres jornalistas.

Sem o reconhecimento público e o apoio do entorno social, as jornalistas podem internalizar o sofrimento advindo da violência e não conseguir assimilar por completo a experiência traumática. Além disso, algumas violências que se perpetuam cotidianamente contribuem para reforçar representações subalternas de certos grupos sociais minorizados, como a população negra, mulheres e a comunidade LGBTQIAP+, que passam a internalizar certos valores pejorativos sobre suas próprias identidades (Root, 1992). Embora busquem esquecer os eventos traumáticos, como expressaram, principalmente, Sávia e Schirlei, a memória reprimida permanece vívida e pode afetar a capacidade das jornalistas em articular as experiências em discursos coerentes. Diante disso, o trauma enfrentado pelas mulheres jornalistas se torna um mediador entre a violência sofrida e a autointerdição discursiva, produzindo um deslocamento no *ethos* jornalístico para lidar com as agressões a fim de se autoproteger.

4.4 Como a gente convive com isso?

Com o aumento das agressões e hostilidades às mulheres da imprensa, são adotadas estratégias por parte das profissionais para autopreservação e autoproteção contra os ataques, exposições e retaliações. As medidas incluem tornar seus perfis nas redes sociais privados, se afastar temporariamente da profissão, recuar-se na casa de familiares por questões de

segurança, deixar de se expor, sair das redes sociais, deixar de cobrir determinados assuntos, trocar de funções, cogitar deixar a profissão, buscar novas fontes de renda, mudar de cidade e/ou estado, entre outras. Essas transformações puderam ser observadas nos discursos das jornalistas entrevistadas, como Schirlei Alves que, apesar de continuar fazendo reportagem, decidiu mão de certas pautas, passou a co-assinar matérias e toma mais cuidado com tudo que publica:

Então, assim, **eu mudei minha prática jornalística, eu não bato mais de frente com esses poderes, né, em Santa Catarina.** Eu prefiro fazer denúncias em outros estados, pegar matérias de outros estados até pra me sentir segura fisicamente. Porque eu moro em Santa Catarina, não sei o que que pode acontecer comigo ali. **Eu tive medo de ser... de acontecer alguma coisa comigo, né?** Então, eu vou pra outro estado às vezes fazer uma denúncia e volto para minha casa, né? Acho que denunciar situações na cidade que tu mora, principalmente se for uma cidade pequena, acho que é problemático. Acho que é perigoso. Então, isso eu mudei, assim. **Gosto de fazer matérias em parceria, mais do que nunca.** Sempre gostei, na verdade. **Nunca tive problema em fazer parceria, mas eu acho que é um modo de se proteger também.** É... enfim, tomei uns cuidados extras assim, né? **E pessoalmente mudou porque é isso assim, é uma jornada que tu segue. Judicial, né, de silenciamento, de autocensura. Eu cuido muito o que eu vou falar nas redes sociais, eu não fico tuitando o tempo inteiro, não fico falando, comentando tudo. Porque é isso, tu fica intimidada mesmo, né?** Então, não ajo mais da mesma maneira que eu agia antes. Não tem mais... eu era mais corajosa. **Eu acho que eu era mais corajosa, que eu era mais “Ah, vou fazer, tenho coragem de fazer isso”. Hoje, eu já... eu piso no freio** (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Alguns pesquisadores (Posetti et al., 2021; Pech, 2021) têm descrito o efeito da violência contra mulheres jornalistas como *chilling effect* ou o efeito inibidor:

Do ponto de vista jurídico, o efeito inibidor pode ser definido como o efeito negativo que qualquer ação estatal tem sobre pessoas físicas ou jurídicas e resulta em dissuadi-las previamente de exercerem seus direitos ou cumprirem suas obrigações profissionais, por medo de se sujeitar a processos formais do estado, que podem levar a sanções ou a consequências informais, tais como ameaças, ataques ou campanhas de difamação.⁷⁴ (Pech, 2021, p. 4, tradução minha).

Embora a definição do efeito inibidor destaque as ações promovidas por estado, outros agressores (provenientes de ataques *online*, políticos, manifestantes, cidadãos anônimos, civis) também podem causar o mesmo efeito no recuo das vítimas. No caso das mulheres

⁷⁴ No original: From a legal point of view, chilling effect may be defined as the negative effect any state action has on natural and/or legal persons, and which results in pre-emptively dissuading them from exercising their rights or fulfilling their professional obligations, for fear of being subject to formal state proceedings which could lead to sanctions or informal consequences such as threats, attacks or smear campaigns.

jornalistas, conforme a violência se agrava e se incorpora às suas rotinas profissionais, os mesmos medos são acionados, provocando a ideia de efeito inibidor. Consideramos que essas condutas, por sua vez, constituem um novo *ethos* dentro das práticas jornalísticas, que aqui denominamos como autointerdição. Nesta seção, exploraremos este conceito, articulando-o às definições de autocensura (Fígaro; Nonato, 2018), pós-censura (Costa; Júnior, 2018) e censura de multidões (Waisbord, 2020).

4.4.1 Autointerdição: um lugar-comum nas práticas jornalísticas

A censura é comumente associada aos processos restritivos de peças artísticas e informativas por parte de um órgão repressor governamental e também pelo uso da força, do poder, da autoridade e da violência para impô-la. Embora entre os séculos XV e XX, a censura possa ser caracterizada prioritariamente como ação política do Estado, Risso e Ramos (2022) adotam uma visão mais ampla sobre o fenômeno, entendendo a censura como “um processo psicossocial que emerge para desempenhar o controle dos comportamentos e das informações que circulam dentro de uma sociedade, procurando uniformizar as alteridades por meio do silenciamento de opiniões divergentes” (Risso e Ramos, 2022, p. 2).

No contexto da violência contra jornalistas, é comum a utilização do termo autocensura para descrever os processos censórios das redações. De maneira sintetizada, Bernardo Kucinski (1998, p. 51) define a autocensura como “a supressão intencional ou parte dela pelo jornalista ou empresa jornalística, de forma a iludir o leitor ou privá-lo de dados relevantes”. Para Roseli Fígaro e Cláudia Nonato (2018), a prática de jornalistas no Brasil herda resquícios da censura estatal da Ditadura Militar e se manifesta por meio da autocensura dos e das profissionais, quando estes e estas deixam de revelar parte ou a totalidade das informações a fim de se adequar às condutas das organizações empresariais e evitar retaliações, processos judiciais e demissões. Segundo as autoras,

os mecanismos processuais e prescritivos de como trabalhar já contêm as formas de controle da expressão. Geram rotinas produtivas cujo sentido é o de neutralizar as especificidades e as características do fazer, do trabalhar de cada um. Mas as prescrições não dão conta da realidade do trabalho (Fígaro, Nonato, 2018, p. 73)

Embora também intervenha na produção noticiosa, a autocensura, neste caso, é descrita como uma prática introjetada pela categoria e está diretamente associada à omissão de informação a fim de adequação aos valores dos grupos empresariais para os quais os e as

jornalistas trabalham. No caso das mulheres jornalistas, a escolha por calar-se diante de um contexto de violência se refere ao risco de sofrer perseguição, exposição nas redes sociais digitais, receber ameaças de estupro e/ou morte e de colocar em risco a segurança de pessoas próximas, ou seja, riscos que não envolvem apenas decisões empresariais e editoriais, mas que são motivados por atores dentro e fora das redações.

Amanda chegou a ser agredida por uma senhora que a reconheceu na rua e a chamou de “‘Socialista do Leblon, comunista do Leblon’, uma coisa assim. [risos]” (Klein, 30/08/2024, entrevista concedida a mim). Ela diz que passou a sentir mais receio de andar na rua em 2022, à época da disputa presidencial: “Eu não sei se medo, mas receio, assim, de ir ao shopping, andar na rua. Os lugares que eu sempre fui” (Klein, 30/08/2024, entrevista concedida a mim). Sobre a sensação de insegurança, Renata diz que cogitou deixar a Região dos Lagos, quando as ameaças recebidas de apoiadores de Gláidson Acácio dos Santos se intensificaram:

“Você é uma mentirosa. Renata Cristiane, você é uma mentirosa...” Comecei a receber isso aí direto. Esse cara [Mauro Bernardo] anda com uma magnum 44 cano longo. Ele quando vai, o negócio quando ele puxa a arma aqui, ele tem que fazer assim ó. [faz o gesto de tirar a arma da cintura] Aí eu falei assim, “Meu Deus! Será que eu vou embora?”. **Pô, todo dia eu tinha que fazer um caminho diferente pra ir pra casa, orientação, instrução. Vai sentar num bar pra tomar cerveja, tem que sentar de frente pra rua, não pode sentar de ‘costa’ pra rua. Vai pra um lugar, vai pegar um táxi, avisa...** Aí, eu que gosto, sou muito ligada à natureza, gosto, moro na praia do Però, gostava de ir na praia, que na parte da praia que não tinha ninguém, já não podia ir, porque tinha... Entendeu? **Começava a dar ruim na minha rotina de vida... E aí eu falei, “vamos embora, vamos embora”** (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Renata chegou a receber uma proposta para trabalhar no Rio de Janeiro no jornal *O Dia*, onde já era colunista da Região dos Lagos, mas como não houve arranjo financeiro, ela não aceitou a oferta. Assim como ela, Alana também conta que toma constantes cuidados na rua, quando está dirigindo, como colocar a câmera do celular para monitoramento de algum movimento suspeito:

Meu carro, às vezes, eu pego o próprio celular e coloco como câmera de monitoramento de trajeto, quando eu tô com alguma coisa que possa... possa acontecer. Por exemplo, chegaram a dizer lá que, em algum dado momento, iam frear um carro de vez na minha frente e iam bater no fundo. E quem bate no fundo sempre tá errado, né? Então, às vezes, é... é um cuidado que eu tenho, eu procuro manter muita distância quando eu vejo que é um

carro de alguém ligado ao prefeito, que lá todo mundo conhece todo mundo, né? E agora com os adesivos de pré-campanha, que estão febre lá na cidade. Então, quando eu vejo, eu já tomo uma distância, eu já evito colar, parar do lado, encostar, estacionar do lado. Ligo o celular pra monitorar meu carro, tudo isso, eu tomo esse cuidado. À noite, é muito difícil sair pra festas lá, eu não gosto. Já não gostava porque multidão, essa coisa de.... e lá todo mundo conhece todo mundo, então, eu vou pra festa que eu já sei quem é todo mundo, que eu já conheço, eu prefiro ir pra um lugar que eu não conheço ninguém, conhecer caras novas (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim).

No período após a desmobilização do acampamento bolsonarista em Manaus, Ívina relatou o constante medo que sentiu em sofrer novas ameaças e retaliações advindas de apoiadores bolsinaristas devido às reportagens que publicou.

E eu fiquei um tempo assim, meio pensando onde eu ia, qualquer coisa que eu fazia... Porque meu nome é diferente, meu nome é Ívina. E sabiam que meu nome é Ívina, né? Quando eu pegava o Uber, eu ficava pensando “Será se esse uber é bolsonarista e ele sabe quem eu sou...?” porque tem meu nome e minha cara por todo lugar (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim).

Assim, embora em muitos casos não haja o reconhecimento direto do potencial agressor, as jornalistas percebem que se tornaram alvos constantes e que estão sob ameaça de enfrentarem novos episódios de violência. Ao temerem a garantia da sua integridade física, elas passam a adotar medidas preventivas em prol da segurança, que refletem também em afetações nas suas práticas discursivas. Com o fim das ditaduras nos países latinoamericanos, criou-se a falsa expectativa de que o século XXI estivesse livre dos processos censórios. Mas, como aponta Maria Cristina Castilho Costa (2013, p. 3496-3497),

estamos diante de processos de interdição plurais, difusos, indiretos e internacionais, mais adequados a um capitalismo neoliberal, informacional e globalizado. Entretanto, esses modelos de ação censória indiretos não são recentes, apenas recrudesceram em uma época em que a censura estatal parece extinta.

Para os pesquisadores do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da Universidade de São Paulo (Obcom-USP) existe uma distinção entre as práticas censórias da atualidade e a censura clássica, exercida por órgãos públicos de regimes autoritários, como na ditadura civil-militar brasileira. Segundo Maria Cristina Castilho Costa e Walter de Souza Junior (2018), é possível falar em pós-censura, ou seja, atos de interdição realizados não apenas pelo Estado, mas por veículos de comunicação, igrejas, partidos

políticos, escolas públicas e privadas e outras instituições que “criam seus próprios critérios censórios, defendendo interesses políticos e econômicos, e o poder que exercem em meio a determinados grupos sociais” (Costa, Júnior, 2018, p. 31).

Podemos citar como exemplo de pós-censura a decisão de determinadas plataformas de mídia social em excluir arbitrariamente fotos de mulheres amamentando, mas permitir que mamilos masculinos sejam expostos no mesmo espaço (Candido, 2020). A pós-censura ocorre em uma sociedade globalizada e fragmentada, onde não se encontram ideologias efetivamente hegemônicas que sobreponham as diferenças, sendo necessária a articulação de mecanismos de controle e interdição de determinadas subjetividades.

Mais recentemente, o pesquisador Silvio Waisbord (2020) cunhou o termo censura de multidões (tradução literal para o termo *mob censorship*) a partir do contexto da violência contra jornalistas durante o primeiro governo de Donald Trump, quando também se intensificaram os ataques *online*, especialmente contra mulheres e outros grupos minoritários. Para Waisbord (2020), a censura de multidões é uma consequência da nova forma que os agressores encontraram para manifestar ataques anti-imprensa e reflete as transformações que as condições do discurso público assumem na contemporaneidade. Se antes era necessário escrever cartas aos jornais manifestando seu desprezo às reportagens publicadas, com as tecnologias digitais, o acesso dos cidadãos aos jornalistas foi amplamente facilitado, inclusive para manifestações de ataques personalizados. Além disso, as plataformas de mídia social raramente possuem *gatekeepers* capazes de filtrar discursos de ódio e ataques diretos a determinados grupos, possibilitando a livre circulação de conteúdo em massa altamente ofensivo, difamatório, machista, racista e xenófobo.

O autor distingue a censura de multidões da censura realizada por órgãos estatais, grupos empresariais e, até mesmo, por organizações ilegais e grupos paramilitares que atuam em alguns países. Neste caso, a censura de multidões opera de acordo com a legalidade, ultrapassa as decisões mercadológicas e não se restringe a regimes autoritários. Seus efeitos, porém, podem ser tão devastadores quanto as outras formas de censura supracitadas, pois envolvem consequências diretas para a vida de jornalistas, como traumas psicológicos, estresses, escolhas por não publicar determinadas pautas, redução das atividades nas redes sociais e até evasão da profissão.

A perspectiva de Waisbord (2020) torna-se valiosa uma vez que descreve os efeitos produzidos pelos ataques massivos que se alastram nas redes sociais digitais contra jornalistas e o processo pelo qual as agressões são mobilizadas de maneira descentralizada. Este fator é essencial porque revela o papel das redes sociais digitais ao repercutirem declarações públicas

dos agressores e mobilizarem novos ataques, impulsionados por perfis anônimos e automatizados, em um repetitivo ciclo de violência. Jornalistas como Ívina, Schirlei, Vanessa e Amanda enfrentaram esse processo.

E aí, é... foi quando vazaram o meu número, e aí vieram me mandar mensagem perguntando quanto que eu fazia o programa, me chamando de puta, me chamando.... me falando que eu tinha que arranjar um marido, porque eu só tava assim porque eu não tinha marido, é... falaram que eu tava sendo mal comida, ai.. todos esses xingamentos assim mais baixos que não tinha nada a ver com o meu trabalho, sabe? [...] Aí foi quando começaram a chegar os mais graves, que eram esses áudios falando pra me bater, falando mais violentos, falando que iam me achar.... Tive um que falou que já sabia onde eu morava, então, tipo assim, “A gente já sabia onde tu mora”. E aí eu comecei a me preocupar muito porque uma coisa é eu e meu trabalho. Outra coisa é minha casa, onde eu já tinha minha filha, tinha minha bisavó de 95 anos, tinha minha mãe, minha avó, todo mundo. A gente morava nós quatro, quatro mulheres. Sem nenhum homem. Sozinhas. E, assim, eu fiquei muito preocupada com isso, fiquei muito preocupada (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim).

A magnitude e o impacto provocados no ambiente digital podem ser atestados ao observarmos que quase todas as jornalistas relataram terem adotado cuidados nas redes sociais após o episódio de violência, como elaboram Ívina, Helena, Vanessa e Sália: “**Eu cheguei a trancar meu perfil.** Aí eu tirei essas fotos assim. **Eu comecei a ter cuidado, eu não postava story onde eu tava, não marcava a localização, não postava nada que desse para reconhecer onde tava ou onde eu morava**” (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu); “A gente fechou nossos perfis no minuto em que viu que isso tava acontecendo, **meu perfil é fechado até hoje.** Eu já não usava o *Twitter*, nunca usei, eu tinha só *Instagram*, fechei” (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu); “E a primeira coisa, **a primeira coisa que eu fiz, quando eu recebi o primeiro e-mail, eu tranquei todas as minhas redes.** Eu falei pra todo mundo na minha família, “tranque suas redes”. Minhas filhas, meu filho, meu marido, todo mundo trancou, deixou tudo privado” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu); “**Parece bobagem, mas o *Instagram* é uma ferramenta, um currículo que você tem virtual,** é a sua forma de se apresentar ao mundo. Eu fiquei sem rede social nenhuma” (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Embora também possamos considerar que a censura de multidões se aplica em determinados episódios de violência contra mulheres jornalistas, essa perspectiva não é exclusiva, uma vez que nem todas as agressões se manifestam no ambiente digital. A

violência no mundo físico, seja ela verbal, psicológica, patrimonial, sexual ou outra, também é responsável por produzir efeitos na vida das vítimas como forma de retaliação.

Nos relatos sobre as violências enfrentadas, é notável a forma como as agressões promovem marcas em suas vidas pessoais e profissionais, buscando desqualificá-las não apenas como jornalistas, mas também como sujeitos, retirando-lhes o valor de humanidade. O conteúdo dos discursos depreciativos contra as mulheres, somado à forma sistemática de perseguição em que se manifestam as violências, assumem um *status* traumático, considerando o sentido histórico dos enunciados atribuídos às mulheres – isto é, ao lugar de submissão, exclusão e silenciamento reiterado pelas violências (Brown, 2004).

Partimos desse contexto para pensar a ideia de autointerdição, um processo censório de gênero que diz respeito ao bloqueio à enunciação imposto pelo próprio enunciadador, o eu que interdita a si mesmo. Este fenômeno pode ser entendido como uma das expressões da pós-censura, pois também se opõe aos trâmites da censura clássica/estatal, e opera a partir da repetição sistemática de violências que corroboram para que as vítimas restrinjam seus discursos, desistam de se expressar e, em alguns casos, evadam a profissão. Embora a decisão de continuar ou não escrevendo, trabalhando com jornalismo, comentando nas redes sociais, entre outros, recaia à esfera individual, há uma dimensão coletiva por trás do fenômeno da autointerdição, quando olhamos para o significado histórico das relações hierárquicas entre os gêneros na divisão sexual do trabalho. O silenciamento de mulheres jornalistas está atrelado não a uma escolha individual, mas a uma prática que se insere dentro de um contexto onde a estrutura social busca torná-las submissas e eximi-las de seu direito ativo de participação política e cidadã, como é característico do jornalismo, mas historicamente negado às mulheres.

Observamos expressões da autointerdição em menor ou maior grau em todas as falas das jornalistas. Schirlei e Sávia são as que mais revelam mudanças na prática profissional motivadas pelos efeitos psicológicos das agressões. Não sem razão, ambas inicialmente hesitaram a participação no presente projeto por terem consciência dos riscos que envolveriam a rememoração dos traumas enfrentados. No caso de Alves, o fato de trabalhar como autônoma, sem estar sob a tutela jurídica de alguma empresa, faz com que a jornalista se sinta mais temerosa em publicar determinadas pautas que possam confrontar certas visões em Santa Catarina. Para Sávia, a mudança no direcionamento profissional se explica pelos limites encontrados no exercício jornalístico em Teresina, onde a cobertura política a levaria a estar em contato constante com seu agressor e com a rememoração da violência.

S: E eu pensei: “Eu não posso viver só do jornalismo político, porque o que eu gosto é jornalismo político. **O jornalismo político no Piauí me coloca numa situação de sofrimento.** Eu não vou mudar o Piauí, eu não vou mudar como as coisas são no Piauí, as coisas vão mudar com o tempo”[..]

G: E de onde veio essa ideia de ir pra Brasília?

S: Porque, qual era a ideia? **Eu me sentia insegura no Piauí, insegura falando de política por conta do episódio.** Eu ainda me sentia insegura. E eu pensava: “Pode acontecer de novo, porque eu vou continuar falando coisas” (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Similarmente à Sávia, Ívina Garcia saiu da sua cidade e do seu estado depois do episódio de violência. A jornalista diz que a principal razão da mudança de Manaus para São Paulo foi devido a uma melhor oportunidade de emprego, mas admite que a agressão e a perseguição que sofreu por conta do trabalho também a motivaram nessa decisão. De acordo com ela, os veículos de comunicação na capital amazonense são favoráveis ao grupo político do prefeito ou ao grupo político do governador, de maneira que as empresas de comunicação estariam comprometidas com o apoio de algum dos lados. Trabalhar como jornalista independente tampouco era uma opção, pois, além da fragilidade do contrato de trabalho, poderia voltar a ser alvo de retaliação.

Mas assim eu não vejo como voltar pra lá, porque se eu voltar pra lá, eu vou ser censurada. E eu não tenho ainda carreira pra bater o pé ele falar “Não, não vou escrever sobre isso” ou “Sim, eu vou escrever isso”. Não tem esse peso ainda pra bater o pé, nem tenho como bater o pé lá a respeito disso. **Então eu fugi tanto de uma possível perseguição, por alguma matéria que eu fosse fazer no futuro, quanto também por esse cenário de emprego lá que para mim não tem futuro** (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Assim como no caso das capitais que não estão no centro do debate público (fora do eixo Rio-São Paulo), como Manaus e Florianópolis, o território aparece como um importante componente na motivação da autointerdição no caso de jornalistas como Alana e Renata que trabalham em cidades pequenas, no interior, onde as relações de poder entre imprensa e política se misturam com frequência.

Não, eu não me sinto segura pra fazer jornalismo, mas a gente se acostuma com esse medo, né? É todo dia uma adrenalina, é todo dia pau torando, todo dia, todo dia. **Como é uma cidade pequena, o calor é mais próximo, a pressão é maior.** Não me sinto segura, não há liberdade de expressão. Não há, é... Assim, é uma dificuldade tremenda fazer um jornalismo independente, alternativo. (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

No caso de Renata, destaca-se ainda a violência por ser uma mulher negra. O racismo é relatado pela jornalista desde o início da entrevista, como uma experiência indissociável da sua identidade. Para se blindar das agressões, ela assume o papel da mulher combativa, mas este também é um estigma presente no imaginário social branco sobre as pessoas negras, o que acaba gerando uma retraumatização, especialmente quando ela decide que não quer mais assumir todas as pautas.

Eu criei pra mim um espectro, uma imagem de uma mulher forte, que vai pro confronto, mas isso cansa. As pessoas falam “Ah, guerreira”. Não quero ser guerreira, não, gente. Quero ser de paz, me deixe em paz. Vamos lá, assim, ah... Tem hora que você vai escrever uma coisa... Hmm num posso escrever isso, se eu escrever isso, o cara vai vir pra cima de mim, o cara vai... [...] **Aí tem uma hora que você não aguenta mais, você não tem força, não tem mais ânimo** (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu)

No início da nossa entrevista, Alana diz que não enfrentou muitos percalços durante o seu processo de transição de gênero, pois sempre recebeu apoio da família e não houve muito sofrimento por ser uma mulher trans. Com o passar da nossa conversa, porém, ela identifica episódios em que sua identidade de gênero foi a razão que a tornou alvo de violência na profissão. “Eu fui vítima de transfobia por parte de um suplente de vereador da Tribuna da Câmara. Ele praticou o ato por duas vezes. Uma vez, ele foi sutil e [em] duas ele foi escancaradamente mesmo transfóbico, né? Me tratando no masculino, falando coisas pejorativas ao meu respeito” (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim). Uma vez que o risco de violência é agravado por ser uma mulher trans, é possível que a frequência das agressões tenha acelerado o processo para sua retirada do jornalismo, ainda que Alana não reconheça a relação entre esses dois fatores. Depois do ataque ao seu carro, ela resolveu se afastar do trabalho como jornalista na rádio *Gazeta FM*, passando a se dedicar à carreira política:

G: E aí você ficou quanto tempo afastada da rádio?

A: Fiquei... até hoje. Até hoje.

G: Até hoje você não voltou?

A: Não voltei mais, não voltei mais.

G: Você tá só na sua atuação política?

A: Foi. **Aí, eu fiquei resguardada. Inclusive, fiz uma carta aberta dizendo que não ia mais me envolver com nada**, que ia deixar tudo de mão até por... não por conta de mim, mas da minha mãe, que a minha mãe tava muito abalada (Rocha, 12/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Com frequência, as jornalistas entrevistadas que eram mães, Ívina, Vanessa e Amanda, expressavam preocupações com seus filhos, o que revela uma extensão da violência contra jornalistas mulheres devido ao papel de cuidadoras que majoritariamente é assumido por elas na sociedade. Como compartilhou Vanessa:

E aí, o Lucas me avisa que eles escrevem o nome da minha filha no *chan*. Aí eu me desesperei. [pausa] Aí eu me desesperei por completo, assim. Eu lembro que eu tive uma crise de choro. Eu fiquei, cara, eu fiquei muito desesperada naquela época, sabe? Porque a gente vinha de um processo com a Mariana⁷⁵, que a Mariana estava em depressão, a Mariana sofreu bullying na escola, sabe? E, de repente, ela tem que enfrentar tudo aquilo. [voz embarga] E eu falei, **“cara, eu não consegui proteger minha filha”**. [...] **se tem uma única hora na minha vida que eu pensei, se eu pudesse falar assim, gente, se eu pudesse voltar no tempo e não ser jornalista, não estar envolvida em nada disso, foi na hora que veio o nome da minha filha**. Aquela hora foi a hora que eu falei, “cara, deu, não vou fazer mais nada disso”. Sabe? (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Como todo fenômeno, a autointerdição não se manifesta de maneira uniforme. Em alguns casos, as transformações e motivações estão explícitas, em outros, são mudanças mais sutis e complexas. Segundo Helena Bertho, as transformações que ocorreram após o episódio de agressão estão mais relacionadas à mudança de protocolo sobre segurança digital que *Azmina* passou a adotar. No caso de Amanda Klein, a jornalista buscou uma recolocação na mesma empresa para fugir dos ataques diários de seu colega de trabalho, ou seja, abriu mão da sua presença em um dos espaços da emissora. De início, nenhuma das duas reconheceram mudanças nas suas práticas profissionais, mas, no decorrer das entrevistas, percebe-se que certas decisões parecem ter sido tomadas de forma inconsciente motivadas pelos episódios de violência e pelos traumas decorrentes.

Assim como Schirlei descreve que passou a assinar matérias em conjunto com colegas, Helena diz que prefere que os conteúdos sejam institucionalmente assinados, sem que haja a exposição de seu nome:

H: É, que eu tinha muito isso de escrever coluna, dar minha opinião, e eu falei: “Ah, quer saber?” Tentei ficar mais *low profile* depois disso, porque...[pausa]... E hoje em dia, pra mim é isso, **quanto menos eu aparecer, melhor**. Antes eu gostava muito de aparecer. Se ninguém souber meu nome é a melhor coisa que há no mundo.

G: Mas você acha que foi isso que fez você mudar?

H: Não só isso, mas...foi um aprendizado pra mim de que tem consequência, assim, tipo...[pausa]... **Eu, hoje em dia, prefiro que as coisas sejam institucionalmente assinadas, que sejam organizações que se responsabilizem, que não seja eu, meu nome**. Antes eu tinha essa coisa

⁷⁵ Pseudônimo criado para preservar a identidade da filha de Vanessa.

de autor, sabe? De querer assinar, hoje eu sou muito tranquila com isso (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Em *A Ordem do Discurso*, instigado por compreender como são constituídos os saberes na sociedade, Foucault (1996) discorre sobre os procedimentos que controlam, organizam e distribuem a produção discursiva. O autor alerta para o fato de que este controle não se dá apenas por procedimentos externos, mas também por meio de mecanismos que operam internamente e por aqueles que atuam diretamente sobre os sujeitos. A partir dessa perspectiva, podemos compreender a autointerdição como uma forma de subjetivação assumida pelas mulheres jornalistas diante da subordinação que está em conformidade com as normas discursivas da sociedade patriarcal, mas também como uma expressão interna imposta sobre os sujeitos a fim de determinar o que é dizível ou não dentro do espaço público.

Segundo Foucault, o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (Foucault, 1996, p. 10). Para o autor, o poder não está estruturado, mas disseminado de forma ampla em todas as camadas da sociedade, instituições e microrrelações. Nessas relações de força, o poder não apenas reprime, mas também produz verdades e subjetividades. Nesse sentido, a subjetividade de cada um de nós é resultado dessas relações de força e do embate entre esses discursos, pois ao mesmo tempo em que o sujeito produz novos saberes (discursos), ele é produzido por saberes.

Essa dinâmica de controle interno sobre o discurso também pode ser entendida como um processo de internalização das normas e valores dominantes, que restringem não apenas o que pode ser dito, mas também a própria constituição do sujeito. A autointerdição, nesse sentido, não é apenas uma consequência do poder, mas uma prática que se inscreve na subjetividade das mulheres jornalistas, que, ao se imporem limites discursivos, internalizam os mecanismos de exclusão e silenciamento. Foucault (1996) aponta que o poder não é apenas uma força externa que impõe a repressão, mas uma força que age sobre os corpos e mentes, criando sujeitos que são simultaneamente submissos e produtores de verdades. Portanto, a autointerdição funciona como um dispositivo que reconfigura a maneira pela qual as mulheres jornalistas se veem no espaço público, limitando sua capacidade de exercer plenamente sua agência discursiva e, conseqüentemente, de resistir ao poder estabelecido.

Sobre este aspecto da internalização de normas e valores, é interessante relacionar o conceito de autointerdição com a teoria do poder simbólico e da violência simbólica de Bourdieu (2011). Para explicar como as relações de dominação no mundo social são

percebidas, vivenciadas e reproduzidas tanto por grupos dominadores quanto por grupos dominantes, o autor formula uma síntese crítica de abordagens diversas e frequentemente conflitantes.

De maneira sintetizada, Bourdieu demonstra os processos pelos quais as formas simbólicas contribuem para legitimar as relações de poder e dominação e assim reproduzi-las historicamente. De acordo com ele, essas desempenham tanto uma função cognitiva quanto comunicacional. Isso significa que, a partir dos instrumentos simbólicos socialmente adquiridos, os indivíduos podem dar sentido e inteligibilidade à sua experiência no mundo e, ao mesmo tempo, por partilharem o mesmo quadro referencial de significantes e significados, a comunicação inteligível entre indivíduos de uma mesma coletividade se torna possível. Nesse sentido, os sistemas simbólicos desempenham o papel de “estruturas estruturantes” (Bourdieu, 2011).

Além disso, Bourdieu se apropria da abordagem estruturada, que busca mostrar os vínculos entre as produções simbólicas, como as da arte e a da religião, e as relações de poder. Esta perspectiva privilegia o *opus operatum* e permite compreender o sistema simbólico como “estruturas estruturadas”, como explica Bourdieu (2011, p. 9). Ao incorporar a abordagem estrutural à sua teoria dos sistemas simbólicos, o autor demonstra que estes operam, tanto como mecanismos de conhecimento e comunicação, quanto como mecanismos de dominação.

O problema central, como aponta Bourdieu (2011), reside no fato de que as relações de dominação são percebidas e vivenciadas como relações de conhecimento e comunicação, através da naturalização ideológica. Isso significa que os indivíduos interiorizam as estruturas sociais presentes no mundo de forma que não as percebem como arbitrárias e violentas, mas sim como a ordem natural e auto-evidente do funcionamento das coisas.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “Sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (Bourdieu, 2011, p. 11).

Assim, o poder simbólico, para Bourdieu, significa uma forma de violência que se exerce sobre um agente com a sua colaboração e, portanto, se torna uma forma de violência simbólica. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido

com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 2011, p. 7 e 8).

Sem tomar consciência das relações de dominação presentes nas formas simbólicas, a autointerdição se torna uma forma de censura internalizada na qual as jornalistas interiorizam inconscientemente os valores e as restrições simbólicas impostas pelas estruturas de poder, e, com isso, deixam de participar ativamente da discussão no espaço público. Com frequência, isso ocorre de forma naturalizada, sem que elas possam compreender a motivação que as levou ao silenciamento, ou seja, reproduzem as restrições simbólicas das estruturas estruturadas não as assimilando como mecanismos de dominação.

O processo de autointerdição reflete a forma como a censura internalizada contribui para a manutenção das desigualdades de gênero no espaço público. Ao aderirem sem perceber a essas limitações, as jornalistas não apenas se adequam aos padrões estabelecidos, mas também reforçam as estruturas de dominação que as restringem. Para Bourdieu (2011), a violência simbólica opera de maneira sutil e eficaz, pois é aceita pelos próprios indivíduos como parte do funcionamento “natural” da sociedade, o que torna a resistência a essas normas mais difícil. Cabe esclarecer que o simbólico se relaciona à internalização e ao silenciamento que caracterizam a autointerdição, mas que as agressões enfrentadas pelas vítimas constituem ameaças reais e palpáveis sob a forma de violências física, verbal, sexual, patrimonial, psicológica e/ou digital.

Entretanto, a partir de uma análise foucaultiana, a autointerdição não se constitui como uma prática definitiva e imutável. Se, por um lado, mesmo jornalistas mais experientes, como Vanessa, compartilharam que cogitaram evadir a profissão, por outro, ao persistirem no jornalismo, as jornalistas conseguem ressignificar suas experiências traumáticas e rompem com a norma de silenciamento esperada para as mulheres vítimas de violência. Embora no dia do nosso encontro Lippelt estivesse trabalhando como assessora política, ela diz que hoje não pensa em abandonar a redação. “No momento, eu estou do outro lado do balcão, né, do jornalismo. É no momento. Mas até bem pouco tempo atrás, eu tava na redação e continuei escrevendo tudo o que eu tinha que escrever. Trazendo denúncias e tudo mais” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

Passado um tempo das agressões sofridas, as mulheres jornalistas conseguem olhar com mais distância para a experiência enfrentada, refletir sobre seu papel dentro do jornalismo e compreender como agir adiante. Por meio da contestação dos mecanismos de controle e da renegociação das normas que regulam a fala e o saber, elas podem buscar formas de resistência e subversão dentro do campo discursivo. A autointerdição, ao ser

compreendida como um fenômeno que surge de práticas de poder, também revela as fissuras e as possibilidades de transformação desses discursos. Dessa forma, as jornalistas reconhecem o processo traumático e passam a ressignificar as violências, de forma que elas se tornam uma motivação política para permanecerem dentro da profissão.

4.4.2 O jornalismo como forma de enfrentar o ódio

Maria Ressa, jornalista filipina, cofundadora e CEO do *Rappler* (o principal portal de notícias de seu país) e vencedora do Prêmio Nobel da Paz de 2021, escreveu um livro sobre a sua experiência denunciando os abusos de poder do ex-presidente Rodrigo Duterte e das plataformas de mídia social como o *Facebook*, usadas para fomentar o ódio. Ao longo de dois anos, a jornalista recebeu inúmeros pedidos de prisão, foi perseguida digitalmente e passou a sentir receio em relação à sua integridade física. Quando recebeu a notícia de que tinha sido nomeada Pessoa do Ano pela revista *Times* em 2018, Ressa conta que a reação foi contraditória. “Meu estômago ficou embrulhado. Meu primeiro pensamento foi de que essa exposição só traria mais ataques. Olhando para trás, talvez estivesse sofrendo de transtorno de estresse pós-traumático” (Ressa, 2022, p. 240).

Em muitos momentos da narrativa, porém, ela destaca a importância do seu trabalho e o papel do jornalismo para resistir frente à avalanche de “infodemia”.

Quanto a mim, há momentos em que enfrento dificuldades. **Como me recuso a parar de fazer meu trabalho**, perdi a liberdade de viajar. Não tenho como planejar minha vida porque ainda há sete processos que poderiam me mandar para a cadeia pelo resto da vida. **No entanto, me recuso a viver em um mundo como este. Exijo que as coisas melhorem. Nós merecemos que melhorem.** [...] Não será fácil. Você vai sentir vontade de desistir, de enfiar a cabeça na areia, mas, se agir assim, vai contribuir para assegurar a ruína do nosso mundo, a manipulação dos seus filhos, a destruição dos seus princípios e a devastação da nossa terra. Vivemos um momento existencial (Ressa, 2022, p. 320)

Assim como Ressa, muitas das jornalistas entrevistadas se nutrem do mesmo sentimento de resiliência para continuar no jornalismo e passam a usar a profissão como ferramenta para lidar com os traumas provocados e enfrentar o ódio recebido. Judith Herman (1992) divide o processo de recuperação traumática em três estágios. O primeiro ocorre logo após o acontecimento traumático, quando a vítima, geralmente, ainda não consegue falar sobre o assunto e apresenta um estado mais sensível e em que podem aparecer sintomas como insônia, hipervigilância, culpa, ansiedade e pânico. A fase seguinte é aquela em que a vítima

consegue narrar o seu trauma e, ao fazê-lo, esse processo de reconstrução se transforma em uma memória traumática que faz parte da sua vida. Ainda no segundo estágio, é importante que a vítima enfrente um processo de enlutamento — seja por um ente querido que se foi, seja pelas pessoas com quem precisou romper devido a uma violência e ainda devido ao luto por uma parte de si que se transformou e não existe mais após o trauma.

No terceiro e último estágio da recuperação traumática, a pessoa reconhece que se tornou uma vítima, mas também que aquilo não a define por completo. É nesta fase que ela passa a se dedicar a aumentar seu senso de poder e controle, a se proteger de riscos futuros, a reconectar consigo mesma e a aprofundar as relações e alianças com aqueles e aquelas em quem aprendeu a confiar. Embora a pessoa esteja menos instável que nos estágios anteriores, Judith Herman (1992) explica que a resolução de um trauma nunca é totalmente finalizada e a recuperação nunca é completa, pois o impacto de um evento traumático pode continuar reverberando no ciclo de vida das vítimas. Nos relatos das entrevistadas, vimos como a memória soberana sobre os acontecimentos passados podem acender gatilhos no tempo presente, mas, mesmo assim, as vítimas conseguem conectar suas experiências a um sentimento de justiça e responsabilidade social a fim de dar seguimento às suas vidas.

Tem dias que me arrependo. Quando... tá muito pesado assim, “Porr...se eu não tivesse feito essa matéria, não estaria passando por isso”. Mas eu acho que quando eu tô mais sóbria, digamos assim, quando eu tô bem, quando eu tô mais.... quando eu não tô em momentos de crise, né? Eu... **eu vejo que eu precisava ter feito, que... era minha responsabilidade e que eu acho que seria muito ruim também saber que aquilo tinha acontecido e não ter feito nada, sabe?** (Alves, 13/07/2024, entrevista concedida a mim).

Na terceira fase da recuperação, muitas vítimas sentem que precisam se engajar em um propósito comum e em uma ação social, o que Herman (1992) vai chamar de “missão do sobrevivente”. Essa ação social pode tomar muitas formas, desde a via legal, educacional, ajudando outras pessoas que também enfrentaram situação de violência, se engajando politicamente para prevenir que outras pessoas passem pela mesma situação ou buscando justiça para reparação do que foi feito. Em todos os casos, os esforços são empenhados e dedicados para aumentar a conscientização e o reconhecimento público sobre aquele trauma.

Assim, muitas vítimas de violência de gênero têm encontrado uma dimensão política no trauma enfrentado e para transformar e lidar com suas experiências. Herman explica que a “recuperação está baseada não na ilusão de que o mal tenha sido superado, mas na crença de que não prevaleceu inteiramente e na esperança de que o amor restaurativo ainda pode ser

encontrado no mundo”⁷⁶ (Herman, 1992, p. 152). Mesmo sabendo que a dor vai permanecer existindo, é possível seguir em frente ao deslocar o sentido daquele sofrimento para um propósito de crescimento pessoal ou de ação comum. Encontramos essa percepção em algumas falas das jornalistas, como expõe Sávia:

Não, eu não me arrependi. Na verdade, eu queria ter tido um crescimento que eu tive pós isso, sem o trauma. **Mas, eu acho que nunca eu teria feito essa mudança sem esse impulso e foi uma mudança demorada, foi uma mudança dolorosa, mas eu gosto muito de ser a pessoa que eu sou hoje.** Na verdade, eu olho pra mim pro passado, pra Sávia que tava de olho inchado e eu penso assim: “Meu Deus, como é que eu tive coragem de fazer um vídeo? Eu fui muito corajosa, meu Deus”. [...] Então, assim, tem a dor e a vergonha e a culpa depois, mas...Eu me olho com muita compaixão, assim, de verdade, por tudo. **Então, eu não me arrependo, eu acho que dentro das minhas possibilidades, das minhas condições, de quem eu era naquele momento era o que eu podia fazer** (Barreto, 06/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

Amanda também avalia o crescimento pessoal adquirido após enfrentar o período traumático: “Acho que eu sou mais forte, sabia? **Eu não sei se eu passaria por tudo de novo.** Mas eu acho que se eu fosse passar por uma parte disso, e é provável que a gente passe em 2026, **eu vou estar mais preparada pra passar.** (30/08/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

A fim de ressignificar o trauma enfrentado, Vanessa faz uma analogia sobre o medo que sentiu à época das ameaças nos *chans* com o filme *Monstros S.A.* A trama ficcional se passa em um “mundo dos monstros”, no qual as criaturas trabalham em uma empresa assustando as crianças. Os monstros, assim como os agressores, vão continuar existindo, mas quando as jornalistas acendem a luz, o medo vai embora:

E o medo, eu vou lhe dizer, o medo é um bicho muito ardiloso. Porque ele é uma criatura que você não vê. É uma criatura que você não consegue ver a maneira como ele vai entranhando em você. [...] O medo é aquele monstro que está no quarto da criança, no escuro. Quando ele acende a luz e vê o que é, ele vê que não é nada daquilo que ele estava imaginando, a criança perde o medo e começa a rir. E o que acontece com o medo? O medo volta lá praquela portinha e vai embora. Isso é uma coisa que eu explico pras minhas filhas. Então, quando a gente para pra racionalizar quem são essas criaturas que querem nos meter medo e que a gente joga luz em cima deles, que a gente vê que única e exclusivamente o que eles querem provocar é isso, é deixar a gente apavorado, é deixar a gente em estado de alerta, então você vê que o monstro não é tão grande. Você perde o medo daquele monstro. E aí, quando você perde o medo daquele monstro, ele vai ficando pequenininho, pequenininho. Uma coisa ínfima, que não te ameaça mais (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim).

⁷⁶ No original: Her recovery is based not on the illusion that evil has been overcome, but rather on the knowledge that it has not entirely prevailed and on the hope that restorative love may still be found in the world.

Para as jornalistas, a ressignificação do trauma também se expressa na busca em validar o trabalho realizado e motivar a continuidade da investigação. Assim, embora relatem o sofrimento, cansaço e prejuízos à vida profissional, a violência pode ser interpretada como um sinal de que o jornalismo está cumprindo seu propósito. Por causa da ameaça de processo da ex-ministra Damares Alves, Helena conta que a reportagem sobre acesso ao aborto legal ganhou mais visibilidade e alcançou mulheres que precisavam dessa informação.

Chegava uma galera no nosso site lendo essa matéria. Daí a gente falava: “Caramba, ‘vamo’ redirecionar essa galera pra outras informações úteis sobre o mesmo assunto”. Começou a chegar muito e-mail de gente contando história, a gente publicou essas histórias. Era, meio que aí era uma visão de jornalismo, né? Tipo, **há um interesse pela pauta, por que a gente vai deixar de cobrir ela por causa de uma ameaça? Não dá. É o nosso propósito. A AzMina veio com um propósito social e de repente quando tem um rolê que tá fazendo sentido a gente deixar de fazer, não... a gente não parou, não mudou nada.** Assim, nesse sentido, não (Bertho, 30/08/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu).

De forma semelhante, Renata compartilha que as agressões em decorrência da cobertura sobre o esquema de pirâmide liderado por Glaydson Acácio dos Santos a motivaram a continuar a revelar o crime cometido pelo estelionatário.

G: Na época do Glaydson... Depois que começaram os ataques, você deu uma diminuída na cobertura?

R: Não, aí que eu fui pra dentro. Porque ele queria provar que eu tava mentindo, aí eu queria provar que ele era um estelionatário profissional e mais do que isso. Ele era um assassino, ele tinha uma quadrilha. Aí eu falei, “meu irmão, ou você vai preso ou tu vai me matar”. Eu falei, não tinha como. Ou era matar ou era morrer (Cristiane, 20/09/2024, entrevista concedida a mim).

Outro elemento que se apresenta com frequência é o vínculo que as jornalistas têm com a identidade profissional. A continuidade na profissão não está apenas relacionada à busca por uma fonte de renda, mas, principalmente, a uma inclinação quase que inata para a investigação jornalística. “É como se eles achassem que a gente, a gente, a gente tivesse escolhido, a gente escolhe uma profissão, se arriscar numa profissão. **Não é, tem vocação. Eu sou uma jornalista por vocação. Eu não consigo me ver fazendo outra coisa**” (Lippelt, 07/09/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu). “Claro, a gente faz algumas matérias e fica pensando como que aquilo pode repercutir, mas eu também não posso ter medo de trabalhar. **Porque eu preciso fazer isso, é o meu trabalho e é o que eu gosto de fazer também**” (Garcia, 14/07/2024, entrevista concedida a mim, grifo meu). Assim, a forma como as mulheres jornalistas se enxergam no mundo torna-se indissociável de sua prática profissional e, portanto, continuar no jornalismo para elas, ainda que com algumas limitações

internalizadas, é sinônimo de sua própria existência.

Observamos, portanto, que o trauma se torna um mediador entre a violência sofrida e a autointerdição discursiva, revelando a complexidade dos processos de silenciamento e resistência. Se, por um lado, o caráter traumático das violências permanecem despertando gatilhos no tempo presente e direcionam as jornalistas à autointerdição, esta não constitui uma experiência hegemônica e possibilita a criação de novas subjetividades. Ao deslocarem o significado do evento traumático para uma dimensão política, de senso de justiça e/ou de vínculo identitário à profissão, as vítimas produzem novas epistemes a respeito de suas identidades enquanto mulheres jornalistas, possibilitando que estas resistam diante da violência.

Neste capítulo, vimos como as violências enfrentadas durante a profissão pelas mulheres jornalistas ficaram marcadas nas memórias das vítimas e constituem eventos traumáticos. O *status* do trauma que aqui entendemos não se explica devido ao aparecimento de sintomas ligados ao possível diagnóstico do transtorno do estresse pós-traumático ou ao caráter inato que algumas experiências possuem, mas especialmente ao significado que certos eventos assumem na memória coletiva deste grupo. As agressões e ataques reafirmam o papel subalterno da mulher na sociedade patriarcal e de representações estigmatizadas sobre pessoas negras e trans, de maneira que, ao serem internalizadas, essas experiências não apenas afetam a saúde mental das vítimas, mas também reforçam narrativas e estruturas sociais opressivas que perpetuam a marginalização e o silenciamento desses grupos. Dessa forma, o trauma se torna um reflexo não só das agressões individuais, mas de um sistema que valida e reitera essas violências de maneira estrutural e cotidiana, tornando o processo de recuperação ainda mais complexo e desafiador.

Durante a realização das entrevistas, ao narrarem os episódios de violência, vimos que muitas das jornalistas lutaram para esquecer e negar os fatos passados e outras, apesar do desafio da rememoração, sentiram a necessidade de expressar e enfrentar seus traumas. Por vezes, na fala de uma mesma jornalista, vimos ambos acontecerem, pois “o conflito entre a vontade de negar eventos horríveis e a vontade de proclamá-los em voz alta é a dialética central do trauma psicológico” (Herman, 1992, p. 1, tradução minha⁷⁷). De maneira análoga, as alterações no *ethos jornalístico* das profissionais de imprensa que foram agredidas acompanham esse processo dialético.

A autointerdição pode ser entendida como um fenômeno psicossocial em que as

⁷⁷ No original: The conflict between the will to deny horrible events and the will to proclaim them aloud is the central dialectic of psychological trauma.

próprias vítimas, muitas vezes devido à repetição de agressões e ameaças, impõem limites à sua própria expressão e atuação profissional. No lugar de imposições externas (como a censura estatal ou impedimentos de plataformas de mídia social), essas mulheres internalizam as violências sofridas e passam a restringir suas falas, escolhas profissionais e até mesmo o exercício da profissão. Esse fenômeno pode surgir como uma forma de autodefesa ou uma tentativa de evitar novas agressões e retaliações e, em muitos casos, não ocorre de forma consciente, mas como uma resposta à pressão constante e ao ambiente de insegurança, onde o medo de novos ataques cria uma espécie de “efeito inibidor”. Assim, a autointerdição também reflete a forma invisível e perversa em como a violência simbólica (Bourdieu, 2011) atua para restringir ações e discursos no espaço público a partir da internalização de valores que perpetuam as desigualdades de gênero pelos próprios sujeitos.

A autointerdição não é apenas uma expressão da repressão do poder e dos procedimentos de controle do discurso (Foucault, 1996), mas também revela uma expressão da subjetividade das próprias jornalistas que é produzida no contexto das práticas discursivas. Nesse sentido, este fenômeno atua na formação das identidades femininas, neste caso, das mulheres jornalistas, considerando o caráter performativo do gênero que é moldado e construído por discursos e normas hegemônicas na sociedade (Bulter, 2018). Assim, a autointerdição transcende a experiência individual e reflete as imposições de silenciamento atribuídas socialmente ao gênero feminino, que passam a reproduzir o imperativo de que estas não devem se expressar.

No contexto da violência contra mulheres jornalistas, observamos uma contradição entre a autointerdição, que leva muitas a se silenciarem ou se afastarem da profissão como forma de autoproteção, e a resiliência, observada através da ressignificação do trauma enfrentado. Embora não se possa apagar do passado a violência que ocorreu, as memórias são processos sócio e corpóreos que estão em constante disputa (Ortega, 2011) e, dessa forma, algumas jornalistas encontram um novo propósito ao atribuir um significado político à dor que enfrentaram. Esse processo de ressignificação, como proposto por Judith Herman, implica não em esquecer o sofrimento, mas em redirecioná-lo para ações coletivas, mostrando que a dor pode ser enfrentada e utilizada para promover um crescimento pessoal e um senso de justiça e coletividade.

Adicionalmente, a vontade de permanecer na profissão se associa ao impacto observado pelo trabalho realizado (“eu vejo que eu precisava ter feito” ou “é o nosso propósito social”) e ao vínculo identitário que as mulheres nutrem com o jornalismo, como parte indissociável de quem elas são (“eu não consigo me ver fazendo outra coisa”). No lugar

da culpa, da vergonha e do arrependimento que aparecem nos momentos que sucedem de imediato à violência, sobressaem-se os sentimentos de orgulho, compaixão, resiliência e pertencimento. Dessa forma, utilizar o “jornalismo como forma de enfrentar o ódio” é um mecanismo que elas encontram para ressituar suas experiências passadas, apegando-se aos valores identitários da profissão. Por sua vez, ao fazê-lo, também contribuem para produzir novas epistemes a respeito das mulheres jornalistas, não mais limitadas ao silenciamento, à passividade e à submissão, mas também possíveis de serem sinônimos de resistência, força e coragem.

5. Considerações finais

Neste capítulo, retomarei os pontos abordados ao longo do trabalho, com base nos objetivos, hipóteses e resultados obtidos na pesquisa. Serão discutidas as contribuições dos achados para o campo do jornalismo e para as profissionais da imprensa, assim como para futuras investigações que abordem os estudos do jornalismo, gênero, memória e trauma. Por fim, proponho uma reflexão sobre as limitações e os desafios encontrados ao longo da realização deste trabalho e aponto alguns possíveis caminhos para continuidade de novas investigações.

Esta pesquisa dá continuidade ao trabalho iniciado durante o projeto de iniciação científica realizado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e que, posteriormente, se tornou minha monografia para a conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Kebian, 2022), sobre a relação entre a violência digital contra mulheres jornalistas e as estratégias de desinformação. Durante a realização de um estudo de caso sobre o episódio de violência que ocorreu com a jornalista Patrícia Campos Mello em 2020, instiguei-me sobre quais seriam as consequências enfrentadas por outras profissionais que passaram por processos semelhantes e se a violência introduzida às rotinas profissionais poderia estar promovendo alterações no *ethos* jornalístico.

O segundo capítulo, dividido em quatro subtópicos, buscou contextualizar o panorama da violência contra mulheres no Brasil nos últimos anos. Como vimos, com a eleição de Jair Bolsonaro, há uma transformação no cenário para exercício do jornalismo no país (Almeida, 2022; Saconi, 2023; Rios, 2021). Se, até então, as primeiras duas décadas do século XX apresentaram relativa estabilidade no número de casos não-letais a jornalistas e o pico de agressões anti-imprensa estava vinculado a certos acontecimentos políticos e esporádicos, a partir de 2019 a violência contra jornalistas tornou-se uma constante, coordenada pelo maior representante político do país. Durante todo seu mandato, Bolsonaro foi o principal autor de agressões a jornalistas e de ataques generalizados contra a imprensa.

O cenário que se instaurou no Brasil reflete a conjuntura global em outros países que também elegeram líderes autocratas, como os Estados Unidos de Donald Trump, a Hungria de Viktor Orbán, a Turquia de Recep Tayyip Erdoğan e, recentemente, a Argentina de Javier Milei. Nas chamadas “democracias iliberais” (Mello, 2020), governos de extrema-direita se valem de táticas para coibir o trabalho da imprensa, como campanhas de desinformação

personalizadas contra jornalistas, articulação de milícias digitais para disparo de mensagens falsas e propagação de ódio por meio de falas públicas de seus representantes.

Cabe destacar o papel desempenhado pelas redes sociais digitais nesse processo. A plataformação do jornalismo e a incorporação das redes sociais digitais às rotinas profissionais tornaram os e as profissionais da imprensa mais suscetíveis a enfrentarem ataques massivos em decorrência do trabalho (Chen et al., 2018). A extensão das agressões, porém, não se reserva ao mundo digital e não raramente ocorrem ameaças de violações sexuais, agressões físicas e até mesmo de assassinatos. As *big techs* que detêm as principais plataformas de mídia social se isentam da mediação do debate público nas redes, permitindo a livre circulação de ataques em massa e do discurso de ódio. Como as jornalistas dependem cada vez mais das ferramentas digitais para fazer seu trabalho, assim como há ampliação do uso das redes sociais digitais pela população, observamos um aumento exponencial de episódios de ataques e linchamentos virtuais.

No ambiente digital, onde as mulheres são os alvos preferenciais, as agressões frequentemente dizem respeito ao corpo e à aparência das jornalistas para humilhá-las e desqualificá-las enquanto profissionais. Este tipo de violência passou a ser denominado por algumas autoras (Chen et al., 2018; Koirala, 2019) como assédio de gênero, em uma tradução do termo *gender harassment*. A prática que já era comum na chamada esfera masculina — um conjunto de sites, blogs e fóruns anônimos onde grupos masculinistas e extremistas expressam seu ódio e aversão às mulheres (Valente, 2023) — passou, então, a ser utilizada na *internet mainstream* (Ramos, 2020). Ao sexualizar mulheres ou condená-las por um suposto comportamento sexual, os agressores contribuem para a perpetuação de estigmas arcaicos relacionados aos papéis de gênero da sociedade e buscam paralelamente atacar e coibir o exercício jornalístico.

Nesse sentido, foi adotada a conceituação de gênero de Joan Scott (1990; 1994), que coloca a história no centro da construção das relações de gênero. Partindo da premissa de que não existem significados inatos a respeito do masculino e do feminino, as diferenças sexuais biológicas têm sido utilizadas para justificar desigualdades político-sociais na sociedade patriarcal e tornar as mulheres submissas em relação aos homens. Se agravam as experiências de opressão no caso de mulheres negras, lésbicas e mulheres trans, em que o sexismo se intersecciona com outras formas de dominação (Crenshaw, 1989; Gonzalez, 1984; hooks, 2018). No mercado de trabalho, as jornalistas são testemunhas frequentes das assimetrias de gênero, quando comparadas a seus colegas homens, desde a diferença salarial, ao descrédito para assumir determinadas tarefas, até a generalização de comentários machistas no ambiente

de trabalho. Fora das redações, se tornaram alvo de retaliações e agressões em decorrência do exercício profissional. No Brasil, esse processo se intensifica com as declarações públicas do ex-presidente da República a respeito de mulheres jornalistas, que passam a repercutir dentro e fora das redes sociais digitais.

É deste contexto que partimos para pensar a presente pesquisa, que teve como objetivo compreender como as agressões, ataques e ameaças que mulheres jornalistas receberam em decorrência do exercício da profissão entre 2019 e 2023 promoveram marcas em suas vidas pessoais e profissionais. No terceiro capítulo, me aprofundo nos passos metodológicos adotados na investigação. A partir de uma criteriosa seleção feita a partir do levantamento de registros dos relatórios da Federação Nacional dos Jornalistas, elencamos oito mulheres jornalistas que foram vítimas de violência nesse período e cujas diferentes trajetórias profissionais e aspectos identitários trouxeram pluralidade de perspectivas aos resultados empíricos do projeto. Foram elas: Alana Rocha, Amanda Klein, Helena Bertho, Ívina Garcia, Sávia Barreto, Schirlei Alves, Renata Cristiane e Vanessa Lippelt.

Considerando a riqueza epistemológica das pesquisas que utilizam fontes orais, a história oral foi uma importante ferramenta para orientar as entrevistas. Nos encontros com as jornalistas, exploramos não apenas as informações extraídas para a pesquisa, mas também a forma como a memória apreende os fatos e como as profissionais narraram as experiências passadas. Esses aspectos também se tornaram relevantes uma vez que partimos da hipótese de que as violências enfrentadas em decorrência da profissão constituem eventos traumáticos. Durante a troca dialógica das entrevistas com as jornalistas, os encontros mediados pelos afetos que guiaram a pesquisa e influenciaram também a relação entre eu e minhas interlocutoras e, por consequência, aquilo que elas se dispuseram a compartilhar.

O quarto capítulo concentrou a maior parte dos resultados empíricos deste projeto e dedicou-se a abordar os efeitos da violência contra mulheres jornalistas a partir das lentes da perspectiva teórica sobre trauma, memória e história, adicionada à perspectiva feminista para trabalhar com os traumas que decorrem da violência de gênero. Primeiro, trouxemos algumas das reflexões já elaboradas entre trauma e jornalismo na literatura acadêmica, que chama atenção, especialmente, às guerras, conflitos e tragédias que os e as profissionais da imprensa são incumbidos de cobrir. Esses estudos abordam, principalmente, expressões psicossomáticas ligadas ao trauma como consequência da profissão. Certos sintomas relatados nas entrevistas com as jornalistas também sugeriram possíveis quadros de transtornos do estresse pós-traumático ou depressão, como pânico, hipervigilância, ansiedade, insônia e até bruxismo. Nosso objetivo, no entanto, não foi diagnosticar as jornalistas, mas

compreender o significado histórico e social das violências enfrentadas e o seu impacto na vida das profissionais.

Algumas delas, como Schirlei Alves e Sávia Barreto, hesitaram em participar do projeto devido à dificuldade envolvida na rememoração e na narração de eventos traumáticos. Conforme as jornalistas apontaram, a demanda constante por falar da agressão após o ocorrido as põe novamente na posição de vítimas e, em muitos momentos, esse exercício acaba levando à retraumatização. Para outras jornalistas, no entanto, olhar para o passado com certo distanciamento constituiu um importante exercício de reflexão sobre a forma como elas se enxergam dentro da profissão e o que vivenciaram, constituindo-se uma ferramenta de libertação do passado traumático. A presença concomitante tanto da necessidade de falar para lidar com o trauma quanto da busca pelo silenciamento para seguir em frente nos discursos de uma mesma jornalista revela o processo dialético característico do trauma, que oscila entre memória e esquecimento, entre o saber e o não saber (Caruth, 1995; Seligmann-Silva, 2000).

Além disso, a forma como as jornalistas lidam com as agressões também reflete um processo característico de traumas ligados à violência de gênero. Como apontam Herman (1992) e Brown (2004), os traumas enfrentados por mulheres com frequência se reservam à esfera privada e não são publicamente reconhecidos como experiências avassaladoras, dolorosas e desastrosas, como acontecem com outros tipos de violências “universais” como as guerras, os conflitos, os atentados e as catástrofes naturais. Por causa disso, é comum que as mulheres não encontrem apoio na comunidade e se sintam desacreditadas em relação às violências enfrentadas, levando a um doloroso ciclo de retraumatização. Em muitos casos, a violência contra as mulheres jornalistas se manifesta por meio dos chamados traumas insidiosos (Root, 1995), ou seja, eventos subliminares que validam sistemas de dominação e estão permeados no cotidiano, como o racismo estrutural e o heterossexismo. Os traumas insidiosos fazem com que as vítimas estejam constantemente diante de violências e passem a internalizar certos valores relativos aos sistemas de dominação sem que reconheçam essas experiências como traumáticas.

Tais aspectos foram notados nas falas das jornalistas que enfrentaram dificuldades para lidar com as violências e tiveram seus traumas negligenciados e diminuídos por parte de autoridades públicas, superiores hierárquicos e, em alguns casos, até colegas de trabalho. Devido à falta de proteção e o medo de se tornarem vítimas novamente ou deixar família e pessoas próximas em risco, elas relataram uma série de medidas de autoproteção, tanto na vida pessoal quanto na vida profissional. No que diz respeito à prática jornalística, a tendência foi a busca pelo silenciamento, que expressa quando as mulheres jornalistas optam

por sair das redes sociais, deixar de assinar o nome em reportagens, evitar abordar certos temas, trocar de funções, editorias e/ou de veículos e, em alguns casos, até evadir a profissão.

Denominamos esse fenômeno autointerdição, um processo de interdição discursiva que caracteriza o silenciamento de mulheres jornalistas refletido nas experiências traumáticas de relações hierárquicas de gênero. Considerada uma expressão da pós-censura (Costa; Júnior, 2018), pois se opõe às formas clássicas censórias estatais, a autointerdição é causada pela repetição de violências que levam as vítimas à internalização de normas sociais e, por consequência, à restrição discursiva. Embora aparente ser uma escolha individual, este fenômeno se inscreve dentro de um conjunto de práticas que buscam definir, controlar e normatizar o comportamento de mulheres em um sistema hierárquico de gênero, refletindo, portanto, os mecanismos de exclusão e silenciamento. A interdição imposta pelo próprio sujeito torna-se uma espécie de paradoxo no caso das mulheres jornalistas, uma vez que a própria profissão exige que estas desempenhem um papel discursivo ativo.

Os resultados também apontaram que tal fenômeno não se manifesta de maneira uniforme e, embora a autointerdição constitua um novo *ethos* na prática jornalística, persiste o desejo de continuar na profissão. Esta dimensão não havia sido prevista no início da pesquisa ao formular nossas hipóteses e pode estar associada a uma forma encontrada pelas vítimas de lidarem com as agressões através da ressignificação de suas experiências traumáticas. Esse desejo de não querer se silenciar aparece vinculado ao propósito do jornalismo, à identidade profissional e à crença de que o fazer jornalístico poderia ser uma ferramenta para enfrentar desigualdades, disputas de poder e mundos construídos por eixos de dominação. Assim, a própria profissão se torna combustível para impulsionar as mulheres jornalistas a continuarem no ofício, mesmo em um cenário mais desvantajoso marcado por assimetrias de gênero e onde as violências foram incorporadas às rotinas jornalísticas.

Dessa forma, esse trabalho contribui para elucidar a forma como as mulheres jornalistas lidam com as agressões enfrentadas durante a profissão, evidenciando como o trauma se torna um mediador entre a interdição discursiva e as práticas de resistência. Ao se centrar nos efeitos da violência, a pesquisa demonstra também como mulheres com distintas trajetórias, repertórios e aspectos identitários partilham de uma experiência comum dentro da profissão (os traumas em decorrência da violência de gênero), ao mesmo tempo em que certos marcadores sociais da diferença expõem como suas experiências se distinguem ao se tornarem vítimas de violência.

Nesse sentido, destacam-se duas escolhas metodológicas que acredito terem sido frutíferas para a realização do trabalho e que contribuíram para o campo dos estudos de

Jornalismo. Em primeiro lugar, a pluralidade na seleção das entrevistadas que não se limitou a profissionais dos veículos de mídia hegemônica concentrados no eixo Rio-São Paulo. Essa escolha possibilitou refletir com mais fidelidade as distintas experiências de mulheres jornalistas dentro da profissão. Em segundo lugar, o uso da história oral como ferramenta teórico-metodológica para guiar o processo de entrevistas com as jornalistas, o que permitiu maior proximidade com as minhas interlocutoras e também a exploração de elementos sógnicos para além das entrevistas, como a palestra no Congresso da Abraji e as trocas de mensagens antes e depois de encontrar com as jornalistas. O esforço para realização dos encontros de forma presencial também se mostrou extremamente importante e acredito que algumas das participantes não teriam se aberto da mesma maneira se tivéssemos realizado entrevistas *online* à distância.

Adicionalmente, a abordagem do trauma neste estudo também contribuiu para evidenciar novas possibilidades no campo de estudos do Jornalismo. Embora esta não tenha sido a primeira vez em que o trauma é usado em pesquisas da área, a maioria dos usos anteriores tiveram como foco as coberturas noticiosas potencialmente traumáticas para os jornalistas e os traumas secundários adquiridos a partir delas. Aqui, por outro lado, nos dedicamos à análise das violências em decorrência da profissão e também de traumas que não são exclusivos do contexto laboral, mas se relacionam com o contexto histórico-social que perpetua hierarquias baseadas em eixos de dominação. Nesse sentido, a adoção da perspectiva feminista sobre o trauma foi extremamente valiosa para interpretar as experiências enfrentadas pelas mulheres jornalistas e poderá ser replicada em outras pesquisas que tenham o gênero como eixo de análise, mesmo fora do campo da Comunicação e do Jornalismo.

Cabe ainda mencionar a escolha adotada nesta pesquisa em tornar públicas as transcrições das entrevistas feitas com as jornalistas na íntegra, que podem ser consultadas nos anexos da presente dissertação. A medida visa democratizar o acesso aos novos documentos históricos co-produzidos com minhas interlocutoras e foi motivada diante da escassez de relatos em primeira pessoa das vítimas de violência no contexto da profissão, especialmente daquelas cujos casos não repercutiram nacionalmente. Assim, cria-se o registro da rememoração das jornalistas durante um determinado período que enfrentaram e torna-se possível utilizar tais relatos como objeto para pesquisas posteriores.

Além disso, os resultados obtidos pela pesquisa também contribuíram para jogar luz sobre a necessidade da ampliação de medidas eficazes, por parte dos veículos de comunicação, do Estado e, em menor grau, de organizações da sociedade civil, de proteção e de enfrentamento da violência contra as mulheres jornalistas. É urgente que empresas de

comunicação ofereçam melhores condições de trabalho às jornalistas levando em consideração as reais possibilidades de suas colaboradoras serem agredidas dentro da profissão. Isso poderá incluir tanto políticas de prevenção à violência, como treinamentos de cibersegurança e disponibilização de equipamentos de proteção individual (EPIs) para determinadas coberturas, quanto políticas de enfrentamento, tais como assistência jurídica e psicológica em casos de suas e seus colaboradores tornarem-se vítimas de linchamentos virtuais, assédio judicial, ameaças, entre outros.

Embora o trabalho promovido por organizações como Abraji, Artigo 19, Repórteres Sem Fronteiras, Fenaj, entre outras, tenha sido retratado como fundamental pelas jornalistas, devido ao suporte e acolhimento providos, essa atuação ainda não dá conta de lidar com as possíveis violências que elas virão a enfrentar. Em casos mais graves, essas organizações, assim como os veículos de imprensa, deverão poder contar também com a ação do Estado. Este deverá atuar ativamente para proteção de suas e seus jornalistas, o que poderá incluir, por exemplo, o monitoramento oficial de agressões à imprensa — que atualmente é feito pela entidade de classe e por associações jornalísticas — assim como a implementação mais efetiva do Programa de Proteção para Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas.

Do ponto de vista pessoal para as participantes, a inserção neste projeto pode ter sido benéfica uma vez que representou uma nova ferramenta para lidar com a violência e seus traumas, como foi compartilhado por algumas das jornalistas, como Sávia Barreto, Vanessa Lippelt e Ívina Garcia. As jornalistas relataram que, apesar do desafio proporcionado pela rememoração de episódios traumáticos, olhar com distanciamento para o passado doloroso foi um importante exercício de reflexão pessoal. Assim, embora tenha como finalidade a investigação científica, a pesquisa pode ter assumido novos contornos e proporcionado uma experiência de crescimento pessoal para as participantes.

Também se destacam contribuições práticas que a presente pesquisa desempenhou para o campo jornalístico e para outros e outras profissionais da comunicação. Devido à realização desta investigação, fui selecionada e convidada para participar de eventos, congressos, cursos e encontros, onde estive em contato com outras comunicadoras e tive a oportunidade de ampliar a circulação da presente pesquisa. Em 2023, fui selecionada para o programa “Empodera Legal – Defendendo a Liberdade de Expressão para comunicadoras, artistas e jornalistas”, promovido pela organização Artigo 19. A iniciativa foi inspirada no relatório de Irene Khan (2021), Relatora Especial da ONU para a Proteção da Liberdade de Opinião e Expressão, que denuncia a censura e o silenciamento imposto às mulheres e

pessoas que questionam os estereótipos de gênero. Em julho de 2024, estive presente no I Encontro da Rede de Proteção a Jornalistas e Comunicadores, da Rede Sudeste, junto a comunicadores e comunicadoras de favelas e periferias. Destaco ainda a participação nos congressos da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo em 2023 e 2024, espaços em que tanto conheci algumas das entrevistadas (foi o caso de Alana) quanto apresentei e discuti resultados parciais dessa investigação junto a outros colegas no X Seminário de Pesquisa.

Em 2024, fui convidada pela Artigo 19 para participar da campanha #CompartilheInformação #CompartilheDemocracia (Artigo 19, 2025), na qual produzi o podcast *Vozes em Risco*⁷⁸, sobre o contexto da violência contra jornalistas durante as eleições municipais. Com isso, foi possível ampliar o público que têm acesso à discussão sobre a temática da violência contra jornalistas e suas especificidades, como a violência contra comunicadores em cidades do interior, o assédio judicial e a violência digital. Embora a partir de uma abordagem mais ampla, o podcast também discutiu as características da violência enfrentada por mulheres jornalistas e grupos subrepresentados, especialmente no episódio #3 — Violência digital, desinformação e discurso de ódio contra a imprensa (Kebian, 2024b). Neste trabalho, pude abordar as trajetórias de outros jornalistas que não foram entrevistados nesta pesquisa, além de contribuir com a divulgação científica de estudos do campo.

Assim, observa-se que este estudo cumpriu não apenas seu papel na área acadêmica, mas produziu resultados práticos significativos, por meio da promoção de encontros em rede, da reflexão e crescimento pessoal de algumas das entrevistas e pela promoção da divulgação científica. Isso mostra como a pesquisa acadêmica pode e deve ser construída inserida dentro do contexto social e não apartada do seu objeto de estudo.

Apesar dos avanços e contribuições proporcionados, é importante mencionar algumas dificuldades e limitações encontradas durante o percurso desta investigação. A primeira delas diz respeito à realização das entrevistas de forma presencial para uma pesquisa de mestrado, que tem duração de apenas dois anos. Como apontam muitos pesquisadores (Ribeiro, 2015; Portelli, 2016), a prática da história oral incentiva a realização de mais de uma entrevista com os integrantes do grupo que se deseja pesquisar. No entanto, devido à limitação de tempo, as entrevistas foram realizadas uma única vez com as jornalistas. Acredita-se que a repetição delas poderia trazer maior consistência para os resultados, uma vez que seria possível observar padrões na forma como uma mesma jornalista busca narrar os episódios de violência. Por outro lado, devido à sensibilidade da temática, a realização de mais de uma

⁷⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1WG8zGCJDsA65CDz9FpBEY> Acesso em 28 jan. 2025.

entrevista sobre esse tema poderia inviabilizar a participação de algumas das jornalistas, uma vez que teriam que se dispor a rememorar experiências traumáticas mais de uma vez.

Além disso, outro desafio encontrado foi a limitação financeira para custear os deslocamentos e realizar as entrevistas de forma presencial, limitados a viagens ao interior do estado do Rio de Janeiro, a São Paulo e à Brasília. Considerando a centralidade que o território desempenhou nos relatos das jornalistas, acredito que uma ida a campo a Riachão de Jacuípe ou a Manaus poderiam trazer novas percepções e maior riqueza de detalhes para a pesquisa, uma vez que haveria uma imersão no contexto daquele local. Por outro lado, mesmo diante das limitações impostas, empenhamos esforços e conseguimos diversificar a amostra regional das jornalistas entrevistadas e realizar todas as entrevistas de forma presencial.

Por fim, outro obstáculo encontrado foi a conciliação do meu trabalho como jornalista com a realização da presente pesquisa. Atuar em uma redação me permitiu compartilhar com as entrevistadas a vivência das rotinas produtivas e compreender na prática certos aspectos sobre o fazer jornalístico e a identidade profissional. No entanto, a sobrecarga de trabalho, os plantões de final de semana e o regime presencial tornaram o processo das entrevistas mais longo do que o esperado — foram oito encontros realizados entre 12 de julho a 20 de setembro de 2024, ou seja, durante um pouco mais de três meses. Pessoalmente, também considero que muitas vezes o trabalho somado à pesquisa se tornou demasiadamente exaustivo, embora tenha conseguido me atentar e cumprir os prazos colocados pelo programa.

Mesmo diante dos desafios e limitações impostas durante o processo, acredito que os resultados significativos desta pesquisa poderão ser utilizados para trabalhos posteriores. Nesse sentido, são amplas as possibilidades no campo para dar continuidade à investigação. Uma delas é a exploração mais detalhada sobre as medidas de prevenção, proteção e enfrentamento à violência existentes para os e as profissionais da imprensa. Essa investigação poderia incluir uma análise comparativa de iniciativas de organizações da sociedade civil, medidas de empresas de comunicação e políticas de governo. Poderíamos ouvir profissionais que tenham sido contemplados por cada uma das iniciativas a fim de discutir suas experiências, tendo em vista a existência ou não de medidas e políticas específicas voltadas à violência contra mulheres jornalistas.

Outra possibilidade de aprofundamento no tema diz respeito à exploração da violência contra jornalistas em determinados contextos, como no caso de comunicadores comunitários, de favelas e periferias e ainda comunicadores ambientais. Como vimos a partir da experiência de Alana, os veículos comunitários, especialmente as rádios comunitárias, apresentam uma série de fragilidades estruturais que deixam esses e essas profissionais mais expostos à

violência física, como a proximidade com os possíveis alvos de denúncias de reportagens e a falta de condições financeiras para lidar com processos ou arcar com a segurança de seus colaboradores. Por outro lado, em muitos territórios afastados dos grandes centros urbanos os veículos comunitários são os únicos ou um dos únicos existentes que realizam uma cobertura jornalística local. Assim, poderíamos buscar investigar a relação entre a violência contra jornalistas comunitários e o potencial aumento dos desertos de notícia no Brasil. Um pontapé inicial nesta abordagem foi iniciado em uma pesquisa⁷⁹ realizada em conjunto com o professor e pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, João Paulo Malerba, em que mapeamos os assassinatos de radialistas comunitários no Brasil, entre 1998 e 2023.

Em muitas metrópoles urbanas, a exposição enfrentada por comunicadores de favela e de periferia se mistura ao risco ligado às disputas territoriais entre tráfico e milícia, ao racismo estrutural e às políticas de segurança pública do Estado. Dessa forma, outra possibilidade de exploração investigativa, portanto, seria compreender se o papel desempenhado por coletivos de comunicação e veículos jornalísticos de favela extrapolam a função jornalística tradicional e assumem também um caráter ativista no qual lutam tanto pela garantia ao direito à liberdade de expressão quanto ao direito à vida livre de violência. Ou ainda, mantendo-se na abordagem teórica sobre trauma e jornalismo, poderíamos explorá-la no contexto da violência contra comunicadores de favela e das violências enfrentadas em decorrência do território.

Por fim, poderíamos explorar a situação ligada aos jornalistas que cobrem meio ambiente. Os eventos climáticos têm se tornado cada vez mais corriqueiros na vida cotidiana e acendem um alerta para a cobertura jornalística, que deverá dar mais atenção à pauta ambiental. No contexto brasileiro, jornalistas que produzem pautas que denunciam temas como garimpo e extrativismo ilegal, invasão em terras indígenas, desmatamento e queimadas costumam lidar com altos níveis de ameaças, agressões físicas e risco de violência letal. Em 2022, o jornalista britânico Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira foram assassinados no Vale do Javari, no Amazonas. Dom trabalhava para o jornal britânico *The Guardian* e fazia reportagens sobre a região amazônica, incluindo conflitos fundiários e povos indígenas. Assim, outra possibilidade de exploração investigativa diz respeito aos processos censórios no contexto da cobertura ambiental e as disputas de poder que envolvem esses territórios.

Retomando o problema de pesquisa delineado no início do projeto, nos questionamos como, diante do agravamento da violência e incorporação de ataques às mulheres jornalistas

⁷⁹ O silenciamento das comunidades: uma análise dos assassinatos de radialistas comunitários/as no Brasil entre 1995 e 2023, no prelo.

em suas rotinas profissionais, são afetadas suas práticas jornalísticas e como as agressões que vivenciaram no passado ainda as afetam no tempo presente. A partir da perspectiva teórica sobre trauma e gênero, confirmamos nossa primeira hipótese de que as violências enfrentadas em decorrência da profissão por mulheres jornalistas são compreendidas como eventos traumáticos. Além disso, atestamos nossa segunda hipótese que dizia respeito à existência da autointerdição, um fenômeno caracterizado pelo silenciamento que se manifesta pelas próprias jornalistas como forma de autoproteção aos traumas vivenciados. Por outro lado, vimos que essa não é a única transformação na prática jornalística em decorrência da violência, uma vez que algumas das jornalistas buscaram ressignificar seus traumas para continuar exercendo o “jornalismo como forma de enfrentar o ódio”.

Por tudo isso, acredita-se que a presente investigação respondeu ao problema de pesquisa elaborado no início do projeto e também cumpriu os objetivos delineados. Os resultados obtidos contribuíram com importantes avanços para o campo dos estudos de jornalismo e gênero e para o debate sobre os processos censórios na atualidade, a partir da adoção da perspectiva teórica feminista sobre o trauma e o diálogo com os conceitos de autocensura, pós-censura e censura de multidões. O recorte deste estudo, voltado aos efeitos produzidos pela violência contra mulheres jornalistas, também foi essencial para ampliar a abordagem de pesquisas anteriores realizadas sobre o tema que, na maior parte das vezes, se limitaram a compreender suas causas. Ademais, a pesquisa também demonstrou efeitos benéficos para as mulheres jornalistas participantes, que puderam utilizar da entrevista como forma de refletir sobre sua experiência pessoal e ressignificar seus traumas e também foram vistas implicações práticas e sociais, através da inserção em redes, associações, eventos, assim como da produção de produto jornalístico sobre esta temática.

6. Referências

6.1 Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALEXANDER, Jeffrey C. Towards a theory of cultural trauma. *In*: ALEXANDER, Jeffrey C. et al. **Cultural trauma and collective identity**. California: University of California Press, 2004.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Paidós, Barcelona, 1989.

ALMEIDA, Silvana Lemos de. **Jornalistas mulheres sob ameaça: riscos para o exercício da profissão no Rio de Janeiro**. 2022. 180 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

AMED, Sara. **The promise of happiness**. Durham and London: Duke University, Press, 2010.

AMORIM, Janaina Lopes de. **O corpo está no contrato? Estudo sobre as ocorrências de assédio sexual contra mulheres jornalistas nas redações de Imperatriz**. 2021. 119 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mestrado em Comunicação - PPGCOM CCSST (Campus Imperatriz) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

ANJOS, Júlia. **Megebras (in)domadas: discurso de ódio antifeminista nas redes sociais**. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2010

ARFUCH, Leonor. Los lenguajes de la entrevista. In: _____. **La entrevista, una invención dialógica**. Buenos Aires: Editora Paidós, 1995.

ARFUCH, Leonor. Mujeres que narran: autobiografía y memorias traumáticas. In: _____. **Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História Cultural da Imprensa - Brasil (1900-2000)**. 1. ed. Rio de Janeiro: MAUADX, 2007.

BARSOTTI, Adriana. As mentiras de Bolsonaro e o jornalismo declaratório: como a imprensa contribuiu para ampliar a desinformação sobre o meio ambiente. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 26, n. 01, p. 79–104, 2023. DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28026. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28026. Acesso em: 10 mar. 2024.

BARSOTTI, Adriana. Os limites da objetividade no século XXI. In: **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. GP Teorias do jornalismo, 2021, Virtual. Anais. São Paulo: Intercom, 2021.

BENNETT, Lance; LIVINGSTON, Steven. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. **European Journal of Communication**, v.33, n.2, 2018, p. 122–139.

BETZ, Michelle; BEIGHLEY, Paul. Fear, trauma and local journalists: Implications for media development and peacebuilding. In: LARSEN, A. FADNES, I.; KRØVEL, R. (Ed.). **Journalist Safety and Self-Censorship**. Routledge, 2020, p. 145-163.

BOUJIKIAN, Mariana. **Memórias de um genocídio**. 1ª ed. São Paulo: Tirant lo blanch, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BROWN, Laura. Not Outside the Range: One Feminist Perspective on Psychic Trauma. *In*: CARUTH, Cathy (org.), **Trauma: explorations in memory**. Batimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

BROWN, Laura. Feminist paradigms of trauma treatment. **Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training**, n. 41, v. 4, 2004, p. 464–471.

BROWNMILLER, Suzan. **Against our will: men, women and rape**. New York: Fawcett Columbine, 1975.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. N-1 Edições; 1ª ed., 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

CAMPOS MELLO, Patrícia. **A Máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: **Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero, Durban - África do Sul**, 2001.

CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

CHEN, Gina Marsullo; PAIN, Paromita; CHEN, Victoria; MEKELBURG, Madlin; SPRINGER, Nina; TROGER, Franziska ‘You really have to have a thick skin’: a cross-cultural perspective on how online harassment influences female journalists. **Journalism**, v. 21, n. 7, 2018, p. 877-895.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Jessica Gustafson. **Jornalistas em aliança: tecendo redes de proteção e resistência na formulação de uma perspectiva de gênero transnacional**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2023.

COSTA, Maria Cristina Castilho. SOUZA JÚNIOR. Walter de. Censura e pós-censura: uma síntese sobre as formas clássicas e atuais de controle da produção artística nacional. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 19-36, jan./jun. 2018.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva et al. Os desertos de notícias e a comunicação em pequenas cidades fluminenses. **Anais. Intercom – 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-gc/jacqueline-da-silva-deolindo.pdf>. Acesso em 13 jan. 2025.

DEPALMA, Anthony. Suffering in silence: Ground zero’s other victims. **Columbia Journalism Review**, v. 47, n. 6, p. 46-50, 2009. Disponível em: https://www.cjr.org/feature/suffering_in_silence_1.php Acesso em 01 jul. 2024.

DIEGUEZ, Consuelo. **O Ovo da Serpente**. Nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DOMINGUES, Juliano. Violência contra jornalistas e qualidade da democracia: evidências da América Latina em análise comparada. **Mídia e Cotidiano**, v. 17, n. 3, p. 25- 49, 28 set. 2023.

ERIKSON, Kai. Notes on trauma and community. In: CARUTH, Cathy (org.), **Trauma: explorations in memory**. Batimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**, Cadernos de Campo, 13, p. 155-161, 2005.

FIGARO, Roseli; NONATO, Claudia. A autocensura como aspecto da prática no mundo do trabalho dos jornalistas. **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 71-80, jan./jun. 2016.

FEINSTEIN, Anthony; OWEN, John.; BLAIR, Nancy. A hazardous profession: War, journalists, and psychopathology. **American Journal of Psychiatry**, n. 159, 2002, p. 1570-1575.

FELMAN, Shoshana. Education and crisis, or the Vicissitudes of Teaching. In: CARUTH, Cathy (org.), **Trauma: explorations in memory**. Batimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

FLORES MORALES, Rogelio; REYES PÉREZ, Verónica; REIDL MARTÍNEZ, Lucy Maria. El impacto psicológico de la guerra contra el narcotráfico en periodistas mexicanos. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 1, p. 177-193, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 8ª ed., 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREYD, Jennifer. **Blind to betrayal: New perspectives on memory for trauma**. The Harvard mental health letter from Harvard Medical School. 15, 1999, p. 4-6.

FRICKER, Miranda. **Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing**. New York: Oxford University Press, 2007.

FRUTOS, Ruth. Mujeres periodistas: violencia aumentada. **Infoamérica Revista Iberoamericana de Comunicación**: n. 10, p. 69-84, 2016. Disponível em: <https://www.infoamerica.org/icr/n10/frutos.pdf> Acesso: 14 jan. 2021.

GODELIER, Maurice. Les Rapports Hommes/femmes: le problem de la domination masculine, in **La Condition Féminine**, obra coletiva sob a direção do CERM, Ed. Sociales, Paris, 1978, p. 23-41.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRIFFITHS, Jennifer. Feminist Interventions in Trauma Studies. In: ROGER KURTZ, J (Ed.) **Trauma and Literature**, Cambridge University Press, 2018, p. 181–195.

GUSTAFSON, Jéssica. Proteção e resistência de jornalistas feministas na América Latina. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 10, p. 235-254, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/artic le/view/21861/209209217721> Acesso em: 07 jan 2024.

HERMAN, Judith. **Trauma and recovery: The aftermath of violence —from domestic abuse to political terror**. New York: Basic Books, 1992.

HOLTON, Avery; BÉLAIR-GAGNONB, Valery; BOSSIOC, Diana; MOLYNEUX, Logan. “Not Their Fault, but Their Problem”: Organizational Responses to the Online Harassment of Journalists. **Journalism Practice**, 2021.

HOOKS, bell. **O Feminismo é para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JÁCOME, Phellipy. **O jornalismo como singular coletivo: reflexões sobre a historicidade de um fenômeno moderno**. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2017.

JUNG, Cleusa Maria. **Violência contra jornalistas no Brasil: análise discursiva dos relatórios de organizações de defesa da liberdade de expressão**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2021.

KEBIAN, Giovana Braga. **'Ela queria dar o furo': a violência digital contra mulheres jornalistas como estratégia de desinformação**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

KEBIAN, Giovana Braga. Entre Brasil e México: primeiras aproximações nos desafios na prevenção e enfrentamento à violência contra mulheres jornalistas. In: 14o Encontro Nacional de História da Mídia da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2023, Niterói. **Anais do 14o Encontro Nacional de História da Mídia, 2023**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tRHfelEbfWoeJqCaP7Vhk3Sec-6dprxZ/view> Acesso: 23 nov 2023.

KILOMBA, Grada. A máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização. In: _____. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOIRALA, Samiksha. Female journalists' experience of online harassment: A case study of Nepal. **Media and Communication**, v. 8, n. 1, p. 47-56, 2020.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

LEE, Na Yeon; PARK, Ahran. How online harassment affects Korean journalists? The effects of online harassment on the journalists' psychological problems and their intention to leave the profession. **Journalism**, v. 25, n.4, p. 900-920, 2024.

LESLIE, Helen. Healing the psychological wounds of gender-related violence in Latin America: A model for gendersensitive work in post-conflict contexts. **Gender and Development**, n. 9, v. 3, p. 50–59 2001.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022.

LISBOA, Silvia, BENETI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, p. 10-29, 2015.

MALERBA, João Paulo. Sobre comunas comunicacionais radiofônicas: uma análise crítica do processo histórico de formulação da Lei 9.612. *In*: COSTA FILHO, I. C. (org.). **Rádios comunitárias no Brasil: resistências, lutas e desafios**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, p.17-42.

MALERBA, João Paulo; FERNANDES, Rosângela. Conspiracionismo e negacionismo político-midiático: complementaridades discursivas entre Bolsonaro e Sikêra Júnior sobre a pandemia de Covid-19. **Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, p. 51-72, 30 set. 2021.

MANNE, Kate. **Down Girl: the Logic of Misogyny**. Nova York: Oxford University Press, 2018.

MELO, Alice Carvalho de. **Espiral de lembranças: a “tragédia de Mariana” em imagens e memórias**. 274 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, 2020.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica** [recurso eletrônico] Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/ UFMG, 2020.

NASCIMENTO, Fernanda; GUSTAFSON, Jessica. Ataques bolsonaristas às jornalistas no Brasil: misoginia e sexismo em um cenário de cruzada antigênero. **Anais do V Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas**, evento remoto organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal (RN), de 26 a 29 de abril de 2022.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo, Loyola, 2006.

ORTEGA, Francisco. El trauma social como campo de estúdios. In. ORTEGA, Francisco (org.) **Trauma, cultura e historia: reflexiones interdisciplinarias para el nuevo milenio**. Bogotá: Ed. Universidad Nacional de Colombia, 2011.

POLLAK, Michel. **A gestão do indizível**. WebMosaica: revista do instituto cultural judaico Marc Chagall, v.2, n.1 (jan-jun) 2010.

PORTELLI, Alessandro. História oral: uma relação dialógica. In: _____. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra & Voz, 2016.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo. Colônia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª ed., 1976.

RAMIRES, Lídia. Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho: quem (não) as deixa trabalhar? **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, set./dez. 2020 , p. 501-509.

RAMOS, Daniela Osvald. **Origens da misoginia online e violência digital contra jornalistas mulheres**. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, XVIII, 2020, Anais. Evento Online, p. 1-14, 2020.

RAMOS, Daniela Osvald. Violência cultural contra jornalistas e comunicadores e censura de multidão. In: RAMOS, Daniela Osvald (org). **Violência cultural e liberdade de expressão no Brasil no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2024a. (versão Kindle).

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça a face e a conversação em redes sociais na Internet. In: PRIMO, Alex. (Org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 51-70.

RÊGO, Ana Regina; Barbosa, Marialva. **A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

REGO, Richard. Changing Forms and Platforms of Misogyny: Sexual Harassment of Women Journalists on Twitter. **Media Watch Journal**: v. 9, n. 3, p. 472-485, 2018.

RESSA, Maria. **Como enfrentar um ditador**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas.** In: Revista Contracampo, v. 32, n. 2, ed. abril-julho ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015. Págs: 73-90.

RIOS, Aline Oliveira. **Violência contra jornalistas: características e manifestações a partir dos relatórios da FENAJ no período 2012 - 2020.** Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2021.

RISSO, Carla de Araujo.; RAMOS, Daniela Osvald. **Yes, we have censura: censura clássica e novos tipos de censura no Brasil contemporâneo.** Anais Intercom, 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003127858> Acesso em: 09 jul. 2024.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia. **Temas Sociales**, n. 11, p.49- 75, 1990.

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira..** 2004. 249 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ROUCHOU, Joelle. **História Oral: entrevista-reportagem x entrevista-história.** INTERCOM, v. XXII, 2000.

ROOT, Maria. Reconstructing the impact of trauma on personality. In BROWN, Laura. BALLOU, Mary. (orgs), **Personality and psychopathology: Feminist reappraisals.** The Guilford Press: 1992, p. 229–265.

RUELLAN, Denis. Les ‘pro’ du journalisme: de l’état au statut, la construction d’un espace professionnel. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1997.

SACONI, João Paulo. **“Vocês da Imprensa”: Dimensões coletivas e individuais da violência contra jornalistas no acirramento sociopolítico brasileiro de 2013 a 2023.** Orientador: Profo. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação

(Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 185 f.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SANTIAGO, Abinoan; ROCHA, Paula Melani. As assimetrias de gênero no mercado de trabalho em jornalismo: um estudo sobre a participação feminina em redações do Amapá. **Revista Novos Olhares**, vol. 8, n.2, 2020, p.30-42

SANTINI, Marie; AGOSTINI, Larissa; BARROS, Carlos Eduardo; CARVALHO, Danilo; REZENDE, Rafael Centeno; SALLES, Debora G.; SETO, Kenzo; TERRA, Camyla; TUCCI, Giulia. **Software power as soft power: A literature review on computational propaganda effects in public opinion and political process**. *Partecipazione e Conflitto*, 2018, p. 332-360.

SANTOS, Suzy dos. E-Sucupira: o Coronelismo Eletrônico como herança do Coronelismo nas comunicações brasileiras. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-Compós)**, dez. 2006. Disponível em: http://www.fndc.org.br/arquivos/ecompos07_dezembro2006_suzydossantos.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

SCHOCH, L. Stéréotypes de genre. **Sur le journalisme**, v. 8, n. 2, dez. de 2019. Disponível em: <http://www.surlejournalisme.kinghost.net/rev/index.php/slj/article/view/400>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SCHWARZSTEIN, Dora. História oral, memória e histórias traumáticas. **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n.4, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade**, Porto Alegre. p. 5-22. jul/dez. 1990.

_____. Prefácio a Gender and politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 11- 27, 1994.

SEGALO, Puleng. Gendered suffering and the complexities of keeping silent. **Studia Historiae Ecclesiasticae**, n. 38, p. 113–122, 2012.

_____. Trauma and Gender. **Social and Personality Psychology Compass**. v.9, n.10, p. 447-454, 2015.

SEGATO, Rita. **Las Estructuras elementales de la violencia: Contrato y status en la etiología de la violencia**. Brasília: Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Série Antropologia (334), 2003. p. 1-19.

SEELY, Nathaly. Journalists and mental health: The psychological toll of covering everyday trauma. **Newspaper Research Journal**, v. 40, n. 2, 2019, p. 239–259.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma.(orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

SIDERIS, Tina. Women and Apartheid. Collective Trauma and Social Reconstruction. **The Way Supplement**, Londres: Heythrop College, 1998, p. 80-92. Disponível em: <https://www.theway.org.uk/Back/s093Sideris.pdf> Acesso em 07 jul. 2024.

SIVERS, Heidi, SCHOOLER, Jonathan, FREYD, Jennifer. Recovered memories. In RAMACHANDRAN, V.S. (Ed.) **Encyclopedia of the Human Brain**, Volume 4. San Diego, California and London: Academic Press, 2002, p. 169-184.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**, v.8, p. 110-117, jun. 2008.

SMELSER, Neil J. Psychological trauma and cultural trauma. In: ALEXANDER, Jeffrey C. et al. **Cultural trauma and collective identity**. California: University of California Press, 2004.

SODRÉ, Muniz. PAIVA, Raquel. Comunitarismo e sociedade incivil. **Famecos**. v. 26, nº 1, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33027>. Acesso em 10 mar. 2024.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2021.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

SOUSA, Leila Lima; SOUSA, Nayara Nascimento; NASCIMENTO, Sandy Swamy Silva. Assimetrias de raça e gênero no exercício do jornalismo no Maranhão. **Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza (CE), Novembro de 2022.

TASSO, Torquato. Introduction: the wound and the voice. *In*: CARUTH, Cathay (org). **Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History**. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1996.

TORRES, Ricardo José. **Jornalismo vigilante sob vigilância: vulnerabilidades e potencialidades do jornalismo investigativo brasileiro**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2020

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo II: a tribo jornalística — uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCKER, Joshua A.; GUESS, Andrew.; VACCARI, Cristian; SIEGEL, Alexandra; SANOVICH, Sergey; STUKAL, Denis; NYHAN, Brendan. **Social Media, Political Polarization, and Political Disinformation: A Review of the Scientific Literature**. Hewlett Foundation: Março, 2018.

TUZZO, Simone Antoniacci; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. As jornalistas sob ataque: um estudo sobre agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. Juiz de Fora, **Revista Lumina – UFJF**, v. 15, n. 3, set./dez. 2021, p. 58-74.

VALENTE, Mariana. **Misoginia na internet: uma década de disputas por direitos**. São Paulo: Fósforo, 2023.

VEIGA, Márcia. Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, p. 490-505, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p490>. Acesso em 07 jan 2024.

VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

VEGA MONTIEL, Aimée. **Violencia contra mujeres periodistas**. Revista Interdisciplina: v. 7, n. 17, p.57-67, 2019.

WAISBORD, Silvio. Mob Censorship: Online Harassment of US Journalists in Times of Digital Hate and Populism. **Digital Journalism**, v.8, n.8, 2020, p. 1030-1046.

WARDLE, Claire; DERAQSHAN, Houssein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Council of Europe report, 2017.

WEBSTER, D.; DUNN, E. Feminist Perspectives on Trauma. **Women & Therapy**, v.28, n.3/4, p.111-142, 2005.

WOITOWICZ, Karina Janz; ROCHA, Paula Melani. Repensar os parâmetros hegemônicos no jornalismo: a perspectiva de gênero na produção jornalística e na formação profissional. In: Leonel Aguiar; Marcos Paulo da Silva; Mônica Martinez. (Org.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. 1 ed. São Paulo: Life Editorial, v. 1, p. 53-68, 2018.

YEON LEE, Na; PARK, Ahran. How online harassment affects Korean journalists? The effects of online harassment on the journalists' psychological problems and their intention to leave the profession. **Journalism**, v. 25 n. 4, 2024, p. 900-920.

6.2 Notícias e sites de internet

AGÊNCIA NACIONAL DAS FAVELAS (ANF). **Jornalista Alana Rocha, sofre agressão e não consegue registrar ocorrência.** Agência Nacional das Favelas, 18 de abr de 2023. Disponível em: <https://www.anf.org.br/jornalista-alana-rocha-sofre-agressao-e-nao-consegue-registrar-ocorrencia/> Acesso em 12 jan de 2024.

ALVES, Schirlei. **Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de ‘estupro culposo’ e advogado humilhando jovem.** The Intercept Brasil, 03 nov 2020. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/> Acesso em: 10 jul. 2023.

ARTIGO 19. **Campanha da ARTIGO 19 reforça combate à desinformação nas eleições municipais.** Artigo 19, 16 jan. 2025. Disponível em: <https://artigo19.org/2025/01/16/campanha-da-artigo-19-reforca-combate-a-desinformacao-nas-eleicoes-municipais/> Acesso em 28 jan. 2025.

BERTHO, Helena. **Como é feito um aborto seguro?** Revista Azmina, 18 set. 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/revista-azmina/> Acesso em 07 abr. 2024.

BRUNO, Cássio. **Conheça os deputados que decidirão o futuro político de Witzel no Rio.** Veja, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/conheca-os-deputados-que-decidirao-o-futuro-politico-de-witzel-no-rio> Acesso em 07 jan. 2025.

CANDIDO, Marcos. **O Instagram exclui fotos de seios femininos. Por quê?** Portal UOL, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/02/20/o-instagram-exclui-fotos-de-seios-femininos-por-que.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 12 mar. 2024.

CAMPOS MELLO, Patrícia. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp.** Folha de S. Paulo, 18 out 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresariosbancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 02 jan. 2024.

CHADE, Jamil; FIBE, Cristina. **Brasil ignora pedido da ONU para encerrar processo contra jornalista.** Portal UOL, 13 abr. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/04/13/brasil-ignora-pedido-da-onu-para-encerrar-processo-contra-jornalista.htm> Acesso em 06 jan. 2025.

COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS (CPJ). **2024 is deadliest year for journalists in CPJ history; almost 70% killed by Israel.** Committee to Protect Journalists, 12 fev. 2025. Disponível em: <https://cpj.org/special-reports/2024-is-deadliest-year-for-journalists-in-cpj-history-almost-70-percent-killed-by-israel/> Acesso em 20 fev. 2025.

CONGRESSO EM FOCO. **Depois de Repórter, editora é ameaçada de morte e estupro.** Congresso em Foco, 06 jun. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/depois-de-reporter-editora-e-ameacada-de-morte-e-estupro/> Acesso em 04 abr. 2024.

CRUZ, Ana Sofia Guimarães. **“Eu continuo fazendo reportagem, mas tive que abrir mão de algumas pautas”.** Gênero e Número, 25 de abril de 2022a. Disponível em: <https://www.generonumero.media/entrevistas/entrevista-schirlei-alves/> Acesso em: 07 jul 2023.

CRUZ, Ana Sofia Guimarães. **“Não deixo de trabalhar em ambiente hostil, mas me incomoda não poder me identificar como jornalista”, desabafa Juliana Dal Piva.** Gênero e Número, 25 abr. 2022b. Disponível em: <https://www.generonumero.media/entrevistas/entrevista-juliana-dal-piva/> Acesso em: 03 out. 2022.

DEMORI, Leandro, BIANCHI, Paula. **Uma juíza determinou que editássemos nossa reportagem sobre o caso Mariana Ferrer sem nos ouvir.** Intercept Brasil: 20 dez. 2020.

Disponível em:
<https://www.intercept.com.br/2020/12/20/juiza-determinou-edicao-reportagem-mariana-ferrer>
 / Acesso em: 12 mar. 2024.

ESTADÃO. **Ataque a Vera Magalhães: lembre episódios polêmicos envolvendo Bolsonaro, seus apoiadores e mulheres.** Estado de S. Paulo, 14 de set 2022. Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/politica/ataque-a-vera-magalhaes-lembre-episodios-polemicos-envolvendo-bolsonaro-seus-apoiadores-e-mulheres/> Acesso em: 01 out 2023.

FENAJ. **Mulheres jornalistas sofreram mais ataques em período eleitoral, aponta relatório da CDJor.** Fenaj, 13 dez 2024. Disponível em:
<https://fenaj.org.br/mulheres-jornalistas-sofreram-mais-ataques-em-periodo-eleitoral-aponta-relatorio-da-cdjor/> Acesso em 18 dez 2024.

FERNANDES, Danielly. **TJSP mantém condenação de Bolsonaro por ofensas à jornalista Patrícia Campos Mello.** Jota, 11 jun. 2022. Disponível em:
<https://www.jota.info/coberturas-especiais/liberdade-expressao/tjsp-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-ofensas-a-jornalista-patricia-campos-mello-29062022> Acesso em 03 mar. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. **Justiça condena Hans River a indenizar jornalista da Folha em R\$ 50 mil por danos morais.** Folha de S. Paulo, 1 de fev 2024. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/02/justica-condena-hans-river-a-indenizar-jornalista-da-folha-em-r-50-mil-por-danos-morais.shtml> Acesso em 01 de mar 2024.

GABRIELE, Márcia. **Jornalista Sávia Barreto é agredida por vereador Luiz Lobão.** Portal Sol, 17 de set de 2020. Disponível em:
<https://portalsol.com.br/jornalista-savia-barreto-e-agredida-por-vereador-luiz-lobao/> Acesso em 12 jan 2024.

GARCIA, Ívina. **Protestos antidemocráticos recebem ajuda de ao menos cinco empresas em Manaus.** Revista Cenarium, 18 nov. 2022. Disponível em:
<https://revistacenarium.com.br/protestos-antidemocraticos-recebem-ajuda-de-pelo-menos-cinco-empresas-em-manaus/> Acesso em: 08 abr. 2024.

GUIMARÃES, Thais. **Saiba quem são as cinco vereadoras eleitas para a Câmara Municipal de Teresina.** GP1, 07 out. 2024. Disponível em: <https://www.gp1.com.br/pi/piaui/noticia/2024/10/7/saiba-quem-sao-as-cinco-vereadoras-eleitas-para-a-camara-municipal-de-teresina-579511.html> Acesso em 06 jan. 2025.

HERDY, Tiago; DAL PIVA, Juliana. **Metade do patrimônio do clã Bolsonaro foi comprada em dinheiro vivo.** Portal UOL, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/30/patrimonio-familia-jair-bolsonaro-dinheiro-vivo.htm> Acesso em 07 jan. 2025.

KEBIAN, Giovana. **Coronelismo eletrônico persiste.** Rádio UFRJ, 30 set. 2019. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7u0XP0KJbebtZ1kvrng335?si=_UJdFN6bS2S7jySKYhL9Gw. Acesso em 10 mar. 2024.

KEBIAN, Giovana. **O uso do judiciário para intimidar jornalistas e comunicadores.** Vozes em Risco, 25 out. 2024. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2FdHhWmAhlDCBSu8LbIqVg?si=Y0W_4aTkQ36aOs15oupv8A&nd=1&dlsi=86f92d1336a7475e Acesso em: 18 dez. 2024.

KEBIAN, Giovana. **Violência digital, desinformação e discurso de ódio contra a imprensa.** Vozes em Risco, 29 out. 2024b. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7D5EWuI6PtUJHZXiY3xS3W?si=PmQDG4NbRXmjU5I1zwWpuQ> Acesso em: 18 dez. 2024.

LIPTAK, Kelvin. **Biden officially recognizes the massacre of Armenians in World War I as a genocide.** CNN, 24 abr 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/04/24/politics/armenian-genocide-biden-erdogan-turkey/index.html> Acesso em: 30 jan 2024.

LOBATO, Elvira. **Universal chega aos 30 anos com império empresarial.** Folha de S. Paulo, 15 dez. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1512200730.htm> Acesso em 12 mar. 2024.

O DIA. **Jornalista do DIA é chamada de 'macaca' em São Pedro da Aldeia.** O Dia, 01 jul. 2022. Disponível em:

<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/07/6434717-jornalista-do-dia-e-chamada-de-macaca-em-sao-pedro-da-aldeia.html> Acesso em: 04 abr. 2024.

OLIVER, Lucas. **Bolsonaro é condenado definitivamente por ataques a jornalistas em ação de sindicato.** CNN Brasil, 19 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-e-condenado-definitivamente-por-ataques-a-jornalistas-em-acao-de-sindicato/> Acesso em 03 mar. 2024.

OLLIVEIRA, Cecília. **Repórter é condenada a 1 ano de prisão e R\$ 400 mil de multa por revelar o caso Mari Ferrer.** The Intercept Brasil, 15 nov de 2023. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/11/15/reporter-condenada-a-1-ano-de-prisao-e-r-400-mil-de-multa-por-revelar-o-caso-mari-ferrer/> Acesso em 11 jan 2024.

ORBEY, Erben. **A trailblazer of trauma studies asks what victims really want.** New Yorker, 2 maio 2023. Disponível em: <https://www.newyorker.com/books/page-turner/a-trailblazer-of-trauma-studies-asks-what-victims-really-want> Acesso em 26 jan. 2025.

PAJOLLA, Murilo. **Com Bolsonaro, desmatamento na Amazônia cresce 150%, pior marca já registrada pelo Imazon.** Brasil de Fato, 20 jan. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/20/com-bolsonaro-desmatamento-na-amazonia-cresce-150-pior-marca-ja-registrada-pelo-imazon> Acesso em 06 jan. 2025.

PHELIPE, André. **Repórter gaúcha denuncia caso de assédio sexual durante partida de futebol.** Correio Braziliense, 05 abr. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/05/interna-brasil,747752/reporter-gaucha-relata-caso-de-assedio-durante-cobertura-de-inter-x-ri.shtml> Acesso em 10 mar. 2023.

PINHEIRO, Felipe. **Amanda Klein diz que Constantino fez ataques pessoais: 'Assédio ao vivo'.** Portal UOL, 09 de jul de 2021. Disponível em:

<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/09/amanda-klein-diz-que-constantino-a-atacava-na-pan-assedio-moral-ao-vivo.htm> Acesso em 12 jan 2024.

PODER 360. **Há cinco anos, Câmara abria impeachment de Dilma e Bolsonaro louvava**

Ustra. Poder 360, abr. 2021. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/governo/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra> Acesso em 10 mar. 2024.

PODER 360. **A sucessão de erros que levou à crise de oxigênio em Manaus.** Poder 360, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/a-sucessao-erros-manaus-dw/> Acesso em 06 jan. 2025.

PONTES, Fabio. **Bolsonarismo chega como principal força política da Amazônia Legal no novo Congresso Nacional.** O Eco, 02 fev. 2023. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/bolsonarismo-chega-como-principal-forca-politica-da-amazonia-legal-no-novo-congresso-nacional/> Acesso em 06 jan. 2025.

RAMOS, Daniela Osvald. **Precisamos de uma sociedade e de um jornalismo informados sobre o trauma.** Jornal da USP, 22 maio 2024b. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulas/daniela-osvald-ramos/precisamos-de-uma-sociedade-e-de-um-jornalismo-informados-sobre-trauma/> Acesso em 15 jan. 2025.

RC 24 HORAS. Boca miúda: **Os bastidores da política na Região dos Lagos nesta sexta-feira (15).** RC 24 horas, 15 mar. 2024. Disponível em: <https://rc24h.com.br/boca-miuda-os-bastidores-da-politica-na-regiao-dos-lagos-nesta-sexta-feira-15-5/> Acesso em 08 abr. 2024.

REUTERS. **Nobel da Paz Maria Ressa é absolvida de segunda acusação nas Filipinas.**

Folha de S. Paulo, 11 de set de 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/09/nobel-da-paz-maria-ressa-e-absolvida-de-segunda-acusacao-nas-filipinas.shtml> Acesso em 23 jan 2024.

ROSSI, Marina; BEDINELLI, Talita. **Morre cinegrafista atingido por um rojão em manifestação no Rio.** El País, 10 fev. 2014. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/10/politica/1392046355_124283.html Acesso em 11 mar. 2024.

SAKAMOTO, Leonardo. **Bolsonaro faz ataque machista para não falar sobre lavanderia de dinheiro.** Portal UOL, 06 set. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2022/09/06/bolsonaro-apela-a-machismo-para-nao-falar-de-origem-ilicita-do-patrimonio.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 03 out. 2022.

SINDERSKI, Rafaela. **“Trabalho com medo”: jornalistas brasileiras enfrentam violência sexual no cotidiano da profissão.** Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 03 de nov de 2023. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/trabalho-com-medo-jornalistas-brasileiras-enfrentam-violencia-sexual-no-cotidiano-da-profissao> Acesso em 15 jan 2024.

SINDERSKI, Rafaela. **Ataques misóginos a mulheres jornalistas triplicam no período pós-eleição.** Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 29 dez. 2022. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/ataques-misoginos-a-mulheres-jornalistas-triplica-no-periodo-pos-eleicao> Acesso em 13 jan. 2025.

SOARES, Ingrid. **“Casada com uma pessoa que vota em mim” diz Bolsonaro para Amanda Klein.** Correio Braziliense, 06 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/09/5034841-bolsonaro-se-irrita-com-jornalista-voce-e-casada-com-uma-pessoa-que-vota-em-mim.html> Acesso em 08 abr. 2024.

THOMPSON, Isobel. **Dart Center Style Guide for Trauma-Informed Journalism.** Dart Center, 22 jun, 2021. Disponível em: <https://dartcenter.org/resources/dart-center-style-guide> Acesso em 21 fev. 2025.

TORRES, Felipe; CARONE, Carlos, PINHEIRO, Mirelle. **Google pagará multa de R\$ 100 mil se não repassar e-mails com ameaças a jornalistas.** Metrôpoles, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/google-pagara-multa-de-r-100-mil-se-nao-repassar-e-mails-com-ameacas-a-jornalistas> Acesso em 07 jan. 2025.

TV Brasil. **Sem Censura recebe Rene Silva, Nivea Maria, Pedro Asbeg e Gilberto Braga.** Youtube, 27 mar. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i-3dfnuuNeU> Acesso em 09 abr. 2024.

TV Fórum. **Vanessa Lippelt, ameaçada por bolsonaristas: “O que aconteceu com Dom e Bruno pode acontecer comigo”.** Youtube, 18 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N-Q9tRWYG4U&t=8s> Acesso em 09 abr. 2024.

URIBE, Gustavo. **Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual.** Folha de S. Paulo, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporterda-folha-com-insinuacao-sexual.shtml> Acesso em: 18 jan 2024.

VELARINHO, Larissa. **'Macaca': jornalista negra é vítima de ataques racistas em cartazes no RJ, e entidades repudiam.** Portal g1, 07 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2022/07/07/macaca-jornalista-negra-e-vitima-de-ataques-racistas-em-cartazes-no-rj-e-entidades-repudiam.ghtml>. Acesso em 04 abr. 2024.

ZAREMBA, Júlia. **Revista faz reportagem sobre aborto e é denunciada por Damares.** Folha de S. Paulo, 23 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/revista-faz-reportagem-sobre-aborto-e-e-denunciada-por-damares.shtml> Acesso em 07 abr. 2024.

6.3 Legislação

BRASIL. **Lei nº 14.245, de 22 de novembro de 2021.** Altera os Decretos-Leis nos 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), e a Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995 (Lei dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais), para coibir a prática de atos atentatórios à dignidade da vítima e de testemunhas e para estabelecer causa de aumento de pena no crime de coação no curso do processo (Lei Mariana Ferrer). Brasília, 22 de novembro de 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.642, de 3 de abril de 2018.** Altera a Lei nº 10.446, de 8 de maio de 2002, para acrescentar atribuição à Polícia Federal no que concerne à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres. Brasília, 03 de abril de 2018.

BRASIL. **Decreto nº 6.044, de 12 de fevereiro de 2007.** Aprova a Política Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos - PNPDDH, define prazo para a elaboração do Plano Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos e dá outras providências. Brasília, 12 de fevereiro de 2007.

BRASIL, **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, 09 de março de 2015.

BRASIL. **Portaria no 300, de 3 de setembro de 2018.** Dispõe sobre a regulamentação do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores sociais e Ambientalistas no âmbito do Ministério dos Direitos Humanos. Brasília, 3 de setembro de 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 12 de dezembro de 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 07 de abril de 2016.

MÉXICO. **Ley para la Protección de Personas Defensoras de Derechos Humanos y Periodistas**. México, 2012. Disponível em:

<https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/LPPDDHP.pdf> Acesso em 03 maio 2023.

6.4 Relatórios

ABIA - Observatório de Políticas de Sexualidade, Ação Educativa, Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), Gênero e Educação, Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), Conectas Direitos Humanos, Conselho Latino-Americano dos Direitos da Mulher – Brasil (Cladem), Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBTQ+ da Universidade Federal de Minas Gerais, Ipas e Observatório de Políticas de Sexualidade. **Ofensivas antigênero no Brasil: políticas de Estado, legislação, mobilização social, 2022**. Relatório Submetido ao Mandato do Perito Independente das Nações Unidas sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero e Direitos Humanos. Disponível em: <https://generoeeducacao.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Relato%CC%81rio-ofensivas-final.pdf> Acesso em 12 mar. 2024.

ARTIGO 19. **Governo Bolsonaro e a prática de ofensa e intimidação de jornalistas e comunicadoras**. Artigo 19, 29 de agosto de 2022. Disponível em: <https://artigo19.org/2022/08/29/governo-bolsonaro-e-a-pratica-de-ofensa-e-intimidacao-de-jornalistas-e-comunicadoras/>. Acesso em 13 set. 2023.

ARTIGO 19. **Relatório Global de Expressão 2020/2021: o estágio da liberdade de expressão ao redor do mundo**. Artigo 19, julho de 2021. Disponível em: <https://artigo19.org/2021/07/29/relatorio-global-de-liberdade-de-expressao-2020-2021/> Acesso em 09 mar. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI). **Violência de gênero contra jornalistas: dados sobre ataques com viés de gênero e casos que**

vitimaram mulheres no Brasil em 2021. ABRAJI, 2022. Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-violencia-de-genero-contra-jornalistas>. Acesso em: 07 jan. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI). **Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil - relatório 2022.** ABRAJI, 2023. Disponível em: https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/4d6cb1b2-ca1a-4d7b-9c7b-1edcea1bb294/ABRAJI_Monitoramento_de_ataques_a_jornalistas_no_Brasil_2022_PT_.pdf Acesso em: 22 jun 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI). **Monitor do Assédio Judicial contra jornalistas no Brasil.** ABRAJI, maio de 2024. Disponível em: <https://assediojudicial.abraji.org.br/wp-content/uploads/2024/04/abraji-relatorio-assedio-judicial-pt.pdf> Acesso em: 07 dez. 2024.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2023. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**; Rio de Janeiro: IPEA, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/234> Acesso em 09 mar 2024.

COMUNICACIÓN E INFORMACIÓN DE LA MUJER, AC (CIMAC). **Informe: Violencia contra las mujeres periodistas en México 2010-2011.** Cidade do México: CIMAC, 2012.

NIELSEN, Rasmus Kleis; NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; SCHULZ, Anne; ANDI, Simge. **Digital News Report 2020.** Reuters Institute, 2020. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport.org/survey/2020/foreword-2020/>. Acesso em 10 mar. 2024.

COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS (CIDH). **Mujeres periodistas y libertad de expresión.** CIDH, 2016.

DI MECO, Lucina. **Monetizing Misogyny: Gendered Disinformation and the Undermining of Women's Rights and Democracy Globally.** She Persisted: relatório *online*, fev de 2023. Disponível em:

https://she-persisted.org/wp-content/uploads/2023/02/ShePersisted_MonetizingMisogyny.pdf
Acesso em: 05 jul 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Dossiê jornalistas vitimados pela Covid-19**. Brasília, 2022b.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2019**. Brasília, 2020.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2020**. Brasília, 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2021**. Brasília, 2022a.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2022**. Brasília, 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2023**. Brasília, 2024.

FERRIER, Michelle. **Attacks and Harassment: The Impact on Female Journalists and Their Reporting**. Austin, Texas, International Women's Media Foundation e Troll Busters: Setembro, 2018. Disponível em: <https://www.iwmf.org/2018/09/attacks-against-female-journalists-are-career-altering-survey-says/> Acesso em 17 jul. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 25 fev. 2024.

FREIRE, Luciano; PELEGRINI, Emmanuel; SILVA, Patrícia; THUIN, Hanna. (coord.)

Relatório: Violência contra comunicadores no Brasil: um retrato da apuração nos últimos 20 anos. Conselho Nacional do Ministério Público: Brasília, 2019.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. **Fronteiras da Informação - Relatório sobre Jornalismo e Violência na Amazônia.** Instituto Vladimir Herzog, 2024. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/fronteirasdainformacao/> Acesso em 06 jan. 2025.

KHAN, Irene. **A/76/258: Gender justice and freedom of expression - Report of Special Rapporteur on the promotion and protection of freedom of opinion and expression.** United Nations, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/documents/thematic-reports/a76258-gender-justice-and-freedom-expression-report-special-rapporteur> Acesso em 29 jan. 2025.

MAZOTTE, Natália. TOSTE, Verônica. (coord.). **Mulheres no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Abraji e Gênero e Número, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2ANG2C5>. Acesso em: 12 jul 2023.

PECH, Laurent. **The Concept Of Chilling Effect: Its Untapped Potential To Better Protect Democracy, The Rule Of Law, And Fundamental Rights In The EU.** Open Society European Policy Institute, 2021. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/publications/the-concept-of-chilling-effect> Acesso em 11 jan 2024.

POSETTI, Julie; SHABBIR, Nabeelah; MAYNARD, Diana; BONTCHEVA, Kalina; ABOULEZ, Nermine. **The Chilling: Global trends in online violence against women journalists.** Research discussion paper. Unesco, 2021. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377223> Acesso em: 07 jan 2024.

POSETTI, Julie; ZAFFAR, Hanan; SHABBIR, Nabeelah; BONTCHEVA, Kalina; MAYNARD, Diana; PANDYA, Mugdha. **RANA AYYUB: Targeted online violence at the intersection of misogyny and Islamophobia.** International Center for Journalists, 2023. Disponível em: https://www.icfj.org/sites/default/files/2023-02/Rana%20Ayyub_Case%20Study_ICFJ.pdf Acesso em 24 jan 2024.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS (RSF). **Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa**. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/ranking> Acesso em 21 jan. 2024.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS (RSF), INSTITUTO DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE DO RIO (ITS). **Ataques ao jornalismo se alastram nas redes**. RSF, ITS, 2021. Disponível em: https://rsf.org/sites/default/files/relatorio_ataquesaojornalismo_rsf_3.pdf Acesso em: 20 jul 2023.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS (RSF). **Sob Risco: Como superar as falhas dos programas de proteção a jornalistas na América Latina (Brasil, Colômbia, Honduras e México)**. Relatório *online*, fevereiro de 2022. Disponível em: https://rsf.org/sites/default/files/relatorio_pt_final.pdf. Acesso em 16 ago 2022.

THOMPSON, Isobel. **Dart Center Style Guide for Trauma-Informed Journalism**. Nova York: Dart Center for Journalism and Trauma, 2021. Disponível em: <https://dartcenter.org/resources/dart-center-style-guide> Acesso em 26 jan. 2025.

TRANJAN, Maria (coord.). **Mulheres de expressão: a liberdade de expressão e o enfrentamento às violências de gênero na comunicação [livro eletrônico]**. São Paulo: Artigo 19, 2023.

UNESCO. **Observatory of Killed Journalists**. Unesco, 2025. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/safety-journalists/observatory?page=1&hub=66746> Acesso em: 24 fev. 2025.

VILLARREAL, Pedro Vaca. **Mujeres Periodistas y Salas de Redacción: avances, desafíos y recomendaciones para prevenir la violencia y luchar contra la discriminación**. Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). Escritório do Relator Especial para Liberdade de Expressão. Relatório *online*, 2022. Disponível em: <https://www.oas.org/es/cidh/expresion/showarticle.asp?IID=2&artID=1259> Acesso em 28 maio 2024.

VOCES DEL SUR. **Relatório Sombra sobre a implementação do ODS 16.10.1 na América Latina. Voces del Sur, 2021.** Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-sombra-2021-portugues> Acesso em 12 mar. 2024.

VOCES DEL SUR. **Relatório Sombra sobre a Implementação do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16.10.01 na América Latina.** Voces del Sur, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-sombra-2019> Acesso em 12 mar. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women.** Executive summary. Geneva: World Health Organization; 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026681> Acesso em 11 mar. 2024.

6.5 Entrevistas

ALVES, Schirlei. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. São Paulo, 13 de julho de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

BARRETO, Sávia. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. Brasília, 06 de setembro de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

BERTHO, Helena. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. São Paulo, 30 de agosto de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

CRISTIANE, Renata. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. Cabo Frio, 20 de setembro de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

GARCIA, Ívina. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. São Paulo, 14 de julho de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

KLEIN, Amanda. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. São Paulo, 30 de agosto de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

LIPPELT, Vanessa. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. Brasília, 07 de setembro de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

ROCHA, Alana. Entrevista concedida a Giovana Kebian para a pesquisa de mestrado. São Paulo, 12 de julho de 2024. Transcrição publicada nos anexos da dissertação.

6.6 Mensagens privadas em meio eletrônico

ALVES, Schirlei. **[Resposta ao convite para participação na pesquisa]**. Instagram: [mensagem direta]. 25 mar. 2024. 1 mensagem direta Instagram.

BARRETO, Sália. **[Resposta ao convite para participação na pesquisa]**. Instagram: [mensagem direta]. 13 mar. 2024a. 1 mensagem direta Instagram.

BARRETO, Sália. **[Agradecimento à participação na pesquisa]**. Instagram: [story]. 06 set. 2024b. 1 story Instagram.

CRISTIANE, Renata. **[Resposta ao convite para participação na pesquisa]**. Instagram: [mensagem direta]. 16 mar. 2024. 1 mensagem direta Instagram.

ROCHA, Alana. **[Resposta ao convite para participação na pesquisa]**. WhatsApp: [mensagem direta]. 1 mensagem direta WhatsApp.

ANEXO I – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Como a gente convive com isso?: efeitos da violência anti-imprensa na vida de mulheres jornalistas

Pesquisador: GIOVANA BRAGA KEBIAN

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81321524.3.0000.5582

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.943.868

Apresentação do Projeto:

Em um contexto de descredibilização do jornalismo enquanto instituição crível, aumento da desinformação e do discurso de ódio nas redes sociais digitais, observa-se o agravamento de ataques personalizados a jornalistas e comunicadores/as na última década. Neste cenário, as mulheres jornalistas estão especialmente vulneráveis - além de se tornarem alvos por conta da profissão, são frequentemente vítimas de ataques machistas e misóginos que atingem sua moral, corpo e aparência. No ambiente digital, onde elas são as principais vítimas, milhares de ataques difamatórios, são orquestrados e publicados em massa, frequentemente advindos de perfis falsos e automatizados. Fora das telas, a violência se manifesta por meio de agressões verbais, físicas, patrimoniais e sexuais. Os efeitos são tão nocivos e intensos que as afetam não apenas no momento dos ataques, mas suas sequelas perduram a posteriori, sugerindo, inclusive, alterações de condutas nas suas práticas jornalísticas. Este trabalho parte da discussão teórica sobre memória e trauma, além dos estudos sobre jornalismo e gênero, para compreender como as agressões, ataques e ameaças que mulheres jornalistas receberam em decorrência do exercício da profissão promoveram marcas em suas vidas pessoais e profissionais. Para isto, serão realizadas entrevistas individuais com dez jornalistas que tenham sofrido algum tipo de violência na profissão entre os anos de 2019 a 2023. Orientada pela abordagem da História Oral, a presente investigação pretende estabelecer um diálogo entre os

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 6.943.868

relatos colhidos nas entrevistas, o processo de rememoração dos eventos traumáticos pelas vítimas e os efeitos da violência a nível privado e na produção jornalística. Lançamos a hipótese de que os traumas causados pelas agressões promovem alterações no ethos jornalístico, que aqui denominamos de autointerdição.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo principal desta pesquisa consiste em compreender como as agressões, ataques e ameaças que mulheres jornalistas receberam em decorrência do exercício da profissão entre 2019-2023 promoveram marcas em suas vidas pessoais e profissionais.

Objetivo Secundário:

Já em relação aos objetivos específicos, esta pesquisa busca:

- a) entender como a mobilização de discursos estigmatizantes, especialmente vinculados a atributos de gênero e sexualidade, assim como ameaças de violações sexuais, afetam a percepção das próprias jornalistas sobre a sua identidade enquanto mulheres e a forma como se enxergam dentro da profissão;
- b) compreender como as estratégias adotadas pelas profissionais após as agressões interferem em suas rotinas jornalísticas, produzindo mudanças também na produção jornalística;
- c) relacionar o contexto político e social que motivou as agressões às jornalistas, como a temática da cobertura noticiosa, promovendo uma reflexão sobre quais discursos promovem reações a fim de serem silenciados;
- d) analisar semelhanças e diferenças nos discursos das jornalistas entrevistadas, refletindo sobre como a subjetividade aparece nos processos de interpretação e reelaboração da memória sobre eventos individuais e coletivos;
- e) identificar o papel desempenhado pelas empresas de comunicação, Estado e organizações da sociedade civil no acolhimento às vítimas de violência, assim como na elaboração de políticas e medidas de prevenção e enfrentamento às agressões, quando cabível.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No projeto e RCLE, os riscos e benefícios estão corretamente contemplados. Destaca-se a mitigação de riscos pela pesquisa contar com o auxílio de uma psicóloga especializada em trauma, que será consultada para orientar a melhor maneira de conduzir entrevistas sobre temas sensíveis como o da violência e garante o anonimato para as entrevistadas que assim

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 6.943.868

desejarem.

Riscos:

A pesquisadora reconhece que os procedimentos a serem realizados apresentam alguns riscos às participantes, como eventuais desconfortos psicológicos ou constrangimentos ao expor experiências pessoais, questões relativas às agressões que vivenciaram e ameaças recebidas. Será garantido que os relatos colhidos e dados obtidos a partir das entrevistas serão usados exclusivamente para fins de pesquisa. Será esclarecido que informações pessoais das participantes, como nomes de amigos e familiares, endereço, número de documento, entre outras informações que possam violar a privacidade, serão alterados e/ou ocultados em produções acadêmicas, a fim de garantir a segurança de cada participante e de terceiros. Será esclarecido, desde o início do convite para participação no projeto, que a identificação das jornalistas é encorajada, mas não compulsória. As participantes serão abordadas com cuidado e atenção, buscando evitar ao máximo qualquer tipo de desconforto ou constrangimento, bem como salvaguardando a possibilidade da participante não responder alguma questão ou se retirar do projeto, caso não se sinta confortável.

Benefícios:

Embora seja um tema difícil e desafiador, rememorar episódios de agressão dentro de um ambiente seguro poderá ser uma via saudável das próprias jornalistas lidarem com a violência enfrentada, atribuindo novos sentidos sobre os episódios traumáticos. Incentivar os relatos de mulheres jornalistas vítimas de violência anti-imprensa, poderá trazer benefícios não apenas individuais às participantes do projeto, mas à toda categoria profissional, que carece de debates sobre os desafios enfrentados dentro das rotinas jornalísticas. Não é incomum haver aumento de denúncias de assédio sexual e outros tipos de violência contra a mulher, após um primeiro relato vir à tona. Além disso, a pesquisa poderá lançar luz sobre eventuais lacunas na proteção e prevenção à violência contra jornalistas, especialmente medidas que visem combater a violência de gênero. Buscamos contribuir com debates a respeito da segurança digital de jornalistas, da criação de canais de denúncia efetivos para violência de gênero, assim como da regulação das plataformas digitais para eliminação de discurso de ódio. O projeto também contribuirá com o campo acadêmico e científico nos estudos sobre Comunicação e Memória, assim como de Jornalismo e Gênero, devido à sua interdisciplinaridade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante e encontra-se metodologicamente amparada. A pesquisadora explicita o critério de seleção das entrevistadas que constam nos relatórios de Violência contra

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 6.943.868

jornalistas e Liberdade de Expressão da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj),
publicados entre 2019-2023, recorte temporal do estudo, bem como as formas de registro.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisa submetida foi redigida levando-se em consideração os cuidados éticos previstos pela Resolução 510/2016. No RCLE é garantido o anonimato como um direito do participante e são disponibilizados contatos da pesquisadora para qualquer consideração ou dúvida, ou mesmo se quiser ser informado a respeito dos resultados do trabalho. No RCLE a pesquisadora garante o anonimato, o direito de desistir do consentimento em qualquer fase, o direito de não responder questões, as pausas na ocorrência de incômodos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2350947.pdf	27/05/2024 17:28:28		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAssinada.pdf	27/05/2024 17:23:54	GIOVANA BRAGA KEBIAN	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLEentrevistasvirtuais.pdf	27/05/2024 14:37:54	GIOVANA BRAGA KEBIAN	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLEentrevistaspresenciais.pdf	27/05/2024 14:37:32	GIOVANA BRAGA KEBIAN	Aceito
Outros	TermodeOutorgaBolsaFAPERJNota10.pdf	27/05/2024 12:22:17	GIOVANA BRAGA KEBIAN	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoCEPGKebian.pdf	27/05/2024 12:15:42	GIOVANA BRAGA KEBIAN	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 6.943.868

Não

RIO DE JANEIRO, 11 de Julho de 2024

Assinado por:
FERNANDA MARIA DA COSTA VIEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

ANEXO II – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE)

Informações às participantes

Título do protocolo do estudo: Como a gente convive com isso?: efeitos da violência anti-imprensa na vida de mulheres jornalistas

1. Convite:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Como a gente convive com isso?: efeitos da violência anti-imprensa na vida de mulheres jornalistas”. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda por que o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

2. O que é o projeto?

Este projeto faz parte da pesquisa de mestrado de Giovana Braga Kebian no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada pelo Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento. A pesquisa investiga os efeitos da violência na vida pessoal e profissional de mulheres jornalistas que foram vítimas de agressão durante o exercício profissional e seus impactos na produção jornalística.

3. Qual é o objetivo do estudo?

O projeto busca investigar como as mulheres jornalistas são afetadas pela violência durante o exercício profissional e quais suas implicações na vida das vítimas e na produção jornalística. Queremos entender se os atos de violência contribuem para promover um novo *ethos* dentro das redações, que passa a limitar a cobertura noticiosa em nome da autoproteção.

4. Por que eu fui escolhido(a)?

Você foi escolhida porque faz parte do perfil que estamos buscando para as entrevistas (mulheres jornalistas) e porque seu nome aparece nos relatórios de Violência contra jornalistas e Liberdade de Expressão da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), publicados entre 2019-2023, recorte temporal deste estudo. A partir de um levantamento de dados das ocorrências contra mulheres jornalistas nos registros da organização,

disponíveis em domínio público, selecionamos alguns casos que nos chamaram atenção devido ao tipo de violência, contexto em que ocorreu a agressão e/ou desdobramentos no noticiário local e nacional sobre o caso. Sua participação é voluntária, conforme seu desejo e autorização.

5. Eu tenho que participar?

Você é quem decide se gostaria de participar ou não desta pesquisa. Se decidir participar do projeto “Como a gente convive com isso?: efeitos da violência anti-imprensa na vida de mulheres jornalistas”, você deverá assinar este Registro e receberá uma via assinada pela pesquisadora, a qual você deverá guardar. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.

6. O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

Se aceitar participar deste projeto, conversaremos sobre sua experiência profissional e suas percepções sobre o papel do jornalismo dentro da sociedade, sobre a agressão que vivenciou e sobre aspectos da sua rotina pessoal e profissional. Esta conversa não buscará extrair dados ou informações pessoais, mas apenas utilizará a entrevista como recurso de investigação acadêmica.

7. O que é exigido de mim nesse estudo?

Será exigido apenas seu desejo de contribuir com a pesquisa e compartilhar suas percepções sobre o tema.

8. Como será feita a entrevista?

As entrevistas serão realizadas individual e presencialmente, com previsão de duas horas de duração. As entrevistas serão feitas em um local seguro e confortável a ser acordado entre você e a pesquisadora. Este local poderá ser, por exemplo, um café, uma biblioteca (caso tenha um espaço possível de se conversar), um espaço cultural como um SESC, seu local de trabalho (se for do seu desejo), sua residência (se for do seu desejo). Se você concordar, as entrevistas serão gravadas em áudio e vídeo e em seguida serão transcritas literalmente para análise das falas.

9. Se consentir a gravação da entrevista, ela será publicada?

Todos os registros ficarão sob a posse somente da pesquisadora, em um dispositivo eletrônico, não sendo armazenados em nenhuma plataforma virtual, ambiente compartilhado ou nuvem, de modo a assegurar a confidencialidade das informações. As gravações não serão divulgadas em nenhum meio ou em nenhuma circunstância e serão utilizadas, portanto, apenas pela pesquisadora durante a etapa de análise e para essa única finalidade. Já as transcrições das entrevistas, na totalidade ou seus excertos, serão utilizadas exclusivamente para a dissertação e outras publicações decorrentes da pesquisa, assim como em apresentações de caráter acadêmico e educacional.

10. Terei alguma despesa para participar deste estudo?

A entrevista será feita na cidade onde você mora ou trabalha, de maneira que não haverá custos de deslocamento interestadual ou intermunicipal. Poderá haver despesa com deslocamento da sua residência ao local da entrevista a ser acordado entre você e a pesquisadora, mas este endereço deverá ser prioritariamente de fácil acesso a você. Você poderá escolher realizar a entrevista na sua casa ou local de trabalho, caso assim deseje, a fim de reduzir os custos com deslocamento.

11. Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?

Este projeto está de acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando as legislações que regulamentam pesquisas com seres humanos. Alguns riscos que você poderá vir a ter nessa pesquisa são possíveis desconfortos ao responder determinadas questões, mesmo que elas não envolvam perguntas muito íntimas. É importante que você saiba que não é obrigada a responder nenhuma pergunta que não se sinta confortável. Considerando isso, todos os dados que possam comprometer sua integridade física e/ou segurança serão guardados em sigilo, salvaguardando a possibilidade de você retirar seu consentimento ou participação da pesquisa a qualquer momento ou escolher não responder alguma pergunta com a qual não se sinta confortável.

12. Quais são os possíveis benefícios de participar?

A participação da pesquisa poderá ser uma oportunidade de reflexão pessoal e coletiva sobre sua experiência enquanto mulher e jornalista dentro da profissão e o impacto da violência na sua vida. Além disso, sua participação no estudo contribuirá com relevantes debates sociais sobre a violência de gênero, o uso indiscriminado das redes sociais para promoção de campanhas de difamação e discurso de ódio, alterações nas práticas

jornalísticas e rotinas de trabalho e para as discussões sobre políticas públicas de prevenção e proteção à categoria profissional.

13. O que acontece quando o estudo termina?

Quando o estudo terminar, irei escrever a dissertação de mestrado, onde serão elaboradas algumas conclusões e reflexões a partir dos dados coletados nas entrevistas. Ela ficará disponível para consulta no Repositório de Teses e Dissertações da UFRJ (<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1>). Também poderei apresentar estes resultados em congressos da área e revistas acadêmicas. Caso você tenha interesse, poderei enviar estas futuras publicações.

14. E se algo der errado?

A pesquisa só será realizada com consentimento das participantes envolvidas. Mesmo assim, caso não se sinta confortável durante algumas das atividades, você poderá retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, ou mesmo se retirar dela quando desejar, sem qualquer prejuízo ou justificativa.

15. Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Você é quem escolhe como deseja participar, podendo ter seu nome ocultado ou mantido. Caso opte por manter seu nome público, acreditamos que isso poderá contribuir para o projeto, pois facilita a identificação de outras jornalistas que futuramente possam ler a pesquisa e se reconhecer com a sua história.

Caso opte por ter sua identidade preservada, poderemos utilizar o recurso do pseudônimo em eventuais publicações acadêmicas. É importante que você saiba que serão abordadas questões como o tipo de cobertura jornalística que você realiza, veículo que trabalha e local onde atua. Independentemente do que decidir (participar em anonimato ou não), eventuais informações que possam comprometer sua atividade profissional, segurança e integridade física, assim como de seus familiares serão ocultadas.

Caso você mude de ideia após aceitar participar da pesquisa, você poderá retirar seu consentimento a qualquer momento.

16. Contato para informações adicionais

Dados do(a) pesquisador(a) responsável:

Giovana Braga Kebian

E-mail: giovanakebian.ufrj@gmail.com – Telefone: 2199777-4795

Dados da Instituição Proponente:

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Escola de Comunicação (ECO)

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM)

Av. Pasteur, 250, Fundos, Urca – Rio de Janeiro, RJ, 22290-240

E-mail: direcao@eco.ufrj.br – Telefone: (21) 3938-5067 / 2295-9449

Dados do CEP:

Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938- 5167 – Email: cep.cfch@gmail.com

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

17. Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigada por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine este Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e devolva-o ao(à) pesquisador(a).

Você deve guardar uma via deste documento para sua própria garantia.

1 – Confirmo que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: () Sim () Não

5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: () Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: () Sim () Não

Data: / /

Nome completo do/a participante:

[Assinatura da(o) participante]

Giovana Braga Kebian
(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

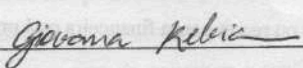
6 – Desejo ser identificado/a no projeto: ☒ Sim () Não

Data: 12/07/2024

Nome completo do/a participante:

Raquel Alana Oliveira de Rocha


[Assinatura da(o) participante]



Giovana Braga Kebian
(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

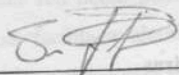
5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: ☒ Sim () Não

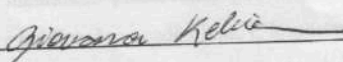
Data: 12, 07, 24

Nome completo do/a participante:

Charles Alexandre Alves



[Assinatura da(o) participante]



Giovana Braga Kebian
(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: (X) Sim () Não

5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: (X) Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: (X) Sim () Não

Data: 30/ 8 / 24

Nome completo do/a participante:

Helena Bertho Dias

Helena B. Dias

[Assinatura da(o) participante]

Giovana Kebian

Giovana Braga Kebian

(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

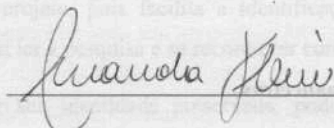
5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: ☒ Sim () Não

Data: 30/08/24

Nome completo do/a participante:

Amanda Klein



[Assinatura da(o) participante]



Giovana Braga Kebian
(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmo que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: (X) Sim () Não

5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: (X) Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: (X) Sim () Não

Data: 14 / 07 / 2024

Nome completo do/a participante:

IVINA RAYELY RODRIGUES GARCIA MENDONÇA

Ivina Garcia

[Assinatura da(o) participante]

Giovana Kebian

Giovana Braga Kebian
(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: (☒) Sim () Não

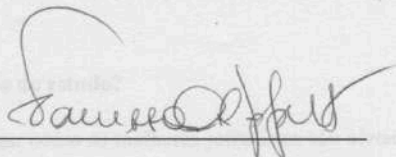
5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: (☒) Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: (☒) Sim () Não

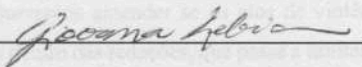
Data: 07/09/2024

Nome completo do/a participante:

VANESSA CAMBRANA LIPRETT NILSON



[Assinatura da(o) participante]



Giovana Braga Kebian

(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: ☒ Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: ☒ Sim () Não

Data: 06 / 09 / 2024

Nome completo do/a participante:

Júlia Helena Bente Cavalle de Sousa

Júlia Cavalle

[Assinatura da(o) participante]

Giovana Kebian

Giovana Braga Kebian
(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

1 – Confirmo que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Nestes termos e considerando-me livre esclarecida/o/e, consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

4 – Autorizo a gravação de áudio da entrevista para fins acadêmicos: (X) Sim () Não

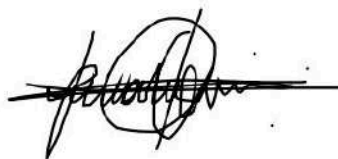
5 – Autorizo o registro em vídeo da minha imagem durante a entrevista para fins acadêmicos: (X) Sim () Não

6 – Desejo ser identificado/a no projeto: (X) Sim () Não

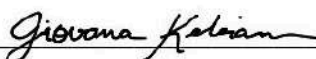
Data: 20 / 09 / 2024

Nome completo do/a participante:

Renata Cristiane de Oliveira



[Assinatura da(o) participante]



Giovana Braga Kebian
(pesquisadora responsável)

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para a pesquisadora.

ANEXO III – Roteiro das entrevistas individuais

- Apresentação da pesquisadora e do tema da pesquisa;
- Apresentação dos objetivos da pesquisa e da importância da contribuição das participantes.
- Explicação sobre as questões éticas e dúvidas sobre preenchimento do RCLE;

Eixo 1 - Identidade

1. Como você gostaria de ser chamada?
2. Qual a sua idade?
3. De onde você é?
4. Onde você mora atualmente?
5. Com qual gênero você se identifica?
6. Com qual raça/etnia você se identifica?
7. Qual sua orientação sexual?
8. Você é casada ou está em um relacionamento?
9. Você tem filhos? Pensa em ter?

Eixo 2 - Formação

1. Por que você escolheu se tornar jornalista?
2. Onde você se formou?
3. Você tem pós-graduação? Qual seu grau de escolaridade?
4. Como foi sua experiência na faculdade de jornalismo?
5. Quando você ingressou na faculdade, qual era sua expectativa sobre a profissão?
6. Durante a faculdade, você sentiu que o fato de ser mulher te colocou em alguma desvantagem acadêmica e/ou profissional?
7. Você sentiu que o fato de ser negra te colocou em alguma desvantagem acadêmica e/ou profissional?

Eixo 3 - Profissão

1. Há quanto tempo você trabalha como jornalista?

2. Você pode contar um pouco da sua trajetória profissional? Onde você começou a trabalhar e por quais veículos você passou?
3. Você atua em alguma área de cobertura específica?
4. Quais foram as coberturas mais marcantes da sua carreira?
5. Qual a sua jornada de trabalho? E o seu vínculo de trabalho - você possui contrato formal ou atua como *freelancer*?
6. Pode contar um pouco como funciona a sua rotina de trabalho atual? O que você faz exatamente no seu dia a dia?

Eixo 4 - Dentro da redação

1. Como você classificaria o seu ambiente de trabalho? É um ambiente que você se sente confortável?
2. Você sempre se sentiu confortável nos lugares onde trabalhou?
3. Você acha que seu ambiente de trabalho possui paridade de gênero e raça no seu quadro de funcionários? Como é essa distribuição?
4. Você já sofreu algum tipo de discriminação por seus colegas de trabalho? Como foi isso?
5. Você se sente respeitada e ouvida no seu ambiente de trabalho?
6. Sente que sua capacidade é questionada por parte de seus superiores? Você acredita que isso aconteça também com outros colegas?
7. Você acha que este questionamento (caso tenha havido) possa ter relação com o fato de você ser mulher/negra/LGBT+?
8. Você já sofreu algum tipo de assédio, moral ou sexual, dentro da profissão? Você se sentiria confortável em compartilhar como foi?
9. Antes desse episódio de violência, você já tinha passado por algo semelhante dentro da profissão? Como você lidou com essa situação?

Eixo 5 - Fora da redação

1. E fora da redação, você já vivenciou alguma situação de violência?
2. Você se sente confortável em compartilhar como foi?
3. O que você acredita que possa ter motivado a agressão?
4. Qual foi a sua primeira reação? Como você se sentiu quando isso aconteceu?
5. Você se arrepende do que publicou/comentou/escreveu?

6. Se pudesse voltar no tempo, você faria diferente?
7. Você acredita que o fato de ser mulher/negra/LGBT+ interferiu nos ataques? Se fosse um jornalista homem no seu lugar, teria sido da mesma forma?
8. Por que você acha que isso acontece?

Eixo 6 - Denúncia e apoio

1. Quem você procurou no momento seguinte à agressão?
2. Como foi esse acolhimento?
3. Você pensou em realizar alguma denúncia formal, seja no seu ambiente de trabalho, seja um boletim de ocorrência em uma delegacia policial?
4. Por que você denunciou/não denunciou?
5. Acredita que a sua denúncia surtiu algum efeito? Qual?
6. Você acredita que recebeu todo o apoio necessário? Como você foi acolhida por seus colegas de trabalho/supervisores?
7. Você precisou recorrer a algum tipo de tratamento psicológico, psiquiátrico ou outro tipo de atendimento de saúde depois do episódio de violência?
8. Precisou pedir um afastamento no trabalho?
9. Você recorreu a alguma medida de proteção?
10. Antes desse episódio de violência, você sentia que exercia uma profissão de risco? E agora, você acredita que corre algum tipo de risco?
11. Você acredita que o fato de ser mulher/negra/LGBT+ possa aumentar esse risco?
12. Você acredita que amigos próximos e/ou familiares corram algum tipo de risco por conta da sua profissão?

Eixo 7 - Depois

1. Com que frequência você pensa no que aconteceu?
2. O que mudou depois desse episódio? Teve alguma mudança na sua rotina pessoal?
3. Teve alguma mudança na vida dos seus filhos/amigos/familiares?
4. Depois de quanto tempo, você sentiu que pode voltar a sua rotina habitual? Ou acredita que ainda não foi possível retornar?
5. Você tem medo que isso possa acontecer de novo?
6. Tem algum lugar que você deixou de frequentar ou evita ir depois que isso aconteceu?

7. E no seu trabalho, você acredita que continua trabalhando da mesma maneira? O que mudou?
8. Você deixou de cobrir algum assunto depois desse episódio de violência? Por que você acha que fez isso?
9. Você tem redes sociais? Os seus perfis são públicos ou privados?
10. Você mudou o seu comportamento na internet e nas redes sociais? O que mudou?
11. Você sentiu alguma mudança na relação que tinha com fontes que entrevistava com certa frequência?
12. Você passou a hesitar e pensar duas vezes antes de publicar uma informação, seja na internet ou no seu trabalho?
13. Tem alguma outra coisa que você deixou de fazer dentro da sua rotina de trabalho?
14. Você sente medo de ser jornalista?
15. Em algum momento, você pensou em desistir? Ainda considera essa possibilidade? Por quê?
16. Na sua opinião, existe liberdade de imprensa e liberdade de expressão no Brasil?
17. O que é preciso para que jornalistas se sintam mais seguros/as?
18. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar nesta entrevista?

ANEXO IV – Transcrição das entrevistas com as jornalistas

A) Alana Rocha

Entrevista realizada no dia 12 de julho de 2024, durante o 19º Congresso da Abraji, em São Paulo (SP).

Alana: Eu vou colocar no modo avião que a gente não tem interrupção.

[Alana se ofereceu para gravar a entrevista no seu celular, enquanto o meu aparelho estava sendo usado para o registro em vídeo].

Giovana: Perfeito. Bom, começando aqui a gravação da entrevista com Alana Rocha. Alana, primeiramente, muito obrigada, de verdade, por conceder seu tempo, sua disposição, disponibilidade, né? Por apoiar esse projeto e querer contribuir. Essa é uma entrevista pra... pra minha pesquisa de mestrado, né? Eu venho estudando isso desde o final de 2020, acompanhando outros casos de violência contra mulheres jornalistas. Comecei estudando o caso que aconteceu com a Patrícia Campos Mello.... E a ideia desse projeto é realmente expandir, não ficar só trabalhando com casos que acho que ganharam muita repercussão no noticiário nacional, no noticiário internacional, né? É... e também contar essas histórias, né? Entender que essas pessoas, que foram vítimas de violência, eles têm uma história. E elas foram afetadas por essa violência. Como é que isso... entender, como é que isso tem acontecido? É... mas eu.... primeiro, a gente vai começar a conversar, isso aqui é pra ser um espaço tranquilo, não é também um questionário, um interrogatório. Queria te perguntar assim. Como é que você gostaria de ser chamada? Alana mesmo?

A: Isso, Alana.

G: Contar um pouquinho sobre você, quantos anos você tem? De onde você é? Onde você mora atualmente?

A: É... eu sou da Bahia, nascida na Bahia, em Feira de Santana, mas minha infância, a minha família, todos são de Riachão do Jacuípe, onde eu moro atualmente. Tenho 44 anos e me formei em jornalismo no ano de 2015, mas sempre, sempre, desde criança, a comunicação e o

jornalismo me enveredam, né? Pela, pela minha vida, em brincadeiras, quando era criança sempre envolvia algo ligado ao jornalismo, à comunicação. E hoje vivo na minha cidade, lá no interior da Bahia, Riachão de Jacuípe.

G: E que tipo de brincadeiras eram essas?

A: Ah, eu inventava que eu, que eu... eu fazia de conta que eu era repórter. Eu lembro que lá na Bahia tem uma jornalista que se chama Kátia Guzzo, que ela é uma das das baluartes da TV baiana. E ela apresentou por décadas o 'BATV' e os, os de rede, né? Da *TV Globo*, da afiliada da *Globo* lá. E eu lembro que, por volta de 10, 11 anos, eu assistia ela, anotava tudo que... eu não tinha celular na época, né? Anotava tudo que ela falava no jornal e, quando minha mãe saía para trabalhar de manhã - eu estudava à tarde - eu montava um estúdio de TV no meu quarto e fingia que era a Kátia Guzzo, que tava apresentando o jornal. Depois, passando férias em Itabuna - Itabuna, lá no sul da Bahia, é uma cidade muito forte de comunicação, tem muitas TVs. E, por ser uma cidade pequena do interior, mas grande para a região, a gente sempre encontrava a equipe de TV na rua. E eu me lembro de uma repórter chamada Renata Smith e tanto... que quando eu, eu, eu comecei a trabalhar com comunicação, eu pensei em botar meu nome "Alana Smith", em homenagem a ela [ri] e aí... é... eu via muito a equipe de reportagem na rua e nessa época que eu já tava adolescente, aí eu chegava em casa e ia brincar com meus amigos. Aí, às vezes, as brincadeiras tradicionais, já tavam enjoadas "Então, bora brincar de televisão! Você é o cinegrafista! Você é o produtor! Eu sou a repórter! Eu sou a apresentadora!" e rolavam as brincadeiras. [ri].

G: E você sempre quis trabalhar em TV?

A: Sempre, eu sou louca por TV e rádio.

G: Isso você tinha quantos anos de idade?

A: Isso sempre variou entre os 10...até ali os 14... 13, 14 anos.

G: Alana, é... uma outra coisa que a gente, é... enfim, busca, né, também, é colher dados sobre... dados demográficos, né? De quem tá participando do projeto. E queria te perguntar assim, você se identifica com... a gente usa o critério de autodeclaração, qual é a sua... é... como você se declara, qual a sua raça em relação ao critério étnico-racial? Se você é uma pessoa branca, uma pessoa negra, né, parda?

A: Eu me considero parda.

G: Uhum. E em relação à identidade de gênero? Eu sei que você é uma mulher trans.

A: Isso, isso.

G: Como é que... se você se sentir confortável, pode contar um pouquinho como é que foi esse processo?

A: Claro, tranquilo. É... eu me identifico no gênero feminino e na denominação heterossexual, né? Mulher trans e hétero. É... foi muito engraçado porque, quando eu entrei na adolescência, os meus seios começaram a crescer naturalmente, né? [Alana ri] Tipo, como se fosse de uma, de uma menina entrando, como a gente costuma dizer, na puberdade. E aí, aquelas coisas de escola, né? Os coleguinhas aí 'pirraçavam', não entendiam e aí tinha toda aquela coisa. E aí minha mãe me levou numa psicóloga que, por incrível que pareça, era uma época que, isso foi, isso foi em 1994, 93, e não se falava muito em transexualidade na época no Brasil, né? A única referência era a Roberta Close. E Roberta Close, muitos chamavam de hermafrodita, né? Tinha aquela coisa de ser hermafrodita. E aí, eu não entendia muito o que acontecia comigo. E, por coincidência, - e eu acho que tudo é preparado por Deus - essa psicóloga tinha feito uma especialização, é... fora do país, na Tailândia, um país que é... ele é um celeiro de cirurgias de adequação sexual, de tratamento de pessoas trans de décadas atrás, né? É um país muito forte nesse engajamento. E aí ela fez uma, uma,... uns estudos lá, algumas especializações. E aí, ela identificou. E aí, eu me lembro muito dela dizer à minha mãe "se prepare porque o seu filho vai virar uma filha" [ri]. E aí, minha mãe começou a ter todo esse, esse cuidado comigo, me acolheu. Eu costumo dizer que, né, que no início da transição - que foi em 95, eu tinha 15 anos, e finalizou totalmente aos 18, em 1998 - aí eu brinco sempre que minha mãe me pariu de novo. Que aí eu já tava completamente feminilizada, já usava roupas femininas, já era tratada como Alana. E, desde o início, minha mãe sempre começou a me chamar de "minha filha", de "Alana". Então, minha mãe foi a primeira. Aí eu brinco, né? Que minha mãe me pariu de novo [ri], então, é... foi muito, foi muito tranquilo. E, geralmente, quando eu toco nesse assunto, eu falo que eu sou exceção da regra, porque a regra é sempre ser expulsa de casa, a família não aceita, não entende... Algumas se veem na rua da amargura e partem pra prostituição, que, infelizmente, é o único caminho viável para algumas. Então, às vezes eu me sinto até desconfortável, sabe Giovana? de comentar sobre isso, porque eu tô num lugar de conforto. Às vezes, quando eu vou falar

em palestra ou vou conversar com pessoas, digo "gente, eu tô numa zona de conforto que não é a realidade da maioria". Então, o que eu posso dizer sobre isso é a MINHA realidade baseada no que eu vejo das outras, mas dizer que eu tô falando com propriedade não é. Porque eu tô numa zona de conforto, eu sempre começo dizendo "eu sou a exceção da regra". E tudo isso só é possível por conta da minha mãe. E aí onde eu bato que o apoio da família é fundamental pra essas coisas. Porque muitas hoje estão em situações ruins na vida porque não houve apoio da família, principalmente de mãe e de pai.

G: E você fala muito do apoio da sua mãe, você sempre morou só você e sua mãe?

A: Sempre.

G: Você tem irmãos, como é que é isso?

A: Não, filha única. Sempre morei com a minha mãe.

G: E ela foi fundamental assim?

A: Ave Maria! Nossa, é... é meu esteio né? É meu alicerce, é.. é minha, meu exemplo, minha inspiração, de mulher, de trabalhadora, de tudo na vida. Então, a gente tem um laço muito forte. Quando eu fui morar em Salvador pra trabalhar e ela não pôde me acompanhar, era, era difícil pra caramba. Aí veio a pandemia, eu fiquei um ano sem ver ela fisicamente, só por telefone, vídeo chamada. Não podia ir até lá. E ela não podia ir até Salvador porque tava tudo em *lockdown*, né? A gente não podia viajar, se locomover. Minha cidade, inclusive, tinham... tinha, tinha um impedimento de entrada, né? Quem tava fora, mesmo sendo 'filho' da cidade, ficou um período sem poder entrar na cidade. A cidade ficou isolada, então, é... foi muito difícil. E esse laço da gente é muito forte. É tanto que, quando eu viajo, a gente tá sempre se falando, ela pergunta "Já tomou café, já almoçou?" Eu também pergunto a ela "E aí, tá tudo bem?". E a gente se fala constantemente durante o dia.

G: Que bacana. Mas, assim, você ter esse apoio da família, eu imagino que tenha te dado já uma grande proteção contra, né, a outras hostilidades de outros colegas. Quando você chegou a passar por situações assim em relação a você ter feito essa transição, né? E na escola, depois na faculdade, mais, mais tarde você passou por alguma situação assim?

A: É outra exceção da regra. Foi, foi, foram poucas coisas, graças a Deus. E dessas poucas, se eu me lembro muito, duas ou três foram coisas pesadas mesmo que machucaram. Mas superei

e procurei usar isso como uma forma até de exemplo e de fortaleza, né? Pra não passar novamente ou, caso passasse, tivesse um entendimento de superar, mais facilmente.

G: E Alana você disse que é uma mulher trans e também a sua orientação sexual é heterossexual. Você é casada?

A: Não. No momento, solteira. Infelizmente, né? [ri]

G: E você pensa em ter filhos? Tem filhos, pensa em ter?

A: Não... Tenho muita vontade de adotar. Mas, é... por conta justamente disso, por eu não ter, né, um companheiro, que eu acho que é...Pode parecer até um pensamento um pouco até arcaico, mas eu acho que é importante a presença de um pai. É importante a figura de um, de um homem, de uma figura masculina pra uma criança. Que ele olhe e diga "olhe, é meu pai, é a minha mãe" Mesmo num, mesmo num casal trans, né? Um homem trans com uma mulher trans, ou vice-versa, é importante eu ter... eu posso citar por exemplo o Tammy, né? O Tammy, que ele é um homem trans e ele se casou com uma mulher, teve o filho. Então, assim, a criança tem aquela visão, mesmo sendo um casal trans, de uma figura feminina e figura masculina. "Não, aquele é meu pai, aquela é minha mãe". E, mesmo os casais homoafetivos, ele tem duas figuras ali. Ele divide a atenção, afeto e carinho. Sendo um casal de lésbicas, ele tem ali as duas mães. Sendo um casal de gays, homossexuais, ele tem ali dois pais, né? O pai 1 e o pai 2, como o filho de um casal amigo meu chama, né? "Eu tenho um papai 1 e um papai 2". Então, assim, é, pra você dividir também o afeto, o carinho, a criança vai ter mais acolhimento. Minha mãe hoje tem 70 anos; começa a ser um pouco criança também. E minha vida é muito atribulada. Então, poxa, eu vou botar uma criança nisso tudo, sem, sem um outro apoio? Deixando, às vezes... Por exemplo, agora eu tô aqui em São Paulo, prum congresso de cinco dias. Então, provavelmente, meu filho não poderia vir comigo e ia ter que ficar com minha mãe. Aí, assim, eu penso em tudo isso. Minha vida não tá completamente estabilizada profissionalmente... então, todos esses fatores hoje me influenciaram a não ter ainda adotado, mas eu tenho muita vontade.

G: Então, vamos falar um pouquinho também sobre jornalismo, né? Você decidiu... queria que você contasse um pouquinho, como é que foi esse processo, você... como que.... decidiu estudar jornalismo, se você.... você já falou, né? Que desde sempre já pensava nisso. E aí entrou direto, foi prestar vestibular? Como é que foi essa entrada na faculdade?

A: Eu vou dar uma pausa pra não ficar muito longo o seu áudio pra te enviar. E aí, eu vou, vou fazer, vou dar a resposta já no próximo.

G: Tá, certo.

A: Foi, pronto! Vamos de novo. Tu quer parar lá, pra ver se deu certo? Porque se tiver parado, tu já ativa de novo.

G: Não, tá rolando.

A: Aí, ficou com 11 minutos o outro. Maravilha. Bom, eu, na verdade, quando eu comecei a comunicação, lá na minha cidade, foi com a rádio comunitária. E aí, eu tive realmente o início na comunicação. Depois, eu procurei me profissionalizar e aí foi quando eu fiz, prestei vestibular pra uma faculdade pública da Bahia, que é a UNEB. E passei pra Comunicação - Rádio e TV, que, na verdade, são... é a área que eu mais gosto. Mas como lá na minha região também, blogs e sites tavam começando naquela época, né, de exportar... aí algumas pessoas diziam assim "Ó, se você fizer rádio e TV, você só vai poder trabalhar especificamente nisso. Você não vai poder trabalhar, por exemplo, em site, em assessoria. E aí você vai ter que ir fazendo pós-graduações pra se habilitar". Aí eu pensei, eu olhei por um lado, por outro, então, disse "vou fazer logo jornalismo que já é completo, dá aval pra tudo". Aí tran...eu desisti, né? Do, do curso. Fiquei um tempo sem, sem, sem... sem estudo superior. E aí, no ano de 2012, eu, eu descobri uma faculdade lá no sul da Bahia que chama o Unime, que eles faziam provas no decorrer do ano. Você ia lá, fazia uma prova, respondia algumas questões ligadas ao curso que você queria entrar no meio do caminho e no bonde andando, como diz, né? E fazia uma redação. Aí eu fiz, fiquei, são cinco selecionados, eu fiquei em quarto lugar. E aí, consegui entrar. Só que aí, mais uma vez, a ligação, o laço com minha mãe falou mais alto, né? De Itabuna pra minha cidade é muito longe, eu tinha poucas possibilidades de ver minha mãe...

G: Quantos quilômetros?

A: 700 km, não, perdão. Desculpa, 700 não. 760 km, 700 já é quase Minas. Uns 460 km de Itabuna pra Riachão. E aí era bem 'ispendioso', que pega a [BR] 101 ali, bem até Feira de Santana. E aí, eu ia de carro ver minha mãe, aí não era toda hora que eu conseguia. Minha mãe tinha uma... ela tem uma barreira até hoje pra Itabuna, pra ir morar em outro lugar. E aí eu disse "ó, eu vou transferir minha faculdade. Vou fazer essa, essa transferência externa, vou ver, tentar conseguir pra uma mais perto, que seria Feira de Santana". Aí, uma das viagens

que eu fiz pra eu ver minha mãe, eu passei na faculdade, me informei aí falaram. "Não, é só você trazer... e aí você faz uma transferência externa. Você vem de uma outra faculdade para cá e aí você pega a partir do próximo semestre". Eu digo "Pronto!" Levantei toda a documentação, fiz tudo e aí transferi e comecei a estudar lá. E aí, foi quando eu me formei em jornalismo. E aí, sempre com aquela vontade de entrar na TV, de trabalhar na TV, mas... colocando todo o conhecimento que eu tive de ir ali na academia na minha vida profissional lá na cidade. Aí, foi quando a TV me convidou para trabalhar. Aí, depois que aconteceu toda essa.... toda essa experiência, eu acabei saindo. Aí eu disse "olha, agora eu quero me aperfeiçoar", aí tentei a pós-graduação, consegui passar. Me inscrevi e consegui e aí fiz a pós-graduação na área de assessoria, que é uma área que no interior também é muito forte, você trabalha muito com políticos, com prefeituras. E aí, é uma área boa pra você atuar. E aí eu acabei me pós... me, me aperfeiçoando nela e ficando mais profissional nessa área.

G: Mas você falou que começou mesmo na rádio comunitária.

A: Foi.

G: Isso antes de entrar na faculdade.

A: Isso.

G: E como é que foi entrar nessa rádio comunitária? Você já tinha, né, essa vontade de tá lá fazendo reportagem... E como é que foi essa aproximação? Como é que você conseguiu ir trabalhar lá?

A: É interior, né? Todo mundo conhece todo mundo. Aí tinha, tinha esse diretor Alberto Luiz, que foi fundador dessa emissora lá, foi a primeira FM da cidade. E ele fazia alguns testes, aí a gente ia lá, gravava propagandas, é... gravava os chamados *spots*, né, coisas curtas. E aí, ele testava a voz. E aí, eu sempre ia e ele falava "ó, assim não tá bom". Ele ia me dando umas dicas, falando algumas coisas e aí acabou que surgiu a oportunidade. E aí, eu comecei a fazer um programa chamado *Almoçando com Música*, que era musical, mas sempre com aquela vontade de botar o jornalismo, de botar comunicação. E aí, é... eu fiz a proposta pra... pro diretor e ele topou, né? Ele "só vamos fazer um teste primeiro, pra ver". E aí colocou, deu certo. Porque a rádio, lá na minha cidade, o tradicional de jornalismo é pelas manhãs. Nenhuma emissora tinha tido antes jornalismo à tarde, meio-dia. E aí, a gente implementou isso. Foi a primeira rádio a colocar. E aí deu muito certo e foi super legal. Depois eu precisei sair, né?

Tive outros, outros trabalhos. E aí, quando foi agora em 2020 que eu voltei para lá novamente, recebi o convite de trabalhar.

G: Qual o nome dessa rádio?

A: *Gazeta FM*.

G: *Gazeta FM*. É...e aí, depois, você foi pra Salvador trabalhar, né?

A: Isso, isso.

G: Que aí foi na TV...

A: *TV Aratu*, afiliada da *SBT*, exatamente.

G: E aí você foi realizar seu grande sonho, que era trabalhar em TV.

A: Ahhh, é verdade.

G: Como é que foi isso?

A: Ahh, eu nem acreditei. Eu tinha me afastado da rádio lá e comecei a trabalhar numa assessoria de comunicação da prefeitura. Trabalhei por três anos e meio, depois, eu me retirei pra ir pra outro grupo político. Esse grupo político, a gente fez a campanha, ganhamos. E aí, ele me colocou novamente na assessoria. Aí, com mais ou menos um mês, uns dois meses de trabalho. Eu tava em casa, fui almoçar, aí, quando eu tô sentada almoçando, que eu olhei meu *Facebook* e no *messenger* aparece uma mensagem do diretor da *TV Aratu*: "Você teria interesse em vir, em fazer uma experiência de repórter policial aqui em Salvador?" Aí eu nem acreditei. Aí eu falei pra minha mãe "Minha mãe!", minha mãe quase tomou um susto, a comida quase caiu da mesa quando eu vi a mensagem. E eu: "Minha mãe, o *SBT* tá querendo me contratar!". E foi uma alegria! Aí, aquele corre-corre porque isso era numa terça-feira, eu já tinha que estar em Salvador na quinta-feira pra resolver tudo, pra começar na semana seguinte porque eles tavam precisando com urgência. E aí, eu me joguei, me joguei. Arrumei as malas e fui. Contei com o apoio de uma amiga minha que se chama Chez Marie e também é trans. Ela me acolheu na casa dela, a gente morou juntas por uns três meses até eu alugar um apartamento. E aí, foi incrível, foi uma experiência maravilhosa. Foi muito boa.

G: E eles chegaram em você, porque você já vinha fazendo o seu conteúdo próprio independente. Você já vinha investigando casos policiais lá em Riachão do Jacuípe, como é que era isso?

A: Ah, era... foi muito complicado, viu? Porque é, como eu disse, cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo. Então, acontecia muito... eu até falei ontem na mesa que antes de eu ter problemas políticos, eu tive com matérias. Aí, às vezes, prendia alguém por questão de droga, por tentativa de homicídio, acontecia algum acidente. E, naquela época, não tinha tanto regramento de exposição. Aí, às vezes, a depender do ângulo que eu bati a foto do carro, às vezes, aparecia... Por exemplo, quando a pessoa acabava falecendo no acidente, aparecia um braço... pegava uma parte do corpo da pessoa. Aí a família, se visse um dedo da pessoa na foto, a família se enraivava comigo! "Aí, expôs o corpo, foi exposição!" Aí, eu tive dois processos por conta disso, foram meus primeiros processos, na verdade, antes dos processos políticos. E aí, eu já fazia esse trabalho e botava no *YouTube*. E aí, eu tinha esses problemas, lá também, mas não deixava de fazer o trabalho. Eu ia muito pra delegacia, entrevistava preso, naquela época que ainda podia, né? Você podia colocar a imagem, entrevistar. Porque eu sempre queria ver o outro lado e eu sempre gostei de fazer um trabalho humanizado. Mesmo sabendo que ali é uma pessoa que está suspeita de um crime, colocada como um "bandido", entre aspas, mas eu sempre tentava ver o lado bom, deixar o bom exemplo. Na TV, sempre eu fiz muito isso. E aí, eu ia mesmo, aí o pessoal dizia e tal "Alana não tem medo. Chega na delegacia, bota o microfone mesmo". E eu fazia o trabalho sozinha, meu cinegrafista era o tripé, era cinegrafista-tripé que chamava. E aí, eles vendo esse trabalho, me levaram pra lá. Justamente pra um programa policial. E aí eu apliquei tudo o que eu fazia em Riachão, eu comecei a fazer lá. E foi dando certo. E foram... foi um ano e oito meses de uma experiência muito boa mesmo.

G: Mas, né, nessa época antes de entrar na *TV Aratu* que você já chegou a receber esses processos de familiares. Como é que foi? Você ficou assustada?

A: Fiquei um pouco, viu? Fiquei, porque inclusive um, eu perdi o processo e fui condenada. Numa, numa... numa audiência que até hoje eu não entendi como foi que o advogado que tava me defendendo, inclusive, sentou do lado do autor 'ao invés' de sentar do meu lado, na mesma mesa. Como essa aqui. Ao invés dele sentar do meu lado....

G: O seu advogado?

A: O meu advogado. Em vez dele, dele sentar do meu lado, sentou do lado do autor. Não me deixaram praticamente falar nada. O juiz aplicou uma sentença completamente absurda, né? Sem pé, nem cabeça. E aí, eu acabei cumprindo, né? E, no outro processo, eu fui inocentada porque pediram que retirasse a matéria do ar. Eu retirei do blog, apaguei as fotos que pediram que apagassem. E aí o juiz entendeu isso como uma... uma forma de...de reposição, né, pra os desejos dos familiares. E aí, não me condenou.

G: Certo. E durante a faculdade, durante a experiência na rádio comunitária e depois na *TV Aratu*, você sentiu, assim, alguma dificuldade por ser uma mulher dentro da profissão? Por ser uma mulher trans na profissão? Ou você acha que hoje em dia... enfim, talvez você possa até comparar, né? Como foi antes, quando você tava começando, e como tem sido agora. Enfim, você sentiu algum desafio nesse sentido?

A: Sempre. E eu ficava meio receosa porque na *TV Aratu*, por exemplo, não tinha nenhuma repórter mulher policial, só tinha eu. E mulher trans. Só que pela minha aparência e meu comportamento, às vezes, eu chegava em algumas delegacias e não percebiam eu era mulher trans, achavam apenas que eu era mulher. Então, às vezes, tinha um certo cuidado, um certo respeito.... Mas, é... eu sempre busquei, pra evitar até constrangimentos, eu sempre às vezes entrava nas brincadeiras. E aí, os repórteres que me conheciam, que sabiam que eu era trans, às vezes, vinham com algumas brincadeiras um pouco machistas. Aí, às vezes, pra não ter um constrangimento, pra não ter... porque eu tava num ambiente que eu era a única, né? Os outros eram maioria. Então, às vezes, eu tentava me passar um pouco por eles, pra poder me acomodar. Então, às vezes, eu entrava na brincadeira, não levava tão a sério uma piada... Mesmo sabendo que aquilo ali era um pouco transfóbico, era um pouco machista, mas tem coisas que, pelo menos, minha visão é assim. Tem coisas menores que você pode passar por cima, né? Sabe? Seguir em frente. Não é você parar numa... numa...você pode tropeçar numa pedra e cair. Agora você tropeçar numa britazinha e cair? Pelo amor de Deus, né? Você pisa na brita, ela vai afundar na terra e você vai embora! Agora uma pedra grande, de alicerce, se você tomar papada nela, você vai cair. Aí, você vai ter que realmente resolver. Tirar ela do caminho. Então, ali, então, eu também sofri um processo, né, de uma família de um preso.

G: Na *TV Aratu*?

A: Na *TV Aratu*. Só que aí nem passou por mim, foi o jurídico mesmo lá que tomou conta. Eu me lembro que nem... nem na audiência, eu fui. Foi um advogado que foi representando a

gente. Foi eu e o Murilo Villas Boas, né? Que apresenta, é apresentador... era apresentador na época do programa. Hoje, ele é apresentador e repórter. E aí nós dois e a TV, nós três, na verdade, fomos acionados judicialmente, mas aí o processo foi arquivado.

G: E você sentiu diferença, então, quando você tava vinculada a uma empresa grande comunicação do que quando tava fazendo seu jornalismo independente, né?

A: Sim, sim. Você se sente mais protegido, abre portas. Eu costumava muito dizer que uma canopla abre portas, né? A canopla do microfone. A minha, no interior, nossa, não abria nem... nem o portão da frente da casa! E ela, a canopla da *TV Aratu*, abria até as portas dos, dos... quartos da casa que eu entrasse! Então, é uma... é uma disparidade incrível, é uma, é uma coisa que você sente mesmo. Você percebe. De você tá num veículo de comunicação, de você tá no... numa empresa, de você trabalhar *freelancer*, de você trabalhar sozinha. E aí, é... quando eu voltei para o interior, mais uma vez, eu percebi essa diferença. Ao mesmo tempo que hoje tem um respeito, até hoje ainda tem, né? Por eu ter ido pra televisão, né? Admiração por eu ter trabalhado na TV. Abriu também o outro lado das pessoas que não entendem e que, por ser uma cidade pequena, vieram agora com mais ênfase, força ainda. Ou por mudança até do próprio tempo, né? De, ao longo da jornada, as pessoas hoje estão um pouco mais agressivas, um pouco mais ousadas. E aí, surgiram esses novos processos e essa nova fase que minha vida profissional acabou tendo. E de violência também, né?

G: Então, você começou lá na *Rádio Gazeta*, aí depois foi fazer esses, esses seus vídeos pro *YouTube*... você tinha um blog também?

A: Tinha, tenho até hoje.

G: Qual é o nome?

A: *A Hora da Verdade*. Em homenagem, em homenagem à Márcia Goldschmidt. Eu sou apaixonada, é uma das minhas referências também. E eu lembro que ela, um dos primeiros programas de auditório que ela fez que tinha aqueles quebra-quebra ou o povo ia um bater no outro, o nome do programa era *A Hora da Verdade*. E aí, em homenagem a ela, eu coloquei esse nome no blog e o canal também hoje é *TV Verdade*, eu busquei manter esse nome. E depois, esse nome verdade acabou trazendo a questão de eu sempre mostrar as verdades, as realidades, não maquiar nada. E aí, o nome verdade pegou mesmo, é *TV Verdade*. Hoje, eu não tô tão atuante, né? Porque... por conta da política, mas eu ainda uso as ferramentas de

jornalismo, de comunicação que eu possuo também pra esses vídeos, pra essas situações que eu que eu faço hoje. Então, é você mostrar aquilo ali, a pessoa ver que aquilo ali é verdade, que eu tô ali, que aquilo tá acontecendo, ficou aqui no enraizado mesmo.

G: Você fala por conta da política porque você tem também uma pretensão de uma carreira política. Como é que tá isso?

A: Tá indo bem até agora, né? Graças a Deus, eu tô sentindo muita, muita firmeza. Há chance, há possibilidade. E, dentro disso, eu quero... - como eu tava conversando aqui na Abraji - eu quero trazer mais, mais colegas comunicadores e jornalistas pra esse ambiente que eu posso, que eu tô, que eu possa estar hoje. Então, através da política, inserir pessoas da comunicação nesses momentos como o congresso da Abraji.

G: Mas você tá se lançando à candidata a vereadora?

A: Pré-candidata a vereadora.

G: Em Riachão do Jacuípe?

A: Em Riachão.

G: E por qual partido?

A: PSB.

G: PSB. É a primeira vez que você está concorrendo?

A: É a primeira não, [é] a segunda vez. A primeira foi em 2008. Mas foi bem foi uma coisa assim, bem rústica mesmo. Até os projetos que eu imaginava eram bem, bem... sem pé, nem cabeça.

G: E foi antes de você ir pra *Aratu* também?

A: Antes, bem antes.

G: Então, você acha que agora já tendo...uma trajetória um pouco mais consolidada, vai ter mais chance?

A: Sim, verdade. Com certeza. Isso também outras pessoas comentam né? É aquela coisa do respeito, da admiração, né? Alguns trazem admiração por eu já ter sido da televisão, e outros, o respeito também pelo trabalho, né? Pelo, pela caminhada profissional e, ao mesmo tempo, na vida.

G: E de onde veio essa vontade de se lançar... de entrar, tanto na política, quanto no no jornalismo? Porque, às vezes, as pessoas - eu acho que tem até.... até assim, se encontram, né? O motivo que as pessoas escolhem a política e o jornalismo. E aí, você escolheu os dois, né? E por que que jornalista e por que que também tá se lançando a vereadora?

A: Olha, Giovana, engraçado, 'que' eu fiz um vídeo dizendo que eu acho que o trabalho do político se assemelha muito com o trabalho de um repórter. Que o repórter, principalmente de programas mais populares, tá sempre ali nos bairros, ouvindo a população, mostrando demandas, cobrando do poder público soluções. E isso não deixa de ser um pouco político também, né? A gente respira política, a gente, no nosso dia a dia, a gente faz política. E aí, eu, eu quis, é... trazer pra dentro da, da política as possibilidades e projetos que facilitem também a nossa vivência de jornalista, de comunicador, principalmente por tudo isso que eu tenho passado na minha cidade. Lá, a região é muito forte nesse, nesse tocante de comunicação, de rádio, de site. Então, eu acho que tendo, tendo jornalistas também na política, com projetos que também olhem para os nossos colegas é de extrema importância. E, por toda a vivência que eu tive lá, por tudo que aconteceu comigo, eu vi que, na política, fazendo parte da política, eu posso ter, abrir caminhos que possam trazer proteção, possam trazer para nós dias melhores, não só para a população que eu mostrei diversas situações como repórter, mas também para nós, profissionais da comunicação.

G: Certo. E queria que você falasse um pouquinho mais do seu trabalho como jornalista. Quais que foram as coberturas, é... mais marcantes da sua carreira, que, enfim, que mais te marcaram assim no seu trabalho, que te colocaram ali pra continuar trabalhando assim?

A: Olha, uma delas foi a enchente que aconteceu lá na minha cidade em 2016, que foi uma das piores que aconteceu. E eu lembro que foram quatro dias assim interrompidos de trabalho, de matéria, indo pros lugares, entrando na água... E a cidade ficou sem energia várias vezes e aí eu não tinha como jogar o conteúdo pra já publicar e demorava e aquela coisa, daquela correria. E, é... a outra foi já na *TV Aratu*. A gente saiu, um dia bem atípico, pra fazer um ao vivo e a gente, no meio do caminho, quando chegou no local, descobriu que não era ali, que o

lugar não era aquele. E aí, a gente pensou, então, no seguinte "vamos rodar, fazer um giro, pra encontrar uma pauta pra entrar ao vivo". Isso já no meio do programa rolando, né? E aí, eu encontrei uma fila de viaturas, umas três viaturas, uma atrás da outra. E aí, o cinegrafista trocou comigo, é... começou a filmar. Eu tava dirigindo o carro porque só era eu e o cinegrafista que trabalhava, a gente não tinha motorista. E aí, a gente come...eu comecei a narrar que tava seguindo uma viatura e tal. Quando chegou próximo ao presídio de lá de Salvador, que é o chamado, a chamada Lemos de Brito, no bairro Tancredo Neves, eles entraram no sentido do presídio. Era uma transferência, uma simples transferência de preso. Eu disse "Eita, peida! E agora?"

G: Você tava ao vivo?

A: Tava ao vivo. Aí, a gente disse que tava, já tava diluindo a operação e tal. E que a gente ia para outro local. E aí o diretor, ele falou assim "Ó, Alana, encerra. Você troca aí, bota o cinegrafista, já pode dirigir normal e vão para o outro local, realmente o local verdadeiro, onde tinha acontecido o roubo de uma loja e que a gente ia entrar ao vivo, conversando com o proprietário". Era no outro extremo da cidade. Quando a gente tá subindo a avenida pra esse local, passa uma viatura, um caminhão do Corpo de Bombeiros endiabrado, em alta velocidade, com a sirene ligada. E mais um carro pequeno dos Bombeiros atrás. Eu tava começando, desligando o telefone, aí falei "Daniel, Daniel! Desliga não! Passou um carro do Bombeiro agora aqui fuguetado. Pode ir atrás?" "Vá!". Aí, eu troquei novamente com o cinegrafista de lugar, bem rápido. Aí eu botei o microfone aqui dentro da blusa, já ligado. O cinegrafista ligou e deu uns cinco minutos, a gente já tava ao vivo de novo, seguindo esse caminhão de Bombeiro. Aí, esse caminhão, teve uma hora que parou pensando que eu queria ultrapassar, ele parou, me dando espaço pra passar e eu parada atrás. Aí, chegou um momento que ele desligou a sirene. Ele entrou na Avenida e desligou. Eu disse "Meu Deus, será que esses cara tava fazendo firula só para liberar o trânsito para eles passarem?" [risos] E aí, lá vai, lá vai, chegou lá na Avenida, uma avenida que chama Suburbana, ele fez um retorno e a gente atrás. Ele ligou novamente a sirene, eu digo "aí, ligou a sirene de novo, é alguma coisa". Aí ele subiu com a rua. Nós fomos a primeira equipe a chegar num desabamento, com duas vítimas ainda dentro da casa.

G: Caramba...

A: Nós pautamos toda a TV baiana naquele dia. Mandaram.... uma emissora mandou um helicóptero, a outra emissora mandou duas equipes pro local, só que a gente já tava ao vivo lá mais de uma hora [estalos com os dedos]. Quando as equipes chegaram, quando o helicóptero chegou, a gente já tinha uma hora no ao vivo e eram, era sequência de programas. Começava com o "Ronda", que era o programa policial, ia para o programa "É Tudo Novo", que era uma mistura, era tipo um programa revista, era uma mistura de entretenimento com noticiário. E, por último, era um de entretenimento chamado "Universo", que era o antigo "Universo Axé" e hoje é o "Universo". Inclusive, é um contrerrâneo seu, o Alex Lopes, que é do Rio de Janeiro, só que ele mora na Bahia há muito tempo. E aí, eu fiquei nos três programas, ao vivo e ininterruptamente. Eu me lembro que trocou o diretor, a diretora do "Tudo Novo" chamava... era uma japonesinha chamava Mizuno. Meu diretor Daniel saiu, Mizuno assumiu e eu continuei ao vivo até quase quatro horas da tarde. Isso de onze da manhã, de onze até quatro da tarde, a gente ao vivo direto.

G: Sensacional! Jornalismo na veia....

A: Na veia mesmo!

G: Ao vivo, sem ensaio.

A: Me marcou muito. Deixa eu parar esse que já deu 22 minutos. Vai lá ver se lá não interrompeu também que às vezes enche a memória e para

[pausa a gravação]

G: Alana, e hoje em dia, você vol... depois, você ficou quanto tempo na *TV Aratu*?

A: Mais ou menos um ano e 8 meses.

G: Isso foi em que ano?

A: 2017. Fiquei até 2018. Entrei em abril de 2017 e saí em novembro de 2018.

G: E por que você saiu?

A: Foi uma coisa assim, bem, bem estranha. Quando eu fui pra TV, eu fui com um status assim muito importante, né? Foi... foi uma um acontecimento, deu em muitos sites, inclusive no Brasil, né? Como a primeira repórter trans, uma mulher trans, trabalhando no jornalismo

factual. Porque tem a Lisa Gomes, da *Rede TV!*, que é entretenimento, mas em jornalismo, de fato... a Lisa foi a primeira, da TV mesmo, de tudo. Lisa Gomes foi a primeira, só que ela só trabalha no ramo de entretenimento. No meu caso, eu já fui para o jornalismo. No jornalismo, ainda não tinha tido nenhuma. E aí foi um acontecimento. Não deixou de ter um pouquinho de ego da minha parte também, né? Vaidade, mas também causou uma certa inveja. No primeiro ano, eu apresentei o carnaval, né? No ano de 2018, com menos de um ano de casa, eu fui convidada pra apresentar o carnaval e depois eu fiquei sabendo que houve conversas de corredor que "aquilo era um absurdo, que tinha um repórteres lá, tipo mais de cinco seis, anos de... de trabalho na casa e nunca tinham sido convidados pra apresentar o carnaval e eu com meses, só porque era trans, né?" Inclusive, não sei se foi exagero da pessoa que me falou, né, mas chegou a falar assim. "Ah, um travesti", no masculino, né? "Um travesti, um viado, um viado que pensa que é mulher. Só porque... só porque é travesti tem esse status". "Ah, vou virar viado também para ver se as coisas melhoram pra mim". Então, assim, foi uma coisa que até me machucou.

G: Falaram isso diretamente pra você?

A: Não, falaram em corredor. Pelas costas, né? Que é o típico do covarde. E, depois que eu fui demitida, pessoas que gostavam de mim que viram, presenciaram a cena e eram pessoas que me dava um toques. "Ó, abre o olho, fulano não é tão teu amigo como tu pensa"; "Sicrana não é tão tua amiga" e eu me dava com todo mundo, né? Eu me sentia bem, eu sou uma pessoa que... que eu me entrego às amizades sem esperar a maldade, né? Porque se a gente for ficar pensando, toda vez que conhecer alguém - eu tô conhecendo você mais intimamente hoje. Aí se eu pensar "Pô, Giovana. Será que Giovana é uma pessoa maldosa?", aí eu vou me restringir de você, vou tratar você mais friamente até a sua flor desabrochar pra mim e eu ver que você é uma fada? Então, isso não existe, gente. A gente tem que ter uma vivência. Então, eu me dou pra todo mundo até hoje. Eu já tomei muita lambada na vida, mas isso não me deixou uma pessoa fria, me deixou experiente, né? Às vezes, hoje eu consigo olhar pra algumas pessoas dizer "Ó, ali tem alguma coisa estranha", mas antes eu era muito aberta. E aí, as pessoas me davam esses toques, mas eu não, não acreditava assim 100%. E aí, aconteceu um fato, que eles já... eles já estavam meio que... eu acho que aquela coisa de exigir demais, né? Nós tínhamos uma equipe muito reduzida. Eu, por ser do interior, não tinha essa cartela de conhecimento com Salvador, tava começando a adquirir isso. Então, eu era muito exigida em coisas que quem era de Salvador, e já tinha aquele *métier* ali, não era. De produção, de ao

vivo... às vezes, eram coisas tão absurdas que eu dizia "Poxa, parece que estão fazendo de propósito pra eu não concluir o trabalho e ter uma justificativa para me botar para fora".

G: Dentro da empresa você sentia isso?

A: Dentro da empresa, de um diretor de jornalismo, né? É, é o Mateus Carvalho, que inclusive ele hoje nem tá mais lá. Não sei nem que emissora onde tá, parece que ele foi pra outra emissora. Então, eram coisas tão absurdas, né? De exigência, que ele dava a pressão não só em mim, mas também na equipe. Mas um pouco mais em mim. E aí veio a gota d'água, né? Eu gravei um vídeo, na minha rede social. Eu gosto muito da cantora Solange Almeida, né? E ela cantou o jingle da reeleição do candidato a governador naquela.... naquele período, que é o atual ministro da Casa Civil, Rui Costa. Ele era governador e tava indo pra reeleição em 2018 e ela gravou um jingle da música e a música ficou linda! E aí, um dia, saindo do trabalho, eu fiquei zapeando o pen drive - a música tava no meu pen drive que eu tinha botado. Displícitamente, eu peguei o celular, me filmei cantando ela, mas sem fazer alusão a Rui. Eu fiz a alusão a Solange, eu disse "Ah, gente, olha a voz de Solange, a música ficou tão linda e tal". E aí, cantei o jingle, guardei o vídeo. Quando eu cheguei em casa, eu achei legal, digo "ah, vou botar no *Instagram*", aí eu botei no *Instagram* e marquei Solange Almeida. Não marquei Rui, não marquei ninguém politicamente. Alguém da equipe de Rui criou um tal de 'zap'... 'zap' do Rui, uma coisa assim, ou 'Zap do governador', algo do tipo, pra botar mensagens de pessoas que declaravam voto a ele, que apoiavam ele pra botar no programa eleitoral na TV. Alguém, achando que por eu ter botado no meu *Instagram*, por ser uma conta aberta - o que eu entendo que realmente ali tá aberto, qualquer pessoa pode ter acesso, pode utilizar até mesmo sem o meu consentimento. Porque se eu botar numa rede social pública, qualquer pessoa pode pegar, gravar, printar e até usar aquele vídeo.

G: O seu perfil é aberto?

A: É, meu perfil é aberto. Então, eu entendo, Giovana, que isso não é tão necessariamente exigido que eu dê uma autorização. Ou, tá no meu *stories*. Meu perfil não é privado, não era privado. Era aberto. E, por outro lado, a emissora dava muito esse, esse...é.... esse, esse.... como se diz? Essa, essa liberdade pra gente de não interferir nas redes sociais. Tudo que a gente fazia, merchan, eles diziam assim "ó, se alguém mandar uma comida pra você, na sua casa. Você só não pode fazer aqui na TV. Agora, se você tiver em casa, tiver esse horário normal, alguém mandar um brinde pra você, pedir pra você fazer um vídeo e botar no

Instagram, pode botar. Não tem problema nenhum". Que a *TV Bahia*, que é afiliada da Globo lá, a praça da *Globo* lá, não aceita...

G: É mais restrita.

A: É mais restrita e a *TV Record*. Que a *Record TV Itapua*, que é da *Record*, que não aceita também. Aliás, que hoje é *Record Bahia*, eles também não admitem, inclusive, são mais rigorosos ainda que a, que a afiliada da *Globo*. A afiliada da *Record* é ainda mais rigorosa. Então, eu aí... pegaram esse vídeo e botaram no horário eleitoral. Ah, minha filha, na mesma hora, esse diretor carrasco, me chama no Zap. "O que é aí... que história é essa que você tá numa, numa propaganda no horário eleitoral?", eu disse "Ô, Mateus, pegaram o meu vídeo, né? Tá no meu *Instagram*", "Mas pediram autorização?", eu disse "Pedir autorização? Pra pegar uma coisa no meu *Instagram*? No meu *story*, que é público? Que até que ele, que não é meu seguidor, vê e pega? Eu acho que não teria a necessidade, né?", "Mas não! Mas pra usar sua imagem na televisão, no horário eleitoral, eles tinham que pedir sua autorização, sim!". Eu disse "Mateus, é uma coisa ligada, voltada pra rede social. Não foi um vídeo que eu gravei, que eu fui pra um lugar com uma equipe da campanha e gravei. Aí sim, se eu tivesse feito isso, eu entendo que eles teriam que pedir minha autorização, eu teria que consentir. Mas uma coisa que é... não tá no horário eleitoral gratuito, mas tem um vínculo com redes sociais", "Ah, mas tá dando a entender que você que mandou o vídeo para o 'Zap' de Rui". Eu disse "Não, não mandei vídeo para o 'Zap' de ninguém. Eles criaram essa estratégia, algumas pessoas realmente mandam, mas outras, eles pegam de rede social".

G: É, mas eu acho que, assim, tem uma só uma questão, né? Que, de fato, é... por mais que, eu concordo com você, o seu *Instagram* é público, mas você não enviou pra eles, né? Como você falou, você teve todo cuidado de marcar só a Solange, de não tá fazendo essa alusão política. Como é que você se sentiu quando você viu a sua... a sua imagem veiculada na TV aberta, numa campanha eleitoral?

A: Na hora, eu não senti nada assim de diferente. Quando o diretor falou comigo que me preocupou porque foi à noite. Aí, no dia seguinte, ele conversou comigo, falou que não aquilo não era legal. Inclusive, o candidato a presidente era Haddad, que tá até aqui. Que não era legal e tudo. E aí, eu... me deixaram de sobreaviso. Aí, a campanha de Rui achou pouco e repetiram o programa, não sei o que foi. O programa "Ronda", ele começava às quinze para o meio-dia. Quando era uma da tarde, ele dava um intervalo, de 15 minutos, pro horário

eleitoral gratuito e voltava. Uma e quinze, uma e dezesseis.... Dentro desse intervalo do “Ronda”, eles colocaram novamente, aí foi a gota d'água. Aí, não me falaram nada, ficou aquele suspense e aí, quando foi na semana seguinte, eu cheguei pra trabalhar normalmente. E aí, fui chamada no RH e, na sala ao lado, o diretor já estava aguardando, o Matheus Carvalho. E a primeira fala dele foi essa "Você sabe por que é que você tá aqui". Aí, quando eu olhei para a porta, entrou a moça do RH com uns documentos, uma papelada já pra assinar, pra assinar a demissão. E aí, foi a saída mesmo, né? Não teve jeito. Ainda tentei argumentar que houvesse uma punição, né? Que não me demitissem, que punissem, né? Me tirasse da reportagem, por exemplo, que me botasse pro trabalho interno por um tempo ou até pra sempre, né? Saísse, caísse de repórter e fosse pra produtora novamente algo do tipo ou uma advertência... Mas não. Foram cruciais em demitir mesmo. Irredutíveis.

G: E como é que você se sentiu com essa decisão?

A: Aí, eu me senti muito mal, me senti horrível mesmo, revoltada, mas depois a me acalmei. Até apareceram alguns advogados, pedindo que eu processasse a empresa, né, processasse a TV. Só que aí, minha mãe me aconselhou que isso poderia fechar portas em outras emissoras. Aí, eu deixei quieto. E hoje, é... eu vi que foi até uma atitude acertada minha, né? Porque eu não ia levar nada processar... aquela luta, lutando na justiça, provavelmente eles iam ficar recorrendo e eu também. E ia ser um desgaste que poderia realmente causar uma, uma imagem ruim minha profissional pra outras emissoras. E aí, eu deixei para lá, superei a dor, né, a tristeza. Minha mãe que não supera até hoje, mas eu superei graças a Deus e sigo a vida tranquila. Pra mim, eu penso que Deus preparou alguma coisa, se eu tive que sair dali foi porque teve uma razão. Minha missão não era ali ou minha missão ali foi cumprida até aquele período. Deus quis que eu ficasse ali naquele período. Tem hora que eu penso que foi uma forma de Deus controlar a minha vaidade, que realmente eu tava muito vaidosa, meu ego tava muito alto. Tava me achando a última bolacha do pacote por ser uma mulher trans, repórter na televisão. Então, quando eu chegava nos bairros que as pessoas vinham com aquela loucura, aquele fanatismo: "Eu quero tirar foto, eu te amo", sabe? E aquilo mexe com o ego da pessoa. E aí, a vaidade subiu com a cabeça. Então, eu acho que Deus ficou assim: "É? Eu te dei pra você ter humildade. Você tá com vaidade. Pera aí, venha!". Aí, ó,! [faz gesto com as mãos]

G: Hoje você já superou essa questão.

A: Superei. Minha mãe que ainda não. Minha mãe, até hoje, minha mãe encontra alguém de TV e comenta isso.

G: Hum, mas você comentou, Alana, que antes, você já vinha sentindo uma pressão dentro dessa redação da *TV Aratu*, com mais trabalho. Você acha que, é... isso você era cobrada a mais por ser uma mulher trans? Acha que isso interferia em alguma forma dentro das suas relações, é... do ambiente de trabalho lá da TV Aratu?

A: Eu eu não sei bem, viu, Giovana? É... às vezes, eu penso que sim por essas questões que me contaram depois, né? De dizerem "Ah porque chegou agora e já tá na janela. E a gente tá aqui em pé no ônibus há mais de ano e ela chegou, já achou um lugarzinho e sentou na janela". Então, assim, às vezes, eu penso que isso era uma forma mesmo de tentar desestruturar emocionalmente. É aquela coisa que hoje tá muito na moda se falar, né, a coisa do, do, da, da... me fugiu o nome agora do trabalho, que é aquela pressão de trabalho que fazem muito nos profissionais, né? Que acaba tendo até alguns problemas de saúde...

G: *Burnout*?

A: Isso! Exatamente, é exatamente, eu acho que era uma forma até de, de... mexer emocionalmente, né? E aquela pressão toda. Claro que toda redação, principalmente de TV, tem essa pressão. Tem, só que assim, pensando hoje friamente já há longo prazo, né, de depois de muito tempo do fato. Eu penso que, é... tinham coisas muito estranhas e era uma cobrança que eu não via tanto também com outras pessoas, né? Agora também, eu digo, essas pessoas já tinham anos de experiência na casa, eu não tinha. Então, eu... poderia ser isso também, né? Talvez eu tivesse fazendo algo mais devagar, mais relaxado mesmo e sendo mais cobrada, mais exigida, né?

G: E essas outras pessoas que... você comentou que na sua editoria, você trabalhava com jornalismo policial, né? Era a maioria, eram repórteres homens.

A: Isso.

G: E você sentia que talvez não fossem cobrado por serem homens...?

A: Sim, tinha isso também, né? Era uma coisa mais tranquila. Por outro lado, também tinha a questão da gente não ter produção, né? A gente... eu era a repórter, produtora. É..., às vezes, eu subia pra ilha, mas por uma vontade mais até minha também pra aprender a edição, tudo.

É... quando eu ia, quando eu fazia uma matéria de jornalismo era bem diferente que não era um plano sequência, porque a maioria das matérias eram plano sequência, então, quando eu ia pra uma matéria ali com passagem, off, aí, mandava o texto pra editora pra ela corrigir alguma coisa que tinha que corrigir. Então, era bem... era bem complicado. Aí, depois que um programa foi extinto, a produção desse programa passou pra gente. Aí, facilitou mais. Mas aí, já tava faltando uns três meses pra eu ser demitida. Foi bem recente da demissão mesmo.

G: E voltou para Riachão do Jacuípe, pôde ficar de volta com a sua mãe. Como é que foi, é... essa volta? Você voltou direto pra *TV Gazeta*?

A: Eu, não...

G: A *Rádio Gazeta*, desculpa.

A: Isso. Quando eu sai da TV, eu ainda tive a esperança de conseguir um trabalho. Os primeiros meses, eu tava com aquela, aquele, aquele... furor de que... alguma emissora ia me cantar logo, né, pela questão do trabalho, que eu fazia de tudo, mas o tempo foi passando, não chegava nenhum contato, não chegava nenhum convite... Aí, eu fui sair da zona de conforto, eu digo "não, eu vou pro-, eu vou procurar agora". Aí, peguei meus currículos, botei debaixo do braço e fui cuidar. Aí algumas emissoras, eu recebi portas fechadas, outras recebi portas abertas. A que mais me acolheu foi afiliada da *Globo*, a *TV Bahia*. Por incrível que pareça, todas as vezes que eu fui, o diretor me recebia, conversava. Passei por duas seleções de trabalho, uma quase eu fui contratada, mas não era o perfil que eles queriam ainda na época. E aí, tudo isso foi... me deixando meio balançada. Quando chegou num prazo que eu disse, "olha agora eu vou partir pra outros caminhos", que aí, assessoria, pra botar currículo em outros lugares... Aí, apareceu uma oportunidade de trabalhar na assessoria. Que aí, foi o Governo do Estado. O próprio partido que usou minha imagem, alguns amigos do interior que eram desse alto escalão pensaram "não, ó, a gente tem que compensar ela de alguma forma, né? Porque ela perdeu o emprego dela e tudo". Aí me colocaram na assessoria de uma Secretaria de Estado, na ascom. Foi aí que me motivou a fazer a pós-graduação em Assessoria de Comunicação. E aí, eu fui fazer a pós, e aí veio a pandemia. Só que a pós, a gente acabou concluindo na pandemia, né? Tivemos algumas aulas, é... em casa, é...telepresencial, né, por computador. E aí, eu concluí. Só que a pandemia tirou completamente, o mercado de trabalho virou de ponta a cabeça, né? E aí, eu disse "olha, ou eu fico aqui esperando acabar definitivamente a pandemia pra tentar novamente trabalho ou eu volto pro interior". Aí, esse...

o, o prefeito da época, que é muito meu amigo - que tá concorrendo agora como pré-candidato a prefeito e eu tô no grupo dele com pré-candidata a vereadora - ele era prefeito, tá vindo pra reeleição, ele disse "ó, vem trabalhar comigo, se eu conseguir êxito, de ser reeleito, a gente te encaixa novamente pra você trabalhar aqui". Aí, acabou que infelizmente ele perdeu as eleições, mas ele tem membros na associação da rádio comunitária que... é, é... são amigos, né? Porque tem a mesma ideologia política dele e disse "Não, se Alana tiver interesse, a gente encaixa ela novamente aqui na *Gazeta*". E aí, a gente criou um projeto de um programa combativo, um programa que fiscalizaria as... fiscaliza até hoje as situações da gestão; o que tivesse certo, parabéns, o que tiver errado, dá ênfase naquilo ali, jogar a luz naquilo ali para que a população tenha acesso, reclame e fale. Infelizmente...

G: Qual o nome do programa?

A: É... começou como "Gazeta Alerta". Depois virou "Jornal da Gazeta". Só que aí, o atual gestor, infelizmente, ele começou já a gestão desastrosamente. E aí, acabou que praticamente tinha dia que nós tínhamos duas, três pautas trazidas pela população. "Ah, minha rua aqui tá assim"; "Ah, porque eu fui falar com o prefeito, me tratou mal"; "Ah, porque o prefeito é arrogante". E aí, ele começou: bloqueando pessoas.... isso com uns quatro, três, quatro meses de gestão.

G: E isso logo depois das eleições...

A: Das eleições.

G: Do seu colega que se lançou a prefeito e você se lançou a... Ah, não, você tinha se lançado antes.

A: Não, eu tô me lançando à pré-candidata a vereadora agora. Naquela época, eu só tava participando da campanha.

G: Ah, sim, E aí quem foi o prefeito que ganhou?

A: É Carlos Matos⁸⁰, o nome do atual. É o opositor a ele, que era o José Filho, que é, que tá indo agora, que eu tô no grupo. E esse prefeito atual é Carlos Matos. E aí, ele começou a

⁸⁰ Carlos Matos (União Brasil), conhecido como "Carlinhos", foi reeleito prefeito de Riachão do Jacuípe em 2024, com 49,51% dos votos, barrando o adversário, Zé Filho (PDT), com 40,8%. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2024/noticia/2024/10/07/eleicoes-2024-carlinhos-do-uniao-e-eleito-prefeito-de-riachao-do-jacuipe-no-1o-turno.ghtml> Acesso em 09 dez 2024.

tratar as pessoas com uma arrogância descomunal e muitos problemas acontecendo. Ainda tinha o resíduo da pandemia em 2021, não teve São João, inclusive, na cidade, né? Festejos juninos ainda tavam suspensos e algumas dificuldades. Só que ele começou a fazer um, um... é... falas culpando a gestão passada. Tudo é gestão passada, tudo é gestão passada. E aí, nós começamos a combater isso no programa, mostrando que não era tão bem assim só a gestão passada. Chegou um período que a gente começou a dizer "Prefeito, começa a olhar pra frente, esquece o passado. Sai do retrovisor. O para-brisa é maior que o retrovisor porque você tem que olhar para frente". E aí, eu comecei a fazer cobranças mais incisivas, e aí, foi quando começou... aconteceu os processos, é...várias, várias intempéries entre mim e o grupo político dele. E aí, eles me colocaram no papel não de jornalista, e que, é... num veículo de comunicação, que tá sendo - a gente sabe que hoje não existe, é... imparcialidade 100%, né? Tem emissoras que são tendenciosas pra um lado e outras que são pra outros. Então, eles me colocaram no papel de carrasca, de opositora. Eles não, eles não viam o programa "Gazeta Alerta" como jornalista. Eles colocaram o programa como um programa de oposição.

G: E como é que você se sentia você tendo esse seu trabalho diminuído, né? Descrédibilizado. Porque você tava fazendo um trabalho jornalístico. E quando... como é que você se sentiu quando você viu que não tavam tratando seu trabalho como, é... jornalístico e mais sim como uma campanha de oposição?

A: Ahhh, eu me revoltava! Eu me revoltava porque eles... chegavam notas da prefeitura e eu botava no ar. Eu convidava pessoas da, da gestão pra ir lá, dar esclarecimento e não ia. E aí, eu ficava sabendo que era o prefeito que proibia, dizia "não, não vai". Chegou ao ponto de eu convidar via ascom o prefeito pra ir lá, pra dar entrevista, ele não aceitava, não ia. Então, ele mesmo foi criando esse cenário, que foi me... me colocando para o caminho realmente de chegar a, a uma situação que hoje eu tenho um problema pessoal com ele. Eu não tenho, eu não tenho a mínima condição de ter uma vivência mais amistosa com ele de amizade. É tão, é tão grave que eu não consigo olhar pra a cara dele e cumprimentar ele.

G: E ele tá se lançando à reeleição.

A: À reeleição.

G: E... Alana, você comentou que foi nessa situação que começaram, né, os processos vindo... vindo dos políticos, que antes você já tinha sofrido processos de familiares que

sentiram incomodados com a exposição de imagem. Como é que foi essa, essa questão dos processos? Começou como? Como é que você tomou ciência desses processos?

A: Ah, o primeiro foi logo em março de 2021 e partiu de uma prima minha. Minha prima, a filha dela, ela é minha.. acho que ela é minha prima de terceiro grau, a filha de quarto ou quinto grau. Ou ela é quarto e a filha é quinto. Ou ela é terceiro e a filha é quarto grau. E o noivo da filha, né? Ela tentou induzir o filho também, mas o filho não quis se envolver, que seriam quatro me processando. E aí, eu me lembro que eu tava na rádio e o oficial de justiça propositalmente....Ele me conhece, desde criança, é amigo da minha mãe, sabe onde eu moro. Mas ele foi pra *Gazeta* propositalmente, intencionalmente durante o programa. Me parece que a intenção era até que eu saísse do ar, pra receber a, a, a demanda e talvez nem voltasse pra fazer o programa. Porque eu acho que, o que me vem na mente, eu acho que, na cabeça deles, eles, eles pensaram assim "olha, ela vai tomar um susto tão grande, que ela vai derrubar o programa e não vai voltar mais. E aí, no outro dia ela vai pensar se vai fazer o programa ou não. Vai ficar com medo". Mas... eu dei um intervalo comercial. A... o... a menina da secretaria entrou e disse "Ó, tem um oficial de justiça aí" "Você mande ele esperar. Mande ele esperar, eu só vou atender quando acabar o programa. Eu não vou parar aqui, o intervalo é cinco... é três minutos e não vai ter tempo de eu conversar com ele e saber do que se trata pra eu voltar pro ar. Deixe terminar". E ele ficou lá até duas horas da tarde, esperando. Que o programa era de meio-dia, de meio-dia às 2:00. Aí, quando saiu, ele me apresentou e disse assim "olha, é... abriram uma queixa". Eles não falam "processo", eles falam "queixa". Você pensa o quê? "Ô, porra, foram na delegacia e deram queixa minha". "Ah, abriram uma queixa contra você, tá aqui a intimação e você tem que comparecer no Juizado e blábláblá, blábláblá, blábláblá, assine aqui".

G: E o horário da audiência era o horário do do programa?

A: Não, não. Ele só foi entregar no horário. Não tinha audiência marcada ainda, não. Ele só tava me dando ciência de que abriram um processo contra mim, mas com palavras que induzem a você ter medo. "Queixa", "você vai ter que ir no Juizado", "você vai ter que ir perante ao juiz", é..."é um problema", sabe? Ele cria um cenário. Eu acho que já tem uma estratégia de oficial de justiça, ele cria um cenário, estratégia, pra você ficar com medo. E aí, quando eu olhei, que eu olhei e eu vi o nome "Daniela Cordeiro" eu digo "Porra, véio, minha prima! Eu falei o que de Daniela?". Isso... isso antes eu já tinha recebido um áudio de uma sobrinha dessa Daniela, que é filha de outra prima, de alguém que eu chamava de tia, que das

irmãs... Porque essa Daniela é a irmã caçula, é a filha caçula, a... a outra que eu chamava de tia é das irmãs mais velhas, é Dasony. Eu fiz uma brincadeira no programa usando o nome de.. Dasony e do marido, que o nome é Rock e eu chamo, eu chamava os dois de tio. Tio Rock e tia Dasony. Eu fiz uma brincadeira pra fazer uma reclamação de uma... de uma situação da Prefeitura na rua dela. A filha dela pegou um áudio de dois minutos falando as coisas mais horríveis pra mim. Então, por esse laço de carinho que eu tinha, eu desabei. Aí, veio o processo de Daniela. Eu disse "Pô, véio, não tem nem três dias que eu recebi o áudio de, de Natália, filha de tia Dasony; a irmã, Gegel, me esculhamba onde chega porque, é... trabalha pra prefeitura, é do... é do grupo político do prefeito e agora vem um processo. Aí, assim, foi um baque, né? Foi um baque. Eu não tinha a, a ajuda da Abraji e nada ainda. O filho do, do ex-prefeito é um senhor advogado, um ótimo advogado. Tem um escritório de advocacia, que é o que me assiste hoje eu via Abraji, que a Abraji fez a parceria e o...o advogado é muito meu amigo também. Então, eu digo "bom, eu vou procurar alguém pra fazer minha defesa". Minha mãe queria que eu fosse para o sindicato, que lá o sindicato tem um advogado disponível, porque minha mãe é servidora do município. Só que esse advogado é aquele que eu te falei que sentou do lado do autor da família que eu perdi a causa. E pasme você, Giovana, ele é do grupo político do atual prefeito. Ele faz política com o prefeito, ele levanta a bandeira do prefeito. Inclusive, eu sei de conversas que ele tem benefícios lá na Prefeitura, né? Via contratos e essas coisas, né? Então, eu disse "não, Marcelo eu não vou querer que Marcelo tem negócio de política com, com, com o prefeito. Não vai me defender nada". E aí, eu parti pra... para o, para a situação do escritório. Aí, começou a acontecer algumas coisas, que foram criando, né? Aquela... aquela coisa que começou a vir muitos processos e eu me lembro...

G: Quantos processos mais ou menos?

A: Foi... só em 2021 foram seis. Só em 202. Aí, quando iniciou 2022, veio uma cacetada, que, somando tudo... eu, se eu não me engano, deu uns dezesseis processos. Só do prefeito foram nove, nove ou foi dez. E aí, foram uma enxurrada e aí eu me lembro que em 2022, é... a...a Tatiana Farah, da Abraji, entrou em contato comigo, me parece que tinha acontecido... alguma coisa que eu coloquei na mídia, que chegou até eles. Eu não me lembro bem agora como eu consegui esse contato com a Abraji. Eu sei que a Abraji me monitorou por esses fatos. Algumas ameaças também que eu recebi, que eu acabei colocando em rede social. E aí, Tatiana, eu me lembro até hoje que eu tava em casa, recebi uma ligação daqui de São Paulo. E

aí, eu "não sei... o que será?". Quando eu atendi, ela, assim, se apresentou, falou que era daqui, me convidou prum curso de defesa pessoal. Que eles estavam promovendo e que eles estavam custeando pra alguns jornalistas participarem e, pelo monitoramento, eles viram que eu tinha muita necessidade daquilo ali. E aí, foi quando eu vim para cá, aí foi quando eu tive completo contato aqui com a Abraji. Eles começaram a me assessorar, a me assistir. E aí, 2022, eu vim participei do primeiro congresso, vim como, como participante. E aí, 2023, eu vim como palestrante e agora novamente.

G: E eu tava lá na sua mesa de 2023! Te assisti junto com a Vera Magalhães, né?

A: Foi! Maravilhosa!

G: Foi quando a gente se conheceu.

A: Exatamente, quando a gente se conheceu.

G: E que eu conheci seu trabalho. Muito bacana, Alana. É... mas... queria só voltar nessa questão dos processos, você contou, assim, que nesse primeiro você ficou muito assustada, né? Sem saber o que fazer, ainda mais descobrindo que aquele advogado que tinha atuado no seu processo lá atrás, tava, né, é... se aliando ao grupo político do prefeito. Como é que foi esse momento que você, é... começou a ser alvo de muitos processos, como é que você se sentiu assim? Sem...ainda sem conhecer a Abraji?

A: Eu fiquei um pouco temerosa, principalmente, porque um advogado me falou que nessas coisas era melhor já fazer acordo, fazer retratação. E eu sou uma pessoa que... esse lado meu de, de, de... de altiva, eu não perdi ainda. Eu sou, eu quando eu vejo que eu tô com a razão, eu vou até o fim. E aí, eu falei pra ele assim "não, eu não vou me retratar. Não vou tirar, voltar atrás do que eu disse que vai parecer covardia. Eu vou estar sendo covarde e é isso que eles tão querendo. Aí, eu vou até o fim e não, não vou fazer acordo". Tanto que, até hoje, sempre meu advogado pergunta, o doutor Mateus, que é quem me assiste hoje no escritório que a Abraji tem a parceria, fala assim, "Alana, você tem a possibilidade de acordo. Você quer fazer acordo?" "Não, doutor Mateus, não quero fazer acordo. Não vou fazer acordo. Vou recorrer, vou até a terceira instância, mas não quero acordo porque eu tenho, eu sei que eu tenho razão do que eu tô falando". E aí, é... eu, fiquei um pouco temerosa, não vou mentir. E principalmente pra essa questão de advogados. Mas aí, o.. o... a Associação da Rádio Comunitária chegou junto comigo. O ex-prefeito também, que é o atual, o atual pré-candidato

que eu tô apoiando, que foi o prefeito também, né? Deu uma estrutura de um apoio também, através desse escritório que tem a parceria com a Abraji. E, quando a Abraji chegou, foi a luz no fim do túnel, né? Foi o sol que clareou tudo, a tempestade que passou. E aí, eu me senti mais forte e mais tranquila.

G: Hoje você é assistida de que forma pela Abraji?

A: Com advogados.

G: [confirmando] Com advogado.

A: Advogados.

G: É... algum outro tipo de auxílio, eles te dão ou é mais essa questão jurídica?

A: Dá essa questão jurídica, é o principal, mas também tem um apoio psicológico, acolhimento, conselhos, principalmente da Kátia⁸¹. Por parte da Kátia, de Tatiana que falam muito “Ó, Alana, cuidado com isso”. Angelina⁸² também, Angelina tem muita importância nisso, ela sempre fala "Cuidado como você vai colocar as palavras, não chame de ladrão insinue que tá, que tá roubando, mas não diga claramente a palavra ladrão", né? "Suspeito de tal situação tá desviando". Você tá chamando ele de ladrão, mas não tá dando lugar a eles de processar. É o jogo de palavras que você, sabendo usar a seu favor, você tem toda uma... uma, toda uma proteção.

G: Depois dos processos que você passou, você sente que você mudou a forma que você conduzia seu trabalho dentro da rádio?

A: Não, não mudou muito não. Até por essa questão também, como eu te falei, eu, eu tenho essa natureza minha ainda, é difícil de mudar porque pra mim o que... aquele, aquele DNA meu não pode ser mudado porque é justamente o que me trouxe até aqui. Então, é o que eu digo e repito. Pra mim seria uma covardia eu voltar atrás e mudar essa situação.

G: E nesse processo ao longo desses anos 2021, 22. que tiveram mais, é... é... foram intensificadas as ações judiciais, você também foi vítima de algum outro tipo de violência? Não sei se você se sente confortável em compartilhar.

⁸¹ Kátia Brembatti assumiu a presidência da Abraji em 2022.

⁸² Angelina Nunes coordena o Programa Tim Lopes, da Abraji, voltado à violência contra jornalistas, em especial no interior do país.

A: Sim, sim, sinto. Eu fui vítima de transfobia por parte de um suplente de vereador da Tribuna da Câmara. Ele praticou o ato por duas vezes. Uma vez, ele foi sutil e [em] duas ele foi escancaradamente mesmo transfóbico, né? Me tratando no masculino, falando coisas pejorativas ao meu respeito. E o outro vereador, que já tinha praticado uma ameaça, algumas falas mais raivosas comigo lá nos corredores da Câmara - porque na época também eu cobria a Câmara de Vereadores, como até hoje eu frequento realmente a Câmara de Vereadores. E esse mesmo vereador teve um ato violento contra mim, que ele foi até a emissora, tentou invadir a emissora pra me agredir, o portão estava trancado, ele não conseguiu... era um portão de ferro, ele não conseguiu nem arrombar, apesar de dar dois pontapés no portão. E meu carro tava parado na porta, né? E, por coincidência, é meu carro clássico, que no dia eu tava utilizando o carro antigo que eu tenho, que é o carro clássico. E aí, ele se viu na ira que ele se viu, pegou pedras e arremessou no carro. E aí, quebrou três vidros, dois vidros do carro, amassou uma parte da porta na lateral e deixou o recado praticamente, né? Que aquelas pedrada seriam pra mim. E aí aquilo ali me chocou muito. Eu me lembro eu tava dentro do estúdio, não ouvi barulho nenhum, mas testemunhas presenciaram. Que, graças a Deus, foram, foram quem acenderam a luz, porque eu tinha suspeita, mas não tinha certeza. E aí, eu pude abrir o processo, eu pude dar a queixa contra ele por conta disso. E aí, eu me lembro de eu tomar um choque, foi um baque. Primeiramente pela violência do ato e, segundo, por se tratar daquele carro ali, né? Se tivesse sido meu outro carro que eu uso no dia a dia, que também é um carro até mais antigo, mas que eu tenho um afeto grande também, porque meus dois veículos tem um laço afetivo com eles também, né? Por conta que um veio através de minha mãe; o outro veio através da minha avó, que já faleceu. Então, existe todo esse laço afetivo também com os carros. Além, para além do laço afetivo, aconteceu... para além da dor emocional da violência, o laço afetivo com o veículo. Então, aquilo ali me causou uma coisa assim estrambólica de, de, de tristeza, um misto de tristeza, de medo, de raiva e que me causou também um processo. Pasmê você! O prefeito me processou porque, na emoção, eu falei que aquilo ali poderia ter sido alguém liga... alguém politicamente pra se vingar de mim. E aí ele...

G: Falou isso na rádio?

A: Não, falei... eu comecei a fazer uma *live* quando eu vi o carro naquela situação, eu comecei a chorar e fiz uma live porque eu fiquei com medo do agressor ainda tá ali na redondeza. Porque eu tava sozinha, tava deserto na hora. A oficina do lado tava fechada. É... a

rua tava deserta, e aí eu disse "ele pode tá aqui e vir me agredir". E aí, eu comecei a fazer uma *live*, porque se viesse, eu ia filmar, eu ia mostrar: "ó, tá aí, tá aí me agredindo". E aí, é... eu acabei falando, na emoção, né? Que poderia ter sido alguém, que eu tinha falado coisas fortes naquele dia referente à Câmara. Mas eu tava direcionando mais a suspeita pro vereador do que pro prefeito. Mas eu acabei falando "Pode ser alguém ligado ao grupo político do prefeito e tal". Aí, por eu falar essa frase, ele me processou, dizendo que eu tinha acusado ele em um vídeo de ter mandado quebrar o carro, de ele mesmo ter quebrado o carro.

G: E esse vereador era de fato ligado ao grupo do prefeito?

A: É, é. Ele foi eleito no grupo do ex-prefeito, esse que eu apoio hoje. E, quando ele foi eleito pra ser uma oposição, com meses de mandato, ele pulou pra situação.

G: E o que que você tinha falado na rádio antes que você acha que pode ter motivado....?

A: Nesse dia, era dia de sessão da Câmara. A rádio comunitária, ela transmite a sessão. E eu ia lá, acompanhava ao vivo, ou às vezes o acompanhava em casa pelo *YouTube*, que eles têm também canal no *YouTube* que transmite ao vivo. O...o avô desse vereador faleceu no início da semana, as sessões de... da Câmara lá são dia de quinta-feira. O avô desse vereador faleceu na segunda-feira, foi encontrado morto. Na zona rural do município, na... numa propriedade rural dele.

G: Você sabe por quê?

A: É estranho, viu? Porque era o senhor que tava vendendo saúde e aparece na beira de um açude com o rosto dentro da água, como se tivesse desmaiado e se afogado com a água. Não houve, não houve.... é... perícia no corpo, perícia no local... Uma coisa bem estranha, viu? E aí, o sepultamento desse idoso foi na terça-feira. Quarta-feira normal, na quinta-feira o presidente baixa um decreto e coloca luto oficial na Câmara por três dias. Quarta, quinta e sexta.

G: E aí cancelou todas as agendas?

A: Cancelou todas as situações da Câmara. E isso vindo da semana anterior que tinha sido a Semana Santa. Não tinha tido também sessão porque a quinta-feira maior, tinha caído na quinta-feira. O feriado da Semana Santa tinha caído na quinta-feira, que era Sexta-feira da Paixão, mas eles deram recesso na quinta-feira pra emendar, pra fazer o feriadão. Então,

foram... foi um hiato de duas ações com, com um hospital municipal que tinha liberado um corpo de uma mulher pra fazer o sepultamento e o DPT (Departamento de Polícia Técnica do Estado da Bahia) chegou no velório, tirou o corpo da mulher dentro do caixão na frente da família e levou pro DPT. Pra fazer perícia no corpo. Com um erro médico no hospital municipal, com a denúncia de um médico que tava carimbando os, as receitas o, o, o, o prontuário, as receitas dos pacientes com carimbo de psicólogo, atendendo como clínico geral. Ó, que loucura! E todas essas demandas, eu estava denunciando no programa e vereadores da bancada de oposição iam bater naquilo ali, naquela sessão. Então, muito conveniente o presidente pegar uma desculpinha esfarrapada e botar um luto oficial. Aí, eu piquei o pau. Aí eu, só que eu não falei o nome do vereador e não ofendi em momento nenhum parente dele. A única coisa que eu falei do avô dele foi "esse senhor, ele nunca foi político. Ele nunca foi vereador, ele nunca foi prefeito, ele não tem trajetória política na cidade pra justificar a Câmara botar um luto oficial de três dias, a Prefeitura decretar no Diário Oficial três dias".

G: E mesmo que tivesse, né? Como você falou, o falecimento dele foi na segunda-feira. Isso era quinta.

A: Exato, exato. E, além disso, há casos lá de uma mãe de um vereador na década de 90 que faleceu que o... as sessões eram seis da, seis da tarde, 18 horas. Enterraram a mãe do vereador às 17h. 18:30 ele tava na sessão. Ele, ele tava triste, tava em luto. Ele foi na sessão, se justificou e foi embora, e a sessão continuou.

G: Uma coisa é ele se ausentar por um luto dele, né? Outra coisa é ele fazer com que toda a cidade fosse prejudicada...

A: Exatamente.

G:... por conta disso.

A: Aí, ele usou o argumento de que eu disse que o avô dele não era ninguém, que eu tinha desfeito da... do avô dele e não tinha respeitado a família. Aí surgiu uma história de uma, de uma tia dele que mora com um policial, que inclusive é muito agressivo, que tava assistindo o programa no *YouTube*, que eu transmitia pelo *YouTube*. E que ela tinha ligado pra assistir o programa no *YouTube*, quando eu falei isso, que [ela] tinha desmaiado. E que o marido tinha chegado, tinha achado ela no chão, com um prato de comida por cima dela, que tinha levado

ela pro hospital. Inclusive, eu suspeitei dele, né? Porque ele.... foi quando eu fiz a *live*, né? E que as pessoas começaram a entrar me apoiando, ele foi respondendo a vários comentários, desfazendo do meu trabalho, me tratando no masculino, usando também da transfobia comigo. E... é... a questão também de o próprio vereador dizer que toda a família dele tava horrorizada com as coisas que eu tinha falado a respeito do avô dele. Então, usaram esse argumento de que eu tinha ofendido o falecido.

G: Depois que o... essa questão do carro apedrejado, você prestou queixa na delegada?

A: Dei, dei queixa. E aí, houve toda uma estrutura porque alguns servidores da delegacia são cedidos pela Prefeitura, a maior parte hoje na delegacia tem vínculo político quanto ao prefeito, então, houve toda uma dificuldade por registrar queixa. Inclusive, eu me lembro do agente que me atendeu dizendo que se eu colocasse o nome do suspeito na queixa e não provasse, que eu seria processada por, por calúnia, por, por suspeição. Esse tipo de coisa, é...que por eu não provar que tinha sido ele, né? E, na época, tinha as câmeras de segurança da rádio, mas eu não tinha certeza ainda se iam me fornecer essas imagens, como de fato não forneceram. E aí, foi toda aquela pressão. Inclusive, esse próprio agente da Polícia Civil discutiu comigo depois e eu gravei ele, ele me agredindo verbalmente na delegacia porque eu fui cobrar meu depoimento, que fosse impresso, para eu ir para Salvador para a Secretaria de Segurança Pública do Estado pedir providências. E na, e na, no...na Assembleia Legislativa também. Tinha sido convidada para uma mesa para participar, relatando esse fato, mas eles pediram que eu levasse o meu depoimento impresso, com o número da ocorrência, pra eles anexarem em documentos. E eu não pude ir. Aí, eu fui dizer que tava indo na Corregedoria, e esse policial entendeu que eu tava indo na Corregedoria denunciar. Aí, partiu pra cima de mim.... com palavras completamente grosseiras. E aí eu, me lembro na hora de ter a....de ter a a maldade, né? Digamos assim, de gravar, de ter a inteligência de gravar ele falando porque eu poderia guardar aquilo ali para algumas eventualidades.

G: Você se mostra que tá sempre já com... de certa maneira, prevenida, né? Nesse sentido. Você acha que isso acontece porque você já foi vítima outras vezes, de outras retaliações?

A: Sim, sim.

G: Isso te fez, é...

A: Ter mais cuidado.

G: Ter mais cuidado, né? Em tudo. Você fala que em falar nem tanto, né, mas pelo menos em registrar a sua versão.

A: Sim, exatamente.

G: E isso você foi adotando ao longo do tempo ou sempre teve?

A: Não, fui adotando, fui adotando. Essa coisa de ligar a câmera pra se alguém tiver algum movimento suspeito. Meu carro, às vezes, eu pego o próprio celular e coloco como câmera de monitoramento de trajeto, quando eu tô com alguma coisa que possa.... possa acontecer. Por exemplo, chegaram a dizer lá que, em algum dado momento, iam frear um carro de vez na minha frente e iam bater no fundo. E quem bate no fundo sempre tá errado, né? Então, às vezes, é... é um cuidado que eu tenho, eu procuro manter muita distância quando eu vejo que é um carro de alguém ligado ao prefeito, que lá todo mundo conhece todo mundo, né? E agora com os adesivos de pré-campanha, que estão febre lá na cidade. Então, quando eu vejo, eu já tomo uma distância, eu já evito colar, parar do lado, encostar, estacionar do lado. Ligo o celular pra monitorar meu carro, tudo isso, eu tomo esse cuidado. À noite, é muito difícil sair pra festas lá, eu não gosto. Já não gostava porque multidão, essa coisa de.... e lá todo mundo conhece todo mundo, então, eu vou pra uma festa que eu já sei quem é todo mundo, que eu já conheço, eu prefiro ir pra um lugar que eu não conheço ninguém, conhecer caras novas.

G: É... Alana, cê se arrepende de alguma coisa que você falou, publicou na rádio, comentou...?

A: Eu me arrependo hoje de um tempo que eu não era profissional ainda, mas que eu já trabalhava com comunicação. Que hoje, inclusive, ele é o presidente do partido, que eu tô filiada, o PSB, que ele também é ex-prefeito lá da cidade. Ele se chama Laurinho e ele...por um tempo nós tivemos uma inimizade muito forte, mais minha pra ele do que dele pra mim, e eu fui muito agressiva com ele. E então, eu cheguei a publicar algumas coisas não só no blog, mas também redes sociais. Ele passou por alguns processos, né, judiciais, improbidades administrativas, que ele respondeu e que ele provou a inocência dele, mas que, naquela época, com a mentalidade poluída que eu estava, eu acabei fazendo muita maldade com ele, usando da minha ferramenta jornalística, usando do, do, do meu do meu trabalho. Então, a única coisa hoje realmente que eu tenho um grande arrependimento é de ter feito isso com ele. Inclusive, pedi perdão a ele, hoje, a gente tem uma amizade incrível, tem uma amizade linda. Eu estou indo para a política pelas mãos dele, ele é um líder para mim. Hoje é o presidente do

meu partido. O filho dele também é vereador atual na cidade, vereador de mandato, tá indo também para reeleição. Então, é, é um laço que ficou muito forte, muito bonito. E que eu procuro, Giovana, cada dia conquistar. Porque eu brinco muito com ele, eu tenho gatilho, eu com ele, eu tenho um gatilho. Quando eu vejo que alguém vai fazer uma falsidade com ele, eu tento avisar. Tem algumas coisas que eu vou fazer que eu penso duas vezes se aquilo ali não vai despertar nele algo que ele pense que eu esteja, é... tentando agradar ele excessivamente tipo pra, pra reparar esse dano que eu cometi. Então, assim, ele é uma pessoa hoje que eu lido com, com todo cuidado do mundo, com toda a sensibilidade possível. Pra repor, tentar de alguma forma desconstruir - que eu sei que eu não desconstruí ainda isso 100%. Eu tenho certeza que ele, ele tem um coração gigante, ele tem um coração enorme, mas ele eu tenho, eu acho que ele ainda tem um pezinho atrás comigo, né? Não só por minha causa, mas por diversas outras coisas e outras pessoas que politicamente também sacanearam ele. É, inclusive agora mesmo aconteceu um fato, coitado, que ele nunca esperava, né? Duas pessoas que ele... era, era como um filho pra ele e pulou pro outro lado político lá da cidade e causou uma tristeza enorme nele e decepção. Então, assim, ele deve ter um pé atrás, mas eu procuro desconstruir cada dia. 100% eu sei que eu não vou conseguir, mas digamos que eu cheguei a ler os 80, 90 por cento de, de, de... reconstruir, reconsiderar tudo isso de ruim que eu fiz pra ele, que eu me arrependo hoje, falando jornalisticamente de muita coisa que eu publiquei, que eu falei em rede social dele, isso deu tempo todos os dias.

G: Mas, no programa lá da *TV Gazeta*, *Gazeta Alerta*, jornal da *Gazeta*, não?

A: Não, não. No “Jornal da Gazeta” de nada mesmo.

G: Se voltasse atrás, faria tudo de novo?

A: Faria tudo de novo e agora com o apoio da Abraji, eu faria até com mais cuidado pra deixar eles nem a possibilidade de processar. De nada! Vou deixar nem um fio!

G: Fora no..., na questão lá do carro apedrejado, você fez o BO. Mas nos outros casos, é... você mencionou um caso de transfobia também dentro da Câmara Municipal, você chegou a registrar queixa?

A: Registrei. Dei queixa...

G: Deu em alguma coisa?

A: Tá rolando o processo, tanto do carro, quanto do vereador. Inclusive, esse, esse suplente, ele me processou. Ele me processou e ele ganhou em primeira instância. Aí eu recorri, ele ganhou. Era pra eu indenizar ele em R\$ 5000 e fazer uma retratação, aí, eu recorri, nossos advogados recorreram... Aí, ia ser votado agora, o recurso ia ser votado pelo Tribunal de Justiça da Bahia na semana passada, mas foi retirado de pauta porque um advogado pediu sustentação oral. Aí, quando pedem sustentação oral, eles retiram da pauta e colocam na próxima. E aí, e.... o processo do carro também tem, é..., houve uma perda de prazo que meu advogado entendeu que não era... não era correta. Ele entrou com uma apelação. E aí, o Juizado em primeira instância não aceitou essa apelação. E aí, nós jogamos, recorremos também para o Tribunal de Justiça pra que essa apelação seja aceita e o processo siga o rito que deve seguir. E não ser arquivado, como se pretendia, por conta da perda de um prazo que realmente não era um prazo que.... tava, que tava ainda decorrido, né? Ainda havia uma possibilidade desse prazo.

G: Você acredita que esses processos vão surtir algum efeito?

A: Eu desejo que sim, inclusive, até pra os anais da própria Abraji, né, que tem dado esse apoio, pra que seja até...algo a ser mostrado para, para prosperidade, para outros profissionais futuramente, para que tenham um norte, né? De saber que nem tudo, é... em tudo são flores, mas também, nem tudo são espinhos, né? A gente tem ali o meio termo.

G: E durante, é... esses processos, você chegava a levar.... antes da Abraji, você chegava a levar, é... pros seus superiores da, da rádio, pra... você falou que tem uma associação também da rádio comunitária.

A: Sim, sim.

G: Como é que eles recebiam essas denúncias quando você falava tava sendo "ó, tô sendo alvo de vários processos judiciais". Houve um acolhimento, nesse sentido?

A: Houve, houve, sim, toda essa tratativa, toda essa articulação de colocar o escritório à minha disposição, inclusive sendo pago, né, por, por... por apoiadores, né, da, da associação. Pessoas com recursos financeiros que diziam "não, a gente vai fazer o pacote e vai fazer a defesa dela". E, até hoje, é, é uma situação que eu posso ligar a qualquer momento pro advogado, posso ir no escritório, que eles estão lá a meu inteiro dispor.

G: Que bom, né? Porque pra muita gente não é assim, não tem esse apoio, às vezes, da própria empresa.

A: É, verdade. Com certeza! Mais uma vez, eu sendo a exceção da regra [ri].

G: Mas, então, você acha, Alana, que talvez a maior dificuldade seja lidar com essas disputas do poder local, né? Do... ligados ao grupo político desse prefeito?

A: Sim, sim. Infelizmente... felizmente na verdade. Não vou dizer infelizmente não, felizmente lá, a cidade respira política. Então, por mais que você tenha um trabalho normal, um trabalho comum, do dia a dia, você tem essa coisa da política ali enraizada, da política ali tomando conta mesmo, que você não tem como não fazer parte do processo. Ou você faz parte do processo como eleitor, como cabo eleitoral, como...um admirador, como...é....como uma pessoa que tá ali, ligada a algum grupo político, ou você toma parte como realmente um ente político, né? Uma pessoa que tá se colocando à disposição do processo. Então, é... é... o maior, a maior preocupação realmente hoje lá na cidade é essa realmente. É o carro-chefe que leva o dia-a-dia lá do município.

G: E acaba afetando, né? Todas as instituições. Então, você falou que foi lá na delegacia, também é ligado ao grupo do político.

A: É, exatamente.

G: Vai reclamar com alguém também? Todo mundo acaba tendo algum elo.

A: Escritórios até de advocacia que "ah, não, que eu tenho um fulano que é ligado ao prefeito" ou "eu tenho um laço com alguém de amizade" ou "eu tenho alguma coisa com a prefeitura. E aí, se eu for defender vai ficar chato". E aí, pronto. Prefere ou ficar neutro ou não defender.

G: Nesse processo, Alana, eu sei que é uma questão delicada, né? Mas, se você se sentir confortável, senão, não precisa, evidentemente, entrar em detalhes. Você chegou a recorrer algum tipo de, tipo de tratamento psicológico ou psiquiátrico pra lidar com a tamanha... com a intensidade das agressões?

A: Não, não procurei não. Porque, assim, eu sou, eu sou apaixonada por carro, né? E antigo mobilismo também é minha paixão. Então, eu vejo no antigo mobilismo uma terapia. Então,

muitas vezes quando eu tava me sentindo triste, apreensiva... eu gosto muito de música dos anos 90, dos anos 80, trilhas de novela. Então, eu pegava esse carro meu, clássico, abria a capota, né, que é um carro conversível. Botava uma música *flashback*, ia dar uma volta na rua. Eu voltava para casa outra. Quando não era isso, era o encontro. Né? Aí, por exemplo, cidades ali próximas. "Ah vai ter encontro de antigo hoje. Vai ser a carreata de tal lugar", aí eu ia com meu carro, aí aquela coisa de você tá ali brincando, participando, conversando com a galera dá um ânimo. Que eu me lembro que teve dois eventos que eu voltei para casa, eu fiquei dias feliz. Dias e dias sem preocupação, alegre, leve, tranquila. E o amor pela profissão também, que eu tenho. Eu amo jornalismo, sou louca por comunicação e gosto da política também. Então, todos esses fatores acabam se tornando um tratamento psicológico próprio, né? Porque eu amo a política, gosto de estar envolvida, inserida na política. É algo que eu faço com carinho, faço por gostar, por vontade. Ah, o antigo mobilismo, que é uma terapia. Eu vejo como uma terapia, com o encontro de amigos, como relembrar a infância. E o jornalismo. Que, pô, eu tô fazendo algo que eu gosto, é a profissão que eu amo. Eu digo que não foi... eu não escolhi o jornalismo, o jornalismo que me acolheu, que veio até mim, que me pegou ali. Então, tudo isso ajuda, ajuda bastante e evitou, né que fosse necessário realmente algo, algo, algo profissional de fato pra ter como cuidado.

G: E você sente que de alguma maneira as agressões que te atingiram chegaram - não sei se chegaram - a vir também ataques pra sua mãe ou pra amigos e familiares?

A: Aí, já foi complicado. Aí, minha mãe sente bastante, minha mãe pega um baque danado. Fica preocupada.... E aí minha mãe, ela é meio... minha mãe sim, eu acredito que se fizesse um tratamento, uma terapia, algo psicológico, ajudaria. Mas ela é bem fechada pra isso também. Ela não quer, não tem vontade. Ou ela começa e não termina. Agora mesmo, fisioterapia, era pra ela fazer e ela não tá fazendo, termina, parou. Então, assim, é... minha mãe, ela sente mais o baque. Mas também, por outro lado, minha mãe tem aquela coisa do orgulho. Quando ela ver que eu consegui uma vitória... eu tá aqui em São Paulo, Ave Maria! Ela pega minhas fotos tudo, bota... você abre o *Instagram* de minha mãe, você pensa que o *Instagram* é meu! [risos] Aí, quando ela vê, quando ela me vê nesses momentos, eu acho que ela para e diz assim "é, toda a loucura que ela faz, todo perrengue que ela passa, vale a pena por momentos como esse. Ó só onde ela tá hoje. Não é todo mundo que... não é todo todo profissional que tá no lugar que ela tá hoje". Quantos comunicadores tem na minha cidade? Repórteres... que são, não são nem formados em jornalismo, mas trabalham no dia-a-dia com

comunicação e não tem oportunidade de tá aqui. Que inclusive é um projeto meu, que eu quero trazer, fazer uma parceria com a Abraji, sendo eleita. Ou até mesmo não sendo, eu quero conversar depois com Kátia, com calma, pra gente abrir possibilidade pra pessoas de lá da região, poderem sentir isso que eu tô sentindo, experimentar dessa coisa boa que é tá aqui no congresso da Abraji. Então, é... quando minha mãe vê isso ela sente um orgulho enorme, aí eu acho que também ajuda ela a amenizar um pouquinho a preocupação. [Alana ri]

G: E é legal, né, trazer mais gente que tá ali na atuação local, que tem uma importância.... a cobertura local, eu acho que ela é a cobertura de ponta, é o dia-a-dia de investigação. Quem vai ter condição de investigar a atuação dos municípios é quem tá ali na base, né? É... então, é importante que essas pessoas tenham, estejam conscientes disso que a gente está conversando aqui. É...mas você, você disse que não teve nenhuma questão em relação a necessidade de tratamento psicológico nem psiquiátrico. Que bom, é... mas eu também sou jornalista. Eu fui... tava lendo algumas matérias sobre você, sobre esse caso terrível do... da agressão do... enfim do carro apedrejado, né? Teve uma dessas matérias de um pot que comentava que você chegou a pedir um afastamento no trabalho, por conta disso. Foi uma coisa que te abalou muito até pelo vínculo emocional do carro que você comentou.

A: Isso.

G: Como é que foi isso, Alana? Como que foi ter que pedir esse afastamento, você que é tão apaixonada pelo jornalismo?

A: Olha, foi bem chato. E não foi nem pela questão do medo, foi pela questão da, da falta de assistência da... da emissora. Porque eu tinha a certeza de que as câmeras iam ser... as imagens iam ser passadas pra mim, pra eu utilizar como prova, só que aí vieram com uma narrativa de que o equipamento tinha dado um problema. Que eu não acreditei de, de primeira... de primeira hora, eu não acreditei. Hoje, confesso que não acreditei ainda não, viu? Tá ali entre 70% de, de não acreditar e 30% de acreditar. E aquilo me revoltou. E aí, depois, é... uma das testemunhas disse que duas pessoas da rádio também testemunharam o ato. E essas pessoas negaram pra mim, então, com o queixo duro dizendo que não viram, que não estavam lá na hora. Sendo que a testemunha que atesta que viu o vereador quebrando, jogando a pedra no carro, olhou pra, pro mezanino da rádio e viu duas pessoas que trabalham na rádio lá, vendo, presenciando a ação. E essas pessoas... então, assim, eu senti nessas pessoas, uma falta de humanidade, uma falta de, de empatia. Como é que você vê uma pessoa

que trabalha com você, que tá ali convivendo no dia a dia, tendo um bem danificado, um risco de vida que se entra na rádio, na ira que ele tava, me pega... poderia até praticar a um ato violento comigo, e você se negar, poxa, a dizer isso? Mesmo pedindo sigilo? "Ó, eu vou te falar aqui, mas não me envolva". Mas, vá até o fim, pô! As duas pessoas foram pra delegacia comigo! Tavam do meu lado!

G: No dia, foram pra delegacia e depois se recusaram a depor?

A: Não, foram pra delegacia sem saber de nada, como se tivessem indo me dar apoio. Tava do meu lado e viram a pressão que eu sofri pra dizer se eu colocava ou não a suspeita na queixa. E eu olhei pra um, deu de ombro. Eu olhei pra outro, deu de ombro. Então, assim, foi de uma frieza descomunal. Podia me chamar de canto e dizer "Ó, Alana, diga que foi ele mesmo. Vá até o fim. Eu vi. Agora não me envolva porque eu tenho medo, eu não quero e tal". Eu ia entender. Eu só queria a segurança daquele momento ali para dizer "Ó, foi fulano". E aí, aquilo me revoltou. Eu digo "Ó, eu não tenho condição nenhuma de voltar prum ambiente desse e conviver com uma pessoa dessa". Aí, eu digo "não volto mais pro programa. Não vou mais trabalhar num lugar que as pessoas tão, tão sendo falsas comigo".

G: E por que você acha que eles não.... não, não bancaram?

A: Eu acho que... acho que foi política... porque havia ou há ainda, não sei, a possibilidade desse vereador vim fazer uma conjuntura política no atual grupo que eu faço parte. É... medo, porque esse, esse, uma das testemunhas na década de 90, ele foi agredido fisicamente. Por conta de questões políticas, teve uma orelha arrancada. Então, não sei se quando ele viu aquilo ali, despertou um gatilho nele. De medo... de ser agredido novamente. Ele aí se trancou, né? E nega que tenha visto. E... a questão da câmera, que muita gente fala, né? Que o... as imagens das câmeras foram fornecidas para um político, para que ele pudesse chantagear o cara ou futuramente o cara vir pra um grupo político e fazer conjunturas políticas, porque eu não acredito muito hoje nisso, né?

G: E aí você ficou quanto tempo afastada da rádio?

A: Fiquei... até hoje. Até hoje.

G: Até hoje você não voltou?

A: Não voltei mais, não voltei mais.

G: Você tá só na sua atuação política?

A: Foi. Aí, eu fiquei resguardada. Inclusive, fiz uma carta aberta dizendo que não ia mais me envolver com nada, que ia deixar tudo de mão até por... não por conta de mim, mas da minha mãe, que a minha mãe tava muito abalada. Aí, quando foi um dia, eu acho, que mais ou menos uns 10 dias depois do ato, minha mãe, do nada, vira e fala assim "Agora, você devia se candidatar a vereadora, eu se eu fosse você agora entrava para pra vereadora para ver o que que dava. Eu entrava". E eu: "Minha mãe, é sério isso?" "É, tô lhe falando. Por que você não tenta? Entra! Se candidate como vereadora! Eu acho que você leva agora!", aí você vê uma mãe olhar pra você e dizer uma coisa dessa é Deus falando pela boca da mãe, né? É alguma intuição. Aí, na mesma hora, peguei o telefone e liguei pra, pra um amigo meu e ele disse "não, então, agora você tem que voltar pro rádio e você tem que fazer a sua filiação". Isso foi em 2023. Acho que foi agosto, parece. Parece que foi agosto, foi julho. Aí, esse... esse grupo político tava criando uma rádio web.

G: Ah, então, você voltou pra rádio, mas não pra *Gazeta*.

A: Não pra *Gazeta*.

G: Entendi.

A: Aí, eu comecei a fazer uns programas do web, transmitido pro *YouTube*, no formato tipo de podcast. E aí, foi aonde veio, parece que mais três ou foi quatro processos [risos] do prefeito por causa desses programas. [Alana fala entre risos] Lá em 2023. 2023, e aí agora no início de 2024 teve também. Que já foi, inclusive, até arquivado.

G: Teve... um desses processos mais recentes de fevereiro, foi, é... você chegou a sua condenada nele. Você comentou ontem.

A: Sim, sim. Teve um que eu fui... teve um, Alana, desse de agora que eu fui condenada...? [fala consigo mesma] Não, ele... ele não foi. Não foi, não foi condenada não. Recorreu. O que eu fui condenado foi o primeiro... [relembra consigo mesma] foi o primeiro, foi o primeiro que eu fui condenada. Não, esse...

G: Foi lá atrás?

A: É, foi lá atrás. Esse... teve um que o juiz deu a sentença desfavorável, né, recusado a queixa, mas ele recorreu. Aí, eu tô esperando agora, é... a resposta do recurso, parece que não foi aceito.

G: E eles entram como... esses processos entram com quê? Injúria, calúnia?

A: Injúria, calúnia, difamação. Área cível, área criminal. Eles botam... cercam de todos os lados. Pede indenização... é puxado mesmo, né? [olha para a gravação do celular] Já tem uma hora, meu Deus! Será que eu vou conseguir enviar esse áudio de uma hora? Acho que Haddad já foi embora.

[nova pausa]

G: Esse negócio do Google Fotos não é bom mesmo, hein? Memória boa, gravou certinho aqui.

A: Agora, esse de uma hora que eu vou ver se eu vou conseguir lhe mandar. Senão vou ter que ver... se eu vou editando ele, picotando. Eu te mando.

G: Alana, você... você acha antes de você começar, né? Quando cê tava começando ali no jornalismo, ainda fazendo seus vídeos, é... Você pensava no jornalismo como uma profissão de risco? Uma profissão que corre algum tipo de risco?

A: Não. Não via não.

G: Por exemplo, quem entra pra fazer carreira militar, né? Quem quer ser bombeiro, ser policial, normalmente, as pessoas já sabem de alguma maneira que é uma profissão que você vai ter que lidar com muita violência. Você olhava pro jornalismo pensando nisso?

A: Não, algumas vezes não. Depois que eu passei a ter algumas ameaças de familiares, de... de acidentes que eu cobria... Inclusive, teve um fato que eu nem me referi, mas posso falar agora. Eu fui cobrir um acidente que aconteceu na... Semana Santa. E o... uma das, um dos ocupantes do veículo era uma mulher grávida, que quando aconteceu o impacto do carro, ela faleceu e expeliu o feto. E o carro tava dentro do mato, eu não vi, era de noite. E essa família tinha ligação com ciganos. E os ciganos lá na região sempre andam armados. E aí, eu tava

pronto... eu tava indo na direção do caminhão e eu usava como, como iluminador um... um LED. Bem claro, né? Foi logo quando lançou esses leds, eu comprei um e ele iluminava super bem. O carro tava aqui do meu lado e eu não vi o corpo, os dois corpos estavam dentro do marido, da mulher e a criança no, no colo dela, né? O feto. Só que eu tava vindo na direção do caminhão. Pra filmar o caminhão. Ah, minha filha, quando viram com esse iluminador, iluminando o mato pra eu passar, pra chegar no caminhão, um dos parentes achou que eu tava indo filmar o corpo. Aí, veio com a pistola e botou na minha testa.

G: Caramba!

A: Mandando eu apagar as imagens, achando que eu tinha filmado. Se a Polícia Rodoviária não tivesse, eu tinha sido... eu tinha sido morta, talvez, não sei. Ele botou a pistola na minha testa, dizendo que era pra eu apagar, que era pra eu sair de perto do carro. E eu não tinha visto o carro! O carro tava dentro de uma porção de mato do meu lado. Quando ele falou, que eu virei a luz, foi aí que eu vi a lateral do carro. Eu disse "Meu amigo! Eu não vi nem que o carro tava aqui, eu não sabia nem que esse carro tava aqui. Como é que eu tava vindo filmar corpo de ninguém aqui, pelo amor de Deus! Eu tô filmando o caminhão, eu estou fazendo o meu trabalho!" Aí, quando eu falei, ele puxou a pistola e botou. Na minha cabeça. E aí eu falei... alguém gritou: "Eita! Ele vai matar ela! Vai matar a repórter, vai matar a repórter!" Aí, os policiais rodoviários vieram correndo primeiro. Aí, botaram dentro da viatura. Aí perguntaram se tinha documentação da arma, que a arma era aquela... A arma era ilegal e tudo. Aí, levaram ele preso. Aí, eu fiquei com um certo medo. Eu fiquei mais ou menos uns 15 dias, achando que esse homem ia me procurar em Riachão, pra... fazer alguma represália por ele ter sido preso ter tido a arma tomada, né? Mas eu acho que lá por cima, pra onde ele foi, ele ficou por lá mesmo. Graças a Deus!

G: Mas fora isso tem também o risco desses... de todo assédio, né que você vem sofrendo? Teve alguma mudança grande que você veja.... Ou talvez não tão grande, enfim, é... que mudou na sua vida, na sua rotina profissional, depois é... desse processo? Depois do ataque do carro, do caso lá da Câmara Municipal?

A: Não... assim, de rotina, eu não mudei muita coisa não. Porque a cidade é pequena, né? Então, por exemplo, você mudar um trajeto para ir pra algum lugar, você tomar uma medida de segurança... A única coisa realmente que de fato eu faço, e que eu já fazia antes, era evitar

tá muito tarde na rua de noite, né? É... de tá em festas, em aglomeração. Se eu for numa festa, eu procuro ir sempre acompanhada, com muitos amigos. E não fico até o final que geralmente briga, essas coisas, acontecem muito em fim de festa, né? Eu sempre saio na metade. Mas e... no trabalho em si, na forma de falar e de fazer o trabalho, eu não mudei nada praticamente.

G: E você deixou de publicar alguma coisa depois disso, né? Você até já comentou, mas, enfim, se puder falar mais um pouco sobre o... é... enfim, de publicar alguma coisa nas redes sociais?

A: Não...

G: Por conta dos processos?

A: Não, não, pelo contrário. Tem coisas que quando eu vejo.... É como eu disse, eu só... eu só tento um pouco ser cuidadosa com as dicas e ensinamentos que eu recebo na Abraji, né? Que realmente tem coisa ali e que é como eu falei, você tem como chamar, dizer que aquilo ali é um roubo, é um desvio de uma forma mais técnica, mais educada do que você se escancarar de fato. Por toda, é... aquela coisa, eu botava muito meu emocional, que hoje eu não boto tanto. Por conta das orientações Abraji. Mas eu continuo botando mesmo de fato as situações pra clareza da população.

G: Você sente medo de ser jornalista, Alana?

A: De 100%, eu diria que eu teria 20% de medo. Porque tenho um pouco, tenho. Não deixa de você ter, de você tá preocupada, de ter alguma agressão. Por exemplo, lá, teve uma agressão no hospital municipal que o agressor, ele é muito violento. Ele tem um histórico até de agredir mãe e pai dentro de casa. Então, eu fui pra rede social comentar o fato porque se tornou algo público, chamou a atenção muito da população, repercutiu muito na cidade, mas eu tive todo um cuidado de falar daquilo ali sem envolver diretamente o cara. Pra não dar lugar dele agredir.

G: Uma outra coisa que eu fiquei na dúvida de perguntar. Além de você, outros jornalistas têm sido atacados na sua cidade? Dessa forma?

A: Não. Não, porque a emissora AM é da família do prefeito e não fala nada.

G: Que é a emissora principal?

A: É, é uma das mais ouvidas. Tem uma outra FM que recebe recursos da Prefeitura, verba pública, que é chamado verba de publicidade. E um site atuante que tem lá hoje, que é bastante acessado e assistido, o cara tem diversos contratos, é... como pessoa jurídica com a prefeitura. Licitações que ganhou pra fazer divulgação em rede social da prefeitura. E aí, não deixa de ter uma ligação com gestor. E aí...

G: E na *Gazeta FM* qual a forma...o?

A: Na *Gazeta FM* fizeram uma exposição de um... o apresentador que ficou no meu lugar, é... há algum tempo atrás, surgiu uns prints de conversa e ele não se declara homossexual, mas tem ele em contato com o jovem de 14 anos numa cidade vizinha propondo sexo, dizendo coisas ao menino. E, esse menino, não entendi por que, expôs essa conversa. E isso chegou a pessoas do município, que guardaram isso. E aí, quando ele assumiu o meu lugar, que houve uma certa cobrança pra que ele fosse mais atuante nas falas como eu era, expuseram isso pra ele também. Inclusive, na época, eu até me solidarizei, falei, né? que era uma baixaria fazer aquilo ali, usar... usar desses expedientes para atacar uma pessoa no jornalismo, né? Na comunicação. Mas ele não é formado em jornalismo. Não, ele só locutor, não tem nenhuma formação.

G: E também é um ataque pela... pelo comportamento sexual dele, e não pela sua ação jornalística.

A: Exatamente. Mas ele acabou.... fazendo uma de João sem braço. Ignorou. O que eu não faria, né? Eu teria dado queixa, eu teria buscado futucar isso mesmo pra expor. Mas eu acho que ele ficou com medo.

G: Mas... me tira só uma dúvida? A *Rádio Gazeta FM* é uma rádio comunitária. Qual que é a principal forma, é... o trabalho dela é voluntário ou existe uma remuneração?

A: Não, lá é voluntária. Todos trabalham voluntariamente. Existe o apoio cultural, né? Que os comércios que anunciam lá ‘dá’ esse apoio cultural, que aí paga as despesas, né? Que é luz, água... é... é.... uma empresa grande lá, que é o Frio Jacuípe, é a que mais injeta, né? É... apoio cultural. E aí, paga praticamente as contas todas da emissora. E aí, cada locutor, cada apresentador tem uma cota que ele oferece, que esse apoio cultural ele passa uma parte pra rádio, uma parte pra ele. Ai tira um certo sustento. A maioria deles tem outro trabalho.

G: E é a única emissora que não tem vínculo político com a prefeitura?

A: Com a prefeitura. Não tem com a prefeitura, nem com um grupo político atual, mas tem vínculo com um grupo político que eu faço parte hoje, que é do ex-prefeito. [riso leve no final]

G: Entendi.

A: Então, quando ele tava no poder, era uma rádio que de certa forma dava uma passada de pano em algumas coisas, né? E aí, já a emissora AM do tio do prefeito é que batia. É que fazia as misérias mesmo, implicava o pau. Mas nunca foram processados pelo, pelo ex-prefeito, que hoje é o pré-candidato que eu apoio. Nunca processou, nunca houve nenhum tipo de ameaça. E olhe que esse político lá na cidade, ele é tido como... como, como uma pessoa violenta. Como uma pessoa truculenta e ele nunca fez esse tipo de coisa. Nunca. Não existe.

G: [Nunca] Deu o troco na mesma moeda, né?

A: Nunca ele processou nenhum radialista, nunca entrou com uma ação contra emissora nenhuma lá. Por muitas vezes, houve... é.... possibilidade de ele fazer isso. Mesmo assim ele procurou não fazer.

G: A rádio web que você tá trabalhando hoje, ela tem algum tipo de....

A: Não, já me afastei. Eu já saí. Aí os equipamentos acabou que o programa.... acabou o programa principal, que era o nosso, e aí os... é... o Pinguim Móvel, onde funcionava o

estúdio, a dona pediu pra alugar pra outra, pra outro segmento. E aí, os equipamentos foram guardados e não houve, não abriram uma... um novo local pra fazer.

G: Então, você ficou lá por pouco tempo, né?

A: Ah, foram.... Acho que uns quatro ou cinco meses.

G: E hoje você tá mais na na questão política.

A: É, até porque a lei eleitoral, a regra eleitoral pede, né? Que a gente que é jornalista se desligue de todo o veículo pra poder ser no prazo de seis de julho. A gente não pode mais fazer nenhum tipo de....de trabalho em veículos.

G: Alana, cê acha que existe liberdade de imprensa, liberdade de expressão no Brasil?

A: Não. Não, é... eu acho que ainda tá muito longe de haver de fato a liberdade até porque, como eu te falei, quando a gente - não sei se foi na gravação ou se a gente conversando em off - não tem como não ter o tendencialismo, né? Até nos grandes veículos existe um tendencialismo que o jornalista, às vezes, o repórter tem que seguir aquele pensamento, aquela ideologia, daquele veículo, daquela empresa. Então, ah, isso já.... isso por si só já não é uma liberdade de expressão. Porque... posso usar um exemplo aqui bem, bem ignorante, bem chulo, mas você pode ter um repórter bolsonarista trabalhando numa emissora que a coordenação lá a presidência é... é lulista é da esquerda, entendeu? E aí, tem... esse repórter tem liberdade de expressão de fazer uma crítica mais ácida ao, ao governo Lula, sendo que a empresa que ele trabalha, o patrão dele é admirador é do, do... vota com Lula, vota com o PT? Então, assim, não é uma liberdade de... de expressão, né?

G: Mas fora isso tem também gente que fora dessas empresas, né? Porque uma coisa é você ser funcionário da empresa, né? Cê tá lá, você tem que.... como você esteve na *TV Aratu* e teve que se adequar a uma série de regras. Outra coisa é você tá exercendo seu trabalho, como jornalista, e vem uma pessoa de fora te atacar por conta disso, né?

A: Exatamente.

G: E o que que você acha que precisa pra que os jornalistas se sintam mais seguros?

A: Eu acho que as empresas hoje, é... as... os veículos de comunicação tem feito algo que me preocupa muito. É a coisa do tal do vídeo-repórter. Aquela coisa de você ir pra rua com o celular, com o microfone, o tripé. E aí, você para no ponto, entra ao vivo com a mochilinha nas costas. Você ali não tem um auxiliar, você não tem um produtor, você não tá com carro. Por vezes, esse... esse profissional vai até de metrô, como eu já ouvi casos, né? De grandes empresas que eu fiquei boba, eu disse "gente, não tô acreditando! Que é essa empresa de comunicação que mandou uma colega, mulher, jornalista pra o meio da rua, sozinha, correndo o risco de ser assaltada, de ter um aparelho tomado, e de ser agredida pelo... pela moda agora do tal do Globo lixo, né?" Que inclusive são tão beócios que confundiram a *CNN* com a *Globo* em um evento.

G: Mentira!

A: Foi! Chamando a *CNN* de *Globo News*, botaram a... tocaram a repórter pra fora. São completamente [inaudível], né? Confundir alhos com bugalhos! [risos] Eu nunca vi um negócio desse. E aí, eu acho muito arriscado isso. Eu acho que as empresas hoje tem que tomar um norte de proteção, de segurança para os seus profissionais. Eu acho que mais do que nunca nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, até mesmo Salvador, eu acho que cabe sim ter, ter, digamos, uma pessoa, nem que seja na área de segurança. Que mesmo que vá esse vídeo-repórter - mulher ou homem, sozinho ou sozinha - que vá essa pessoa com ela, né? Que fique ali em volta, zelando, tendo cuidado, pra evitar agressões e outras coisas. E... eu acho que... momentos como esse do Congresso da Abraji tem que ser aproveitados pra que a gente crie regimentos, crie estratégias pra que as empresas sejam forçadas a usar dessas estratégias em proteção aos jornalistas, não só do físico, né, fisicamente, das intempéries da rua, mas principalmente do assédio judicial. Das...dos processos. Eu acho que as empresas devem criar um corpo jurídico forte, compromissado, né, e atuante e, principalmente, acolhedor. Para que seus funcionários que passem por isso sejam atendidos a contento de fato.

G: Você, é... acha que hoje o assédio judicial é a forma de violência mais, é... difícil de ser enfrentada pelo jornalista?

A: Sim, sim. Porque eles mudaram a estratégia, né? Eles mudaram a estratégia e nós não. Então, eles viram que a agressão física, a coisa de ir pra cima da emissora, não tava causando muito efeito. E aí, eles partiram pra essa questão mesmo de atacar a pessoa. A repórter, o repórter, né, deixando o veículo de lado. E muitas vezes, esse repórter, na cabeça deles, a empresa dele, é...o processador vai dizer assim "Ah, a empresa vai lavar as mãos, o repórter que vai responder sozinho. Que se vire pra pagar advogado, pra correr atrás da defesa e tal". Então isso é muito preocupante.

G: Mais alguma coisa você gostaria de falar na entrevista? Considerações finais...

A: Só agradecer. Dizer que você é uma pessoa incrível, uma pessoa linda, que desde a primeira vez que eu vi, eu me encantei. Fico muito feliz, quando você falou comigo na Bahia ainda, né? Que a gente poderia ver a possibilidade de conversar por internet, é.... primeiro seria pela internet, se eu não viesse, né? Mas aí, teve a possibilidade de coincidir que cê tava aqui e eu também, e aí a gente pôde se ver pessoalmente que é muito melhor, né?

G: É, com certeza!

A: E aí, agradeço muito. Tô à disposição. Até pós-entrevista. Se precisar de mais alguma dúvida.

G: Muito obrigada, isso é muito importante.

A: Pode, pode falar a hora que quiser. Tô 100% ao dispor e fico muito feliz de participar de momentos como esses. E que isso gere coisas boas pra nós e para os próximos que vem aí para o mercado de trabalho e para o jornalismo.

G: Alana, só te agradecer, de verdade. Pô, a gente ficou aqui o quê? Quase duas horas. [risos]

A: É, eu li aqui....eu li aqui no registro de consentimento, aí eu li "faz praticamente duas horas". Perdi minha foto com Haddad, já não vou mais fazer....não vou ver mais a oficina também que eu tava querendo ir, mas valeu super a pena. Demais, demais.

G: Que bom, que bom

A: Eu não trocaria esse momento por uma foto com Haddad nunca na vida, nem em Brasília. Pode ter certeza.

G: É.... assim, eu já falei, né? Comecei... conheci o seu trabalho, no ano passado, no congresso da Abraji. E eu acho incrível tá aqui de novo, no congresso da Abraji, poder te conhecer de verdade, poder ficar esse tempo conversando... Ouvir toda a sua trajetória, que eu me identifiquei em muitas partes. Eu comecei em rádio, depois eu fui pra TV também. E eu ouço você falando, assim, eu também tenho essa coisa de que sempre querer passar por tudo, sabe? Todas as áreas, aprender edição, aprender produção, aprender não sei o quê. Sempre querer tá evoluindo. Acho que isso é muito bacana de você. Você me parece assim uma... uma jornalista incrível, uma pessoa incrível, uma potência incrível. Eu te desejo toda a sorte do mundo nessa... é... nesse processo da candidatura ao município. Que dê certo se é o que você deseja, né? Que eu sei que, te conhecendo e conhecendo o seu trabalho, você vai ter uma atuação combativa, que é o que a gente precisa cada vez mais, né? Gente como você ocupando esses espaços. Muito obrigada e queria te dar um abraço.

A: É claro! [Alana ri] **A:** Brigadão, brigadão mesmo, viu? Que venham os próximos e que a gente esteja sempre juntas! E não só aqui, mas na rede social também que a gente já tem esse contato, que eu acho maravilhoso.

B) Amanda Klein

Entrevista realizada no dia 30 de agosto de 2024, em São Paulo (SP).

Giovana: Atenção: entrevista com Amanda Klein. Amanda, primeiramente, muito obrigada por aceitar, né, conceder essa entrevista, por me receber na sua casa também.

Amanda: Imagina, um prazer.

G: Muito gentil da sua parte. Começar te perguntando umas coisas básicas, né? Como você gostaria de ser chamada? Quantos anos você tem? De onde você é? A gente já conversou um pouco antes, mas...

A: É, sim. É Amanda, Amanda Klein só, o meu nome. É simples assim. Eu tenho 43 anos, 44 daqui a pouquinho. Meu aniversário é esse mês.

G: Ó.

A: É, eu sou do Rio, nasci no Rio, vim para cá com 9 anos, pra São Paulo e moro aqui desde então.

G: Você veio com..., seus pais vieram...

A: Sim, meus pais. Meu pai mudou de emprego, veio trabalhar aqui, minha mãe acompanhou, mudou de emprego também, assim, foi transferida para cá, e aí viemos todos.

G: É, a gente também colhe alguns dados demográficos em relação à identificação, identidade de gênero e também identidade étnico-racial. Como é que você se identifica? Como mulher, mulher cis-gênero?

A: Como mulher, mulher cis-gênero, branca.

G: É...a sua orientação sexual?

A: É, hétero.

G: [risos]

A: Eu nem sei mais como se fala.

G: Heterossexual, sim.

A: Heterossexual. Tô um pouco perdida. Eu falei “ai, meu Deus, será que estou cometendo alguma gafe”?

G: Você é casada?

A: Sou, quer dizer, a gente não é casado no papel, mas somos casados sim. Temos filho.

G: Pouca gente é casada. Meus pais tão há 26 anos juntos.

A: E não são casados, né?

G: E nunca se casaram. [risos]

A: Então, assim, acho que é mais uma relação de confiança mútua que se estabelece sobre outros termos, né?

G: E você tem filhos, né, tava falando...

A: Tenho um filho, tenho um filho de 4 anos. Vai fazer 5.

G: A idade do meu. Do meu, não. Do meu sobrinho [risos]

A: Sobrinho. Sobrinho quase filho.

G: Queria que você contasse um pouquinho, assim, por que que você decidiu se tornar jornalista, como é que foi esse processo. Também na faculdade, sempre quis ser jornalista?

A: Eu estudei em colégio americano, no Chapel, aqui em São Paulo, estudava na Escola Britânica, no Rio, antes disso. E sempre gostei de, sei lá, as decisões que você toma na faculdade, né? Eu gosto de ler, gosto de escrever, você tem que procurar alguma coisa em Humanas, mas gostava, sempre gostei... Acho que, engraçado, eu ia falar do debate agora, mas sim, sempre gostei de fazer as apresentações na escola, de ler muito, de escrever, de... É, eu acho que isso foi um pouco acalentado em casa também. Minha mãe é socióloga, meu pai é economista, então, sempre fez parte da nossa vida, assim, a leitura de jornais...a política... sempre teve presente. Então, eu fui e fiz PUC, em São Paulo, e sempre me interessei, desde o começo, por política e economia. Sempre foram as minhas duas áreas de atuação, tanto que depois, eu posso achar, meu primeiro emprego foi no *SBT*, na *Band*, aliás, no *BandNews*. Assim, antes estágio e tal. E, mas meu primeiro grande emprego, assim, foi na *Band*, na *BandNews*. Eu apresentei um tempo e depois fui ser setorista na *BMF*. Ainda assisti ao pregão viva-voz, então, a gente acompanhava os movimentos da bolsa o dia todo. E aí eu fiz um MBA em finanças, tive vontade de ir para *Bloomberg*, naquela época existia *Bloomberg TV* no Brasil, quase fui, fiquei entre *Bloomberg* e *SBT*, participei de todo o processo seletivo da *Bloomberg* que tava já negociando o salário, aí veio a proposta pelo *SBT*. Eu fiquei dividida, mas acabei optando pelo *SBT*. Ainda bem, porque a *Bloomberg TV* terminou. Fiz reportagem de rua no *SBT*, três anos e meio, depois fui para a *Rede TV!* Estou na *Rede TV!*, sei lá, há 12, 13 anos, bastante tempo. Comecei como repórter, depois fui pra bancada e depois apresentei um programa de entrevistas, o 'É notícia', que foi quando eu me aprofundei, mergulhei mais na política, ia bastante a Brasília, e aí começou esse namoro.

G: E você tem uma trajetória muito voltada pra rádio e TV. Você sempre quis trabalhar nesses veículos?

A: Sim, pra TV, né?

G: Pra TV principalmente, né?

A: Pra rádio, minha primeira experiência foi na *Jovem Pan*, eu sempre gostei de TV, sempre quis trabalhar em TV. Os amigos lembram isso. Na escola eu falava... tudo bem, eu falava que eu ia apresentar o *Jornal Nacional* um dia.

G: [risos]

A: Não foi exatamente isso, *but...*

G: [risos]

A: Mas, de alguma forma, o sonho se realizou.

G: Durante a faculdade, como é que foi a sua experiência em relação a... como esse é um trabalho sobre mulheres jornalistas, tenho perguntado também, tinham tantos jornalistas, é, enfim, estudantes homens quanto mulheres?

A: Sim, na área, eu sempre encontrei muitas mulheres. Acho que você pode dizer sobre isso também. Acho que redação é um lugar bem democrático, né? Em relação a gênero, assim, no jornalismo, eu acho que é uma coisa que... tudo bem, talvez você tenha mais chefes homens e as mulheres comecem a ascender mais agora, mas tem muita mulher, né? Na apresentação, reportagem, edição, produção, então, acho que sempre foi, e mesmo na faculdade, tinha várias mulheres.

G: Sempre achou equilibrado?

A: Sempre achei equilibrado.

G: Mas você comentou, assim, talvez tenha mais chefes homens durante a sua carreira, assim...

A: É, durante a minha carreira porque cê falou agora, mas assim, mas tive chefes mulheres também. Hoje em dia tenho uma chefe mulher. Aliás, hoje em dia, tenho uma chefe mulher tanto na *Rede TV!* quanto na *Jovem Pan*, mas já tive, a maior parte do tempo, foram chefes homens, sim.

G: E como é que você sentia isso nas redações que você passou, é, de só ter superiores homens? Só ter, não, né? Ter, tendo tido a maior parte do tempo superiores homens. Foi algo que, em alguma medida, foi alguma dificuldade pra você nesse sentido?

A: Giovana, acho que, em relação a isso, eu sempre tive sorte. Eu nunca sofri nenhum tipo de assédio ou intimidação, é, de chefes homens por um motivo de gênero, não. Assim, a minha chefe mais brava era uma mulher, na verdade.

G: [risos]

A: Ainda no *SBT*, assim, quando eu lembro dela. Mas, é... mas não, não por uma questão de gênero, acho que não.

G: E conta um pouquinho do seu dia a dia, como, o que que você faz, é, enfim, como é que é a sua rotina de trabalho...

A: Eu acordo já na *Jovem Pan*, porque é bem cedinho, 7h da manhã, então, eu acordo 5h25, então, toca o meu despertador. Ainda na cama, eu já leio os jornais no celular, né? Então, eu tento ler, eu já começo pelo *Globo*, pela *Folha* e pelo *Estadão* e, aí, já passo pra me maquiar, pra tomar café da manhã, já desço. Eu trabalho de casa de manhã, né? Antes eram segundas, quartas e sextas. Agora eu só tô segundas e quartas na *Jovem Pan*. Teve diferentes períodos, né? Eu comecei no *3 em 1*, mas já há muitos anos, alguns anos, eu tô no *Jornal da Manhã*. Então, é isso, e aí depois eu vou fazer mais atividades, vou até as 10h, e aí depois vou fazer mais atividades do dia, tipo, academia, resolver alguma coisa na rua, buscar filho no colégio. E aí eu já busco ele no colégio e vou direto para a *Rede TV!*. Aí eu faço, apresento o telejornal noturno lá, que é das sete às oito e meia da noite e aí eu saio 8h30 de lá. Então, eu chego em casa nove da noite. Então, é um dia extenso, né? Porque ele começa muito cedo e termina tarde. E quando não é a *Jovem Pan*, é acordar cedo para levar o filho no colégio. E é, mas assim, o trabalho de jornalismo a gente sabe que é um trabalho assim, é o dia todo, a gente não para, né? Eu fico com o celular, eu assistindo, eu assisto muito *GloboNews*, aliás, tô sempre na *GloboNews*, tenho *Globoplay*, eu tô sempre na *GloboNews* ou na *CNN*, sempre falando com fonte teclando e tal. Acho que grande parte desse meu trabalho também na *Jovem Pan*, eu precisava checar muitas informações o tempo todo, né? Ainda mais pra desmentir e pra falar com convicção e segurança. Pelo menos, assim, apresentar o que eu via com o mais próximo aos fatos, né?

G: E como é que você se sente tando, tendo que tá 100% online o tempo inteiro?

A: Eu amo.

G: Você gosta? [risos]

A: De vez em quando cansa, né? Eu acho que no fim de semana também diminui bastante, né? Fim de semana tenho alguns plantões na *Rede TV!*, não na *Jovem Pan*, mas aí, no fim de semana, eu sei que tem alguma coisa acontecendo muito palpitante, né? Tipo, ah, fim de semana, quando tem eleição, agora, tem debate no domingo às seis da tarde e já começa o nosso trabalho. Mas nosso, meu trabalho sempre começa domingo à noite, né? Porque segunda eu já entro muito cedo na rádio, então, sempre domingo da ta..., vai, a partir das 6 da tarde, eu fico bem ligada no noticiário. Já começo a mandar algumas mensagens, tiro dúvidas, faço, tento fazer alguma apuração para já entrar segunda-feira afiada.

G: E na parte de manhã você fica só na *Jovem Pan* e à tarde você vai pra...

A: Pra *Rede TV!*.

G: Pra *Rede TV!*.

A: Aí eu tenho esse miolo do dia, que é ali das 10h às 14h, que é o meu...

G: Tem tempo mais tranquilo.

A: Mais tranquilo.

G: E você hoje você tem esse contrato com essas 2 empresas, você tem... qual que é esse tipo de vínculo, de contrato?

A: PJ.

G: PJ, né?

A: Os dois.

G: E, enfim, como é que... Cê pode falar um pouquinho sobre isso? Sempre foi PJ, como é que você vê isso?

A: Nunca foi diferente na minha vida, Giovana. Acho que eu tive carteira assinada quando eu era estagiária. Nunca mais. Então, eu sinceramente não conheço nenhuma outra forma de trabalho. Não sei se isso é bom ou isso é ruim, mas... É, acho que é meio a vida como ela é.

G: É porque tem sido a realidade mais nos últimos anos, né?

A: Sim, preponderante.

G: Tem se tornado, muitos contratos...

A: É, na *Globo*, vocês ainda têm sorte, mas, assim, noutras emissoras de TV, sempre foi assim, corriqueiro. Acho que teve até um momento em que eles tentaram ceeletizar, mas, para mim, nunca rolou.

G: E como é que você sente que é o ambiente de trabalho, tanto na *Jovem Pan* quanto na *Rede TV!*? Se sente confortável no ambiente? Enfim...

A: Giovana, na *Rede TV!*, sim, sempre foi a casa que eu trabalho há muitos anos, né? Então, são as pessoas que eu conheço. Eu me sinto bem, à vontade, em casa. A *Jovem Pan* é uma relação de trabalho mais distante porque eu apresento de casa. Então, meu contato é ali com os editores pela manhã. De repente, trocar uma mensagem com um apresentador, com um repórter mais amigo e com a diretora. Mas é uma relação bem, bem mais distante.

G: E em 2021, você foi alocada para apresentar o *3 em 1*, e pouco tempo depois, você acabou decidindo sair do programa.

A: Sim, acho que durou uns três meses, talvez.

G: Enfim, se você se sentir confortável, você pode contar um pouco como é que foi essa experiência de apresentar? Enfim, teve alguns...

A: No primeiro mês, foi muito legal. No primeiro mês, foi um mês assim que eu fiz uma coisa que eu nunca tinha feito antes, que era participar de um debate que eu acho que foi até uma sensação de provar para mim mesma que eu conseguia. Eu não tenho preguiça de trabalhar, sou muito disciplinada, então, eu ia atrás das... eu lembro que a minha estreia no ‘3 em 1’, olha só que engraçado, o dia que eu estreei, e aí eu apresentava *in loco* na *Jovem Pan*, nesse primeiro mês ou quase primeiro mês, talvez as primeiras 2, 3 semanas, porque depois a pandemia recrudescceu e voltamos pra casa. Mas as primeiras 2, 3 semanas foram na redação. O primeiro dia que eu fui na apresentação do ‘3 em 1’, eu lembro que eu cheguei, tipo, uma meia hora antes na redação, já sabia os temas em casa, já tinha procurado, estudado, feito minhas anotações ali dos principais temas que eu queria tocar, debater. Foi o dia que o Fachin concedeu a, a... soltou o Lula. Que, assim...

G: Ahhh[risos]

A: ...derrubou o primeiro... Eu falei assim “gente, derrubou a primeira condenação do Lula”. Aí depois veio toda aquela coisa de ir para o Supremo e não sei o quê. Mas a primeira revisão, anulação que veio do Fachin foi...

G: Nesse dia...

A: Eu lembro que eu mandei mensagem pra uns advogados. Eu falei “meu Deus do céu, o que eu vou falar?” E aí, era óbvio que aquilo era sopa no mel pra todos os outros, mais bolsonaristas que estavam lá para meter pau no Supremo e etc. Mas ainda era um período um pouco mais embrionário, né? Mas, enfim, eu lembro que eu consegui fazer o primeiro mês, foi muito legal, até a convivência com os colegas foi boa, foi bacana. Eu já estava apresentando o ‘Opinião no ar’, na *Rede TV!*, com algumas dessas mesmas pessoas, por exemplo, o trio original, éramos eu, Constantino e Omar, né, de Curitiba, e Omar que assim, supertranquilo, era um pouco mais de direita, mas jornalista, profissional, etc. E o Constantino, ele já estava participando do ‘Opinião no ar’, na *Rede TV!*, que foi como eu comecei nesses debates, foi como a *Jovem Pan* me encontrou, né? É, eu já estava apresentando há 1, 2 meses, o ‘Opinião no ar’, que era com Lacombe, com o Silvio Navarro e o Constantino começou a participar também e depois foi contratado e participava de longe. E aí, o Constantino me deu as boas-vindas. “Não, que bom”, me animou. “Que bom que é você”. E eu lembro que ele falou claramente pra mim “ah, é bom que você não leva pra casa, né? Assim, o que você debate aqui, fica aqui, você não leva esse rancor, nada disso, pra casa”. Então, eu achei que o ambiente fosse amigável e depois de um mês, aí eu vim para casa, depois de umas 2, 3 semanas, por causa da pandemia, comecei a apresentar de casa, e aí eu notei que os debates iam ficando mais acalorados, iam passando daquele ponto do profissionalismo, porque uma coisa é debate acalorado, a gente tava acostumada a fazer, já fazia no ‘Opinião no ar’. Outra coisa é quando passa pros ataques pessoais, né? E foi isso que começou a acontecer no ‘3 em 1’. E quase todas as vezes, né? E aí eu lembro que teve uma vez que o Constantino falou, fez uma alusão, falou “ah, tem gente que é prostituta intelectual”, numa alusão a mim. E foi uma coisa muito pesada. E sempre que isso acontecia, eu mandava uma mensagem, né, pro meu chefe e tal, pra quem tinha me contratado, e ele tentava intervir ali, fazer meio que, mas assim, era meio imparável. E eu não entendia por que aquela pessoa que falava comigo no *WhatsApp*, porque o Constantino falava comigo no *WhatsApp* e, de repente, virava aquele ser completamente transmutado, metamorfoseado no ar. Eu falei “gente, é um personagem”. E continuava, as agressões continuavam no *Twitter*. Eu via que quando a gente saía do ar do ‘3 em 1’, aquilo continuava no *Twitter*. Como eu nunca fui uma pessoa ávida por redes sociais, no sentido de teclar, eu fico vendo mais como informação, notícia no *Twitter* e tal, mas nunca teclei muito. Hoje me arrependo porque eu devia ter surfado nessa onda para virar uma gigante também nas redes sociais como ele. Mas,

tudo bem, são coisas que a gente..., mas na época não tinha, acho que nenhum espaço emocional para fazer isso, porque eu já era tão desgastante estar no ar, que sair dali e continuar na rede social, fazer daquilo uma extensão do meu trabalho, aquele trabalho 24 horas por dia já era penoso demais. E aí, quando eu via que aquilo, as agressões continuavam no *Twitter*, e eu lembro que teve uma vez que a gente se desentendeu no ar, eu mandei uma mensagem pra ele no *WhatsApp* e falei “poxa, não sei o que é tal”, mas, numa boa, mandando uma mensagem assim, de paz, e aí ele respondeu com um joinha. E foi a última vez que a gente se falou por *WhatsApp*, assim, e acabou. E aí, ele acabou atacando. Aí chegava sexta-feira e ele falava “ah, coitado do marido dessa aí, que tem que aguentar ela no fim de semana”. Era uma coisa que transcendia completamente o escopo do que era o jornalismo profissional. E aquilo se tornou um assédio no ar. E era sempre ele e mais um. Aí depois saiu o Marc [Souza] e entrou, o [Jorge] Serrão, que também era uma pessoa de fácil convívio, mas eu sempre tava, eu sempre era minoritária em todos os espaços dos quais eu participei, eu nunca tive alguém para me ajudar.

G: Minoritária por ser a única mulher?

A: Não, por ser a única voz, podia ter um homem do meu lado, mas por ser a única voz que representava... não é nem uma ideologia, mas que representava o jornalismo profissional, sabe? E que fazia uma ponderação que fosse adequada, porque os outros eram claramente de direita. Tanto que eles me jogaram por uma esquerda absurda. Eu fiquei rotulada e tachada nas redes sociais como se eu fosse comunista. Eu não sou comunista. Eu me vejo como uma pessoa de centro-esquerda. Eu não acho que eu sou essa esquerdista absurda que eles me tacham, mas eles precisavam fazer isso. E aí eu percebi que esses ataques eram um modo de ganhar a vida. Porque eu percebia nos comentários que, quando a gente tava amiguinho, no primeiro mês do ‘3 em 1’, acabava e a gente fazia coraçãozinho no ar. E aquilo não rendia *likes* e nem engajamento. E aí a gente foi descobrindo isso, né? Porque eu acho que o jornalismo também se adaptou a essa realidade, de perceber como essas pessoas usavam as redes sociais pra ter canais gigantescos no *YouTube*, pra monetizar aquilo. E quando ele começava a me atacar, era a forma que ele recebia engajamento dos seus seguidores e aumentava a sua influência. Aí eu entendi que eu acabava sendo uma escada para ele. Eu servia de escada, né? Não só para ele, mas como outros que vieram depois.

G: Fora aquele dia que você mandou uma mensagem para ele, enfim, mas na boa, você tentou conversar, dialogar com ele diretamente? Você...

A: Diretamente, não, porque depois daquela mensagem... Primeiro porque ele morava em Miami, então, a gente só se viu uma única vez pessoalmente. Eu mandei uma mensagem e eu vi que os ataques depois disso, de uma mensagem apaziguadora, continuaram tanto nas redes quanto no ar, na *Jovem Pan*, então, eu vi que aquilo era parte de uma estratégia focada, quase como estratégia comercial profissional de se vangloriar e de se exaltar. E ele não está preocupado comigo. Eu também não sou trouxa. [risos] Também não vou ficar pedindo ali perdão, até porque sei lá se um dia ele vai usar essas mensagens contra mim. Ele pode fazer um *print* e me expor, sei lá. Mas, até então, a gente conversava no *WhatsApp* várias vezes. Quando ele tirava férias “ah, e aí, como é que tá? Tô com saudade, não sei quê”. Conversas de amigos que debatiam no ar. Amigos, colegas. Amigos é um pouco forçado, mas pessoas que se davam bem, que tinham a comunicação extra trabalho, né? Mas...

G: E os ataques, você disse que continuavam nas redes sociais por parte dele, mas outros internautas também surfando nessa onda?

A: Ah, sim, com certeza.

G: E como é que era abrir seu celular e ter muitas menções no *Twitter*?

A: Não, milhões, milhões. Mas, Giovana, sabe, todo mundo pergunta isso, mas sabe como eu me protegi muito? Eu não olhava. No *Instagram*, eu bloqueei os comentários. Depois, aí não foi nem na *Jovem Pan*, foi na, depois de 1, 2 semanas do ‘Opinião no Ar’, como o Lacombe já tinha uma rede gigantesca, ele logo no começo falando, “nossa, recebi 6 mil emails de gente metendo o pau em você”, tipo, na primeira semana de ‘Opinião no Ar’. Então, ele sempre tentou, sei lá, culpar a minha presença, responsabilizar a minha presença, pela baixa audiência do programa ou qualquer coisa que dava errado, a responsabilidade é porque eu tava lá e não era isso que os internautas ou telespectadores queriam ver. Eles queriam um programa de direita. Então, ele achava ruim que uma pessoa com uma opinião diferente quisesse, que propiciasse, de fato, o debate, tivesse presente. Ele também não, nunca conseguia fazer o debate só. Ele nunca debateu *tête à tête*, eu e ele. Ele sempre tinha que ter o Sílvio Navarro como escudo, aí depois trouxe Rodrigo Constantino e ainda tinha um quarto participante que era um entrevistado sempre de direita. Então, se a gente estava falando sobre pandemia, todo mundo fala assim “ah, o Francisco Cardoso, hoje eleito pelo CFM, não sei quê”. Gente, eu conheço esse cara da época de pandemia, foi mil vezes no ‘Opinião no Ar’. Todos os médicos negacionistas a gente enfileirava eles, porque eram os convidados que eles queriam convidar. E eu não tinha voz nem vez. Então, eram, normalmente eram quatro contra

um no ‘Opinião no Ar’. E, na *Rede TV!*, não eram três, eram dois contra um. E, depois, passaram a ser quatro participantes no fim. Aí a Cristina Graeml⁸³ entrou e, também... e eram três contra um. E sempre foi assim. Então, minoritária na posição, porque eram sempre dois, três, quatro muito aguerridas, muito aguerridos, de direita, bolsonaristas, conservadores, contra uma pessoa que eles rotulam como esquerda, mas era só uma jornalista. Podia ser qualquer uma da *Globo*. Ia prezar pelos fatos da pandemia. Era uma época muito sensível, porque a gente estava no meio da pandemia. Então, não era só uma questão política, era uma questão de serviço, de você passar a informação correta pro cidadão, de não ser negacionista e não ser irresponsável com a vida e com a saúde do outro, né?

G: E como é que você se sentia trabalhando, enfim, nesse ambiente, com essas pessoas que queriam tá, enfim, talvez fazendo um desserviço em certa

A: Eu sentia que eu tinha que tá lá, mais um motivo pra eu estar lá, pra fazer esse serviço da boa, de prestar uma boa informação, eu sentia que eu tinha uma função e um dever social com a sociedade. Que fosse uma ou duas pessoas que me ouvissem, porque também acho que quem escutava esses programas talvez já pendesse muito mais para aquele outro lado, mas eu achava que eu era necessária e, que eu tinha que tá lá. E eu sentia muita falta do jornalismo profissional fazer esse debate. Porque, querendo ou não, eu acho que várias redes de televisão ficavam em certas ilhas, com pessoas que só pensavam a mesma coisa, ignorando, alheia à realidade do resto do país. E não é essa a realidade do resto do país, a realidade do resto do país são essas pessoas que estão no ar, vociferando esses discursos negacionistas. Você que estuda sabe isso. Metade da população pensa assim. E aí? Você vai ignorar essa metade e fazer jornalismo para

G: Mas era difícil?

A: Claro. Teve um custo emocional imenso.

G: Como é que foi esse custo emocional?

A: Ah... [suspira] De tudo, né? Assim, em casa, na vida pessoal, o dia inteiro pensando nisso, o dia inteiro pensando... Porque depois do ‘3 em 1, que eu saí do ‘3 em 1’, que eu pedi para sair e eles me atenderam, e eu acho que, enfim, foram sensatos, né, nesse ponto, e profissionais e fui pro ‘Jornal da Manhã’, mas continuou no ‘Jornal da Manhã’. Era o Ricardo Salles, Cristina Graeml, né? E, outros, assim, muitos outros. Foi uma fileira, assim, nem

⁸³ Em 2024, a jornalista Cristina Graeml foi candidata à Prefeitura de Curitiba pelo MDB, apoiada por figuras como o ex-candidato à Prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal, e o ex-presidente Jair Bolsonaro.

lembro mais, gente, é tanto, mas, assim, eles iam enfileirando os... Eles não são só negacionistas, né, eles são muito agressivos e todos partem pros ataques pessoais e muitos deles faziam daquilo uma plataforma, é... pra se eleger, como vários se elegeram. Ou tentaram, né? Cristina é candidata hoje, o Salles se elegeu. Eram as pessoas que estavam lá, as pessoas com quem eu debatia. Querendo ou não, era um ex-ministro do Meio Ambiente, num governo conservador. Lógico que te intimida.

G: Uhum.

A: Então, era um dia a dia difícil em que muitas vezes eu saía triste, chateada do ar, em que muitas vezes eu chorava. Em que eu acho que talvez eu tenha dedicado pouco tempo e tenha tido pouco espaço pro meu filho, numa época em que ele era muito pequeno, porque eu estava imersa nessa luta que para mim era, tipo, uma luta de vida ou morte, entendeu? E depois veio a eleição em 22. Era difícil aqui em casa porque, como o próprio presidente anunciou, eu tenho um marido que vota no Bolsonaro e que é bolsonarista e que, ele tava longe de ser essa pessoa agressiva, obviamente, senão não estaríamos juntos. Pelo contrário, sempre foi uma pessoa que me apoiou profissionalmente, que se orgulha de mim, que sabe das minhas posições, que não concorda, mas hoje em dia a gente tá muito bom nisso, porque a gente praticamente não conversa de política em casa. E quando a gente começa, tipo, alguma coisa do Musk, a gente está assistindo televisão e ele faz um comentário e outro comentário, mas aí a gente logo encerra. Difícilmente isso vai, é, resvalar, vai, vai acabar numa discussão. Mas, nesse momento, era muito comum, então, muitas vezes trazia para casa, né? E todo o meu meio social e as minhas amigas, e todo mundo era, a maioria bolsonarista. Eu tenho uma roda de amigos grandes, assim, de jornalistas com quem eu convivo, minhas amigas do colégio, minhas amigas da... da faculdade não, né? Da faculdade não eram bolsonaristas. Óbvio. Assim, as amigas da escola, as amigas da vida toda, sabe?

G: Você se sentia um peixe fora d'água?

A: É, assim, com exceção da minha família, da minha mãe, do meu pai, da minha irmã que não são, mas, assim...

G: É, você fala que os ataques eles eram não só muitos muito agressivos, mas também pessoais, e que você se via como minoria, não por ser mulher mas por estar defendendo uma posição não tão voltada para a direita, para essa extrema direita, mas esses ataques eles

sempre refletiam ou quase sempre refletiam na sua, em aspectos da sua vida pessoal. Você sente que isso tinha a ver com o fato de você ser mulher também?

A: [hesita] É, sim, sim.

G: Digo, se você fosse um homem, seriam outros tipos de comentário?

A: É, com certeza, né? Ninguém ia falar do marido ou da mulher do cara. Senão ia levar um soco na cara provavelmente, né? Acho que sim. A maneira como eles... não que eles não sejam agressivos com outros homens. Tanto que eu sou muito amiga do Fábio Piperno, que trabalha também na *Jovem Pan* até hoje. E ele ficou um tempão no '3 em 1' com o Constantino e tal. Ele entrou no meu lugar depois e ele foi um cara que eles trocaram vários momentos agressivos. Mas é diferente quando é com uma mulher. É lógico que é.

G: E você sentia que outras mulheres da... dessas duas redações também passavam por situações semelhantes?

A: Completamente, né? Foram as mulheres que enfrentaram o bolsonarismo. Olha quem ele mais atacou durante 22. Eu, Vera, Patrícia Campos Mello, Dani Lima. Eram essas as mulheres mais atacadas. Eram sempre mulheres, né, porque eu acho que eles fazem isso. E tem a ver com essa cultura, uma cultura que é muito mais acentuada nessa forma de pensamento do bolsonarismo, que é uma cultura absolutamente machista e misógina, que a gente sente isso na pele. Tanto que quando o Bolsonaro falou comigo, "é porque seu marido vota em mim", que tinha sido uma coisa que a Cíntia Chagas, uma vez que me entrevistou, porque era outra figura que frequentava muito o 'Opinião no Ar'. O Lacombe deu a letra pra ela, falou pra ela e ela me surpreendeu na entrevista com aquela pergunta. Não era uma... era uma coisa de cunho pessoal, familiar. Eu não queria que viesse à tona. Veio à tona nessa entrevista, que ela me perguntou. Eu não imaginava, não tava preparada. Meu, não sei mentir. Eu falei "é verdade, sim, ele vota no Bolsonaro". O que ia falar, né?

G: E aí depois, daquilo...

A: Depois daquilo, viralizou instantaneamente. Eu recebi mensagem do Flávio Bolsonaro naquele fim de semana, falava, "Ah, Amanda! Tá vendo? Teu marido! Faz que nem teu marido", não sei o quê...

G: Mas você tinha contato dele como fonte ou porque...

A: Sim, porque, assim, antes de eu apresentar, fazer programa de entrevistas lá ‘O X da Questão’, eu já tinha entrevistado Eduardo Bolsonaro, já tinha entrevistado o Flávio. Eu tinha bom contato com eles. Mas como jornalista, como fonte, porque eles não sabiam a minha opinião, nunca tinha me posicionado. Era uma entrevista assim que eu fazia muitas vezes perguntas duras, as perguntas que têm que ser feitas, mas era um momento, talvez, menos dividido, assim, do país, né, que as pessoas, depois as pessoas começaram a se posicionar mais sobre os fatos, sobre a situação, muito na época da pandemia, principalmente. Ficou muito forte, né? E aí, depois, é claro que o nosso contato diminuiu muito, porque, né, no final de contas, devem ter ficado com raiva.

G: Antes da pandemia você... enfim, já existia rede social, já existia essa coisa, né, do cancelamento, mas você sente que você já tinha passado por uma situação semelhante, de assédio, de ataques nesse sentido?

A: Não, antes da pandemia, assim, para mim, foi uma época... em 2019, eu tava grávida. O Miguel⁸⁴ nasceu em outubro de 2019. A pandemia começou quando ele tinha cinco meses. Então, no começo da pandemia e durante todo o tempo antes, no primeiro ano de governo Bolsonaro, eu tava muito voltada pra outra coisa. Lógico que eu via o que tava acontecendo. Eu trabalhei até a véspera do Miguel nascer. Mas eu apresentava o jornal, fazia o “É Notícia”, entrevistava. Eu lembro de entrevistar o Mandetta, ministro da saúde, com a barriga desse tamanho, sabe? Ele vinha pra São Paulo, entrevistei a Tereza Cristina. Lembro que eu fui para Brasília, que meu nariz começou a sangrar. Eu também barriguda e, então, eu entrevistei todos esses caras. Entrevistei o general Heleno e eram figuras, assim, que me trataram bem, que eu tratei bem, porque também nunca souberam. Até então, eu era uma apresentadora de telejornal de bancada e uma entrevistadora. Não tava ali expondo a minha opinião, não sabiam direito o que eu pensava. E eu nunca fui de ficar teclando nas redes sociais, no *Twitter*, nem nada, então...

G: Que que você acha que mudou, assim, essa postura?

A: Ah, mudou a partir do momento que eu fui pro ‘Opinião no Ar’, né? Que ‘Opinião no Ar’ foi um programa construído na *Rede TV!* quando Lacombe foi contratado, porque ele explodiu quando ele saiu da *Band*, lembra, por trazer um entrevistado bolsonarista, ele explodiu no YouTube e tal, não sei quê. A gente TV contratou. Era começo de 21 também, devia ser porque foi 1, 2 meses antes do, de começar o..., antes de eu ir pro ‘3 em 1’. Então, a

⁸⁴ Pseudônimo para preservar a identidade da criança.

ideia já era fazer um programa de debate também inspirado no ‘3 em 1’, inspirado no ‘Pingos nos is’. E isso, na TV. E aí eles contrataram o Lacombe e o Silvio Navarro e me pegaram, como sabiam que eu já tratava de política e quem sabia eram as pessoas de lá, as pessoas de lá, que trabalhavam comigo, meu diretor na época, etc, sabiam que eu ia fazer o contraponto. Então, eles falavam “você aqui é o contraponto”. Tá bom. E eu fui, mas sem saber o que me esperava. E é engraçado porque eu sempre tive é... Acho que como eu sou uma pessoa que, apesar de gostar do debate, de ir pro debate, eu sempre sou respeitosa das pessoas. e eu não sou uma pessoa que fico criando inimizades. Eu nunca tive e nunca tive inimigos no trabalho, na vida pessoal. Eu nunca imaginei que a gente pudesse ter uma relação tão horrorosa dentro e fora do ar. Imaginei que a gente, de alguma forma, fosse conseguir circunscrever aquilo ao tempo do programa e isso não aconteceu. Rapidamente: na primeira semana, quando a gente gravava os pilotos do ‘Opinião no Ar’, estava tudo ótimo, mas quando o programa foi ao ar, eu sentia que toda aquela tensão do programa era levada pra fora, principalmente pelo Lacombe, sempre.

G: Para fora, por parte dele e por parte das pessoas...

A: Totalmente. Eu lembro que eu dei uma entrevista à Veja quando aquele primeiro médico idiota, um careca. Nem lembro o nome. Falando que a vacina não ia dar certo, que era receita... Como é que é? Que era que nem receita de bolo, que você tinha que deixar no forno 2 horas pra pra crescer o bolo e para dar certo e não sei o quê. Eu achava aquilo tão idiota. É óbvio que eu falava com milhões de médicos pra ir pro ar e eu já tinha falado com milhões de infectologistas sérios antes de tá ali. E com Anvisa, com tudo, e vendo o que tava acontecendo no resto do mundo. E aí, eu rebatia essas acusações e a Veja, uma vez, saiu na capa, na Vejinha, naquelas páginas das personalidades e não sei o quê. E eu fiz alguma crítica a esse médico, porque o repórter me perguntou, e saiu isso. E aí o dia seguinte, depois do programa, o Lacombe falou “Ah, vamos fazer uma reuniãozinha”. Me pegou completamente desprevenida. Tipo, foi ele, o editor-chefe do programa, o Sílvio Navarro, todos numa salinha, e aquilo é muito cruel porque eles assediam e falam “olha, eu não admito que você fale publicamente de uma pessoa que foi nosso convidado” e esse cara tinha sido muito agressivo comigo no ar. Eu falei “escuta, esse cara foi muito agressivo comigo no ar. Me desrespeitou. E nenhum de vocês me defendeu”. Da mesma forma que nenhum deles me defendeu naquela reunião, nem o editor-chefe, nem as outras pessoas presentes, ninguém. E aí eu fui vendo, desde o primeiro mês do programa, que eu tava muito sozinha. E que eles precisavam de mim

como escada, e que eles precisavam ser meus inimigos em todos os ambientes. Lógico, chegavam lá, “oi, tudo bem”, não sei que, dava um beijinho e tal, mas é falsidade.

G: E você sente que eles aproveitavam do fato de você ser uma pessoa mais cordial, de não levar tão pro lado da inimizade, como você falou?

A: Sim, mas na hora do programa, não. Na hora do programa, eu ia pro debate, não ficava quieta. Eu não engolia sapo. Então, eu tentava fazer as coisas de uma forma educada, mas... E, assim, e eu ia bem preparada. Todos os dias. Sabe, eu tinha subsídio no que eu tava falando. “Ah, o tema do dia seguinte era vacina, não sei o que lá, com fulano de tal”, “Ah, mais uma vez”, que eram sempre os mesmos convidados, e como tinham poucos que topavam, naquela época, botar a cara no vídeo e falar umas asneiras, eram sempre os mesmos 3, 4 recorrentes. Os mesmos que a gente via nas redes sociais falando mal de vacina e defendendo a cloroquina e ivermectina.

G: Chegou a um ponto que você decidiu, né, mesmo, sair do ‘3 em 1’. Como é que foi isso para você? Que que bateu que você falou “não, agora não dá mais?”

A: Não, foi esse dia que ele falou que prostituta intelectual, não sei o quê. Eu falei “ai, não dá, gente, é muita baixaria”. Acho que foi esse dia. Assim, foram vários dias, mas eu acho que talvez esse dia que, quando ele falou... ah, aí, eu liguei pro meu diretor, falei “então, dá para me encaixar em outro programa, porque não tem como”.

G: Pensou em sair totalmente, se não, se não te acolhessem pra outro programa?

A: Não sei, assim, muito rapidamente ele já me ofereceu “ah, então, vou te colocar no ‘Jornal da Manhã’”. Acho que alguém mais já tinha ido pro ‘Jornal da Manhã’. Por isso que eu tive essa ideia. Eu falei “posso ir para o jornal da manhã?” Que eu via o jornal da manhã como algo mais preservado de, com os comentaristas com opiniões diferentes, mas que não propiciava o embate direto. Mas eu estava enganada, porque propiciou, ainda mais quando trouxeram o Ricardo Salles e Cristina Graeml. Aí virou uma repetição do ‘3 em 1’, com personalidades diferentes, mas igualmente agressivas.

G: Sim.

A: Na verdade, eu não tinha escapado.

G: Cê se arrepende de alguma coisa que você falou, que você publicou?

A: [hesita] Assim, não de imediato, não de cabeça, mas sempre pode ter. Mas eu acho que não.

G: Amanda, você comentou também um outro episódio que foi diretamente com o ex-presidente Jair Bolsonaro, né? E ele comentou, fez um comentário sobre o seu marido sobre a declaração de voto do seu marido. É, foi em que contexto? Isso foi durante uma coletiva de imprensa?

A: Não, foi durante uma entrevista de...

G: Da *Jovem Pan*?

A: Na *Jovem Pan*, uma sabatina.

G: Mas por que que você acha que o Bolsonaro trouxe isso?

A: Porque ele só se informa por rede social. A Cíntia Chagas é queridinha. Quando..., lembra que eu disse que o Flávio Bolsonaro me ligou falando da Cíntia Chagas? Então, ele já sabia disso, né? Quer dizer, toda a *entourage*, o entorno dele, sabe disso. Sabia que era um ponto fraco. Ele quis tirar essa carta da manga. Mas eu tinha certeza que ele ia fazer isso. Na noite anterior, eu pensei “ih, esse cara vai falar do Paulinho” Eu tinha certeza. Sabe quando você já tá até meio preparada? Aí eu falei, assim: “puta, eu vou ter que ser rápida para responder, porque ele vai sacar essa”. E a minha pergunta, porque começou, a primeira pergunta era o Zé Maria Trindade, que tava com ele presencialmente em Brasília. Eu estava fazendo de casa. E os outros entrevistadores, em São Paulo. Era uma bancada, talvez, de 4 ou 5. Eu sabia que ninguém ia fazer perguntas difíceis pra ele porque todas as perguntas seriam amigáveis e que caberia a mim fazer o contraponto e as perguntas mais duras. Então, eu preparei um bom roteiro pra ele sobre vários assuntos. Só que tava, na época, das reportagens do *UOL* falando sobre os 51 imóveis em dinheiro vivo. E aquelas reportagens iam se desdobrando, né, em milhões de meandros e não sei o que e tinha podcast, blá, blá, blá. Eu lia sobre tudo aquilo. Eu liguei pra advogado, advogado imobiliário, para saber se aquilo era possível, se os cheques, se não sei o quê. Assim, todos os detalhes da reportagem, eu já tinha falado com os autores, eu já tinha apurado pra entender como se faz, como é a compra, o que que tinha ali e tal. E eu fiz uma pergunta, dura, sobre os 51 imóveis. Que o Zé, o Zé Maria, começou com essa pergunta para ele, mas de uma forma muito “fala aí o que você quiser, se defende”. Aí ele se defendeu. Então, acho que ele relaxou. O Bolsonaro achando que essa pergunta não viesse de novo. Quando chegou a minha vez, que eu devo ter sido a terceira, ou quarta a falar,

eu... Porra” E aí, ele mandou essa “Ah, não sei o quê, lá, lá. Ah, teu marido vota em mim, não sei o quê”. Eu falei: “minha vida não tá... essa não é a pauta”. Ah, então, por que a minha, tal? “Porque o senhor é o presidente da República [risos] e candidato à reeleição”, né, querido? Então, faça direito. Foi isso.

G: Uma forma dele se esquivar, né, da, da...

A: E é o mesmo método, né? De sempre atacar e levar pro lado pessoal, embora não você não seja entrevistada, é sempre de alguma forma de desarmar ou de diminuir.

G: Cê disse que já estava preparada, mas como é que foi ouvir isso ao vivo do do ex-presidente?

A: Na hora você nem pensa, né? Eu só respondi. Eu fiquei feliz que eu respondi rápido. Eu falei “graças a Deus, eu não paralisei”, porque eu podia ter congelado, né? E aí depois que eu vi da entrevista, eu vi a proposição que aquilo tinha tomado. Porque, de novo, e ele tava numa toada de agredir muitas mulheres, né? Eu me lembro que 1, 2 semanas antes ele tinha agredido a Vera no debate na *Band*, que ele foi muito estúpido com ela e machista.

G: Vergonha pro jornalismo brasileiro...

A: Então, ele já tava, ele tava, tava nessa toada, né? Então, eu já imaginava que ele fosse vir para cima.

G: Mas em alguma outra situação você chegou a congelar, ficar um pouco...?

A: Ah, com certeza. Eu congelei em várias vezes. Discutindo com eles, não é fácil, ainda mais, põe 3, 4 desses discutindo com você. Tem uns que não são muito lá, muito inteligentes, mas tem outros que são inteligentes. Sabe, o Ricardo Salles é inteligente, o Constantino é inteligente. Eles falam bem, eles dominam o discurso, mesmo que seja para o lado da mentira, da invencionice, eles dominam a linguagem. E eles são muito fortes nas redes sociais. Então, o ataque, ele não, ele não termina no programa de debate. Ele é um ataque que ele é circular e ele é constante, porque ele é alimentado nas redes.

G: Isso que você falou que é..., enfim, os ataques continuam. Você mesma disse que já tinha essa estratégia de não olhar e de bloquear os...

A: No *Twitter*, eu lia muitas vezes, né? Naquele, naquela lupinha, aquele sininho que fica, eu via “ah, mensagens”. Tinha dias que eu era *trending topics* no *Twitter*, direto na *Jovem Pan*. Eu abria o *Twitter* e falei “nossa, trending” [risos]

G: Você adotou alguma outra estratégia, ferramenta para tentar, é...

A: 22 era difícil às vezes até quando saía na rua. Nessa pracinha, aqui que tem do lado, que eu sempre saía para correr, para andar com o meu filho pequeno, já fui agredida por uma mulher, uma senhora. “Não acredito”, [disse] ela. Ela atravessou a praça para me ver e ela falou assim: “Você é Amanda Klein?” Aí eu, tô correndo, “sou”. Eu não acredito que você mora aqui. É, como é que é? “Socialista do Leblon, comunista do Leblon”, uma coisa assim. [risos] Aí eu, “meu Deus”. E o pior é que, sempre que eu ia passar nessa praça, só tinha bolsonarista. E o pior é que eu via as pessoas me olhando. Acho que, assim, de virem falar uma ou 2 vezes, mas é, cê já tinha que ir preparada, né? Mas era. Hoje muito menos.

G: Mas ficava com medo de sair na rua? Chegou a ter medo...

A: Eu não sei se medo, mas receio, assim, de ir ao shopping, andar na rua. Os lugares que eu sempre fui, que eu sempre..., se alguém olhava para mim. Eu falei assim, “cara, nunca vou saber mais se um homem tá olhando para mim na vida, se é porque tá me achando bonita ou se é porque tá me reconhecendo, né? [risos]. Porque eles olham e agora... Mas hoje em dia diminuiu bastante. Mas na época era, acho que muita gente reconhecia.

G: É, nosso tempo tá acabando.

A: Tá.

G: Tô de olho aqui.

A: É, não, é.

G: Não, vou só encerrar assim. Enfim, a gente, eu tenho tentado observar se teve alguma mudança, né, na prática profissional de jornalistas depois que elas foram agredidas. E aí, queria saber de você se você sente que você traz muito, né, a pandemia, o governo Bolsonaro como uma virada de chave, pelo menos, na sua trajetória.

A: Sim, totalmente na minha carreira, sim.

G: Você sente que você, enfim, passou a ter mais cuidado, passou a deixar de fazer alguma coisa profissionalmente e também na sua vida pessoal por conta das agressões?

A: Acho que eu sou mais forte, sabia? Eu não sei se eu passaria por tudo de novo. Mas eu acho que se eu fosse passar por uma parte disso, e é provável que a gente passe em 2026, eu vou estar mais preparada, pra passar. Porque eu não conhecia o método deles. Eu fui pega de

surpresa, desprevenida porque o meu método de trabalhar é o método do jornalismo profissional. Ali não é o jornalismo profissional, que a maioria daquelas pessoas não é jornalista. Muitas delas são simplesmente influenciadores, blogueiros ou políticos, comentaristas políticos de ocasião, porque aquilo virou um modo de vida e, principalmente, uma forma de ganhar dinheiro. Então, o compromisso deles nunca é com a verdade ou com os fatos. Eu demorei um pouco, demorei alguns meses para entender isso. E depois porque eu sempre estive em ambientes em que eu era minoria, porque eu estava sempre debatendo com mais três ou quatro pessoas que tinham a mesma opinião, eles fechados e eu sozinha. Então, imagina que num debate, assim, em qualquer ambiente, no bar, na rua ou na TV ou no rádio. É, é difícil, né? Tanto que quando as pessoas, muitas pessoas vieram, “nossa, coitada de você, que pena de você, nossa, eles te atropelavam”. Eu falei “poxa, mas eu não conseguia rebater?” Né? Porque eu acho que pelo menos fazer o meu dever como jornalista, de ir bem preparada, de levar, de expor os fatos. Sempre tentei fazer isso, não sei se deu certo ou não. Mas era a minha intenção. Eu debatia, sei lá, tentei debater de igual pra igual com eles, sabe?

G: E o que que te ajudava a lidar com esses, com esses assédios, com essas agressões? Você procura alguma ajuda profissional, psicológica?

A: Não nesse momento, mas eu fiz terapia muitos anos na minha vida. Eu acho que isso me ajudou. Nos momentos mais difíceis, procurei ajuda com uma amiga que faz meditação e que faz limpeza e, assim, que vinha, defumava a casa inteira, limpava. Quebrei um dente que, aliás, vou botar um permanente. Quebrei um dente de bruxismo, assim, de apertar a boca à noite. Não sentia. Aí, comecei a sentir uma dor de dente, dor de dente, eu fui ao dentista, ele olhou e disse: um dente perfeitamente saudável do fundo, eu nunca tinha tido..., a primeira cárie na minha vida foi quando eu tava grávida. Sempre tive ótima dentição. E o cara falou “você quebrou esse dente até o osso. Assim você... Ele falou: “não consigo salvar nada esse dente, vou ter que retirar inteiro, vou ter que fazer uma extração. Você vai ficar com o dente provisório, a gente vai esperar o seu osso se recompor”. Então, assim, meu nervosismo, acho que vai aparecer muito mais desse lado. Por outro lado, eu tinha uma coisa boa na minha vida, que era uma criança pequena, né? Então, eu tentava muito, respeitar esses momentos, assim, em família, de aproveitar meu filho, de fazer os meus churrascos aqui, tipo, domingo, pra convidar os meus amigos. Eu tenho muitos amigos, graças a Deus. E, assim, acho que meio que de sempre procurar apoio nisso, nessa estrutura de amigos, de família. Ah, de uma estrutura interna, Giovana, que você vai construindo ao longo da vida, sabe?

G: Sim.

A: Assim, de saber quem você é, de fazer teu trabalho direito, de ser comprometida com aquilo, sabe? Lógico que não vai ser assim. Óbvio que foi difícil, óbvio que eu chorei muitos momentos e óbvio que eu me senti uma merda em muitos momentos, que eu me sentia... Tem dias bons e dias ruins, dias que eu achava que eu tinha bem, rendido bem no debate. E tinha dias que eu achava que eu tinha sido atropelada no debate. Então, era, era bem [inaudível], assim.

G: Só para terminar mesmo, você, você acha que a gente tem liberdade de imprensa, liberdade de expressão no Brasil?

A: [Hesita] Acho que sim, acho que sim. É...A minha, a minha preocupação não é nem mais essa. Acho que a minha preocupação é sobre, quer dizer, os bolsonaristas vão dizer que não, né, que o Xandão fica... Enfim, nem vou entrar nesse mérito, porque acho até que tem exageros, excessos, mas é... Mas acho que sim, né? Querendo ou não, eu, eu tive liberdade de expressão, né? Eu nunca fui tolhida no conteúdo da minha fala. Isso é uma coisa legal, tanto na *Rede TV!* quanto na *Jovem Pan*, por mais que eu tivesse em minoria e por mais que eu soubesse que aqueles programas eram, serviam de plataforma pra transparecer ou pra divulgar um pensamento conservador e radical e que muitas vezes talvez eu tivesse lá muito mais como uma figura pra legitimar aquilo e dar um verniz jornalístico para o que na verdade era outro, mas eu acho que, se eu tenho um papel comprometido, eu consigo ir além, sabe? Aquilo acaba ficando mais jornalístico, né? E aí a opção, a alternativa seria não fazer aquele debate e ter só um debate jornalístico e deixar aquelas opiniões mais radicais só para as redes sociais. E aí eu me questiono muito se o jornalismo talvez não cometa um erro nesse sentido, sabe? Em não reconhecer que as opiniões, infelizmente, fazem parte da nossa sociedade, de todos os círculos sociais, de todas as classes sociais. E em todo país, sabe? Aqui, nos Estados Unidos, na França, em qualquer lugar. Então, eu acho que nesses lugares e quando eu participei do debate, eu tive liberdade de opinião, sim, eu nunca posso, eu não posso, no meu caso em particular, eu acho que existem momentos e, no país, em que talvez essa liberdade de pensamento, de expressão seja um pouco tolhida, mas o problema comigo não foi esse, principalmente. Acho que foi ao contrário, foi de sofrer esse assédio moral muito acintoso, porque a gente, porque não tinha, não havia limites e não havia regras, né? Então, você podia atacar uma pessoa e num ambiente de trabalho com o RH isso seria considerado, tipo, o assédio.

G: Sim. Tá certo. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

A: Não, acho que, assim, é isso. É que não tem tempo mesmo. A gente podia falar muito mais, mas é... mas acho que é isso.

G: Muito obrigada.

A: Gostou? Atendi a todas as suas perguntas?

G: Super. Não, com certeza dava para falar mais. Dava pra falar a tarde toda.

C) Helena Bertho

Entrevista realizada no dia 30 de agosto, em São Paulo (SP).

Giovana: Bom, Helena, primeiro te agradecer mais uma vez por ceder seu tempo, energia, enfim, e vir aqui conversar comigo. A gente tá dando início à entrevista, né, que, como a gente já conversou antes, essa é uma entrevista pro meu mestrado sobre violência contra mulheres jornalistas. E eu tô entrevistando algumas pessoas que passaram por diversas situações, situações diferentes cada uma delas. É...fiz um levantamento da Fenaj pra chegar a esses casos, não foi só uma escolha aleatória. E... a ideia é a gente conversar um pouco, não só, enfim, sobre... sobre o que aconteceu, claro, mas como que, um pouco também da sua trajetória, né, e como que isso tá relacionado à violência e também quais os mecanismos que você usa pra... que você enxerga, né, que você tem usado pra lidar com esse tipo de situação. Começar te perguntando o básico que é seu nome, sua idade, de onde você é, onde você mora?

Helena: Tá. Meu nome é Helena Bertho, eu tenho 36 anos, eu sou de São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo, mas moro em São Paulo há 19, 20 anos já.

G: Você veio pra cá pra fazer faculdade?

H: Vim pra fazer faculdade, isso.

G: Você fez onde?

H: Fiz na USP.

G: É...a gente também tá colhendo também alguns dados demográficos, então pedir pra você dizer com qual gênero você se identifica, qual sua, é... raça, etnia, como você se identifica e também orientação sexual.

H: Eu sou branca, me identifico como pessoa não-binária [hesita e fala mais baixo, pois estávamos em um local público] e sapatão.

G: Uhum. E você é casada, tem algum tipo de relacionamento?

H: Não, sou solteira.

G: Tem filhos?

H: Deus me livre! [Ambas riem]

G: Eu queria que você falasse um pouquinho sobre você, por que que você decidiu fazer jornalismo, estudar jornalismo, como é que foi esse processo....

H: Honestamente, eu não sei. É... foi meio por acaso. Eu era do interior, queria muito morar em São Paulo, gostava de escrever. Eu prestei engenharia em duas faculdades, jornalismo em uma. E ornalismo era de São Paulo, então decidi fazer jornalismo pra morar em São Paulo. E foi isso [ri], acho que é a história menos empolgante sobre jornalismo. Eu nunca pensei em mudar o mundo, nem nada disso [ri]. Foi só acaso.

G: E como é que foi a sua experiência durante a faculdade de jornalismo, você começou a se interessar...?

H: Não, foi ótimo, comecei a me interessar e, mas ainda foi tudo muito... perdido, assim, durante a faculdade, né? Foi... meu último estágio, que eu fui trabalhar numa revista feminina, que foi quando eu comecei a ter mais interesse e... E daí, ficar mais animada, assim, com a profissão de ser repórter e tal, porque até então eu...[para e pensa]...Não sei, era isso, era muito eu queria escrever, eu gostava de escrever. E eu não entendia muito bem ainda “por que jornalismo”? Foi um processo muito longo, assim, de muito depois da faculdade eu

pegar gosto e começar.... Mas... foi isso, acho que...[para e pensa]...É, foi isso, quando eu trabalhei da Editora *Abril*, na revista *Sou Mais Eu*, foi quando eu comecei a pegar mais gosto mesmo, pra fazer reportagem, tá no jornalismo, refletir até mais sobre a profissão, um sentido dela, assim.

G: E quando você tava na faculdade você sentia que tinha um equilíbrio em relação a estudantes homens, mulheres?

H: Era bem mais mulher do que homem na minha sala e no geral, assim, na faculdade. É...[para e pensa] Mas é isso, era, eu realmente, não era uma questão a qual eu pensava naquela época. Eu tava muito deslumbrada de sair do interior e vir pra São Paulo, então eu levei uns anos pra conseguir centrar e começar a refletir sobre a vida, assim.

G: Você falou que começou a se interessar mesmo quando começou, quando entrou pra fazer esse estágio na revista...

H: Foi meu último estágio, que foi já quando eu tava pra me formar, e daí que eu comecei a me interessar por questões de gênero e refletir. Enfim, tipo, eram incômodos que eu sempre tinha, mas que eu não punha em palavras, eu não conseguia... exteriorizar. E pra mim sempre foi muito... [pausa] questões de sexualidade, orientação sexual, todas essas questões...

G: Em que ano mais ou menos isso?

H: Era 2010 [hesita e se corrige], 2009.

G: Então bem antes de começar, assim, a explodir assim nas redes sociais.

H: Sim, mas era uma reflexão, tipo... [corta a frase ao meio] Eu lembro que eu queria escrever sobre sexo porque eu achava que a sexualidade feminina era reprimida. Só que o jeito que eu fazia isso ainda era muito... [faz uma expressão de quem julga] de um jeito que hoje eu olho de maneira crítica, que era um jornalismo, aí, *Nova*. Eu não tava na *Nova*, mas era essa, aquela coisa de liberdade sexual muito ainda pautada numa coisa hétero, servir ao homem e tal. Mas é isso, foi fazendo, trabalhando, olhando, que foi refletindo e mudando ao

longo do tempo. Mas, foi coisas que surgiram depois mesmo, foi com o tempo. E até porque não tem nada sobre gênero na faculdade, não sei se hoje tem, mas quando eu fiz...

G: Cê sentia falta dessas discussões?

H: Não, não sentia falta, mas eu não pensei sobre porque não surgiu. Hoje, eu olho e falo “Nossa!” Se tivesse talvez tido uma disciplina sobre gênero, sobre, sei lá, qualquer coisa um pouco mais sobre marcadores de diferença, sabe? Não precisa ser gênero, mas raça, gênero. Não tinha isso na faculdade, então, a gente chega...

G: E acho também que não era um debate tão entremeado, no dia a dia. Vem, eu acho que de uma exigência até dos próprios estudantes.

H: Sim, não tinha muito ainda essa conversa ainda [pausa] pública.

G: Conta um pouquinho sobre você, cê se formou, onde você trabalhou?

H: Ta. É...quando me formei, eu tava... foi em 2010, eu tava nessa revista *Sou Mais Eu*, eu continuei lá. É uma revista popular. Não existe mais, né? Custava R\$1,99. [ri] E... contava histórias reais, só de mulheres. E pagava as pessoas pra saírem na revista. [faz uma expressão de quem julga] A capa era sempre uma mulher que emagreceu muito.

G: Com agressão?

H: Emagreceu! Então, era sempre uma história de perda peso, com uma dieta milagrosa e várias outras histórias de carreira, de relacionamento, de educação, daí entravam uns casos absurdos, assim. Era uma revista muito engraçada, porque era muita bizarrice. E... eu fiquei lá acho que dois anos depois de formada. Fiz uma pós em roteiro. Tentei mudar pro audiovisual, trabalhei em produtora uns dois anos. Daí o *Uol* tava criando aquela transversal *Universa*. Daí quando foi ser fundada eu fui pra lá como repórter, e foi...[pausa] Mentira, um ano antes disso a gente tinha fundado *AzMina*. A gente fundou e lançou *AzMina*. Cê acha que não tá gravando?

G: Tô com medo de [o celular] não tá muito próximo.

H: Eu posso segurar! [risos]. Foi em 2015, né? Eu trabalhava em produtora quando veio a ideia, a gente começou, fundou *AzMina*, tudo. Só que *AzMina* era um projeto paralelo. Então, em 2016 eu fui pro *Uol* [Pausa] Foi 2016? Ou 2017? As datas tão confusas na minha cabeça, mas por aí. Eu fiquei acho que dois anos no *Uol*. Daí saí pra me dedicar a *AzMina* e fiquei lá, exclusivamente na *AzMina*, de 2018 até fim de 2022. Hoje eu sou do conselho, não tô mais no dia-a-dia.

G: E hoje você começou a trabalhar com outras coisas?

H: Trabalho na campanha “Nem Presa, Nem Morta”, que é de comunicação pelo aborto e no *InfoAmazônia*.

G: E como é que foi esse processo de criação do *AzMina*?

H: É...foi uma [Para e pensa] uma colega, Nana Queiroz, procurou [pausa] Ela tinha feito, um tempo antes, quando saiu uma pesquisa do IPEA falando que... não sei quantos por cento da população achava que mulheres de roupas curtas mereciam ser estupradas. E ela puxou uma campanha no *Facebook*, na época tava na moda, “Eu Não Mereço Ser Estuprada”. E daí quando ela foi puxar essa campanha ela me falou “Aí, me ajuda”, e tal. Eu participei com ela, e daí no ano seguinte ela falou “Ai, tava lendo essa revista aqui, uma americana, chama *Bitch Magazine*. O que cê acha da gente pensar alguma coisa assim pro Brasil, né?”. E daí a gente, ela convidou um grupo de pessoas que ela conhecia, que achou que faziam sentido e a gente começou a pensar o projeto editorial, a proposta, o que que a gente queria, nome, tudo. A gente lançou um *CrowdFunding* pra começar o projeto, foi um sucesso, assim. E...também fizemos de tudo que é tipo de coisa pra arrecadar grana, que a gente tinha uma ideia que não queria ninguém trabalhando de graça, né? Então pagar freela, pagar reportagem, pagar as editoras. Então a gente fez uma primeira edição. Na época a gente ainda tinha muito essa cabeça de revista, né? Então, fez um mês de conteúdo online considerando uma edição. Daí depois não tinha mais dinheiro e a gente continuou fazendo mesmo...

G: Sem grana?

H: Sem grana e fazendo alguns *CrowdFunding* de tempos em tempos, assim. Até 2018 foi muito nesse movimento, assim, de... um projeto paralelo que a gente ia tentando. Daí em 2018 a gente começou a ir atrás de estruturar, e captar recurso e transformar *AzMina* numa...[para e pensa]...Ah, num, numa possibilidade mesmo e daí foi quando as coisas começaram a fluir melhor.

G: Eu era... Queria só comentar isso. Eu tava no ensino médio quando lançaram *AzMina*.

H: Nossa!

G: E foi super, tipo, uma coisa que me marcou, por que...Foi em 2015, né? 2015, 2016.

H: Foi, 2015.

G: E foi muito engraçado porque esse ano, é...a minha escola, a gente tinha...Eu estudei em escola particular, que era católica, mas era muito “prafrentex”, assim. Enfim, a gente não tinha uniforme no ensino médio. Então, eu tava entrando no ensino médio, até o nono ano você tinha uniforme e depois era o que você quisesse usar, usasse. Era, sei lá, a primeira semana de aula, a coordenação colocou todo mundo, toda a série, né? O primeiro ano do ensino médio numa sala e começou a dar uma palestra sobre as coisas que iam mudar. Ai, vestibular, ai, não sei o quê. E aí começou a falar de roupa, “Ah, agora vocês não tem uniforme, mas cuidado pra vocês não virem com uma roupa não muito adequada, as meninas tem que ter cuidado pra não vir com uma roupa muito curta, pros professores não ficarem olhando”. E aí quando elas falaram isso, na época, assim, eu tinha eu e uma amigas, a gente tinha criado um grupo no *Facebook* que a gente só ficava trocando memes de páginas feministas, tipo “Moça, você é machista”, umas páginas tipo assim. Todo mundo, as pessoas começaram a levantar a mão, e aí foi um show de lacração, foram falar com a coordenação. E daí veio o intervalo, os meninos todos desceram pro intervalo porque eles tavam nem aí, e aí as meninas continuaram. Aí tinham algumas que estavam defendendo a coordenação e outras que falavam assim: “Não, isso é um absurdo, porque isso não pode, não sei o quê”. No final do dia a gente criou, daquele grupo que tinha, sei lá, 10 meninas, virou um coletivo feminista e aí tinha, sei lá, 100 meninas. Foi uma coisa muito louca. E eu lembro muito do, que tinha a *Capitolina* e *AzMina*, e a gente super ficava lendo o conteúdo deles e de vocês, a gente tinha uma página. Enfim, foi um grande momento.

H: Que legal!

G: Foi legal, assim, hoje eu lembro com carinho, mas aconteceu umas coisas, tipo. A gente era muito rebelde. Que aí começou, também, a mídia hegemônica a tentar surfar um pouco na onda. Ai, eu lembro que a gente fez um protesto uma vez que a coordenação brigou com, chamou atenção de uma aluna que foi sem sutiã. Aí todo mundo pegou e tirou o sutiã na escola. Tinha um varal, tava tendo uma feira de sei lá o quê, aí todo mundo tirou o sutiã, colocou o sutiã e fez um, tipo um arco. E aí começaram, tipo, *O Globo* a procurar a gente, aí a gente: “A gente não vai dar entrevista”. [ambas riem] Só que aí o que que aconteceu, *O Globo* dava a matéria, obviamente, sem a nossa versão. Era só a escola falando “Ah, não, não foi bem isso. A gente não proibiu, não foi isso que aconteceu”. Mas foi divertido, foi importante, inclusive.

H: Não, poxa, queria eu ter crescido nesse ambiente assim. Tipo, era umas coisas que não chegavam mesmo, no interior de São Paulo muito menos, ainda.

G: É...por mais que não seja tanto tempo depois, né? Mudou um pouco mais as coisas. Isso que você fala de “Ah, não é que eu sentia falta de não ter debate de gênero durante a faculdade, é porque eu não pensava nisso”. E eu lembro muito de virar essa chavinha na minha cabeça, porque era uma coisa que, eu sei lá, eu não pensava sobre isso, tipo, sabe? Até o momento que eu comecei a falar “Cara, que absurdo”. A gente começa a se ver nas situações...

H: Isso, mas, acho que a internet acelerou esses debates e levou eles pra quem não tinha. E eu cresci na geração que foi ter acesso à internet já no fim da adolescência. Na faculdade ainda era muito restrito ao *Orkut* e tal, era, era outra coisa. Então era um assunto que realmente não chegava, assim. E acho que daí nessa onda que veio ali de 2015, que era um assunto que dava dado, que tava sendo pautado, eu acho que *AzMina* teve um papel importante.

G: Na época, também, do Eduardo Cunha, então tinha muito protesto nessa época.

H: Tinha, a gente ia muito pra rua.

G: Que os movimentos chamavam de “Primavera Feminista” e enfim, era uma época também que eu militei muito pelo movimento estudantil. Então, eu lembro com muito carinho dessa época...[pausa]

H: Não, foi muito bom.

G: Mas, enfim, voltando, só divaguei aqui. Você, então, acabou trabalhando mais, fora essa primeira revista, em... [pausa] como posso dizer? Em... [pausa] projetos mais autorais,né?

H: Não, teve o *Uol* esses dois anos. Eu fui freela porque esse tempo que eu tive em produtoras e fiz muito freela pra reportagem. Assim escrevi pra, de editorial à *Veja*. Eu escrevia pro que pagasse. E mesmo em 2018, quando fui focar na *AzMina*, ainda não tinha dinheiro mesmo, então eu continuava fazendo freela pra outros lugares. Então, assim, com certeza acho que o *Uol* e *AzMina* foram os pontos mais importantes da minha carreira. No *Uol*, por ter me dado um espaço, assim, uma possibilidade de ter uma viabilidade pro jornalismo do que eu fazia e ali já eram...[pausa] Eu pautava lá dentro pautas que não tavam muito liberadas, que era aborto, que era direitos sexuais reprodutivos, política, tal. De um jeito bem alternativo eu fazia isso. [ri] Então, foi...e depois *AzMina*. E daí sim, era...é, eu construí o projeto editorial com as outras jornalistas. De fato foi autoral no sentido coletivo, mas foi autoral.

G: Teve alguma cobertura que te marcou muito? Num outro veículo também, na *AzMina*, no *Uol*, ou alguma matéria que você fez.

H: Não, eu acho que o mais marcante foi a da *AzMina* que chegou até a Damares. Não pela matéria em si, mas foi meio que... é isso, tô na “Nem Presa, Nem Morta” por causa disso, foi uma coisa que meio que direcionou a minha vida prum lado meio...Mas que foi uma construção, né? Eu acho que isso é uma coisa, assim, eu...[pausa]...A partir do momento que eu comecei a me interessar pelo feminismo, acompanhar movimento e tals, a gente fundou a *AzMina*, daí eu comecei a frequentar manifestações, organizações, pautas, encontros. Essa pauta dos direitos sexuais e reprodutivos foi entrando, né? Que antes, pra mim, era muito sexualidade com foco no prazer, o que eu ainda acho que faz parte. Eu continuo achando que a pauta tem que ser olhada tem que ser olhada de uma maneira global. Entrou muito essa questão do aborto, e eu fui tendo contato com ativistas e elas foram me trazendo as pautas

com outro olhar, porque em 2015/2016, o jornalismo ainda era muito denúncia de clínica de aborto ilegal. Não se falava de outros vieses do aborto, então eu lembro de fazer reportagem no *Uol* contando da mina do *Woman on Waves*, que era brasileira e trabalhava lá fora e o trabalho de era levar pílula pra outros países. E ela foi que me contou isso, curioso, me contou em 2016: que um dos maiores problemas aqui no Brasil é que a galera não sabia tomar o Cytotec, então a galera conseguia, mas tomava errado. E eu tentei fazer no *Uol* a matéria “Como tomar o Cytotec certo?” e não me deixaram fazer. E aí dois anos depois eu fui fazer essa matéria na *AzMina*. Que pra mim sempre foi uma matéria muito simples, não é que, tipo, eu denunciei um esquema de corrupção, sabe? Era uma matéria muito simples, mas era uma pauta que tava na minha cabeça fazia muito tempo quando rolou, assim, que eu achava importante fazer isso. E de fato foi, né? Até hoje é a matéria mais lida da *AzMina* assim, com milhões de acessos mês a mês, tipo assim, as pessoas precisam dessa informação e as pessoas acessam essa informação.

G: E como é que... desculpa me perdi.

H: Se você quiser, a gente pode sentar no banquinho lá fora, que acho é mais silencioso. Que eu tô sentindo que você tá tensa com a gravação.

G: Não, só tô... Tá tranquilo, a gente pode ficar aqui. Só me perdi mesmo no fio da meada. Nos espaços em que você trabalhou, você sentia que tinha um equilíbrio em relação à questão de gênero, de representatividade também, racial, regional?

H: Não, nunca teve. É...em redações, todas as que eu trabalhei sempre teve mais mulher, mas os chefes sempre foram homens.

G: Como é que era isso pra você?

H: Por exemplo, vai, *Sou Mais Eu* as editoras-chefes eram mulheres, mas sempre respondiam ao editor de núcleo que era homem lá na *Abril*, né? O *Universa*, pra mim, é...Enfim, isso, essa parte eu prefiro cuidado na hora caso entre, tá? Que é...tava sendo fundada a nova vertical feminina do *Uol* e eram dois homens à frente. Quando eu entrei era o editor-chefe, o editor abaixo dele, um editor homem e uma editora mulher. E aí a equipe toda de repórteres mulheres. Daí depois entraram mais algumas editoras, mas os chefes continuaram sendo

homens. Então...Isso em relação a gênero, em relação a raça...acho que 100% brancos em todos os lugares que eu trabalhei, as redações. Tirando *AzMina*, que daí é diferente, mas 100% branco nos demais. E mesmo de diversidade de orientação sexual, de identidade de gênero, tudo muito padrão, assim, sempre tudo muito padrão.

G: Como é que você acha que isso afeta, em termos da redação, das relações de trabalho?

H: Completamente, né? O jornalismo...enfim, é a proposta da *AzMina* é essa e é o jornalismo que eu acho, a nossa visão de mundo, assim, que eu já tive discussões enormes. Depois que eu saí da *AzMina*, eu trabalhei em outros lugares também que eram feitos por homens, então um lugar que era *Headline*, que foi...[pausa]...Um caos! É...e sempre tinha aquele argumento de que jornalismo é isento, né? Mas, a sua proposta de pauta ela vem, não só da realidade, mas da sua visão da realidade. Então, a diversidade ela traz diversidade de pauta, diversidade de olhar, de abordagem pras pautas, então a mesma pauta é diferente, então é isso. Sempre foi um jornalismo branco, um jornalismo majoritariamente hétero. E nas redações, uma coisa muito comum era de fato ter... veto a pautas ligadas a questões de gênero, sempre com a desculpa de que não dá audiência, de que não é do interesse de ninguém, né? Então, eu passei por coisas do tipo, querer fazer pautas sobre menstruação e o editor falar “Quem quer ouvir sobre menstruação? Ninguém se interessa sobre isso., e eu tipo, “Só 50% da população, por um acaso, o público-alvo desse site”. Aborto, falar que tem ouvir o outro lado e eu nem sei qual é o outro lado do aborto. Casos de violência doméstica, pedirem pra ouvir o agressor. Então, assim, é...afeta [rindo nervoso], afeta muito o trabalho e é difícil. Os caras, eles não tão refletindo, essa é a real. Tanto que você faz evento, na *AzMina*, a gente fez muito treinamento, evento, *workshop* sobre jornalismo com viés, com cobertura de gênero, né? Gênero como uma pauta transversal a todas editorias e não como uma editoria e tal. E nunca tem homem nesses *workshops*, nunca tem homem interessado em refletir, em aprender e discutir esses assuntos, Então, eles, eles tão eternamente ainda reproduzindo as mesmas coisas que eles...e é isso, essa falta de representatividade afeta completamente o jornalismo que é feito.

G: Por que que você acha que não tem homens nesses espaços?

H: Que eles não tão interessados, eles acham que não é problema deles.

G: E nesses ambientes, tendo tido a maior parte, é...chefes homens você se sentiu, alguma vez, tendo a capacidade questionada? Você comentou muito sobre universo das pautas, mas, de certa medida...ser questionada, ter que provar mais?

H: Como repórter foi muito pouco. Eu era, fui muito respeitada em todos os lugares que eu trabalhei. Assim, fui questionada algumas vezes, mas nunca acho que foi...fui pouco valorizada em termos de remuneração, essas coisas, promoção, esse tipo de coisa, mas que é o padrão de jornalismo. Eu acho que, depois, né? Ano passado eu fui pra essa redação que era uma startup de jornalismo pro cargo de editora-executiva e eu nunca fui ouvida lá. Eu não era de fato ouvida. É...eu tinha cargo alto, um salário alto e me botaram pra subir nota da FP. E eu trouxe muitas propostas, eu trouxe muitas...muita vontade de fazer coisa e me escantearam, assim, foi bizarro, foi bizarro, foi...E, assim, em reunião não me deixavam falar, então era, foi meio chocante depois de ter saído da *AzMina*.

G: Qual que foi o veículo?

H: Chamava *Headline*. Quebrou, fechou, durou 6 meses.

G: E por que que você saiu da *AzMina*?

H: Porque eles me fizeram uma proposta de grana muito alta. Fui, cedi, cedi ao dinheiro e quebrei a cara.

G: É...nesses lugares que você trabalhou, você passou por alguma situação de discriminação dentro das redações, dentro do seu ambiente de trabalho? Alguma coisa você se sinta confortável também de compartilhar.

H: Cara, eu acho que não. Tirando isso no *Headline*, que era sutil, não era... não foi uma situação, foi um contexto geral em que eu sentia que eu não era respeitada como profissional lá dentro e que eu não era ouvida. E assim, eu virei e falei pra um dos sócios: “Não me deixam falar nas reuniões”. Porque, é *Google Meet* e eu faço como qualquer ser humano, que é levantar a mãozinha e esperar que cedam a palavra. E ele falava: “Não adianta você fazer isso, você precisa interromper e levantar sua voz, se não você não vai ser ouvida mesmo”.

G: Como é que você se sentia ouvindo essas coisas?

H: Cara, era bem no começo eu ainda achava que eu ia ser ouvida. Eu virei e falei: “Não, não é assim, tipo, quando você quer fazer uma coisa que é realmente inclusiva você cede a palavra, cê não força uma pessoa a se impor num ambiente em que ela é nova, tipo, existem jeitos e jeitos”. E é muito velho isso de que as mulheres têm que reproduzir o modelo masculino de interromper, de não sei o quê, de ser agressiva pra poder ser ouvida. Hoje a gente já entende que não precisa ser assim, que dá pra todo mundo trabalhar na base da educação e tal. Não funcionou [ri], mas eu tava ainda iludida achando que ia funcionar.

G: Você comentou, é...quando eu perguntei da reportagem que mais te marcou, você citou, também, aquela da Damares, né? E foi essa reportagem que me fez chegar até você. Pode contar um pouquinho como é que foi essa reportagem, o que é que vocês pensaram em fazer, como é que foi a repercussão depois?

H: Bem, é...é, era isso, era uma matéria que eu queria fazer fazia anos. Porque de fato, assim, tinha informação já no site daqueles *Woman on Wave*, *Save to Choose*, mas não eram sites que...se você não é do movimento, cê não sabe se eles são confiáveis ou não, cê fica meio perdida. E eu achava que era legal ter, tipo, de uma fonte confiável que as pessoas dessem um *Google* e falassem: “Olha, eu confio nesse site, foi jornalisticamente checado, é uma informação confiável, eu consegui a minha pílula aqui na Sé, que seja, eu estou decidida a interromper minha gravidez e eu vou tomar do jeito certo”. Porque, é isso, essa minha amiga que trabalhava atendendo pessoas online ela falou: “O maior problema é que as pessoas tomam do jeito errado e daí tem início de aborto e não completa, daí tem que ir no hospital, e daí é onde elas sofrem assédio, violência e tal”. Então, eu queria fazer essa reportagem, não me deixaram fazer no *Uol*. Quando a gente tava lá só na *AzMina* e setembro é o mês do aborto, já tipo meses antes, eu falei: “Ó, gente, pra setembro eu quero fazer essa matéria”. E a gente tava só em três nessa época, as três diretoras, era a equipe. Em quatro, na verdade, tinha a diretora de arte. E daí a gente...elas: “Ah, beleza, bora”. A gente era muito vida louca, tipo: “Vamo? Vaaamo!” E...daí a gente comentou com algumas colegas do movimento feminista que a gente ia fazer isso e elas...tipo, porque a gente queria colaboração, queria fazer, tipo: “Ai, vamo publicar junto, vamo, ajuda a divulgar” e tal.

G: Colegas do movimento feminista, tipo, outros portais com visão gênero ou movimentos mesmo?

H: Movimentos mesmo, tipo, outras organizações. E falaram: “Não, não faz isso, não faz isso”. Aí a gente: “Nah, besteira!” É...assim, por um lado, acho ruim fazer uma coisa contrariando a estratégia do movimento feminista, por outro lado, que bom que a gente fez! É...então a gente fez essa reportagem, né? Era baseada, é, eu fiz, né? Era uma matéria muito simples mesmo. Baseada no manual da Organização Mundial da Saúde sobre “Como fazer um aborto”, né? Ele era dedicado a profissionais de saúde, eu traduzi aquilo, já era em português, eu traduzi pra linguagem mais simples, chequei com alguns médicos, né? Perguntei, e daí complementei com outras informações, além de dose de remédio, tipo, “Qual são os efeitos? O quê você faz em diferentes cenários?”, tal. Teve um cuidado durante todo tempo de usar linguagem, tipo, não é “Faça um aborto” “Como abortar?”, era “Como é feito e onde é legalizado?” “Quais são os métodos considerados seguros?”. É...e fizemos, e fizemos *post* pras redes sociais, *post* com a dosagem do remédio, *tweet* com a dosagem do remédio e tal e publicamos no dia 28 de setembro, que é o dia pela luta pela descriminalização do aborto lá em 2019. E...e até aí tudo bem. No primeiro dia a gente publicou e ficou tranquilo, tipo, algumas pessoas comentando, tipo, felizes: “Ai, necessário, essencial, obrigada”. Daí, no dia seguinte alguém manda pra gente, no dia seguinte começou...caiu em alguma rede de bolsonaristas, né? Era governo Bolsonaro já. Começaram a comentar muito nosso *tweet* marcando o Moro e a Damares e falando pra denunciar a gente. E daí já começam algumas...

G: Quem começou, assim, a marcar?

H: Eu acho que era bot, porque eram muitos *tweets* iguais, muitos. E surgiu alguns, assim, de perfis que não tinham foto, nada, que era um gif de uma arma. E daí, a Damares retweetou o nosso *tweet* falando: “Isso é um absurdo, vou denunciar ao Ministério Público por apologia”, qualquer coisa assim. E daí depois que ela postou o negócio ganhou uma proporção gigante, né? Nosso site foi derrubado por ataque de DDOS, DDOS, né, que chama?

G: Como é que é, desculpa?

H: É ataque de...eles botam muitos robôs, então era da Rússia. Muito acesso, um volume absurdo de acesso que é muito difícil um site suportar. E não era da Rússia, né? Era brasileiro, mas eles usam VPN pra direcionar e tal. Então, teve...por um dia o site ficou caído.

G: Desculpa, os robôs eram da Rússia? Não entendi.

H: Não, as pessoas que fazem isso usam VPN, então redirecionam a origem e tal, pra não ficar identificável, não dá pra rastrear, né? Mas é tipo um acesso massivo. Prum site que tinha uma audiência, assim, mensal de, sei lá, 10 mil acessos por mês, de repente era 2 milhões em uma hora, daí caía. E a gente demorou muito pra entender isso. Os nossos endereços foram divulgados no *Twitter*, porque todo mundo era MEI, PJinha, né? Então, qual é o endereço da firma? De casa, então os nossos endereços divulgados e esses *tweets* ameaçando, foto de arma e tal.

G: Isso tudo em quanto tempo?

H: A gente acordou e foi um crescente ao longo do dia. Eu lembro que nesse dia, é isso, era eu, a Carol e a Thaís, né? A gente se falou: “Meu Deus, o que é que tá acontecendo?”. A Carol falou: “Vem todo mundo pra minha casa!”. A gente foi pra casa dela e daí era, era engraçado, porque era eu em completo estado de pânico, porque eu tinha assinado a matéria, eu fiquei com muito medo do que podia acontecer, principalmente legalmente, né? Se a ministra me denuncia, eu não tenho dinheiro! O que é que vai acontecer? Como eu vou responder legalmente? A Thaís tentando acalmar todo mundo e a Carol que é a doida dos negócio, tipo: “Bora ativar as parceiras, ativar nossas redes, pedir colaboração pra pagar advogado, não sei o quê, blablabla” [ambas riem] Capitalizando o negócio! E daí foi isso. Eu pedi, né? Comecei a ir atrás de todo mundo de veículo independente que eu conhecia pedindo pra publicar a matéria também, porque eu falei: “Se nos atacam, atacam um monte de gente” Vários sites publicaram, então *Catarinas*, *Nem Presa*, *Nem Morta*, *Gênero e Número*, acho que publicou. Na época, vários sites publicaram exatamente a mesma matéria, porque a *AzMina* sempre foi copyleft. Acho que *A Pública* publicou também em solidariedade. A gente começou a postar muito sobre isso nas redes sociais, tipo: “Estamos sendo atacadas, não sei o quê”. Em paralelo, fomos falar com...a gente tinha um escritório de advocacia pro bono que cobria as burocracias da *AzMina*, então tivemos uma reunião com eles e eles falaram: “Ó, a

gente vai ter que avaliar se pode ou não atender vocês, porque não tá dentro do que a gente cobre, mas tira o nosso logo do site de vocês”.

G: E aí o que que vocês sentiram quando eles falaram isso?

H: Eu achei que eles iam pular fora, mas no fim eles atenderam a gente. Eles só não quiseram se vincular, assim. É...

G: Eles cuidavam mais da parte burocrática?

H: Burocrática, é...Coisa da associação, né? Sem fins lucrativos, tem muita burocracia. Essas coisinhas pequenas. É...daí teve isso. E daí eu acho que nessa...enfim, a Damares fez ganhar uma superpublicidade o negócio. Eu sempre me questiono se na verdade ela não é pró-aborto disfarçada? [risadas] Não, eu sei que não é, mas por que que ela retweetou o *tweet* ensinando a tomar o remédio? E assim, milhões de pessoas acessaram a matéria pelo *tweet* dela. Ela repassou essa informação e é curioso, porque no *Instagram* da *AzMina*, até ano passado, era o post com mais salvos, né? Que a pessoa salvou pra ler depois, com esse número mais alto do que de compartilhar. Então, muita gente que não queria se posicionar e tal salvou, porque era uma informação relevante. E de fato, assim, o número de acessos a essa matéria é bizarramente alto até hoje. Nunca para de...

G: Foi a sua matéria que mais bombou?

H: Eternamente, até pelo *Google*. Assim, ela rankeia em primeiro. Cê digita “Como fazer um aborto?” no *Google*, ela rankeia em primeiro e fica lá. É...então, daí teve isso. Eu acho que jornalistas das redações grandes começaram a ligar pro Ministério pra perguntar sobre essa denúncia. E não tinha denúncia, quer dizer, a advogada tava monitorando e não tinha denúncia nenhuma. Daí no fim do dia, entraram com uma denúncia no Ministério Público aqui de São Paulo.

G: Mas contra quem?

H: Contra a *AzMina*, a empresa, só que daí a...só que era por crime, né? Crime empresa não responde, é pessoa. Era eu que assinava, então daí teve uma conversa, porque era eu que

assinava. O crime era apologia ao aborto, a vítima era o nascituro, então, assim, era um negócio bizarro! E...e daí a gente até conversou: “Ah, quem será que eles vão criminalizar, e tal? Vai caber ao Ministério Público?” Mas os advogados já acharam que o melhor já era eu me preparar, porque era eu que assinava, então meu nome tava ali, e era muito mais provável que procurasse...além de eu tá no nome da associação, então...enfim.

G: Como é que você se sentiu quando veio, ah, tipo, essa denúncia? Antes, quando vieram os ataques da ministra?

H: Eu fiquei em pânico no começo. Quando veio a denúncia, eu fiquei desesperada porque pra mim era assim...se isso virar alguma coisa é crime, crime dá pena de cadeia, né? Eu não lembro quanto é que é, uma pena baixa, mas dá. No mínimo, eu ia me fuder ali. Sei lá, perder o réu primário, sabe? [risos] Não sei, eu não entendia muito bem a dimensão. É...e daí....[pausa]...A gente teve uma briga com o *Twitter*, né? Pra que tirassem os nossos endereços, eles alegavam que era informação pública, porque tava no site das empresas, no site...sabe aquele site “Busca CNPJ”? E daí, a gente brigando, brigando, que tava vindo ameaça, no fim tiraram. Naquela época o *Twitter* tinha equipe no Brasil, né? Então dava pra ter esse diálogo. Existia *Twitter*, hoje já não tem mais, né?⁸⁵ [risada] E... é isso, daí depois começou, chegou a intimação, de fato, alguns meses depois. Foi um processo bem lento. Intimação pra eu ir depor na delegacia. Eu fui depor. Eles intimaram também a minha fonte, o médico que tinha me dado entrevista e a... uma personagem que eu tinha entrevistado que contava que foi abortar na Colômbia.

G: O médico tinha...você colocava o nome dele na matéria?

H: Colocava, ele era...ele trabalhava no serviço de aborto legal e ele contava que usava, exatamente...que ou usava uma aspiração, ou esse método e o método era assim e se tomava desse jeito.

G: E a sua fonte...eu li a matéria, mas agora eu já não lembro.

⁸⁵A entrevista foi feita no dia 30 de agosto de 2024, data em que o ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, suspendeu o funcionamento do X (antigo *Twitter*) no Brasil.

H: É Rebeca Mendes, que é uma mulher que entrou no STF pra pedir pra interromper uma gestação. É...[pausa]... Não conseguiu, abortou na Colômbia. Ela contava que foi com Misoprostol, falou em on, ela sempre fala em on e hoje ela tem uma ONG. Enfim, e daí intimaram eles, daí a gente ofereceu os advogados e tal, mas ele parou de responder eventualmente, assim. É...e ao longo, isso foi o que? 2019, né? Então, ao longo de 2020, 2021 e até o início...O caso correu, né? Então, depois o caso foi...Correu como? Ele não chegou a ir pra Justiça. A polícia pegou o inquérito, abriu o inquérito pra abrir a investigação, devolveu a investigação pro Ministério, o Ministério, é...acho que no meio de 2021 decidiu que não havia indício de crime pra ser investigado, porque não tinha mesmo, né? Era só divulgação de informação já pública, é...e foi arquivado o caso. Só que, logo que foi arquivado, um deputado, cujo nome eu não me lembro, aqui de São Paulo. Eu não sabia, né? Na verdade, assim, logo que foi arquivado eu comecei a receber outras intimações. Na minha casa... na minha casa e na casa do meu ex. E chegaram assim, umas assim, a última foi no meio do ano passado em diferentes delegacias me intimando pra depor pelo, por esse mesmo crime. Só que foi um deputado aqui de São Paulo que pegou o caso da Damares e repetiu...

G: Isso em que ano?

H: Começou em 2021, tinha acabado de ser arquivado o caso. É...e ele fez esse mesmo processo. Só que daí, assim, eu não fui depor nenhuma vez, a advogada já entrava em contato e enviava o coisa de arquivamento e eles retiravam. Só que, assim, cada vez que chega uma intimação policial na sua casa é um surto. Porque cê não sabe o que que é, né? Não vem explicando o que é, então no mínimo cê tem que descobrir do que se trata, é estressante. Tipo, agora parou. Eu acho que ele queria...ele viu a publicidade que a Damares ganhou com essa história, né? Então eu acho que ele queria, também, ganhar esse palco como inimigo das feministas. Mas a gente nunca divulgou o nome dele, a gente nunca deu esse palco pra ele. E eu, honestamente, não lembro o nome dele. Depois, se você quiser, eu posso tentar procurar, eu tenho, em algum lugar eu tenho esse nome.

G: E você...você também foi atacada pessoalmente? As meninas da *AzMina* também foram atacadas nos seus perfis pessoais?

H: A gente fechou nossos perfis no minuto em que viu que isso tava acontecendo, meu perfil é fechado até hoje. Eu já não usava o *Twitter*, nunca usei, eu tinha só *Instagram*, fechei.

Então, nunca teve, assim...tirando a divulgação dos endereços, tudo na *AzMina*, tudo...nunca veio nada contra a gente pessoa física. O que teve mesmo foi tipo isso, na Justiça, o rolê que foi pra polícia e tal. E esse medo que teve do endereço, tanto é que eu mudei de casa um pouco depois. Não, por causa disso, eu me mudei porque eu queria mudar. E eu nunca mudei o endereço da minha empresa, continua tudo chegando no endereço antigo e eu falei “Eu não quero mais minha casa vinculada, divulgada”.

G: Por que que cê acha que teve tanta repercussão essa matéria?

H: A pauta, né? A questão do aborto é um tabu, nem o movimento feminista tinha coragem de divulgar. Hoje tem. Inclusive virou caso, né? A advogada que defendeu a gente ela hoje é diretora do coletivo feminista “Sexualidade e Saude”. Ela apresenta o nosso caso como um *case* pruma...um precedente pra que as pessoas possam divulgar essa informação. Então, várias ONGs agora têm essas mesmas informações em sites, têm guias e tal, porque entendeu...existia um medo antes, e se entendeu que, legalmente, tá ok, elas podem...Elas já trabalham com aborto, né? Então elas já têm esse risco de ataque de outros jeitos, então legalmente não é um crime, não é um problema.

G: Cê teve medo?

H: Ah, tive né? Não tem como não ter nessa situação, tipo, o principal era...cara, é a ministra do Governo Federal, de um Governo Federal conhecidamente violento e eu. A gente era uma ONG, naquela época completamente sem recursos, morava numa kitnet no centro de São Paulo, pensando: “Cara, eu não tenho nada, eu não tenho armas pra, tipo, batalhar com uma ministra do governo Bolsonaro”. Então, eu acho que meu principal medo era isso, tipo, o quê que eles vão fazer? Tipo, porque é óbvio que eles pegam isso...é a lógica deles, né? De usar essas pautas pra ganhar audiência, pra mobilizar a opinião pública nessa coisa moral e tal, então. Eu tô impressionada com aquele gatinho nas costas do cara. [ambas riem] Desculpa!

G: Não, relaxa!

H: É.... então tipo, até onde eles vão pra ganhar pauta? A gente já via, né? O tanto de gente que eles tavam agredindo e transformando em bode expiatório e eles têm uma horda violenta que acompanha eles, né? Então, era um medo, era muito mais medo do que podia virar do que

tava acontecendo de fato. Tanto que, quando foi passando e a gente vendo as proporções reais das coisas, eu tranquilizei. Todos os advogados falavam: “Fica tranquila, não tem base legal”. Eu acho que tinha caído num promotor que era conhecidamente bolsonarista aqui no Ministério Público. Aí falaram: “Mesmo assim, acho que ele não consegue se segurar legalmente, isso não dá, não dá”. Aí veio e a gente tranquilizou. Óbvio, né? Ir numa delegacia de polícia, depor, é uma coisa meio... Tipo, gente, é isso, né? Eu acho que tem esse outro lado que é, eu cobria gênero e até, tipo, pra mim até aquele momento eu tava no lado do jornalismo sussa, sabe? Eu não era a pessoa que tava ali cobrindo política, denuncia corrupção, não tava cobrindo caso de violência, morte. Pra mim era muito, assim, eu tô do lado do jornalismo tranquilinho, aquele que você nunca vai. Porque eu não gosto de problema, eu sou muito...eu quero paz. Então, foi isso, me surpreendeu, porque não era pra onde a gente queria ir, não era nossa busca, assim.

G: Além do escritório que já atendia vocês, vocês buscaram algum outro tipo de recurso, apoio?

H: Sim, a gente falou com o Repórteres Sem Fronteiras, com Artigo 19, é...Abraji. Tanto que Repórteres Sem Fronteiras e Abraji foram fazer uma denúncia contra o governo Bolsonaro, era em 2020, na Comissão Interamericana e a Patrícia Campos Mello não podia ir, né, na data. Aí, eu fui como jornalista pra levar a denúncia pelos ataques às jornalistas mulheres do governo. Falei por mim, por ela e por todas as outras jornalistas. Mas é que nós duas éramos os casos mais, assim, ataques diretos do Governo Federal.

G: E como é que foi esse apoio da, dessas organizações? Foi mais financeiro, jurídico?

H: Não, foi mais emocional, quase! [ri] Foi mais, tipo: “Putz, tá, a gente vai ver como pode te ajudar”. Fizeram umas reuniões e tal. Enfim...[pausa]...Eles tavam ali, né? “A gente tá aqui se der alguma coisa”. Então, eu acho que é isso, né? Relatórios, denúncias formais e acho que dá um... dá um estofamento institucional ter isso denunciado em outros lugares, porque daí não é a gente sozinha, não era, tipo, Damares *versus* Helena, era Damares *versus* o jornalismo. As instituições de jornalismo se posicionaram em nossa defesa.

G: E antes desse caso você já tinha passado por alguma situação semelhante de matéria sua ter dado problema, ter que ir depor?

H: Não, o máximo que eu tinha era personagem que desistiu de contar sua história de putaria, eu cobria muito sexo, sabe? Houve, sei lá, violência contra mulher, mas nunca tinha dado nada, nem perto de algo.

G: E depois que isso aconteceu vocês...mudaram algum protocolo dentro da *AzMina*?

H: Todos, tudo, transformou.

G: Tipo o quê? Como era antes e como ficou?

H: Como era antes? Era tudo errado. A gente tinha um *Google Docs* com senhas. A gente adotou protocolos de segurança, a gente mudou, é... a estrutura do site pra ser mais protegida, com... Eu nem lembro o nome das coisas, mas a gente, tipo, falou com bastante gente. Ah, nisso a gente recebeu assessoria, acho que foi Artigo 19 que ajudou, ou... não lembro. Alguém deu uma assessoria pra gente de como proteger nosso site, como ter senha, aquela coisa de verificação de duas etapas, gerenciador de senhas, o básico! É...a gente parou por um tempo, porque era aquela época que rolou denúncia do Bolsonaro ouvindo ativistas. Ativistas e indigenistas, lá em Alter do Chão, estarem sendo grampeados e vazarem áudios. A gente entrou numa paranoia de não usar mais telefone, então a gente só se falava por chamada online, nunca por telefone porque a gente tinha medo de tá grampeado também.

G: Mas chamada online de qual plataforma?

H: Tipo, *WhatsApp*, tipo, porque não dá pra grampear essas coisas. A gente tava confiando mais nas empresas do que era fornecido pelo governo. Paranoia, desnecessário [ri] Mas, na época...É isso, cê começa a ficar meio noiada. Eu fechei minhas contas, eu nunca mais...Parei de escrever coluna, por um tempo, assim, eu dei uma...

G: Pra a *AzMina*?

H: É, que eu tinha muito isso de escrever coluna, dar minha opinião, e eu falei: “Ah, quer saber?” Tentei ficar mais *low profile* depois disso, porque...[pausa]... E hoje em dia, pra mim

é isso, quanto menos eu aparecer, melhor. Antes eu gostava muito de aparecer. Se ninguém souber meu nome é a melhor coisa que há no mundo.

G: Mas você acha que foi isso que fez você mudar?

H: Não só isso, mas...foi um aprendizado pra mim de que tem consequência, assim, tipo...[pausa]...Eu, hoje em dia, prefiro que as coisas sejam institucionalmente assinadas, que sejam organizações que se responsabilizem, que não seja eu, meu nome. Antes eu tinha essa coisa de autor, sabe? De querer assinar, hoje eu sou muito tranquila com isso.

G: Você continuou escrevendo, mas você em vez de assinar seu nome, assina...

H: Não, eu quase não escrevo mais, hoje em dia. Isso foi uma coisa que mudou bastante. Eu não sei se foi por causa disso, tá? Eu acho, vida também, coisas mudam. Eu antes escrevia muita coluna de opinião, eu gostava de escrever sobre sexualidade, muito sobre aborto, direitos sexuais e tal. Não escrevo mais, não quero mais meu nome. Eu até cheguei a tentar, a *AzMina* criou, uma época, um programa de vídeo que eu falava de sexualidade, mas também parei porque não queria que meu rosto ficasse lá...[pausa]...Enfim, mas não sei também se foi por medo ou não, acho que é a...

G: Mas cê acha que tem relação com vocês estarem fazendo uma cobertura de gênero?

H: Como assim?

G: Com vocês estarem tratando com temas, enfim, que.. em certa medida, podem provocar reações, acabam mobilizando emoções, reações.

H: Sim, é...Eu acho que até então sempre mobilizava, no geral, reações e emoções num sentido positivo. As mulheres, as pessoas se identificavam com o conteúdo e vinham agradecer, falar e tal. Foi a primeira vez que mobilizou num outro sentido, e daí...eu acho que eu fiquei mais assim...Mas é isso, coisas de segurança, a gente ficou paranoica, depois eu fui fazer uma bolsa da Repórteres Sem Fronteiras em Berlim, de segurança digital pra jornalistas, fiz um treinamento de quatro meses, voltei, implementei mais protocolos na *AzMina* sobre isso e tal. Na minha vida, hoje em dia, eu sou a maluca da segurança. Eu me tornei piada, mas

nunca caí num golpe! [ri] Tô sempre tomando cuidado, mas foram coisas que ficaram depois disso...

G: Você comentou que se mudou, não tem relação direta?

H: Não foi! Foi porque eu queria viver num apartamento maior. [ri]

G: Mas, em relação à sua segurança física, você também chegou a pensar que poderia acontecer alguma coisa?

H: Ah, naqueles primeiros dias a gente ficou com muito medo, né? Tipo, tocava a campainha...Sei lá, teve gente que mandou docinhos pra gente porque ficou preocupado, tocou a campainha, chegou entrega que a gente não tinha pedido, já disparava o coração. Que que é? Será que é bomba? Será que...Cê fica meio paranoica, né? Com as histórias que tem, mas no fim não teve nada assim, tipo...Por um tempo, ainda, a gente foi um pouco mais cuidadosa com sair de casa, voltar de casa e tal. Depois, esqueci completamente.

G: Chegou a procurar alguma ajuda profissional, psicológica?

H: Eu já fazia terapia e continuei fazendo. Mas eu acho que, pra mim, o maior impacto mesmo foi isso de...Antes eu gostava de aparecer, e depois dessa história eu preferi...não ser um nome conhecido. Antes eu tinha vontade de ser uma jornalista conhecida, passou, completamente. Assim, eu prefiro não ser conhecida, porque...enfim, foi uma história. Mas daí eu vejo as outras jornalistas todas, tipo, Juliana Dal Piva, Patrícia Campos Mello, sabe? Fazem trabalhos fodas, se tornam conhecidas e o peso que vem junto de ameaças e perseguição é muito grande, e eu não tô disposta a lidar com isso. Então, pra mim foi muito melhor não ser ninguém. Ninguém no sentido de, meu nome sempre por debaixo dos panos é muito mais confortável.

G: Você se arrependeu?

H: Do quê?

G: Da matéria?

H: Não, no fim não. Na época sim, primeira semana, duas. Mas, porra, depois vendo os números e os e-mails que chegavam pra gente agradecendo. Tipo, muito e-mail: “Obrigada, eu consegui abortar graças à reportagem de vocês”. Relato até de gente conhecida, conhecida não, mas tipo, amiga de amiga que conta que abortou usando a nossa matéria. Então, vai, não dá pra se arrepender quando você vê que o negócio cumpriu o propósito que ele veio pra fazer, então...

G: E aí você falou que depois de um tempo, é...vocês começaram a ver que não ia dar em muita coisa essas intimações. Quanto tempo levou pra vocês voltarem, digamos, uma rotina de trabalho na *AzMina*?

H: Ah, foi rápido, né? A *AzMina* tinha três pessoas, a gente tava bem no momento de começar a se estruturar, captar recurso. É...não dava pra parar assim, e deu uma audiência gigante, também tem esse lado, assim, tem um lado bom dessa história. Que eu acho que, no caso de jornalista, a violência tem um outro lado, que é: você ganha uma visibilidade muito grande. E a gente conseguiu usar essa visibilidade pra *AzMina*, não pra mim. E a gente mudou de patamar, no sentido de quantas pessoas conheciam a gente e reconheciam o nosso trabalho. Tanto no movimento feminista, que não respeitava muito a gente, assim, e passou a convidar. A gente começou a ser muito mais convidada pra dentro...

G: Não respeitavam, por quê?

H: Não que não respeitasse, mas a gente era meio uma galera que fundou uma iniciativa de feministas sem vir conversar com o movimento organizado. E depois elas passaram a convidar a gente pra tá ali em interlocução e tal, como veículo de comunicação que pode ser um porta-voz do movimento, né? Então, aumentou nossa atuação e, enfim. É isso, naquela época o nosso *Catarse* subiu pra caramba o número de doações. Carol foi e acionou todos os financiadores possíveis pedindo ajuda e tal, na época, eu acho que nenhum deu dinheiro, mas abriu a porta pra conversar com financiadores, e não sei o quê. Então, foi, teve esse outro lado que abriu as portas, abriu muitas portas pra *AzMina*.

G: Depois desse episódio vocês passaram por alguma outra situação de ataque direto à alguma de vocês? A você.

H: Não, depois veio, assim, de tempos em tempos tem alguém xingando a gente em rede social. Mas nada sistemático, nada grande, nada que assustasse assim.

G: Você acha que não tem sistemático por esses protocolos de segurança que vocês privaram seus perfis? Ou porque... ainda, não sei, tem ali um público restrito da *AzMina*.

[pausa longa para responder]

H: Eu acho...que...não sei. Acho que a gente não fez mais nada que ganhou uma dimensão como essa, assim. A gente continuou trabalhando, fazendo coisas, mas nada repercutiu desse tanto e eu acho que não chegou em lugares que virasse um problema.

G: É...você falou que deixou de assinar matéria, né? Vocês deixaram de publicar algum assunto, tipo, ficar um tempo sem falar de aborto?

H: Não, não, nunca deixamos.

G: A matéria deu mais força pra continuar...

H: É...tipo, mais do que dar força, é...Chegava uma galera no nosso site lendo essa matéria. Daí a gente falava: “Caramba, vamo redirecionar essa galera pra outras informações úteis sobre o mesmo assunto”. Começou a chegar muito e-mail de gente contando história, a gente publicou essas histórias. Era, meio que aí era uma visão de jornalismo, né? Tipo, há um interesse pela pauta, por que a gente vai deixar de cobrir ela por causa de uma ameaça? Não dá. É o nosso propósito. A *AzMina* veio com um propósito social e de repente quando tem um rolê que tá fazendo sentido a gente deixar de fazer, não... a gente não parou, não mudou nada. Assim, nesse sentido não.

G: Você falou que não recebeu tantos ataques diretos no seu perfil. Mas chegou a ter algum ataque ou sobre você? Você se lembra?

H: Eu acho que não. Eu lembro de alguém ter dito pra gente não ler os comentários no *Twitter*. A gente não leu. Falaram assim: “Não lê pra vocês não se machucarem”. Não sei se

teve, não sei o que a pessoa queria dizer quando disse isso, mas na época eu tava...Então, não sei, realmente não sei.

G: E quando você privou as redes ainda não tinham te achado? Ou já começou a receber alguma coisa no seu perfil pessoal?

H: Não, não tinham me achado, até porque eu nunca usei perfis com meu nome, né? Mas isso nem era de propósito, era só brincadeira, piadista. Mas daí...acho que foi tudo muito rápido. Entre a Damares postar, a gente ver, e fecha...Primeira coisa que eu fiz foi fechar meu perfil, a primeira coisa. Então não deu nada, porque assim...acho que não teve mesmo, porque se não chega mensagem naqueles inbox paralelos e tals, não chegou nada.

G: Nem de nenhuma das meninas?

H: Não, tudo era sempre pra *AzMina*.

G: Site chegou a cair outra vez?

H: Caiu algumas outras vezes. Teve alguns outros ataques de BDS, né? Mas, era no 8 de março, era em alguns momentos em que a gente tinha alguma visibilidade. Mas, daí a gente já tava preparada, então era tudo mais tranquilo, assim.

G: Você comentou que agora você tá no *InfoAmazônia*, né? Também tem pautas que tem mobilizado, aí, algumas reações, né? Principalmente por conta do último governo e das políticas anti-mundo, vida, indígenas, tudo! É...cê chegou a passar por alguma situação dentro desse...

H: Ah, não, lá eu coordeno um projeto de rede, eu não faço reportagem, não assino, tô completamente longe do dia a dia de redação lá. Mas eu acho que nem ninguém da *InfoAmazonia* sofreu nenhum tipo de ameaça, até onde eu sei. Mas eles são bem da segurança nível *hard*, assim, lá. Tipo, protocolos e mais protocolos.

G: Você se afastou um pouco dessa parte de reportagem?

H: Não porque eu quis, mas é porque a *AzMina* cresceu muito. É...em 2019 a gente era três pessoas, quando eu saí, no fim de 2022 era 20 pessoas. Eu era diretora, eu fui passando a coordenar a equipe, gerenciar coisas e...acabou virando. Então, foi isso, tipo, não dava tempo de fazer reportagem.

G: Quando você entrou na faculdade e...enfim, cê falou que muita gente tem sonho de ser jornalista, né? Eu também não tinha essa coisa mega sonho. Mas, você via o jornalismo como uma profissão que pudesse tá em risco, algum momento, só de tá fazendo uma atividade mais de risco?

H: Ah, eu sabia que tinha aqueles repórter de guerra, repórter policial, Caco Barcellos. Eu nunca me imaginei, imagina! Eu sempre... Eu queria ser escritora, eu não tinha, real, eu não tinha a menor ideia do que eu tava fazendo ali. Eu acho que eu fui parar pra pensar sobre o que eu tava fazendo depois que eu me formei, tentei sair do jornalismo pra ir pro audiovisual, daí eu voltei, daí eu falei: “Ah, ok, o que eu quero fazer então no jornalismo?” Tipo, com três anos de formada. Na faculdade eu era leza, sei lá....

G: E, hoje, depois de, enfim, da *AzMina*, depois do, enfim, do fim do governo Bolsonaro, você vê o jornalismo como uma profissão mais arriscada? Um profissional, uma profissão que pode tá correndo riscos?

H: Hoje eu vejo...é...Eu acho que tem uma mudança muito clara no jornalismo, ao meu ver, assim, que era isso. Quando eu comecei a fazer jornalismo feminino, ainda não tinha aqui no Brasil jornalismo de gênero. Então era um lugar muito seguro pro jornalista, pra jornalista que fazia o feminino. Desde que veio a *AzMina*, *Gênero e Número*, *Catarinas*, mesmo dentro das grandes redações, a pauta feminina começou a ser coberta com um viés político e social, e não mais só de entretenimento. Sendo gênero uma pauta em disputa política, eu acho que virou um lugar mais de risco porque...É isso, passou a ser... Tá, tá no centro as questões de identidade, né? Trans, LGBT e do aborto. São duas pautas muito relevantes na política brasileira hoje em dia, que tão muito ali na disputa. Então é isso, é...cê faz uma denúncia...tá tendo muita violação de direito...quer dizer, sempre teve, mas não se cobria, então tá sendo coberta essas violações de direito. Então, as manas do *Catarinas* que denunciaram o caso lá

da juíza do “Aguentaria mais um pouquinho?”⁸⁶, foram processadas. É...tem outros casos que eu não consigo me lembrar agora, é...Schirlei Alves, que denunciou o caso da Mari Ferrer, se fudeu. Então tem uma coisa, hoje em dia, que é, também de cobrir essas violações ligadas a questões de gênero que tão levando ao risco da profissão, tanto o risco jurídico, que tem sido bem mais alto do que o de ameaça e ataque, quanto esse outro que a gente nunca sabe quando pode vir, né? Querendo ou não, é isso, a galera odeia feminista, odeia gênero, odeia a galera *queer*, odeia aborto, então...fica sempre um alertinha acesso pra quem tá fazendo isso.

G: Você acha que existe uma perseguição pra...enfim, jornalismo com visão de gênero?

H: Não, eu acho que existe uma perseguição contra o jornalismo. O bom jornalismo que denuncia coisas relevantes. E, eventualmente, gênero tá ali, não acho que seja uma perseguição específica contra o gênero. Eu acho que, eventualmente, as pautas de gênero vão pro centro do debate e o jornalista que tá ali pode ser pego, mas assim como tantas outras pautas aqui no Brasil, né? Raça, violência policial, tipo, tem tanto B.O. rolando, não é contra gênero. Eu acho que é contra as pautas sociais, assim, de maneira geral, direitos humanos.

G: Por que que você acha que isso mobiliza tantas reações?

H: Por quê? Porra, mas daí você precisa de um tratado de Sociologia, né? [ambas riem] Mas, é a disputa, é o uso que tá sendo feito, que foi construído ao longo de décadas de botar...especificamente gênero, né? Teve uma construção da Igreja Católica, que depois foi apropriada pelas outras igrejas e tal, de colocar no centro mesmo, de um debate político como...a palavra gênero, né? A palavra gênero virou um alvo...ideologia de gênero, não sei o quê. E tem...e ganhou, ali, uma centralidade na política como um elemento de mobilização de afetos. Então foi muito usado durante campanhas...é até hoje muito usado, né? Mamadeira de piroca, aborto tá sempre, nossa, todo político: “Lula é pró-aborto, Lula se posicionando contra o aborto, Boulos não toca na pauta”. Então, são pautas que são usadas pra mobilizar o eleitorado. É...mas têm por causa da... porque elas tocam em questões que são muito centrais, que é a família, posição da mulher, etc, enfim, orientação sexual, tudo isso.

⁸⁶ Disponível em:

<https://catarinass.info/video-em-audiencia-juiza-de-sc-induz-menina-de-11-anos-gravida-apos-estupro-a-desistir-de-aborto/> Acesso em 04 dez 2024.

G: E considerando isso, e que você trabalhou, enfim, teve aí uma trajetória voltada mais pra essas pautas...

H: Continuo, mas agora em ONG, não mais no jornalismo. É comunicação mais...ativista.

G: É, jornalismo, a gente, às vezes, tem essa visão mais quadradona da redação. Mas eu acho que hoje em dia, ainda mais com... enfim, não dá mais pra chamar de jornalismo independente, esses veículos cresceram pra caramba. Às vezes, tem mais impacto, eu sou da mídia hegemônica, mas eu reconheço isso, eu tô nos espaços e eu vejo também o impacto dessas organizações, né? Eu tenho uma visão mais ampla, que eu acho muito legal, que não é só de...É...sei lá, um serviço de informação, é um serviço mais amplo que isso, né? Eu acho que transborda esse lado de...enfim, dessa neutralidade jornalística que foi construída e se coloca também como um papel ativista, não no sentido militante.

H: Não, mas é ativista. A Bárbara, que ficou no meu lugar na *AzMina* como diretora, tá estudando jornalismo ativista no mestrado dela, né? E eu acho que faz todo sentido. E não só...o jornalismo...é que eu acho muito doido. Não tem nada a ver com seu mestrado, mas eu não consigo não falar isso, cê bota em algum lugar aí. [Giovana ri] Que eu acho muito doida como qualquer pauta de direitos humanos ou direito ambiental ainda é considerado jornalismo e é isento, pra visão do mundo. Tipo, você tá lá pró direitos humanos, trabalho escravo, cê tá tomando um lado! Você é contrário a quem escraviza e você é a favor da pessoa escravizada, e isso é óbvio, é direitos humanos e é considerado bom jornalismo. Jornalismo ambiental, a favor da preservação do meio ambiente, contra a destruição do meio ambiente, é bom jornalismo, é isento! Não sei porque o jornalismo de gênero não é visto...as mulheres, as pessoas LGBTs são tão vistas como não-humanos, que quando você se posiciona...as pessoas negras também, eu acho que o jornalismo de raça também...se posiciona a favor dessas populações, daí você tá sendo parcial, daí não é defesa dos direitos humanos mais, daí é opinião. Então, quando um veículo se posiciona a favor do aborto, ele tá deixando de ser imparcial, não tá defendendo um direito humano básico que é o direito de escolher sobre o seu próprio corpo. Então, eu acho isso muito curioso assim, enfim...tem nada a ver, mas desculpa. [ri]

G: Não, tem tudo a ver, tem tudo a ver, na verdade! Porque, é...até, assim...eu li todos os relatórios da Fenaj, do início ao fim, fui desde 98.

H: Caramba!

G: É...E você vê um padrão, até porque no início... a Fenaj foi afinando a metodologia deles, mas eles pegavam basicamente assassinatos. Isso que era considerado violência. Então, no último relatório eles já ampliaram o espectro do que que é considerado violência, então eles passaram a incluir, por exemplo, transfobia que era um dado que não tinha nos outros relatórios. Não porque talvez não tivesse, mas talvez porque a organização não tinha esse olhar. Enfim...é...e você via um certo padrão até, sei lá, 2019, algumas pautas que sempre mobilizavam essas violências, e eram pautas normalmente ligadas à política, então ano eleitoral sempre tinha um certo aumento, a corrupção, né? E...direitos humanos até tinha ali, mas eu acho que a partir dessa virada...talvez até um pouco antes, ali em 2015, 2016, quando começa assim, um acirramento voltado pra questão política, né? O Brasil em disputa, com essa polarização, você passa a ter muito mais pautas de direitos humanos, né? Direitos sociais que se tornam alvo. E...até, assim, eu não sei se você conhece a Rede Internacional de Jornalistas com Visão de Gênero.

H: Não..

G: Tem a rede nacional e tem a rede internacional. É bem interessante, depois se você quiser procurar me fala. É...é uma rede que começou no México, e aí elas foram ampliando, tem na Colômbia, enfim, alguns países da América Latina. E elas...enfim, fundaram, né, pra montar uma rede articulada ali de jornalistas que tavam fazendo jornalismo com visão, uma perspectiva feminista, uma perspectiva de gênero. E nos últimos anos, elas passam a atuar, também, como uma rede de proteção a jornalistas que tão sendo atacadas. Então, na verdade, eu acho que isso tudo que você tá falando tem toda uma relação, porque conforme você avança numa consciência do próprio jornalismo e...Acho que a internet colabora muito com isso das pessoas começaram a criar seus próprios...novas iniciativas, né, veículos nativos digitais. Enfim, você tem, por um outro lado, uma mobilização que sempre existiu, como você falou, né? Sempre existiu, que talvez tivesse mais voltada aos movimentos sociais, mas que passa a atingir essas jornalistas que tavam ali fazendo aquela cobertura *side*, que você mesmo falava: “Cara, eu tava ali fazendo jornalismo fofinho, jornalismo de gênero”. Não fofinho, mas enfim, que não tava ligado diretamente com esses embates, né?

H: É, e é diferente porque, por exemplo, o jornalista que cobre uma pauta, sei lá tipo... Dom Phillips. Ele tá mexendo com poderosos, os caras vão lá e vão apagar ele porque simplesmente não querem que a história seja contada. É essa violência, tipo: “Eu não quero que você conte, você mexeu no caso”. No caso dos direitos humanos, não é que... É de um outro lugar, que eu não sei nem direito nomear, porque não é que eles querem que você deixe de falar, não é que você tá incomodando uma pessoa específica ou que vai deixar de alguém ganhar dinheiro... É... é muito mais, tipo, uma coisa sobre uma narrativa e uma simbologia que as pessoas não querem que mude e que a população tá muito envolta nisso, né?

G: Mas você acha que eles não querem que vocês parem de falar?

H: Não, não é que não querem. Querem que a gente pare de falar, mas é de uma outra maneira porque não é, tipo: “Eu vou perder algo porque essa jornalista falou sobre aborto”. Não é isso, é... socialmente pode mudar o *status* dessa questão aqui no país. É... sei lá, casos de assédio, né? Se os casos de assédio começam todos a ser denunciados assim, os homens não vão poder mais assediar, então os juízes não vão poder mais defender os homens. Então, é tipo, muito mais sobre uma mudança na lógica, tipo, do que sobre especificamente uma pessoa, uma organização. Enfim, eu acho que é cultural, acho que é isso, é muito mais cultural do que um incômodo específico, sabe?

G: Não tem um alvo direto, né? Uma pessoa, um CPF.

H: É, acho que é isso, é um incômodo, as pessoas se incomodam pelo, pelo que pode ter de impacto cultural assim, mesmo.

G: Mas levando em consideração que, mesmo não sendo essa denúncia direta, mas existem esses ataques, enfim, essas reações, você acredita que existe liberdade de imprensa, liberdade de expressão no Brasil?

H: [responde prontamente] Sim. Não é plena, mas sim, com certeza a gente tem, eu acho que...

G: Por que que não é plena?

[longa pausa para responder]

H: Porque tem ameaças, porque eu acho que é muito mais um cerceamento pelo medo. E eu nem falo do meu caso, mas de outros jornalistas que sofreram perseguições muitos maiores, que quiseram desistir da carreira, desistir da profissão, desistir de trabalhar. Muita gente para pra pensar se quer mesmo, então eu acho que...tem assim. Mas é isso, eu convivi com uma mina que era de Caxemira, na Índia. [pausa] As condições que ela tinha pra fazer reportagem lá...ela foi presa no dia do casamento dela, por denunciar as violações de direitos humanos que a Índia faz na Caxemira. Ela teve que sair fugida do país e tal. Então eu acho que, assim, as violências que a gente sofre aqui são grandes e não podem ser diminuídas, mas falar que não tem liberdade...A gente pode falar, talvez a gente não tenha consequências, mas tem muita gente que não consegue nem falar em outros países. Então eu também...É isso, cortam a internet. O país dela chegou a ficar acho que três meses sem internet. Não o país, na região, né? Eles se consideram um país. Então, eu acho que...pra mim foi importante conhecer outras pessoas e ter essa outra perspectiva, também, pra olhar e falar: “Ok, aqui no Brasil você pode sofrer violência e tal”. É difícil o trabalho e eu acho que as pautas ambientais que tão ligadas à empresas e, principalmente, em nível local, né? Que são as que levam mais violência, são as que mais sofrem. Enfim, eu acho que comparado com o que acontece em outros lugares...A gente tem liberdade de imprensa, talvez ela é, não é completamente irrestrita, mas tem.

G: E o que que cê acha que falta pra...pros jornalistas, pras jornalistas ficarem mais seguras? Se sentirem mais seguras?

H: Democracia mais ampla! [Risadas] Políticos com bom senso, mais educação midiática no país, bastante coisa. [Ambas riem]

G: Tem mais alguma coisa que cê queira falar?

H: Não!

G: Nada?

H: Acho que falei muito já, na verdade.

G: Cara, eu acho que é isso, né? Queria te agradecer, mais uma vez e...Parar de gravar aqui.

H: Desculpa se eu falei demais.

G: Não, que isso! A gente quer...que fale bastante mesmo.

D) Ívina Garcia

Entrevista realizada no dia 14 de julho de 2024, em São Paulo (SP).

Ívina: Aqui, a gente ainda não tem xícara.. [entrega o café em uma caneca]

Giovana: Ah! [ri] Imagina, brigada.

G: Ívina, mais uma vez, muito obrigada, é... por participar, por me receber aqui na sua casa. Como eu falei, a ideia é ser uma conversa e não só sobre o tema da pesquisa, é... Enfim, violência contra mulheres jornalistas e também como isso afeta a produção jornalística, mas a ideia é... recuperar um pouquinho também da sua trajetória, da sua carreira, né, enfim, pra entender justamente essas implicações na... no jornalismo, na prática jornalística. E eu queria começar te perguntando um pouquinho sobre você, de onde você é, é... onde você, enfim, morou a maior parte da sua vida...? É... já vi, já conheci sua filha, uma gracinha. Se você puder contar um pouco sobre a sua vida, né? E também a gente tá colhendo dados demográficos, então se você puder falar, é... Em relação à questão étnico-racial e identidade de gênero, sexualidade, como que você se identifica também. É... isso é algo que a gente tem se preocupado.

I: Eu sou de Manaus, nascida e criada em Manaus. É... eu moro na parte ali meio central da capital, então eu não tenho muito recorte assim de... favela, eu moro numa parte assim, digamos boa, não é? Não sei não, chega essa classe média, mas a minha família é de uma família que vem de pobreza, principalmente minha bisavó que ela é filha de imigrantes, então eles são portugueses... Eles eram né? No caso, que a gente já não tão mais entre a gente. E aí a minha bisavó saiu cedo de casa, então assim minha família toda basicamente mulheres, criadas por mulheres ou... tentando viver ali. E... Bom, [pausa] nasci no Amazonas, passei a

maior parte da vida lá, me mudei recentemente pra São Paulo. Tive... tive... Eu sou uma mulher parda, me identifico como parda, minha mãe é bem branca, meu pai é bem, bem negro, meio preto, então me identificou como parda. Sou pansexual e uma mulher cisgênero, me identifico como uma mulher cisgênero. Ahn... quais, que mais?...

G: Quantos anos você tem?

I: Tenho 26, indo pra 27 já, agora mês que vem. É... e da, da carreira como eu comecei...

G: Justamente o que eu ia perguntar depois, é... queria saber como que você decidiu se tornar jornalista, que que te motivou a fazer jornalismo?

I: Então eu... tem uma situação engraçada, porque quando eu tava na... no ensino médio, a gente teve aquela participação do projeto Netuno da Petrobras. E aí nessa época, eu queria fazer jornalismo, quando eu tava no segundo ano do ensino médio. Eu queria fazer jornalismo, em 2013 isso, eu acho. É. Eu queria muito fazer jornalismo porque eu tinha um... um namoradinho assim, que ele já tava na faculdade e ele fazia jornalismo e eu achava muito legal, como ele falava da aula dele, etc. Eu falei "Nossa, eu quero fazer jornalismo". Porque eu gostava de escrever... Sempre gostei de escrever, eu tinha várias agendas, assim, com um monte de coisas escritas, enfim. E aí, só que... foi esse projeto Netuno lá e eles pediram pra gente escrever no papelzinho o que que a gente, como que a gente se via daqui a 10 anos, que eles iam enterrar no pré-sal. E aí, eles tiraram ano passado. Eu tinha escrito que "Em 10 anos eu queria ser jornalista formada e queria estar trabalhando numa grande emissora." [risadas] Eu escrevi isso, só que a parte engraçada foi que eu não fiz Jornalismo de primeira, eu fui fazer Física.

G: Física? [ri]

I: É [ri]

G: Tudo a ver [ri]

I: Tudo a ver, tudo pertinho ali

G: [ri]

I: Porque no terceiro ano eu mudei de escola. E aí foi o terceiro ano, era um assunto muito legal de física também gostava muito em matemática, eu era muito boa em matemática e números e etc. E aí esse assunto de física era muito legal, e eu falei "Meu Deus eu quero, eu quero fazer faculdade física." E aí eu já tinha.... eu já tinha visto a minha nota no Sisú, já tinha feito o Enem de teste, né? E passava em faculdade de Física muito fácil. Aí eu falei "Ah, vou fazer física ao invés de fazer Jornalismo". Porque minha professora disse que tem mais vagas lá, que quase não tem ninguém fazendo Física, e aí eu fui fazer física. Aí eu passei na Federal do IFAM, da Federal do Amazonas.

G: IFAM é o Instituto Federal?

I: É o Instituto Federal. E aí eu fiz três períodos de física, até a minha cabeça não aguentar mais [ri]. E aí também foi nessa época que eu engravidei, eu tirei esses dois anos sabático, assim, eu fiquei longe de estudo. Aí eu fiz o ENEM de novo, aí eu pensei "Tá, o que que eu vou fazer agora? Eu posso fazer alguma coisa de tecnologia, porque também tá muito... sistema de informação, essas coisas assim de computador, que eu gosto também. E jornalismo, né? Também muito a ver." Eu botei os dois, e aí eu consegui bolsa no Prouni pra Jornalismo, que era a primeira opção. Aí eu fui fazer Jornalismo, no com bolsa do Prouni, porque eu não tinha como fazer na Federal de lá que era da UFAM.

G: Uhum

I: Da Universidade, porque era integral a faculdade. Eu tinha uma filha de um ano e não tinha como fazer, não era viável, não era tão perto da minha casa, é muito difícil chegar lá. Apesar de ser na cidade, mas é contramão pra todo mundo. É contra mão pra todo mundo pra conseguir chegar lá, então não era viável. E aí eu consegui a bolsa 100% pelo Prouni e fiz uma uma particular noturno. E aí foi assim que eu cheguei no Jornalismo. Mas assim na faculdade física, eu já escrevia prum blog do Rio de Janeiro...

G: Que legal!

I: Sobre cinema.

G: Qual que é o nome?

I: Era o *Cabana do Leitor*, era uma um blogzinho desses assim menores focada em outra *geek*, etc. Então eu assistia a séries, aí tinha, a gente recebia as séries antes, eu adorava isso, porque eu assistia às séries antes da *Netflix*. E aí fazia avaliação, fazia *review*, é... cobria o Oscar... Todas essas coisas. Cheguei a escrever pra outro blog, que eu não lembro o nome agora, também, que foi só sobre o Oscar, que eles precisavam de alguém para escrever sobre isso. E aí isso eu fazia já na faculdade física, então, mesmo eu fazendo física, eu ainda tinha essas coisas assim...

G: Um pézinho...

I: É, de “ai, eu gosto de escrever também, ao mesmo tempo que eu gosto de número”, então sempre fiquei muito nessa, nesses dois lados. E aí eu fui fazer jornalismo e já no primeiro período eu consegui um estágio, no finalzinho do primeiro período eu consegui um estágio numa loja de variedade lá, essas lojas asiáticas que chegaram, né? E aí eu fazia um *marketing* de lá, basicamente fazia tudo, tudo do *marketing* de lá. Tirava foto, redes sociais, respondia, é... tudo, tudo, fazia legenda... enfim, fazia encarte. E aí eu saí de lá, pra ir para o *Carrefour*, também *marketing*, só que o *Carrefour* era mais administrativo, então mexia muito com planilha, Excel, e aí veio de novo esse negócio da matemática... que eu mexia muito com preços também, então era mais nessa pegada. Só que aí nessa época eu já sentia uma necessidade, assim, de ter um jornalismo mesmo, tipo fazer o que eu gostava de fazer, que era escrever. Sempre gostei de escrever. Eu tava tendo um pouco isso nos estágios que eu tive. E aí, eu senti essa necessidade de trabalhar com jornalismo mesmo, com notícia. E aí foi quando veio uma oportunidade de estágio na TV local, que é uma TV independente, que é a *TV A Crítica*. E aí eu também saí do *Carrefour*, e fui pra *TV A Crítica*, onde eu fiquei quase dois anos lá como estagiária. E aí lá eu aprendi muito assim, muito porque foi jornalismo policial, então era aquele jornalismo diário e o nosso programa era o programa do meio-dia. Então era aquele programa "espreme que sair sangue" policial...

G: Sim, é muito corrido o fechamento.

I: É, não, e era ao vivo basicamente. Que a gente chegava de manhã e já tinha que fazer o espelho. E foi no meio da pandemia também, que eu mudei de emprego. Começou a pandemia, tava no *Carrefour*. E aí, no *Carrefour*, eu fiquei assim uns três meses sem fazer nada, porque eles não sabiam o que fazer comigo. Até que eles decidiram mandar o computador para minha casa, foi quando eu voltei a trabalhar. E aí, não demorou muito e eu mudei, quando diminui as restrições, aí eu consegui ir pra TV. Só que assim, era um período pandêmico ainda, tinha muitas restrições e voltou uma restrição mais tensa lá, até que a gente tinha que andar com o papelzinho e crachá pra poder sair na rua. E aí, esse período, eu que cuidei basicamente “do” Covid, porque ninguém lá gostava de escrever sobre saúde, o pessoal tá muito acostumado a escrever sobre polícia, então não tinha muito contato, não queriam ter, né? E aí eu fiquei basicamente responsável pelo covid, então eu cobri todo “o” Covid, assim, cobria os sepultamentos, fazia gráficos, aí de novo....fazia gráfico de sepultamento, fazia artes, dados de como que tava a situação sanitária do Amazonas, de Manaus, enfim.

G: Aquela crise dos oxigênicos.

I: A crise dos oxigênicos. Eu tava lá, eu cobri. Foi muito tensa. A primeira pessoa que foi transferida do Amazonas pra outras cidades pra conseguir viver, porque teve muita gente que não conseguiu, infelizmente... Mas foi um período tenso, assim, de cobertura diária. Apesar de não tá na rua, de não tá vivendo, mas ao mesmo tempo eu tava vivendo tudo aquilo, escrevendo, né? Fazendo a produção do programa. E aí nesse meio tempo também, eu comecei a escrever pro jornal *A Crítica*, que era o jornal impresso deles. Só que no jornal eu era só do caderno de *Mais Dinheiro*, do caderno de Economia. Então, era um caderno só de domingo. Era bem tranquilo, era dois, três textos assim de economia. E aí trabalhei no impresso lá, mas foi pouco tempo também porque eu não conseguia conciliar uma coisa com a outra. E no jornal era CLT mesmo, só que na TV ainda era estágio. E aí pra mim era mais fácil ficar no estágio por causa do da faculdade, porque eu também tinha faculdade de noite e era mais era mais fácil organizar os horários...

G: E com uma filha.

I: E com uma filha, tudo isso [ri]. E aí, eu saí do jornal e fiquei só na TV, e aí foi quando veio a oportunidade de escrever pra uma revista, que é a revista *Cenarium*. Aí foi quando eu fui pra a revista *Cenarium* e aí melhorou um pouco assim. Porque os horários eram melhores

também lá na revista, é...faculdade já tava mais tranquila, a Thais⁸⁷ já tava um pouquinho maiorzinha... E aí na revista foi quando eu tive mais, mais visibilidade assim porque realmente era o meu nome que tava ali, porque na TV eu era muito ali por trás, produção é aquela coisa. Quando eu fui pra revista foi quando eu comecei a ter meus trabalhos mais reconhecidos, as pessoas começaram a saber quem eu era, e aí foi quando começou, assim, realmente começou a minha carreira. Eu sinto que começou na revista *Cenarium*. E aí de lá, eu fiz a *Jornada Galápagos*.

G: Ah, que legal. A do ano passado? Tava tendo agora

I: Tava tendo agora... Eu fiz a *Jornada Galápagos*, aí na *Galápagos*, eu conheci a Vanessa Adachi, que era ex-editora do *Valor*, hoje ela tá no *Reset*. E aí, a Lê me apresentou pra ela e falou "Ai essa menina aqui, ela gosta de economia e tal" aí eu fiz alguns *freelas* pro *Reset*. E aí quando eu quando saiu o curso do *Valor*, que faz 10 anos que eu não tem esse curso, e aí voltaram agora pra refazer. E aí a minha professora, isso eu já tinha terminado a faculdade, me formei, coleí grau e tudo. Aí, a minha professora ficou me enchendo o saco assim, mandando mensagem, toda semana ela falava "Tu se inscreve, se inscreve, se inscreve" aí eu tipo "Tá, vou me inscrever". Deixei pro ultimo dia, me inscrevi no último dia do *Valor*. Aí passei e etc, e aí depois eu fiquei sabendo que houve [ri] uma conversa ali porque eu falei, né? Que numa das entrevistas, eu falei que eu tinha feito *freela* pro *Reset* com a Vanessa e tal, falei conheci a Vanessa no *Galápagos* e eles foram perguntar dela sobre mim e etc.

G: Ah! Sempre assim, né?

I: Teve tudo isso por trás e aí foi quando eu passei para o curso do *Valor* e vim de novo para São Paulo. Eu já tinha vindo, eu vim pra Abraji,

G: No ano passado?

I: Ano passado...

G: Ah eu tava lá, vim agora pro Congresso da Abraji.

⁸⁷ Pseudônimo criado para preservar a identidade da criança.

I: Pois é, eu tava no ano passado que eu vim pela revista *Cenarium*, que a gente tinha um estande lá, montamos um estandezinho. Aí eu fiquei no estande da *Cenarium*, vi algumas palestras, e aí eu voltei para Manaus, aí eu vim de novo pra Galápagos, aí voltei e vim pro *Valor*. Então, teve essas três vezes que eu vim ano passado. E aí no *Valor* teve o curso e no final, assim, eles não deram nenhuma expectativa de que iriam contratar ninguém e agora mais mesmo um curso preparatório, de formação, visando o futuro. Se abrisse vaga eles iam chamar as pessoas que eles conheceram, até mesmo por conta da diversidade... é... geográfica do curso. Que assim, mesmo tendo, ainda precisava ter mais, na minha opinião

G: Em que sentido, assim?

I: Eu era a única pessoa do Norte. Tinha Bianca, que também, ela é do Amapá, mas ela já mora há oito anos no Rio, então, assim, quando saiu a lista, que eu vi, eu era a única pessoa do Norte, só eu tinha do Amazonas.

G: O resto era o que? Só Sudeste?

I: Sudeste e... Tem bastante gente do Nordeste, eu acho, assim. Bastante não, assim, cinco pessoas, em 30, em 25 pessoas. Tinha cinco pessoas no Nordeste, mas do Norte, só tinha eu.

G: E a maioria era daqui de São Paulo?

I: São Paulo, Rio. Aí Minas, tem, acho que tem umas duas, três de Minas. E do Sul assim. E aí tinha também as vagas internas assim, das pessoas que já trabalham no *Grupo Globo*. Então, tem gente do *Globo*, tem gente que é do *Valor*, tem gente que é de outros locais. Mas aí, enfim, aí, quando eu voltei pra Manaus em dezembro, voltei pra Manaus em novembro. E aí, dezembro eu pedi demissão do meu trabalho, porque minha bisa tava muito doente, e aí ela ficou internada. Ela teve um ataque cardíaco, ela ficou internada. E aí minha família tem muita gente idosa, então eles não poderiam ficar de madrugada como a minha bisa, e aí eu decidi pedir demissão pra ficar com a minha bisa, pra cuidar dela e ajudar minha minha família. E aí eu cuidei, ajudei, fiquei de madrugada pra cuidar da minha bisa e ela veio a falecer, em dezembro, um pouquinho antes do Natal. E também foi na mesma semana que o *Valor* entrou em contato, pra, pra... pra vaga de trabalho. E aí eu decidi que viria, junto com

meu noivo. E aí a gente ficou meio assim "Meu Deus e agora?" Porque ele já tinha um trabalho lá, ele trabalha como jornalista, e ele trabalhava lá e aí ele falou "Não, a gente vai, e eu tento procurar alguma coisa por lá". Só que aí também, eu acho que na semana seguinte ele conseguiu um trabalho remoto. Então deu tudo certo, assim, todos os chakras se alinharam pra que a gente viesse. E aí, a ideia era vir em janeiro, só que assim dezembro pra janeiro é um período muito curto, eu precisava de mais tempo pra organizar tudo até mesmo porque as passagens de Manaus pra São Paulo são muito caras. Se eu fosse comprar a passagem de Janeiro era, no mínimo, três mil reais para vir para cá. Num voo com escala, não era nem um voo direto, era com escala [ri].

G: Demorando um dia pra chegar [ri].

I: E, assim, a gente demorou um dia pra chegar assim, nosso voo foi cancelado, nossa, foi um B.O. E aí foi assim que eu vim pra São Paulo pra trabalhar no *Valor*, basicamente essa é o resumo, bem resumido, de coisas que fiz.

G: Tá certo, é... Nesse processo quando você entrou na faculdade, também nos veículos que vc passou, como é que você enxergava assim, é... a redação em relação a quantidade, você chegou a mencionar, né no curso do *Valor* a questão de você ser a única pessoa do Norte, mas como é que era em relação à questão de gênero? Tinham, eram maioria mulheres ou homens, você acham que eram misto?

I: Assim, na redação que eu passei, na TV, tinha muita mulher, realmente tinha bem mais, acho que até na faculdade tinha bem mais mulheres do que homens, assim, acho que no Amazonas tem essa densidade maior de mulheres no jornalismo. Na revista também, mas isso também é muito influenciado pela dona da revista, que ela tem essa vontade de ter os recortes, assim, recorte racial, de ter pessoas de LGBT, então, a revista era muito mais diversa. Tinha pessoas LGBT, pessoas indígenas, têm, é... muito mais mulheres do que homens, acho que tinha uns quatro homens só na revista assim. Cargos de liderança também uma majoritariamente mulheres tanto na TV quanto na revista também. No jornal lá...

G: E questão étnico-racial também? Você acha que era equilibrada?

I: É porque é bem mais misturado lá no Amazonas, não tem muito assim, brancos e pessoas pretas, é muito, tem muito caboclo, sabe? Tipo pessoas assim com pele mais oliva, então não tem, não tem um recorte assim muito de raça nesse sentido. Eu sinto falta muito de indígenas serem inseridos nesse contexto. Eu não vi na TV, nem no jornal impresso da *A Crítica* esse recorte, mas também esse jornal é um jornal grande, então não conhecia todas as pessoas envolvidas lá. Acho que tinha uma moça que é a mãe dela era indígena, mas assim não tenho como confirmar, mas na TV realmente não tinha esse recorte. Na revista, já chegou a ter porque tinha essa preocupação de ter essa diversidade maior e também de recorte racial. Tinha pessoas com pele mais retina, inclusive na revista tinha um programa de diversidade que é o *Cenarium Diversidade*, que era apresentado por uma mulher negra. E aí tinha o podcast das *Odaras*, que eram quatro mulheres pretas também, falando sobre questão racial. Então, a revista já era mais preocupada para esse lado. No curso, tanto da Galápagos, a da Galapago eu senti muita diversidade, tinha muita, muita, muita, muita diversidade, muitas pessoas pretas, muitas pessoas de contextos diferentes, pessoas que vieram do do campo, sabe? Bem rural. Tinha muita gente do Nordeste. E pouquíssima gente daqui, tinha duas pessoas de São Paulo só, então foi muito bom por isso, por esse ponto. Tinha duas pessoas do Sul também só, então tinha um recorte bem maior. Foram três pessoas de Manaus, fui eu e mais dois colegas de Manaus. Um deles era de Itacoatiara, então, no interior do Amazonas, então, teve essa preocupação também. E no *Valor* foi onde eu senti que precisava mais assim, mas também foi um curso primeiro depois de 10 anos, então eles tão, ainda devem estar aperfeiçoando, né? Nesse ponto. A gente até chegou a conversar sobre isso, sobre essa falta de diversidade, mas tinha mais mulheres.

G: E hoje na redação do Valor, como é que você vê essa questão?

I: Eu acho que falta recorte regional, acho que é um dos pontos. Mas isso não é uma coisa só do da reação do *Valor*, acho que é toda redação de jornal daqui do Sudeste, jornal que se diz nacional acho que na verdade nacional é o eixo do Sudeste. Porque todas as notícias, que às vezes eu vejo notícia que é daqui do Sudeste, eles tratam como nacional, e aí se fosse a mesma notícia do Acre, não seria nacional, seria regional. Então, eu acho que....

G: Aí é só local, só interessa esse pessoal local...

I: Isso, então, eu acho que falta muito recorte regional pra ter esse olhar de onde eu vim, que eu posso agregar nisso. Tanto que eu acho que eu faço um pouco dessa, dessa... desse recorte

regional, principalmente agora na reforma tributária, por exemplo, sobre a Zona Franca. Eu vi, vejo a cobertura e aí, às vezes, eu fico “Hmm podia encaixar alguma coisa da Zona Franca aqui, alguma explicação”, porque eu acho que muito da resistência que se tem contra Zona Franca é por conta de não saber o que é e como as pessoas de lá são impactadas com isso, enfim. Mas o que eu acho que mais peca é o recorte regional. Você vê pessoas pretas, brancas, pardas vivendo no mesmo ambiente, tem bastante gente preta; Inclusive, meu chefe é um homem preto, muito legal ver ele lá. Tem pessoas também na diretoria, em cargos de liderança, enfim, mulheres que têm cargos de liderança. Mas eu acho que falta regionalidade, uma diversidade mais regional

G: Eu vou só dar um pausa aqui se não o arquivo fica muito grande.

=====

G: Interessante cê falar isso, né, de... a questão da distribuição de... a presença feminina, é... nas redações do Norte, do Amazonas, na verdade, e... Porque assim hoje em dia, muita gente às vezes acha tipo "Ah porque tem poucas mulheres", isso não é verdade. Hoje nós somos a maioria na profissão, mas o que tem é justamente o que você falou uma falta de... uma desigualdade em relação à distribuição, principalmente de casos de liderança, né? É... até fico feliz de ouvir que você tenha visto mulheres e pessoas negras nesses cargos de liderança, mas em relação à regionalidade ainda é bem complicado. Mas eu queria te ouvir assim se relação a ser uma mulher ou também por ser, é... no Amazonas você enfrentou alguma situação dentro do ambiente de trabalho, é... que você se sentiu minha em alguma maneira diminuída assim, em relação a sua capacidade é... profissional, algo que pudesse de alguma maneira dizer que você não fosse capaz suficiente de fazer alguma coisa. Se você já passou por alguma situação nesse sentido.

I: Eu acho que não por ser mulher. Eu passei para uma situação na TV, que eu nem era a repórter, nem nunca, não gosto muito de aparecer, mas eu tinha um cabelo preto bem longo e eu tinha uma mecha assim rosa embaixo só, bem parecida com a [nome da personagem inaudível] da Marvel. E aí eu eu tinha um editor na época, meu editor de vídeo, editor de texto na verdade, que a gente era bem amigo, né? Ele era bem mais velho, foi basicamente meu mentor assim. E aí ele tinha dito que alguém da Diretoria tinha reclamado do meu cabelo, porque não era muito profissional e que eu parecia muito... parecia muito... anti-profissional, sabe? Não é amadora, não amadora é...

G: Infantil?

I: É, infantil. Ele tinha me chamado de infantil por conta do meu cabelo, sendo que, assim, meu trabalho não influenciava em nada, não aparecia na TV, não ia aparecer na TV, não estava “me” aplicando pra um cargo de repórter, então meu cabelo não fazia diferença. Só que isso me pegou, porque, assim, era meu primeiro trabalho na TV, foi a primeira experiência com o jornalismo. E aí, na faculdade, a gente tem muito isso dos professores falarem que a imagem é muito importante, não sei o quê. E aí eu me peguei assim dessa coisa de "Meu Deus, meu cabelo rosa tá afetando meu trabalho" e aí eu pintei meu cabelo por conta disso. E lá eu via muitas mulheres passando por isso assim, tinha um meio que um padrão que as repórteres tinham que seguir pra aparecer na TV. Tanto que teve uma repórter que eu lembro que ela chegou, ela tinha acabado de pintar, tinha feito luzes mais claras assim do tom cabelo dela. E ela foi proibida de trabalhar naquele dia. Ela teve que voltar pro salão e pintar, pra escurecer o cabelo. Ela não trabalhou naquele dia, mas ela entrou, chegou, tipo bateu o ponto, a diretoria chamou ela e falou para ela voltar para casa para escurecer o cabelo porque ela não poderia entrar na TV com aquele cabelo. E aí teve outra assim, tiveram que cortar o cabelo, porque ele tinha um padrãozinho assim, meio quase chanel de cabelo na TV. E aí eu achava isso meio complicado porque você viu os homens eles não tinham uma pressão estética grande assim, eles tinha uma pressão de se vestir adequadamente né com a reportagem, mas não tinha essa pressão estética de "Ah, você tem que ficar com a sobancelha feita, você tem que se maquiar..."

G: Fazer a barba...

I: Tem que fazer a barba, tem que cabelo, não pode estar desse jeito, mas eu não sentia mesmo a pressão que eu sentia vendo as repórteres. Mas também, no meu caso, foi essa situação do meu cabelo rosa. Só que aí depois quando eu fui para a revista, aí eu senti mais essa liberdade, tanto que o meu braço é todo tatuado [ri] eu não tô nem aí mais, sabe? Por que eu sentia essa coisa assim que a faculdade coloca na tua cabeça de que "ah não pode ter muita tatuagem, não pode pintar com cabelo de colorido, não pode fazer isso não, pode fazer aquilo..." E aí eu ficava.... comecei a me botar nessas caixinhas. Aí só que depois, quando eu fui pra revista que eu vi que não importa muito, sabe? Mas na TV teve isso.

G: E você disse que chegou a presenciar muito né de outras mulheres. Você chegou a enfrentar ou enfim, presenciar, soube de alguma colega passou por alguma situação de assédio sexual, assedio moral dentro dessa redações que você passou?

I: Assédio moral... Acho que até de moral eu já escutei [tosse] alguns casos. Acho que principalmente de políticos. O Amazonas, ele tem um problema muito, muito tenso com os políticos, porque é basicamente coroneis que estão no poder e acham que eles não podem ser criticados, nem perguntados. Às vezes não é uma crítica, é uma pergunta. E aí eles tendem a tratar bem mal jornalistas, como a maioria é mulher, eles tratam pior ainda mulheres jornalistas. É... eu sei que antigamente era bem pior. Assim, eu escutei história da minha chefe, que ela era repórter, ela aparece em “Bandidos na TV”.

G: Ela parece o que? Desculpa.

I: Em “Bandidos na TV”, a série da *Netflix*. Ela é uma das repórteres que aparece lá e ela conta que naquela época era bem complicada assim, de rolar agressão, dos políticos irem pra cima. Hoje em dia eles não vão porque é bem mais fácil de ser gravado. Mas teve casos recentes assim de político sendo, sendo... bem escroto com jornalista. Acho que teve um caso de... de homofobia do prefeito contra um repórter. Eu não tava no dia, mas eu vi os vídeos circulando assim. Mas acho que é mais essa relação de políticos. Dentro das redações, eu não não tenho muita, não tem muita lembrança de ter algum caso de homem. Exatamente porque as redações que eu passei eram mais lideradas, na sua maioria, por mulheres. Mas assim teve também assédio moral de mulher. Tanto que a coisa no meu cabelo foi dita por uma mulher. Então tive uma situação que meu texto foi muito muito criticado, também por uma mulher, de uma forma muito, muito intensa. Enfim teve situações que foram mulheres contra mulheres. De homens, eu não consigo recordar.

G: Você mencionou essa questão é... dos políticos do Amazonas, e em 2022, a gente teve um ano eleitoral e uma das suas reportagens acabou ganhando muita repercussão e você também acabou sendo atingida por conta disso. É... que a gente pedir, se você se sentir confortável, compartilhar, como é que foi isso, né? Desde o processo da reportagem e se você já tinha passado por algum enfrentamento... é... alguma retaliação por algo que você publicou, escreveu, produziu antes.

I: Ah sim, no período eleitoral foi, foi bem intenso. No começo, eu tive problemas com políticos, de novo. A gente, a gente sofre muito assédio judicial, é uma uma situação beeem

grave lá, porque, assim, é qualquer matéria. Você faz de qualquer matéria, você pede resposta e mesmo assim te processam. E processam por coisas absurdas assim. Eu tenho um colega que tá sendo processado por uma foto, que a deputada pediu para ele retirar, ele retirou e, mesmo assim, ela processou ele. Então... enfim. O assédio judicial é muito pesado. Eu fui...

G: Mas era uma foto que...

I: Foi no caso das Capivaras, sabe o cara da capivara Filó⁸⁸?

G: Não...

I: Foi aquele rapaz que criava uma capivara lá na casa dele, e aí teve todo o rolê que o Ibama foi e não sei o quê. E aí teve a deputada envolvida, deputada Joana D'arc. Que ela era... antes, ela era defensora dos animais, tinha toda essa pauta e aí ela levou, foi eleita. E aí ela tava defendendo e esse meu colega, ele fez uma matéria do Agenor, mas envolvendo o biólogo, porque o biólogo....a foto era o biólogo, o Agenor e a deputada. Era uma foto, assim, que tinha. E aí, ele usou essa foto numa matéria que falava sobre esse biólogo ser envolvido com maus tratos aos animais. E aí, ela [a deputada Joana D'Arc] não gostou. Ele tirou ela da foto, ele cortou a foto, publicou novamente e, mesmo assim, ela processou. E aí comigo aconteceu também de matérias que eu... Eu soube que a gente recebeu o processo do Omar Aziz, do Eduardo Braga, do Amazonino [Mendes], dos políticos lá, mas teve...

G: Voce recebia os processos em nome da revista?

I: Da revista. É, vinha em nome da revista apesar do meu nome tá na matéria, mas eles vinham em nome da revista. Alguns 'chegou' a perderem ou desistiram do processo porque viu que iam perder porque não fazia sentido. Mas sobre essa, essa questão do... da matéria que teve uma repercussão, antes dessa, teve uma matéria que eu fiz sobre os gastos de Bolsonaro no Amazonas. Porque ele tinha gastado uma quantia gigantesca assim, porque foi numa época que saiu sobre os gastos dele em outros estados assim, no Brasil e etc. E aí eu fui lá e cavuquei e peguei só os gastos dele no Amazonas. E, assim, era absurdo, 27 mil numa padaria, 15 mil numa banquinha assim de salgado, sabe? Que tinha no centro, que eu já tinha frequentado, eu fiquei "Como que a pessoa gasta tudo isso nesse lugar?". E aí, eu fiz essa

⁸⁸ O influenciador digital Agenor Tupinambá ficou conhecido por mostrar no *TikTok* a rotina da capivara Filó, em Manaus (AM). O animal chegou a ser entregue ao Ibama, após pressão de ativistas, mas acabou sendo devolvido ao influenciador por causa de uma determinação da Justiça Federal. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/04/30/capivara-filo-e-devolvida-a-influencer-do-am-apos-decisao-judicial.ghtml> Acesso em 02 dez 2024.

matéria. E aí eu sofri retaliação. Teve muitas pessoas que chegaram, foram me xingando. Foi uma, um dos meus primeiros *tweets*, assim que viralizaram, porque eu sempre pegava uma matéria e jogava no *Twitter*. E aí sempre viralizava ali na bolha do Amazonas. Essa foi a que mais teve uma projeçãozinha assim de terem pessoas de outro estado que vieram me xingar.

G: Te xingavam de que?

I: Ah... me chamavam de feia, comunista, me chamava de jornalista, que eu acho que essa é uma das piores que tem... Falava "Ai cadê? cadê? Onde você estava no governo Lula que você não fez isso?". Eu era uma criança. [ri]

G: [ri] Onde você está? Por que você não tava cobrindo?

I: É. "Por que você não tava lá em 2003, com três anos de idade? Cobrindo isso?" [ri]. E aí teve vários xingamentos assim, me xingando de puta... enfim, eu tenho vários prints guardados, inclusive. Eu gosto de guardar essas coisas, tenho um lugar desse só pra guardar essas coisas. [ri] E aí eu continuei, né? Fazendo as matérias, procurando essas coisas assim, sempre gostei de tá procurando, e aí foi quando veio uma eleição. E aí veio segundo turno. E aí quando veio o segundo turno que começou os acampamentos. Foi no dia seguinte também lá no Amazonas, eles acamparam na frente do CMA, que fica na Ponta Negra que é um dos bairros mais caros...

G: CMA é o que? Desculpa.

I: Comando Militar da Amazônia.

G: Ah tá.

I: Fica na Ponta Negra, que é um bairro bem nobre lá, então, assim, só a gente com muito dinheiro mora lá. E era uma principal assim, não sei qual o nome dessa principal, e eles começaram a acampar lá. E aí eu fui no primeiro dia assim, no primeiro dia de acampamento, dei uma volta ver como é que tava e tal... Só que aí... eu lembro que teve outros colegas que foram atacados, foi... jogaram pedra em carro, inclusive dessa *TV A Crítica*, teve outro colega que foi empurrado. Comigo não chegou a acontecer nada físico no local assim. Eu cheguei a receber ameaça no local, mas foi um pouquinho depois da matéria que eu fiz. Porque eu fiz uma primeira matéria mostrando como era o acampamento, que foi feita no dia 15, foi um feriado, né? O feriado do dia 15. Porque esse acampamento, ele já tava meio que

diminuindo assim a quantidade de pessoas, porque eu já tinha feito uma outra matéria denunciando que tinha mães com crianças lá, dormindo. Então, eu tinha, eu tenho fotos de criança deitada no chão assim de grama, só com um pano em cima, dormindo no sol do calor infernal de Manaus de meio-dia. Tem vídeo, tem tudo. E aí o Conselho Tutelar foi lá, e aí diminuiu bastante a quantidade de pessoas no acampamento. Só que no dia 15 foi assim, aumentou significativamente, tinha muita gente lá. E aí eu fui vestida de... [ri]

G: De verde e amarelo?

I: De verde amarelo, me infiltrei, comi com eles, cantei com eles [ri]. Fiquei lá, xinguei o governo, fiz tudo! Tirei fotos e etc., observei tudinho e ia anotando, eu e meu colega lá. E aí, foi dessa matéria que saiu a matéria do dia 18, se eu não me engano, porque nessa matéria eu fiz, eu fiz vários materiaizinhas sobre esse dia. Eu fiz uma matéria mostrando como que tava o trânsito antes e como foi ficou naquele dia, mostrei que tinha crianças ainda no local, é... falei da comida, como que era o acampamento. Falei da comida, falei como que eles organizavam. Tinha uma cozinha industrial, tinha banheiros químicos. Quem que pagou por esses banheiros químicos? Até hoje eu não consegui pegar. Tinha um carro de som na frente do CMA, sabe? Tinha carro de som com paredão assim de som que eles colocavam música. E aí, eu fiz várias matériazinhas sobre isso. Só que aí nesse dia, é.... [hesita] Foi nesse dia ou no dia seguinte? Acho que foi no dia seguinte. É, foi no dia seguinte! Teve uma fiscalização, dia 16, uma fiscalização lá dia 16, 17, que 'foi' vários órgãos tipo de trânsito etc., porque a gente também denunciou que tinha placas no gradil assim, no meio que poderia causar acidente, poderia cair e causar acidente, e aí foi várias.. foi o pessoal do MP lá, pra fazer fiscalização. E aí, eu fui acompanhar. Aí, nesse dia, eu fui normal. Como uma repórter normal vai trabalhar, fui fazer um videozinho. E aí veio uma moça, né? Menor assim que eu, eu sou baixinha, veio uma moça menor que eu, ela "Você quer é Ívina Garcia?" aí eu falei "Sim sou, por quê?" "Não, nada não". E aí virou de costas e foi pra um grupo assim de homens. E aí eles começaram a conversar e olhar para mim. Aí eu comecei a ficar meio preocupada, aí eu falei pro meu colega cinegrafista, eu falei "Me reconheceram". As pessoas já tavam me xingando, me reconheceram. E aí, a gente, tá. Continuou trabalhando ali normal, não aconteceu nada. E aí a gente foi e pediu o carro pra voltar pra redação. Nisso, todos os outros repórteres já tinham ido embora. E aí o meu colega fotógrafo, ele falou "Acho que eu vou ficar mais um tempo aqui". Aí eu falei "É, fica numa passarela..." que tinha que dava visão certinho para o acampamento. Porque quando a gente chegou, um carro tinha parado com água. E aí só que

esse carro parou rapidinho e saiu ele não deixou água lá porque... não sei eles acharam, eles viram que a reportagem tava chegando e o carro foi embora. E a gente tinha visto isso, aí eu conversei com ele, ele falou "Não, vou ficar por aqui". Ai eu falei "Beleza a gente vai voltar para redação." Só que nisso que eu tava lá com o cinegrafista, o fotógrafo foi pra passarela, fiquei lá com o cinegrafista, veio um homem na minha direção assim, ele começou a andar muito rápido na minha direção. E aí ele quase me empurrou da calçada, sabe? Ele veio tipo pra dar um encontrão comigo. E ele quase me empurrou da calçada, só que eu consegui sair assim da direção dele e tinha bastante espaço assim, só que ele veio na minha direção. E aí, só que, na hora que ele tava chegando, tava chegando no nosso carro também, então, tipo, eu saí e já entrei no carro e a gente foi embora. E esse mesmo rapaz, ele fazia parte da organização do acampamento, ele era um dos que 'era' seguranças. Tinham seguranças no acampamento, que eles iam fardados diferentes, eles estavam com roupa preta, diferente da roupa das pessoas que estavam usando lá. Então, tinha assim: tinha como identificar quem era, quem tava fazendo o quê ali pela roupa que as pessoas usavam. E aí esse grupinho que a mulher falou, era esse grupinho de seguranças do acampamento, que ele veio pra cima de mim. Daí, eu consegui sair, mas, assim, foi pura sorte porque o Uber chegou. Se o Uber não tivesse chegado, eu não sei o que que ele teria feito, se ele teria me agredido, se ele teria me empurrado, o que ele teria feito, sabe? E aí eu fui embora. Daí, nisso, o, o... o nosso fotojornalista ficou lá. E, assim, depois que a gente saiu, a gente era a última equipe de reportagem lá, eu e meu cinegrafista. Veio o carro de novo, o mesmo carro que tinha parado antes. Ele parou e desceu as águas. E meu fotógrafo registrou tudo, tudo, tirou direitinho. Tem até uma imagem que é um cara gravando um vídeo, mostrando que eles estão doando as águas e tal. E aí a gente pegou a placa, foi atrás e tal, tal, tal. E isso eu já tava infiltrada nos grupos dos bolsonaristas. Então, assim, eu já tinha recebido um vídeo da Toboaços da Amazônia, que era uma empresa de aço, enfim, que era eles também doando água. E, assim, é uma empresa que trabalha com aço, então, não trabalha com distribuição de bebida. Por que que ela tá transportando água para o acampamento? Ela tá doando. E no vídeo eles agradeciam à empresa Toboaços pela doação das águas. Isso mandaram no grupo dos bolsonaristas, eu já ia salvando, tava salvando tudinho. E aí, foi quando a gente conseguiu essa foto, do cara deixando, era uma outra empresa de vidro. Então, assim, tinha empresa de vidro, metalúrgica, tinha Toboaços, tinha uma outra empresa de vidro, Portal Vidros. A gente conseguiu cinco empresas de... que tavam doando coisas pro acampamento, tanto água quanto comida. E eram empresas que não tinham nada a ver com coisa alimentícia, procurei o CNPJ delas, procurei se tinha alguma coisa lá que pudesse tipo dar uma brecha para eles falarem

“Não a gente também distribui água, a gente também distribui comida”. Não, não tinha. Não tinha nada. Peguei, tinha gente com processo já de ambiental e botei tudo isso na matéria. Aí foi essa matéria que pegou porque foi assim, “Conheça cinco empresas que tão bancando os acampamentos”⁸⁹. Aí tinha também a Baratão da Carne, que é uma empresa de supermercados, que também tava doando alimentos. E no vídeo eles agradeciam a doação então, era eles um vídeo para eles, que eles tavam mandando nos grupos, também a gente publicou. E aí foi dessa matéria que estourou, assim. Porque eu fiz um... eu já tinha feito uma *thread* sobre como o acampamento funcionava. E aí nessa eu já tinha sido xingada, e aí, nesse dia, teve essa situação com um cara porque ele já tinha me reconhecido por causa dessa matéria. E aí, eu publiquei essa outra. E aí foi quando eles começaram a rodar minha foto em todos os grupos do Brasil. Eu recebi mensagem de gente tipo Piauí mostrando print de grupo com minha foto....

G: Como que eles acharam sua foto?

I: É porque foi no *Twitter*. Então eu tinha minha fotinha lá.

G: Você postou o link da matéria....

I: É, postava, eu explicava a matéria tipo “Ah, olha, essa empresa aqui fez tal coisa, doou e tal”. Publiquei um vídeo, publiquei tudinho, mostrando a as doações. E chamava para matéria. E aí essa essa *thread* começou a rodar e eles “Olha, ela tá denunciando os ‘bons salvadores da pátria’ que estão doando coisas pra gente”, “não publiquem mais nada nos grupos, ela tá recebendo os vídeos”, “alguém aqui tá infiltrado”. Isso nos grupos eles falando já. E aí, eu lembro que eu folguei no dia seguinte, mas tava tudo tipo pegando fogo. Eu lá, tipo, normal, tranquilo. E aí, foi quando começaram a me mandar “Olha só, tão já circulando tua foto por aqui”. E aí, uma amiga minha tava também em outros grupos e ela “Olha só esse áudio aqui” e era, tipo, me ameaçando, falando que iam bater em mim, que iam amassar minha cabeça, que tinham que me pegar se eu aparecesse lá de novo, que era para me bater, que... que eu tava fazendo desserviço. E aí foi quando começou a chegar mensagens e tal, até que eles vazaram meu número. [pausa] Descobriram que eu tava no grupo, porque uns outros colegas jornalistas, que, infelizmente, apoiavam essas manifestações, tinham o meu número salvo e vazaram pra eles.

⁸⁹ Disponível em:

<https://revistacenarium.com.br/protestos-antidemocraticos-recebem-ajuda-de-pelo-menos-cinco-empresas-em-m-anaus/> Acesso 03 dez 2024.

G: Nossa...

I: Porque tava salvo...eles mandaram meu contato dentro dos grupos salvo como “Repórter Ívina Garcia” alguma coisa assim, tipo, bem parecido como a gente salva número de outros colegas. Tava salvo no número, aí eu na hora entendi que tinha sido algum colega jornalista que tinha vazado meu número pra eles. Porque tem lá uma emissora que, inclusive, recebia verba do Governo Federal na época do Bolsonaro, que... que tem colega de jornalista...

G: Qual que é a emissora?

I: É o 107. Inclusive, eles tinham direito de exibição da *TV Brasil*. Eles reproduziam a *TV Brasil* no canal deles, então, assim não era nada escondido, eles recebiam verba do Bolsonaro. E aí, é... foi quando vazaram o meu número, e aí vieram me mandar mensagem perguntando quanto que eu fazia o programa, me chamando de puta, me chamando.... me falando que eu tinha que arranjar um marido, porque eu só tava assim porque eu não tinha marido, é... falaram que eu tava sendo mal comida, ai.. todos esses xingamentos assim mais baixos que não tinha nada a ver com o meu trabalho, sabe? Teve um que eu compartilhei porque eu ri muito assim que era, era esse que falava de que eu precisava de um namorado porque eu só fazia meu trabalho assim porque eu tava sendo mal comida, que eu era muito mal amada, falando da minha família. Aí foi quando começaram a chegar os mais graves, que eram esses áudios falando pra me bater, falando mais violentos, falando que iam me achar.... Teve um que falou que já sabia onde eu morava, então, tipo assim, “A gente já sabia onde tu mora”. E aí eu comecei a me preocupar muito porque uma coisa é eu e meu trabalho. Outra coisa é minha casa, onde eu já tinha minha filha, tinha minha bisavó de 95 anos, tinha minha mãe, minha avó, todo mundo. A gente morava nós quatro, quatro mulheres. Sem nenhum homem. Sozinhas. E, assim, eu fiquei muito preocupada com isso, fiquei muito preocupada. E aí, um dos pontos que eu acho mais triste disso tudo é que eu não recebi apoio de ninguém.

G: Você chegou a falar com a...?

I: É, tipo assim, no meu trabalho, eu recebi, obviamente. Meu trabalho deu todo suporte, me permitiu ficar em casa. Falou pra eu não sair, é... só que eles não tinham como custear segurança particular. Eu também não tinha como custear segurança particular. E aí o trabalho o custeou psicóloga pra tratar, né? Como que eu tava me sentindo com todo esse ataque... Porque foi muita gente, foi assim, foi um ataque imensurável assim. Eu nunca tinha recebido esse esse tanto de mensagem, sabe? E aí, deram apoio jurídico também.... é... eu não sei como

é que tá esse processo agora, mas eles tinham entrado com um processo contra essas pessoas. Outras pessoas entraram em processo contra a empresa também, empresários entraram no processo contra a empresa, por conta da matéria.

G: Contra a revista?

I: Contra a revista, por conta da matéria. Os empresários citados, né? Eu não sei como é que tá isso também porque eles me blindaram muito disso, eles falaram "Não se preocupa com isso. A gente cuida, tenta ficar bem", sabe? Porque "não sei como é que tá a tua cabeça..." Eu tava, assim, tranquila. Mas, ao mesmo tempo, eu tava nervosa por conta da minha família e porque era o mês que eu ia apresentar meu TCC. Então, eu tinha finalizado meu TCC, no meio disso tudo. Eu tava fazendo um slide da minha apresentação, no meio do mundo caindo em volta de mim. E aí... eu lembro que teve dois políticos só que vieram prestar apoio, que foi a Ane Moura, que ela é do PT. Ela veio prestar apoio, publicou no *Twitter* dela, perguntou se eu precisava de alguma ajuda, é... que tava se disponibilizando. E o outro foi o Amon Mandel, que é deputado federal agora. E na época ele era estadual, se eu não me engano, ainda. Ou ele tinha acabado de ser eleito, não lembro direito. E ele falou "Se precisar de segurança particular, eu contrato para ti, não tem problema", sabe?

G: Você chegou a...

I: Eu não solicitei, ele ofereceu, mandou um texto e tal, solidarizando e falando "Eu pago segurança particular para ti, se tu quiser". Só que eu não aceitei porque eu acho que poderia me deixar com rabo preso com político. Apesar de ser uma boa ação, não, não... achei que não era necessário.

G: Mas se você gostaria que viesse esse apoio, por exemplo, da revista...?

I: Não, não, da revista, eu acho que o que eles puderam fazer, eles fizeram, assim, de me blindar e etc. Mas eu acho que faltou o governo se posicionar contra isso, o prefeito se posicionar contra isso, porque eu não fui a única pessoa que foi atingida por essas pessoas. Eu tive colegas que foram agredidos fisicamente, tipo, por isso e não teve uma notinha, um *tweetzinho* pra dizer tipo "Não apoio a agressão". E o governador do Amazonas, ele é jornalista. Eu acho que o que pegou mais para mim foi isso, porque o governador é jornalista. Ele inclusive trabalhou na TV que eu trabalhei, ele era apresentador, e ele não deu nenhuma notinha pra apoio aos jornalistas do estado dele que tavam sendo agredidos no trabalho, sabe?

E outros, outros deputados estaduais etc. que também tão sempre ali dando opinião sobre tudo também se calaram nesse período. E pra mim acho que foi isso que pesou mais, porque a gente não, eu não sentia esse apoio como eu vi... acho que teve um colega em Minas que foi agredido que o governo, a prefeitura saíram em defesa e desmobilizaram o acampamento depois da agressão, sabe?

G: Por que você acha que não teve esse apoio por parte dos políticos?

I: Porque eles são apoiadores do ex-presidente. E aí eles não mexem um centímetro que seja, mesmo que pessoas morressem, eu acredito que não teria uma nota falando sobre sobre a situação, entendeu? Porque eles tão desse lado. Tanto que o governo demorou muuuito pra desmobilizar os acampamentos. O primeiro foi o do Elder. Eles já poderiam ter desmobilizado o de Manaus porque já tava pouco, era pouca gente ali, era só dispersar aquela galera. E eles ainda demoraram uns dias depois do primeiro que foi desmobilizado, que foi do Elder. Foi depois dos ataques. Então, assim, era um acampamento que tava desde o final de....final de outubro. Começou no dia seguinte do segundo turno, então, foi.... novembro, já era novembro. Começou no dia dois de novembro, já era janeiro e as pessoas ainda tavam lá. Como que você deixa isso acontecer, sabe?

G: Sim...

I: E era assim buzinaço que eles faziam periodicamente, atrapalhando as pessoas em volta. Lembro que teve uma matéria também de uma de uma mãe de uma criança atípica, uma criança autista, que morava na frente do acampamento e tava insuportável a vida da criança porque era barulho todos os dias, toda hora.

G: Foram... foi quanto tempo de acampamento?

I: Foi dois meses, dois pra três meses. Foi até janeiro, meio de janeiro assim, depois dos ataques do 8 de janeiro. Então, assim, essa situação foi muito, muito intensa assim. E não teve uma movimentação por parte da Prefeitura e do Governo porque eles ficavam tacando pra cima do outro. E aí falava que “não porque é Federal” porque ali era militar, que eles não poderiam fazer nada, sabe? E aí depois saiu que os militares também tavam ajudando, né? Eles guardaram os mantimentos do pessoal que tava no acampamento quando foram

desmobilizados⁹⁰. Então, guardaram vários equipamentos, dentro do quartel, e... e... depois quando desmobilizaram as pessoas foram lá buscar.

G: Sério isso?

I: Então, tava todo mundo apoiando aquilo. E as pessoas que estavam sofrendo, não só os jornalistas, como os moradores daquele local, não podiam fazer nada. E aí foi... foi essa situação.

G: E aí, quando que você... você disse que já tinha sofrido os ataques antes, quando começou a cobertura do acampamento também já tinham vindo alguns comentários dentro ali da bolha do *Twitter*. Você já tava acostumada? Quando que você sentiu que isso tomou uma outra proporção? E o que que você sentiu quando isso aconteceu?

I: Eu fiquei meio meio em choque. Foi quando me mandaram os prints dos perfis de Piauí, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, com a minha foto. E me chamando de “capanga do Xandão”, que inclusive foi um apelido que depois meus amigos pegaram e a gente transformou em piada. [ri] Mas, assim, no momento que eu vi tipo “Vão lá ataquem, é essa jornalista” com o link do meu perfil, com a minha foto....

G: Uma convocação pro seu ataque.

I: Uma convocação pra me atacar, com a minha foto, com os *tweets* que eu tinha feito e meu perfil assim. E aí começaram a atacar a minha imagem, começaram a atacar se eu era bonita ou não “Ah porque essa franjinha com certeza é de gente que não presta não sei o quê”. E aí quando vieram os ataques, eu lembro que eu recebi no *Facebook* uma mensagem de uma mulher falando que se eu fosse lá, ela ia acabar com a minha raça, que ela ia me bater. E aí eu perguntei “Isso é uma ameaça?”, e aí ela falou “Pisa aqui para tu ver”. E aí foi quando eu recebi aquela outra também que falava “Eu já sei onde tu mora, tu não vai se esconder”. Então quando eu recebi essas... que era tipo no PV, não era me xingando no *Twitch*, era diretamente pra mim, era no PV, me mandando mensagem, né? Era a pessoa falando que já sabia onde eu morava que... que eu não ia me esconder. E a outra falando que se eu pisasse lá no acampamento, eu ia ser agredida. Foram essas assim que... que me deixaram mais balançada, que eu cheguei a chorar, que eu conversei com a minha família. Eu expliquei tudo pra minha

⁹⁰ Disponível em:

<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/01/16/exercito-guardou-pertences-de-golpistas-e-nao-auxiliou-na-retirada-de-acampamento-em-manaus-aponta-ssp-am.ghtml> Acesso em 03 dez 2024.

família que tava acontecendo. Eles tavam a par de tudo, a minha mãe ficou muito preocupada, e a minha mãe é bolsonarista. E aí ela ficou muito preocupada porque ela sabe que as pessoas, como as pessoas são, ela sabe como eles são agressivos, e aí... eu fiquei nessa época, eu fiquei muito, muito, muito, muito preocupada com a minha integridade física. Por conta disso. Aí foi quando a empresa, a revista, não me permitiu que eu fosse pro acampamento. Eles falaram “Você não pode mais pisar lá”, tipo “a gente não vai não vai colocar tua vida em risco porque eles realmente podem te bater, eles podem te agredir”.

G: Mas eles continuaram a cobertura com outros repórteres, outras equipes?

I: Sim

G: Deram uma diminuída?

I: Assim, não iam mais presencialmente tanto, é... mas assim eu fui uma vez escondida. Eu fui escondida no....

G: Escondida da revista? [ri]

I: É... [ri] acontece, não sei... Dá um negócio assim na gente, sabe? Só que eu tinha... eu tinha cortado meu cabelo, porque isso foi depois de eu apresentar meu TCC. Eu apresentei meu TCC no dia 30 de novembro, acho que foi... 30 de novembro. Eu apresentei meu TCC, aí eu tinha feito uma aposta que, se eu tivesse 10, eu ia raspar a cabeça. Ai eu tirei 10 e raspei a cabeça no dia seguinte. Dia primeiro de dezembro eu raspei a cabeça numa *live* lá no *Instagram* e tal, com todos os meus colegas. E aí eu falei “Bom, tô com o cabelo raspado, eles não vão me reconhecer, né? Vou de máscara até de covid sabe? Vou com outra roupa”. Cobri minhas tatuagens e tal porque eles souberam das minhas tatuagens. E aí eu fui, escondida da revista obviamente. Fui com o fotógrafo, que também é outro doido. [ri] E aí, a gente não chegou a ficar perto do acampamento, a gente ficou do outro lado da rua, porque eu queria só fazer umas fotos e tal fazer... ver como é que tava porque já tava assim, já era dezembro sabe? Já tinha passado o tempo. Só que reconheceram a gente. E aí eles começaram a apontar para o outro lado da rua e aí tem um vídeo que o meu fotógrafo, ele era gaiato, então, ele atravessou e foi lá no acampamento tentar tirar fotos mais perto. E aí começaram a seguir ele com um pedaço de pau assim. Tem esse vídeo⁹¹, xingando ele, xingando. E ele andando assim. E aí os

⁹¹ Disponível em:

<https://revistacenarium.com.br/censura-equipe-de-reportagem-da-cenarium-e-seguida-e-intimidada-em-acampamento-antidemocratico/> Acesso em 04 dez 2024.

policiais que tavam lá falando “Por favor, se retire”, aí ele falou “Eu tô trabalhando, eu vim pra fazer foto, eu tô cobrindo”, “Ah, mas, por favor, vai embora”. Tipo pediram pra que o jornalista fosse embora, não fizesse o trabalho dele, porque aquelas pessoas eram incontroláveis. Porque os policiais tavam ali e as pessoas tavam se sentindo confortáveis em agredir verbalmente e ameaçar com o pau um jornalista. E os policiais estavam lá de boa, tipo com a bundinha assim olhando tudo.

G: Achando tudo normal.

I: E aí foi nesse dia que eles chamaram um desses menino que tava de guarda. E aí, ele fala alguma coisa para esse menino, e aí esse menino pega sobe a passarela pra atravessar a rua, pra onde a gente tava, onde eu tava. E aí eu falei pro meu cinegrafista “Bora entrar no shopping”, porque tinha um shopping bem perto assim. E a gente entrou nesse shopping e ele veio correndo atrás da gente. Ele correu atrás da gente até o shopping e a gente andou mais rápido e tal. A gente entrou no shopping....

G: Você não sentia medo nessas horas?

I: Nessa hora, eu senti medo. Nessa hora, eu realmente senti medo. Eu fiquei “Realmente, as ameaças eram reais”, sabe? Porque vieram correndo, porque eles tinham reconhecido o fotógrafo. Então, se era aquele fotógrafo, era aquela repórter, que era o mesmo fotógrafo que ele tinha tido o problema no dia do feriado, que tinham reconhecido ele. E aí, a gente entrou no shopping. E aí ele entrou no shopping também e ficou lá, olhando a gente. Ele ficou dentro de uma loja olhando a gente lá e a gente tava lá no shopping porque ele não tava aberto, então só tava aberta a entrada, assim. E aí a gente ficou um tempão lá até ele ir embora. Aí ele foi embora. Quando ele saiu, a gente saiu também. A gente foi até o outro lado, só que o carro tava longe. A gente teve que dar uma corrida assim, sabe? Pra conseguir chegar no carro e a gente foi embora eu falei “Tá, não volto mais mesmo, porque não tem como”. Que essa foi a situação que eu mais senti realmente que eu tava insegura ali. Porque até então para mim era só xingamentos online, não tinha tido uma ameaça mesmo.

G: Mesmo com as ameaças de morte, você não via aquilo...

I: É, porque eu sentia “Ah, pode ser a pessoa que nem é daqui do estado”, porque isso rodou o Brasil inteiro. A pessoa pode estar só ameaçando por ameaçar também, sabe? Quando veio isso, eu fiquei... fiquei mais preocupada. Tanto que a gente nem fez matéria... A gente fez

matéria sobre a agressão do fotojornalista porque a gente tinha um vídeo dele sendo agredido. Só que eu não me botei numa situação, não me botei no local, porque eu fui te escondida, né, obviamente. E aí eu fui depois de novo, só que eu fui no dia que eles desmobilizaram. Não tinha ninguém lá. Só que eu não fui na hora desmobilização, foi outro repórter que foi na hora das desmobilização, fez toda a cobertura e tal. E aí eu fui depois do meu expediente, falei “ah, quero passar lá para ver como tá, como que ficou o local”, porque ali é uma grama e tal, bonita, e como que ficou depois daquele acampamento? E aí eu fui com o fotógrafo de novo, que ele me levou no carro e aí eu vi, né? Que tava, nossa, o cheiro ali insuportável, um cheiro muito forte. A grama tava toda destruída.... Tava tudo fedendo, tava tudo bem... bem parecendo que tinha desmobilizado a Cracolândia ali, sabe? E aí eu tava lá com o fotojornalista e passou um rapaz assim por mim, tomando um mingau, sei lá. E ele virou pra mim e falou “olha, cortou o cabelo, né?” [pausa] Aí eu fiquei “É... eles vão me reconhecer de qualquer forma” e eu tava de máscara, meu cabelo cortado, raspado no um sabe? E mesmo assim ele me reconheceu.

G: Aí você decidiu parar de ir lá?

I: É, não, já tinha desmobilizado, não ia voltar a conviver com eles, mas nesse dia fiquei “Meu Deus! Eles vão me reconhecer em qualquer outra situação, em qualquer lugar que eu tiver”. E eu fiquei um tempo assim, meio pensando onde eu ia, qualquer coisa que eu fazia... Porque meu nome é diferente, meu nome é Ívina. E sabiam que meu nome é Ívina, né? Quando eu pegava o Uber, eu ficava pensando “Será se esse uber é bolsonarista e ele sabe quem eu sou...?” porque tem meu nome e minha cara por todo lugar. Aí eu pegava tipo mototáxi, aí veio um mototáxi com o capacete patriota, todo pintado de Brasil, de patriota e Bolsonaro e não sei o quê. E eu, tipo, peguei o mototáxi, e aí eu fiquei assim “Será que esse mototaxi sabe quem eu sou?”. Eu passei assim uns meses nessa situação. Toda vez que eu ia pegar o Uber, pegar um mototáxi, eu ficava apreensiva daquela pessoa me reconhecer. Teve vezes que o cara “Como é seu nome mesmo? Ivina?” e aí eu ficava [suspira] “Será que me reconheceu? Que que vai acontecer? Que que esse cara pode fazer comigo?”. Então foram uns tempos assim. Minha cabeça ficava sempre pensando que em qualquer momento iam me reconhecer e iam me atacar e, enfim... Acho que esse foi o momento... foi o que mais me me pegou assim, foi esse momento pós, porque eu não sabia quem era quem mais. Porque lá eu sabia quem era, quando eles tavam lá naquele local. Depois, que eles se espalharam, que

voltaram a normalidade, voltaram a rotina deles. Eles poderiam bater de frente comigo em algum lugar, sabe? Me reconhecer... Eu acho que esse era meu maior medo, assim...

G: Só um segundo que eu vou pausar.

I: Ah, teve também a PF indo lá na revista.

G: É... a PF foi na revista? Você... foi quando isso? Depois da desmobilização?

I: Foi, foi depois da desmobilização, quando ‘começou’ os, as investigações, dos ataques e tal.

G: Ah tá, por conta dos processos que a revista...

I: Não, foi por conta das minhas matérias. Porque foi assim: depois que teve os ataques de 8 de Janeiro...

G: Ahh os ataques de 8 de janeiro.

I: Os ataques de 8 de janeiro, eles começaram a fazer aquela operação de....

G: Da CPI, né? *Tempus Veritati*⁹².

I: Não foi ela, foi uma outra. Foi uma antes, uma antes dessa. Porque eles começaram a fazer isso pra quem tava financiando os acampamentos. E foi nessa. E aí eles foram lá na revista, só que eu tava em casa ainda. Desse período que eles me permitiram ficar em casa. E aí a PF foi lá bater, com a com umas... uns cinco caras assim, armados e tal pra pedir a minha matéria sem a censura. Porque eu publiquei a matéria com censura de placa, com censura de CNPJ, essas coisas, pra também me blindar. Então eu fiz toda essa essa censura e tal, censura em rostos e, enfim. E aí eles foram lá pedir todo o material sem censura, pra ajudar na investigação. Eu não tava lá na hora e aí a minha chefe também não tava lá, tava só o coordenador da redação e ficou meio nervoso quando eu viu a PF entrando lá com... meio sabe.... meio armado... meio como se, como se a gente tivesse feito algo de errado. E aí eles me chamaram, pediram para que enviasse isso por e-mail, aí me mandaram um e-mail lá da PF, pediram eu mandasse todo o material que eu tinha, toda a investigação que eu tinha feito,

⁹² A operação Tempus Veritati, da Polícia Federal, deflagrada no início de 2024, investiga os participantes de uma tentativa de golpe de Estado para manter Bolsonaro no poder. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/02/lesa-patria-e-tempus-veritatis-entenda-como-as-2-investigacoes-tratam-do-8-de-janeiro.ghtml> Acesso em 03 dez 2024.

explicadinho pra eles no e-mail. Aí eu peguei, fiz um email gigantesco com todos os anexos, tudinho, tudinho, tudinho, enviei pra eles e, até hoje, não deu em nada assim, entendeu? Não resultou em nenhuma prisão, nem nada assim. A gente tentou acompanhar, tentou entrar em contato pra saber o que que tinha acontecido, porque, querendo ou não, é meu material e aí eu queria saber como é que tá. Aí, "vocês ainda tão investigando, tá tendo alguma coisa sobre isso?" Aí eles só falam "Sim, mas a gente não pode dar mais informações".

G: Tá em sigilo?

I: É, tá em sigilo. E aí teve essa situação com a PF que foi lá.

G: E... é... em relação aos ataques que você recebeu, a revista tomou as rédeas ali pra cuidar disso juridicamente, mas você chegou a prestar queixa na delegacia?

I: Sim, eu fiz um B.O, um boletim. Fiz online, no boletim online, anexei tudinho, é... mandei pro advogado da empresa também o boletim com todos os anexos, ele registrou....

G: E registrou como que tipo de crime?

I: É... online, crimes.... é... crimes cibernéticos. Porque não chegou a ter nada físico, né? Foram ameaças, é... online. E aí eu registrei lá na delegacia de crimes cibernéticos. Todos os prints assim, são mais de 30 prints, e gravação de áudio, tudo, que eu peguei.

G: E deu em algum resultado?

I: Não, não que eu saiba, porque ficou também com a empresa essa questão do processo. Mas o boletim eu entrei pra ver, mas também até hoje não fui chamada, não entraram em contato também pra saber essa questão. Mas eu soube que a empresa tinha mais de dez processos sobre essa questão, que eles tavam tentando resolver, mas como eles me blindaram também, eu não, não fiquei sabendo mais. Mas eu fiz o boletim.

G: E como é que... você comentou da sua mãe, que ela, enfim, tinha uma aproximação, é.... do ponto de vista político do ex-presidente, de Bolsonaro e as suas matérias estavam ali... ahn... questionando não, né? O financiamento desses acampamentos e algumas condutas do governo federal. Quando você começou a ser atacada, como é que foi essa relação nesse acolhimento com relação à família? Ela chegava, ela chegou a te pedir pra parar de publicar as matérias?

I: Não, a minha mãe, nesse ponto, ela foi bem lúcida assim, ela entende meu trabalho, ela entende por que que eu tava fazendo aquilo e que também é importante. E aí ela chegou a falar, a pedir para eu ter mais cuidado, pra eu me blindar mais, pra se eu se eu pudesse não assinar meu nome, eu não assinasse meu nome. Mas ela falou que ela entendia que eu precisava continuar, porque na cabeça dela no destino ser uma jornalista investigativa. Então, na cabeça dela aquilo ali era, também tinha um lado bom, um lado positivo de toda aquela situação que eu tava passando. Então, ela tentou me passar essa calma, sabe? Tipo “Ó, eu sei que é uma situação complicada, mas isso também é pro teu bem”, ela chegou a falar isso. “Isso que tá acontecendo agora também. As pessoas vão te reconhecer por esse trabalho. Querendo ou não, você passou por isso, mas isso vai dar alguma coisa boa no futuro”.

G: E as ameaças... as ameaças, as agressões chegaram a envolver a sua filha?

I: Não, porque eu não... eu sou contra apresentar crianças na internet, então tem, eu acho que uma foto... Tinha duas, três fotos da minha filha no meu perfil. E eu tirei elas quando ‘começou’ os ataques. Eu cheguei a trancar meu perfil. Aí eu tirei essas fotos assim. Eu comecei a ter cuidado, eu não postava a story onde eu tava, não marcava a localização, não postava nada que desse para reconhecer onde tava ou onde eu morava. No meu perfil também não dava para saber onde eu morava. Então eu tomei esses cuidados assim. E a minha filha eu sou contra, porque... eu lembro que a minha mãe tentou publicar a foto dela, no perfil dela, quando ela era mais novinha, e aí um velho começou a seguir minha mãe, comentava nas fotos que minha filha aparecia. Então, eu comecei a blindar ela totalmente disso. Não gosto de mostrar ela no meu perfil, as pessoas acham que eu tenho vergonha dela, porque eu não gosto de mostrar, mas eu tô fazendo isso pelo bem dela, sabe? Ela também é um indivíduo e ela se mostrar ou não na internet tem que partir dela, não de mim. Eu não tenho que usar ela pra mostrar o que ela tá fazendo porque tudo hoje em dia dá brecha para pedófilos e, enfim. Eu vejo muita mãe publicando filho em posições que a criança tá brincando, mas quando você tem um olhar mais malicioso, o cara vê coisa maliciosa. Eu tento blindar ela dessa parte da internet, então ela não é exposta. Não comento sobre ela, assim, pra ela não receber nada que venha do meu trabalho. Eu acho que isso foi muito bom, porque aconteceu essa situação e não caiu nela. Mas eu sempre pensei muito nela assim quando tava recebendo as ameaças, eu ficava muito preocupada com ela. Porque se acontecesse esse algo comigo, era ela sem eu. Se acontecesse algo com a gente, era minha filha que tava envolvida nisso também, sabe? Então, eu tive noites que eu não consegui dormir, que eu ficava pensando que a qualquer

momento iam invadir minha casa. E aí, eu, às vezes, eu ficava na sala sentada tipo, todo o carro que passava eu me preocupava um pouco, sabe? Quando tinha carro parado na frente da minha casa, eu sempre pensava na segurança dela, assim.

G: Isso deve ter sido horrível essa sensação. E você chegou a receber algum tipo de apoio psicológico, tratamento psicológico ou psiquiátrico?

I: A revista ela bancou uma psicóloga. A primeira foi meio complicada [ri] porque ela foi uma psicóloga que era bolsonarista. E aí... só que a empresa não sabia. Era uma psicóloga super renomada, lá do Amazonas e tal. Aí fui para consulta e assim, a consulta foi horrível. Porque ela defendeu o que os caras fizeram e ela falava pra eu tomar cuidado, pra eu parar de escrever, que eu tinha que parar porque eles poderiam fazer coisa pior comigo. Ela falou que "eu entendo a importância de você tá fazendo essas matérias, mas você sabe que eles não estão errados, né?". Ela falou isso para mim. Aí eu fiquei tipo "tá", aí ela "eles não tão fazendo nenhum crime, não tão fazendo nada de errado, eles só estão buscando o melhor para o país" e eu só tipo "quero ir embora". E aí eu só fiz essa consulta com ela, aí eu reporteí pra empresa. Eu falei "Olha, não tem como continuar com essa psicóloga". E aí eles trocaram, e aí a outra psicóloga foi online e me ajudou muito assim, a passar por esse período. Me deu muito, muito, muito suporte assim. Foi, acho que foi o que me manteve firme pra eu conseguir continuar trabalhando. Porque na minha cabeça tava com todas essas ideias de perseguição de novo, porque eu tenho uma predisposição a me sentir perseguida por uma situação que aconteceu quando eu era adolescente. Eu fui assaltada e a assaltante começou a me perseguir. E aí eu desenvolvi crise do pânico, desenvolvi pânico social, eu não saía de casa. Então, eu fiquei preocupada de isso acontecer de novo com essa situação. E aí eu falei da psicóloga e a gente conseguiu tratar muito bem essa parte e eu não tive essa mesma reação que eu tive quando eu era criança, adolescente, enfim. Mas teve sim esse apoio psicológico por parte da empresa.

G: Além de ficar nessa preocupação na hora de pedir Uber, pedir um mototáxi, você chegou a restringir seus horários de saída, deixou de sair mais?

I: Eu não saía, eu não saía mais, tipo, com os meus amigos. A gente sempre gostava de ir num barzinho numa sexta-feira, é.. que eu sempre frequentava, então, assim, eu tinha uma rotina. Eu comecei a mudar essa rotina. A faculdade também, né? Porque eu tava no final, no último período, né? A faculdade também me liberou de ir presencialmente. A coordenadora

do curso falou "Não se preocupa com falta, essas coisas, a gente vai segurar de pontas por aqui." Os professores também eram muito meus amigos, gostavam, já acompanhavam muito meu trabalho também, então, eles entenderam, né, obviamente o que tava acontecendo. E eles davam bastante suporte, assim, nessa questão. E aí eu mudei muito minha rotina, assim. É... às vezes, tinha que sair de manhã pra fazer não sei o quê, deixar a Thais na escola e voltar. Aí, a minha mãe começou a fazer isso. Aí depois, a gente começou a pagar um carro pra ir deixar e buscar ela, pra eu não ter que sair de casa. Mudei rotina, não saía mais pra festa, não saía mais para barzinho, não ia mais pra faculdade. Então, tipo assim, eu fiquei um tempo indo só no mercadinho da esquina e voltando, sem sair de casa realmente mesmo, até tudo passar assim, se desmobilizar e foi quando eu voltei a sair mais. No trabalho, eu já tava indo, pro trabalho. Em janeiro, eu já tava frequentando o trabalho já. Em dezembro, eu já tinha voltado, na verdade. Fiquei menos de um mês em casa. A gente já tinha voltado presencialmente. Mas eu também mudava os horários, assim, às vezes eu saía mais cedo pro trabalho, às vezes eu saía mais tarde pro trabalho. Então, eu tentei fazer essa alternância assim pra eu não ter uma rotina que pudesse ser acompanhada.

G: Do ponto de vista da cobertura assim, você comentou que chegou a fechar seus perfis no *Twitter* e em outras redes também pra, enfim, se livrar de alguma forma dos ataques. Dentro da redação também você deixou de cumprir algumas pautas ou continuou normalmente?

I: Eu continuei cobrindo. Eu não podia.. eles não deixavam eu ir presencialmente pra alguns lugares, eu ia para outros, tipo umas coletivas assim, mais de governo, essas coisas. Não ia pra coletiva que envolvesse... eu não ia para lá, né, pro acampamento, nem que envolvesse o acampamento. Mas eu continuei fazendo a cobertura normal de Brasília, de Manaus, enfim. E aí... é, continuou normal, só não ia mesmo para o acampamento, pro local.

G: Você passou a tomar... alguma coisa mudou dentro da sua conduta profissional assim? Começou a tomar mais cuidado? Sentiu que teve alguma diferença?

I: Eu comecei a tomar mais cuidado com o meu perfil do *Instagram*, que era mais pessoal. Porque o *Twitter*, eu não, não tranquei porque ele era só trabalho mesmo. Tanto que o meu *Twitter* eram só coisas do meu trabalho que eu compartilhava lá e as pessoas compartilhavam e seguiam e etc. Só que no meu perfil do *Instagram* era muito mais pessoal, muito mais assim "Ah, minhas coisinhas, filmes séries, jogo etc". Só que eu comecei a tomar mas esse cuidado de não compartilhar tanto a minha vida, de não mostrar onde eu tava, o que eu tava

fazendo, com quem eu tava, os horários, essas coisas assim. Às vezes, eu saía com os meus amigos, tirava uma foto e tal, mas eu só publicava quando eu já chegava em casa, pra não ter esse risco de, sei lá, vai que alguém tá acompanhando e acaba batendo lá no... onde eu tô, sabe? Disso, eu sentia muito essa preocupação, então acho que foi isso que eu mais me blindei.

G: É... E cê chegou a ficar com medo de fazer uma cobertura como você fez naquela vez, que de novo pudesse repetir o que aconteceu?

I: Acho que não. Não medo. Eu... Claro, a gente faz algumas matérias e fica pensando como que aquilo pode repercutir, mas eu também não posso ter medo de trabalhar. Porque eu preciso fazer isso, é o meu trabalho e é o que eu gosto de fazer também. Tanto que depois disso eu fiz uma outra matéria que também botei minha vida em risco, que foi descobrindo trabalho escravo em carvoarias. E aí eu fui com meu jornalista, a gente foi para Rorainópolis, no interior de Roraima. E a gente se meteu num monte de carvoaria, a gente falou que era pesquisador. Eu arrisquei minha vida de novo, sabe, com essa matéria. E eu não senti medo assim. Teve uma situação que eu senti medo nessa carvoaria, mas não parei de trabalhar com medo disso que aconteceu. Porque, querendo ou não, se acontecesse algo comigo ficaria pra história. E aí teria que ter alguma coisa que mudaria, sabe? Porque não aconteceu e não mudou nada. Aconteceu o que aconteceu, mas não mudou nada. E aí eu sempre pensava nisso "Se acontecer alguma coisa comigo, pelo menos alguma coisa vai ter que ser mudada" porque eu não posso sofrer todas as consequências e nada acontecer, sabe? Eu sempre pensava nessas, nas consequências de que poderia acontecer, mas não fiquei com medo de trabalhar, nem de tratar de nada por conta disso.

G: Em relação aos ataques que você sofreu, que você mesma trouxe naquele... eram comentários que pouco tinham a ver com a matéria, que te desqualificavam por você não ter um companheiro, chamavam... enfim críticas da sua aparência. Você sente que por ser mulher, você se coloca mais exposta a esse tipo de violência do que, por exemplo, você vê algum colega homem passar por essa situação, dessa forma?

I: É, não, [ri sarcasticamente]. Não, eu acho que é porque eu era mulher, realmente. Tanto que eu recebi mensagem das pessoas perguntando quanto era o programa. Eu duvido que um colega que passasse pela mesma situação, recebesse uma mensagem dessa. Gente chamando de prostituta e perguntando quanto que era o programa, duvido. Tanto que tem um colega lá

no Amazonas que ele também faz uma cobertura mais investigativa e também recebe mensagens criticando, mas nunca sobre a aparência dele. Nunca é sobre se ele tem mulher, se ele tem franjinha ou se o rosto dele é de esquerdista, nunca é sobre isso. É sempre sobre o trabalho. Mas na minha situação foi muito sobre eu como mulher e pegando nesses pontos que normalmente são frágeis pra mulheres de aparência, sabe? Mas eu não me senti muito atacada porque também tava vindo de pessoas que só tavam querendo usar qualquer coisa para me desqualificar.

G: Quando você, lá atrás, entrou para fazer jornalismo, gostava de escrever, você chegou a pensar que jornalismo podia ser uma profissão que te colocasse em risco de alguma forma? Isso passava pela sua cabeça?

I: Não, não. Não, nossa...

G: E hoje você considera que é?

I: É, hoje eu considero sim, que é o risco tanto físico, quanto psicológico. Que era um risco que eu não pensava, porque quando eu entrei, eu imaginava que eu ia fazer o jornalismo de entretenimento. Eu não achava que eu ia cair num jornalismo político e policial, sabe? Eu achava "Ah vou fazer jornalismo de entretenimento, que o máximo que eu posso ser é xingada porque eu fiz uma *review* que as pessoas não gostaram" sabe "gostei de uma série que as pessoas que não gostaram". Eu entrei na faculdade pensando nisso. Mas eu não imaginei que eu ia acabar caindo na política e que os ataques seriam bem mais intensos do que só eu não gostar de alguma série.

G: E você chegou a pensar em desistir da profissão em algum momento?

I: Acho que isso me deu mais gás na verdade, foi totalmente oposto. Acho que se eles quisessem que eu desistisse, eles falharam muito, falharam real! Porque eu só fiquei com mais vontade ainda de falar, porque se eles não querem que eu fale é porque ali que eu tenho que falar mesmo. É aí que, é onde eu tenho que cutucar, sabe? Eu acho que jornalismo é isso. As pessoas que foram as minhas mentoras, além da faculdade, elas falavam muito sobre isso de cutucar onde as pessoas não querem que se cutuque. Então, se você tá incomodando, continua, só vai!

G: Uma curiosidade que eu fiquei pensando. Sua vinda pra São Paulo foi alguma maneira, quando você recebeu, assim essa oportunidade você, enfim, você tava passando por um processo, é... uma questão pessoal, da sua família, mas, de alguma maneira, você pensou em se afastar dessa possível perseguição que tava lá em Manaus ou não tem nada a ver?

I: Eu acho que tem um pouco disso, mas também tem um pouco sobre o contexto de emprego de Manaus. Porque, assim, lá ou você vai trabalhar numa empresa que apoia a Prefeitura ou você vai trabalhar numa empresa que apoia o Governo. Não existe jornalismo independente. Quer dizer, existe um ou dois.

G: Mesmo a revista que você trabalhava...

I: Mesmo a revista que eu trabalhava. Eu tinha uma liberdade maior, mas, mesmo assim, ainda ‘tinha’ momentos que eu era censurada, por conta desses contratos. Porque a revista não conseguia se pagar, então, ela tinha que fazer esses contratos. Assim como todos os outros blogs e sites de TVs, emissoras, enfim, todo mundo no Amazonas. Acho que tem dois, três, que tem um jornalismo independente, que conseguem fazer pautas que não são censuradas. Mas, assim, é muito complicado. Esse meu esse meu colega que eu cito muito, que é o Fred Santana, ele faz, mas porque é só ele, ele é o dono *Vocativo*, ele é o único repórter, ele é o único editor, ele faz tudo sozinho. E ele se banca por bolsas de incentivo, que são de programas de incentivo do eixo daqui. É assim que ele se banca. E às vezes ele nem consegue se bancar. E aí, eu tenho uma filha para criar, eu tenho uma casa para cuidar, eu tenho um noivo... Então, eu não posso, não posso abrir um site lá sozinha, sabe? Não tenho como fazer isso. Fora que eu sou muito nova também na profissão, eu não me sinto preparada para empreender agora. Então, eu vi a oportunidade, aqui... Claro, uma oportunidade muito boa pro meu currículo. Não tem o que dizer, sabe, uma menina que saiu do Amazonas, de Manaus, e tá agora na Editora *Globo*! Isso é muito bom pro meu currículo! Mas assim eu não vejo como voltar pra lá, porque se eu voltar pra lá, eu vou ser censurada. E eu não tenho ainda carreira pra bater o pé ele falar “Não, não vou escrever sobre isso” ou “Sim, eu vou escrever isso”. Não tem esse peso ainda pra bater o pé, nem tenho como bater o pé lá a respeito disso. Então eu fugi tanto de uma possível perseguição, por alguma matéria que eu fosse fazer no futuro, quanto também por esse cenário de emprego lá que para mim não tem futuro. E lá paga muito mal. Não existe piso de salário, então assim tem local... Onde eu trabalhava na revista ainda pagava muito bem pra realidade de lá, mas tem local que você vai fazer o trabalho de três pessoas vão pagar 1.800 reais.

G: Que isso gente...

I: Eu era estagiária, eu recebia um salário mínimo e eu fazia o trabalho de uma pessoa que era contratada e essa pessoa que era contratada, recebia menos de 2.000 reais. Então, assim, é um... é um cenário que não é muito atrativo assim. Eu gosto muito de lá, eu gostaria de falar muito sobre lá. Eu acho que, principalmente agora que tá muito em voga Amazônia, crédito de carbono, principalmente essas pautas assim, é... zona franca, são pautas muito importantes, mas não tem como eu fazer de lá. Infelizmente, não tem como fazer de lá.

G: Você acha, assim, se você fosse tentar uma parte... uma iniciativa mais independente, tirando a questão do financiamento que tem todas as dificuldades, né? A sustentabilidade de você criar uma iniciativa independente, você acha que poderia ter um problema de você já ter sido marcada nessas coberturas?

I: Com certeza. Com certeza, sem dúvidas. Principalmente na questão política lá, eles marcam muito o repórter que pergunta. Porque lá tem muito de... deles já terem uma lista pré-pronta de quem pode ou não perguntar e de repórteres que são banidos de perguntar. E aí... comigo eles sempre chegavam e perguntavam que pergunta eu ia fazer. Eles queriam saber antes o que eu ia perguntar. Pra saber se eu poderia ou não perguntar. Então, já tava nessa listinha assim, marcada. Tanto que teve também uma época que... tava fazendo uma cobertura sobre a Prefeitura, e aí ia ter a festa lá, do aniversário da cidade, e... eu descobri que eu tava na lista negra lá, de que não poderia participar da cobertura da festa da cidade, porque eu tinha feito uma cobertura no meu perfil, é... falando sobre os problemas dessa festa, valores, enfim... e tinham ligado já pra revista, pra mandar eu parar de trabalhar, de peitar. Só que eles não podiam fazer nada que eu tava fazendo fora do meu horário de trabalho, então não tinha nada a ver com a revista. E aí fui eu consegui essa brecha assim, ara fazer, pra continuar fazendo meu trabalho independente da revista. Só que assim, é insustentável. É isso, sabe. Se eu fosse abrir lá, eu ia fazer essas coisas, mas ia ter que procurar alguma outra coisa para me bancar. Pra conseguir continuar fazendo esse jornalismo, pesquisando e apurando.

G: Você acha que a gente tem liberdade de imprensa, liberdade de expressão no Brasil?

I: No Brasil, no geral? Não. Acho que não. Acho que a gente tem uma falsa ideia de liberdade. É que nem o livre arbítrio, sabe? "Ah vocês são livres para fazer contanto que vocês sigam essas regras aqui", então, acho que tem muito disso. Mesmo os perfis que são...

que são livres, eles ainda assim se censuram em alguns pontos pra não pegar em, em... Não pegar no pé de ninguém, sabe? Pra num sofrerem retaliações. Eu acho que existe algum jornalismo independente assim, é... de matéria e matéria, mas eu não acredito em uma instituição independente, sabe? Porque a gente tá muito... acho que a raiz do jornalismo no Brasil tá muito atrelada a empresas. O jornalismo virou uma empresa, virou uma empresa gigantesca assim, de comunicação e a gente tá muito atrelado a isso. Acho que já tá muito na raiz assim pra ser combatido, mesmo com a internet.

G: Você... o que que você acha que é preciso para que os jornais se sintam mais seguros?

I: Vai ser complicado... Vai ser difícil... Acho que depende muito do contexto seguro, fisicamente ou seguro psicologicamente?

G: Tudo.

I: Eu acho que apoio da empresa, tipo, liberdade da pessoa conseguir entender que ela pode escrever isso daqui. Porque acho que tem muita... resistência, muita... como que eu posso dizer? [hesita] Uma lista de coisas que você não deve fazer, e aí algumas coisas que você pode fazer, você deixa de fazer porque você pensa que não pode fazer. Acho que tem muito disso dentro do jornalismo no Brasil. Eu posso falar muito do contexto pessoal, porque é muito diferente do contexto daqui, eu já percebi isso. Então, no contexto de lá, eu percebo que a gente tá muito preso num jornalismo... é... de proibição, sabe? Porque “não pode isso, não pode isso, não pode isso”. E aí o que pode, você não faz porque você acha que não pode. Eu entendo muito isso lá, acho que a formação dos novos jornalistas no Amazonas está muito atrelada a essa realidade de que ou você vai poder falar da Prefeitura você vai poder falar do Governo, você não pode falar dos dois. E nem também pode falar do empresário porque ele também banca aqui, tem um banner lá no site, então, você não pode falar dessa pessoa. Então tem muitos "nãos" pra poucos "sims", e aí o que você pode fazer, você não faz por conta dessa desestimulação, sabe? Porque às vezes você faz e você é proibido de publicar, proibido de fazer, ficar lá no rascunho pra sempre.

G: Uma coisa que eu esqueci de perguntar. Você chegou a solicitar o apoio de alguma organização, por exemplo, a Abraji, na Fenaj?

I: Sim...

G: Eles entraram em contato com você?

I: Sim, a Abraji deu apoio, eles publicaram uma nota lá, porque também ‘teve’ ataques em outros locais ao mesmo tempo, então, tem uma nota da Abraji. É.... Fenaj também deu apoio, a nacional, a Federação Estadual não publicou uma notinha assim, né?

G: O sindicato de lá...

I: É, o sindicato não publicou uma notinha. Eu acho que é porque não era formada. Eu tava terminando a faculdade, não tinha carteirinha do Sindicato, não tenho até hoje. Mas eu tenho... Eu sou... tenho MTB, eu tenho registro de trabalho. Mas a regional, lavou a mão assim. Não chegaram a publicar nada, a fazer nada... Assim, entraram em contato comigo, ponto. Não vieram me mandar mensagem. Já a Fenaj mandou mensagem, conversaram comigo, me deram todo o apoio. A Abraji também deu todo esse apoio, o Repórteres Sem Fronteiras também, fizeram entrevista com a gente lá. Me entrevistaram sobre os ataques. Eu tô no... eu tô no indicador lá que eles lançaram, esqueci o nome agora. Que eles fizeram esse levantamento dos ataques a jornalistas, eles me incluíram lá também. Eu senti mais apoio das instituições mais nacionais do que local.

G: E você achou que esse apoio foi suficiente, foi um apoio mais é.... solidariedade institucional, ou entrou como recursos também de apoios psicológico, jurídico...

I: Não. Não chegou pra mim. Não sei se deve ser apoio pra empresa, né? Mas não chegou até mim isso. Foi realmente um apoio institucional assim, uma notinha de repúdio. E... foi isso.

G: Entendi. Mais alguma coisa que você gostaria de falar, que você acha...

I: Não, eu acho que....Acho que já falei bastante, já falei sobre tudo. Tinha esquecido alguma coisa que eu ia falar, mas agora já me escapou. Não lembro. Alguma coisa que eu ia falar e esqueci. É, foi.

G: Então, tá. Vamos pausar a gravação.

E) Sália Barreto

Entrevista realizada no dia 06 de setembro de 2024, em Brasília (DF).

Giovana: É...então, a gente tá dando início à essa entrevista, como a gente conversou, da minha pesquisa de mestrado. Primeiramente te agradecer, mais uma vez, pela disponibilidade, pelo seu tempo, Sávia, por tá aqui conversando comigo. Vou deixar aqui mais pertinho de você, tá?

Sávia: À vontade.

G: Queria começar te perguntando o básico que é...enfim, qual seu nome, não sei como é que você gosta de ser chamada, né? E...contar um pouquinho sobre você, de onde você é, onde você mora, quantos anos você tem?

S: Bom, eu me chamo Sávia Barreto, Sávia Lorena Barreto. E meu nome... quando a gente começa no jornalismo a gente tem que escolher o nome, né? E eu lembro que eu queria escolher Sávia Lorena, e me disseram: “Não, tem que ter um nome e sobrenome”. E a minha família me chama de Lorena, mas o meu nome público é Sávia Barreto. E é muito curioso, porque eu sinto que são duas personas: a Sávia, que é muito parecida comigo, mas é outra coisa; e a Lorena, que é eu de verdade. E essa divisão, eu acho que ela se reflete em muitos aspectos da profissão e da vida, que também são interligadas. É...sou formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual do Piauí, mas paralelo à Comunicação eu fiz Ciências Sociais na Universidade Federal, que eu não me formei porque eu atrasei um pouco do curso da federal por conta do curso de Jornalismo. E quando eu voltei pra UFPI, tava fazendo Ciências Sociais, eu resolvi fazer o mestrado em Comunicação pra testar. É...eu nunca tinha feito pesquisa, PIBIC, nada, eu não tinha uma publicação e eu passei, passei em último lugar, mas eu passei. Assim, foi....sei nem como que eu passei, acho que por conta da prova, do projeto e tal. É...estudei análise de discursos, eleições. Aí tive que abdicar do curso de Ciências Sociais. Meu doutorado, eu comecei em Políticas Públicas na Universidade Federal do Piauí. Na verdade, não tinha Comunicação e não tinha Ciências Políticas lá, então eu entrei em Políticas Públicas. Estudei a desigualdade de gênero nos órgãos públicos, eu entrei na parte de gênero. E, toda pesquisa tem a justificativa científica, acadêmica e tem a pessoal, e a pessoal era: “eu me sentia vítima dessa desigualdade”. É...até o título da minha tese é: “As barreiras para a ascensão feminina nos órgãos públicos”. Por que mulheres qualificadas, tão ou mais que os homens, ganhavam e nunca chegavam, ou quase nunca, porque na verdade eu entrevistei mulheres que chegaram em posição de poder, mas havia uma dificuldade muito grande. Sempre trabalhei muito,

sempre com política. Assim, fui repórter de polícia, né? Quando eu entrei, com 18 anos, em portal. Mas, logo, eu sabia que queria trabalhar com política e eu pedi pro meu chefe num portal que eu trabalhava, eu falei “Quando tiver oportunidade da gente trabalhar...” Cê quer ver se tá ok?

G: Desculpa.

S: É por garantir, né? Porque tá muito barulhento.

G: Mas eu acho que tá ok.

S: Tá ok, né? É...”Quando tiver uma oportunidade de surgir uma vaga pra política, eu queria ser testada”. Eu sempre pedi a oportunidade desde que eu entrei. Depois eu passei pra economia e depois eu entrei pra política, que é o correto, né? Você tem que ter um percurso pra chegar lá pra falar de política, mas eu já tinha essa vontade, essa intenção de trabalhar com política. Hum....fui repórter de política em vários portais do Piauí, de Teresina, que é minha cidade, onde eu nasci. E jornais, né, formava, jornal, era importante, hoje não é mais, mas na época era. Meu sonho era trabalhar com jornal, trabalhei no jornal de lá. Sempre fui muito competitiva, queria dar manchetes, disputava manchetes com os jornalistas mais experientes, com outras meninas também, mulheres. Tinha muito essa competição e eu gostava da competição, o que não significa que era tudo flores, né? Na verdade, você traz uma tensão pra você quando você se coloca numa posição de visibilidade e uma disputa por poder. Porque o poder ele...eu enxergo que ele é restrito, óbvio, ele é escasso, e quando você tem acesso ao poder, alguém vai perder. E quando é uma mulher que vai ter acesso a esse, há uma resistência. E eu sentia essa resistência sempre. É...fiz muita assessoria de imprensa também, de órgãos públicos, DETRAN, Controladoria Geral do Estado. Mais pela questão de complementar a renda, né? Que o salário sempre foi muito baixo. É...e depois dessa minha carreira no jornalismo, eu não concluí meu Doutorado, eu qualifiquei, mas eu não defendi minha tese, porque foi bem no meio do episódio de violência que eu sofri. E eu, simplesmente, fiquei muito mal a ponto de pedir vários prazos pra Universidade, esgotei todos os prazos, comecei na terapia, que eu faço até hoje, inclusive fiz sessão antes de vir pra cá, e fiz várias mudanças na minha vida. Mas, perdi o prazo de entregar minha tese. Esse ano, eu pedi pra Universidade pra eu voltar, através da Justiça, e agora tô só esperando o juiz decidir. Eu acho que vou voltar, porque outras pessoas já voltaram. Pra mim é muito

importante fechar o ciclo. De entregar mesmo a minha tese, mas se não der eu vou recorrer ao Supremo. É... bom, deixa eu ver o que mais sobre o meu trabalho. Bom, como que eu cheguei aqui, né? Porque a gente tá conversando em Brasília. Eu...

G: Eu queria que você contasse um pouquinho, assim...

S: Como é que eu cheguei aqui, né?

G: Como é que você começou, onde você começou a trabalhar, por onde você passou? Assim, você falou das editorias, mas de veículos, também.

S: De veículos. Eu comecei no portal *180 Graus*, que é um portal lá do Piauí de muita notícia sensacionalista e tal, e eu comecei fazendo polícia lá. Depois, eu passei pra polícia lá. De lá eu cavei uma vaga no jornal *Meio Norte*. Eu ficava mandando pro editor: “Quando tiver oportunidade me chama!” Eu mandava e-mails pra ele, tipo, a cada 15 dias praticamente. Eu, realmente, eu era uma *stalker*. Assim, ele podia me processar nos critérios de hoje. E eu, de tanto encher o saco e lá não tinha vaga, porque política é como uma capitania hereditária. As pessoas morrem fazendo política, então assim, como é que vai surgir uma vaga de política? Alguém morreu? Beleza. Alguém passou num concurso ou não quer mais, aí pode surgir uma vaga. E aí, uma moça saiu da editoria de Economia, porque passou num concurso, e o editor me chamou. Aí eu entrei em Economia, que não era o que eu queria. Eu entrei no jornal impresso fazendo Economia e uns 4 meses depois abriu a vaga de Política.

G: Esse *portal 180* também era...

S: É do Piauí.

G: Mas também era impresso?

S: Não, não. Era um portal de notícias online e depois eu fui pro jornal impresso que era o jornal *Meio Norte*. E lá no *Meio Norte* eu fiz Economia uns 4 meses de jornal, e depois eu fui pra política, porque eu já entrei pedindo pra fazer Política e querendo fazer Política. Do jornal, foi quando eu fiz meu mestr... me formei, porque eu era estudante ainda, fiz o meu mestrado, fiz as assessorias do DETRAN, da Controladoria Geral do Estado e outras

assessorias que eu fiz, e saí do jornal pra ser editora-chefe num portal novo que tava nascendo, que chamava-se *O Olho*. Foi engraçado porque o dono...era um amigo meu, na verdade, que tava montando esse projeto e ele me chamou pra ser editora de política e eu falei: “Tem a vaga de editor-chefe?”, aí ele: “Ah, eu to pensando em fulano”, aí eu falei assim: “Eu me habilito pra vaga de editora-chefe”.

G: Isso você tinha acabado de se formar?

S: Não, eu acho que eu já tava no mestrado, eu já tava no mestrado. É...e aí ele falou...que não achava que eu ia querer, que me via como Política. Só que é um ciclo que, às vezes, você tá cansado de fazer a mesma coisa, e eu já tinha. Como eu entrei muito cedo, eu já tinha me esgotado e eu tava fazendo a mesma coisa em Política.

G: Você começou a trabalhar ainda na faculdade?

S: É, com 19 anos eu já tava trabalhando. Sempre, sempre trabalhei equilibrando as duas universidades, Ciências Sociais e Comunicação, e trabalhando.

G: E no final, quando você já tava...

S: No mestrado.

G: Você ainda não tinha terminado Ciências Sociais?

S: Não.

G: Você entrou no mestrado ainda fazendo ciências sociais?

S: Não, não, porque lá você tem que assinar um termo de desistência do curso, porque eu não podia ter duas matrículas na federal, de graduação e mestrado. Aí eu abri mão do meu curso.

G: Porque você fez Jornalismo na estadual...

S: E Comunicação na...e Ciências Sociais na federal.

G: Ah, ainda podia nessa época, né?

S: Podia, podia. Passei nos dois. Aí eu fui ser a editora-chefe nesse portal, que foi muito legal porque a gente fez matérias que tiveram repercussão nacional. Uma das matérias que eu fiz lá, que era um experimento, era eu andando nas ruas com uma câmera escondida mostrando o assédio dos homens. Eu lembro que saiu na *Folha de S. Paulo*, saiu no Gugu, foi muito engraçado. Claro que hoje quando você vê, tipo, já passou muito tempo, né? A qualidade não é muito boa, mas teve uma repercussão muito grande.

G: Mas como é que era esse vídeo?

S: Eu andava e o produtor tava com uma mochila, né? Com a câmera pra mim, uma *GoPro* e mostrava os assédios. Eu tava com uma calça jeans e uma regata, né? Só, e aí era xingamentos, olhares, gostosa, não sei o quê, essas coisas. Detalhe, estamos falando de Teresina, do centro de Teresina, né? Talvez soe um pouco assustador assim, mas é a realidade, assim, realmente é aquilo ali. E o vídeo teve, assim, eu não lembro exatamente mas coisa de milhão de visualização na época.

G: Foi no *YouTube*?

S: No *YouTube* tem...outras pessoas reproduziram. Eu não sei se tem mais o vídeo original, eu acho que tem uma reprodução do vídeo, deve ter reprodução do vídeo.

G: Esse veículo era digital também?

S: Era digital, era *O Olho*. E aí depois esse portal passou por problemas financeiros e fechou. E aí uma parte da equipe montou um outro portal que era o *186*, e eu fui ser a editora lá. Eu tava já na função de cargo executivo, só que mesmo assim eu tinha minha coluna onde eu fazia esses experimentos, como eu fiz esse, ou eu dava opinião ou uma análise, mas era sobre temas em geral, eu saí um pouco de Política. Eu já estava cansada da rotina e eu senti que eu já tinha feito tudo ali que tinha pra mim naquele momento ali disponível, que era fazer matéria. É...fiquei como editora, e como editora do *186* a gente resolveu ter um programa na rádio. A gente foi ter um programa numa rádio em Teresina chamada *Jockey F.M.* Tivemos

esse programa e de lá montaram uma...uma...uma sucursal da *CBN*, uma afiliada da *CBN* lá em Teresina, *CBN Teresina*. E eu fui ser editora-chefe e âncora junto com esse meu amigo, que era dono do portal, da *CBN*. E foi curioso, porque no meio da campanha ele teve que sair, porque ele ia participar de uma campanha como coordenador e eu fiquei sozinha no comando. E muitas pessoas falavam pra ele: “Mas você vai deixar só a Sávia?” Só a Sávia. [Risadas] É...sendo que na verdade eu era a editora, o conteúdo todo quem fazia era eu e, assim, é uma visão totalmente machista como se eu tivesse ali como suporte dele, quando na verdade não era isso, né? Com todo respeito ao trabalho dele, mas a gente tava ali numa posição de igualdade e muitas vezes eu dava mais contribuições, sei que isso é relativo, mas ele mesmo admite isso. É...então, da *CBN* eu fui chamada pra voltar pra *Meio Norte*, só que nesse caso pra TV. Eu nunca fui uma pessoa de televisão, eu sou uma pessoa de escrever, a minha personalidade é introspectiva, eu gosto de ler e escrever é uma consequência de ler, pra mim. Então, meu universo é interno e a televisão não é um universo interno, é um universo externo. Mas, surgiu o convite e como eu já tava cansada da rotina...

G: Pra reportagem?

S: Não, pra ser comentarista no estúdio. Pra reportagem eu não queria mais, porque eu já tinha feito há muito tempo, né? Já tinha esgotado ali pra mim. Eu sinto que eu não consigo fazer as coisas por...por muitos anos. Assim, eu preciso renovar dentro da comunicação, mas outros olhares. E aí eu fui pra TV, sai do portal, achei que eu tinha cumprido tudo como editora e fui pra lá comentar política na TV. E foi uma quebra na minha vida, porque é uma visibilidade. O Piauí, ele é um estado que as pessoas consomem muita política, as pessoas têm o hábito de almoçar em casa porque é perto, é...esse horário do almoço é um horário nobre, que não é um horário nobre nas outras praças, mas no Piauí é horário nobre. Tudo é caro, tem mais audiência, repercute mais, é importante meio-dia. Meio-dia que eu falo entre meio-dia e até três horas da tarde, porque as pessoas elas ficam...elas têm uma vida diferente, né? Porque eu sei que São Paulo e Rio você não vai porque não é viável, né? E lá você vai. Então, eu entrei nesse programa no horário nobre, do meio-dia, pra comentar política. E, assim, foi um choque, uma quebra, a visibilidade e eu mesma tava tentando me achar ali, né? Mas, com o passar do tempo, me senti bem consolidada com o que eu tava fazendo e bem segura, mas foi um processo. E...enfim, houve uma quebra porque, um belo dia, a gente já tava na pandemia, eu tinha falado de um vereador, comentado alguma coisa sobre ele na TV e eu fui na Câmara Municipal de Teresina, que você vai pra conversar com as pessoas, pra

ouvir e tal, presencial. Como ainda tava na época da pandemia, poucas pessoas iam. Assim, não era um fluxo como é hoje, cê vai lá tem muita gente. Talvez hoje eu não sei se isso aconteceria por conta da quantidade de pessoas e haveria um constrangimento dele em fazer isso. Mas, quando eu cheguei, eu tava conversando com uma fonte minha, Gustavo, que é um político. Assim, ele não tem mandato, né? Mas ele já disputou eleição, a gente tava conversando e ele chegou, esse vereador, e começou a falar alto comigo, que eu tinha escrito coisas que não era verdade e eu falei que não, que eu tinha dado minha opinião, né? Que na verdade é uma coisa tão pequena que eu nem lembro exatamente o que era, assim, a notícia. É... e aí ele começou a gritar, a falar alto comigo como se ele viesse pra cima de mim fisicamente, né? E...dizendo que me conhecia, “eu te conheço”, que é uma ameaça, né? Como se ele conhecesse coisas sobre mim. E aí eu falei “eu também lhe conheço”. E aí o Gustavo ficou muito nervoso. Engraçado, porque vários homens depois vieram falar comigo pra dizer “Se eu tivesse do seu lado isso não tinha acontecido, se eu tivesse do seu lado eu tinha...”. Só que o Gustavo ele ficou muito nervoso, assim, com a situação. Eu lembro que ele ficou, assim, vermelho e ele falava assim “Calma, não, não sei o quê”. Aí ele entrou no carro, o vereador, e do carro ele ficou falando gritando, né? Aí eu respondi ele, né? Não sei o quê, não sei o quê, eu falei assim: “Sim, pode falar”, aí ele deu a ré e voltou: “Eu quero conversar com você”, aí eu: “Pode falar”. Ele veio atrás de mim meio que, outras pessoas que tavam ao redor meio afastaram ele. É o que eu lembro hoje. Detalhe, eu to fazendo um exercício de tentar lembrar, por que? Porque aconteceu e eu, simplesmente, não quero lembrar, morreu pra mim. Eu não lembro a matéria, eu não lembro exatamente o que ele falou. Provavelmente você vai ver em notícias, né? Mas, eu não lembro, eu só lembro que foi uma violência que eu fiquei extremamente angustiada e aí eu lembro que eu saí, que tiraram ele, né? Eu achei que ele realmente ia me bater, que ele ia me agredir fisicamente e eu entrei no carro, no meu carro e comecei a chorar. Chorei, chorei, chorei, chorei e meu olho ficou inchado. Eu, tipo, tirei uma foto chorando. Eu não sei, me deu um impulso de registrar isso, porque era pra mim, era assim: “Eu quero lembrar desse dia, eu quero lembrar o que aconteceu, eu preciso de um registro, preciso saber o que aconteceu. Porque se eu não tiver o registro, não aconteceu e ele vai dizer que não aconteceu e todo mundo vai dizer que não aconteceu”. E o registro era só eu chorando. Quando eu voltei pra casa, a gente tinha que entrar de casa, né? Porque tava na questão da pandemia e tal, e eu lembro que eu tava com o olho inchado e meu amigo, Ary, mesmo sendo online ele falou: “Você está bem? O que tá acontecendo, tá gripada?”. Porque o meu nariz...isso aqui meu tava tudo vermelho, mesmo com a maquiagem, e meu olho tava muito inchado. Aí eu falei pra ele, o que que tinha

acontecido e tal. Porque a gente tava ao vivo, mas a gente tava no *WhatsApp Web*. [Risadas] E aí ele falou com o Amadeu, que era o âncora: “A Sávia não tá bem, não sei o quê”. E eu lembro que eles tentaram me puxar menos pras conversas e tal, mas eu sobrevivi ali até o final do programa. Eu nem sei porque eu fiz o programa, eu não sei, eu acho que eu não tava...Eu não sei porque que eu não disse que não ia fazer o programa. Mas eu fui fazer o programa.

G: Não passou pela sua cabeça.

S: Não fazer o programa. Era o meu trabalho e, eu não sei, ele não ia impedir de fazer o meu trabalho. Eu não sei, eu acho que foi uma...é quase uma rebelião, assim, de que eu vou fazer! E aí eu fiz, e quando terminou eu liguei pro Urias, que é o diretor de jornalismo, contei e ele me deu todo o apoio, assim. Eu pedi pra ele que eu...Ah, e detalhe, eu tinha uma cirurgia marcada no dia seguinte. No dia seguinte, é...Eu tinha uma cirurgia de silicone, que era uma vontade...Eu nem vou dizer um sonho, porque eu acho isso...Não é um sonho isso, mas era uma vontade que eu tinha, né? É...De colocar silicone. [Risadas] E eu tinha juntado esse dinheiro e tinha feito todos os exames e tal, e eu cogitei não fazer minha cirurgia. Mesmo que eu já tinha pago anestesista, tudo, né? E aí ele...Eu lembro até que ele falou: “Faça sua cirurgia, faça suas coisas”. E aí eu tinha quinze dias de licença, porque a gente tava online, né? Então, 15 dias depois eu ia voltar online. É...Eu fiz a cirurgia, eu tava muito mal, eu tava muito mal. Eu fiz um vídeo à noite nesse dia, que eu tava com o olho muito inchado, e eu falei o que aconteceu e falei...Eu não falei o nome dele, do vereador, eu só falei o que aconteceu. E esse vídeo foi reproduzido em várias páginas do Piauí, as páginas de direita reproduziram...Duvidando da minha versão, dizendo: “A Sávia Barreto disse que o vereador fez isso”. E aí, em mais um ato de rebelião, eu fui fazer a minha cirurgia de silicone no outro dia, bem feminina. É uma coisa, é curioso, não é uma cirurgia, assim, necessária. Era totalmente estética, totalmente feminina. Assim, é silicone, né? É bem mulher mesmo, assim, sabe? E aí você tá nesse ambiente totalmente masculino e violento, e depois você vai colocar silicone. [Risadas] E aí eu fui fazer a cirurgia, mas eu estava muito mal, eu tava muito mal, mal, mal, mal. Tipo assim, era meu dia, eu vou fazer! Porque eu tinha o seio muito pequeno. Não era uma grande questão pra mim, um trauma, nada do tipo. Só que eu já tava começando a treinar, eu tava ficando muito magra, perdendo gordura e aí tava ficando muito esquisito aquilo pra mim. Eu queria botar, né? Pra ficar mais proporcional, eu achava meu corpo infantil assim. Fiz a cirurgia, é...É um incômodo muito grande, ali no seu pós, você acordar,

você tá dolorida, você tá nua, você tá...Aí eu olhava o celular. Quando eu cheguei lá, pra fazer a cirurgia de manhã, o meu celular tava lotado de mensagens, vereadores, deputados, gente me ligando pra prestar apoio. Só que isso só fazia eu chorar mais. Cada apoio era mais doloroso pra mim, porque...Era uma vergonha, assim, era...É...”Conte comigo”, sabe essas coisas? E aí eu lembro que no programa de manhã, o âncora do programa policial da manhã, que era um dos programas de maior audiência da casa. Ele me defendeu bravamente, e a gente nem tem uma relação. Mas ele, realmente, colocou minha imagem, disse que não se faz isso e tal. Eu entendi que ele tava querendo me ajudar, só que ele me expôs muito! Assim, é...E maximizou ainda mais a história, mas eu senti como uma defesa da casa à mim. É tipo assim: “Se vocês, políticos, forem agredir os nossos jornalistas, a gente vai bater em vocês”. Eu entendi o que eles fizeram, mas só que maximizou e eu recebi um monte de mensagem no meu *Instagram*, de pessoas e tudo. E aí...

G: Sávia, desculpa.

S: Pode falar!

G: Você disse que as páginas de direita também começaram a duvidar da sua versão, se você tivesse sido agredida. Você chegou a receber algum ataque também nas suas redes sociais?

[Longa pausa para responder]

S: Eu recebi, eu recebi xingamentos, xingamentos e...Aí foi quando eu fiz a cirurgia, passei 15 dias *off-line*, não poste nada. É...Desapareci. E depois eu tive que voltar a trabalhar, e quando eu voltei, eu lembro que eu tava tão mal! Eu voltei de casa, né? Mas eu...Esses 15 dias não foram nada. Eu tava tensa, eu tava mal. E aí até meu amigo, eu lembro que ele falou assim: “Cê não tá bem”, aí eu falei: “Eu não tô bem”, aí ele: “Quer pedir mais tempo?”, eu falei: “Não, eu vou trabalhar”. E aí eu voltei a trabalhar. Eu lembro que eu demorei um tempão pra voltar pra Câmara, porque depois a gente voltou pro estúdio e eu demorei pra ter coragem de voltar pra Câmara. Me deu muita angústia, quase um pânico de pisar na Câmara e...De andar lá, porque as pessoas vinham me dar apoio, e era horrível! “Ah, eu tô do seu lado. Ah, não sei o quê”. E aí, eu lembro que quando falam desse vereador no programa, e outras coisas, eu não comento. Eu não falo o nome dele, pra mim ele morreu. Porque eu não me sinto, é...Completamente isenta pra falar positivamente. Então, como eu fui vítima, eu

acho que o correto, o justo, o moral é eu não falar. É...E aí eu voltei a trabalhar e eu tive que pedir os adiamentos da minha tese, vários. Eu já ia, assim, fazer a segunda qualificação, que é como se fosse um mês antes ou dois meses antes da defesa. Eu parei tudo, é...Eu não conseguia. [Pausa] E...

G: Que que acontecia? Você ficava...sem conseguir se concentrar?

S: Eu não tinha a motivação pra escrever sobre desigualdade de gênero. Era...Me machucava, me machucava. É como uma pessoa que foi vítima de pedofilia e vai fazer um trabalho acadêmico sobre pessoas vitimas de pedofilia. É doloroso. É...Eu tenho um diagnóstico. Eu não sei se é interessante falar, mas eu acho que talvez você consiga me entender melhor. É...Eu vou falar cronologicamente e depois eu vou te falar do diagnóstico, que eu só soube depois, né? Então não faz sentido eu te falar agora. É...Aí eu comecei na terapia. Eu sempre fiz, é...Eu sempre gostei de psicanálise, e de ler livros, e de participar de grupos de estudo, tipo, Literatura e Psicanálise. Sempre gostei e fazia o *Corpo Freudiano*, que é uma associação, uma escola de psicanálise de formação de psicanalistas lá em Teresina, e fiz aqui em Brasília também. E eu fiz um tempão, uns cinco, seis anos de *Corpo Freudiano*. Só que sempre falavam assim...Ah, é porque no tripé da formação é necessário você fazer análise, e eu fazia a formação, mas eu não fazia análise. E eu falava: “Não, eu tô aqui só pra estudar, eu gosto de estudar, eu não quero ser analista”. E aí, mas eu sabia tudo, né? Eu lia, participava da formação e tudo mais.

G: Quando você buscou esse grupo você já fazia terapia?

S: Não, não. Eu passei, tipo, anos estudando e eu não fazia terapia.

G: Por interesse?

S: Por interesse. Eu falava: “Gente, eu gosto de estudar, pra mim...Me faz entender melhor o ser humano e, portanto, o meu trabalhos fica melhor e eu, como ser humano, me sinto melhor, mas eu não quero fazer análise” [Risadas] Era engraçado isso! E quando teve isso eu comecei a fazer análise, logo depois do que aconteceu eu busquei análise. Tipo, um mês depois que eu não tava bem. E aí...ou seja, eu estava funcional, eu tava trabalhando, mas não estava bem. E aí...Essa angústia, eu me sentia exposta, olhada, vista, julgada com esse questionamento da

minha versão, porque que eu falei. Aí o questionamento era assim, que eu recebi mensagens, inclusive, no meu *Instagram*: “Por que você falou e não disse o nome do vereador?”, ou então assim: “Por que que você não fez o B.O?” Pessoas me questionando por eu não ter feito o B.O. É como se, assim, eu quisesse me promover em cima do que aconteceu, por que que eu não fiz o B.O? E eu me pergunto, por que eu não fiz o B.O? Porque eu não queria ir na delegacia, eu não queria prestar depoimento, eu não queria reviver aquela dor e eu sabia que não ia acontecer nada, o resultado seria zero. Não seria pedagógico. Eu acho que o que aconteceu na minha vida foi mais pedagógico do que se eu tivesse buscado uma via policial, judicial. Que eu não acho que é errado não. Eu acho que é importante, mas lá no Piauí, naquele estado, naquela situação, não ia ser bom pra mim.

G: Quando você fala do Piauí, você sente que se você fosse procurar esse via policial, denunciar, registrar a ocorrência, isso podia, de alguma forma, te prejudicar profissionalmente?

S: Sim.

G: E pessoalmente também?

S: Sim, eu sinto isso.

G: E por que no Piauí, especificamente?

S: Porque o Piauí é um estado que eu amo, mas é um estado praticamente...É um estado com raízes medievais, ele é extremamente patriarcal, é um estado pobre, que ainda está se desenvolvendo, mas que tem uma visão, é...Em que o poder ele, tradicionalmente, é masculino. Então, assim, mulheres pra comentar política foi...Teve uma mulher que inclusive depois casou com um deputado. Mas ela já era de uma família política e ela era uma jornalista muito boa, mas depois ela casou com deputado e saiu porque não teria como, né? É...Ela buscou outros caminhos pra ela. Inclusive hoje ela até faz Medicina. E ponto. Nunca mais teve. E depois teve a Samantha Cavalc, na *Meio Norte*. A Samantha saiu, inclusive hoje ela é uma jornalista de direita. Ela fez uma transição bem...bem...Nunca pensei nela assim, mas ok. Ela veio pra Brasília e ela seguiu esse caminho. É...E nós éramos amigas, depois a gente se afastou. Mas, enfim, é outra história. É...voltando, eu comecei a fazer análise.

Consequências, né? Do fato, pós fato. Eu comecei a fazer análise com o Lamartini, que era o coordenador do *Corpo Freudiano*. E aí...Foi muito legal. Assim, ainda hoje ele é meu analista, a gente faz à distância, né? Ele, na verdade, é professor lá da Universidade Estadual, mas ele fica lá e fica também no Ceará, na terra dele, Fortaleza. E aí a gente...Depois disso eu mudei a minha postura, eu passei um tempão sem *Instagram*. Tipo, um tempão, o que? Uns 6 meses ou mais sem *Instagram*. Parece bobagem, mas o *Instagram* é uma ferramenta, um currículo que você tem virtual, é a sua forma de se apresentar ao mundo. Eu fiquei sem rede social nenhuma. O meu *Instagram* era “mulherqueopina”, o meu *Twitter* era “mulherqueopina”. Olha, eu criei arroba e botei “mulherqueopina”, eu não queria botar meu nome, e eu usava ele. Usava pra falar de política e outras coisas. Depois disso, que essas pessoas de direita começaram...a me xingar, e outras coisas, como anônimo. Lá no *Twitter* tudo que eu postava, começou uma perseguição, né? Não relacionada ao episódio, mas após o episódio isso começou a acontecer, porque depois do episódio eu fiquei no centro de um...Eu me tornei um alvo, né? E aí eu parei...Eu simplesmente arquivei, sei lá, 90% dos meus posts no *Twitter*. Eu me tornei uma mulher que opina que não opina, mulher que não opina. [Risadas] Eu fiquei só lendo, eu leio, salvo, acompanho. Amo *Twitter*, amava, mas eu não usei mais, praticamente não usei mais.

G: E você arquivou por que você tinha medo que alguém pudesse recuperar alguma coisa?

S: É, é porque ali era tudo que eu pensava. Sobre política, sobre vida, sobre a minha vida. Eram várias reflexões, então eu não podia entregar isso pras pessoas. Então eu tirei 90% do que tinha lá. Era uma ferramenta legal, eu tinha me conectado com pessoas e eu escolhi desaparecer de lá. Saí do *Instagram*, saí de tudo, meu *Facebook* apaguei todas fotos. Apaguei não, na verdade eu privei. É...tirei minha imagem, tirei tudo. Aí depois disso, nesses 6 meses...Foi curioso porque, graças a esse episódio, eu passei a ter uma nova fonte de renda que mudou um pouco a minha vida, inclusive a qualidade da minha vida, inclusive me permitiu estar aqui em Brasília. Por quê? Eu enxerguei que eu tava sofrendo, óbvio, eu enxerguei que eu tava sofrendo, eu estava sofrendo, eu sabia que eu estava sofrendo. E eu pensei: “Eu não posso viver só do jornalismo político, porque o que eu gosto é jornalismo político. O jornalismo político no Piauí me coloca numa situação de sofrimento. Eu não vou mudar o Piauí, eu não vou mudar como as coisas são no Piauí, as coisas vão mudar com o tempo”. Eu até brinco, eu falo assim: “Gente, quando o Piauí chegar no ano de 2024, o mundo e o resto do Brasil vai tá em 2084. Mas vai chegar, uma hora vai dar certo!” [Risadas]

seguidas de pausa] Aí eu falei assim...Cê quer ver se tá tudo certo com a gravação? Tá tranquila? Eu fico morrendo de medo de...

G: Eu também fico, mas...

S: Se tu quiser, tipo, pausar, olhar, ouvir e depois voltar.

G: Então, eu devia ter feito isso...

[Pausamos a gravação e voltamos]

S: Nesse período, que eu fiquei offline, que eu passei a repensar a minha presença digital. Porque, assim, esses perfis começaram a criar...Eu fiquei offline, eu saí total do *Instagram*. Criaram outros perfis, tipo, Sávia Barreto 1, Sávia Barreto não sei o quê. E eram as minhas fotos de biquíni! É... Teve um que criou Sávia Barreto vagabunda. É... Que aí eu pedi pras pessoas denunciarem e tals. E eu falei assim: “Eu não posso ficar sem Instagram”, porque tavam criando outros perfis, né? Com o meu nome e ficavam usando essas fotos minhas, de biquíni e tal, normal que eu postava. E aí, quando eu voltei, eu, eu archivei 100% das minhas fotos e eu comecei meu perfil como se fosse do zero. Não era do zero, era o perfil que eu usava, mas eu archivei meu perfil 100%, 100%. E eu mudei tudo, assim, é... Passou a ser um perfil mais profissional. É...Ainda hoje eu uso um filtro escuro que eu gosto muito, porque ele traz um distanciamento, que é o que eu quero das pessoas. E...E eu passei a estudar nesse período um pouco sobre...Tipo assim, eu preciso viver, pagar minhas contas, minha formação é em comunicação, eu tenho experiência profissional e eu tenho que viver disso. Eu não vou fazer, que...”Ai, eu vou fazer Medicina. Eu vou fazer agora Direito”. Não, eu vou trabalhar com o que eu sei, porque eu sou boa. Mas, eu não posso viver só do jornalismo. E eu comecei a...Como eu já fazia assessoria, só que era uma coisa pessoal, eu abri minha empresa, abri minha empresa...Foi engraçado, foi até uma pessoa que me procurou. Ele...Ele era tipo, vou falar genericamente, mas ele era tipo um *CEO* de uma empresa que era uma PPP lá no Piauí, e ele assistia o programa e ele tinha pedido com o diretor pra conversar comigo pra eu falar sobre cenário eleitoral. O diretor me pediu como um favor, se eu podia conversar com ele e eu conversei, era até on-line, depois disso ele me pediu mais umas duas reuniões, e aí eu comecei: “Olha, eu acho que tenho que te indicar alguém pra tá fazendo esse trabalho pra você”. Ele falou: “Não, eu quero te contratar” Aí ele...É engraçado...

G: Era uma PPP de que?

S: Não vou falar porque é muito restrito, mas prestava serviço, né? Pro Estado. E aí ele queria me contratar e na época, tipo assim, eu falei: “Não, tudo bem. Como é que a gente faz?” Aí eu não tinha CNPJ, não tinha empresa, não tinha nada. E a minha cabeça era tão assim que eu pensava: “Pode ser um valor X”. Só que ele falou: “Não, pra eu te pagar essa consultoria precisa ter um CNPJ e um valor X”. E eu nem pensava em receber um valor X, né? Eu pensava em receber como MEI. E aí eu precisei abrir uma empresa, porque também eu tinha que entrar dentro de um... Lá tem um *Compliance*, então eu tinha que entrar dentro de um contrato, que ia ser firmado e tals, e aí eu tinha que abrir minha empresa. Eu abri minha empresa. Só que, o engraçado é que depois ele foi transferido pro Rio de Janeiro, inclusive, que aí tem vários locais essa empresa. E aí... Ele me indicou até pra uma pessoa, terminou que eu não me dei tão bem com essa pessoa que ele indicou. E aí a minha empresa ficou aberta, e eu falei: “E agora, o que é que eu faço?” E eu comecei a fazer cursos, também, de *branding*, de marketing digital, tudo isso bem naquele boom da pandemia. Comecei a estudar muito, fazer muitos cursos, mentorias, coisas assim. Mas não era aquela vibe caça-níquel, era uma vibe mais, assim: “Como que a gente vai viver no digital? Como é que a gente vai pensar um pouco a nossa essência e transmitir isso pras pessoas?”

G: Adaptar empresas do *offline* pro *online*, tipo isso?

S: É. E aí eu fazendo esses cursos e estudando. A empresa já tava aberta, de qualquer forma. Comecei a estruturar minha empresa e quando eu voltei, eu voltei falando um pouco de comunicação, mas comunicação como *branding*, como construção de imagem de reputação, me posicionando assim. E no meu perfil antes eu falava de política, tipo, acontecia uma coisa com aconteceu hoje a história do Sílvio de Almeida⁹³, as pessoas falavam pra mim: “Sávia, aguardamos seu comentário”. Eu não podia esperar o programa do outro dia! Aí, o que eu fazia? Eu entrava no carro, né? E eu falava: “Gente, é o seguinte vou fazer 3 *stories*. Isso, isso, isso, eu acho isso, acho que o presidente Lula tal, tal, tal, e a minha opinião é essa”. E eu fazia isso no stories, e quando acontecia, por exemplo, um caso desse eu poderia fazer um

⁹³ No dia da entrevista, o presidente Lula exonerou o então ministro dos Direitos Humanos Sílvio Almeida, após acusações de assédio sexual. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/09/06/silvio-almeida-e-exonerado-do-governo-apos-denuncias-de-assedio-sexual.ghtml> Acesso em 22 set 2024.

texto no meu *feed*. Eu escrevia uma análise, tal, tal, tal e botava lá no *feed*. Então, meu perfil era assim. Ele tinha notícias com a minha opinião, textos reflexivos e no stories eu mesclava minha vida com a política, porque a minha vida é mesclada na política, real. É...E eu simplesmente fiz isso, eu lembro que eu fiz um post, eu até arqueei, que eu falei assim: “Esse perfil não vai mais falar de política”. Eu tive que fazer esse post porque as pessoas, quando eu voltei, ficavam no meu direct: “Esperamos suas análises, não sei o quê”. E eu lembro que uma pessoa, ele era um secretário. Se eu falar exatamente o secretário eu vou expor ele, mas ele era um secretário importante estadual. E eu falei pra ele: “Pois é, eu não vou mais falar de política nas minhas redes sociais pessoas”. Aí ele falou assim: “Tu vai falar do quê?” [Risadas] Aí eu falei assim: “Meu Deus, eu sou um zero, assim, tão grande. Ou eu falo de política ou acabou minha vida, eu não sou mais nada”. Aí eu falei assim: “Mas eu vou falar de tanta coisa. De livros, de tudo, de vida. Porque eu falo de política na TV, escrevo coluna, mas eu não vou falar na minha rede pessoal, porque eu vou atrair um público que eu não quero nunca mais”. E aí eu fiz essa mudança, em que eu continuei na política como trabalho, mas na minha rede pessoal não. *Twitter* zero, arqueei fotos. Eu não tenho uma foto de biquíni no meu perfil, eu tenho uma foto que é um vídeo que eu tô no Rio, que eu acho que aparece, assim, mas aparece por um segundo a minha parte de cima do biquíni; eu tenho uma foto minha no meu aniversário que eu tô dentro de uma piscininha, que eu tô com uma cesta assim, e eu tô de biquíni, mas cobre meu corpo. Eu não tenho foto de biquíni mais, ou seja, eu adoro usar biquíni, adoro ir pra praia, continuo treinando muito pra ter o shape, mas isso aí não aparece na minha rede social porque foi usado contra mim, pra me diminuir, pra me...

G: O que esses perfis faziam? Eles pegavam suas fotos e faziam o que?

S: “A jornalista Sávia Barreto, nã, nã”, falavam alguma coisa sobre algo que eu comentei e botavam minha foto de biquíni.

G: Tentando te desacreditar por você tá de biquíni.

S: Tipo, quem é ela pra falar de política? [Pausa longa pra responder] E aí, depois disso, a minha empresinha foi crescendo um pouquinho, fui começando a ter mais clientes porque, claro, eu tava falando sobre isso, né? E...Chegou um ponto na *Meio Norte* que eu me senti estagnada, mais uma vez. E, assim, também não vou dizer que eles não tentaram que eu ficasse, eles tentaram só que tudo que eles me ofereceram era o que eu não queria. Era assim:

“Vou te dar um programa na rádio, vou te dar um programa semanal, vou te dar um programa de entrevista no final de semana e você continua no *Jogo do Poder*”, que era o diário que eu participava. Eu não queria mais trabalho, na verdade eu queria um programa meu, em horário nobre, eu como âncora. Isso eles não iam me dar nunca. Então, assim, eu posso te dar tudo isso aqui, mas eu não vou te dar um horário nobre como âncora. Muito obrigado, não quero!

G: Por que você acha que eles não te dariam, não queriam te dar?

S: Porque não me deram, porque não me deram! Porque eu falei: “Eu me sinto pronta, já cumpri meu tempo comentando política, eu acho que já deu”. É...O programa era um programa muito popular, extremamente popular de política e com muito influência. Mas, tinha suas limitações. Por exemplo, você tá dentro de uma engrenagem que tem mais outros comentaristas, mais quatro pessoas, mais um âncora. Eu era bem tratada, mas eu tinha um espaço reduzido ali, eu era uma participante. E tudo bem! Mas eu senti que eu já tinha cumprido isso, que eu tinha mais para falar e lá não era o lugar, né? É...E aí, eles não aceitaram. Eu falei: “Pra mim já deu aqui na *Meio Norte*. O que é que a gente tem pro ano que vem?”. Porque era no final do ano. As propostas eram essas e eu falei: “Não, eu quero um programa meu e tem que ser um horário bom”. Porque uma das opções que eles me deram era 5 horas da manhã! Tipo Hora 1...Aí eu falei: “Ah, beleza, 5 horas da manhã. Não quero, brigada!”. Ou então, à noite, 21:00? Não quero, obrigada. E aí...Ok, é um direito deles e eu procurei a *Cidade Verde*, que era a adversária. E eu pensei, assim, eu não vou sair de comentário em estúdio na *Meio Norte* pra fazer comentário em estúdio na *Cidade Verde*, porque é a mesma coisa. E eu propus pra eles: “Olha, vocês não tem correspondente em Brasília e eu posso ir pra lá”. E quando eu falei pra *Meio Norte* essa história, depois quando eu pedi minha saída quando eu entrei correspondente na *Cidade Verde*, eles falaram: “Quanto é que você acertou?” “X” “Pois a gente paga o mesmo X para ser correspondente da gente em Brasília”. Eu, eu...Assim, eu não tenho o que queixar deles não terem tentado a minha permanência, mas eu não queria mais ali, porque...

G: Cê já tava há quanto tempo lá?

S: Então, a primeira vez que eu fiquei lá eu fiquei cinco anos, quando eu entrei que eu era estudante. Quase cinco anos, na verdade. E depois eu fiquei três anos. Então, eu saí e voltei, né? E...Às vezes, quando você entra muito jovem numa empresa, eles te veem de um jeito. E

aí você cresce, aí você faz mestrado, doutorado, trabalha, faz curso, faz não sei o quê, só que eles te veem do jeito que tu entrou. Então, assim, eu tinha currículo pra ser âncora, tinham pessoas que tinham menos condições do que eu e estavam sendo âncora. Mas eles me viam como comentarista, porque eu entrei lá como comentarista porque eu entrei lá comentando. Eles não queriam perder a comentarista, mas eu não queria mais. E aí, eu...

G: E de onde veio essa ideia de ir pra Brasília?

S: Porque, qual era a ideia? Eu me sentia insegura no Piauí, insegura falando de política por conta do episódio. Eu ainda me sentia insegura. E eu pensava: “Pode acontecer de novo, porque eu vou continuar falando coisas”. E cada vez mais eu passava a ter mais segurança do que eu tava falando, e quando eu passei a ter o meu dinheiro da minha empresa eu me sentia mais segura. Também, porque assim: “Olha, não tão gostando? Eu tenho outras fontes, eu tenho como trabalhar”. Porque eu tenho meu trabalho, minha empresa que é legítima, que tá aqui, né? É...Então, eu pensei: “Vai acontecer de novo, a qualquer momento”. Por que? Porque eu to na academia, porque eu to em locais que eles frequentam, né? É...

G: Que são quais?

S: Academias, restaurantes que os políticos frequentam mesmo!

G: Ah, locais físicos mesmoz ah...

S: É, que eu encontro com essas pessoas, eu to ali! É...Eu lembro que uma vez eu vi o comentário de uma mulher numa páginas dessas de direita que ela falava assim: “Essa vagabunda treina na mesma academia que eu”. E eu fiquei, assim, eu fiquei: “Porra, então a mulher ta na academia, me viu e foi lá numa página comentar. E se ela for falar comigo?”. Uma vez um cara, um senhor foi falar comigo assim: “Não gostei dos seus comentários”. Um senhor, eu só falei assim: “É um direito seu”. Só que eu passei a me sentir incomodada, eu estava no elevador do meu prédio e entrava uma pessoa e falava: “Ah, o que você falou no programa eu discordo, ou concordo”. E eu pensava assim: “Eu não to...”

G: Antes disso, já tinham te abordado antes? Era comum isso?

S: Eu acho que passou, eu acho que aumentou. Porque eu passei a ter uma visibilidade maior com o tempo, né? É... Quando você entra, você ali só é uma..."Ah, quem é essa menina?". Eu não era nada. Só que eu passei a fazer um trabalho e eu passei a ser alguém. E aí, a partir do momento que a minha voz teve peso, eu passei a incomodar, e se eu passei a incomodar eu passei a ser um alvo. Que eu não era antes, eu era só uma menina. Ok, é... Que que eu pensei? Que eu quero ir embora do Piauí, porque eu não me sinto segura aqui e eu não vou ficar fazendo a mesma coisa, sair de uma emissora pra outra pra fazer a mesma coisa. Só que eu não tenho como morar em outro estado. Por exemplo, eu amo o Rio, mas eu não teria como viver no Rio, não tem como.

G: Por que? Financeiramente...

S: Porque a minha expertise é política do Piauí. Então, como é que eu ia trabalhar a minha expertise em outro lugar? Brasília era a maneira, porque tem a bancada do Piauí aqui, né? Têm os deputados, têm os senadores, tem um governo que as pessoas tinham curiosidade que era o governo Lula, que ia chegar de volta. O Lula é muito popular, o Lula teve 80% de aprovação... De votos no Piauí. Então, é uma dinâmica diferente. E aí eu fiz essa proposta, eu procurei a *Cidade Verde*, eu fiz a proposta, eu...

G: Foi que ano?

S: Isso foi em 2022, final de 2022.

G: Já depois da eleição.

S: Depois de tudo, é, depois da eleição. Eu não teria coragem de vir no governo Bolsonaro. Eu tava esperando o resultado da eleição pra tomar uma decisão. Eu já tava pensando em Brasília, mas eu tava esperando o resultado porque se o Bolsonaro tivesse sido eleito eu não viria.

G: Por que?

S: Porque eu acho que é um clima ruim pra jornalistas e jornalistas mulheres. E eu não ia trocar violência no Piauí pra violência em Brasília? Então, não faria o menor sentido pra mim.

Aí eu ia ter que pensar em outra coisa, mas eu ia pensar. É...E aí eu tava aguardando o resultado da eleição e foi, meio, quando eu fiz a proposta e fiz a mudança e vim pra cá. É...Eu cubro, eu sou correspondente da *Cidade Verde* aqui, né? Aí eu tenho que procurar o que acontece aqui e comento, e comento o que acontece aqui relacionado ao Piauí. Por exemplo, o governador é um governador jovem, do PT, que foi recém eleito, que é o Rafael Fonteles, ele tem vindo muito pra Brasília, quase toda semana. Então, assim, Brasília virou um polo de interesse em relação ao Piauí. Só que, qual é o grande ponto? Eu passei a escrever uma coluna, eu propus pra eles uma coluna “Piauí-Brasília”, essa coluna é diária. E essa coluna, ela, eles me deram essa coluna porque eles pensaram, assim: “Ok, o que importa é ela tá na TV. Ela quer uma coluna? Deixa ela escrever no site”. Só que a coluna se tornou maior que a minha participação na TV. Basicamente, o reconhecimento que eu tenho no Piauí é por conta da coluna. Assim, as pessoas...Eu to no shopping, por exemplo, e as pessoas chegam, tipo: “Eu leio sua coluna, sou fã da sua coluna”. O que é muito curioso. Não é normal, assim, não é o esperado.

G: Por que que você acha?

S: Porque, basicamente, na coluna, é... Eu resolvi...Tem uma persona na coluna, é a Sália, né? Não é a Lorena. E eu sou...É...Tem um humor sarcástico, tem uma parte acadêmica. Por exemplo, eu sou obcecada por Roma, pelo Império Romano e aí eu boto uma coisa de Império Romano lá, aí boto umas coisas meio de Maquiavel, o que Maquiavel faria nessa situação, aí depois eu faço análises de comunicação, porque eu estudei muito isso. Então, eu analiso a estratégia do governador, tal, tal, tal, ele tá usando o arquétipo tal, tá fazendo isso, objetivo dele é esse e tal. Eu misturo coisas, tipo...Tudo que eu gosto, que é muito louco, que é muito bagunçado. Eu não tinha nada a perder, então eu vou escrever do jeito que eu quero, política da maneira que eu acho que tem que ser.

G: E te deram essa política com total liberdade? Como é que foi...

S: Me deram com total liberdade porque, na minha opinião, acharam que era algo irrelevante, que ninguém vai ler, porque as pessoas não leem, porque o que importa é a televisão, televisão é um canhão que alcança todo mundo. E a coluna... [faz gesto com as mãos] tanto faz! Só que não foi tanto faz, porque justamente como eu não tinha nada a perder, e eu tava muito segura dos meus gostos, e preferências e a minha visão sobre a política. A coluna virou

um sucesso para mim. É nichado, é pro público de política, pros próprios políticos, servidores públicos, pessoas que vivem de políticos, profissionais liberais, advogados, médicos. Mas, pra mim, ela repercute muito. É...E aí, deu uma mudança, assim, na visão das pessoas do Piauí sobre mim, da própria classe política, eu passei a ser muito mais respeitada e temida. Que, particularmente, me interessa porque ser temida no sentido de que há um respeito e um distanciamento que é necessário ter. Eu estou distante fisicamente, então eles não me acessam facilmente. Eu vou pro Piauí uma vez por mês. Eu passo, mais ou menos, uma semana lá. Tenho minha família, claro, mas além da minha família meu marido veio comigo pra Brasília, ele tá aqui, fica aqui com os cachorros. Ele trabalha aqui *home office*, mas ele trabalha aqui. E...A gente tem a nossa vida aqui, mas eu fico lá uma semana por mês, porque eu tenho a minha empresa, eu tenho as minhas funcionárias que estão lá, eu continuo com os meus clientes lá e eu tenho as minhas fontes. Então, eu vou lá cuidar da empresa e cuidar dos relacionamentos políticos que eu tenho pra poder construir a coluna. Mas, eu faço muito por telefone, né? Existe essa confiança, essa relação que foi construída ao longo dos anos e, acima de tudo, a minha própria análise sobre os fatos que estão acontecendo. Eu olho com um distanciamento, porque eu não estou lá e isso me permite mais independência. Mas eu passei a ser mais temida e respeitada e eu senti uma mudança significativa. Quando eu chego lá, quando eu chego na Câmara, quando eu chego na Assembleia. Porque...Por exemplo, eu abri a coluna de hoje assim: “Como é impossível agradar gregos e troianos, não que a colunista tente, vamos desagradar a todos” [Risadas] E aí eu começo a brincar. É...Bom, estou aqui em Brasília, tenho minha empresa no Piauí, trabalho com política pro Piauí e eu penso...Aqui eu vou te falar uma coisa, é...Vou te falar abertamente, mas depois a gente vê como vai ficar isso. Depois da eleição eu penso em sair da *Cidade Verde*. Por quê? No ano passado, eu conversei com o dono da TV e falei, é...”Eu acho que eu poderia ser âncora de um programa de política, que eu to tentando a muito tempo, né?”, e ele ficou assim, ficou de pensar e depois ele falou: “Olha, eu acho que você pode participar do programa da noite comentando política”, eu: “Não, mas eu já tô comentando, eu não quero comentar em outro programa!”,é...”Porque ainda é muito cedo”, aí eu falei...Como se a minha imagem ainda não fosse o suficiente pra eu ter um programa, aí eu: “Tudo bem!”. Fiquei com isso na cabeça. Você tá no programa de outras pessoas é do jeito delas, com todo respeito. E eu penso na política de outra forma, tanto que a minha coluna é o resultado desse jeito de pensar. E eu pensei: “Poxa, já deu”. Eu não vou ficar rodando de TV em TV, eu nem sou uma pessoa de TV, eu nem me vejo assim, eu me vejo como uma pessoa que escreve. É...Que que eu vou fazer? Eu vou....Esperar terminar a eleição, né? Tenho que cumprir esse ciclo, não vou deixar

eles na mão, mas quando terminar a eleição eu vou focar na minha empresa porque, ao mesmo tempo, eu não divulgo tanto a...Minha empresa é como se fosse uma empresa secreta! [Risadas] Porque você não pode tá ali como jornalista e também fazendo propaganda de um outro serviço, gera um estranhamento. Não tem nada de errado, mas gera um estranhamento. E, por outro lado, eu irei abrir um portal de notícias no Piauí, que vai ter podcasts, vai ter tudo. E eu tava falando sobre isso na análise, falando do quanto que eu tenho medo, porque eu vou tá sozinha, é uma coisa que eu vou fazer sozinha. É...Mas eu vou levar essa minha coluna, que eu gosto muito e que as pessoas gostam, pra um endereço meu. E, fora isso, não vai ter só a coluna, vai ter os podcasts do jeito que eu acho que é legal, que eu vejo que não é feito lá, né? As pessoas tentam pegar uma grade de TV e jogar na Web, não é assim. Por isso que lá nenhum podcast dá certo, e eu tenho algumas visões que eu acho que consigo implementar. É...O portal é 100%, 100% com meu dinheiro, é tudo muito simples, não tem nem sede, então as meninas vão trabalhar de home office. Não é um portal de notícias, é um portal de análises. E...Uma coisa meio *Axios*, aquele site dos Estados Unidos, você sabe qual é? Do *Brevidade Inteligente*. Enfim, é uma coisa meio analítica, vamos dizer assim. Eu prefiro ser um peixe grande num aquário pequeno, do que um peixinho pequeno num aquário grande. Então, eu vou fazer isso. É o meu grande assunto da terapia, é esse, essa ideia de...Que eu não tenho mais pra onde ir. Tipo assim, é como se eu entrasse nos lugares e eu entrasse pequenininha. Mas eu entro pequenininha, mas eu cresço. Qual é a razão, é isso aqui que come pra crescer? Pois eu vou comer, aí eu vou comendo. Que que é comer razão? É eu vou estudar, eu vou fazer o que é preciso pra crescer, mas quando eu cresço, eu falo assim: “Gente, me boa pra outro aquário porque eu to presa aqui, não tá dando pra mim, eu preciso ir pra outro lugar”, e aí o dono dos aquários tão dizendo assim: “Não, fica aqui no aquário, você é importante pra esse aquário”, aí eu falei assim: “Não dá mais, eu não vou ficar mais no aquário dos outros e eu vou fazer o meu aquário”. É pequenininho, o aquário é pequeno, eu sou pequena, mas é meu. Qual é o meu grande problema? É...Não tem nenhuma mulher dona de veículos de comunicação no Piauí, nenhuma, zero. Por que? Porque não tem mulher inteligente? Porque não tem mulher competente, não tem mulher corajosa? Não, eu tenho certeza que tem, todas com características e qualidades. Mas, existe um sistema, né? Em que, a gente sabe que comunicação é poder, e essa comunicação tá na mão de poucas pessoas. O que que eu tenho pra competir? Só o meu trabalho e a coragem, mas eu tô muita disposta a fazer isso e continuar aqui em Brasília, assim, porque eu amo a vida aqui e eu me sinto segura aqui. Posso voltar pro Piauí? Posso, mas o meu esquema de passar uma semana lá pra mim tá ótimo! Os meus clientes, não perdi um cliente, pelo contrário. Então, tá tudo bem. Eles se

sentem atendidos porque a equipe tá lá, tá tudo rodando, fluindo, e...É isso, essa parte vai sair, não sei como a gente vai fazer, né? [Risadas] Mas, eu tô contando pra você ter uma ideia pra onde eu tô indo, e...Qual era a coisa que eu ia te contar, sobre o meu diagnóstico. Eu passei um tempo que eu achei que eu tinha um grau leve de autismo, eu achava. Já tinha lido muita coisa sobre autismo feminino e falava pro meu analista, só que ele é freudiano raiz, então ele não vai muito nessa linha aí não, e ele já tinha falado que eu não era, e pronto. Só que, assim, eu não fiquei satisfeita com ele, simplesmente, dizer: “Não, você não é”, aí pronto, ele achou que eu ia deixar pra lá e eu não deixei. Que que é que me incomodava? É...Barulhos, claridade. Quando eu entrava ao vivo, quando eu terminava eu me sentia esgotada. Tipo assim, eram duas horas da tarde, eu tava livre, eu posso fazer qualquer coisa, mas eu não fazia qualquer coisa porque eu tava exausta. É...A minha discrepância em relação à outras pessoas, tipo assim, eu absorvia muito rápido as pessoas, eu entendia, eu lia elas, eu já sabia o que elas queriam falar e pronto, pra mim morreu aquilo ali, só que eu tinha que ficar na conversa, e era muito chato, tudo era muito chato. É...E o que é que aconteceu, eu fui atrás de várias psicólogas pra fazer uma avaliação neuropsicológica pra eu saber, já que o meu analista não ia fazer, que o negócio dele era a cura pela palavra. Aí eu encontrei uma psicóloga, eu acho até que ela é de Santa Catarina, não sei, mas ela não é daqui não. E a gente fez em janeiro, a gente começou em janeiro e a gente terminou em abril. Eram muitos testes, eram, eram... são meio caros assim, e eu não podia fazer 2, 3 por semana, então um por semana até concluir tudo. Em abril ela me deu o diagnóstico, que era: não sou autista, mas eu tenho altas habilidades e superdotação.

G: Desculpa, não ouvi.

S: Altas habilidades e superdotação, Q.I 133, que é um Q.I alto, relativamente. Eu chorei muito do diagnóstico, porque eu achava...Primeiro que eu achava que eu era autista, né? E eu não sou.

G: Chorou de felicidade?

S: Não, de...É como se você passasse a vida toda, tu chega numa escola e lá tem um monte de cachorro e tu é um peixe, e todo mundo diz pra ti: “Você é cachorro”, aí tudo bem, sou cachorro. Tu vai comer ração, vai abanar o rabo, só que tu continua sendo peixe, né? E aí tu cresce, vive, namora com cachorro, vive sua vida. E um dia, tu cresce e alguém te diz: “Você

não é cachorro, você é peixe”, aí te joga na água, aí você...Tudo faz sentido na sua vida. Então, uma das coisas da superdotação que eu tô aprendendo agora, como adulta, é...[Pausa para responder] Chegou ontem esse livro pra mim, é a sobre-excitabilidade. O que é a sobre-excitabilidade? É você sentir muitas coisas, você sente...É como se eu tivesse, assim, um corpo em carne viva, eu sinto fisicamente tudo muito intensamente e...Tanto que eu tenho uma necessidade de fazer atividade física de uma maneira...Por exemplo, eu treino tanto, assim, cheguei num ponto e patamar de gordura, de porcentagem que o meu nutrólogo ele falou assim: “Você vai competir?”, aí eu falei: “Não”, aí ele: “Então, a gente chegou no ponto que a gente tá bem, vamo parar”, aí eu falei: “Não, tá bom”. É que não tem mais o que fazer, né? Já chegou no objetivo. Mas...Aí agora eu comecei na natação e vou fazendo outras coisas. Eu nunca levo as coisas só no hobbie. É pra ser um hobbie, é diversão, só que aí não é diversão, agora eu vou fazer triatlo, vou competir, eu tenho que comprar uma bicicleta, nã, nã, nã. É pra ser um hobbie! E aí...Sei lá, eu leio 10 livros por mês, que é uma quantidade meio absurda. Tipo assim, eu deixo de fazer coisas pra ficar lendo. Ah, não sei o quê. Não, eu deixo de fazer coisas pra ficar em casa lendo.

G: Deixa de fazer, tipo, de sair....

S: Tipo de sair.

G: Ou atividades da sua vida doméstica?

S: Tipo assim, se eu tenho que fazer alguma coisa e eu posso ficar lendo, eu vou ficar em casa lendo. Se eu não tiver nenhum prejuízo e eu puder dispensar isso, eu dispenso, porque eu gosto muito e me dá muito prazer.

G: Preferia tá lendo agora do que tá conversando comigo? [Ambas riem]

S: Não, eu gosto muito de conversar. Um dos pontos que eu descobri, porque tem um clichê, né? Sobre a superdotação, que aquele geniozinho e tal. Que não é o meu caso, né? Eu virei uma coisa pra linguísticas, pra liderança e pra artes, tanto que eu pinto. Eu comecei a pintar na pandemia, lá em Teresina e aqui...Eu fazia uma escola lá de pintura, e aqui eu pinto sozinha, né? Eu compro e pinto em casa, comprei um cavalete e fico pintando. É...Então, isso foi interessante, a SE que também é intelectual, é uma curiosidade insaciável, e também um

tédio das coisas. Por isso que tudo que eu te contei sobre passou 2 anos e eu queria fazer outra coisa, passou 2 anos e eu queria fazer outra coisa, passou 3 anos e eu queria fazer outra coisa. Vem disso, porque eu entendi agora, agora, eu entendi agora, eu não sabia como eu era. Eu pensava, por exemplo, com meu marido. A gente brigava...Não digo brigar, a gente nem briga muito não, na verdade. Mas, assim, eu ouvia ele ficar dentro do quarto assistindo futebol, alguma coisa, baixinho e tal, e eu tava no outro quarto. Eu ouvia, assim, perfeitamente. E eu falava: “Tá alto”, e ele falava: “Não está alto”. Aí uma vez eu falei pra ele assim: “A gente podia não ter televisão em casa”, aí ele falou: “Mas se eu quiser assistir?” [Risadas] Mas eu queria não ter, eu queria que não tivesse a possibilidade de ligar a televisão, porque me incomodava em tudo. Então, eu acho, também, que eu senti muito o que aconteceu, teve um impacto em mim muito maior. Tanto pro lado engraçado e o lado positivo, que eu to te contando, que, por exemplo, essa necessidade de uma curiosidade me abastece como jornalista, show de bola. Mas, ela me deixa muito exposta também, porque...Quando eu vou sentir uma dor, eu vou sentir essa dor 100 vezes mais, eu fico...É muito pior, né? Então, ser neuroatípica, né? É...Porque, assim, em inglês, é *Gift*, né? É um presente, é um dom, só que não é bem isso, porque...Principalmente se você não foi diagnosticada, se você não foi tratada, se você...É...Isso mascara várias coisas.

G: Tipo um *phármakon*...Uma faca de dois gumes.

S: É, é. Que eu acho que as pessoas têm uma ideia, mas que, especialmente não sendo tratado, você passa a ter reações que as pessoas não entendem. Como, no meu caso, uma tendência ao isolamento, uma impaciência, talvez, com algumas coisas do mundo e, acima de tudo, isso aqui que é a SE, que é sentir muito as coisas. Então, eu achei que eu tinha que te contar porque faz todo sentido com a minha busca pelo autoconhecimento.

G: E você quis buscar esse diagnóstico mais depois de tudo que aconteceu?

S: Eu queria entender o que é que eu tinha, porque tava me causando um sofrimento. Eu não tava buscando esse diagnóstico, né? Eu achava que eu era autista, mas eu tava disposta a qualquer diagnóstico. Tipo assim, se fosse esquizofrenia eu queria saber. Eu queria saber, eu só...O que é que é? Porque eu não tô funcionando igual as outras pessoas. Isso aqui...Uma coisa pequena me irrita muito, isso aqui...Eu consigo me isolar muito, eu consigo não me

importar muito com alguma coisa ou eu consigo me focar muito em uma outra área de interesse.

G: Mas você pensava que você não tava funcionando igual às outras em relação ao que aconteceu com o vereador lá ou em relação a tudo na sua vida?

S: Eu acho que, também, com relação ao que aconteceu, porque é como se as pessoas tivessem dito, assim: “Passou, faz tanto tempo, segue em frente, isso ainda te machuca?”. Só que ainda me machuca, ainda me machuca e ainda é uma ferida muito grande ainda. Então....E fez, me obrigou a olhar pra mim. Aí foi quando eu fui fazer a terapia, foi quando eu fui pensar como é que eu vou ganhar dinheiro sem ser só no jornalismo, pra eu não depender disso, pro jornalismo ser quase um hobbie pra mim. Tipo, eu vou fazer meu portal, aí você pode pensar: “Poxa, vai dar certo ou não vai dar certo?” Não importa, não vai ser a minha fonte de renda. É mais, tipo assim, eu vou fazer porque eu quero, porque eu ganho meu dinheiro com meu trabalho, com a comunicação, com a assessoria de imprensa, com *mídia training* e outras coisas que eu faço, consultorias. Então, vou fazer porque eu quero. É...É poder ter essa liberdade, é bacana. Mas, veio do processo...Tudo é fruto dessa quebra que teve na linha do tempo da minha vida, que foi esse episódio que mudou tudo, mudou minha presença digital, mudou minha fonte de renda, mudou a minha relação comigo mesma, existencial, pela busca da terapia e depois pela busca do diagnóstico. Porque, a terapia foi importantíssima, mas depois da terapia eu pensei assim.

G: E agora? [Risadas]

S: “Tem mais alguma coisa”. A terapia resolveu algumas coisas, mas tem outras coisas que a psicanálise não resolve, eu vou ter que ir atrás de outra linha. E aí eu fui atrás dessa outra linha, encaixou muito e justifica muito. Eu passei a me aceitar, a me entender, a não achar que o problema era eu. Assim, não que eu não tenha problemas, eu tenho vários, mas é assim, são os meus problemas, eu sei quais são os seus problemas, eu sei como é que eu funciono, né?

G: Te deu um alívio ter o diagnóstico.

S: Me deu um alívio. Mas, eu te confesso que eu ainda tô digerindo isso, tô tentando entender exatamente. Como você me segue no Instagram, eu nunca postei sobre isso, nunca falei nada

disso na rede social, não penso em falar. Apesar de que eu acho que tem muitas mulheres que têm, que têm uma visão que tem um potencial que não tá sendo muito bem utilizado. Mas eu acho que se eu chegar no Piauí como uma mulher superdotada, eu vou ter um problemão. Vai ser um alvo nas minhas costas enorme. Então, eu prefiro que as pessoas achem que eu sou inteligente, admirem o meu trabalho, meu jeito de escrever, o meu jeito de me posicionar, mas não tenham certeza de nada. Porque se eu disser: “Olha, meu Q.I é X, eu sou assim, tal, tal, tal, eu tenho um laudo”, eu acho que eu vou trazer mais ódio pra mim e mais perseguição do que eu já tenho, então é meu segredo. Assim, por ora, eu não to dizendo que pra sempre vai ser assim, mas hoje eu quero guardar só pra mim.

G: O que não deixa de ser verdade todas essas coisas, né? Você tem uma credibilidade no seu trabalho, e da sua competência, da sua inteligência. Sávia você viu que eu tô aqui com um *kindle*, porque eu tava com várias perguntas e...

S: Fique à vontade!

G: Não, foi ótimo. Porque eu acho que a ideia dessa conversa é meio sem ter um roteiro ping-pong, não é isso. É justamente deixar você livre pra falar e várias das coisas que eu queria perguntar, que eu tinha curiosidade de perguntar, você já foi tapando os buracos. E aí eu tô até pensando quais buracos ficaram faltando. Mas, me chama atenção algumas coisas. Primeiro, você já de cara falou sobre um pouco da sua trajetória, da sua formação, do seu interesse, também, em desigualdade, violência de gênero, né? Mulheres nessa esfera pública. E como é que foi isso antes desse episódio, que foi um divisor de águas pra você? Como é que, por exemplo...Querida voltar bastante até! [Risadas] Como é que era, por exemplo, na faculdade. Tinha muitas mulheres, homens? Você se via...sempre se viu como esse peixe fora d' água?

S: Sim, porque a política sempre foi um território masculino lá no Piauí, pra Comunicação. Então, você ser uma mulher que queria cobrir política, tudo bem! Você vai ser uma operária, você vai ficar lá, né? Sendo repórter, mas você não vai ser um *player*, um jogador de fato relevante que vai ganhar dinheiro, que vai ter influência. E quando eu entrei, eu entrei pra ganhar, eu entrei pra jogar o jogo. Qual o jogo? Esse aqui. Eu vou jogar o jogo, eu quero comentar sério, eu quero ser ouvida sério. Foi assim, também, que eu fui seguindo as qualificações, porque eu sentia que os homens lá não tem mestrado, não tem doutorado, não

tem nada e eram respeitados por isso. Mas, ser mulher, você tinha que ter um diferencial pra poder se igualar com eles. Ou seja, você era hiper qualificada, mas pra você poder ser ouvida, respeitada, você tinha que ter uma qualificação acima, bem acima pra você poder tá em igual com eles. Porque eles não precisavam da qualificação, mas você precisava por ser mulher, mulher jovem, uma mulher vaidosa, feminina e tal. É...Na universidade tinha muitas mulheres, ainda tem muitas mulheres no jornalismo, acho que é uma profissão que cada vez tem mais mulheres. Uhm...Acho que jornalismo sempre foi uma profissão dos artistas, né? De quem queria pensar e tal. E hoje eu acho que tem uma quebra, porque virou quase que uma profissão de *influencer*. As pessoas pensam que comunicação é meio que ser *influencer*, é uma coisa meio esquisita, é ser “blogueiro de política”. Não é bem isso. Mas, quando eu entrei era outra *vibe*, era uma *vibe* de você ser um intelectual, assim, você gostar de ler, você gostar de estudar. Mas, foi meio anômalo eu buscar política, porque as pessoas buscavam lá cultura, você ia fazer jornalismo literário, era a imagem na época, né? Ou estar na televisão, que eu nunca quis. E é engraçado, todo mundo se matava pra tá na televisão, e a televisão caiu assim no meu colo e eu não queria. Tanto que agora eu to saindo, porque tanto faz pra mim. Não é a visibilidade...É assim, eu nunca busquei a visibilidade, a visibilidade ela é fruto do trabalho. Mas eu sempre busquei o trabalho, e fazer o trabalho bem, fazer o trabalho com excelência. E aí o fruto é a visibilidade, e a visibilidade termina sendo um problema pra mim, porque ela me traz uma atenção indesejada de pessoas que acham, inconscientemente ou conscientemente, que não é justo uma mulher ser influente, não é justo uma mulher dar a opinião dela dessa forma. E aí, por isso que os ataques vem, porque é uma maneira de tirar tua força, te desestabilizar e tirar tua credibilidade. Então, assim, eu me via...Sempre via na universidade que eu era meio...Pela escolha em política e pelo meu próprio comportamento mesmo, porque na política parece que você tem que se masculinizar um pouco e eu não fazia. Então, eu sempre fui feminina esteticamente, mas com a mente analítica, incisiva e tal. Depois do episódio, eu fiz uma consultoria de imagem com a Vivian, que é uma pessoa maravilhosa. E a gente mudou o meu estilo de me vestir total, eu passei a me vestir com cores neutras, roupas mais estruturadas, o meu cabelo mudou, uso mais parte do meio, linhas retas. Por quê? Porque nessa consultoria, a gente...Um dos exercícios era salvar uma pasta com seu estilo atual, aí eu botei lá minhas fotos, e o outro era salvar uma pasta com tudo que você achava bonito. E eu salvei várias coisas que eu achava bonito, e não só de roupas né? De tudo, texturas e tal. E quando a gente foi comparar não tinha nada a ver uma coisa com a outra, aí eu falei assim: “Porra, eu tenho que me vestir do jeito que eu acho bonito!” É...E aí, eu percebi que o que eu tinha no guarda-roupa era, assim, eu ganhava...Por tá na TV, cê

ganha roupa, tem algumas coisas que...E que não combinavam comigo e que, de certa forma, era uma coisa meio blogueira. Meio vestido, meio estampa. E...E eu fui meio naquela onda porque eu não tinha essa consciência, e com o autoconhecimento de mim eu também tive o autoconhecimento da minha imagem externa, e ela tinha que ter uma coerência entre como eu era por dentro e como eu era por fora. Então, na consultoria eu mudei meu estilo. E eu, até lembro que algumas amigas minhas ficaram muito na defensiva, assim: “Ah, mas você mudou muito”. Elas se sentiram pessoalmente atingidas com a minha mudança, é como se eu fosse um personagem. E eu falei pra elas que, na verdade, eu agora eu estava em coerência com como eu me via, como eu era. Eu encontrei, eu não estava buscando ser daquele jeito, eu tava buscando refletir como eu realmente era mais formal, que é como eu gosto, né? Eu me sinto mais livre. Se eu tô com uma roupa mais solta ou...Claro que quando eu tô num ambiente que eu tô numa praia, ou que eu tô numa festa, ou que eu tô num show eu gosto de me vestir de outra forma, mais ok. Mas, em geral, eu tô nesse ambiente formal, então acho que foi também um outro ponto disso. Enfim, viajei aqui.

G: Não, acho ótimo!

S: Vou pedir uma...Moça! Ah, ela virou.

G: Moça!

S: Moça! Tudo bom? Cê traz um guaraná zero e aquele ovos com bacon, do Léo Ramu. Tá bom?

Garçonete: Guaraná zero. Só isso mesmo?

S: Cê não vai pedir nada?

G: Brigada, eu lanchei antes de vir pra cá, enfim, eu tô ainda digerindo. Você disse, também, que antes de você tiveram poucas mulheres na política e você...Quando você se tornou comentarista política você era a única mulher, também?

S: Tinham tido mulheres antes, mas com outro perfil, eram mulheres...

G: Não, naquele programa.

S: Não, não. Tinha uma outra mulher antes, que era a Samantha. Mas eram mulheres mais velhas, que tinham outro perfil, né? Mulher que já é casada, ou que já tem uma trajetória diferente. Mais jovem, com uma formação acadêmica e com um estilo mais jovem, também no ar, não tinha. Então, foi uma quebra disso, né? Também. Eu acho que terminou... Que é natural, é por isso que as mulheres, e os negros e as minorias precisam ocupar espaços de poder e visibilidade, porque você mostra que é possível e outras pessoas, naturalmente, vem: “Poxa, tá tendo uma mulher jovem comentando política na TV, eu quero também!” Não tô dizendo que foi por mim, mas que antes de mim tinha tudo uma outra mulher, que era mais velha e, antes disso, anos antes, tipo, 10 anos antes, tinha tido uma outra mulher, também com outro perfil, né? Ela já vinha do mundo político, né? Ela tinha família política, e essa outra mulher que entrou depois, ela já era mais velha, ela já tinha uma outra imagem. Mas, jovem assim não tinha. Hoje tem, tem muita lá no Piauí, mas com esse perfil que te falei, estudante e tal.

G: E antes do que aconteceu em 2020, você já tinha... Você já tava cobrindo polícia há muito tempo. Você já tinha lidado com alguma situação parecida com essa?

S: Não, dessa forma não. É... Sempre me senti respeitada e às vezes alguém podia não gostar de alguma coisa e fazer uma reclamação, mas era algo bem humorado, tipo, leve: “Ah, eu não gostei, você falou isso”. É... Mas dessa forma não, dessa forma não. Eu acho que a agressão, ela foi proporcional à visibilidade. Ela foi como... Como antes eu era inofensiva, por que que alguém ia bater em mim? Eu não era nada, eu era uma jornalista que tava lutando ali e tal. Mas, como eu passei a estar na TV, a ter uma voz e essa voz ser ouvida e respeitada, então o que eu falar pode ser um problema, pode causar um dano pra essa pessoa. E aí, eu acho que o sucesso, dentro daquelas condições, ele foi o chamariz pra violência, pra agressão. Tanto que, depois disso, eu me encolhi, né? Porque eu não queria chamar atenção, demonstrar estar bem sucedida ou algo nesse sentido que pudesse atrair a ira dessas pessoas. Tanto que eu saí do Piauí, eu trabalho com política no Piauí, mas eu não tô lá, as pessoas não podem me acessar a qualquer hora.

G: Cê disse que, durante o dia lá, cê ficou com medo até que esse vereador te agredisse. Cê sentiu medo nos dias seguintes? Enfim, você tinha feito uma cirurgia, mas nas semanas seguintes, dias seguintes, de sair na rua, alguma coisa desse tipo.

S: Eu fiquei em casa um tempão, eu fiquei em casa um tempão. Eu fiquei os 15 dias da cirurgia e eu fiquei depois. Assim, porque a gente tava entrando ao vivo de casa e, não sei te dizer quanto tempo eu fiquei em casa, mas fiquei em casa muito tempo, tipo, mais de um mês certamente. E depois saí, assim, muito pouco, pra resolver alguma coisa, voltar pra academia...

Garçonete: Licença, a gente tá sem Guaraná zero na loja.

S: Sprite zero?

Garçonete: Sprite!

S: É...E fui saindo aos poucos. Pra voltar pra Câmara, por exemplo, eu devo ter voltado uns 3 meses depois, por esse medo. Eu, assim, eu não tive um diagnóstico, mas pra mim foi quase uma síndrome do pânico. Eu não tive o diagnóstico. Eu comecei a fazer a minha terapia, e a gente...Meu analista não gosta de diagnóstico, né? [Risadas] Ele não gosta de estereotipar, e talvez seja até bom, porque aí eu talvez me identificasse com o diagnóstico, eu não sei. Mas, eu sinto, hoje eu vejo que eram sintomas, assim, de uma quase de uma síndrome do pânico.

G: Você....Como é que foi esse acolhimento? Assim, você disse que muitas pessoas mandaram mensagem de apoio, até mais do que você gostaria naquele momento. Talvez só de ficar na sua, mas em relação não à Sávvia, mas a família, amigos.

S: Na verdade, todo apoio me incomodou muito, porque era mexer na ferida e eu simplesmente não queria tocar falar desse assunto, né? Minha irmã falava: “Ah, não sei quem perguntou como você tá”, e eu falei assim: “Eu não quero saber, pode encerrar”, eu fazia assim. Então, eu não queria que me tratassem. “Ah, a mamãe vai fazer um café da manhã pra ti”. Eu não quero, não quero, eu não vou. Então, eu rejeitei todo apoio que teve assim. Porque era ficar falando do assunto, me colocar na posição de vítima. Eu era a vítima, ok, mas eu não vou ficar aqui presa a isso, não vou maximizar e deixar que isso marque a minha vida. Que

marcou, né? Mas eu não vou deixar isso ser o signo exterior, “A Sávvia é quem sofreu violência de fulano de tal”, não! Tanto que eu me tornei jornalisticamente maior, profissionalmente maior. É...E, assim, hoje, em termos de influência, esse vereador ele diminuiu muito e eu cresci muito, então eu acho que as minhas escolhas, com muito sofrimento, me conduziram pra uma posição em que hoje isso não aconteceria comigo. Então, talvez, a busca pelo sucesso profissional ela tenha sido a minha maneira de me proteger, de que o custo de alguém me agredir, me xingar, fazer qualquer coisa contra mim é muito alto hoje, lá no Piauí. Mas antes não era, mas hoje é.

G: E agora que você tá em Brasília, também, você disse que volta frequentemente pra...

S: Volto, eu vou amanhã! [Risadas]

G: É...E você voltou a fazer esse contato frequente com as fontes...

S: Vou, eu vou me reunir com meus clientes, faço uma agenda da minha empresa e faço a agenda das minhas fontes.

G: Como é que foi essa retomada com as fontes?

S: Na época ou agora?

G: Na época e agora, com esse distanciamento, os dois.

S: Na época, eu demorei pra ir pessoalmente nos locais, porque eu fiquei muito marcada com a história, e...Eu demorei, demorei pra voltar, assim, a falar pessoalmente com as pessoas. E depois disso eu quis fingir que nada tinha acontecido, né? Ter uma relação normal. “Como é que cê tá? O que é que aconteceu? Partido não sei o quê”. E agora eu volto pro Piauí eu sou...Eu vou na Câmara, eu vou pra algum evento, alguma coisa que me interessa.

Garçonete: Ovos com bacon?

S: Isso. E eu vou pra esses locais e me sinto totalmente protegida e respeitada, mas eu sei que eu cavei, que eu busquei isso e eu consegui...Pelo meu mérito, de me proteger, de cuidar da

minha imagem, de que o custo...É basicamente uma questão de custo. Ser uma mulher jovem comentando política e um político te agredir não custa nada pra ele, você não é nada. Agora, se você é uma mulher jovem comentando política que você é influente, que você é respeitada, que você é ouvida, te atacar tem um outro custo. Então, eu...Talvez...A consequência disso foi eu mudar um pouco a minha posição em relação a tudo, ao meu ciclo social que ficou mais restrito, a minha imagem mudou, mas tudo isso eu acho que foi consequência da necessidade de proteção que eu tinha, que era proteção não era externa. Ela só podia ser interna, eu me dei a proteção, ninguém me deu. Ela só não trouxe talher!

G: Quer fazer uma pausa pra comer?

S: Faz!

G: Melhor, né?

S: Moça!

[Começa o áudio 3]

G: Vou deixar...Vou até abrir aqui, porque eu acho que quase tudo já foi, né? Você falou sobre essa questão do acolhimento, que você realmente quis...Você pensou, talvez...Você falou agora a questão que a gente tava conversando, tipo, de querer abrir o *Instagram* pra querer ter esse registro pra você. Você procurou alguma entidade sindical pra isso? Pra protocolar?

S: Não, eu acho que...Na verdade, eu acho que eu procurei o Sindicato dos Jornalistas, pra fazer uma nota pra me apoiar, porque eu precisava de uma instituição que me apoiasse. E...Eu acho que só, eu acho que a OAB também fez uma nota, uma comissão...Não sei, alguma coisa de imprensa. É...ANJ. Eu acho que foi isso.

G: E...A própria, foi ainda na rede *Meio Norte*, né?

S: Foi.

G: A própria rede *Meio Norte*, você disse que um dos apresentadores chegou a falar sobre o que aconteceu, mesmo sem te perguntar se era isso que você queria e tal.

S: Na verdade, eu tava até comunicável, né? Eu comecei minha cirurgia, eu cheguei lá, sei lá, 5 horas da manhã. É...E também no programa que eu participo também teve uma defesa minha, que eu sei disso por outras pessoas, eu não assisti nenhuma das duas defesas, eu não quis ver. Mas, eu sei que pessoas me mandaram foto da televisão e tal, mas eu não quis ver.

G: E, nessa empresa, na rede *Meio Norte* e nos outros lugares que você trabalhava, existia algum canal de denúncia desse tipo, de jornalistas que fossem agredidos ou sofressem algum tipo de assédio durante a profissão?

S: Não, eu liguei direto pro diretor de jornalismo. Eu tinha um canal aberto assim com ele e eu liguei pra ele, daí eu acho que ele coordenou uma defesa minha, mas não tem ainda um canal pra isso.

G: Antes disso acontecer, e até antes, você olhava pro jornalismo como uma profissão de risco?

S: Não olhava como uma profissão de risco e me via como jornalista pra sempre, e depois disso não. Eu considerei que poderia cobrir um ciclo, o jornalismo, e usar as minhas habilidades pra outras funções dentro da comunicação que me deixassem menos expostas a agressões e, basicamente, comecei a pensar em outras carreiras dentro da comunicação.

G: Você se arrependeu?

S: De ter feito o vídeo? Do quê? Da profissão?

G: Do quê você falou, do vídeo.

S: Não, eu não me arrependi. Na verdade, eu queria ter tido um crescimento que eu tive pós isso, sem o trauma. Mas, eu acho que nunca eu teria feito essa mudança sem esse impulso e foi uma mudança demorada, foi uma mudança dolorosa, mas eu gosto muito de ser a pessoa que eu sou hoje. Na verdade, eu olho pra mim pro passado, pra Sávia que tava de olho

inchado e eu penso assim: “Meu Deus, como é que eu tive coragem de fazer um vídeo? Eu fui muito corajosa, meu Deus”. É...Hoje eu não faria o vídeo, hoje se alguém me perguntasse eu ia dizer: “Não, não faz porque vão te atacar ainda mais”. E realmente me atacaram, e tudo que eu acho que, por exemplo, uma filha. Eu não quero ser mãe, mas uma filha ou, enfim, se eu pudesse aconselhar eu ia dizer: “Não faça isso, porque você vai ser um alvo, vai ser pior e tal, tal, tal”. Ou seja, eu acho que pra fazer isso tem que ter muita coragem, de você tá no sofrimento e você pensar assim: “Eu tô no sofrimento, mas tem que ser pedagógico”. Eu acho que outras mulheres, depois disso, não sofreram agressões, assim, não teve mais casos, nesse sentido, públicos e denunciados no Piauí, porque eu acho que terminou criando uma repercussão que desincentivou outros políticos a fazerem. Não tô dizendo que não tenha tido violência, mas não teve casos públicos depois do meu, não teve, não teve mais. Mas, depois disso, duas jornalistas amigas minhas que cobriam política no dia a dia me disseram que ele, esse vereador, tinha tratado elas muito mal, com grosseria, com questionamentos sobre matérias e que elas nunca pensaram em denunciar. E elas vieram falar comigo pra dizer que eu tinha sido muito corajosa em denunciar, que elas tinham passado por situações parecidas, que não eram como a minha. Porque eu acho que a minha situação chegou ao ponto que chegou porque eu respondi ele desde o início. Eu não aceitei a agressão. Eu acho que quando ele ia questionar as meninas, elas se afastavam, às vezes elas andavam com motorista, com fotógrafo. E eu, como eu sempre trabalhei com bastidores, as minhas conversas são sozinhas, né? Eu não ando acompanhada, então eles se sentiam mais à vontade pra me agredir, porque eu tava sozinha e eu também me senti à vontade pra responder ele, porque eu não acho que ele tem tomar satisfação comigo com xingamentos e ameaças de violência, ou até com ameaças, como ele falou, né? Eu lembro exatamente disso: “Eu conheço, eu conheço pessoas como você, eu sei o que você faz”, uma coisa assim. Como se, na verdade, ele tivesse insinuando algo meu pessoal, não sei, quase como algo sexual, entendeu? Assim, como é que você faz pra ter informação? Ficou muito subentendido, é difícil dizer que a pessoa tava querendo dizer aquilo, mas eu entendi na hora que era isso. Que é como se eu fosse uma vagabunda, e por isso que eu tinha informação, entendeu? E aí eu não aceitei, e eu até...Até interessante de tudo, tudo tem que ser do jeito que é, porque o fato de eu estar ao lado do Gustavo, e o Gustavo não ter conseguido reagir, ele ter ficado em pânico e eu não culpo ele! [Risadas] Mas, eu achei isso...Realmente, porque assim, fui eu e ele. A gente foi ali e na hora eu não chorei, eu chorei depois quando eu entrei no meu carro. Mas, na hora eu fiquei: “Ele vai vir? Pode chamar, venha, pode vim”. E...E eu tava pronta pra...Pra apanhar e pra bater, se acontecesse porque eu não ia sair correndo não, eu não ia. Então, assim, tem a dor e a

vergonha e a culpa depois, mas...Eu me olho com muita compaixão, assim, de verdade, por tudo. Então, eu não me arrependo, eu acho que dentro das minhas possibilidades, das minhas condições, de quem eu era naquele momento era o que eu podia fazer.

G: Eu esqueci de fazer algumas perguntas no início, na verdade eu não quis interromper seu raciocínio. Tô colhendo, também, dados demográficos sobre as pessoas, né? Então, queria te pedir pra você se identificar em relação à sua identidade de gênero, sua raça, etnia e, também, sua sexualidade, se você não se incomodar.

S: Não, não me incomoda não. É...Eu tenho 36 anos, sou uma mulher heterossexual, sou casada, união estável. É, assim, na verdade a gente não tem documento nenhum. A gente mora junto há muito tempo, há 12 anos a gente tá junto. E...Ele é jornalista também, o meu marido. E...Sou heterossexual, gênero, raça, eu sou parda. Ahm....Deixa eu ver que mais, qual a outra? Qual era a outra?

G: Cisgênero...

S: Cisgênero, que mais? Só, foi isso.

G: É...Tem mais alguma coisa que cê queira falar, Sávia?

S: Que foi uma grande questão pra mim aceitar fazer isso, essa conversa. Acho maravilhoso que tenha sido agora um dia antes de eu ir pra Teresina. É...Eu amo a minha cidade. Eu tava reclamando com uma amiga minha que mora aqui em Brasília, que eu tava falando: “Ah, eu nem sei se eu vou... que que eu vou fazer ano que vem, acho que eu quero fazer alguma coisa que seja fora do Piauí”, ela falou assim: “Será que você queria largar? Eu acho que não!” [Risadas] Ela me deu uma alfinetadazinha. É...Então, foi muito bom a conversa ter sido hoje, eu acho muito simbólico, acho que...Eu falo muito na minha terapia sobre ser uma pessoa pública e ontem eu assisti o documentário da Fernanda Young, que eu admiro muito. E, assim, eu até falei pro meu analista, eu não pareço com ela, ela é mais punk, ela posou nua, ela...Só que eu a admiro, admiro a coragem dela em ser uma mulher que escreve, tanto que muitas pessoas falavam que não era ela que escrevia *Os Normais*, era o marido dela, o Alexandre Machado e não era! O roteiro era dos dois, ela sempre foi escritora, desde muito cedo. Mas, eu admiro muito mulheres que pagam o preço das suas escolhas, nem sempre eu

quero pagar o preço, eu quero só...[Risadas] Eu quero resultado sem pagar o preço! Mas, eu tô pagando o preço e eu pago e eu acho que vale a pena pagar, é melhor quando você paga, sabe? É...Eu considero um serviço falar sobre isso, eu acho que eu tenho uma...Não sei, eu acho que eu tenho que fazer alguma coisa com a minha dor, assim, que ela vai me acompanhar pra sempre, mas ela tem que virar alguma coisa. Então, eu fico feliz que você tenha tido a ideia de fazer esse projeto, tocado esse projeto com tanto esforço, você tá indo em outros estados e com dedicação. E eu acho que vai contribuir com o debate público, acho que...Eu acredito na ciência, eu acho que a gente cresce assim. E...Não sei, um sonho? Que as mulheres pudessem fazer o trabalho delas sem serem importunadas, agredidas, mas eu acho que é um sonho. Mas, de qualquer forma, que a gente transforme o custo dessa agressão muito alto, pra que eles pensem duas vezes se vão querer pagar, porque eu acho que esse papel...Somos vítimas, ok, mas a gente também é...Não sei, eu falei uma coisa pro meu analista, eu falei: “Eu sou uma caçadora” [Risadas] Mas é verdade, eu acho que a gente tem que ir em busca, assim, e fazer alguma coisa, e transformar aquilo e enfrentar, também, do nosso jeito. Porque eu acho que esse jeito feminino, e sem clichê e estereótipo, mas é um jeito...Eu acho que tudo se transforma quando você cria, então a minha saída de tudo foi criar, né? E...E eu acho que, não sei das outras mulheres, eu tô muito curiosa, eu espero que você transforme em livro. Mas, eu acho que é isso, criar alguma coisa com a dor. Quando eu vim pra Brasília, eu cortei meu cabelo igual de um homem, um cabelo *pixie*, Joãozinho. E isso foi muito assunto de análise, né? Porque eu resolvi ficar com cabelo de homem. É...E quando aconteceu o episódio comigo eu tava com cabelo médio assim e loira, eu tava bem feminina e eu acho que eu tive essa...Claro, eu usei a justificativa, né? “Ah, porque é mais prático, cabelo curto”, mas assim, foi bem radical, eu cortei o cabelo bem radical quando eu vim pra cá. E agora, quando eu passei um tempão com ele crescendo e é horrível quando você corta o cabelo curto e ele vai crescendo todo desigual, aí fica maluco.

G: Perde o corte.

S: Não, é horrível. Mas, aí quando foi...Quando eu tava na minha análise semana passada, eu tava com ele solto e ele enfim chegou no...Que não ficou parecendo o Beiçola! Enfim chegou aqui no queixo. Aí meu analista viu e falou assim: “Ah, seu cabelo tá diferente”. Que eu tava usando ele muito preso, né? Eu deixei ele solto. Aí eu falei: “Esse cabelo, eu não sei”. Ele tá um cabelo...tá na minha cor natural, eu nunca mais quis pintar meu cabelo depois daquilo, eu quis voltar à essência, evitar...Aí depois eu radicalizei quando eu vim pra Brasília que eu

queria tirar o feminino um pouco de mim. E eu acho que ele tá, assim, de um jeito que no exterior ele reflete uma segurança interior, uma naturalidade, uma autenticidade de quem eu sou e tá feminino, mas ele não tá tanto assim, mas ele também não tá masculino e ele tá trafegando nisso porque a política sempre foi...As mulheres sempre foram punidas por falar, a história da mulher é a história do silêncio, então se você é uma mulher pública, uma mulher que fala, você vai ser punida em algum momento de alguma forma, ou desincentivada ou então vão dizer assim: “Seu lugar é esse, não é esse”. Como eu tentei sair várias vezes do lugar que me botaram e falaram: “Não, volte, volte”, aí eu falei: “Quer saber? Tá bom, eu não vou mudar as regras não, eu vou fazer do meu jeito” É...E eu acho muito simbólico isso também. Aliás, tem muitos simbolismos, né? E eu sou uma pessoa totalmente fora de esoterismos e tudo mais, mas eu achei que...Que realmente eu tô num bom momento pra falar, que bom. É isso

G: Fico feliz e espero que tenha sido uma...Enfim, que te ajude de alguma forma, nem que só de maneira pessoal, tipo: “Ai, foi bom pra eu fechar um ciclo”.

S: Ajuda, tá? Mas tá fechando um ciclo super pra mim. Casou muito com eu querer abrir o meu veículo, assim, no Piauí e eu assumir outra posição, assim, de sentar numa mesa e...Eu não sei, casa muito com isso porque...Com essa história, eu dava muita palestra na universidade, e eu parei de dar palestra depois desse episódio. Por quê? Porque as pessoas me perguntavam sobre isso, e eu simplesmente não aceito dar palestra. Aliás, eu dou palestra, num tema que eu vou dar, tipo, assunto X técnico, específico e tal. Agora, eu era chamada pra roda de conversa, esse tipo de coisa. Eu não faço mais, porque é inevitável, vão perguntar e aí vai ser o grande assunto: “Ah, por que você fez isso?” E é normal, é a curiosidade das pessoas, mas eu...Não, eu não vou ficar fazendo uma...Uma mesa aqui de análise da minha vida, não. Então, foi mais uma das mudanças. Engraçado, parece que quanto mais a gente fala parece que eu vou puxando um monte de fio, de coisas que foram mudando na minha vida depois disso, né? Pareceu uma coisa tão pequena e não foi, né? Loucura, né?

G: É o que ocupa, né? Mas, a gente vai fazendo sem perceber.

S: Aí a outra corta o cabelo, não dá palestra, loucura! [Risadas] Vai fazer terapia, vai contratar uma neuropsicóloga pra descobrir se é autista! [Risadas]

G: É...Sávia, muito obrigada mais uma vez.

S: Brigada! Quer tirar uma foto? Vamo tirar uma foto.

G: Vamo, eu vou parar aqui a gravação, rapidinho.

S: Você tá hospedada aonde?

G: Eu tô ficando na casa de uma amiga na...

[Acaba a gravação]

F) Schirlei Alves

Entrevista realizada no dia 13 de julho de 2024, durante o 19º Congresso da Abraji, em São Paulo (SP).

Giovana: Queria que você começasse a falar um pouquinho sobre você, quantos anos você tem? De onde você é? Onde você mora? E também uma questão, umas questões, que eu tô tentando colher dados demográficos. Como você se autodeclara em relação à questão racial, identidade de gênero, orientação sexual...

Schirlei: Tá, se eu esquecer de uma coisa, você me lembra, tá? Tá, meu nome é Schirlei Alves. Tenho 38 anos. Sou natural de Joinville, Santa Catarina. Moro em Florianópolis. Me identifico como branca, embora tenha descendência indígena, né? Mas ainda tenho umas questões de como me identificar. Então, acho mais justo me identificar como pessoa branca, né? Sou cisgênero, anh... que mais?

G: A questão da orientação sexual e se você é casada.

S: Heterossexual, sou solteira.

G: Você tem filhos?

S: Não tenho filhos.

G: Pensa em ter?

S: Não, não, [risos] é... que mais?

G: Queria que você contasse um pouco por que que você escolheu ser jornalista? Como é que foi esse processo que te levou a fazer jornalismo?

S: Cara, é... não foi muito... eu nunca tive um sonho de ser jornalista assim, quando eu era mais novinha. Eu... na época da escola, assim, eu dançava, eu fazia outras coisas, pensava em ir pra uma outra área, assim, nunca imaginei ser jornalista. E aí quando eu tava no ensino médio ali, a minha professora de português me convidou pra fazer, pra participar, pra representar a escola num concurso de redação que ia ter a nível nacional, assim. E eu fiquei bastante surpresa porque eu não imaginava que meu texto era bom, que eu... que ela fosse me escolher pra representar a escola, fiquei bastante surpresa na época, assim. E aí, logo depois disso, ela um dia chegou do meu lado e falou: "Ah, por que que tu não faz jornalismo? Tu escreve bem, tu tem boa desenvoltura e tal... de repente pode ser algo interessante." E daí foi a primeira vez que eu parei pra pensar assim: "Será? Jornalismo?" Aí fui olhar a grade curricular e eu amei as disciplinas do curso. Eu falei "Nossa, vou gostar de estudar isso. Se eu não me tornar jornalista, pelo menos eu vou curtir o curso". Enfim, sabe aquela fase que tu não sabe muito o que fazer assim? Eu tava assim. "Ah, se não gostar também, faço outra coisa depois..." Enfim, eu entrei no curso e fui me apaixonando durante o curso, né? Gostei muito de estudar as disciplinas. De estudar bastante Sociologia, Antropologia, né? História da comunicação... a gente fazia bastante produção de texto e eu curti escrever, assim. Não era uma coisa que eu tinha consciência, mas era algo natural, eu gostava bastante de escrever. Eu acho que eu sempre tive diário, sempre escrevi bastante assim, né? Meu pai sempre me incentivou a ler, então, eu sempre li bastante, desde muito novinha. Então, era algo natural, não era uma dificuldade para mim, né? E aí fui me dando conta disso conforme eu fui estudando. E aí, quando eu me formei, eu fui fazer um intercâmbio no Canadá, fiquei seis meses... estudando inglês e aí eu fiz um estágio no jornal local, depois eu voltei para o Brasil e quis fazer carreira, né? Comecei trabalhando numa TV, uma TV local, só com notícias da cidade. O nome era a *TV da Cidade*.

G: Ainda em Joinville?

S: Em Joinville, é... eram só notícias positivas sobre a cidade. Era um programa mais de notícias assim, mas era mais leve assim, tinha uma outra proposta porque era um canal

fechado, né? E.... fiz uma assessoria de imprensa ali no meio também, mas eu queria trabalhar com o jornalismo mesmo, reportagem, né? E aí eu recebi uma proposta para ir pra rádio, uma rádio local lá também. E aí fui trabalhar com uma equipe muito legal, meu chefe era o Marco Aurélio Braga, que era... ele foi repórter por muitos anos no *A Notícia*, chegou a ser finalista do prêmio Esso, então era o cara que tinha uma pegada muito de investigação. E, trabalhando com ele ali, eu fui também descobrindo essa minha vontade de mostrar coisas que não apareciam, de... sabe ? Trazer à tona as histórias que se a gente não fosse fuçar e, né, ir atrás, talvez não aparecessem assim. E aí, quando eu tava na rádio, surgiu, caiu no meu colo uma história de abuso sexual numa cidade lá do interior, mais do interior assim. E aquela história me moveu muito, me chocou muito, assim. Era uma menina que engravidou do próprio pai e tal... e a mãe acabou levando a denúncia para a polícia... E aí fiz uma matéria especial sobre o assunto. E aí eu ganhei um prêmio lá, tinha um prêmio estadual, que era o prêmio Unimed, é... que eram sobre reportagens de saúde. E aí, eu tratei o caso como uma questão de saúde pública na matéria e ganhei o prêmio. E aí depois disso eu fui para o jornal *A Notícia* e lá é que eu realmente comecei a me desenvolver como repórter assim, porque era um jornal diário, né? Era uma equipe grande ainda, na época tinha cerca de 70 pessoas na redação... Eu era repórter de 'geral', cobria muito polícia, Segurança Pública, é... saúde. Enfim, 'geral' tu faz de tudo, né? Tudo que rola na cidade, muito acidente de trânsito, factual, né?

G: No Rio, a gente chama de editoria de Cidade.

S: Hmm, sim. Fazia de tudo, assim. Fui para esse jornalismo diário e fui aprendendo também a desenvolver meu texto porque, como eu comecei pela TV, depois fui pro rádio, era muito mais sucinto, né? E aí eu tive que aprender a desenvolver mais o meu texto pra fazer matéria pra duas páginas, né? Então, é... eu trabalhei com editores muito bons que foram me dando esses nortes assim de como é que eu tinha que fazer e tudo mais. E aí... tiveram duas histórias que me marcaram muito no jornal *A Notícia*, que eu acho que foi nesses momentos, nesses dois momentos, que eu identifiquei que eu queria ser jornalista. Que foi... no primeiro velório que eu cobri, que foi uma história de uma menina de 15 anos, que fugiu de casa com o namorado e eles sofreram um acidente na BR-101. Ela caiu da moto e foi atropelada por outro carro e morreu, né? Tragicamente. E... na época eu já tinha *Facebook*, já existia o *Facebook*, e o povo tava falando mal dela, assim: “Ah, essa menina fugiu de casa”, sabe? Enfim, julgando a menina, né? E aí a minha editora mandou ir no velório e eu nunca tinha feito cobertura, nunca tinha ido no velório assim para fazer reportagem. E eu fiquei um pouco assim, com

medo de ir, de as pessoas não receberem bem... enfim, de ser um momento muito íntimo, né? Falei "pô, como é que eu vou chegar lá e abordar as pessoas, né?" E aí a minha chefe olhou pra mim e falou "cara, às vezes lá, tu vai encontrar uma grande história, tu não sabe... tu tem que tentar. Tu vai ter que ir lá e tentar". "Tá bom, vamos lá, né?", mas eu fui assim morrendo de medo. Fui eu e a fotógrafa, que era a Mayara Berch e o motorista era o Seu Vilmar. Seu Vilmar já faleceu e foi um grande colega de reportagem, assim, que eu acho que reportar... é... jornalismo não se faz sozinho, né? Motorista faz a matéria junto, fotógrafo, enfim. Daí cheguei lá e cheguei bem tímida. Fui entrando assim, aí eu vi umas meninas mais novinhas. Aí eu pensei "elas devem ser amigas da menina", né? Aí abordei as meninas. Daí falei que era do jornal e tal, me identifiquei. Pedi para elas, né, "Ah, será que vocês poderiam ver, falar com alguém da família se eles topam falar comigo". Daí elas me disseram "ela não tem mãe, nem pai. É só a tia. Tu quer falar com a tia?" Daí eu disse "quero" e daí elas foram lá, falaram com a tia e daí voltaram e me disseram assim "a tia disse que ela quer falar". E aí quando ela veio falar comigo, ela disse "Eu quero muito falar, eu preciso falar porque ela não é qualquer pessoa que foi atropelada. Ela é a Fulana". Desculpa, eu não lembro o nome da menina hoje, mas ela disse "ah, ela tem família. Ela é uma pessoa que tem uma história e os pais dela foram assassinados na frente dela quando ela era criança". Então, era uma história bem pesada assim, sabe? E aí, enfim, contei essa história no jornal e parou aquilo que tava rolando na internet da galera ficar falando mal da menina e tal. As pessoas ficaram impressionadas com a história e aquele julgamento que tava acontecendo ali na internet e pararam, sabe? Então, foi uma coisa que me marcou bastante. E a outra história foi... é... a gente recebeu no jornal uma mensagem de uma pessoa de uma cidade do interior também que é Monte Castelo, lá em Santa Catarina de um professor que abusava das alunas na escola e que foi preso condenado pelos abusos. 16 crianças deram depoimento em juízo, né, contando a história, só que mesmo assim elas estavam sendo hostilizadas na cidade, as crianças e as mães, porque o cara era muito bem visto. Ele já, ele era professor, ele tocava na igreja, ele já tinha sido o vereador. Então, as pessoas não acreditavam na história, mesmo ele já tendo sido condenado. Preso e condenado. E aí quando eu cheguei na cidade eu e a Mayara Berch também, a mesma fotógrafa. É... a gente chegou meio-dia assim, parou para almoçar, eu tinha marcado a entrevista às 2 horas da tarde com as mães. E quando a gente chegou no restaurante, a garçonete que atendeu a gente viu o carro do jornal, né? E falou "ah, o que vocês estão fazendo aí?", com aquela curiosidade, né? E disse "ah, a gente veio contar a história do professor que foi preso e tal, né?" Ela falou assim: "Ah, o Adãozinho?" O nome dele era Adão, né? É aí o jeito que ela falou já entregou um pouco assim. Eu falei "É, esse mesmo", aí

ela já quis dar opinião dela, né? "Ah, eu não acredito nessa história, eu acho que as crianças foram manipuladas pelas mães".

G: Qual que era a cidade? Desculpa.

S: Monte Castelo.

G: Monte Castelo. Era uma cidade pequena?

S: 8.000 habitantes, se eu não me engano. [retoma o diálogo] "Ah, não, isso aí não aconteceu. Eu não acredito que ele fez isso." Daí eu olhei para Mayara e falei "Pô, Mayara, vamos almoçar e antes de falar com as mães, vamos dar um rolê na cidade porque era bem pequenininha e vamos abordar as pessoas para ver como é que elas reagem", porque eu fiquei curiosa de ver a reação das pessoas, né? Fui no posto de gasolina, fui na igreja, fui na... no mercado. Enfim, estabelecimentos da cidade assim, e todos os lugares que eu fui a mesma reação "Não, o Adãozinho jamais faria isso", "Não, essas crianças...", "Essa história foi inventada por essas mães e tal". E aí quando a gente foi conversar com as mães foi bem chocante assim toda a história que elas contaram de elas terem demorado para perceber o que estava acontecendo porque as crianças no dia da aula dele queriam ir com duas calças, né, pra evitar o abuso na verdade, né? Porque ele botava a mão assim por dentro da roupa atrás da mesa da professora assim, ele botava um filmezinho para assistir e apagava a luz. Enfim, criava um ambiente pra abusar das crianças e as meninas, né? Chegava naquele dia, elas ficavam nervosas, ansiosas, vomitavam. Enfim, tinham várias reações e não falavam sobre o assunto. Até que um dia uma menina contou pro amiguinho, o amiguinho contou pra avó e a avó falou pra diretora. Só que a diretora foi gen-, sensacional, porque nem toda escola age dessa forma. E ela naquele exato momento, ela já chamou uma criança, uma por uma, perguntou e todas elas confirmaram. E aí ela já acionou a Justiça imediatamente, os pais. Enfim, contei essa história, daí eu conversei com especialista sobre essa questão de abuso, que normalmente o agressor é uma pessoa conhecida, é uma pessoa que tem acesso, não é uma pessoa estranha, né? A pessoa que tem confiança das crianças, enfim, da vítima. E fiz uma matéria de três páginas e, na época, o jornal, ele circulava muito bem no estado, assim, todo mundo lia o jornal *A Notícia*. E aí... e circulava bem lá na cidade. E aí a matéria saiu e depois de um mês, uma das mães me ligou dizendo que, agradecendo, dizendo "ó, a hostilidade diminuiu, a gente tá conseguindo sair na rua, as pessoas pararam de falar e tal". Parece que perceberam que a situação...

G: Surtiu um efeito, né?

S: É. E aí eu falei "vai, é isso que eu quero fazer".

G: Então foi, essas duas reportagens foi...mais ou menos em que época que você trabalhou?

S: Em 2012.

G: E, por um outro lado, você... foram duas reportagens que tinham... essa última já tinha relação com a questão de abuso sexual, né? E hoje você é especialista, se especializou numa cobertura de Direitos Humanos, direitos reprodutivos. Como é que foi essa questão, assim, você... como é que você se aproximou do movimento feminista?

S: Cara, foi natural assim, foi acontecendo assim...

G: Desde de faculdade?

S: É, na faculdade não tanto assim, eu acho que foi mais no fazer jornalismo. Eu acho que eu me tornei jornalista fazendo, sabe? A faculdade foi muito bacana assim, eu fui me aproximando entendendo o que que era jornalismo, fazendo muito exercício de texto, mas o fazer jornalismo mesmo foi no dia a dia assim, né, no batente. É muito diferente, tu vê na teoria e tu tá na prática ali, indo nos locais falar com as pessoas na rua...

G: E com um feminismo?

S: O feminismo foi... foi com o tempo assim também, não foi uma coisa da noite pro dia. Foi... essas pautas, elas foram caindo no meu colo assim também. Eram histórias que surgiam e eu pegava, ia fazer matéria e falava com.... eu sempre tinha esse cuidado já de falar com o especialista, de entender. Será que é um caso isolado? Será que tem mais casos? E aí, as próprias pessoas que eu procurava para conversar - psicólogo, delegada - já traziam assim "Não, isso é uma coisa que é estrutural, é se a gente pegar os dados, né? Tu vai ver que é muito frequente, tem aumentado". Então, aí eu pensava "Tá, então vamos mostrar aqui porque..." daí assim eu chegava com a matéria às vezes, com a ideia no jornal e eles diziam, os editores diziam né? "Tá, mas tem que ter um gancho, tem que ter um algo novo pra gente porque é um assunto que de vez em quando a gente fala então por que que a gente tá falando disso de novo?" E aí isso me instigava aí atrás. Então tá, eu preciso ter um gancho, então eu vou achar esse gancho porque eu quero contar essa história. Eu não desistia das histórias,

sabe? Se eu precisava de algo a mais para contar aquela história que eu queria contar, eu ia atrás e eu conseguia, sabe? Ah, eu preciso de dados. Então, eu vou arrumar dados. Aí eu ia lá procurava a Polícia. Quero dados de abuso sexual, daí vinha, aí eu eu trazia de novo a história "ó, tá aqui, aumentou tantos por cento em tantos anos." "Ah, beleza, agora a gente tem uma pauta". Tinha muito essa orientação no jornal, sabe? E pra mim não era assim quando vinham "Ah não dá porque falta isso" não me desestimulava. Pelo contrário, era um desafio, assim. Ah então tá, se eu ainda não tenho a matéria, eu tenho que... vou atrás disso. E aí as as coisas foram surgindo porque como eu comecei a fazer matéria sobre isso, tu faz contato com as pessoas, com as fontes, tu fala com uma delegada, tu fala com a psicóloga. E quando tu tá entrevistando a pessoa, ela vai trazendo outras histórias, porque ela trabalha com assunto. "Ah, então teve um outro caso assim, assim, assim", "pô, tem uma outra situação que precisa falar que quase ninguém fala" e aí pô, isso é pauta. Pô, isso é pauta, entendeu? Então vai acontecendo, tu vai... eu fui me aproximando é organicamente, assim.

G: E aí com o tempo também foi se aproximando de movimento... hoje você assim se considera feminista?

S: Sim, me considero feminista. Com certeza. Eu não sei te dizer em que momento eu virei essa chave assim, mas, como eu te disse, assim foi natural. Fui lendo mais sobre o assunto, sobre violência de gênero. Como eu tava escrevendo várias matérias sobre o assunto, eu precisava me aprofundar, precisava entender, então eu procurava ler muito sobre... fui convidada pelo Instituto Patrícia Galvão duas vezes para ir em eventos... vir aqui em São Paulo em eventos sobre cobertura de gênero. Daí tive contato com várias especialistas da área, pude trocar com pessoas que, enfim, trabalham há muito tempo com esse tema. E aí fui, sabe, entrando nesse nesse universo assim, né? Aí eu comecei a trabalhar com veículos mais feministas que foi *Portal Catarinas*, que é de lá, né? Quando eu fui morar em Florianópolis, aí já, isso daí muito depois já né, agora falando lá pra 2018, eu comecei a ter contato com a Paula Guimarães, do *Portal Catarinas*. Enfim, e aí comecei a me aproximar mais assim dos movimentos E... eu não sei em que momento que eu assumi assim "sou feminista", mas rolou uma virada de chave em algum momento, assim, que eu percebi. Eu nunca fui muito em cima do muro, sabe? Eu sempre, desde o começo, eu já tinha essa coisa assim, pra mim, assim "bom, eu vou ficar do lado mais fraco da corda". Eu já tinha muito cedo já tinha isso em mente sabe? Eu vou defender o lado mais fraco da corda, então eu vou dar mais espaço para

quem não tem voz. Eu acho que eu sempre tive isso para mim assim, não foi algo.... Foi algo já natural também, assim, sabe?

G: Quando você foi para Florianópolis, você já começou a trabalhar como *freelancer* ou não? Como é que foi esse processo?

S: Cara, foi um longo caminho. Eu trabalhei no jornal *A Notícia* bastante tempo... 2012, 13, 14, 15... Eu trabalhei quatro anos no jornal *A Notícia*. Em 2016... é, acho que foi em 2016, que eu recebi uma proposta pra ir, é... pra Porto Alegre, pra trabalhar no *Diário Gaúcho*. Eu tinha um sonho de ir pra *Zero Hora* porque eu era muito fã da Letícia Duarte. O trabalho da Letícia, eu achava incrível as matérias que ela fazia e eu queria muito tá perto dela pra aprender... e enfim, e fazer o que ela fazia. E aí, eu recebi essa proposta pro *Diário Gaúcho* e a ideia era que eu humanizasse a editoria de Polícia. A Letícia Barbieri, que me convidou pra esse desafio, ela me conheceu através de uma reportagem que eu fiz, que eu ganhei um prêmio RBS, que foi “A Segunda Chance”, que foi uma cobertura que eu fiz, um acompanhamento de um ano, de um adolescente que foi apreendido e ficou dentro do sistema socioeducativo e eu acompanhei ele durante todo esse período que ele ficou apreendido. E a gente publicou um caderno de 16 páginas contando essa história, contextualizando toda a realidade dele, enfim. E foi, teve um site especial também, foi uma uma grande matéria, assim. E aí eu ganhei um prêmio com isso e as pessoas lá em Porto Alegre ficaram me conhecendo por causa dessa matéria e ela falou "Bah, quero trazer essa pessoa para cá". E aí, fui com essa missão. E aí lá foi um desafio gigantesco. Porque lá é uma realidade completamente diferente. O crime é muito é organizado lá e, enfim, a violência tava e muito pesada muito hard assim.

G: Mais do que em Florianópolis?

S: Muito mais, muito mais, Porto Alegre, na época, a gente fazia levantamento de homicídio e a gente não contava só homicídio, a gente contava esquartejados, decapitados, queimados. Era muito violento, muito violento. Todo dia 13 homicídios, 14 homicídios, era um absurdo assim, sabe? Muito perigoso na época andar em Porto Alegre. A Força Nacional chegou a ir pra lá por causa da violência. Bem pesado mesmo, assim. E aí, todo dia eu contava histórias também de pessoas que estavam... de famílias, de mães que perderam filhos pra violência, que perderam filhos pro tráfico. Enfim, todo dia era uma história muito pesada assim, né? E aí depois fui trabalhar, aí depois, eles juntaram e fizeram uma editoria de segurança, já era da

Gaúcha Zero Hora, daí passei pra *Zero Hora*, daí fazia matérias tanto pro popular quanto pro jornal pra *Zero Hora*, que daí eram matérias mais aprofundadas e tal. Fiquei lá dois anos. Aí depois, saí de lá e fui pro *Diário Catarinense*, em Florianópolis. Aí fiquei pouco tempo ali, saí, fui para o *ND*, que faz parte da afiliada da *Record*, ali. Aí depois que eu sair do *ND*, aí teve um período ali que entre o *Diário Catarinense* e o *ND* que eu fiquei sem emprego fixo, daí eu já fiz um freela lá pro *Intercept*. Fiz uns freelas mais locais, aí entrei na *ND* e depois, quando eu fiz a matéria, eu fiz a cobertura do caso Mariana Ferrer desde o começo. Fiz muitas matérias, eu fui a repórter que identificou quem era o agressor porque, enfim, foi a Polícia, né, que chegou no nome dele. Aí eu... enfim, já contei lá, né que tive acesso ao inquérito e contei toda a história, enfim, toda a cobertura. E aí quando eu fiz a matéria da absolvição dele, cinco dias depois, eu fui demitida.

G: Ah foi depois disso começou a ficar mais freelancer?

S: Daí, eu saí do *ND*, fiz a matéria pro *Intercept*. E aí eu entrei na vida de freelancer e não quis mais voltar para o jornal tradicional porque... Eu cheguei a trabalhar com a *Folha*, mas trabalhei num projeto de um ano do Pinpoint, agora recente também, que é um jornal tradicional, né, a *Folha*, mas, assim, foi um projeto específico, trabalhei com bastante liberdade, foi bem legal. Que era um projeto com documentos públicos que eu tinha que subir documentos públicos no Pinpoint e a partir desses documentos, tornar público, né, esses documentos e aí fazer matérias a partir disso. Eu fiz matérias, é... algumas denúncias também lá bem legais assim. E... eu decidi não voltar mais, assim, pros veículos tradicionais principalmente em Santa Catarina, né? Em Santa Catarina... sem menor condição assim, os veículos lá estão muito... é a galera não tem liberdade para trabalhar, né? Tem um direcionamento muito...

G: Qual que é o direcionamento?

S: Não, não tem, não existe o jornalismo de combate, de denúncia, de investigação. Muito mais serviço...

G: Chapa branca?

S: É, então, não tenho a menor vontade de voltar pros veículos de lá assim, né?

G: E pelas redações que você passou, como é que você via em relação à questão de diversidade nas editorias, nos cargos de chefia? Tinham tanto homens, quanto mulheres? Você teve mais chefes homens?

S: Homens, mais homens na chefia. É.. pessoas brancas, né? E já tive mulheres assim como editoras, mas nos cargos superiores sempre homens, né? E eu sempre senti que eu tinha que mostrar muito mais capacidade, digamos assim, do que os meus colegas homens assim. Quando eles sugeriam uma pauta, era muito mais aceita do que quando eu sugeriria uma pauta, então eu sentia que eu tinha que fazer um esforço muito maior pra mostrar que eu era capaz do que os meus colegas homens. Tanto que assim para eu ganhar a confiança do meu chefe, eu tive que trabalhar fora do meu horário de trabalho. Eu fazia investigação fora do meu horário pra tentar chegar numa pauta que chamasse atenção e que eles dissessem "não, é isso aí", então se foi um longo caminho até ele confiar em mim a ponto de eu sugerir uma pauta e ele dizer "vamos fazer", sabe? Assim, confiando.

G: E outras pessoas ganhavam confiança mais rapidamente?

S: Homens. Mais rapidamente, sim.

G: E você chegou a presenciar com algum colega, alguma colega ou você mesma passou por alguma situação de assédio mais grave dentro da... dentro de alguma redação, algum comentário machista?

S: Já, já presenciei, sim. Assédio, assédio sexual, assim, assédio sexual sim, já tive uma situação uma vez e... sim, sim... já tive situações de tu sugerir a pauta e... até em situações que eu era editora, inclusive, é... e não não ser considerada assim, ser considerado algo ai "mimimi", assim, que eu ouvi. "Ah, isso é mimimi".

G: Diminuindo uma cobertura também, que é o que você se especializou, né, de Direitos Humanos? Colocando isso como de forma menos importante?

S: Menos importante, isso.

G: Você ontem abriu a sua palestra falando como o caso Mariana Ferrer mudou a sua vida. Fiquei muito emocionada, eu não vou chorar hoje [risos], mas é, enfim, eu não sabia da demissão, né? Eu não sabia, acho que... eu sou do Rio, acompanhei o caso, acho que, como a

maioria das pessoas que conheceram esse caso de âmbito nacional, conhecemos a partir da cobertura do *Intercept*, né, lá em 2020.

S: Isso.

G: Mas queria que você contasse brevemente como é que foi esse processo do antes dessa cobertura, né? Você já tava fazendo ela num site?

S: Isso, eu trabalhava num site local, eu era editora. E quando a Mariana jogou a história dela na internet, nas redes dela... A gente ficou sabendo por causa disso, né? Chegou na redação de que essa situação tinha acontecido. E no dia seguinte, a Polícia Civil já marcou uma coletiva de imprensa para se explicar, né? Porque ela tava acusando a polícia de não andar com a investigação. A gente vê, a investigação tava parada. E aí, a Polícia Civil imediatamente se manifestou. E aí... o pessoal no jornal pediu para que eu fosse porque eu já tinha essa experiência de cobertura de violência de gênero e tal e aí me pediram pra cobrir. E aí eu fui na coletiva. E ali eu já senti, assim, a Polícia... Sei lá, o advogado da casa tava lá na, na... coletiva. Aí eu já achei aquilo estranho, por que que o advogado da casa tá aqui, né? Enfim, já dando explicação, já abordando jornalistas. E aí eu continuei fazendo a cobertura. Eu nunca falei com a Mariana. Nunca tive acesso à Mariana, falei com a mãe dela algumas vezes e a mãe dela, numa situação de adoecimento, assim, também, por causa da situação, era uma pessoa difícil de conversar. Enfim, é... às vezes, as pessoas, é... porque tem isso, assim, às vezes, as pessoas não entendem qual é o papel do jornalista. Muitas vezes as pessoas querem que a gente salve ela, né? Que a gente resolva os problemas e a gente não tem esse poder, né? Em muitas situações eu me vi nesse lugar de a pessoa que tá na minha frente depositar todas as expectativas em mim, assim. E eu não tenho esse poder, eu não tenho como mudar as coisas, né? Claro que às vezes a gente acaba tendo como consequência alguma mudança positiva, alguma, enfim, uma investigação que não tava acontecendo, de acontecer. Enfim, mas não há, não é algo que tá ao nosso alcance assim, né? A gente não é Deus, né? A gente tá ali tentando fazer o nosso trabalho, enfim, questionar e mostrar o que tá acontecendo, mas a gente tem limitações. A gente tem que ter responsabilidade, é... a gente tem que ter uma segurança jurídica também, né? Não posso sair falando tudo que a pessoa me falou, tem que ter uma série de provas pra aquilo que eu tô escrevendo. Então, é muito delicado e às vezes as pessoas não entendem isso e tal. Elas querem que o jornalista faça a matéria do jeito que elas acreditam que é o justo, né, para elas. Mas... nem sempre o que a gente faz pra elas é justo, né? Embora a gente esteja tomando todos os cuidados, seguindo todos os protocolos de

ética, de responsabilidade, muitas vezes pra pessoa que está do outro lado, que é vítima, ela não se sente contemplada. E aí, no caso da mãe da Mariana, era muito isso, assim. Ela não se sentia contemplada, ela não se sentia, é... vista pela imprensa, ela não achava satisfatória a cobertura, né? Porque, enfim, existem informações de bastidores que acontecem, né? Que muitas vezes a gente não consegue publicar porque tu não tem uma prova daquilo. Não pode colocar uma informação que tu não tem, às vezes, uma denúncia grave que tu não tem uma prova. Então, eu não tinha como fazer tudo que ela queria que eu fizesse. E aí... era muito desgastante. Sempre. E é desgastante tu falar com... tu entrevistar pessoas que tão numa condição de vulnerabilidade, de violência, justamente, é difícil, assim. É muito difícil, né? E porque existe uma questão emocional muito forte ali, né? E... então, assim, eu cobri esse caso muito tempo, é... não conseguia muito falar com a mãe da Mariana. Era desgastante, né, essa, essa troca. E eu sempre fiz as matérias com fontes oficiais e com fontes que eu tinha, né? Que, enfim, acabei tendo acesso ao inquérito, ao processo, então, eu consegui ler tudo que tinha dentro da investigação. Eu tive acesso ali, né? E foi tanto por vias oficiais quanto por fontes que eu tinha, mas nunca através da família da Mariana, nem da mãe dela. Nunca, elas nunca passaram nada pra imprensa. Elas cobravam, né, da imprensa, né? Ah, que a gente fizesse o nosso trabalho que a gente fosse atrás e mostrasse, mas elas nunca vazaram nada nem para mim nem para ninguém, porque eu sei que meus colegas que tentaram muito falar com elas, tiveram bastante dificuldade e elas realmente nunca fizeram isso, né? É... E aí enfim, fiz a cobertura.... já me perdi um pouco no raciocínio aqui...é, é chegou num ponto lá que alguns colegas foram proibidos de continuar cobrindo esse caso porque tinha o nome de pessoas influentes, né? Envolvidas no caso e aí.... enfim, os veículos locais lá, alguns veículos pararam de cobrir aí eu meio que fiquei a única jornalista solo, assim.

G: Ainda nesse site?

S: Ainda nesse site porque também já nessa época, porque é recente, né? Já não tinha muito hábito, a galera já não tem mais o hábito de ficar acompanhando histórias, porque as equipes reduziram muito, entrou muita gente nova, bastante estagiários e é... foi trocando muitas equipes. E é assim, né? Quando tu entra na, num veículo, né, num veículo diário, normalmente, tem um editor mais experiente que te dá ali, né, o suporte, te dá o "Ó, quando acontece uma história assim, a gente tem que acompanhar, tem que ver desdobramento" e isso tu vai pegando no dia a dia. Quando tu vai perdendo esse elo de que a pessoa mais experiente sai e não tem mais ninguém para cobrir aquele espaço, vai se perdendo também um pouco do

fazer jornalismo. Eu acho, sabe? Disso assim, acompanhar histórias. Não vejo mais os veículos locais acompanhando histórias como a gente acompanhava. Então, eu tinha esse hábito de acompanhar e os colegas tavam naquela coisa frenética do factual, do dia a dia e ninguém lembrava mais do caso Mariana Ferrer. E eu fiquei ali acompanhando, acompanhando, até um ponto que eu parei de acompanhar também porque eu tive um desgaste muito grande, né, com a mãe da Mariana, por ser difícil esse contato e porque também como eu era editora, eu tinha outras funções. Eu não era repórter, eu acompanhava esse caso, mas eu não era repórter. Então, chegou uma hora que eu não tinha mais tempo também porque entrou muita gente nova, minha equipe tava muito grande, muitos estagiários novos e muita gente pra dar conta de uma equipe muito grande. Eu não... também não tinha mais condições de ficar cobrindo e eu falei pra eles "não vou mais cobrir vou, vou passar pros colegas. Aí, ó, repórteres, a história de vocês". Enfim, passei a bola, né, tinha que passar o bastão e continuei com meu trabalho de editora. E a gente entrou em pandemia e nunca mais soube nada, né, da história dela, assim. Eu cobri até a Justiça aceitar, o Ministério Público denunciou o réu por estupro de vulnerável, mandou prender. A Justiça aceitou a denúncia e pediu a prisão dele. Aí entrou um outro advogado na história pedindo um *habeas corpus* e conseguiu reverter a prisão e isso foi a última notícia que eu dei e nunca mais soube de nada. Passou um ano, a gente tava em pandemia quando o jornal local soltou uma nota dizendo que ele tinha sido absolvido. E aí isso me chamou atenção porque eu conhecia o processo e não fazia muito sentido pra mim. "Pô, o Ministério Público denunciou por estupro de vulnerável, pediu a prisão e a Justiça, deu, como é que agora ele foi absolvido? Como que ele foi absolvido? Como isso foi possível, né?" E ele era muito influente. A gente sabia, né, de toda essa, esse peso também assim por ser quem ele era né? O réu. E aí eu fui atrás das minhas fontes pra saber o que que tinha acontecido, né? E aí foi quando eu tive acesso aquelas... que as alegações do Ministério Público mudaram, que o entendimento do Ministério Público mudou, que o promotor mudou, que... e que havia um vídeo de uma audiência que tinha sido horrorosa, né? Com humilhações da vítima. Enfim, aí eu assisti o vídeo, fiquei horrorizada. E aí eu senti o peso do jornalismo nas costas, né? Eu não ia mais cobrir esse caso, eu tinha dito, eu disse isso pra mim mesma "eu não vou mais cobrir esse caso". E nesse dia eu falei "cara...". Fui para casa, não consegui dormir. Fiquei pensando, eu fiquei pensando "Tá, faço essa matéria ou não faço? Se eu não fizer, ninguém vai fazer. Se eu não fizer, ninguém vai saber dessa história". E aí uma coisa que a minha fonte me falou que marcou muito foi que ela falou "não é só sobre a Mariana. É sobre as vítimas de crimes sexuais na mesma situação que ela porque é um... tá abrindo, essa tese aí do Ministério Público tá abrindo o precedente

para outros casos. Isso aí vai ser usado... Se... se foi usado dessa forma aqui, vai servir de exemplo para outros". E aí eu fiquei muito preocupada com isso, eu falei "cara, se e aí, se eu 'ver' outras situações dessa acontecendo, eu vou me sentir responsável de não ter provocado essa discussão. Quando eu deveria ter feito, né?" E aí eu fiz a matéria, fiz, eu decidi fazer. Falei "tá, vou voltar pra essa história. Vou contar essa história". Conteí a história no jornal local onde eu tava. Cinco dias depois, eu fui demitida, daí...

G: Qual foi a justificativa da demissão?

S: Que o meu salário, que eles estavam fazendo uma revisão de cargos e salários e que meu salário não estava mais compatível com a política da empresa. Eu perguntei "Tem alguma coisa a ver com a minha matéria, com o meu trabalho?" Eles disseram "não, nós adoramos o trabalho, seu trabalho é excelente, não tem nada a ver com isso". E daí quando a gente publicou a matéria no veículo local, eu não... a gente não publicou o vídeo. Eu narrei na matéria o que que aconteceu no vídeo, mas no texto a gente não publicou o vídeo. E aí depois eu publiquei a matéria no *Intercept* com vídeo, né? Aí a gente decidiu expor a situação, não a vítima, né? Por isso que a gente escolheu os trechos mais impactantes pra... não havia necessidade de publicar o vídeo inteiro porque a gente queria expor o mínimo possível a vítima. E aí a gente escolheu os trechos que eram... que interessavam mais, né, de o que tinha acontecido naquela audiência. E aí aconteceu tudo que tu viu depois, né? A gente não imaginava que ia ter um impacto tão grande, que ia repercutir tanto assim, com a dimensão que foi. Ninguém imaginava que ia ser dessa forma, né? Porque não tem como tu prever, às vezes tu acha uma matéria vai super repercutir, vai ter... e não tem. E, às vezes, uma matéria que tu acha que não vai dar nada, tem uma grande repercussão, uma coisa que tu não controla muito, né? Não tem como controlar.

G: Quando que você começou a receber ataques nas redes sociais?

S: A matéria foi publicada numa segunda ou terça, não me lembro bem, mas foi no começo da semana. Daí começou uma campanha das pessoas horrorizadas com a notícia e em favor da vítima, né? Começou a campanha estupro culposos não existe, né, com a hashtag lá e tal.

G: Justiça por Mari Ferrer.

S: Justiça por Mari Ferrer e tal. Isso foi ganhando força e acabou acontecendo, né, de as pessoas envolvidas naquela audiência, porque o vídeo repercutiu muito... porque, é isso, as

peessoas assistem muito... eu acho que um ponto que levou a matéria, além de ter sido publicada no *Intercept*, que tem um público considerável, o vídeo fez com que a matéria é bombasse tanto. Porque as pessoas não leem muito, eu vejo até hoje que tem gente que nunca leu a matéria, né? Mas o vídeo as pessoas assistiram né? E o vídeo choca muito. Então, assim, o vídeo repercutiu muito e aí, claro, aí começaram primeiro ali a atacar as pessoas envolvidas na audiência ali, né? Todo mundo tava horrorizado, né, com... com as condutas ali do juiz, do promotor e do advogado principalmente, né? E aí começou essa campanha assim, e aí mulheres indo para rua já ali foi uma loucura assim, né?

G: Que que você sentiu vendo sua matéria repercutida?

S: Eu fiquei um pouco assustada, na verdade. É isso, assim, eu não imaginava que ter uma repercussão tão grande.

G: Mesmo sendo pessoas cobrando por justiça?

S: É, não, fiquei assustada com o impacto assim, né? Porque é isso, assim, tu vai, é... não tem como tu prever.... eu não sei nem te dizer, assim. Fiquei assustada de ver Xuxa repercutindo... a Anitta.... Fiquei feliz, né? Lógico. De ver assim “pô, que bom, eu espero que isso tenha um resultado positivo”. Eu já tava pensando no resultado assim “poxa, tomara que isso tenha um impacto positivo no caso, que ela consiga, que a Mariana consiga recorrer e reverter essa situação”. Enfim, e que o assunto seja debatido, né? Porque daí começou o debate do que que é consentimento numa relação. Acho que isso foi o grande, o grande feito importante naquele momento ali. “Pô, as pessoas estão discutindo, o que que é consentimento numa relação e é um assunto que tem que ser debatido”. Então, o debate começou a ser feito eu falei “É isso aí, é isso que a gente quer, a gente quer discutir como que o poder judiciário trata isso, como que os órgãos também tratam, né, a vítima”. Enfim, o debate tava superpositivo, eu tava super animada, “é, isso aí!”. Daqui a pouco, passaram uns três dias, eu acho, quando chegou mais para o fim da semana, ali quinta-feira mais ou menos, começou uma campanha do outro lado. Que aí... é... assessoras de imprensa do advogado, uma pessoa que era ligada à boate também começaram a compartilhar umas postagens dando a entender que não era bem assim, que a matéria era mentirosa, que a Mariana era mentirosa. E atacava a Mariana e, por consequência, eu também, pela matéria que eu tinha feito.

G: Mas iam no seu perfil para atacar?

S: Não, é.. isso começou assim: elas começaram a compartilhar essas, essas postagens me mencionando, né? Aí mencionavam o meu perfil, né? E aí as pessoas que não queriam debater consentimento numa relação sexual, que tinham esse outro lado, principalmente de extrema-direita, começaram a se engajar nesse outro lado, nessa campanha contra vítima, né? A favor do agressor. E aí isso vai, vai tomando uma proporção, vai se espalhando. Então, na quinta-feira começou a galera compartilhar esses posts e me marcar. E aí isso também é uma coisa que tu não controla. Daqui a pouco tinha gente dizendo “ó, essa é a jornalista mentirosa”, “vamos lá no perfil dela, esse é o perfil dela”, “esse é o e-mail dela”. Aí pronto. Aí na sexta-feira de noite, eu já comecei a receber os ataques. Começaram a me xingar e tal, mas não era tanta coisa.

G: Vinha por onde? *Twitter*?

S: Era *Twitter*, *Instagram*.

G: E-mail também tinha?

S: E-mail também, e-mail também... Aí tá... fui dormir já um pouco preocupada, assim, na sexta-feira....

G: O que os ataques falavam?

S: Ai.... [suspira] não gosto muito de falar, mas.... ai, tudo que tu pode imaginar. "Lixo, vagabunda", ai, de tudo assim. Eram ataques misóginos, eram questionando minha sanidade mental, questionando meu profissionalismo, me chamando de burra. Enfim, dizendo que eu que eu tava ganhando dinheiro da Mariana, que a Mariana tava me pagando pra fazer a matéria. Enfim.... E aí, eu fui dormir na sexta-feira à noite já com algumas coisas. Não tão pesadas, mas já tinha alguma coisa ali e quando eu acordei sábado de manhã, foi uma loucura assim. À noite, porque aí à noite foi... muita coisa aconteceu durante a noite enquanto tava dormindo. Quando eu acordei de manhã, aí tinha uma avalanche de mensagens assim, de ataques. Eles mandavam no privado pelo *Instagram* porque eu recém tinha feito um perfil profissional. Eu nunca tive minhas redes abertas porque eu sempre trabalhei com investigação. Então, as minhas redes pessoais com fotos e coisas eram fechadas, sempre foram. Nunca deixei aberto. Mas eu recém tinha feito um perfil no *Instagram*... o *Twitter* era aberto porque eu sempre usei o *Twitter* só profissionalmente, mas eu fiz o *Instagram* profissional pra compartilhar conteúdo sobre gênero porque eu achei assim que a cobertura

extrapolava. Não, não conseguia abordar todos os assuntos nas matérias. Tinham coisas que eu podia aproveitar no meu perfil pra compartilhar com as mulheres e tava... recém tinha começado, tava crescendo de forma orgânica, as mulheres estavam curtindo, né, as publicações...

G: Tinha a ver também com o fato de você tá virando *freelancer*?

S: Isso, tinha, tinha, tinha. Eum eu percebia que eu precisava ter uma identidade assim, né, minha para além do veículo, né? E aí comecei a fazer essas produções assim por conta própria assim bem caseiras, né, no meu perfil. E aí esse perfil tava aberto. Então as pessoas me mandavam mensagens privadas, sabe? Mensagem privada, me marcava. Daí faziam publicações em perfis e me marcavam e... é isso, mensagem, comentavam as coisas, enfim. E aí começaram a fazer print nesse perfil porque, como era aberto, tinham umas fotos minhas, né? Daí começaram a printar minhas fotos e compartilhar... uma loucura assim, uma loucura, uma loucura. *Twitter*, uma loucura. E é uma coisa surreal porque a tua rede, ela fica intrafegável. Tu não consegue, tu não consegue achar uma mensagem de um amigo. Não acha mais nada. É uma... é uma loucura, assim. E aí eu fiquei desesperada. [pausa] Fiquei muito mal, enfim, daí eu acho que a Abraji já entrou em contato comigo naquele dia e comecei a fazer o contato com o *Intercept*, com o pessoal. Falei "Gente, o que que tá acontecendo? o que que é isso e tal?" E aí...

G: Foi a Abraji que te procurou, não foi você que procurou eles?

S: Eu não sei... naquele dia eu tava muito 'fora da casinha', assim. Mas eu acho que foi a Abraji que entrou em contato comigo. Acho que foi.

G: Foi no sábado que você disse que, né, da noite de sexta para sábado que tomou uma proporção não só de comentários ali discordando.

S: Isso, isso.

G: É... você decidiu denunciar?

S: [voz bem baixa] Não denunciei. [pausa] Não, não sabia o que fazer. [pausa] É... e logo depois vieram as ações cri... não criminais, as ações cíveis. E aí a gente tinha coisas mais sérias para se preocupar.... Não é mais sérias, mas tipo tô sendo processada, né? Os caras estão pedindo indenizações altíssimas. E aí eu recebi assistência do *Intercept* pra...

juridicamente, enfim, e fiquei envolvida com isso e perguntei o que eu deveria fazer e as orientações que eu recebi foi que não adiantava muito naquele momento ficar atrás de boletim de ocorrência, processar essa gente porque assim era muito perfil falso.... É... eu não sei te dizer assim, ó, é tão desgastante, cara, que eu não tinha condições, a menor condição de procurar a delegacia de registrar. Menor condição. Eu não tinha condição de olhar as mensagens. Eu tive que pedir ajuda, umas amigas minhas criaram um grupo, que eu tenho esse grupo *WhatsApp* até hoje. E aí elas criaram um grupo para me ajudar assim. "Ah, o que que a gente precisa fazer?" Eu dizia "Cara, eu preciso que vocês façam um print dos ataques e coloquem eles numa pasta, porque eu vou precisar disso depois". Eu tenho até hoje essa pasta, né, com os prints e tal. E elas me ajudaram, pessoal da Abraji também me ajudou a catar esses, esses ataques e fazer essa garimpada daí, porque eu não tinha a menor condição de ficar olhando aquilo, sabe? Tive que me afastar das redes, tive que fechar minhas redes... se não eu ia enlouquecer. [pausa]

G: E você disse que depois vieram... logo em seguida, vieram os processos judiciais. E aí, como é que foi isso? Você se sentiu mais... O que que te deixou mais abalada: os ataques digitais ou os processos?

S: Não sei. Te responder essa pergunta. Não sei o que me abalou mais, acho que foi uma mistura de tudo, assim. Acho que... eu não sei, é um turbilhão tão grande de emoção que eu não... eu não consigo te descrever assim. Não acho palavra assim, não sei... Mas tudo, a gente ficou muito, eu fiquei muito envolvida porque a gente tinha defesa pra fazer, então, já teve liminar ali, eu já tive que me manifestar nas redes sociais. Então, eu tinha, eu tinha, eu tinha compromissos. Eu tinha que... eu tinha prazo pra cumprir judicialmente. Ah, eu tinha que... tinha, tinha uma liminar da juíza que mandava a gente fazer algumas postagens nas nossas redes, então, eu tive que me preocupar com isso.... contato com os advogados. Eu era, toda vez que eu era intimada em casa, eu tinha que estar em contato com a juíza. Então, assim, eu tinha responsabilidades, a partir daquele momento, judiciais. E na justiça tudo tem prazo e.... não dá para pensar muito, sabe? Aí a gente tinha... eu ajudei a decupar os vídeos da audiência porque daí vieram algumas ques-, alguns questionamentos nos processos ali do que a gente falou na matéria. E aí eles vieram com alegações deles que a gente precisava responder. Então, assim, tive que ficar decupando vídeo de 40 minutos lá da audiência. Tive trabalho pra fazer, né? Então, tu não tem tempo de pensar muito, tu tá ali, vamo lá [faz estalos com as mãos] e é isso, sabe, assim. Acho que a ficha foi caindo aos poucos também, sabe? Não foi....

Da noite pro dia aconteceu essa avalanche que já me deixou "fora da casinha". "Fora da casinha" que eu digo assim, sei lá, cara, a vida vira de cabeça pra baixo. É uma loucura, assim, tu vive em função disso, tu não vive mais pra outra coisa. Eu tinha medo de sair na rua porque eu recebi minha ameaça de morte, né? E aí teve uma galera que jogou pedra num, lá em Florianópolis, no escritório de advocacia, é... achando que era o escritório que defendia a Mariana e não era. Então, eu tinha medo que as pessoas... porque como compartilhavam as minhas fotos, aí eu tinha medo que as pessoas, sei lá, que algum maluco me reconhecesse na rua e viesse me bater. Então, eu tinha medo de sair na rua, ficava só dentro de casa. Fiquei meio paranoica, assim, olhava na janela se não tinha ninguém lá fora me vigiando.

G: Por quanto tempo isso?

S: Sei lá, uns meses, assim... uns meses porque os ataques na internet foram por dois meses e i-nin-ter-rup-tos. Parou ali no Natal, sabe? Natal, Réveillon, deu uma parada assim. Mas até lá, todo dia. Todo dia vinha coisa nova. Ai achava uma coisa antiga minha, fazia montagem. Aí vinha uns vídeos meus... aí os... a galera de extrema direita, né? Ficavam me associando com questões políticas, sabe? Nada a ver com a história, assim. Aí já vira uma coisa que perde o sentido, sabe?

G: E você também, logo depois, chegou a privar seus perfis?

S: Sim, foi.... Não sei quanto tempo, mas em pouquíssimo tempo, eu já fechei tudo, assim. Foi a orientação que eu recebi das organizações, eu recebi suporte da Artigo 19, a gente fez algumas reuniões assim pra segurança virtual, né? E aí tomei algumas medidas de segurança lá que eles me orientaram. E a orientação que eu recebi foi nesse primeiro momento fechar pra eu não ficar em contato com essas mensagens, não era nem assim para me esconder, é pra preservar a minha saúde mental porque é isso não dá, não tem como frear. Aquelas mensagens vinham, vinham, vinham. E, se eu ficasse olhando aquilo o tempo todo, eu ia enlouquecer. Então, a orientação era “não olha agora nesse momento, deixa que a gente monitorea, deixa que outras pessoas olham e tenta se afastar das redes”. É o que dava, é o que dá pra fazer porque a tua rede fica in-tra-fe-gá-vel, não tem como. É só isso o tempo inteiro, então, não dá pra usar. Não dá pra usar rede social.

G: E isso foi te tomando tempo do seu trabalho também. Você precisou se afastar? Você tava com outros trabalhos, outras reporta...

S: Não, não consegui fazer mais nada. Não consegui fazer mais nada. Só fiquei em função disso. Não tinha condição de fazer nada. Eu achei que não ia mais conseguir escrever, fazer matéria. [pausa]. Fiquei ali final do ano todo em função disso. E virou ano e... sei lá, quando é que eu fui fazer uma matéria de novo. Aí o *Intercept* me passou um frila de... sobre vacina. Fiz uma matéria sobre vacina. Aí, depois eu fiz uma matéria sobre violência policial ainda. [ri com certo sarcasmo] Mas eu fiz com um amigo, a gente dividiu, gente fez uma parceria eu e o Yuri Potter, pro *Intercept*. Que era um assunto que eu já tinha, assim, que tava na gaveta pra fazer, aí fiz. E aí os meus amigos ali, que é o Fábio Bispo, que eu citei, o Yuri, e a Paula, e o Anderson Coelho também, que é um fotógrafo lá, que a gente mora, todo mundo mora Floripa, né? Começaram a me passar frilas, assim. Ah, tipo, eram coisas que chegavam pra eles e eles passavam pra mim. Ah, ou "vamos fazer junto, eu tenho essa foto para fazer, vamos fazer eu e tu". Aí comecei a fazer. Fiquei com medo de fazer matéria sozinha, assinar sozinha. Aí não, dividindo com outra pessoa, tu divide a responsabilidade, cê se sente um pouco mais segura, né? Aí comecei a dividir com com colegas assim, porque senão eu não... se não... se eles não me puxassem, eu não ia mais fazer, eu acho.

G: Você chegou a procurar alguma ajuda psicológica, psiquiatra?

S: Eu tinha uma psicóloga na época sim, tentei um pouco, mas não, não fiz muita, muita terapia, assim. Não tive suporte financeiro pra isso, não tive suporte financeiro, né?

G: Nem das organizações que já tinha entrado em contato com você?

S: Não, suporte financeiro, não. Nem psicológico. Eu tive apoio jurídico pro bono assim. Só que eu tinha assessoria jurídica do *Intercept*, né? Eles têm um escritório com vários advogados e até várias advogadas feministas até me procuraram, querendo pegar meu caso, sabe? Mas naquele momento, naquele turbilhão, tu não sabe nem o que fazer, assim. E aí, até meus colegas me orientaram assim "não, fica com o veículo", né? "Eles, eles... é a responsabilidade deles também, né? Então, como é que tu vai pegar uma, um advogado que tu nem conhece... por mais boa intenção que tenha". Meus colegas, eles falaram "tu não sabe quantos anos vai durar isso", né? Então, tu tem que ter uma segurança, assim. Não é assim, né? Porque é isso, é um monte de gente te abordando, assim como tu.... Eu recebi um monte de ataque, eu recebi um monte de apoio. E aí tinha gente querendo pegar meu caso, e advogados entrando em contato comigo... É uma loucura, tu não sabe nem com quem tu tá falando, quem tá te ligando, como que pegou o teu número, sabe? É uma loucura, assim. E aí

teve gente, tem gente que me questiona até hoje. "Ah, mas teve não sei quem que te ofereceu assessoria jurídica. Devia ter pegado lá Fulana com perspectiva de gênero". Gente, não tem como, assim. É uma avalanche de informação, não tem o que fazer. Eu confiei na assessoria jurídica que o *Intercept* tava me oferecendo e eu sou muito grata porque é um time muuuito qualificado. E é uma galera trabalhando. Não é um advogado, é um escritório, né? São várias pessoas. Tem advogados ali especializados na área cível, tem advogados especializados na área criminal, é um time de advogados, não é uma coisa barata.

G: Você ficou com medo por, assim, por mais que tenha escrito a matéria pro *Intercept*, você não é uma repórter fixa do quadro deles. Você ficou com medo que isso pudesse atrapalhar?

S: Sim, no começo, sim, eu fiquei com medo.

G: Deles largarem o barco.

S: Isso, eu fiquei com medo, sim. Mas aí não aconteceu, né? Tanto que eu recebo até hoje. Não, nunca paguei nada, né? Sempre o *Intercept* que bancou e meus advogados estão sempre em contato comigo... E... enfim, no começo, eu fiquei, lógico, com um pouco de medo porque nunca tinha acontecido, né? Mas eu tive a sorte também de estar no veículo que, que tinha esse suporte. Porque nem todos os veículos independentes tem... tem isso, tem esse recurso, tem esse essa capacidade financeira de oferecer apoio jurídico, né?

G: Cê se arrepende? De ter publicado?

S: Depende do dia. Tem dias que me arrependo. Quando... tá muito pesado assim, "Porr...se eu não tivesse feito essa matéria, não estaria passando por isso". Mas eu acho que quando eu tô mais sóbria, digamos assim, quando eu tô bem, quando eu tô mais.... quando eu não tô em momentos de crise, né? Eu... eu vejo que eu precisava ter feito, que... era minha responsabilidade e que eu acho que seria muito ruim também saber que aquilo tinha acontecido e não ter feito nada, sabe?

G: Um sentimento de cumplicidade em alguma medida?

S: É. Não, acho que é isso, assim. Já teve momentos que eu disse "ai, não devia ter feito" por tá em crise assim, mas é... a gente não tem muito controle das coisas, então, faz parte.

G: Antes do caso Mariana Ferrer, você via o jornalismo como uma profissão de risco, você já tinha passado por uma situação parecida como essa?

S: Sim e não. Já tinha, eu já tinha feito matérias de denúncia que eu tive que prestar depoimento no Ministério Público, depoimento na polícia de denúncias que eu fiz.... De sofrer processo, mas não no meu CPF, não pessoalmente. Eram... não, não tinham muito essa prática antes, né? Era mais contra o veículo, né? Então, eu me sentia super resguardada pelo veículo assim. Eu tinha essa segurança na *RBS*. Hoje é a *NSC*, mas era *RBS*, né? O *A Notícia* e os jornais que eu trabalhei eram todos os da *RBS*, os do Rio Grande do Sul também. Tinha um suporte jurídico muuuito forte, tem uma mulher, Anerilde, que é advogada da *RBS* em Santa Catarina. Nossa, eu falava com ela o tempo inteiro! Eu falava com o jurídico toda hora. Ficava "Anerilde, olha essa matéria pra mim?". E ela era muito, ela era uma advogada mais jornalista do que muito jornalista assim, sabe? [ri] Então, ela encorajava também assim, ela era maravilhosa. Então, tudo o que eu fazia já era respaldado pelo jurídico, sabe? Eu me sentia segura nesse ponto, assim. Eu acho que sempre foi... houve uma insegurança até assim, a gente nunca recebeu, né? Jornalista não recebe adicional de periculosidade, que deveria receber, né, pelo trabalho que a gente faz de risco. A gente ganha muito mal, a gente não é reconhecido, não tem esse reconhecimento. Eu sou do sindicato, por isso que eu tô falando isso. Eu sou do Sindicato de Jornalistas, então, assim, a gente tenta o mínimo assim, com as empresas, e não, não tem o menor interesse. A gente... sim, tem uma profissão de risco, eu sempre tive essa consciência, mas eu nunca tive noção de que poderia acontecer algo nessa proporção assim. Nunca... nunca imaginei assim, só vivendo pra tu saber o peso que é de passar por uma situação como essa. E de pensar se vale a pena continuar ou não.

G: O que mudou na sua vida?

S: Tudo, cara.... [suspira] eu não sou mais a mesma pessoa, eu acho.

É... profissionalmente, eu mudei minha forma de trabalhar. Eu parei com algumas denúncias, eu acho que em Santa Catarina, cheguei no meu limite. Eu não bato mais de frente com o judiciário, com o Ministério Público e polícia, porque eu também fiz bastante denúncia de violência policial. Eu acho que eu cheguei no meu limite e eu já fiz o que eu podia fazer. E eu estou satisfeita com isso. Não é assim só por uma questão de silenciamento e medo. Eu acho que eu fiz o que eu tinha que fazer. Eu não sou Deus, e eu não sou... a gente não é herói. A gente não tem que romantizar, a gente não é herói. Eu fiz o que eu tinha que fazer e outros colegas que façam agora, sabe? Porque, às vezes, vem muita coisa pra mim "ai, olha, só isso

aqui que tá acontecendo, tem que denunciar". Não, eu não tenho obrigação de denunciar, eu já fiz o meu papel. Outros colegas que estão vindo agora tem que fazer isso, sabe? Tem essa responsabilidade. Se eles não querem fazer, tudo bem, né? Mas assim, eu não tenho que achar que eu tenho que salvar o mundo e que toda a responsabilidade das denúncias é minha. Isso eu fui tomando consciência porque a gente entra na faculdade achando que a gente vai mudar o mundo, sabe? E a gente muda o mundo, às vezes, de uma pessoa. A gente muda. Mas a gente não vai salvar o mundo. A gente não vai salvar as pessoas. A gente tem que entender isso porque senão a gente entra numa, numa loucura também de heroísmo, que não é legal. Porque a gente não ganha pra isso, a gente não... a gente tem uma profissão sucateada, a gente tem... a gente não é valorizado. A gente tá numa onda agora de ataques violentos, né? Tanto físicos, a gente tem visto vários casos de violência física, violência virtual... eu não sou a única, tem vários outros colegas passando por isso. De assédio judicial, né, que virou uma coisa, um *modus operandi* de... de processar o jornalista e não mais o veículo, não só o veículo, porque é uma tentativa de silenciamento. Então, assim, eu mudei minha prática jornalística, eu não bato mais de frente com esses poderes, né, em Santa Catarina. Eu prefiro fazer denúncias em outros estados, pegar matérias de outros estados até pra me sentir segura fisicamente. Porque eu moro em Santa Catarina, não sei o que que pode acontecer comigo ali. Eu tive medo de ser... de acontecer alguma coisa comigo, né? Então, eu vou pra outro estado às vezes fazer uma denúncia e volto para minha casa, né? Acho que denunciar situações na cidade que tu mora, principalmente se for uma cidade pequena, acho que é problemático. Acho que é perigoso. Então, isso eu mudei, assim. Gosto de fazer matérias em parceria, mais do que nunca. Sempre gostei, na verdade. Nunca tive problema em fazer parceria, mas eu acho que é um modo de se proteger também. É... enfim, tomei uns cuidados extras assim, né? E pessoalmente mudou porque é isso assim, é uma jornada que tu segue. Judicial, né, de silenciamento, de autocensura. Eu cuido muito o que eu vou falar nas redes sociais, eu não fico tuitando o tempo inteiro, não fico falando, comentando tudo. Porque é isso, tu fica intimidada mesmo, né? Então, não ajo mais da mesma maneira que eu agia antes. Não tem mais... eu era mais corajosa. Eu acho que eu era mais corajosa, que eu era mais "Ah, vou fazer, tenho coragem de fazer isso". Hoje, eu já... eu piso no freio.

G: E.... é que eu ia perguntar outras coisas, mas você acabou já se antecipando....é... você pensou em desistir? Totalmente?

S: Pensei, pensei.

G: Em ir fazer outra coisa, assim?

S: Sim, pensei.

G: O que te fez seguir em frente?

S: Então, foi esses meus amigos, assim, que me puxaram, sabe? Acho que foi muito eles, assim. Porque, eu não... não via mais perspectiva assim. E ser freelancer também é muito difícil, né, tu tem boletos para pagar todo mês e aí não é um trabalho muito estável financeiramente, né? Eu sempre tive acho que um pouco de sorte, também acho que sempre fui uma profissional competente, então, sempre surgiram trabalhos pra mim. Também nunca fiquei sem trabalho, mas o fato de não ter aquela segurança incomoda, assim, é mais uma preocupação, entende? “Ah, eu tenho que pagar os boleto mês que vem e tal” aí surge uma coisa aqui, outra coisa ali, aí tu pega uma, duas, três, quatro. Aí quando tu vê, tu tá fazendo três, quatro coisas ao mesmo tempo. É meio loucura assim a vida, sabe?

G: Por outro lado, o impacto também da reportagem teve alguns efeitos. Um deles foi a própria lei Mariana Ferrer. Isso te deixou, te deu um gás, nesse sentido?

S: É... sim. Eu... Qual é a reportagem que fez, teve esse impacto de criar uma legislação, né? Então, a preocupação era com as vítimas de violência, né? Então acho que surtiu um efeito pelo menos positivo pras vítimas, né? Eu acho que a discussão foi bem importante, o debate sobre o assunto. E acho que a lei foi uma conquista, né? Me orgulho disso sim, com certeza. A lei, o protocolo de perspectiva de gênero do CNJ, essa decisão recente do STF impedindo que juízes promotores exponham a vítima. As grandes mudanças sociais partem desses, dos movimentos sociais, do jornalismo. Então, acho que me orgulho disso sim. [risos] Embora tenha sido muito pesado, mas acho que teve um efeito bem positivo nesse sentido.

G: E, nesse processo, acabou que no ano, no final do ano passado saiu o resultado da... de um dos processos que você foi envolvida, com uma decisão favorável ao juiz, né?

S: Juiz e promotor.

G: Ao juiz e ao promotor. Enfim, te pedindo para pagar uma indenização, um valor estratosférico e também com a condenação. Como é que foi essa questão?

S: Não sei nem....não sei dizer assim. [hesita] [suspira]. Mas é pesado, né? É pesado, é absurdo. A gente fica indignada, dá uma indignação, assim, uma tristeza porque eles estão atacando o mensageiro, né? E é um *modus operandi* que a gente tem visto assim com muita frequência e... eu me sinto intimidada, né? Tô sendo processada pelo juiz na comarca onde ele trabalha, né? Promotor também, então, com certeza eu me sinto intimidada, assim. Não é o mesmo peso, ainda mais quando o advogado deles é o ex-presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, que é uma pessoa influente, né? É... assusta. Intimida. E a repercussão mexeu muito comigo também, de novo, porque foi gatilho pra mim já da outra situação dos ataques lá atrás. Eu não fui atacada dessa vez, eu só recebi mensagens de apoio. Uma avalanche de mensagens de apoio. É bom? É bom, mas também é gatilho, é desgastante, traz sofrimento. Porque há uma exposição, né? Que a gente não tem muito controle também.... Ainda bem que eu não fui atacada de novo, mas... mas é gatilho, assim, é pesado.

G: Você sente que precisa, em determinados momentos, se afastar, pra não falar sobre isso?

S: Uhum, sim, porque eu me sinto revitimizada, né? Eu trabalhei muito esse assunto, então acho que eu consigo fazer essa leitura também, né? De certa forma, eu tô sendo vítima de uma violência, né? De várias violências. E falar sobre isso.... às vezes é cura e às vezes é revitimização, às vezes é pesado, né?

G: Você acha que a gente tem liberdade de expressão liberdade de imprensa no Brasil?

S: Não sei se tem uma resposta, sim ou não. Mas eu acho que a gente tá perdendo essa liberdade.

G: E o que que falta para que mais jornalistas, tanto homens, quanto mulheres, se sintam mais seguros?

S: Cara, eu não, não tenho uma receita de bolo, nem uma solução mágica, assim. Eu acho que precisa discutir, acho que as organizações precisam discutir é essa questão principalmente pra jornalistas independentes, autônomos porque a gente tá vendo cada vez mais as colegas trabalharem de forma independente. Se for ver aqui na Abraji, acho que a maioria das pessoas é PJ, ninguém mais é CLT. Tu não ver mais vagas CLT abrindo, o que te dava uma certa segurança trabalhista, hoje não tem mais essa segurança trabalhista. Tu fica a ver navios porque tu não tem mais esse vínculo empregatício, isso é bem sério, né? Principalmente para nós jornalistas, que a gente tem uma profissão de risco. Então, já não tinha tanto suporte

quando era CLT, né? Já não tinha esse adicional de periculosidade, essas coisas, nunca teve. Se tu for falar com o jornalista, nunca teve muito protocolo de segurança. Hoje já se fala mais em protocolo de segurança, né? Mas só falava-se nisso quando pra, pra jornalista que ia cobrir guerra, né? Não é.... às vezes a gente tá numa guerra aqui ó, do lado de casa, com o morro. Às vezes, a gente tá uma guerra com o poder judiciário ou, enfim, a gente se põe em risco de diversas formas, não é só cobrindo guerra, né? Então, nunca teve isso, né? Agora tá se falando muito em protocolo de segurança digital, é... segurança pessoal, enfim, mas precisa de mais, assim. A gente precisa pensar na pejetização, nos jornalistas independentes e as organizações precisam pensar em alternativas pra oferecer esse suporte jurídico, financeiro e psicológico. Sem isso, não dá para continuar fazendo denúncia. Porque é isso, a pessoa vai fazer, vai fazer, vai fazer até o momento que acontecer alguma coisa com ela que vai abalar, que vai, né, silenciar, que vai intimidar. Então, acho que é isso. Acho que precisa disso.

G: Tem mais alguma coisa que você queira falar?

S: Não sei, às vezes eu tenho medo de a minha fala desestimular também assim, né? Porque eu tô vivendo uma situação de violência, né? Então me desanima um pouco assim, né? Mas a gente tem que continuar lutando assim, mas eu acho que o jornalistas não têm que se matar também, se expor, ao ponto de colocar sua vida em risco, a sua sanidade mental em risco, né? Não sei como é que a gente vai encontrar o equilíbrio dessa balança, mas congressos como esse aqui tem que servir pra isso. Pra a gente discutir e tentar encontrar um caminho porque senão vai ficar cada vez mais difícil, né? As pessoas vão se silenciando, vão desistindo, vão cansando... vão fazendo outras coisas, né? Então, acho que, acho que é isso. Acho que a gente tem que procurar caminhos, assim, de continuar fazendo jornalismo no Brasil. Acho que é isso.

G) Renata Cristiane

Entrevista realizada em Cabo Frio (RJ), no dia 20 de setembro de 2024.

G: Bom, Renata, obrigada mais uma vez por aceitar esse convite.

R: De nada, Giovana.

G: É.... vamos dar início a essa entrevista que, como eu falei, é mais uma conversa. Eu queria começar te perguntando o básico pra você se apresentar, falar como é que você gostaria de ser chamada, contar um pouquinho sobre você, de onde você é, quantos anos você tem.

R: Meu nome é Renata Cristiane de Oliveira, Meu nome profissional é Renata Cristiane. Eu tenho o meu próprio portal de notícias, chama *RC24H*, ele tem 11 anos de fundação. Eu fui a precursora no webjornalismo no interior do estado do Rio de Janeiro. Eu comecei a produzir conteúdo para o interior, antes do *GI* interior entrar em ação, antes da *Globo* pensar nesse projeto de dividir canais e páginas pra, pra dentro das cidades do interior do estado. Hoje também presto serviço pra uma empresa grande de comunicação, que é *O Dia*, um jornal que tem 75 anos. Eu sou editora dos municípios da região dos Lagos, nem todos, mas boa parte deles também. E.... é... moro na região dos Lagos desde 1999. Tenho 51 anos, vou fazer 52 anos mês que vem, em outubro. Estudei comunicação na Facha nos anos 90, começo dos anos 90. E... logo que, tinha aquele sonho romântico de morar em cidade pequena e tudo, gostava, aí vim pra cá pra conhecer. Tive uma experiência de trabalho muito ruim. Eu, enquanto estagiária de comunicação, trabalhei numa empresa nos anos 90, que antes do celular existir, tinha os aparelhos de telemensagem chamados *paggers*, que hoje estão famosos aqui por causa daquela explosão que teve lá em Israel, no Hezbollah, aquele conflito no Oriente Médio. Aquilo é o precursor do telefone celular e eu trabalhei com aquilo e sofri um processo de discriminação racial dentro da empresa que eu trabalhava e isso me deixou deprimida e eu fiquei um pouco desgostosa de morar no Rio de Janeiro. Aí desisti dessa vida, entrei numa piração de que, é.... não ia mais ter essa vida voltada pra trabalho, trabalho, trabalho e resolvi que viria morar na cidade do interior. Daí, saí buscando uma cidade, tinha simpatia pela região serrana, mas achei muito deprimente, meio fria, muito bucólica. Resolvi vir para a região dos lados e me apaixonei por Cabo Frio. Um mês depois que eu conheci, eu me mudei pra cá. No começo foi bem difícil, depois eu fui me adaptando. E lá se vão vinte e... sete anos? [faz as contas] Noventa e oito?

G: Vinte e cinco.

R: Vinte e seis? [começa a contar] Vinte e seis, vinte e cinco, vinte e seis anos. É, por aí. E o meu portal, como eu te falei, tem o portal *RC24H*, tem 11 anos, mas eu trabalho com

webjornalismo desde 2011. que foi quando surgiu o *Facebook*. O *Facebook* me despertou que eu tinha ali um negócio diferente. Eu tinha o *Twitter* também, começaram a surgir as ferramentas de redes sociais, e eu percebi que ali dava pra gente pendurar notícia. Aí fui pesquisar, tudo era muito embrionário, porque você não tinha tutorial no *YouTube*. Você não tinha o *YouTube*, né? Naquela época você não tinha o *YouTube*, pra você pegar um tutorial pra saber como é que você faz um portal de notícias, você não tinha. Então eu fui tateando, pesquisando e resolvi ir para a blogosfera. E depois, quando o trabalho já estava com dois anos consolidado aqui na Região dos Lagos, com liderança absoluta, absoluta, uma liderança inacreditável as coisas que eu fazia no começo. Era uma, era uma loucura o meu blog, era uma loucura. E aí começaram a surgir, lógico, outras pessoas copiando. E aí, eu resolvi partir para a horizontalização da notícia, porque o blog, como é aquele formato vertical, você empurra a notícia de cima para baixo, então o conteúdo do dia vai se perdendo. Então, a gente resolveu criar um portal completo só para discutir a notícia do interior, a notícia comunitária, a notícia local. E isso foi bem revolucionário. Então eu peguei todo o processo embrionário, né?

G: E aqui vocês cobrem não só Cabo Frio, é toda a Região dos Lagos?

R: Toda a Região dos Lagos, a gente faz Maricá, Saquarema, Araruama, Iguaba, São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, Arraial do Cabo, Armação dos Búzios e eventualmente Macaé, Rio das Ostras.

G: Nossa, até Macaé!

R: Então, é porque são regiões que têm muito a influência dos *royalties* de petróleo, então elas dialogam, tem em o Comitê de Bacias, tem a influência da Lagoa de Araruama. Então acaba que são todas as cidades que se confundem com uma política de gestão que se entrelaça, que transversaliza. Então, a gente acaba que... os prefeitos estão sempre nas mesmas associações, as lutas são um pouco parecidas, as demandas são muito parecidas. Então, acaba que a gente foi sentindo necessidade de não ficar só discutindo Cabo Frio. E aí começa, “ah, está acontecendo isso em Arraial, está acontecendo isso em Búzios”, Búzios então, uma cidade que é uma referência nacional. E aí a gente foi conseguindo consolidar o nosso trabalho. Eu, na verdade, começo aqui na região dos Lagos, abordando o jornal impresso, com os jornais da cidade aqui, depois eu acabei indo pra rádio, depois fiz um pouco

de TV a cabo. Aqui a região, a cidade, ela tem uma particularidade que já foi objeto de pesquisa, de mestrado, uma amiga minha que inclusive foi coordenadora de um curso de Comunicação aqui na Avenida Jameira. A região, a cidade de Cabo Frio, tem uma especificidade. O povo aqui é muito apaixonado por comunicação, então aqui nós temos quatro canais de, de, de... TV a cabo, que só fala pra cidade. A *Jovem TV*, a *Cabo Frio TV*, a *TV Alto Litoral* e a *Ok TV*. E aí, além disso, também, a gente, sei lá, tem uns oito portais de notícias, todos me copiando, todos me copiando, porque parece que eu tô falando com uma fala soberana, mas todos inspirados no *RC*, inclusive copiam o formato da notícia que eu dou, o modelo, o estilo, é bem... legal, assim, que a gente acabou estabelecendo um padrão de webjornalismo. E aí, hoje, eu estou aqui, Já era para eu estar num tamanho maior, só que, infelizmente, a gente não tem os investimentos que o *Grupo Globo* e outros grupos recebem. Mas a gente está aqui sobrevivendo.

G: É... queria voltar um pouquinho e te perguntar assim, como é que foi esse processo para escolher? Por que você decidiu fazer jornalismo? Como foi? Sempre quis?

R: Essa é uma boa pergunta. Não fui eu que decidi fazer o jornalismo, foi o jornalismo que decidiu que eu deveria me entregar de corpo e alma, mas eu tenho uma outra formação também, sou professora de História, mas a História acaba que ela só vem, apesar de eu ser apaixonada por História, um dos meus objetos de interesse sempre foi História da Imprensa, História da Comunicação, o surgimento da comunicação... A minha primeira oportunidade de viajar para a Europa, eu fui lá em Mainz, conhecer o Museu do Gutenberg, onde fui ver a primeira máquina de imprensa. Então é uma questão que sempre me interessou, a comunicação.

G: Você fez primeiro o curso de História?

R: O primeiro, Comunicação pra Jornalismo, e depois eu fui fazer História. Eu fui fazer História aqui, quando eu cheguei aqui. Cidade muito conservadora, muito parada na época que eu cheguei aqui. Aqui a maioria é evangélica, eu tinha dificuldade de fazer amizade aí... Veio pra cá, o campus da Veiga de Almeida, eu resolvi me matricular de brincadeira pra fazer a amizade e me apaixonei por História e acabei fazendo História também. Mas, é... a coisa do jornalismo, ele surge muito... Eu... eu não sabia que eu era uma comunicadora, eu falo isso para a juventude, todos as vezes que eu tenho oportunidade de ser convidada para

falar com os jovens das universidades. Porque os comunicadores são bichos diferentes, eles não são pessoas, é... como as outras pessoas. Nós comunicadores somos diferentes, a gente enxerga o mundo de outra maneira. E, nesse, nessa coisa de enxergar o mundo de outra maneira, a gente se distingue dos outros com muita... muito... muito destaque, com muito... E aí eu, quando criança, tinha essa coisa de... Brincava que era jornalista, tinha máquina de escrever, então ficava brincando, de tava trabalhando numa redação. E quando fui ver, isso fazia parte da minha vida. Mas, verdadeiramente, eu tive umas experiências da vida estranhas que... Mas, numa dessas, eu trabalhei numa empresa no Rio de Janeiro que vendia material fotográfico numa época que a fotografia era analógica. Então, né? Quantos anos você tem, Giovana?

G: 25.

R: 25. Giovana, antigamente, pra você fazer uma foto, você tinha que ir numa loja. Você comprava um filme, ele vinha num rolinho assim. Aí cê tinha que ter uma máquina fotográfica.

G: [risos] Eu tive uma câmera analógica.

R: Aí você fotografava e depois você levava pra quê?

G: Pra revelar.

R: Pra revelar. E se você tivesse encaixado o filme direitinho, tivesse feito tudo certo, tivesse feito diafragma com a velocidade, aí a foto sairia boa. Aí você era fotógrafo. Aí tu era fotógrafo. Hoje em dia não, você tem um celular desse aí que você faz foto maravilhosa no automático. Eu vendia, eu vendia esse material. Eu vendia o filme, eu vendia o papel fotográfico, eu vendia as soluções pra revelar. Não eu, meu patrão. Eu trabalhei numa empresa que vendia material da *Ilford*. *Ilford* era a única empresa no Brasil que vendia material fotográfico pra fotógrafos profissionais que atuavam com alta granulação. Então, moda, revista, uma foto mais artística, porque a gente trabalhava preferencialmente com preto e branco. Então a gente tinha filme de 1.200 asas, 400 asas, 600 asas, papel fotográfico pro cara que tinha um laboratório, as soluções, o revelador. Então, eu trabalhava com aquilo, ligava para os fotógrafos, nós tínhamos uns catálogos dos fotógrafos do Rio de Janeiro, e eu

ficava o dia inteiro ligando pra eles pra saber se tinha acabado a solução deles de revelação, se ele tava precisando do material, que tava na promoção, a lata de filme. Numa dessas, eu liguei prum cara, que era professor de fotografia, e ele virou pra mim e, conversando, enquanto me via, ele falou, “nossa, você é muito comunicativa, por que você não estuda comunicação?” Eu não sabia nem o que era comunicação. “O que é isso?”, “A comunicação, você não sabe não?”, “Não, sei não”, “Ah, você pode ser jornalista, você pode ser em relações públicas”. Naquela época, era assim, você escolhia se você ia ser RP, PB ou se você ia ser jornalista. “Eu vou dar aula na Facha”. “Onde é?” “Botafogo, vai lá ver. Inclusive tá abrindo vestibular agora”. Falei, “é?” “É”. Aí resolvi ir lá. Fui lá e achei um lugar legal, tava meio perdida na minha vida, não sabia direito o que eu ia fazer, resolvi me inscrever no vestibular. Passei! Mas não tinha nem o dinheiro pra pagar a primeira mensalidade. E aí passei. Falei, sei lá, eu consegui arrumar um dinheiro pra pagar a primeira mensalidade. Consegui arrumar um dinheiro pra pagar a segunda. E assim fui, fui me apaixonando, fui entendendo. E aquilo mudou a minha vida completamente, porque ali eu entendi como pessoa, ali eu vi qual era a minha praia, as coisas que eu gostava. Eu não sei como é que está hoje a Faculdade de Comunicação, acredito que a UFRJ deve manter muito do, das... das matérias que eram tradicionais nos anos 90 e 80. porque a gente estudava comunicação comparada, comunicação em cinema, comunicação estética, laboratório, radiojornalismo, então aquilo era uma delícia ficar lá dentro da faculdade, fazendo aquilo, pensando naquilo. Que eu sou de uma família muito humilde, minha mãe estudou a quarta série, minha avó, era semi-analfabeta, eu não conheço. Era analfabeta! Minha avó falecida, analfabeta, porque tinha o dedão na carteira de identidade. Não tenho pai... então era uma família assim que não entendia nem que fazer faculdade era importante. Entendia que a gente tinha que ficar em um emprego de balcão, balconista em algum lugar pra se virar. E aí foi onde, pô, esse cara falou isso pra mim, pá! E quando eu cheguei lá e eu vi aquilo tudo, eu falei, uá! [faz gestos com as mãos] Aí quando eu dava por mim tava discutindo filosofia, tava discutindo sociologia, tava discutindo estética. Falei, “nossa, isso tudo é maravilhoso!” E aí comecei a me apaixonar. E aí, foi onde eu descobri a minha vocação e entendi que aquilo podia ser pra mim, sim. Eu tô falando pra você dos anos 90, onde a única pessoa preta que tinha na televisão era a Glória Maria. Não tinha ninguém, não tinha nenhum jornalista negro na televisão que não fosse a Glória Maria.

G: E como é que era dentro da faculdade, da Facha? Tinha pessoas negras?

R: Duas ou três, no máximo.

G: E mulheres?

R: Mulheres negras, então, minoria ainda... Apesar que era mais fácil você encontrar mulher negra do que homem negro. Mas tipo, pô, a faculdade devia ter, sei lá, 3 mil alunos, tinha uns 10 negros. Entendeu? Era uma... Também lembro até que a gente tinha uma professora muito polêmica, a Valdereza, era de Antropologia. Ela uma vez deu um tema falando sobre racismo, e era uma dissertação, jogou, e ela virou e falou assim, escreveu no quadro, escreveu no quadro e falou assim, “olha, não escolham esse assunto aqui, porque quem escolhe esse assunto sempre chega e tira zero”. Aí eu falei, “porra, eu sou negra, né? Como é que eu não vou saber falar sobre isso?” Escolhi, tirei zero. [ri]

G: Na prova?

R: Tirei zero.

G: Como é que era essa experiência?

R: Ah, eu não tinha nem consciência racial. Não tinha consciência racial. Eu só fui ter consciência racial quando eu sofri discriminação. Assim, quando eu sofri discriminação, a vida inteira a gente sofre o racismo, o racismo não é uma questão que você escapa. Você sofre de racismo o tempo inteiro. Só que o racismo descarado, muito escroto, que me traumatizou, eu sofri numa empresa que eu fazia estágio, comecei como estagiária lá de comunicação, era mais na função de RP, mas, como pagava bem, eu acabei topando. Só que aí chegou lá, teve uma troca de diretoria e a diretora fez uma reunião entre os superintendentes, supervisores e coordenadores de equipe, E me citou como um mau exemplo de aparência, dizendo que eu, quando me aproximava do cliente, o cliente não sabia se eu ia roubá-lo ou vender pra ele. E aquilo causou um mal-estar. Uma dessas pessoas que estavam nessa reunião se posicionou e disse que achava que aquela fala era racista. Essa pessoa me trouxe essa informação e falou pra mim, “você vai ser demitida-”. E tocou a pele e falou assim, “por causa disso”. Falou chorando e eu fiquei um pouco assustada. Sei lá, dez dias depois disso eu fui demitida, e aí ela explicou pra mim, aí eu fui procurar e tal, entrei com uma ação só que nunca deu em nada, a delegacia não acatou a denúncia, o Ministério Público não reconheceu aquilo.

G: Quando ela veio falar diretamente com você, ela justificou por que que estava

denunciando?

R: A chefe não veio falar com isso comigo, quem falou foi uma supervisora que se via, se entendia como uma mulher negra. Ela era evangélica, uma mulher muito correta, que eu não lembro nem o nome dela, mas foi uma mulher muito, muito correta, muito séria. Ela virou e estava passando pelo corredor da empresa e ela encontrou comigo e falou assim... [cochicha] “Preciso falar com você”. Aí ela me puxou pra dentro do banheiro da empresa, trancou, era uma empresa muito grande, tinha dois andares ali na Voluntários da Pátria, bem pertinho do metrô. Ela me puxou pra dentro do banheiro e falou assim, “olha, você vai ser demitida daqui a uns dias. E eu não tenho nem coragem de dizer o motivo”. Fiquei assustada. Aí ela só fazia assim. [esfrega a mão no braço] “Eu falei, mas o que é isso? Por causa disso?” [faz o mesmo gesto, mostrando a pele] E aí saiu do banheiro e me largou lá. Eu fiquei confusa. E aí fiquei assim, sem saber o que que tava acontecendo. E aí chegou a demissão. Quando foi a demissão, nós nos falamos e ela explicou. “Olha, no dia tal, aquele dia que eu encontrei você, eu tinha acabado de sair de uma reunião e você foi citada como um péssimo exemplo de aparência. Você seria demitida porque você, quando se aproximava do cliente, o cliente não sabia se você ia roubar ou vender, por isso tinha que procurar gente com um padrão de beleza mais caucasiano, branco, uma coisa assim”. E eu era realmente a única pessoa preta. Mas eu não me reconhecia, eu não me entendia como negra, porque o que acontece quando você vive num ambiente que, embora eu morasse na Zona Sul, morava em Copacabana. Minha família toda é de São Paulo, meus pares todos são de Santos, São Paulo, mas minha mãe foi morar no Rio. Então, havia uma falsa democracia racial e eu fingia que não estava entendendo as piadinhas racistas, eu fingia que não percebia que eu tava sendo discriminada, eu fingia que não tava percebendo que estava sendo preterida pela minha aparência, até que chegou esse fato que foi muito... é... agudo, e aí eu virei a chave. Eu falei, “não, não tenho culpa de eu ter nascido com essa cor”. E foi onde eu fiquei desgostosa. Falei, “quer saber, vai tomar no cu de todo mundo, vamos embora pro interior, vamos morar em outro lugar aí”. E aí, peguei meu carro, tinha um carrinho, uma Fiat Uno, saí procurando uma cidade que fosse mais tranquila. Achando que no interior ia ser menos racismo, que ia ser menos homofobia, ia ser menos preconceito.

G: Você tinha quantos anos nesse estágio?

R: 24 anos. E aí eu vim embora, mesmo pra cá, e quando chegou aqui, muito pior. Muito

mais racismo, muito mais homofobia, muito mais xenofobia, muita intolerância religiosa. Falei, puta que pariu, mas eu já tava aqui. E agora....Mas enfim, as coisas foram acontecendo e...

G: Deixa eu dar uma pausa, que às vezes eu tenho medo que pare de gravar.

R: Mas é isso, foi aí que eu cheguei por aqui e aí, de certa maneira, fui conseguindo...

G: Cê veio pra cá, meio sem plano, só “quero fugir do Rio”.

R: Quero fugir do Rio, tô fora, não quero saber. Tava disposta a botar um...um isopor no ombro e vender picolé na praia, mas não compactuar mais com a sociedade capitalista burguesa, ter uma vida alternativa, viver mais simplicidade. Na época, os alugueis aqui eram muito baratinhos, tinha uma qualidade de vida melhor. Hoje os alugueis aqui são tão caros quanto a zona sul do Rio de Janeiro. E aí fui, aí depois, nessa fase de ter dificuldade de me adaptar, foi onde abriram um curso de História. Falei, “vou lá ver se eu conheço”, já tinha noção que o espaço acadêmico é muito bom pra você *networking*, você conhecer gente, aí foi exatamente o que aconteceu. Fui estudar História, conheci um monte de gente legal, um monte de maluco, e aí fui fazer uma nova turma, e aí as coisas foram acontecendo naturalmente.

G: E aí você comentou que chegou a trabalhar com jornalismo na época

R: Aí foi onde, trabalhando como... estudando História, o professor... eu tinha deixado o meu currículo aqui em alguns jornais da cidade e ninguém me chamou.

G: Já estava formada?

R: Já. A região é muito xenófoba. Os municípios da Região dos Lagos, a população não gosta de turista. Ela gosta que o turista venha, gaste dinheiro, curta e depois vá embora. Mas eles não suportam que você venha pra morar. Porque no entendimento você rouba o emprego deles. Você rouba o lugar deles. Eles entendem que os cargos da prefeitura, os cargos são deles. Então é uma mistura do público com o privado muito forte. Então quando o cara vem descolado do lado, sai de outra cidade descolado com um olhar, o cara fica puto. “Pô, vou

roubar meu emprego?” “Pô, esse cara é bom pra caramba” “Pô, esse cara estudou, não sei o quê” “Pô, esse cara lá tá pro Rio, lá da capital”. “Esse cara viajou, não sei o quê”. Isso irrita eles. Então no começo foi muito difícil. Eu só fui romper com essa fronteira porque estudando História, o coordenador pensou em fazer um congresso, o primeiro Congresso de História da Região dos Lagos. E aí, eu me ofereci pra fazer assessoria de imprensa. E aí o trabalho foi bem feito e eu fui convidada a começar a trabalhar nos veículos de comunicação. E aí as coisas foram acontecendo.

G: E como é que foi essa experiência nos veículos? Você passou por quais veículos aqui mais locais?

R: Passei por veículos, só os veículos locais aqui eu passei. *Rádio Ondas, Rádio Litoral, Jornal Hoje, Folha dos Lagos, Rádio Sucesso FM...* Tive programa em algumas emissoras, trabalhei... Tive minha própria revista, trabalhei.... em várias rádios aqui, rádio de Macaé, rádio de Búzios, a rádio... Aí fui, fui... emissoras de TV local, tive meu próprio programa de entrevista. E aí as coisas foram acontecendo. Até que começou a surgir esse negócio do webjornalismo. Eu entendi ali uma brecha, uma fenda. Eu trabalhava numa emissora de rádio, que eu fui demitida dessa emissora de rádio. Já tava com o meu blog, meu blog era um sucesso. Falei, “bom, não tenho muita opção, vou ter que encarar de frente, deixar disso ser apenas mais um negócio que eu trabalho e ser o negócio que eu vou trabalhar”. E começar a gerar emprego pra mim e quem sabe pros outros, né? E hoje a gente gera aí dez empregos diretos e indiretos.

G: Que legal. Quando você vem pra cá e aí começa, finalmente, consegue se inserir no mercado, né? De comunicação, como é que era a formação dessas redações que você trabalhou? Tinham muitos homens, mais mulheres, mais homens, pessoas negras, pessoas brancas, como é que era?

R: É, sempre pessoas brancas. E... a maioria... assim... Eu trabalhei numa redação que só tinha mulher, que era a *Folha dos Lagos*, era bem legal. Eu trabalhei em outros que era meio a meio. Mas o ambiente mais legal que eu trabalhei foi a *Folha dos Lagos*, onde só tinha mulher. O resto, quando eu trabalhava com homens, foi bem difícil. Os homens tinham muito ciúme de mim, tinha uma competição ruim e tal. Mas, assim, pretos nunca. O único lugar que

eu trabalhei que tinha mais pretos do que brancos foi a *Rádio Litoral*, que é uma rádio aqui, que é de uma família muito tradicional da comunicação do estado do Rio de Janeiro, dona, inclusive, foi chefe de gabinete do governo Garotinho, quando ele foi governador, e curiosamente na empresa dele tem mais pretos do que brancos. E aí é legal. Doutor Augusto Ariston. Eles prestigiam, eles gostam, assim, né? Não enxergam a cor da gente, é bem legal.

G: E você sente que essa desproporção na formação dessas empresas interferia nas relações de trabalho, interferia no dia-a-dia?

R: Então, assim, agora a gente está vendo, a *Globo* tem prestado um serviço muito importante, eu andei conversando com um amigo que trabalha, o Joel, que é da... conheci agora, um amigo, né? Conheci ele agora, esse final de semana. Ele é da... Educafro. E ele estava falando pra mim que a *Rede Globo* estabeleceu um protocolo de *fifty fifty* pretos. E agora eles estão se virando nos 30 para arrumar pretos. E, não sei se você acompanha, mas o *RJTV - 1ª edição*⁹⁴ do Fachel, é uma delícia.

G: Eu trabalho nesse jornal.

R: Meu Deus, aquilo é maravilhoso. Os jornais, aquelas meninas todas negras. Nossa, aquilo foi maravilhoso.

G: Tem a passagem de bloco entre jornais. Agora eles estão fazendo um negócio que divide a câmera em três. E aí outro dia, acho que não lembro se foi Francini ou a Victória...

R: Nossa, a Francini é maravilhosa! Porque ela é lésbica. Você vê que ela não força uma feminilidade. Isso não, isso não era possível no meu tempo, Giovana! Nada disso era possível no meu tempo! Então, quando eu ligo a televisão, eu vejo aquilo e vejo o Fachel falar, a Silvana que conhece cada greta do subúrbio, cada viela que ela sabe se pegar, rua tal, sai daqui, foge do congestionamento, ela fala. É subúrbio, na veia, você vê o povo demais naquele jornal, eu acho a melhor coisa que tem na televisão brasileira inteira. E olha aqui, eu tenho minhas dúvidas se não é no mundo. Porque, como eu sou apaixonada por comunicação, já tive a oportunidade de conhecer 12 países, e todos os países que eu chego, a primeira coisa

⁹⁴ Ela se referiu ao Bom Dia Rio, apresentado por Flávio Fachel e Silvana Ramiro.

que eu falo é ligar o telejornal. Ninguém faz um *RJTV - 1ª edição*, com o Fachel e Silvana... Agora tem que ser Fachel e Silvana! Porque o cara parece que um completa o outro e eu vibro, eu fico imaginando o trabalhador, a dona de casa, aquele monte de repórter preto descolado, aí tem aquele... Anderson, Uenderson⁹⁵ também, que é gay, que você vê que ele é visivelmente gay, também tem aquele outro também. Então você tem que... Puta, é tão legal isso! O cara entra a falar de macumba, daqui a pouco o cara entra e você está a falar do subúrbio, de uma roda de samba, não sei o quê... Isso é o Rio de Janeiro, cara. Finalmente! Porra, é um jornal que representa o Rio, sabe? É muito gostoso poder assistir isso, ver essa mudança, porque eu sou da época do jornalismo, analógico, você tinha que sentar a escrever num pedaço de papel, numa máquina de escrever, aquilo saía, ia pra tipografia, aquele processo todo. Quando você vê que eles estão procurando pretos pra poder botar na grade, isso é um negócio incrível. E aí fica aquela, quase aquela vontade de, “poxa, se eu fosse jovem hoje eu teria facilmente uma oportunidade e teria arrebitado!”, porque eu adoro esse negócio de entrar dentro de favela, de fazer aquela pergunta de consequência, cara de pau. Então isso ia ser demais, assim, de botar a cara pra fora mesmo, botar a cara na janela. Tem uma menina, esqueci o nome dela, que tem o cabelo, bem pretinha também, que tem o cabelo assim, linda.

G: É, bem novinha, né? A Victória Henrique, pode ser?

R: Não, mas ela é preta. A Vitória Henrique, ela é bem... A outra bem pretinha também.

G: Ah, a Anna Beatriz?

R: A Anna Beatriz! A Anna Beatriz era correspondente aqui de Maricá. Ela começou na *InterTV* local. E eu vi essa menina e falei, “pô, essa menina é boa!” Daqui a pouco eu vi ela e pensei, “nossa, a menina é legal!” Aí tinha um amigo meu que trabalhou aqui, talvez você já ouviu falar dele, o Ivan Lemos. Ele trabalhou lá no “Primeira Edição”, ele era editor e não gostava dela. E uma vez a gente conversou e falei, “cara, a menina é muito boa”. “Ah, a menina é metida, não sei o que, não sei o que lá”. Ele estava de férias, “quando eu voltar de férias eu vou demiti-la”. Aí eu virei pra ele e falei assim, “Você tá parecendo racista”, “Não, que isso, não é racismo”, “Por que você não gosta dela?” “Não, porque ela é metida”. Bom,

⁹⁵ Provavelmente, se referia ao Alexandre Henderson, repórter da *TV Globo*.

no final das contas, ele... o santo dela é forte. Ele teve um *burnout*, pediu demissão da *Globo*, e ela tá lá, brilhando, maravilhosa, não erra a passagem, toda linda, toda perfeita, toda foda. Muito incrível. Adoro, viu? Adoro.

G: E teve um dia, que eles agora estão fazendo essa passagem de bloco, que dividiu a câmera em três, aí eu acho que tava a Anna Bia, a Victória e a Francini, assim, aí postaram, acho que foi a Victória que postou, aí comentaram nas redes. E é muito impressionante como isso tem um retorno da população. Elas recebem várias mensagens, “Nossa, que legal, eu nunca tinha visto uma repórter preta que nem eu”. “Que legal que isso é possível, né? Vocês me inspiram”. Então, acho que isso é uma mudança que está sendo aos poucos na empresa, mas que está tendo um retorno muito, muito valioso, muito importante.

R: Eu nunca, enquanto estudante de comunicação, me vi fazendo telejornalismo. Isso não era uma coisa que passava na cabeça. Eu tinha uma visão exata, noção, que um papel que me cabia, no máximo, com muita sorte, seria estar dentro de uma redação escrevendo um impresso, em que ninguém veria uma foto minha. A foto que eu tirei, ok, mas não a foto minha ali, isso não existia. “Não, porque televisão é coisa pra branco, gente branca, loura, de olho azul”, então não tinha. Então, quem tinha, quem aparecia era Zileide Costa e Glória Maria. Ponto. Não tinha mais. Então, quando você vê essa representatividade, essas meninas que hoje são, você vê que estão aprontando pra caramba. Pessoal bota a cara, a juventude. Então, eu acho isso maravilhoso. Eu acho que isso, a *Rede Globo*, tem que tirar o chapéu pra eles, que eles dão aula.

G: E você sente que isso aqui foi algo que te atrapalhou, assim, essa questão?

R: Ah, muito me atrapalhou, porque você imagina, né, o padrão estético ainda é branco. Eu tenho dificuldade, quando o Witzel⁹⁶ era governador, uma vez ele veio aqui fazer um lançamento, entregar um cheque aí, inclusive um cheque caô, acabou que depois ele nem pagou. Eu fui entrevistá-lo, o cara foi se meter na minha frente, “não, não, não, você não é jornalista, ela não é jornalista”. Aí eu olhei para o cara, o cara me deu uma escaneada assim, ó. “Não, ela não é jornalista, não”. Ele botou assim na frente e eu falei, “Ué!” Aí a pessoa falou, “é jornalista, sim!”. Começou uma confusão. Aí a Helena, esposa dele, falou assim,

⁹⁶ Wilson Witzel, ex-governador do Rio de Janeiro.

“gente, por favor, vamos se acalmar. Vai lá, pergunta”. Aí eu perguntei, peguei e saí fora. Esse Cláudio Castro, mesma coisa, uma assessora dele também, começou a me boicotar direto. Aí os colegas da imprensa local viraram e falaram assim, “olha, você respeita ela, porque essa aqui é uma jornalista muito importante da nossa região”. Ou seja, há um desmerecimento no olhar. Justamente porque as pessoas estabelecem como padrão, agora isso está mudando. A gente tem produtos como o *ICL Notícias*, não sei se você consome, acho que ele oferece um padrão estético, né... Os âncoras dele são múltiplos, são diversos. Ó, tem aí também outras TVs, canais no *YouTube* que oferecem... Aí eu botei essa proposta, né? O Defol, é Defol, né? Defol, aquele doidão que faz esporte.

G: O Defante?

R: Defante! Doidão que faz... A galera tá mais solta, entendeu? Tá mais descolada, tá mais à moda Bangu. Isso é libertador. E eu te aponto que quem promoveu essa ruptura com um modelo de jornalismo, “vamos deixar esse padrão *Globo* pra lá e vamos inventar um outro estilo de jornalismo” chama *Mídia Ninja*, com os protestos de 2013. *Mídia Ninja*, quando começou a fazer as transmissões ao vivo dos protestos na Presidente Vargas, na Rio Branco, que botava mil, duas mil, três mil, que cada vez batia... sem ter esse negócio de um cara fazendo a passagem, microfonezinho, nhenhenhe. Não. Era aquela coisa louca, o outro tremulava, a gente entendeu. “Pô, a gente pode fazer também, cara. Peraí, olha aí, tem um negócio aí, ó”. O povo se interessa por isso. Eu percebi, falei, “Olha! É possível fazer isso, então?” Aí eu falei, “bom, se é possível fazer isso, eu não preciso ter aquele, a câmera trombone, um negócio deste tamanho, sair com cinegrafista, sair com motorista”. Não, cara, o jornalista, o jornalismo pode ser bem objetivo, bem direto, Eu aqui, com o cara, com o internauta, com o leitor, não tem esse negócio de chama o câmera, chama o motorista, traz uma câmera de não sei o quê, bota isso, bota aquilo, liga a luz, não, vambora, com o celular, pô! E agora, então, com o *iPhone*, pô, você faz o que você quiser com isso aqui, cara, só falta voar esse negócio. Então, eu acho que, assim, essas linguagens foram revolucionárias pra gente, pra gente.... é... popularizar. A revolução da comunicação no sentido de tirar o poder de informar dos grandes grupos. E eu... Se *O Dia* me contratou pra trabalhar, pra prestar serviço pra eles, o que é mais barato eu prestando serviço sendo dona aqui, sendo a manda-chuva da região, do que ele pegar e montar uma redação aqui. Ele terceiriza a redação. Se ele ligar pra mim aqui, três horas da manhã, “tá acontecendo não sei o quê”, eu tenho que me virar.

G: E quando você começa nesse movimento pro webjornalismo, como é que isso é recebido aqui, como é que foi?

R: Então, foi uma revolução, porque eu já era conhecida no radiojornalismo, era uma excelente jornalista de rádio, é minha paixão o radiojornalismo, o povo amava, graças a Deus, sou carismática, sei me comunicar muito bem com rádio, adoro fazer rádio. Tinha uma voz legal, marcante, né? Então, aí, perdi o emprego de rádio. Foi onde fui cair direto no web. E aí, começou também essa história de você filmar, de você fazer os vídeos, de você... né? E aí, começou, tal, a apresentar um pouco esse formato e foi transformando. Então, foi muito enorme. Foi muito pioneiro. Todo mundo ficou doido. Pô, nossa, o pessoal pegaram muito conteúdo meu aí, da capital, São Paulo, BH e do fora, muito conteúdo nosso aqui. Às vezes, a gente dava uma pauta aqui, que ia parar no *Domingo Espetacular*, *Fantástico*. A pauta que a gente tinha trabalhado. O escândalo, por exemplo, do Glaidson Acácio dos Santos, o “Faraó dos Bitcoins”, fui eu que descobri. E fiquei entre a vida e a morte aqui, porque simplesmente, eu virei inimiga pública número um, porque todo mundo tinha botado dinheiro no cara, menos eu, ou quase todo mundo, né? E eu tava tentando alertar a população de que isso era uma pirâmide e as pessoas começaram a me ver como uma inimiga do cara e tal. Foi difícil pra caramba...

G: Você chegou a receber algum ataque por conta dessa cobertura? Como é que foi isso?

R: Eu quase fui embora da região. Quase fui embora. Meu chefe d’*O Dia*, o Marcos Rezende, me convidou até pra ir... eu tenho uma coluna de política da Região dos Lagos, chama *Política Costa do Sol*, e ele até me chamou pra ir pra lá e fazer um informe d’*O Dia* e sair um pouco desse olho do furacão. Mas eu não, tenho tanto cachorro, gato dentro de casa, não tô acostumada, eu moro perto da Praia do Peró.... Aí, os caras me ofereceram um dinheiro que, porra, mal ia dar pra alugar um quarto e sala, no... sabe? Num Catete da vida. Eu botava os cachorros aonde? Minha casa própria, eu tenho uma empresa, ia fazer o que com a equipe? Falei, não é possível. Aí não teve um arranjo financeiro. Eu acabei segurando a onda e.... Ele foi preso.

G: Mas quando começou assim, você chegou a ser abordada na rua, como é que era? Eram pelas redes os ataques?

R: Os ataques orquestrados pela rede social eram demais, todos para desqualificar o meu jornalismo, colocando como *fake news*, dizendo que eu estava inventando aquelas notícias que não eram pirâmide. Ele contratou a F... F... F... não sei o quê, a maior agência de assessoria de imprensa que tem no Brasil.

G: É... FB⁹⁷?

R: FB ou alguma coisa. Eles estavam fazendo, tentando mitigar. E era ataque em cima de mim todo dia. Era ataque em cima de mim todo dia. Todo dia.

G: O que que falavam esses ataques?

R: Que eu era contra o povo, que eu era contra Bolsonaro, contra Glaidson, contra o povo, que eu tinha inveja do Glaidson, porque ele era um homem negro que enriqueceu e eu não... não tinha dinheiro pra botar nele, que eu tava... que eu era contra ele porque eu era Lula, essas coisas malucas que as pessoas começaram a dizer, que eu estava perseguindo o cara.

G: E antes disso você já tinha sofrido algum episódio?

R: Já, já tinha sofrido episódios, assim, com deputados... Assim, a minha vida mudou depois que o Bolsonaro entrou, foi candidato à Presidência da República. Então tem uma virada de chave. Antes do Bolsonaro...

G: Antes dele ser eleito?

R: Isso. Quando ele veio candidato, minha vida já começou a mudar.

G: Na cobertura política, assim, da eleição.

R: Em tudo. Comecei, em tudo. Minha vida começou a mudar absolutamente.

G: Por quê?

⁹⁷ FSB.

R: Porque eu deixei de ser unanimidade pra virar inimiga pública número um. Como eu falei pra você, quando eu surgi com o webjornalismo, eu era unanimidade. Todo mundo me amava, todo mundo me queria, todo mundo... Então, era uma delícia surfar naquela popularidade. E aí não havia, era o governo Lula, depois o governo Dilma, e aí não havia o... primeiro governo Dilma, o segundo governo Dilma. E eu sou uma pessoa de esquerda, do campo progressista, não tenho como ser diferente, né? Eu vendo o Bolsonaro, aquele idiota, eu encontrei o Bolsonaro umas duas vezes aqui em São Pedro da Aldeia, a base aérea naval de São Pedro da Aldeia, e ele vinha pra cá, porque eles têm uma festa todo ano, que é uma festa que tem cascata de camarão, cê toma uísque, sei lá, rótulo preto lá, espumante, é uma festa pura ostentação. Então, a gente ia lá, cobria a festa, comia pra caramba, e eu encontrei com o Bolsonaro lá umas duas vezes. Ele e os filhos dele. Sempre péssimos encontros, né? Ele, ele... ele realmente olhava pra mim com um olhar de desprezo. É muito racista mesmo, muito homofóbico. Coisa de... Cê tá ali naquele evento pra entrevistar quem você quiser. A empresa mandava, vai lá e vê quem são as autoridades que estão lá. O Bolsonaro me olhava com uma cara de nojo quando eu encontrava com ele, que eu falava, não vou entrevistar esse cara nem pelo caralho, tomar no cu! E aí tinha, assim, “olha, tá o deputado fulano de tal, que manda pra lá, fala com fulano”. Aí eu falava “não vou entrevistar porque esse cara me olhou com uma cara” “ah, então fala com fulano”. Aí você ia falando, mas ele sempre olhava e dava aquele mal-estar.

G: Isso era o pessoal d’*O Dia* te orientando?

R: Não, aí eu trabalhava na *Rádio Litoral* nessa época e na *TV Litoral*, que eram duas empresas que trabalhavam no mesmo dono. Então às vezes a gente saía pra fazer cobertura, então fazia não só passagem de rádio, como fazia TV. Então eu tinha liberdade pra, nesses eventos, escolher quem eu vou entrevistar. “Vai ser o comandante?” “Vai ser o almirante?” “Vai ser o deputado?” “Vai ser o prefeito?” “Vai ser o governador?” “Quem é que tá na festa que você pode entrevistar?” “Botar ao vivo na rádio?” “Faz uma passagem pra TV?” Então, eu não conseguia fazer com o Bolsonaro, porque ele olhava pra mim com um olhar de... “Que que essa mulher tá fazendo... ela tá de penetra aqui nessa festa? Não tá, não?” Ele tinha um olhar assim pra mim, sabe? Os dois filhos dele. Aquele olhar de escaneamento, assim, né? Quando a gente sabe que a pessoa é racista, que a pessoa é homofóbica, preconceituosa, ela tem um jeito de olhar que você já identifica no primeiro segundo comportamento dela. Então,

eu num vou entrevistar. E aí, só que o Bolsonaro foi um fenômeno, ele é um fenômeno aqui no Rio de Janeiro. Cabo Frio, 72% dos eleitores votaram nele. São Pedro Aldeia está entre as 10 cidades que mais votaram em Bolsonaro dos mais de 5.568 municípios do Brasil. São Pedro Aldeia entre as 10 cidades. O Brasil tem 5.568 municípios. Você consegue imaginar isso?

G: Meu Deus do céu! Não, é muita coisa.

R: Os caras estão aqui do lado. Aí, outro dia eu recebo aqui uma foto, um ponto de ônibus, “Renata Cristiane em repórter macaca de Cabo Frio”. Tinha uns três, dois pontos de ônibus dentro de São Pedro da Aldeia, com cartazes colados assim. Então, assim, eu virei essa inimiga pública número um, porque eu era... Eu deixei de ser aquela pessoa que dava notícia pra todo mundo. “Ah, minha filha morreu, aqui na frente do Hospital da Mulher” aí, ia eu “Porra, prende essa porra, não sei o quê!” Aí, eu era uma linda, maravilhosa. Quando o Bolsonaro assumiu, aí... “essa mulher abusada, ah, é sapatão...”. E eu ainda me meto com as questões, com as militâncias, eu sou fundadora do movimento LGBT, eu sou fundadora do movimento de mulheres, eu milito na questão, no enfrentamento à causa racial, na luta contra a intolerância religiosa. São pautas que eu atuo como cidadã, e aí fica aquele discurso “Ah, você é jornalista, não pode dar opinião”. “Onde que tá escrito isso aí? Mostra aí pra mim. Tem alguma lei? Não tem? Então, vai tomar no teu cu!” Eu falo, vou dar minha opinião, vou falar aqui mesmo. Eu tenho minha página pessoal, não vou dar minha opinião no meu site, mas a minha página pessoal é mais vista do que a do meu site. Então, quando eu percebi que a pessoa da Renata influencia até mais do que minha página institucional, eu comecei a trazer essas questões pra mim. Ó, passo eu falando. “Ah, mas você não pode falar”. “Por que eu não posso falar? Eu sou cidadã, tenho título de eleitor, pago imposto, voto ali naquela escola. Por que eu não posso falar? Porque eu sou jornalista? E tem alguma lei que proíbe o jornalista de falar, do jornalista de reclamar que está sendo maltratado porque é preto, porque é homossexual, porque é mulher, porque é periférica?”. Né? Comecei a trazer essa reflexão pra sociedade que essa história de que jornalista não pode se posicionar é uma grande balela, isso não fode! Quer dizer que, quando eu chego no meu espaço de poder, eu vou ser imparcial e servir aos grandes grupos econômicos que são comandados por homens brancos, heterossexuais e cristãos? Cu de cu! Vou discutir macumba, vou falar sobre homofobia, vou falar sobre misoginia, vou falar que a periferia está abandonada sim! E foda-se, se você não quiser, assiste a *Globo*! A *Globo* não pode falar nada demais aqui, eu vou falar. Quem

denuncia pedófilo, quem te denuncia, bota mesmo na cara do pedófilo, bota na cara do estuprador e foda-se! Depois vêm os processos aí, mas ganhei todos graças a Deus.

G: E você sente que quando começou o processo eleitoral, depois da eleição do Bolsonaro, isso foi ficando mais...

R: Foi ficando insuportável, vários ataques. É...[fala em um tom mais baixo] Eu sofri muitos, muitos, muitos ataques. É...tentativas de derrubar meu site, roubo das minhas redes sociais. É... na primeira, na eleição, na campanha do Bolsonaro, quando estava na eleição em 2016⁹⁸, é...eu fiquei três meses com o meu *Facebook* bloqueado. Naquela época o *Facebook* mandava, o *Instagram* era muito fraco e o *Twitter* tinha caído de uso. Mas aqui o *Twitter* não é muito forte. Eu fiquei três meses, mas assim, ele bloqueava todo dia. Ele bloqueava... Então, por exemplo, ele bloqueava hoje, aí ele comunicava “você só tá liberado daqui a dois dias”. Aí eu entrava, eu entrava com a ação, entrava com o protocolo de reclamação, aí liberava. Quando liberava... Então, até que eu entendesse que eu estava sendo monitorada por essa rede de carluxos. Porque sim, eu... Eu custei a... Depois, gente, eu sou aqui no interior, gente. Eu tô pouco... Entendeu? Aí não consegui entender, mas tinha, sim, essa preocupação no monitoramento, muitos enfrentamentos, muita dificuldade, mas sofri várias, inúmeras. Algumas tentativas de cancelamento... Meu site derrubado, nossa! esquece....

G: Qual que era a sua reação quando essas coisas aconteciam?

R: Ah, muito desgaste, cansativo, dor de cabeça, estresse, muito, muito cansativo. E aí o que me restava era continuar lutando. Ó, nós organizamos aqui, eu ajudei a organizar um movimento *Ele Não*. Você lembra daquele movimento *Ele Não*? Eu ajudei a organizar aqui um grupo de amigas, um movimento de mulheres, pessoal do campo progressista, pessoal do movimento LGBT, pessoal do movimento negro. Vamos nos politizar, vamos arrumar um trio elétrico. A gente falou com os vereadores de esquerda, embora muito pouco, mas aí, fazendo convocação, não sei o quê, e criamos um grupo, um *WhatsApp*, pra gente se organizar. Um belo dia eu toco meu telefone, um número de São Paulo. Estranho... “Alô”. “Oi Renata, tudo bem? Aqui é Fulano de São Paulo, nós estamos indo praí pra Cabo Frio, pra participar do movimento *Ele Não*, coloca meu nome no grupo?” “São Paulo? No grupo? Não, não tenho nada a ver com isso não. Mas não tem aí em São Paulo, não?” “Tem, mas é que...” Fiquei

⁹⁸ 2018.

estranha. Falei, “não, não sou eu, não tenho nada a ver com isso não”. “Ah, não, então tá bom”. Desliguei. Desliguei, fui lá no grupo que a gente criou do *Ele Não*, e avisei, “gente, eu recebi um telefonema estranho, um cara assim, assim, assim, assado, blá, blá, blá, blá, blá, blá. Fique atento, o número é esse”. Mandeí o print do número. Caraca, imediatamente o cara entrou no grupo e começou a me zoar. E começou a mandar foto de piroca, garrafa de JB, daquele whisky JB, foto do Bolsonaro, aquela foto do Bolsonaro rindo. [faz risada sarcástica] Caraca, eu não acreditei naquilo. Eu falei, “gente, o cara invadiu o meu celular”. Aí nós ficamos... Desativamos o grupo, aí nós ficamos, “Caralho!” Parada muito profissional, muito profissional.

G: E você, quando acontecia esses episódios, você chegava, você procurava alguma organização para pedir apoio?

R: Aí foi onde eu comecei, assim, aí nesse processo foi eleito, nesse processo do Bolsonaro, tivemos aqui alguns, algumas lideranças que se elegeram nessa esteira do Bolsonaro. E essas lideranças, essa onda bolsonarista, começaram a se radicalizar, e eu comecei a virar contraponto deles, e aí começamos a entrar em choque. E dois deles, que hoje nós não temos mais isso, é importante pontuar. Eu consegui me impor, graças a Deus, e hoje eles me respeitam. E procuram ter uma abordagem bem diferente, mas eles tentaram me atropelar. O primeiro foi o Dr. Serginho, que se elegeu com o Bolsonaro, como deputado estadual, e depois foi o Mauro Bernardo, que também se elegeu com o Bolsonaro, deputado estadual. O Dr. Serginho, mais discretamente, ele atuava assim, eu tinha uma coluna no jornal *O Fluminense*, ele foi lá e perturbou o dono do jornal, e o dono do jornal me demitiu. Porque eu escrevia umas notinhas que ele não gostava e ele vinha candidato a prefeito e ele ficou com medo daquela minha coluna atrapalhar muito ele. Eu falei pra ele que eu soube que foi ele. Ele jurou, de pé junto, com o olho cheio d'água. “Não, não, não...” Mas ele veio candidato a prefeito e eu ajudei o grupo adversário dele, que era um grupo ligado ao PDT. Ajudei nos bastidores, não tomei partido, não gravei vídeo, mas ajudei de uma maneira estratégica, enfim. Aí o ex-prefeito José Bonifácio, que era um líder do PDT, se elegeu. E aí esse doutor Serginho entendeu que era melhor buscar uma relação mais positiva comigo. E aí foi feita essa conversa e ele passou a me respeitar do jeito que eu sou. E eu disse pra ele que, no berro, ele não ia me convencer de nada. Que se ele quisesse aparecer no meu site, se ele quisesse que eu desse notícia sobre o mandato dele, que ele não tivesse ações radicais de direita, que ele não fosse um extremista, que ele se colocasse a ponto de ter, que ele fizesse movimento

político que garantisse a ele que uma visibilidade que fosse compatível com o estilo de jornalismo. Que se fosse o contrário, a gente ia criticar. E, assim, ele foi entendendo. E, nesse processo todo, por exemplo, ele trouxe o campus da UERJ pra Cabo Frio. Ele estatizou uma universidade privada e fez dela pública. Então, eu falei, “opa, tá começando a entender!” Hoje a gente se dá bem, não tem mais problema nenhum, ele me respeita absolutamente. é... a tal ponto que não tem, tanto que a campanha dele para prefeito desse ano, ele se afastou completamente do Bolsonaro. E o Mauro Bernardo, que esse sim, aí foi uma história que onde foi parar na Fenaj. E aí fui assistida pela, pelo, é... BDHA... [tenta se lembrar da sigla correta], é... PPDDH.

G: Programa de Proteção...

R: PPDDH, Programa de Proteção a Defensores dos Direitos Humanos!

G: Direitos Humanos, Jornalistas e Ambientalistas.

R: Isso, isso aí. Me apresentaram a eles por ocasião do Mauro Bernardo, enquanto deputado estadual, que ele... foi objeto de uma reportagem no meu site. Olha só que curioso. A *Veja* produziu uma matéria, na época do Witzel estava sofrendo processo de desgaste e estavam protocolando, inclusive quem protocolou foi o Serginho, pedido de impeachment contra ele, o Dr. Serginho. Quem era aliado dele na Alerj, da base dele, era o subtenente Mauro Bernardo. O subtenente Mauro Bernardo era um policial desses caricatos do interior, que chega na favela, bota traficante pra casa, dá esporro em menina. Aquele cara, aquele policial com cara de xerifão, velha-guarda. Eu botei um apelido nele, umas coisas meio de... Datena, meio... Wagner Montes, isso aí, criei um apelido pra ele: “Terror da Bandidagem”. Aí era bom, a gente botava na manchete: “Terror da Bandidagem prende três na boca do mato”. Aí ele virou ídolo. Nisso que ele virou ídolo, ele se lança candidato a deputado. E aí eu punha o slogan pra ele. “O Terror da Bandidagem agora vai virar o terror contra a corrupção, o terror dos corruptos”. Uma coisa dessas, não me lembro direito. “O terror da corrupção. O terror da corrupção”. Menina, ele não foi eleito? Aí, ele foi eleito. Tá bem. E pra mim, pra meu espanto, ele foi eleito e virou aquele cara *persona non grata*, né? Porque Marco Bernardo foi objeto de uma matéria da *Veja* que dizia que ele era o escolhido do Wilson Witzel para ser o candidato a prefeito em Cabo Frio. Mas Witzel estava apodrecido, leproso, catingado, então ninguém queria se aproximar dele. A *Veja* fez uma matéria, e aí mandaram o link. Só que a matéria não estava... quem sou eu pra me meter na editoria da *Veja*, mas ela não tava... não

tava comunicando diretamente. Peguei a matéria, dei uma mudada no lead e trouxe o Mauro Bernardo, o subtenente, que é uma referência, para o título. Porra, explodiu. Só falava isso na cidade, pautei a cidade, foi uma loucura. O que ele fez? Ele ficou louco. Veja bem, saiu na *Veja*, já cagaram e andaram. Mas saiu no *RC*, ele foi para a Praça Porto Rocha, que é a praça central aqui da cidade, abriu uma *live*, a *live* dele bateu, sei lá, mil pessoas ao vivo pra me esculhambar. “Renata Cristiane, você é uma mentirosa, você é *fake news*, eu já tive respeito por você, você é mentirosa, vou acabar com você, vou te processar, vou fazer isso, aquilo. Eu desafio você a provar que eu sou isso do Witzel, que eu sou o cara do Witzel, não sei o quê. Eu desafio você a provar que eu tenho alguma coisa de errada na minha vida”. Nesse dia, eu tinha uma *live*, naquela época era o fenômeno das *lives*, eu tinha uma *live* marcada com um candidato a prefeito aqui de Cabo Frio, que é um cara do campo progressista, o professor Rafael Peçanha, que hoje tá pelo PDT. Eis que, começaram a surgir um monte de post. “Cadê, mentirosa?! *Fake news*! Blá, blá, blá!” Aí terminei a *live*. Falei com o meu advogado, falei, “Cara, Renata, se você não vai responder o Mauro Bernardo, ele tá com muita credibilidade, com muita popularidade. Se você não escrever, não fizer alguma coisa, ele vai acabar com você”. Aí eu fui e comuniquei. “Às 18h30, eu vou fazer um pronunciamento”. Eis que, por volta de três horas da tarde, chegou uma pessoa aqui na porta da redação, um cara, que eu não sei quem é, entregou um envelope. Aí eu abri o relógio. Era um dossiê do tal do Mauro Bernardo. Um dossiê contando que ele cometia nepotismo, cruzado, direto, e que ele realmente tinha um monte de cargo fantasma no Governo do Estado, que ele fazia superfaturamento de aluguel de carro, que ele realmente era o queridinho do governador e o governador tava puto com ele, porque ele tripudiou. No dia que ele foi votar pelo impeachment do governador, ele fez uma piadinha, o Witzel ficou puto. E aí vendeu ele pra *Veja*. Foi onde eu peguei o dossiê, chamei a *live* às 18 horas e mostrei todo o documento. Ele disse, inclusive, na praça, “se você tiver alguma coisa pra falar contra mim, eu desafio você. E eu renuncio”. Aí eu fui, chamei eles. A *live* às 18h bateu mil e caralhada. Eu comecei a mostrar o documento. “Olha, filha dele, tá lotado em tal cargo. O enteado dele em tal cargo. Cunhado é isso, cunhado é aquilo, papapá. Mauro Bernardo, você vai renunciar? Não acho nem que você tenha que renunciar, porque a região precisa de deputado. Mas como você falou que ia renunciar, fica o desafio aí pra você”. Uma confusão, eu processei ele e ganhei o processo. Ele teve que se retratar publicamente e não se reelegeu como deputado.

G: Mas aí onde que entra o programa de proteção?

R: Eles chegaram a mim por causa dessas ameaças, porque foram assustadores. Por quê? Porque eu comecei a receber mensagens dizendo que o Mauro Bernardo ia me matar, ia quebrar meus ossos, ia sumir com meu corpo. Eu comecei a ter... Você lembra dos coveiros africanos? Comecei a receber vídeos dos coveiros africanos. Eu acho que ainda tenho alguma coisa disso aqui. Aquilo foi apavorante! Eu falei, meu Deus! Aí, várias coisas malucas. Aí tô eu em casa um dia, aí começa a bater um monte de polícia na minha casa, minha mulher começa a gritar, “meu Deus, vieram matar a gente, socorro!” Quando eu olhei pela janela, tinha um monte de polícia, eu falei, “fudeu, vão matar a gente aqui agora, vão botar aqui um quilo de cocaína, sei lá o que dentro”.

G: E era o quê?

R: Porque tinham roubado uma moto, esconderam no terreno baldinho em frente, e a polícia, Pow, pow, pow! “Abra essa porta!” Eu falei, “meu Deus, vão me matar!” E aí, tudo isso na mesma semana. Foram dias que...[não termina a frase]

G: Renata, como é que você ficava quando você recebia essas mensagens, essas ameaças?

R: Sem dormir, sem dormir. Dormindo no Rivotril.

G: Chegou a procurar tratamento psicológico, psiquiátrico?

R: Cheguei, cheguei. Teve momento que eu, que eu dei uma surtada. Nós temos que manter a aparência, porque minha mulher é muito apavorada, tudo ela tem medo, tudo ela tem medo. Pra ela eu tinha que fazer um concurso público, trabalhar numa assessoria de imprensa aí, voltar a ser professora, dar aula numa escola aí, largar com esse negócio de jornalismo, ela tem pavor.

G: E você chegou a cogitar deixar a profissão?

R: Eu cheguei a cogitar deixar a região, porque a região... No Rio de Janeiro, eu moro num prédio com segurança, com o cara pode chegar lá. Mas não consegui, não consigo também. O pessoal do PPDH, “vamos botar um segurança”. Falei, “ah, não vou andar com segurança não, gente”. Aqui, ó. Isso aqui, por exemplo, foi o cartaz que botaram na... [mostra o cartaz

racista]

G: Eu vi na matéria.

R: Macaé não. Foi em São Pedro da Aldeia.

G: Sim, sim. Digo, eu vi na matéria.

R: Ah, cê viu a matéria?

G: É. E botaram isso em mais de um ponto de...

R: Dois pontos de ônibus. Porque em São Pedro da Aldeia... Aqui, ó. Achei. [dá play no vídeo] “Renata Cristiane, os ossos do seu corpo estão com os dias ‘contado’, tá? Bernardo vai quebrar, vai desossar seu corpo todinho. Escuta o que eu tô te falando. Isso é só uma dica. É só uma ideia que eu tô te dando. Bernardo vai quebrar as espinhas do corpo dela todinha”.

G: Você chegou a procurar a polícia nesse caso?

R: Sim, procuramos a polícia.

G: Fez a denúncia? Deu em alguma coisa?

R: Sim.

G: Acharam quem tava mandando essas mensagens?

R: Não. [dá play em outro vídeo] “Você é uma mentirosa”. Fizeram esse vídeo e soltaram na rede social. “Você tem que apurar as coisas, porque o que ele fez era importante, agora você nem fez”. Ó, os coveiros. Aquela música dos coveiros africanos. “Você é uma mentirosa. Renata Cristiane, você é uma mentirosa...” Comecei a receber isso aí direto. Esse cara anda com uma magnum 44 cano longo. Ele quando vai, o negócio quando ele puxa a arma aqui, ele tem que fazer assim ó. [faz o gesto de tirar a arma da cintura] Aí eu falei assim, “Meu Deus! Será que eu vou embora?”. Pô, todo dia eu tinha que fazer um caminho diferente pra ir pra

casa, orientação, instrução. Vai sentar num bar pra tomar cerveja, tem que sentar de frente pra rua, não pode sentar de ‘costa’ pra rua. Vai pra um lugar, vai pegar um táxi, avisa... Aí, eu que gosto, sou muito ligada à natureza, gosto, moro na praia do Però, gostava de ir na praia, que na parte da praia que não tinha ninguém, já não podia ir, porque tinha... Entendeu? Começava a dar ruim na minha rotina de vida... E aí eu falei, “vamos embora, vamos embora”. Aí minha mulher, sabe? Uma semana... Quando isso aconteceu, eu e ela ficamos uma semana sem dormir.

G: Ficaram sem sair de casa?

R: Uma semana sem dormir direito. E quando teve esse episódio do... do cara... esconder uma moto roubada lá em frente à minha casa. Foi uma semana depois disso acontecer. Então eu, domingo, de roupão, vendo o *Fantástico*. POW, POW, POW. Os cachorros... [faz latido de cachorros] O que está acontecendo? Domingo? 9h30 da noite? O que está acontecendo? Aí... Barulho de giroflex. Aí subi, olhei na janela, um monte de viatura. Eu falei, “o que tá acontecendo?” Aí, sentei lá na minha casa, tô vendo... Aí, daqui a pouco, BAM! BAM! BAM! Eu falei, “eita porra!” A minha mulher subiu e falou, “Renata, tem umas quatro viaturas da polícia militar, tá cheio de polícia aí. O que que aconteceu? O que que você fez, cara?” Porque pra ela tudo é assim. “O que que você fez?” Tudo ela acha que eu fiz alguma coisa errada. Falei, “Eu fiz nada!”. Aí começou, “tá vendo? Você vai arrumar problema com esse Mauro Bernardo, ele veio aqui matar a gente. Eles vão arrumar um negócio pra gente, pelo amor de Deus”. Nós ficamos lá duas, assim, 20 minutos dando cabeçada dentro de casa. “Abre a porta, não abre, Aí o que a gente faz?” Aí passa a mensagem. “Meu Deus, olha, tô aqui na minha casa, pelo amor de Deus, o que a gente faz?” Aí eu falo assim, “Meu Deus, a gente vai avisar a polícia. Vai avisar quem? Se é a polícia que tá aqui, cara”. Aí eu fui atender os caras de roupão. Eu atendi um cara de roupão lá, me tremendo. “Que que houve?” “Tem uma moto roubada aqui?” “Aqui não tem não, cara”. “Tem moto roubada... Deixa eu entrar aí!”. Os caras entraram na minha casa. O cara entrou, saiu entrando, veio na minha sala. “Não, é que a gente tem um localizador que diz que tem uma moto roubada”. “Minha mulher tem uma moto”. Ele abriu, olhou a moto. “Essa moto não é. Isso aqui é meu carro”. E o cara, “Não sei o que...” Aí, saiu e tal. “Não, eu sou fulana de tal”, me apresentei, aí ele saiu. Daqui a pouco volta de novo. BAM, BAM, BAM! “Posso falar com você de novo?” “Pode”. “Pô, tá aqui a moto”, “Meu amigo, não tem aqui, não sei o quê”. E polícia pra caramba na rua. Sei lá, uns 16 policiais. Eu nunca vi, tudo de fuzil, colete. Eu falei, “Meu Deus, agora que eu morro!

Meu Deus, que merda! Por que eu me meti nessa porra?” E me tremendo, me tremendo. Caralho! E o cara, “Por que tu tá..”. Eu não sei. Eu tô aqui de roupão, domingo...Mas... Aí... O terreno baldio em frente, o cara resolveu entrar lá, tava a moto roubada lá. Com o dispositivo de localizador lá dentro. Aí o cara tirou... Que alívio! [suspira]

G: E aí você cogitou sair e também na ocasião do Glaydson?

R: Aí quando aconteceu o negócio do Glaydson... Porque aí já vinha numa crescente, entendeu? Aí eu era anti-Bolsonaro criticava Bolsonaro em tudo, Bolsonaro já era presidente, esses caras já eram deputados, esses caras mandando pra cacete, a região toda bolsonarista. Aí veio o Glaydson, porque veio tudo meio junto, entendeu? Pandemia, Bolsonaro, Glaydson, doutor Serginho, Mauro Bernardo, todo mundo embolado, todo mundo bolsonarista, aí eu, “puta que pariu!”. Eu, fundadora do movimento LGBT, tenho um bloco de carnaval há 20 anos que se chama Carna Gay, organizando a Parada Gay há 20 anos. Tudo, tudo... meu caminho contrário, entendeu? Tudo que eu fazia virou coisa que deveria ser detestada. O meu advogado é evangélico. O povo chegava na igreja dele e falava assim, “você não paga a defesa daquela bruxa, aquela mulher bruxa”. Aí ele conversou comigo e disse que era bruxa. Eu falei, “Depende meu amigo, na Idade Média, certamente seria considerada bruxa. [risos] No dia de hoje, se você me der um feitiçozinho aí, eu não tô podendo mais”.

G: E você comentou muito dos ataques, deles chamarem de mentirosa, de desacreditar, mas teve esse episódio do ponto de ônibus que não é só um ataque ao seu trabalho, né? Chega a ser um ataque racista. E como é que você percebia isso? Eles vinham sempre atacar pelo pessoal?

R: Esse negócio do ponto de ônibus foi ano passado, né? Foi ano passado. Eu já achei que esse negócio tava superado, sabe? Falei, caraca, cara, ainda tão nessa? Que saco! Mas tem sempre. Tem sempre. De vez em quando eu tenho que peitar um, mandar tomar no cu, partir pra cima. Entendeu? Isso é uma coisa que eu... Eu virei essa pessoa explosiva, que briga, que berra, para uma questão de sobrevivência. É como... a gente tem que fazer para assustar o urso. Tem técnicas pra você assustar cachorro, pra você assustar o urso, que elas funcionam com os humanos também. Que é você berrar, se movimentar, gesticular, movimentar o braço. Então, quando você faz, essas pessoas se assustam. Técnica de sobrevivência de selva mesmo, de estudo, de você ler e ver que os seres humanos... Então, às vezes eu grito, berro,

xingo pra ser respeitada, mas não é uma coisa que eu gosto de fazer. Porque é um lugar comum que reservam pra mim, eu fazer a mulher negra que vai ser escandalosa, “os homossexuais são escandalosos, as pessoas pretas não sabem se comportar nos lugares onde a elite costuma frequentar, não tem compostura”. É o lugar, é a vala comum que reserva pra mim. “Olha lá! Sabia! Preto quando não caga na entrada, caga na saída”. Então as pessoas, de certa maneira, ficam me provocando. “Então é isso que tu quer? Então toma aqui. Vai tomar no teu cu, vai se fuder. Quer sair na porrada? Vamos sair na porrada”. É isso? Quando eu penso que eu me livrei disso, não.

G: E você falou também da questão da sexualidade. Você chegou a receber algum ataque homofóbico?

R: Toda hora! Racista e homofóbico. Toda hora com Glaidson. “Essa macaca sapatona tem que parar de se meter na nossa vida”. Situações que... O Chico Otávio escreveu um livro sobre a queda na prisão do Glaidson, que ele cita meu nome, porque ele acompanhou em determinados momentos, ele veio muitas vezes ver aqui na redação, acompanhou, eles fizeram um documentário, me coloca nesse documentário, porque não tem jeito. As pessoas, quando elas perdem a razão, que elas veem que eu estou instrumentalizada, que eu tenho consciência de classe, racial, que eu sei quem eu sou no meu tempo e espaço, aí elas... perdem a linha e rebaixam a discussão, se utilizando de estratégias de racismo, de misoginia, de homofobia. Porque ela sabe que esse xingamento descompensa quem é as chamadas as maiorias minorizadas. Porque não tem nada de minoria, nós negros somos 54% da população, nós mulheres somos 53% da população, os homossexuais são mais de 15% da população. Então, onde é que tá essa minoria? Porque se essa tal minoria der as mãos, a gente fica a maioria. Na verdade, minoria é o homem branco, heterossexual, cristão. Esse sim é a minoria. Se a gente fizer a conta. Mas é ele que manda.

G: E você sente que por ser uma cidade do interior, uma cidade menor, existe uma coisa que as pessoas acham que elas estão ali mais próximas, né? Você mesmo comentou que no início estava ali recebendo muito apoio das pessoas, que o canal, o canal não, perdão, o portal era um sucesso e você acha que essa proximidade ela vem pro bem e pro mal...

R: O Bolsonaro virou a cabeça das pessoas. Impressionante. Impressionante. Impressionante. Quem me amava, passou a me detestar. Só porque eu me posicionei contra o Bolsonaro. Não

é que eu fosse Lula, não. Não é que eu fosse Dilma, não. Porque eu entendo, por exemplo, a minha crítica hoje ao PT. Porra, o PT, participei de congressos, seminários, vieram aqui discutindo, deu uma ideia de como a gente tem que revolucionar a política. O que acontece? O Lula vence a eleição, primeira pessoa que ele dá entrevista é a Natuza Nery. A *Rede Globo*, o *Jornal Nacional*, tá faturando dois milhões por mês de publicidade. Quanto que chega de publicidade para o meu portal aqui, que gera 10 empregos em uma cidade do interior, cuja, assim, as 10 cidades mais bolsonaristas tá aqui, a 17 quilômetros do meu escritório? Não era aqui estrategicamente pro PT investir para poder diluir a informação e passar que é um bom... Não, não faz investimento. Então a minha tristeza é essa. Eu continuo apanhando bolsonarista, eu continuo sendo vista... Agora! Agora, querida, Bolsonaro teve aqui esse ano. Bolsonaro... Ah, eu tenho que te contar, você vai adorar. Bolsonaro teve aqui esse ano. Fazendo campanha pra quem? Pro doutor Serginho. Vou te mostrar aqui o que aconteceu com a Renata Cristiane. A coisa mais maluca do mundo. A assessoria do Serginho virou pra mim e falou assim... O cara... O assessorzinho... “Tem como você mandar alguém, não?” “Não, eu quero ir...” “Não, não vai não”, “Ah, meu irmão, eu preciso ir” “Não, melhor você não” “Meu irmão, me desculpa, mas eu quero ver esse fenômeno de perto, cara. Eu preciso tá lá”. “Não, faz o seguinte...”

[Renata pega o celular para responder a uma mensagem]

Só um instantinho aqui. [gravando áudio com alguém] “Ou chupa, ou... como eu tô aqui com ela, eu até esqueci desse nosso processo aí. Como é que foi lá? Ele conseguiu trazer alguma coisa? O que que aconteceu? Tem essa matéria aí que eu acho que se a gente não tiver nada, pode chupar deles.”

Ah, deixa eu ver aqui. Eu tô toda enrolada aqui com essas coisas. Elas demandam tempo, mas...

G: Tamo acabando.

R: Deixa eu mostrar aqui só pra você ver.

G: Na época do Glaydson... Depois que começaram os ataques, você deu uma diminuída na cobertura?

R: Não, aí que eu fui pra dentro. Porque ele queria provar que eu tava mentindo, aí eu queria provar que ele era um estelionatário profissional e mais do que isso. Ele era um assassino, ele tinha uma quadrilha. Aí eu falei, “meu irmão, ou você vai preso ou tu vai me matar”. Eu falei, não tinha como. Ou era matar ou era morrer.

[Dá play em outro vídeo]

G: Isso é uma manifestante.

R: Eu vou explicar, pera. Deixa eu explicar pra você. Ó. Isso aqui é uma manifestação do Bolsonaro. Essa menina foi sozinha, vestida de vermelho. Aí me chamaram, “tem uma doida ali”, eu fui lá. Ela veio me abraçar. Me conhecia porque eu sou progressista, sou lésbica, é uma menina lésbica também. Ela, inclusive, é filha de um amigo meu, jornalista. Aí o povo veio pra cima de mim. Olha isso. Eu não falo nada. Eu não tô falando nada, eu tô filmando, tá? Porque é só filmando. Eu achei essa menina louca estar sozinha ali. Tinha mais de 5 mil pessoas, isso aí é o final da manifestação, quando Bolsonaro veio visitar. [No vídeo, os manifestantes gritavam “*Lula Ladrão, seu lugar é na prisão*”] Onde eu passava, me gritavam isso aí. Eu nem filiada ao PT sou. Essa mulher surtou.

G: Chegou a receber alguma agressão física nesse dia?

R: Ó. [No vídeo, uma manifestante começa a atacar Renata “*Vai tomar no cu!*” *Vai tomar no cu!*” Ela responde “*Vai você! Vai você!*”]

G: Isso é a menina que tá falando?

R: É esse cara que tá falando. Ah, e aquela velha maluca que chamou esses caras. Eu só falava isso. “Vai tomar no cu, vai tomar no cu” E filmava, mas se eu não tivesse filmando, eles iam me pegar.

G: Você filmou na maior tranquilidade.

R: Terminei de cobrir o evento, vim aqui na praça. Aí, fui hostilizada. É assim que eles querem conquistar o voto. Essa senhora desequilibrada está me perseguindo. “Por que que a

senhora está me perseguindo?” Um manifestante começa a gritar *“Maluca! Maluca!”*

G: Você não tinha medo que acontecesse alguma coisa?

R: Claro que eu tinha medo. Não dava tempo pra ter medo. Eu tinha que pensar muito rápido o que eu tinha que fazer. Aí eu fiquei conversando lá, segurando.

Um manifestante *“Você não é brasileira! Você não é brasileira! Nós somos brasileiros! Nós somos brasileiros!”*

Isso eram quase seis horas. Ó, eu fui expulsa da praça.

[No vídeo que é reproduzido pelo celular, Renata narra *“Olha a turma de fascista que veio me cercar pra me hostilizar. A classe política mesmo, respeitou. Mas os fascistas que são essas pessoas que são hostigadas por esse pensamento de extrema-direita, vieram me atacar. Olha isso”*. Um homem começa a gritar *“Você é covarde! Você é covarde!”* *“Por que que eu sou covarde, tiozinho?”*]

G: Não dá pra trabalhar assim, né?

R: Ele tinha falado pra mim, “Não vá”. Eu fui e me escondi. Eu entrei numa loja e eu peguei o melhor vídeo do Bolsonaro. Na boa, o vídeo que eu peguei do Bolsonaro botou 3 mil curtidas. Eu fiquei boba, porque tudo que você coloca no Bolsonaro explode... Eu subi numa loja que tinha uma laje assim que eu via o trio elétrico, o pessoal carregando o Bolsonaro igual um santo assim. Eu falei, puta que pariu, puxei o zoom. Eu postei o vídeo, quando eu desci tava rolando o pessoal. Aí vinha uma maluca, eu fui lá ver, quando eu vi era essa menina, a menina veio falar comigo. E começaram a me acusar de ter pago a menina pra tá lá protestando.

G: Cê fala que não deixou de publicar matéria, não deixou de fazer cobertura, inclusive que esses, essas retaliações te davam mais gás pra continuar trabalhando, mas você mudou algum protocolo na sua rotina, segurança? Deixar de sair em alguns lugares, deixar de...

R: Ah, eu confesso pra você que esse final de semana eu fiquei deprimida, porque isso era uma sexta-feira, e eu tinha a previsão de ir ainda cobrir a visita do Bolsonaro em Búzios. Porque a classe política mesmo me respeita, os vereadores, os deputados, eles gostam que eu

vá cobrir. Mas quem tava me atacando era essa ralé, esse fanático, esse eleitor fanático. E aí ele...ele... Aí eu fiquei esse final de semana, fiquei deprimida, chorei pra caramba, fiquei chateada. Mas, curiosamente, quem me deu a maior proteção e falou “olha, se você quiser, nós vamos pra delegacia, vamos fazer...”, foi o próprio deputado, o doutor Serginho, que foi o cara que recebeu o Bolsonaro. E ele falou, “se você quiser, a gente vai pra delegacia pra tentar identificar essas pessoas. Eu não posso, eu não comunico com isso isso”. Falei, “Não comunica, mas esse é seu eleitor. Você me desculpa, mas esse é teu eleitor. Esse é o eleitor do Bolsonaro. São essas pessoas, você vai ter controle sobre essas pessoas se você for eleito prefeito”. Enfim. Isso aqui deu uma repercussão gigante na cidade. E depois disso, eu ainda encontrei com essa mulher depois que esses caras me agrediram. Encontrei com ela no lançamento da candidatura do prefeito de São Pedro da Aldeia, que é do PL. Ele se lançou à reeleição, era candidato a vereador. Aí eu tô lá e tive que encontrar com essa mulher. Vontade que eu tenho dessa véia é ir dar uma papa no pé do ouvido dela. É triste. O que que eu faço, né? Assim, eu digo que eu tento me controlar, mas não consigo me controlar não. Se me provocar, eu xingo mesmo, vou pra dentro. Agora eu tento, evito. Por exemplo, Bolsonaro vai aparecer e vou de novo? Não vou. Mas nesse negócio, eu fiquei tão escondida, foi tão certinho. Ele foi na Praça Porto Rocha, eu fui em vários prédios aqui, bati, conversei com o síndico pra saber onde eu podia filmar de cima dos prédios. Como eu conheço a cidade toda, eu encontrei vários colaboradores. “Fica aqui, fica aqui”. Aí eu subi nesse prédio e não dava visão. Aí eu conversei com o vereador, que é líder do PL, falou assim, “vem pra cá que aqui tem um espaço”. Aí eu atravessei no meio da multidão, e no meio da multidão onde ia passar o povo “*Lula é ladrão, seu lugar é na prisão*”. Eu fingindo que aquilo não era pra mim. Aí quando eu subi aqui, aí me escondia e a mulher... “Tu não vai ficar aqui na minha frente, não!” A mulher principalmente. Principalmente a mulher com mais de 50, era a que mais hostilizava. aquela viúva da ditadura, sabe? Aí eu falei, “Caraca...” os caras até me respeitavam... Muito ruim. Eu pedi pros meninos comprarem um negocinho pra gente lanchar, você quer comer alguma coisa?

G: Eu queria aceitar, mas eu vou ter que ir daqui a pouquinho.

R: Você vai comer alguma coisa pra você não ficar nesse bate-volta aqui? Deve ter um bolinho aqui de café.

G: Não, não tem problema.

R: Cê acabou? Como é que você precisa de mais alguma coisa?

G: Não, acho que assim, a gente já conversou bastante. Queria...

R: Você quer que eu mande esse link pra você?

G: Por favor, por favor, depois se você puder mandar. É... tô pensando aqui, mas acho que você tocou... Inclusive, assim, várias perguntas que eu ia fazer você acabou já falando. Mas fazer uma pergunta, assim, que eu tenho feito pra todo mundo no final, que é se você acha que existe liberdade de imprensa no Brasil, liberdade de expressão, você se sente segura pra fazer jornalismo?

R: Não, eu não me sinto segura pra fazer jornalismo, mas a gente se acostuma com esse medo, né? É todo dia uma adrenalina, é todo dia pau torando, todo dia, todo dia. Como é uma cidade pequena, o calor é mais próximo, a pressão é maior. Não me sinto segura, não há liberdade de expressão. Não há, é... Assim, é uma dificuldade tremenda fazer um jornalismo independente, alternativo. Eu criei pra mim um espectro, uma imagem de uma mulher forte, que vai pro confronto, mas isso cansa. As pessoas falam “Ah, guerreira”. Não quero ser guerreira, não, gente. Quero ser de paz, me deixe em paz. Vamos lá, assim, ah... Tem hora que você vai escrever uma coisa... Hmm num posso escrever isso, se eu escrever isso, o cara vai vir pra cima de mim, o cara vai... *Lawfare*? Pô, *lawfare* é direto. Processo de gente que... Um cara cagado, todo errado, todo fundido, todo ruim, condenado. Ele me processa. Coisa que o cara estuprou a própria filha, o pastor, ele me processa. E eu tenho que ir lá responder na justiça.

G: Você recebeu muitos processos?

R: Eu recebo bastante processos, mas eu tenho a felicidade de vencer todos. Graças a Deus. Só perdi um, que foi um erro da menina que trabalha comigo mesmo. Mas esses processos injustos, desleais, que são a providência divina...

G: Normalmente em resposta a alguma matéria que você fez.

R: Sim, eu tenho conseguido vencer todos.

G: Mas desgasta?

R: Mas é um desgaste tremendo. Quando o oficial de justiça chega aqui, aí você fala, “ai filha da puta”. E eu sou muito, eu sou muito, sabe, de comprar a briga, que não posso ver uma atitude racista, não posso... é...misoginia, violência contra a mulher, homofobia, abuso contra a criança. maus tratos a idosos, desrespeito a pessoa doentes, a vulnerável, pessoas em situação de vulnerabilidade social. Essas pessoas já sabem que o pouco barulho delas já me chama. Aí tem uma hora que você não aguenta mais, você não tem força, não tem mais ânimo. Esse ano, por exemplo, ficou o movimento, “vem candidata à vereadora, vem candidata à vereadora”. Tinha um clamor. E aí eu fiquei falando, quando de repente o mandato vinha me ajudar. Eu acabei sendo política, eu acabei sendo traída por um grupo que eu ajudei a fundar, um grupo de militantes do movimento LGBT, que o cara que ia ser o meu coordenador de campanha decidiu que ele ia ser candidato. Que é aquela coisa do machismo dentro do movimento LGBT. Então eu falei, quer saber de uma coisa? Meu papel é esse aqui mesmo, vou ficar nisso aqui, que já me suga demais. Eu tô cansada, eu tô exausta. Eu estou por 51 anos, mas...

G: Não pensa em parar.

R: Claro que a gente... Tem uma hora que, assim... É muito louco, assim... Eu tenho umas coisas que eu também não sei explicar. Ontem, por exemplo, eu fui treinar na academia, tô aqui treinando, puxei o ferro, botei aqui no colchão do lado... Bum! O carro capotou, o outro não sei o quê. Eu fui a primeira a chegar e dá a notícia com o meu celular. Dois garotos fazendo um rastro, pegou um pai com uma filha, menina de 11 anos. A menina teve laceração na vagina, quebrou bacia, fêmur em duas partes, a tíbia, o pai também, fratura exposta. E os caras, dois playboyzões, que iam fugir do local. Se eu não tivesse lá, os caras iam fugir do local. Então são coisas que eu olho e fico assim, “Meu Deus! Por que essas coisas acontecem comigo? Me deixa quieta, eu vim trabalhar. Vai ter um minutinho, só uma horinha pra cuidar do meu corpo aí pra acontecer esse negócio”. E os caras iam fugir do local. Se você vê a *live*, os caras começam a gritar, “não foge não”. Chega em cima e a polícia vem e prende o cara. “Não foge não!”

G: Renata, mais alguma coisa que você gostaria de falar? Muitas. [risos]

R: Não, é isso. Acho que foi loucura.

G: Te agradecer.

R: Que o... Eu acho que a gente... Não existe democracia sem imprensa ali, só que a gente precisa refletir sobre o Brasil ser um país que tem 215 milhões de habitantes pra cinco canais de TV aberta, e esses canais pertencem a grandes grupos, grandes corporações, que apesar da *Globo* fazer um papel incrível, não é justo que ela fique com 95% da verba publicitária, porque sou eu que convivo com o cotidiano aqui dentro e as pessoas acham que o Bolsonaro realmente é o Messias, é realmente um enviado de Deus, porque aqui a comunidade evangélica é doutrinada. Doutrinou. Então, pessoas como eu, que rompem a bolha, são muito difíceis de conseguir ter saúde mental para sustentar a sua vida, seu cotidiano. Então, eu acho que enquanto o campo progressista não entender que a comunicação é que rege o mundo e não ao contrário, que comunicação não é só falar e escrever. É... assim, Joseph Goebbels, o ministro da propaganda nazista, em 1939, em 37, mais ou menos, naquela fase, ele cunhou aquela expressão clássica que uma mentira repetida mil vezes se torna verdade. Agora a gente está vendo Elon Musk, a gente está vendo Bolsonaro, a gente está vendo Trump. Dependendo da rede social que você tem, do tamanho, da quantidade de seguidores que você tem, uma mentira se torna verdade em questão de segundos. Basta esses caras compartilharem no *Twitter* que acabou. A Ferrari do Lulinha é de ouro. A Renata Cristiane é contra o pobre. Eu sou bruxa. Eu vi tudo isso acontecer nessa transformação, de eu ser a queridinha pra ser a *persona non grata*, a inimiga número um do povo. Então, é muito louco. Então, eu acho que a gente, enquanto não houver verdadeiramente a descentralização desses recursos de publicidade institucional, a gente não vai ter condição de fazer uma imprensa livre que a gente disputa os verdadeiros problemas da sociedade. E num país que foi construído à base do racismo, principalmente o racismo, é... encontrar pessoas pretas nos espaços de poder é muito raro. Então isso é muito frustrante de você, mesmo quando você tá nesse espaço de poder, o cara pergunta pra você, “onde que é o banheiro?” “Qual é o preço disso aqui?” “Você pode segurar meu carrinho?” Coisas que mostram que, por mais que eu tenha conseguido vencer vários desafios, eu ainda quando estou lá, eu sou invisível, eu sou transparente ou estou ali prestando algum serviço pra alguém. “Onde é que fica o banheiro?” “Você não pode trazer uma água pra mim?”

G: Precisa se provar duas, três, quatro vezes.

R: Pode trazer uma água pra mim? É muito, porra tem uma hora que você fica. E aí, esperam o quê de mim? É onde eu fico, “Meu irmão, não é possível”, sabe? Tipo, Lojas Americanas é o lugar favorito das pessoas que perguntarem o preço pra mim. No aeroporto o cara não acha que eu tô ali pra viajar, o cara acha que eu trabalho em empresa de conservação de limpeza. Então, essas coisas são cansativas. E a minha maior frustração é porque eu sou empresária no ramo da comunicação, mas eu não sou vista como empresária no ramo da comunicação, eu sou vista como repórter. Eu acho que tem falado sobre, falo isso para o presidente estadual do PT, falo isso para o deputado Lindbergh Farias, que é namorado da Gleisi Hoffmann, falam assim, “vocês vão continuar botando tudo na Rede Globo? Não dá para botar um pedacinho aqui para a gente ajudar a gerar um emprego ainda? E falar que o governo PT está fazendo uma coisa pelo pobre?” Eu divulgo de graça, divulgo para o povo saber, mas não é justo. Então, eu acho que assim tem que haver descentralização desses recursos do Governo Federal.

H) Vanessa Lippelt

Entrevista realizada no dia 7 de setembro de 2024, em Brasília (DF).

Giovana: Brigada, mais uma vez.

Vanessa: De nada, de nada mesmo.

G: Por aceitar esse convite. Sei que não é fácil, né? Pra muita gente tem sido também um desafio, falar sobre isso e querer voltar, né? Como você mesma falou. E... a ideia é que seja uma conversa, não só sobre o que aconteceu, mas também sobre o seu trabalho como jornalista, né? Que tem tá relacionado também à... Não são agressões por acaso, são que têm a ver, na maioria dos casos, com o papel profissional que essas pessoas estão desempenhando, que essas mulheres estão desempenhando, principalmente. E...e, é isso, assim. A gente vai conversando.

V: A gente vai conversando.

G: Tem um roteirinho que a gente monta, né? Que a gente monta, por conta da pesquisa, que foi separado mais em eixos, mas aí, a gente vai também... Não é rígido, assim. Mas eu queria começar te perguntando o básico assim: como é que você gostaria de ser chamada, você já falou no off, né? De onde você é...

V: Pode me chamar de Vanessa.

G: E... quantos anos você tem, onde você mora atualmente?

V: Então, eu sou de São Lourenço, no Sul de Minas, pode me chamar de Vanessa. [ri] Eu tenho 53 anos, moro aqui em Brasília desde 2002, vim do Rio pra cá. Curiosamente querendo sair da violência do Rio, né? Porque era uma época que eu morava sozinha com meu filho lá no Rio e... E era uma época, assim, de uma certa violência ali na região onde eu tava morando, essa questão de trabalhar muito longe, criança ficar sozinha com um funcionário em casa e tal. E eu me lembro assim que minha última noite no Rio de Janeiro, eu tava na varanda do meu prédio e eu morava ali na Moraes de Silva, na Tijuca, e eu tava olhando da varanda assim, me despedindo da, da...

G: Da Tijuca [ri].

V: Da Tijuca, me despedindo do Rio, daquela vista que eu tinha. E nisso passa uma bala traçante bem na frente da minha... Aí eu falei, não, é...

G: Hora de dizer tchau.

V: Vamos pra outro lugar, mais tranquilo e tal. E aí, então, em 2002 eu me mudo pra cá.

G: Você tem um filho?

V: Eu tenho hoje três filhos, né? Eu tenho o Diogo⁹⁹, que era quem morava comigo no Rio, e depois aqui em Brasília eu tive a Mariana e a Isabela.

G: Você é casada?

V: Sou casada.

G: A gente também tá colhendo dados demográficos. Então eu queria te pedir pra você se identificar em relação ao seu gênero e sua orientação sexual. E sua identidade étnico-racial.

V: Ah, meu Deus, então. Bom, não precisa nem dizer, eu sou braaaanca, né? Sou uma mulher cis, sou casada. Aquela assim, fazendo as contas, sou casada desde 2003. É...

G: Heterossexual?

V: Heterossexual. Aquela assim, muito tristemente, heterossexual. [ri] Porque eu tô achando tão... tô achando tão demodê heterossexual Tô achando muito demodê.

G: [ri] É... queria que você contasse um pouquinho assim sobre você. Por que você decidiu se tornar jornalista? Como foi esse processo? Cê saiu de Minas e foi estudar em outro lugar?

V: É, não tem muito assim, não tem muito segredo. Tem assim um momento em que eu... Eu a vida inteira, gostei de ler, desde criança. Sempre tava lendo, com um livro na mão, sempre gostei muito de escrever. Era aquela aluna que as redações, a professora lia na frente, fazia altos elogios e tal. Mas por alguma razão - e eu desenhava também, eu sempre fiquei muito ligada, eu gosto muito de arte, tudo que envolve arte e eu gostava de desenhar. Mas, por alguma razão, quando eu fui definir o que eu queria fazer, eu fui pra arquitetura, eu fiz um ano de arquitetura. E na universidade que eu estava, em Alfenas, que é no sul de Minas...

G: A minha avó é de Alfenas!

⁹⁹ Foram utilizado pseudônimos nos nomes dos filhos, para preservar suas identidades.

V: Mentira! Olha aí, gente, pausa, que a gente vai descobrir que a gente é parente nesse exato momento. [ri] Eu tava terminando o meu primeiro ano de arquitetura e, então a gente vê cartazes pela universidade dizendo que ia abrir o curso de jornalismo. Eu nem tranquei o meu curso de arquitetura, eu abandonei o curso de arquitetura e só avisei meu pai. Falei “Pai, vai abrir o curso de jornalismo aqui, é o que eu quero fazer”. Foi uma coisa assim, imediata. Então, aí eu passo a fazer jornalismo...

G: Mas você já tinha pensado antes em fazer jornalismo?

V: Não, eu tive convite, justamente por escrever, né? Aquela coisa de cidade de interior, eu tinha um amigo, o Roberto Lorenzo, que tinha um jornal na minha cidade. Eu era adolescente e ele me convidou pra escrever. Mas meus pais ficaram preocupados, cidade do interior, vai ficar escrevendo em jornal, num é legal. Pode, né? Dá um... enfim. Aquele foi um primeiro flertezinho, né? Então, que só foi, a coisa só foi se concretizar quando eu vejo aquele cartaz na universidade, né? Curso de jornalismo, primeira turma. E aí eu abandonei a faculdade de arquitetura, não tranquei, e fui pra fazer jornalismo.

G: E foi fazer em Alfenas?

V: Comecei em Alfenas, isso. E eu terminei no Rio, porque me transferi para o Rio, né? Quando eu me casei. E aí eu terminei na Estácio, lá no Bispo.

G: E como é que foi durante a faculdade? Gostava do curso?

V: Era... era uma paixão assim, porque, é... Dentro da faculdade, eu achei que fosse pro fotojornalismo. Eu passava muito tempo dentro do laboratório, eu gosto de imagem, tanto que eu tirei 12 anos da minha vida pra fotografar. Foram 12 anos que eu fiquei fora do jornalismo e eu passei fotografando. Fotografava, moda, fotografava....Eu amo fotografar até hoje. E numa aula de telejornalismo, eu tive um professor que ele falou “você nasceu para o telejornalismo”. E aí eu, aí começou a minha história com telejornalismo. Então no Rio eu conheço o meu professor Antonio Brasil, que eu falo que é quem de fato me colocou no telejornalismo. E era assim, cara, eu... eu tava ali dentro do estúdio, eu tava gravando, eu tava fazendo matéria na rua, eu tava. Era o que eu sempre quis, assim, né? Ser a voz das histórias, contar as histórias que não eram minhas, que as pessoas não teriam oportunidade de saber que

aquilo tava acontecendo se a gente não tivesse ali para contar, né? Então ser essa porta-voz, a testemunha daquilo que estava acontecendo, era uma coisa assim que me fascinava. Então eu soube ali, “não, é isso que eu vou fazer da minha vida”.

G: Só colocar aqui eu acho que vai ficar... [ajusto a posição do gravador]

V: Vai, falando aqui, ó, espera aí, pronto, aqui.

G: E como é que foi essa entrada no mercado de trabalho? Cê começou, começou trabalhando...?

V: Eu comecei trabalhando na faculdade, esse meu professor...

G: Em Alfenas?

V: Não, no Rio. Esse meu professor, Antônio Brasil, ele tinha uma agência de notícias internacional no Rio, que era o *Worldwide Television News*, a *WTN*, junto com a Cristiana Mesquita, que hoje ela é, ela é diretora da *Associated Press* pro Caribe e pra América Latina, né? A Titi, que todo mundo conhece. É uma jornalista brasileira que cobriu guerras lá fora. E aprendi, assim, demais com ela. E o Brasil, então, me puxa para trabalhar dentro da *Worldwide Television News*, né? Fazendo a produção das matérias, a gente atendia, é.. televisões de fora, né? *BBC*, *NBC*, *ABC*. Trabalhava basicamente com o mercado lá de fora. Fomos nós que fizemos a produção, a cobertura quando o Michael Jackson veio ao Brasil, né? Era a única equipe que era, que era autorizada. Tanto que quando a Glória Maria quis subir o morro, o Dona Marta, pra fazer a matéria, ela pediu pra Titi, pra que a Titi intercedesse junto ao, se eu não me engano, era o... não era o *manager* do Michael Jackson, era o Spike Lee, que era o diretor. Pra que deixasse então a equipe subir, porque a única equipe que tava autorizada era a *WTN*, que a gente tava cobrindo pra um programa que se chamava ‘Entertainment Tonight’, que depois acho que acabou virando o canal ‘E’, né? O Entertainment. E eu comecei ali. Então, e aí, quando eu saio da, da...*WTN*, surge a oportunidade, eu tinha um amigo que era jornalista na *Manchete* há muito tempo, e eu encontrei com o PC na rua e ele me pergunta assim “Vanessa, é, cara, eu tô precisando de uma ajuda. Eu tô precisando achar uma jornalista. Eu tô com uma vaga para correspondente da ESPN aqui no Rio, mas eu preciso de alguém que fale espanhol fluentemente. Você

conhece alguém? Você tem alguém para me indicar?” Eu falei “Claro, eu”.

G: Falava mesmo?

V: Claro que não! Óbvio que não! Mas a minha sogra, minha primeira sogra, era espanhola. E eu, naquele período, eu tava vivendo com ela. E aí, ali mesmo o PC falou “Poxa, vamos gravar um teste sábado, tal hora, na Lagoa, vamos fazer um teste para a ESPN pra ver se eles te aprovam e tal?” Falei “vamos”. Aí eu saí dali, eu lembro que eu passei numa livraria em Botafogo, comprei, é, um dicionário Michaelis, pequenininho, de espanhol. [agradece a atendente que avisa que o pedido está chegando] Tá bom, obrigada, amada. É...comprei um dicionário, peguei o jornal, comecei a traduzir matérias de futebol, porque era para a gente cobrir futebol aqui, e eu traduzia e ficava lendo pra minha sogra.

G: E ela te ajudando..

V: Pra ela me corrigir, na, na... no acento, pra ver se eu tava, se tava tudo certinho, gramaticalmente. E aí eu consegui, que o PC, aquela época que era época do fax, né? Eu tava conversando com ele, e eu “Ô, PC, é, deixa eu te falar, eu tô com uma dúvida no estilo do texto. Será que você podia me mandar um teu texto pra eu dar uma olhada? Pra gente fazer no mesmo estilo e tal?” E ele “não, claro”, me passou um fax com o texto dele. O que que eu fiz? Eu traduzi o texto dele, fiz algumas alterações, né? Óbvio E o meu texto pro teste da ESPN foi baseado no dele e eu passei assim a semana treinando aquilo. E aí, eu fiz o teste e fui aprovada. Então, enquanto eu tava na faculdade, eu já era correspondente da ESPN no Brasil.

G: Você tinha quantos anos?

V: 25? Acho. 24, 25. Porque eu me lembro que eu fui pra Copa América, cobri a Copa América, na Bolívia. E eu fui a única mulher do Brasil que foi pra cobrir. A única jornalista que foi dentro de um avião só com homem, só tinha homem, né?

G: E como é que foi isso?

V: Foi engraçado porque, é.... É engraçado eu falar disso porque as pessoas acham que, que ali eu poderia ter sofrido algum, né? Algum tipo de assédio. Nada. Sempre foram todos muito

respeitosos. E, por um acaso, eu tinha uma proximidade com o Ronaldo [Gaúcho] porque eu era amiga da Suzana Werner. Então, num determinado momento do voo, o Ronaldo me chama pra frente do avião pra gente ficar jogando cacheta. Então, tava eu, a única mulher ali, jogando cacheta com Taffarel, Flávio Conceição, né? E eu me lembro que nesse, nesse... nessa cobertura, numa entrevista que eu tava fazendo com o Dunga, que era o capitão da seleção na época, ele me fez uma pergunta que eu achei assim tão absurda, “Como é que seu marido deixa você trabalhar? Sair, né? Pra trabalhar”

G: Sozinha...

V: É, né?

G: [ironicamente] Que absurdo!

V: Que absurdo, né? Mas foi assim.

G: E na época você já via essa pergunta assim?

V: Eu achei, achei muito engraçada, muito curiosa, porque pra mim, a mulher trabalhar fora sempre foi natural. Eu fui criada com a minha mãe assim, né? Minha mãe saindo pra trabalhar, meu pai nunca teve esse tipo de cobrança dentro de casa, né? Nunca é, é.... Hoje eu observo alguns, alguns, alguns traços de machismo, em outras em outros...outras nuances do relacionamento, mas não esse. Então eu achei tão curioso ele me perguntar aquilo, porque eu falei “ué, mulher tem que trabalhar”, “não, minha mulher ficou”. E de fato, né? A mulher dele, na época, não trabalhava fora não. “Mulher tem que ficar dentro de casa trabalhando e tal”. Então, assim, eu, eu me vi como se fosse um animal exótico assim, sabe? Pra ele, naquele momento, foi muito engraçado.

G: E você sentia, por tá ali sendo a única mulher, você se sentia de alguma forma...? Você falou que dentro do voo não, né?

V: Não, tratada normalmente. Via, era, mas eu acho que era mais curiosidade mesmo das pessoas, né, na Bolívia. Da gente tá gravando na rua, fazendo passagem na rua, gravando os *stand ups* na rua, então ficavam muitos homens em volta. Mas eu acho que era mais

curiosidade por ser uma figura de televisão, por tá ali na rua. Eu nunca senti nenhum, nunca recebi nenhum ataque, nunca senti nenhum.... Nenhum episódio assim, nunca vivi nenhum episódio de machismo. Curiosamente, na época que eu cobria futebol. Curioso, né?

G: É. E na faculdade também, quando você se formou tanto em Alfenas...

V: Não, na faculdade...

G: Tinha muitas mulheres? Como é que era?

V: Tinha muitas mulheres. E, veja bem, o julgamento quando eu fui...É, obviamente a gente....Eu tinha uma afinidade, né? Telejornalismo, com meu professor de telejornalismo, era uma pessoa que, cara, que eu respeitava muito, é meu amigo até hoje, né? Ele está vindo fazer pós-doc em Brasília, e eu tô ajudando a buscar lugar pra ele ficar e tal. Nós somos amigos, né? E quando ele me chama, então, pra trabalhar dentro da, da, da empresa dele, com a mulher dele, os ataques vêm de mulheres. Dentro da faculdade, né? Assim, eu casada, ele casado, e as pessoas falando que eu tinha um caso com ele, que eu tinha... é, era umas coisas pesadas assim, mas que eu ignorava. Eu tinha uma meta, eu tinha um objetivo, né? Eu queria aquilo ali e eu achava aquilo tão pequeno. Eu simplesmente, bem canceriana assim, né? Eu cortava a pessoa e seguia.

G: E depois da *ESPN*, você...?

V: Não, aí foi engatando, né? Depois que eu volto da *ESPN*, vou pra *Globo*. Nesse período que eu tô lá, eu me separo e aí eu precisava de um trabalho que me pagasse o dobro no que eu ganhava.

G: Você trabalhava na *TV Globo*, na TV. Ou n' *O Globo*?

V: Na TV.

G: E você fazia o que lá?

V: Eu cobria esporte, né?

G: Ah, sim.

V: E aí, então eu recebo um convite da *Band*. Pra poder ir pra lá. E aí, o salário era um pouco mais que o dobro do que eu ganhava no, na *Globo*. Vou pra *Band*, trabalho lá. Na *Band*, eu não cubro só, só esporte, eu cubro cidade. E passo a substituir a Amanda Pinheiro na época, que era apresentadora, né? Eu era alternante dela. Então, quando ela não podia apresentar o jornal, quem apresentava o jornal local do Rio era eu. Dali, eu vou pro *Jornal Extra*, a convite do Renato Maurício Prado. Era uma precursora de Leo Dias. [eu rio] Mentira, eu sempre fui do bem, eu sempre fui do bem, inclusive eu conheci Leo Dias...

G: Cobria celebridades?

V: Cobria celebridades, inclusive conheci Leo Dias nessa época. Leo Dias não era o que ele é hoje, não era. Era uma criatura querida demais, né? Mas então eu passo a cobrir televisão, passo a cobrir tudo que é envolvido, né? Com, com ali no ecossistema *Globo* e tal. E de lá eu vou pra *globo.com* e aí a gente fica baseado no Projac, fazendo os projetos dos, dos... *chats* que tinham, né? De, de, das gravações de novela, de eventos do Oscar, de transmissão de Oscar. Então a gente levava, Zé Wilker, pra comentar junto com os internautas, ficar conversando com eles em chat para falar.... A gente levava, a gente fez um que foi super incrível, quando lançou O Senhor dos Anéis, é, eu consegui com a *New Line* que o Elijah Wood participasse. E foi uma operação de guerra, porque a gente teve que bloquear os acessos de fora do país. Pra que, então, os internautas brasileiros, conseguissem, né? Porque senão ia cair.

G: Caramba!

V: É, foi muito legal. E aí quando eu tô na *globo.com*, aquela loucura de ir pra, porque fica na, na Barra, mas a gente ficava muito em Jacarepaguá, então começa essa coisa de ficar pesado, quase três horas no trânsito, o filho ficando sozinho...

G: Você morava na Tijuca?

V: Eu morava na Tijuca, tendo que ir pra Barra. E, às vezes, por exemplo, a gente tinha que

fazer chat do Faustão. Eu chegava 10 da manhã no Projac, eu ia sair meia-noite de lá, pra no dia seguinte tá na globo.com cinco e meia da manhã pra preparar o chat da Ana Maria Braga. Então, assim, era muito pesado, eu acabava não conseguindo ficar com meu filho. Nesse período, então, lá na escola do Diogo, Diogo estudava no Marista São José, lá em cima, é... Aparece uma bala perdida de fuzil dentro da escola. Então começam algumas coisas que eu já falo “não quero mais ficar no Rio”.

G: Alguma criança se feriu?

V: Não, não, graças a Deus não, né? Teve um assassinato dentro do meu condomínio que ninguém sabe como é que aconteceu. A pessoa entrou, matou a pessoa, saiu e ninguém viu. Então foram coisas assim, uma sucessão de episódios que foram acontecendo que eu falei “não quero mais ficar aqui”.

G: E aí decidiu vir pra Brasília.

V: Decidi vir pra Brasília, isso.

G: E como é que foi essa mudança?

V: Então, eu sou muito boa na questão de fechar as coisas e começar do zero, isso eu não tenho problema nenhum. Eu literalmente fechei minha casa, eu me desfiz de tudo e vim pra cá. Com meu filho, né? Aqui, obviamente eu tive suporte porque eu tenho uma tia que mora aqui, então eu acabei ficando um ano com ela. Ela mora numa chácara, morava numa chácara. Então eu tinha esse suporte. Eu já cheguei aqui, já fui trabalhar no *Jornal de Brasília*. Tipo, cheguei, uma semana depois eu já estava no *Jornal de Brasília* como subeditora de cultura.

G: E quais que foram, assim, as coberturas que mais marcaram?

V: Coberturas que mais, eu acho que... eu acho que é da Itapemirim. Porque foi uma matéria minha que suspendeu os voos da Itapemirim.

G: Foi você?

V: Foi. E ali tudo começou, né? E tudo relacionado ao 8 de janeiro. Isso para mim foi muito marcante. E, e eu consegui estabelecer, estabelecer relação assim com fontes muito boas, com advogados de envolvidos com 8 de janeiro. Então, nesse período eu trouxe, eu trouxe, eu dei muito furo. E tem uma matéria especificamente que eu tenho muito orgulho dela e acho que ela tem que ter algum tipo de desdobramento. Eu tô até pensando de que maneira. Que é uma matéria, que eu achei, que é uma matéria antes, uma semana antes da matéria que originou as ameaças. Eu achei que por essa matéria, sim, eu receberia ameaças. Que é uma matéria sobre como a extrema-direita usa, é, crianças arregimentando pra, pra... cursinhos pré-militares¹⁰⁰, que na verdade são escolinhas paramilitares, né? Então, que crianças, elas usam simulacro de arma nos, nos treinamentos, nos mesmos moldes do batalhão Azov, né? Na Ucrânia, nos mesmos moldes da Juventude Hitlerista. É o *modus operandi*, é igualzinho. Igualzinho. Essa matéria, o pessoal do *Medo e Delírio* transformou em um episódio do podcast deles.

G: Que legal.

V: É, é muito legal a matéria, muito legal.

G: E essas coberturas que você falou, fora a Itapemirim, foram todas no *Congresso em Foco*?

V: Itapemirim foi no *Congresso em Foco*, essa foi do *Congresso em Foco* também.

G: 8 de janeiro também?

V: 8 de janeiro, não, 8 de janeiro, eu tava já no *Antagonista*, num momento que o *Antagonista* tava querendo fazer jornalismo, né? Eles chamaram, contrataram alguns jornalistas que, durante um período, eles queriam se afastar daquela coisa lavajatista, né, do bolsonarismo tal, e queriam fazer jornalismo. Obviamente, um veículo conservador, mas queria fazer jornalismo. Então, ali eu vou cobrir, eu cobro o judiciário, então eu viro o setorista do judiciário. Tudo relacionado a STF, era eu que cobria, tudo relacionado a parte de TSE, julgamento de Bolsonaro, todas essas coisas, então sou eu que, que cubro.

¹⁰⁰ Disponível em:

<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaristas-usam-escolas-paramilitares-para-dout-rinar-criancas/> Acesso em 05 dez 2024.

G: Então, nesse período você vem pra Brasília, fica no *Jornal de Brasília*...

V: Isso. Aí, quando eu saio do Jornal de Brasília, eu tenho esse eu, quando eu fico grávida da Mariana, que é a minha...

G: Sua mais nova?

V: A minha do meio. Então eu tiro um enorme período sabático, que é quando eu vou trabalhar com fotografia, quando eu vou trabalhar com publicidade, com tudo isso. Ai, que delícia. [a comida chega]

=====

A gravação é pausada. Enquanto comemos, conversamos sobre outros assuntos. Até que Vanessa retoma a falar sobre sua experiência profissional, mais especificamente no *Antagonista* e os embates que teve com o jornalista Felipe Moura Brasil. Volto a gravar nossa conversa quando ela já está terminando de contar o que a fez sair da empresa.

=====

V: Quer saber de uma coisa? Eu vou me manifestar nas minhas redes. Então, é o momento [em] que eu começo a me posicionar pró-Palestina. E aí a gente começa então a ter problemas. Eu já estava em negociação, eu já queria sair do *Antagonista*. É...eu já tinha negociado com a deputada, Célia Xacriabá, pra ir pra lá, pra comunicação dela. Estava só esperando ela voltar da COP e eu tirar minhas férias e ir pro gabinete dela. E aí, numa segunda-feira, eu falei “quer saber de uma coisa? Eu não vou esperar nada. Eu vou pedir demissão”. Aí eu chego, o Wilson, que era o chefe daqui, me chama. “Vanessa, vamos numa reunião?”

G: Ele era chefe de onde, desculpa?

V: Daqui de Brasília. “Ah, então, olha, a gente decidiu encerrar o contrato”. Sexta-feira eu tinha tido um problema com o Felipe [Moura Brasil], com o bate-boca. “E aí a gente decidiu

encerrar o contrato, tal, não sei o quê”. Aí eu tava sorrindo, aí falou “Ué, por que que você tá...”

[um dos pedidos que tinha vindo errado, chega de novo]

V: E aí eu comecei a rir, né? Porque eu falei “Ô, Wilson, se você fosse cavalheiro e tivesse me deixado começar a conversa, você teria poupado a multa contratual do *Antagonista*, porque eu vim pra pedir demissão. Ele, “como assim?” Eu falei, “não, mas continue, você começou o assunto”. [ri] “Bora lá”. “Ah, então..” Eu falei “não, eu sei porque a razão disso é a mesma razão pela qual eu quero sair, pela minha posição, meu posicionamento pró-Palestina. O Felipe só quer quem seja sionista aqui dentro, ele não admite opiniões contrárias, e é isso, um abraço, tchau, obrigada, foi bom, tô indo pra Cancún semana que vem”.

G: Mas ele justificou falando que era exatamente isso?

V: Não, ele ficou todo sem jeito na hora que eu falei, né? “É, não, então...É porque...”, começou a gaguejar, eu falei, “não, tá tudo certo, não precisa muitas explicações. Eu já tinha vindo com a intenção de pedir demissão, você me premiou com a multa contratual.”

G: Pôde tirar férias!

V: Eu já tava, eu já ia sair de férias. Já tava com passagem comprada, tudo pra Cancún. Foi lindo em Cancún, né? Com a multa contratual.

G: Férias remuneradas!

V: Uhum! E o mais curioso... É que o dono do *Antagonista*, ele tem fazendas no norte de Minas, né? 93% da fazenda dele é em áreas sobrepostas a território indígena Xakriabá. Então, você imagina o triplex na cabeça dele quando eu saio de lá?

G: E vai trabalhar justamente com isso, com a Célia Xakriabá.

V: E porque ele conversava muito comigo sobre o marco temporal e eu falava, me

posicionava. “Não, isso é bom pra vocês”.

G: E como é que foi essa aproximação com a política? Você já tinha trabalhado antes?

V: Não, eu começo... Eu começo a me aproximar da política quando, em 2017, eu vou pro *Jornal de Brasília*, volto pro *Jornal de Brasília* como editora e, em seguida, eu sou...vou pra editoria executiva. Então, aí eu começo a trabalhar com o Rodolfo Lago, que era o diretor da *Isto é*, aqui em Brasília. E aí a gente, por conta de reuniões mesmo, por conta de definir, qual a pauta do dia, tá, tá, tá. Então, eu vou me aproximando e eu descubro que eu gosto. Eu gosto muito de política. E aí então começa, quando o Rodolfo sai pro *Congresso em Foco*, do *Jornal de Brasília*, onde ele era editor-chefe, e ele me puxa pro *Congresso em Foco*. E aí a coisa consolida.

G: Isso você sai do *Jornal de Brasília*, ficou esses 12 anos na fotografia, e quando ele sai pro *Congresso em Foco*, aí te puxa...

V: Não, quando eu saí do *Jornal de Brasília*, a primeira vez, eu fiquei 12 anos fora.

G: Ah, depois você ainda voltou para o *Jornal de Brasília*.

V: Aí, quando eu volto para o jornalismo, eu volto para o *Jornal de Brasília*, que foi minha primeira casa aqui. Minto! Não, não foi do *Jornal de Brasília* que eu decidi parar, não. Eu tava na diretoria de marketing do Banco do Brasil e eu fiquei grávida da Mariana. Eu era terceirizada da diretoria de marketing. Eu cuidava da agência de notícias, do... da diretoria de marketing. E muito também ligada ao esporte, tudo de esporte que o banco fazia. Então, eu viajava muito com a seleção brasileira de vôlei na época.

G: Aham.

V: Coisa que eu gosto, amo esporte. E aí, então, eu fico grávida da Mariana. Aí o Bruno¹⁰¹ [marido de Vanessa] fala pra mim “Vanessa, olha só, é muito puxada a tua rotina. É...Por que você não fica só curtindo a gravidez? Você não curtiu a gravidez do João”. Porque era

¹⁰¹ Pseudônimo.

faculdade, era trabalho, era uma série de coisas que eu não consegui parar. Era um outro momento, né? No meu primeiro casamento. Então, quando engravidado da Mariana, no meu segundo casamento, o Bruno falou “não, ‘vamo’ só curtir”. E beleza, ‘vamo’ só curtir.

G: E aí você ficou um tempo...?

V: Fiquei, e aí quando Mariana já tá um pouquinho maior, aí eu falo... Eu volto a me aproximar da fotografia. E aí são 12 anos, 12 anos. Nossa, uma delícia. Uma delícia.

G: E por que você decidiu voltar pro jornalismo?

V: Porque, então... Cara, não tem jeito, né? É cachaça. Tem um bichinho dentro da gente. Eu nunca deixei de escrever, nunca deixei de opinar, nunca deixei nada assim. E aí chegou uma hora que eu falei, “não”, eu só senti assim, “tá na hora de voltar. Tá na hora de voltar”.

G: Você não deixava de escrever, você escrevia blog?

V: Escrevi em blog, escrevi... na época tinha... pra concorrer com o *Orkut*, lembra que tinha uma plataforma chamada *Multiply*? Que era muito legal, era uma evolução do *Orkut*. Se eu não me engano, era da *Microsoft*. Era uma evolução do *MSN*, se eu não me engano. E era muito legal, porque ali você tinha, você tinha a opção não só das micromensagens, você tinha a opção de blog, você tinha a opção de álbum de fotografia, você... Era muito... e a interface era muito mais interessante. E ali eu escrevia. De vez em quando eu revisito, eu vou lá no *Wayback Machine*, digito lá só pra eu entrar de novo na página, nas que foram fotografadas pelo *Wayback* e pra ficar relendo as coisas que eu escrevi. Era muito bom, muito gostoso.

G: Legal, legal. É....você passou por muitos lugares, né?

V: Passei.

G: E... você falou da violência, no caso, da violência policial no Rio, né? Mas, durante todos esses veículos que você passou, todos esses lugares que você trabalhou, você tinha sofrido algum episódio de violência antes? Algo que te marcou assim?

V: Não entendia... porque na época a gente não entendia. Veja bem, a gente tá falando da década de 90. Na *Band*, a gente tinha um cinegrafista lá, que era folclórico, por maltratar as mulheres, as jornalistas. E...e ele era extremamente grosseiro, é, constrangia a gente, tipo, se o pauteiro fala..., né, era pauteiro, vê bem, falasse, “olha, fulano, quem vai...Vanessa, a tua equipe é o fulano e ciclano”. Se ele tivesse, ele “Ah, não! Vou sair de novo com essa menina?” Assim, no meio, sabe? [eu faço uma reação de incredulidade] É, é. E nós somos educadas pra sermos educadas, né? Pra gente não...não revidar, a gente não falar no mesmo tom. E a coisa só mudou quando eu levantei a voz com ele, porque eu já estava de saco cheio. A partir dali, eu vejo uma mudança em mim. Porque eu entendi que eu era uma mulher que comandava uma equipe de homens. O resultado da minha matéria dependia deles. E eu não ia deixar que eles interferissem na qualidade do meu trabalho. Todas as vezes que eu saía com esse cinegrafista, ele fazia as imagens, sabe? Tudo que eu chegava e pedia pra ele, ele fazia de má vontade... A matéria nunca ficava do jeito que eu queria! E... e ele era extremamente machista, ele era grosseiro, ele, ele....ele chamava a gente de, de...de mimada, filhinha de papai... um monte de coisa. Ele era uma criatura, era uma criatura.... enfim, ele tinha problemas com ele mesmo, só que ele descontava nas repórteres. Não me lembro dele ter uma... Não, ele gostava de sair só com as que eram mais veteranas, entendeu? As que já tinham um nome. Quem era, quem estava começando, ele não gostava e sempre maltratava. Mas é a partir dali, então, que eu mudo a minha postura. Que é pra vida.

G: E você decidiu e falou diretamente com ele?

V: Falei diretamente com ele. Falei no tom dele, na linguagem dele e alto como ele falava comigo.

G: Você pensou antes em falar com a chefia?

V: Ele fazia isso na frente da chefia. E a chefia não fazia nada.

G: Eram homens, chefes homens?

V: Tinha, na época, que era a nossa chefe, era a Edley, de lá. A gente tinha o Elcio, que era pauteiro. Que eram os dois que comandavam a redação ali. Ele era um cara que já trabalhava lá há muito tempo. Então, normalizou-se esse mau humor dele. Então, virou uma coisa

folclórica, sabe? As pessoas num...”Ah, ele é assim mesmo, ele é assim mesmo”. E nessa do “ele é assim mesmo”...Sabe, várias vezes eu fui trabalhar com vontade de chorar. Várias vezes, eu fui trabalhar me sentindo extremamente diminuída, sentindo que o meu trabalho era uma merda, que eu era uma merda de profissional. Nossa, pode falar palavrão nesse negócio?

G: Pode, pode. Deve.

V: E chegou um momento que foi a... foi a gota d'água pra mim. E eu levantei a voz com ele, eu falei no mesmo tom que ele. No mesmíssimo tom, com o dedo na cara dele. A partir daquele momento, ele mudou. Tanto que eu me lembro que uma vez a gente estava no carro da, da *Band*, a gente estava voltando pra emissora, ali na, na Voluntários da Pátria, é... a gente pegou uma enchente e o carro entrou numa...levantou a tampa de um bueiro e prendeu no carro. E a gente começou a ficar ali e eles queriam tirar o carro. E era ele que estava no carro junto com o, o, o...o motorista. Eu não me lembro se tinha mais alguém, se na época a gente saía com o assistente...

G: Operador de áudio?

V: Eu acho que tinha mais alguém. E aí, eu tava tão dona de mim mesma que ele virou e falou assim “você não vai sair pra empurrar o carro não?” Eu falei, “claro que não”. [ri maleficamente] Tipo, claro que não. Levantei, puxei meu pezinho pra cima do banco pra não molhar meu pé e, tipo, num outro momento, eu não faria isso, eu ia querer agradar, eu ia querer, “não, vamos ali”. Mas o cara era tão escroto que eu queria que ele soubesse que eu achava ele escroto. A partir daquilo ali, muda o comportamento dele comigo. E eu notei em vários momentos da minha vida - e não deveria ser assim - que quando nós levantamos a nossa voz, quando eles percebem a potência, eles não deveriam perceber a nossa potência por a gente levantar nossas vozes, a gente falar grosso como eles, a gente, enfim, ter que se alterar. Teve uma vez, numa entrevista, veja bem, era uma entrevista que eu tinha marcado com Miguel Falabella. Miguel Falabella tinha fama de aprontar com jornalistas. E eu peguei e liguei pra ele, “Miguel”, pra falar alguma coisa, “é Vanessa Lippelt, aqui do *Jornal Extra*, tudo bom? Eu queria repercutir com você isso aqui, pra falar do teu trabalho”, “Aí Lippelt, você pode me ligar daqui a meia horinha?” “Te ligo daqui a meia hora”. Liguei pra ele. Ele tinha acabado de falar comigo. Ele me pediu. Eu ligo pra ele, ele começa a gritar comigo no telefone. “Eu não vou falar, eu não quero falar!” E aí, nesse momento, eu começo a gritar com

ele no telefone. Eu lembro que o Hauser, meu chefe, ele arregalou o olho assim “O que tá acontecendo?” E eu falei, “Falei, gritei com ele do mesmo jeito que ele gritou comigo!” Falei, “o interesse é seu, eu te liguei anteriormente, você me pediu pra ligar nessa hora, eu estou ligando pra falar de um programa que é teu, é um produto teu, é teu interesse, se você não quer falar, meu amor, não precisa falar, te agradeço, um abraço, tchau”. Pá!, desliguei o telefone. Juro, não deu meia hora. Ele me ligou, ai, “Me perdoa, eu achei que era a menina do *Jornal Dia*”. Eu falei, “ah, você trata jornalista assim?”

G: E ele?

V: Ele começava a rir. Eu sabia que ele fazia isso com colegas do *Dia*. Eu só não achei que ele fosse falar isso. “Aí eu achei que era a menina do jornal *O Dia*”. Então... e você via quando era um homem da redação ligando pra ele, era outro tratamento. Então tem umas coisas que são no nosso dia-a-dia e, principalmente nessa, nessa... nessa década de 90, em que as coisas eram muito normalizadas. Eu me lembro, na época da faculdade, eu fui procurar um estágio na *Manchete*, me chamaram lá. E uma grande figura da *Manchete*, na reunião, virou e falou assim, “Olha, você é ótima, sua figura é ótima no vídeo, mas você precisa oferecer algo a mais”. Eu falei, “tá bom, brigada”. E fui embora. Arrasada. Eu fui embora chorando. O cara falou pra mim que eu era boa, que eu era competente, que a minha imagem era boa. Mas, veja bem, eu tinha que oferecer algo a mais. O algo a mais era algum favor sexual, alguma coisa. Tipo, e eu convivo com a filha dele, sou amiga da filha dele, e isso é assim, é entalado na minha garganta. Nunca jamais falarei, mas era uma grande figura da *Manchete*. Então, tem coisas que são muito sutis, que foram normalizadas. Hoje, do alto dos meus 53 anos, não.

G: Antes, né?

V: Antes eram normalizadas.

G: Não, digo, você se levantou antes.

V: Não, eu me levantei antes. Mas eu observo muitas coisas, de onde eu tô hoje, eu revisito várias coisas e eu falo “cara, isso aqui tava muito errado”. De chefias mesmo, de propostas. Não são propostas só sexuais. É de usar a posição de poder pra obter outros tipos de favores,

né? Eu tinha um chefe, por exemplo, que queria sair com a Susana Werner. E ele me chamou dentro da sala da diretoria, me oferecendo vantagens caso eu arrumasse um, um... um encontro dele com a Susana. São coisas muito surreais, né? A gente olha assim,...Mas assim de, como foi o que aconteceu no *Congresso em Foco*, que foram vários tipos de violência ali. Tem a violência direta do pessoal que, que ameaçou, mas tem a reação da empresa. Aí você percebe o machismo de, por exemplo, se você for ver o começo da cobertura, você vê que...E aí eu quero deixar muito claro que eu não tô... Não tem como desmerecer qualquer tipo de, de...de violência que alguém tenha sofrido. Mas a violência que o meu colega sofreu é completamente diferente da minha. E aí você vê uma hipervalorização do que foi feito contra um homem e aquela coisa de tentar invisibilizar o que foi com uma mulher. E a coisa só muda dentro do *Congresso em Foco* no momento em que eu tenho uma crise de choro com, com.... com o Edson, que eu não sei nem qual que é a... E eu falava “eu não tô entendendo porque vocês querem invisibilizar o que aconteceu comigo”. Porque essa coisa do “coitadinho do Lucas, coitadinho do Lucas” não teve filho ameaçado, ninguém ameaçou o Lucas de morte, ninguém ameaçou o Lucas de estupro, ameaçou assim, vazar a placa do carro, “ai, eu sei o seu roteiro, ai, eu sei isso, eu sei aquilo”, coisa que você acha na internet. E aí, é... teve um deputado que, quando ele vai falar do caso, ele passa o tempo inteirinho dele na tribuna falando do Lucas. E eu peguei, eu acabei com a raça desse deputado pra assessora dele, acabei. Eu fui meio assim...E aí ela me liga e tal, “ai, o deputado tá pedindo desculpas, não sei o quê, assiste agora que ele vai falar”. Eu falei, “tá vendo o absurdo? Eu tenho que pedir pra que vocês me vejam, pra que vocês deem atenção ao que aconteceu. Não quero que ele vá fazer um repeteco. Não quero. Não é isso”. Então, assim, são várias nuances do que, que...O estopim foram as mensagens, mas a coisa vai se desfolhando de outras formas.

G: Queria que você voltasse um pouquinho, como é que começou... antes dessa matéria que o Lucas foi quem assinou?

V: Eu não tinha nada a ver com essa história, né? Eu fui editora.

G: Mas tinha outra matéria também?

V: Tinha. Nós estávamos no *Jornal de Brasília* e na época...

G: O Lucas também?

V: O Lucas era meu estagiário. E, na época, teve um ataque ou uma tentativa de ataque no Rio Grande do Sul, numa escola. E eu e o Lucas, a gente já meio que monitorava esses *chans*. E eu vou te falar que eu não me lembro por quê....Ah, sim, por conta de Suzano! E a gente monitorava. E, nessa matéria, a gente vê, então, a troca de imagens, a troca de informações nesse *chan*, As informações batiam direitinho com o ataque no Rio Grande do Sul. Nós fizemos a matéria, mandamos o material pra Polícia Federal e tudo mais e publicamos isso. Então, aí a minha ligação com o *chan* é essa. Quando vem a matéria do Lucas...

G: Nesse momento, você não tinha recebido nenhuma retaliação por causa da matéria?

V: Não! Nada, nenhuma.

G: E isso foi em que ano, mais ou menos?

V: Um ano antes, ou pouco mais de um ano, é, por aí, 2020, 2021. Foi na época dos ataques, né? E aí, então, passa-se esse tempo, Lucas me manda, “Vanessa, olha o que eu achei”. Me mandou todo o material. Aí eu falei, “Bora publicar. Isso é muito bom”. E aí, ele faz a matéria, eu sou a editora da matéria e tal. Quando vão buscar o nome do Lucas, acham o meu nome com o dele na matéria, na outra matéria. E é aí que eu sou arrastada pra essa história. O que eu ajudei nessa matéria? Eu não assino essa matéria, eu ajudei na edição, na apuração, mas eu não assinei a matéria. E eles só vão me relacionar por conta da matéria que nós fizemos no *Jornal do Brasília*. E aí eles, então, “não, essa mulher tá sempre infiltrada nos *chans*”. E aí eles me puxam, então, pras ameaças.

G: O Lucas começou a receber os ataques antes?

V: O Lucas recebeu o primeiro. O primeiro e-mail.

G: E ele notificou a empresa?

V: Na mesma hora. Na mesma hora.

G: E o que a empresa fez?

V: Não, já aciona jurídico, tal, e a gente já começou a se movimentar ali. Aí, se eu não...

G: Em quanto tempo depois da publicação da reportagem?

V: Menina, eu não sei se foi no dia... Acho que foi no mesmo dia da matéria, o Lucas recebeu o e-mail, e aí no dia seguinte, então, eu recebo o e-mail. E aí são mensagens, tipo, completamente diferentes assim.

G: Que que ele recebia?

V: Recebia do tipo, “a gente sabe a placa do seu carro”, o Lucas continuou vendo no *chan*, né? Eles falando, eles vazando o nome do Lucas, “a gente sabe que você tem uma namorada”, “a gente sabe o caminho que você faz pra casa”, “a gente sabe onde você mora”, mas aí pega o endereço antigo. A mesma maneira como eles fizeram comigo. Eles tinham endereço antigo, eles não tinham endereço da minha casa atual.

G: Tem ideia de como eles conseguiram ter esse endereço antigo?

V: Então, eles podem ter acesso a algum tipo de banco de dados de, de algum serviço público, por exemplo. Eu desconfiei que fosse Detran, porque o endereço que eles têm ali é o endereço do Detran. Sistemas que são fáceis de entrar.

G: Daí, o jurídico foi acionado, tomaram alguma providência?

V: A gente começou a monitorar. A gente pensa, quando a coisa então vem, a ameaça, pra mim, a gente, “opa, peraí, a coisa tá ficando esquisita agora”. Principalmente por conta do teor. O Lucas, ele é muito assim, ele ficou muito apavorado na hora que chegaram as ameaças pra ele. Claro, imagina, falando, “a gente sabe que você estudou no CEUG”. Ok. São informações que você pega na internet, eles não pegaram nada ali “meu Deus, eles realmente sabem”, entende? A impressão que dava era que dentro do *chan* alguém conhecia o Lucas. Da faculdade. E também não vazou nada demais, assim, do Lucas. Não foi, não tinha dado da mãe dele, não tinha nada disso. Ameaçou, “ah, gente vai... a gente, gente sabe que é sua noiva, anda no carro com você, faz o mesmo trajeto, tá, tá, tá”, umas coisas assim. Mas eu

acho que o teor dessas mensagens estão nas matérias do Lucas, ela tá explicando bem direitinho.

G: E ameaçavam ela também?

V: Ameaçou, falou da mãe dele. E falou da noiva. Mas não fala de estupro. Fala tipo, “eu sei, a gente sabe aonde a sua mãe trabalha”. Uma coisa assim.

G: Aí quando você recebeu o e-mail, os ataques começaram? Até então, só monitoramento. Não tinham feito nenhum protocolo, nenhuma denúncia.

V: Isso. Aí, eles me mandam e-mail. Com a foto de uma arma. E ali é um texto enorme. E aí, eles falam, “não, porque a gente vai, a gente vai te matar na frente das suas filhas”. Então, ou seja, eles já sabiam que eu tinha filhas. “A gente vai estuprar suas filhas na sua frente, a gente vai te estuprar, a gente vai, a gente vai te matar na frente delas”. Cara, um texto misógino, horroroso, assim, horroroso, pesado, com muito ódio.

G: Como é que você se sentiu quando você viu isso?

V: Então, cara, quando eu li a primeira vez, eu falei, “ah, não vou dar trela, isso é um bando de moleque”. Aí eu pensei, “não, se eu fosse sozinha na minha vida. E aqui eles estão falando das minhas filhas”. Tudo bem, em nenhum momento eles falaram que eles têm conhecimento de quem são minhas filhas. Eu fiquei primeiro assim, assustada, mas eu não fiquei com medo. Dá pra entender? Porque eu nunca recebi esse tipo de coisa. E eu ri, porque eu falei, “gente, eu não sou nem autora da matéria!”. Eu debochei deles. Eu falei, “que gente idiota! Eu não sou nem autora da matéria!”. Ainda pensei, eles vão mandar essas mensagens pra todas as mulheres do *Congresso em Foco*. Porque até então eu não tinha estabelecido a relação. Mas depois me deu muita raiva. Muita raiva quando eu fui relendo a mensagem. Os ataques e, e, e...E você percebendo, assim, a...É sempre uma tentativa de te desqualificar como mulher, te subjugar. Começou a me dar raiva quando eu vi que o que eles falavam pra mim era diferente do que eles falavam prum homem. Sabe?

Tudo, tudo sexista que eles escreveram ali, tudo era, era... Bem típico ali, era bem típico desses *incels*. Mas eu não dei o devido...[paula longa]

G: Atenção?

V: Atenção. Porque eu achei que a coisa fosse se restringir a mim. Quando o Lucas me manda o print e algumas pessoas que estavam dentro desse *chan* começaram a me ajudar. Eles vinham no *Twitter* e me mandavam os prints porque eu passei a ficar com medo, né? De acessar aquele *chan* e eles conseguirem me rastrear. E aí, enfim, eu comecei a não entrar mais.

G: Esses ataques tavam dentro do *chan* ou nas suas redes?

V: Também dentro do *chan*. Também dentro do *chan*. Eles não vieram em nenhuma hora nas minhas redes. E a primeira coisa, a primeira coisa que eu fiz, quando eu recebi o primeiro e-mail, eu tranquei todas as minhas redes. Eu falei pra todo mundo na minha família, “tranque suas redes”. Minhas filhas, meu filho, meu marido, todo mundo trancou, deixou tudo privado. É... e... mas eles não vinham nas minhas redes. Eles mandavam e-mail pelo e-mail do *Congresso em Foco*. Eu não me lembro de receber no meu e-mail pessoal, eles mandavam pelo *Congresso em Foco*. E aí, o Lucas me avisa que eles escrevem o nome da minha filha no *chan*. Aí eu me desesperei. [pausa] Aí eu me desesperei por completo, assim. Eu lembro que eu tive uma crise de choro. Eu fiquei, cara, eu fiquei muito desesperada naquela época, sabe? Porque a gente vinha de um processo com a Mariana, que a Mariana estava em depressão, a Mariana sofreu bullying na escola, sabe? E, de repente, ela tem que enfrentar tudo aquilo. [voz embarga] E eu falei, “cara, eu não consegui proteger minha filha”. Naquela hora eu me desesperei e foi naquele dia que eu fui, que eu fui pra delegacia com meu filho. Eu fui passando mal daqui até lá dentro do carro. E eu vou lhe falar. Eu sentia um ódio tão grande, tão grande, que se algum daqueles meninos aparecesse na minha frente, eu matava. Eu falava isso pro meu filho várias vezes. É uma coisa tão primitiva que a minha vontade, se eu encontrasse com eles, era matar as pessoas. E aí, você chega numa delegacia e você não é atendida. Você não tem o acolhimento. Mesmo eu sendo jornalista, sabendo que eles tinham obrigação de pegar e fazer o registro da ocorrência, Diego foi super tranquilo, assim, “mãe, vamos fazer o seguinte, vamos amanhã direto na especializada? Você tem amigos na especializada, você já conhece todo mundo lá, você já cobriu polícia. Lá é o lugar que a gente vai...” E ali então é quando a gente é acolhido mesmo, né? Tanto que na mesma hora a gente entregou os e-mails, eles já começaram a rastrear. Ali já viram que um dos caras era de Curitiba. Já viram que esse *William Maza* já tinha outros inquéritos que ele estava

respondendo. O tal do tio do *William Maza*, que é esse que foi preso pelo caso do *Discord*, se colocou, se dispôs a ajudar, dizia que não era o sobrinho dele, que estavam usando o nome dele e tal, mas depois foi comprovado que era.

G: Ele tinha outros, outros inquéritos também? Pelo mesmo crime?

V: Sim. Ele era investigado pela ameaça à Duda Salabert, o William Mazza. A Duda, se eu não me engano, Sâmia [Bonfim] também. A Sâmia....Quem mais? Tem uma... Se eu não me engano, a Erika [Hilton] também foi. É...mas tem mais gente. Tem uma... Eu não sei se a Benny Brioli também foi. Então, assim, ele ameaçou várias, várias pessoas. E aí, então, o delegado da especializada me fala, “olha, eu já vou entrar em contato com a polícia de Belo Horizonte pra gente já fazer aqui um...”

G: Desculpa, mas por que Belo Horizonte?

V: Porque a Duda Salabert é de Belo Horizonte, aí o inquérito corre lá, né?

G: Ah sim, pra ver se tinha...

V: Exatamente, exatamente.

G: Se tinha ligação.

V: É, exatamente. E, é...voltando ao negócio da... se tem uma única hora na minha vida que eu pensei, se eu pudesse falar assim, gente, se eu pudesse voltar no tempo e não ser jornalista, não estar envolvida em nada disso, foi na hora que veio o nome da minha filha. Aquela hora foi a hora que eu falei, “cara, deu, não vou fazer mais nada disso”. Sabe? Eu queria parar, tanto que eu fiquei afastada 12 dias. O médico me afastou 12 dias do trabalho. E foram 12 dias todo mundo preso dentro de casa. Porque a gente não sabia onde estava esse cara. Na polícia, a gente fez busca reversa na foto da arma e o delegado chegou à conclusão de que era uma foto mesmo e ele fez a foto. Aquela foto não era uma foto de internet. Então, em algum momento, ele fotografou, podia ser uma arma dele. Então, a gente não sabia onde esse cara estava. E a gente teve que ficar dentro de casa, todo mundo. Refém. As minhas filhas estudavam na esquina da minha casa. Então, eu tinha que levar... Uma semana elas não

foram na aula. A gente tem que avisar, então, toda uma escola do que está acontecendo. Toda escola ter um, um... um esquema de segurança, não só para as minhas filhas, porque a gente não sabe que tipo de pessoa é essa. Né? Uma pessoa que vem desses *chans*, onde ataques às escolas são planejados. A gente tem que chegar pra escola e dizer que tá acontecendo isso, reforcem a segurança e tudo mais. Se eu não me engano, ficava uma... uma viatura da PM na frente da escola. Foi avisada a PM do DF que, então, reforçassem a segurança na minha rua. Eles tinham que passar várias vezes na minha rua. Eu consegui uma medida protetiva, que está valendo até hoje. Eu tenho medida protetiva contra esse Marcelo, de Curitiba, e contra o William Maza, que tá preso.

G: O Marcelo não foi localizado até hoje?

V: O Marcelo foi localizado. O Marcelo é uma coisa que eu não entendo porque não tá preso. Porque ele foi ouvido pela polícia, a polícia...Não, ele foi ouvido pela polícia, a polícia de Curitiba não pegou o computador celular dele, não aprenderam nada! É um homem que tem histórico de violência contra a família dele, contra a mãe dele. Ele é uma criatura violenta. É uma criatura que tem histórico de violência contra a namorada, contra o irmão, contra a mãe. Pelo que foi me passado pela polícia, era um filho de papai que herdou uma grana do pai. É... o irmão soube fazer melhor uso do dinheiro e ele torrou o dinheiro todo, vivia em briga com a família por conta disso. Ele tinha um negócio no interior de São Paulo, que eu não me lembro a cidade agora, então a gente não sabia se ele tava em São Paulo, se ele tava em Curitiba. Ele foi achado pela polícia em Curitiba, escondido na casa da namorada. Esse inquérito foi tirado de Brasília, foi levado pro Paraná e ninguém sabe mais o que foi feito nesse inquérito. Eu não sei mais. Nada, nada.

G: Você tentou pedir informação?

V: A polícia daqui falou que o Ministério Público daqui achou melhor mandar para o Ministério Público do Paraná. E eu busco na consulta processual, eu não acho nada. Eu não acho nada. Absolutamente nada. Eu não sei.

G: Se foi arquivado, se foi...

V: Eu não sei. Esse homem pode aparecer aqui, entendeu? A gente não sabe, não sabe que

fim teve esse homem. O William Maza, tudo bem, tá preso. Se vai responder algum dia pelo que ele fez, pelas ameaças que ele fez, né? A minha, a Duda, a Sâmia, a gente não sabe também. Esse Marcelo, que é de Curitiba, continua livre, leve e solto. A gente não sabe nada do inquérito. E pra mim é uma incógnita, por que uma pessoa... a família dele falou... Porque ele fez um e-mail no nome do irmão dele. A família dele falou que ele fez isso de pirraça com o irmão, por conta dessa briga, por conta de herança, de dinheiro. E foi a família que contou o histórico dele de violência e tudo mais. A minha pergunta é, por que a polícia de Curitiba, por que a polícia do Paraná, quando teve acesso a ele, não pediu a apreensão do celular, do notebook, de qualquer outro dispositivo que ele tivesse? Nada, nunca, nada foi acessado. Outra coisa, a polícia daqui descobriu outros e-mails dele, e-mails do *Gmail*, do *Google*, pediu acesso ao conteúdo para o *Google*, mostrou tudo o que estava acontecendo, o *Google* negou, mesmo sobre multa. Negou. Não deu acesso.

G: Preferiu pagar multa?

V: Nem sei o que aconteceu. Não sei o que aconteceu. Então, assim, é toda uma história que, que, que.... cansa. Eu acho assim, é pra vencer a gente pelo cansaço. Eu não me sinto protegida. Não sinto que o sistema me protegeu. Quem deveria me proteger, não me protegeu. Não tenho resposta do Estado sobre isso. E a coisa continua acontecendo. [pergunta a si mesma] Quem foi agora que recebeu? Talíria! Foi Talíria? Talíria, recentemente, tem duas semanas, recebeu ameaças no e-mail. A mesma coisa. Tem mais gente agora que recebeu também. Mulheres na política recebendo ameaças. A coisa continua. E nada é feito. Vamos pegar como exemplo a história do ministro [Silvio Almeida] ontem¹⁰². O Estado não nos protege. Sejam jornalistas, sejam agentes públicos, sejam o que quer que seja. É uma violência completamente diferente com a mulher jornalista. Você não vê homens, homens, colegas nossos, reportando esse tipo de violência. E a gente não vê nada sendo feito. E eu sei que você vai me perguntar, né, se eu continuaria fazendo. Num primeiro momento eu quis parar, quando apareceu o nome da minha filha. Mas aí eu falei, “é isso que eles querem”. Então, seja numa redação, seja onde eu estou hoje, eu não vou parar. Porque mesmo não estando numa redação hoje, eu continuo apurando, eu passo para colegas as informações que eu levanto, as informações que eu recebo. Eu continuo passando adiante. Eu posso não estar

¹⁰² No dia anterior à nossa entrevista, o presidente Lula exonerou o então ministro dos Direitos Humanos Silvio Almeida, após acusações de assédio sexual. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/09/06/silvio-almeida-e-exonerado-do-governo-apos-denuncias-de-assedio-sexual.ghtml> Acesso em 22 set 2024.

assinando a matéria, mas eu continuo ativa.

G: Você comentou antes que ficou muito decepcionada com a postura da empresa...

V: Fiquei, fiquei.

G: Na falta de apoio, acolhimento, e persistência nesse caso. Você levou isso pra...

V: Levei, levei, falei, falei. O dono do veículo para o qual eu trabalhava, ele teve a brilhante ideia de criar uma vaquinha. Uma vaquinha pra arrecadar 250 mil reais com a justificativa de que seria para financiar o apoio emocional, segurança, né, dos jornalistas envolvidos, da equipe de reportagem como um todo e tal. Eu nunca... O Silvio, no *Congresso em Foco*, nunca pagou nenhuma consulta de uma psiquiatra. Nunca! Nunca! Nunca pagou um vidro de um rivotril, que custa seis reais. Aí, pra fazer uma graça, quando teve o Prêmio *Congresso em Foco* logo em seguida, quando eu e o Lucas chegamos no evento, nos são apresentados dois seguranças. Eu falei, “pra que eu preciso de segurança num evento fechado?” Contrataram segurança pra quê? Pra mostrar pros parlamentares que estavam lá, pras pessoas que estavam lá, “olha, nós estamos pagando aqui o segurança”. Minhas filhas não tiveram segurança. Eu não tive segurança. Nunca pagaram um litro da minha gasolina pra eu ficar levando minhas filhas da minha casa até a esquina pra elas irem pra escola. Nada. Nada! Fizeram, contrataram duas psicólogas, na verdade, que são essas que trabalham com, com... com terapia organizacional. Num primeiro momento, pra “vamos, vamos tratar aqui o emocional de vocês”. Aí, na nossa primeira reunião que nós fizemos, ele chamou um especialista em segurança cibernética, que ele pagou 60 mil reais, até hoje não sabemos pra quê. Pra ele fazer uma apresentação lá sobre como nós estamos expostos na internet. E ele tem a brilhante ideia de me pegar como exemplo e expor todos os meus dados....

G: Mentira!

V: Fez isso!

G: Mas isso no evento interno?

V: No evento interno! Ele me pega como Cristo naquele negócio e, e, e... e mostra como é

fácil achar os meus dados. Quer dizer, você já tá fragilizada com a coisa. Eu tava num, eu tava de um jeito que se você falasse comigo, ou eu ia começar a gritar, ou eu ia começar a chorar. Eu tava completamente descompensada com tudo aquilo. E aí me vem essa história dessa vaquinha, que nunca, nem eu nem Lucas, nós não recebemos nenhum apoio material. A empresa pode falar que contratou essas duas psicólogas, que num primeiro momento seria pra isso. No final das contas, daquela sessão em diante, virou terapia organizacional. “Ai, como podemos melhorar o clima da empresa?”

G: Participava todo mundo da empresa, não era só vocês?

V: Todo mundo participava. “Como vamos melhorar? Como é que a gente melhora o fluxo da comunicação?” Não tinha nada mais a ver com aquilo. Nada mais a ver com aquilo. Não foi pra aquilo. Foi uma...Aquilo foi uma encenação, entendeu? Nem eu e nem Lucas. Não recebemos nenhum, nenhum apoio. E aí é tão doido, tão doido, tão doido, que parece, assim, aquela síndrome de Estocolmo, né? Porque você continua tratando essas pessoas bem, E continua, sabe? Tipo... Aí eu lembro que nesse dia... era julho e eu não sei se aquele dia era meu aniversário, se algum dia ia ser meu aniversário. Aí eu lembro que o Silvio levou vinhos, espumantes, uma coisa assim. E aí, “não, vamos cantar parabéns pra Vanessa”. Uma coisa assim, é tão surreal que eu olho, eu falo, “cara, como é que eu não quebrei uma garrafa daquela na cabeça do Silvio?” Completamente sem noção. A gente tem essa coisa, né? Eu ainda tento, eu falo, “não gente, não é possível que a pessoa...”

G: Isso não aconteceu.

V: Isso não aconteceu. Ele devia estar entendendo de outra forma tudo aquilo que estava acontecendo. Não é possível que ele não entendeu a extensão do estrago, da dor que tanto Lucas quanto eu estávamos enfrentando. Porque assim, tudo bem a, a, a...as mensagens, o teor das mensagens do Lucas eram diferentes, mas o meu colega estava sofrendo. Eu sempre conversei com o Lucas sobre isso, né? É... eu falo, “Lucas, quando eu falo do como a coisa foi diferente pra mim, não é pra diminuir o que, o que foi com você. É só pra que você entenda que o ataque à mulher é completamente diferente”. Eles vão pra, pra desumanizar a gente. Você pega as mensagens, sabe, é uma tentativa de te desumanizar, de te subjugar, de te humilhar. Eles usam termos chulos, eles usam... Descrevem a maneira como eles vão te

estuprar. É uma coisa horrorosa. Eu não sei se você teve acesso, mas se você não teve, eu te mando. Ao teor da...

G: Eu vi o e-mail. Da arma. O e-mail da arma.

V: É horrível. É horrível eles descrevendo, sabe? É cruel demais. E eles vão, assim, na tua dignidade. Eles não fazem isso com homens. O homem quer meter medo, porque ele quer mostrar uma situação de poder diferente do tipo, “eu sei coisas da sua vida, eu domino coisas da sua vida, eu tenho acesso a coisas que você acha que eu não tenho acesso”. É como se tivesse medindo força, né? Briga de macho, de dois machos. Com a mulher, não. A mulher é humilhar mesmo. É te colocar numa situação de vergonha, que é uma posição que eu não quis. Tanto que quando o Edson me perguntou “Vanessa, eu posso publicar o teor?” eu falei “pode”. Eu não vou ficar envergonhada com o que eles escreveram, porque isso diz muito mais sobre eles do que sobre mim. Isso não tem nada a ver comigo. Isso é sobre a cabeça doentia deles. E são pessoas doentes. Quando começaram as ameaças, quando eu falei essa coisa de doente, eu me lembrei agora. No *Congresso em Foco* não estavam dando a devida... Ficou aquela preocupação, vamos acompanhar. E eu sempre falei lá dentro, “não subestimem essas pessoas de dentro desses fóruns. São essas pessoas que vocês estão falando aqui que são moleques que invadem escolas. Matam, saqueiam. Pega arma de não sei quem, compra balaclava, mete, mete máscara de caveira e vai e vai. Essas mesmas pessoas, desse mesmo ambiente. Então, não subestimem”. Por isso, eu acho que o *Congresso em Foco* demorou pra ter a resposta, responder, indo pra polícia logo de uma vez. “Ah, não, vamos falar com o nosso jurídico, vamos...” O *Congresso em Foco*, a postura do Silvio é assim, a postura do Silvio eu entendo, ele é uma coisa mais *low profile*, eu acho que ele não, naquele primeiro momento, ele de fato não entendeu a gravidade. Depois a gente passa para um outro momento dele querer usar isso como marketing. Porque, então, políticos começam a chamar audiências públicas para falar disso.

G: Sobre o seu caso?

V: Sobre o meu caso. Quem é que sentava à mesa para falar? O Silvio. Nem eu e nem Lucas, nós não éramos sequer convidados pelo *Congresso em Foco* pra ir. Então, o Silvio sentava, fazia a propaganda do *Congresso em Foco*, fazia a propaganda da vaquinha, contava, né,

como se fosse uma coisa da equipe toda. A equipe ficou assustada, claro, mas ninguém mais da equipe, além de mim e do Lucas, foram ameaçados. Ninguém mais recebeu ameaça. Então, não era um problema da equipe. [Era] de parte da equipe. Aí nós temos, então, quando Lula faz um café da manhã com jornalistas, o Silvio vai até o café da manhã pra falar, e fala sobre esse caso. Então isso virou, por um momento, ele usou isso como marketing do *Congresso em Foco*. E aí foi a hora que eu já não queria mais ficar lá dentro.

G: Você ficou quanto tempo depois disso?

V: Foi em junho? Foi em junho isso? Eu saí em... Eu não lembro se eu saí em outubro. Foi alguns meses depois. Eu já não queria mais ficar lá. Porque eu me sentia muito desrespeitada. Eu tenho colegas hoje de lá que hoje eles entendem. E eles me dão, eles me dão, me apoiam. “Hoje eu te entendo, eu sei o que você estava sentindo, cara, desculpa”.

G: Na época eles também relevaram?

V: Na época, eles não entenderam e acharam que a coisa como o *Congresso em Foco* conduziu tava correta. Não perceberam. Essa coisa da vaquinha pra mim é surreal.

G: Pra onde foi esse dinheiro?

V: Pra onde foi esse dinheiro? Meu psiquiatra não viu nada. Meu psiquiatra não viu...Quer mais água?

G: Brigada.

V: Pra não dizer, Silvio... [derruba um pouco de água] Ai, perdão. Silvio me ligou no dia que eu tive a minha crise de choro. Foi o dia que eu dei o grito lá dentro. Porque eu não suportava mais ser invisibilizada. Era Silvio indo falar na, na, na... pros, pro senador Humberto... ai meu Deus [tenta lembrar o nome] Humberto Costa, indo para outra agência, não sei onde, e papapa. E...e a violência contra a jornalista mulher ali dentro não era citada.

G: Falava só do Lucas?

V: Falava só do Lucas. Ou falava, “ai meu Deus, o *Congresso em Foco*, ai, meu Deus, porque é a nossa equipe. Ai, meu Deus, porque... Ai, porque tem um e-mail que alguém fala que ia lá e ia jogar uma bomba”. Essa parte eu apoio. Acho que tinha feito no dia que o Silvio estivesse sozinho lá. [risos] Se ele me pedisse informação de que dia que ele tá sozinho lá, eu falaria, “Gato, eu te aviso. Toma aí. Vai. Vai e joga”. [ri mais um pouco] Eu falo isso hoje, mas assim, a minha raiva do Silvio passou, sabe? Eu fiquei... Não, por muito tempo, eu não... Não podia nem ouvir o nome dele. Eu fiquei com muita raiva da maneira como ele fez. Me senti muito usada. O Lucas também se sentiu muito usado.

G: Acho que isso foi o pior.

V: Sim. Sim. Quando a gente chegou nesse prêmio, pra que segurança? Eu falava pro coitado do menino, falei, ”querido, você vai ser meu acompanhante hoje. Eu, você e meu marido, um trisal aqui, porque não tem o que fazer”. [risadas] Um lugar fechado, cheio de segurança, pra quê? Quem é que vai se infiltrar aqui? Não tem como se infiltrar aqui. Vai entrar o quê? Nadando pelo lago Paranoá pra invadir a festa? E matar todo mundo aqui? Não. Então era só assim, era uma coisa pra...

G: Pra inglês ver.

V: É, pra inglês ver, exatamente. Só pra isso. Mas o segurança era uma simpatia.

G: Você disse que os dias seguintes à ameaça, né? Quando descobriram o nome da sua filha, foram os mais difíceis.

V: Foram.

G: Vocês ficavam em casa...?

V: Sim.

G: Como é que foi essa relação com as crianças? Vocês explicaram?

V: Eu fui muito honesta com elas. Eu expliquei tudo o que estava acontecendo.

G: Suas filhas têm quantos anos?

V: Hoje a Isabela tem 7 e a Mariana tem 19. Isabela era bem... Isabela não tinha ainda a extensão do que.... Então, dentro dali, do universozinho dela, eu expliquei o que estava acontecendo. Pra Mariana, não. Como citou o nome da Mariana, eu tive uma conversa separada com a Mariana. Comecei com a psicóloga dela na época, é... pra que ela também trabalhasse isso com a Mariana e tal. E era... É uma sensação de culpa, sabe? Tipo assim, fui eu que trouxe isso pra dentro da minha casa. Foi o meu trabalho que trouxe isso pra dentro da minha casa. Isso é horrível. Sabe? É tipo, meu marido não podia sair pra trabalhar. Tava todo mundo preso dentro de casa por minha causa. Então, além, além de tudo que eu tinha que lidar, eu tinha que lidar com a culpa. E culpa por uma coisa que eu não fiz. Eu não escrevi essa matéria. Eu fui dragada pra essa história. Isso era uma das coisas que eu gritei com eles. Eu falei, “Vocês têm que me respeitar. Eu fui puxada pra uma história que eu não pedi pra estar. Não tem a minha assinatura ali. Eles me ligaram por conta de uma outra”. E veja a crueldade! Ou seja, “ah, não é ela que está assinando, mas ela já fez uma coisa com ele aqui. Vamos meter ela na história”. Não faz o menor sentido. E aí, de você ter que lidar com essa culpa de ficar perturbando o meu filho, que é advogado. Pra tá... A sensação é essa, tipo, eu tô dando trabalho pra todo mundo, né? Pras minhas cunhadas, de ter que avisar pras minhas cunhadas, a minha sogra, que mora aqui, “por favor, tenham cuidado, tá acontecendo isso, isso e isso”. Foram muitas pessoas que foram atingidas. Uma escola! Provavelmente, os alunos daquela época não sabem o que estava acontecendo, mas aquelas pessoas foram atingidas porque a gente não sabia onde estava esse homem. Então, eu sentia um grau de culpa tão grande, tão grande, por ter afetado a vida dessas pessoas que também não pediram para estar naquela situação. E ter que... continuar levando a vida, né? É... E aí tu vai pro psiquiatra, vai lá, toma tua medicação, fica medicada o dia inteiro pra você ter força, pra você seguir tendo crises de ansiedade. E eram crises de ansiedade misturadas com, com, com crises de muita raiva. Muita raiva. Isso um dia eu acho que eu vou ter que trabalhar porque, de verdade, eu teria capacidade de matar um deles. E eu falo isso, eu verbalizo isso, que é justamente pra eu entender esse grau da minha raiva contra aquelas pessoas. Quando o William Maza foi preso, não desejo nada além do karma pra ele, que eu sei que vai ser pesado, e já deve estar sendo pesado pra ele na prisão. Pro Marcelo, a mesma coisa. Eu prefiro falar que eu desejo o karma pra eu não ter que verbalizar exatamente o que eu desejo pra eles. Pela dor que eles causaram, não em mim, mas nas minhas filhas, no meu marido. Eu

perdi amigo por conta disso. Veja bem, que loucura. Perdi amigo por conta disso, que quis politizar... A gente num grupo de amigos, o Bruno colocou a matéria da *Folha de S. Paulo* pra gente explicar o que estava acontecendo, pra avisar inclusive os nossos amigos que moram no mesmo prédio que a gente. E eu tinha um amigo que vira e fala assim, “uai, mas a gente vai ficar falando de política aqui?”, porque ele é um bolsonarista. E aí o pessoal, “não, mas a gente não tá falando disso, leia a matéria”, “Não, eu não vou ler, porque é uma matéria sobre política, a gente vai ficar falando de política aqui?”. E até hoje eu não falo com ele, ele tenta se aproximar, mas eu não falo com ele. Então foi, agora olhando assim, a coisa foi, estremeceu muitas coisas na minha vida. Muitas coisas, você sabe. Foi, foi pesado.

G: Como é que foi esse retorno pra rotina? Quando é que as coisas começaram a melhorar?

V: Menina, eu não sei te dizer, porque tem aquela coisa, a gente precisa continuar vivendo. Não tem um momento que eu vou falar pra você, “foi a partir daqui que eu”... Talvez tenha sido no momento que eu percebi que o grande objetivo deles é provocar medo, paralisar a gente pelo medo, e que eu falei que “Não. Não, não vou ter medo. Já passei por muita coisa na minha vida”. Falei, “não, não vou. É isso que eles querem”. Eu conversei isso com o Lucas. Falei, “não deixa o medo tomar conta, senão a gente, a nossa vida acaba aqui”. Talvez tenha sido no momento que eu falei que eu não ia, não ia viver no medo. Falei “Todas as, todas as...Tudo que a gente tinha que fazer, as providências foram tomadas. Não tem mais o que a gente fazer. A não ser que eu vá contratar um segurança particular”. Então, aos poucos, a vida vai se ajeitando. Eu nunca mais recebi nenhum tipo de ameaça. Nenhum deles. Nunca mais. Eu continuei monitorando o *chan*. Eles colocaram uma máscara de ferro, mas a gente sabe como burlar. Na época, a gente sabia como burlar, então a gente continuava acessando, mesmo com a máscara de ferro que eles colocaram.

G: Você conseguia olhar ou pedia pra alguém?

V: Não, chegou no momento que eu passei a monitorar.

G: Você conseguia?

V: Não, eu perdi o medo. Naqueles primeiros dias, eu não queria nem ver aquilo. Então, tinham essas pessoas de dentro do *chan*, que eles vinham no meu *Twitter* e falavam comigo

no privado e me mandavam uns prints do que estavam falando. E... nem sei quem são essas pessoas. Eles foram me ajudando e abastecendo de informação. Nem sei, nem saberei mais, né, querida? Porque como o *X* agora acabou¹⁰³, ninguém acessa mais. Não sei, nem saberei. Mas... É uma decisão que você toma. Ou você continua com medo, e isso vai ser a sombra que vai te acompanhar pro resto da tua vida. E você não vai fazer nada. Ou você racionaliza e fala, “olha, eu já fiz tudo que eu podia fazer, já prestei queixa, o pessoal tá investigando, eu acho que tá investigando, não tem mais nada que eu possa fazer”. Ok, se não tem solução, solucionado está. Mas, por um bom tempo, eu ficava monitorando, até hoje, coisas da minha filha, eu sigo ela quando ela sai de casa. A gente tem os nossos celulares, a gente se acompanha, a gente sabe onde cada um tá. A minha pequena vai pra escola acompanhada sempre, porque ainda não tem idade pra ir sozinha, né? E é isso, acho que a coisa para quando vão aparecendo outros alvos. Pode ser que eu volte a ser alvo algum dia, que eu faça alguma matéria de novo que desagrade algum bolsonarista. Porque, veja bem, pra mim isso é uma coisa muito clara. Eu já tinha escrito sobre o *chan*. Eu nunca fui ameaçada. No momento, então, que tem uma matéria que fala especificamente de Bolsonaro, produção de *fake news* com pagamento em criptomoeda, que é o padrão da extrema-direita, então as ameaças vêm. Então, pra mim, é muito claro que isso é atrelado ao bolsonarismo. A minha vida inteira eu escrevi matérias que devem ter desagradado grupos, pessoas e eu nunca recebi nenhum tipo de ameaça de morte. Então, é justamente durante o bolsonarismo que isso acontece.

G: E mesmo no *chan*, né? Se você pensar que tinham pessoas que estavam nos fóruns e te contatavam pra te ajudar é porque não tem a ver também só com esse espaço.

V: Exatamente. Não. Não.

G: Às vezes a gente demoniza também, né?

V: Teve pessoas ali dentro que me mandaram prints e me ajudavam. Falaram, “fica tranquila, se algo... se surgir, teu nome, nome da tua filha, eu te mando”. E eu nunca soube quem eram essas pessoas, porque eu tinha um pouco de medo. Não queria dar muito espaço.

G: É curioso, né? Por que elas estão lá?

¹⁰³Na data da entrevista, o *X* estava suspenso no Brasil, devido a uma determinação do ministro do STF Alexandre de Moraes.

V: Sim, sim. Mas aí você vai perguntar, por que você e o Lucas estão lá? Devem ter outras pessoas como nós monitorando. Outras pessoas que estudam aquilo lá também estão lá dentro. A gente sabe que tem policiais infiltrados lá dentro. Então, assim, tem pessoas que não são daquele universo, que não compartilham aqueles valores, aquela coisa horrorosa que é aquilo lá. E que estão lá dentro.

G: Vanessa, você disse que assim que aconteceu, você e a sua família, todo mundo trancou os perfis das redes sociais. Teve alguma outra mudança, principalmente do seu trabalho que você acha que mudou, na sua rotina?

V: Não, eu acho que... É... aquelas assim, né? Ter mais horário de remédio? [ri] Mentira. É... Não, não que eu me lembre assim. Não, eu acho que já...Aquilo da gente já ficar aquele período trancada em casa... Se você me perguntasse, tipo, “ah, você mudou o que você apuraria?” Também não. Também não. Tanto que você vê que quando tem então o 8 de janeiro, e eu já estou num veículo que é conservador ligado à extrema-direita, e eu escrevi coisas ali contra a extrema-direita, eu continuei, eu continuei fazendo o meu trabalho e eu como eu sempre fiz. Eu expus, por exemplo, quando... os patriotas estavam saindo da, da... da Papuda, tem um lugar aqui, esqueci o nome, enfim, um lugar que eles passam para colocar a tornazeleira eletrônica. Eu fiz uma matéria ali expondo um esquema de financiamento que envolvia Oswaldo Eustáquio, que envolvia... o braço direito do Oswaldo Eustáquio aqui, que é o João Salas, e todo um grupo de extrema-direita que está diretamente envolvido com o 8 de janeiro. E, veja, depois dessa matéria eu entrevistei o Oswaldo Eustáquio. Nem dele eu recebi ameaça. Nem escrevendo as coisas que eu escrevia, eu recebi ameaça. Fiz matéria sobre, falando dos bastidores da, da...falando de Anderson Torres, mas nunca recebi ameaça. Então, algo que poderia mudar seria a minha forma de trabalhar, minha forma de apuração, o que eu gosto de apurar, isso não mudou. No momento, eu estou do outro lado do balcão, né, do jornalismo. É no momento. Mas até bem pouco tempo atrás, eu tava na redação e continuei escrevendo tudo o que eu tinha que escrever. Trazendo denúncias e tudo mais. A história do, do, do...da Polícia Federal investigando os apartamentos de Bolsonaro nos Estados Unidos, junto com Wassef, veja, nunca recebi ameaça dessa gente. Eu recebo “ah, vou te processar”. À vontade!

G: Você sente que as coisas melhoraram, depois que trocou o governo?

V: Então, eu posso dizer pra mim, mas eu vejo pessoas próximas a mim sendo ameaçadas Eu vejo outros tipos de violência, por exemplo, a Juliana Dal Piva agora. De novo, né? Ela agora foi...a história foi com quem, gente? Que tá fazendo... Marçal não, quem é? Quem é, gente? Gente, olha, menopausa é uma coisa muito horrorosa. Uma pausa aqui pra gente, que é horrível.

G: Quer que pause?

V: Não! [telefone toca] É só meu marido, rapidinho.

=====

G: Então, você acha que não mudou muito na sua atuação profissional?

V: Não.

G: Alguma coisa de deixar de assinar matéria sozinha?

V: Não. Não vai mudar.

G: Chegou a procurar alguma organização de proteção? Abraji...?

V: Abraji me procurou, o sindicato daqui me procurou, algumas instituições me procuraram.

G: Eles que te procuraram?

V: Isso, eles me procuraram. Eu confesso que eu não tive nem cabeça pra isso, sabe? Mas essa rede de apoio de instituições de jornalismo, eles foram, assim, rápidos, sabe? Eles vieram até mim muito rapidamente pra me oferecer apoio no que eu precisasse.

G: Que tipo de apoio eles deram?

V: Todo tipo de apoio. Eles foram incríveis, sabe? O acolhimento foi muito rápido. Mandavam mensagens perguntando, “Tá tudo bem? Tá precisando de alguma coisa? Olha, a gente tá aqui, se precisar de assistência jurídica, psicológica”, tudo, tudo, sabe? Tudo me foi ofertado. Isso eu não tenho o que reclamar. O sindicato daqui, as mulheres do sindicato daqui, todas vieram, sabe? Me acolher, assim. O acolhimento que eu esperava, né? Do local onde eu trabalhava. Eu recebi de colegas, no trabalho.

G: Mas da empresa em si...

V: Não.

G: O seu perfil é aberto hoje em dia?

V: Hoje é.

G: Alguma informação que você não coloca?

V: Alguma coisa que tipo assim, eu não coloco. O da minha pequena é trancado. Não sei se o da Mariana tá trancado. Mas a gente acabou abrindo. A gente cuida pra não colocar algumas informações, alguma coisa que localize onde a gente tá, entendeu? Por exemplo, qual que é a escola das meninas. Coisas assim que, na verdade, tem que ser o cuidado de todo mundo nas redes sociais, né?

V: Então, a gente tem que perder essa inocência de achar que esse tipo de coisa não bateria na nossa porta. Todo mundo é do bem e não é.

G: Até hoje?

V: Até hoje, até hoje.

G: Você sente medo de ser jornalista?

V: Não. Essa foi uma decisão. Isso é uma decisão. Foi o que eu falei, eu disse pra Lucas. Falar que a gente não sentiu medo, que eu não senti medo? Senti, eu tive vontade de parar. Na hora que eu vi o nome da minha filha. Mas esse é o objetivo deles. Eles querem te calar. E te calar pelo medo. Te provocar um medo tão grande, um pavor tão grande. Que te afaste

daquilo. E aí não, se eu faço isso, eles atingiram o objetivo deles.

G: Você enxerga hoje, ou já enxergava, o jornalismo como uma profissão arriscada, como uma profissão de risco?

V: Sempre. Sempre.

G: Por causa da violência?

V: Tudo, do que a gente é exposto no dia a dia mesmo, da cobertura. As violências são diferentes. Com a ascensão da extrema-direita, ser jornalista, a figura do jornalista, passou a ser uma figura muito odiada. Mas, por exemplo, quando eu trabalhava no Rio, como repórter de ‘Cidades’, gente, eu já tive em meio a tiroteio! E numa época que nós, repórteres, a gente não usava colete, capacete, não usava nada disso. Eu já estive na linha de tiro no Jacarezinho. Eu já subi o Cantagalo com a polícia. E é uma hora que acontece uma troca de tiros intensa. Então, é uma profissão arriscada. É. Diferente, né? A gente tá no olho do furacão. A gente tá ali no meio do que a coisa tá acontecendo. E são diferentes. Diferentes violências, né? No caso, hoje, a gente tem os bolsonaristas... Quando eu cobria futebol, gente, eu lembro de eu gravando uma passagem no Maracanã. Começa um cara a gritar, lembrei disso agora, é, é... um cara gritando da arquibancada, “Sua gostosa da *Globo*, não sei o quê, papapá, vou fazer com você”. Então assim, são diferentes violências que te colocam correndo diferentes riscos, não é? Não só físico, mental, que eu acho que é o pior.

G: O que você acha que precisa para ter mais segurança de jornalistas, para as jornalistas especificamente?

V: As empresas compreenderem o quão arriscado é ser jornalista, acolher imediatamente, seus jornalistas. Porque, num, num, num sentido geral, não tem muito o que fazer. Porque o nosso objeto de trabalho, que é estar no que está acontecendo, é a gente estar ali, é, é...testemunhando um fato. Aquilo ali por si só, dependendo do que você está cobrindo, por si só, já representa um risco. Não tem muito o que fazer. A nossa profissão é assim, seja você cobrindo ‘Cidades’, sendo você cobrindo uma guerra no Afeganistão, como a Titi. Talvez eu tenha, eu tenha... já tido essa percepção por ter trabalhado com a Titi, por ter acompanhado ela durante a cobertura, as guerras que ela foi. O Rio de Janeiro não era diferente quando eu

cobria ‘Cidades’. Eu vi coisas no Rio, que eu falo para as pessoas, que é um cenário do inferno de Dante. Crianças mortas pelo tráfico, de forma bárbara, mortes assim de todo o jeito horrórico que você possa imaginar. Não tem muito o que, assim, a nossa profissão, ela já é ligada a isso. Ela já nos coloca nessa situação de risco, de perigo, dependendo daquilo que você vai cobrir. Não é muito diferente de você cobrir, por exemplo, uma sessão na CCJ. Você tá ali arriscado a sofrer uma violência verbal, de um daqueles deputados numa entrevista, ou física mesmo, dependendo, a gente vê o pessoal da extrema-direita, eles são mais... eles têm mais esse ímpeto violento, né? Então, eu acho que tem que mudar a maneira como as empresas enxergam o quão expostos nós estamos e ter essa rede de acolhimento, de proteção pronta dentro da redação. E não tem que ser uma coisa reativa. Eu acho que tem que ser uma coisa que tem que, tem que ter um cuidado permanente, um cuidado preventivo, da saúde mental para os seus jornalistas, de treinamento, né? Não precisa esperar acontecer alguma coisa com o jornalista da casa para você fazer um treinamento de segurança digital, como você vai se proteger nas redes, como é que você vai se proteger no seu dia a dia, de você de fato oferecer, de fato, diferentemente do que aconteceu no *Congresso em Foco*, de fato você ter um acolhimento para a saúde mental dessas pessoas, de você mostrar empatia, não olhar para o jornalista só como um funcionário. Que se, “ah, não tá funcionando direito, demite, a gente coloca outro”. Não é assim. A nossa profissão é diferente. E precisa, a gente precisa que as empresas entendam isso. Eu acho tudo, não só hoje em dia, de outras formas, desde sempre. É como se eles achassem que a gente, a gente, a gente tivesse escolhido, a gente escolhe uma profissão, se arriscar numa profissão. Não é, tem vocação. Eu sou uma jornalista por vocação. Eu não consigo me ver fazendo outra coisa. Eu até tentei por 12 anos. Uma outra forma de comunicação, através da imagem. Mas eu sou do jornalismo investigativo. É isso que eu gosto. É a minha vocação. E eu vou fazer o quê? Eu vou abdicar disso profissionalmente? Então a gente não tá ali pra gente... Ah, porque a gente gosta da adrenalina. A gente até gosta, entendeu? Mas é uma profissão de risco, é uma profissão que tá exposta à violência o tempo todo. É isso.

G: Mais alguma coisa que você quer falar?

V: A gente paga um preço muito alto, né?

G: Ah, é!

V: Eu imagino aí, minhas colegas, eu vejo... Mulheres pagam um preço muito alto, né? Eu ainda tô muito impactada com o que aconteceu ontem. Muito, muito mesmo, que eu vou te falar. O Silvio [Almeida] era a minha opção pra votar como presidente da República.

G: Foi uma surpresa muito grande...

V: Não, aquilo não foi...Aquilo foi... Não, não foi...Não! É além da surpresa. Aquilo foi um soco na boca do estômago. Inacreditável. E aí você ouve aquele depoimento daquela professora. Meu Deus. Eu ensino as minhas filhas. Eu converso muito com elas, eu mostro muito essas coisas pra elas, sabe? Que não é papo de feminista. Gente, tá aí, olha, olha aí. O que acontece, como é diferente, é totalmente diferente. Os riscos aos quais nós, mulheres, nós estamos expostas diariamente, é o tempo inteiro, nós duas não estamos seguras aqui. Chega um idiota que “ah duas jornalistas aí”, ou chega porque “ah são só duas mulheres” e se acha no direito de de qualquer coisa, porque os homens são assim. Mas enfim, isso é um papo para uma outra época, uma outra conversa.

V: O que mais você precisa saber?

G Da minha parte, eu acho que você já contou tudo o que eu precisava, mas você gostaria de falar mais alguma coisa?

V: Não, não, eu achei até que foi menos... É bom passar o tempo e você revisitar algumas coisas.

G: Com distância...

V: É, com distância. Principalmente esse momento que eu falei que eu não ia parar. E que eu acho que as minhas colegas também são assim. Eu acho que elas são unânimes em dizer isso. Ninguém vai parar. E aí você vê que são uns moleques, cara. Vontade de dar uma coça neles. Dá uma surra nesses moleques... Meu filho, voltando da lua de mel, eu vou pedir pra ele entrar em contato com o Ministério Público do Paraná.

G: Acho que o mais revoltante, é, assim, a troca de quê? Não tem mais o que fazer, né? Essas pessoas.

V: É a troca de provocar o terror, só isso. Não tem outra...

G: A gente fala a troca de que, mas na realidade, às vezes, tem troca, né?

V: Tem! Tem troca! Eu vejo essas ameaças às... às parlamentares. Gente, é o mesmo padrão. Nada acontece, nada daquilo se materializa. Mas é pra te abalar emocionalmente. Pra te colocar o tempo inteiro em estado de alerta, que é uma coisa horrível. Você ficar em estado de alerta permanente, isso é uma coisa que eu não quis. Porque senão a gente, aí sim, a gente paralisa. Você fica em estado de alerta permanente, você se deixa dominar pelo medo, você começa a se tolher, né, quando você me pergunta, você deixou de fazer alguma coisa? Não. A única coisa, a gente cuida do que a gente posta nas redes. Ah, deixar de sair, deixar de andar na rua, deixar de escrever o que eu tenho que escrever, de investigar o que eu tenho que investigar, nada disso. Mas se você entra nessa espiral que eles querem criar na sua cabeça, se você entra nisso, é a troca de quê? De te paralisar pelo medo, de provocar medo. E o medo, eu vou lhe dizer, o medo é um bicho muito ardiloso. Porque ele é uma criatura que você não vê. É uma criatura que você não consegue ver a maneira como ele vai entranhando em você. Nós mesmos alimentamos esse bicho. Olha que coisa perversa! Tanto que quando você tem muito medo de alguma coisa, eu falo para as minhas meninas lá em casa, tem uma metáfora que é ótima, que é do *Monstros S.A.* O medo é aquele monstro que está no quarto da criança, no escuro. Quando ele acende a luz e vê o que é, ele vê que não é nada daquilo que ele estava imaginando, a criança perde o medo e começa a rir. E o que acontece com o medo? O medo volta lá praquela portinha e vai embora. Isso é uma coisa que eu explico pras minhas filhas. Então, quando a gente para pra racionalizar quem são essas criaturas que querem nos meter medo e que a gente joga luz em cima deles, que a gente vê que única e exclusivamente o que eles querem provocar é isso, é deixar a gente apavorado, é deixar a gente em estado de alerta, então você vê que o monstro não é tão grande. Você perde o medo daquele monstro. E aí, quando você perde o medo daquele monstro, ele vai ficando pequenininho, pequenininho. Uma coisa ínfima, que não te ameaça mais. E acabou. Pronto. É isso que a gente fez lá em casa. A gente racionalizou bem o que estava acontecendo. Aonde eles poderiam chegar com aquilo? O William Maza, talvez. O William Maza, eu vou te falar que, inconscientemente, eu tinha um pouco mais de receio dele. Eu achei estranho o tio dele entrar na história, querer oferecer apoio, papapá. “Não, a gente vai... A gente vai apoiar as investigações e aí você vê que ele já estava envolvido em outras ameaças”. E aí, então, tem essa matéria do *Discord* no

*Fantástico*¹⁰⁴. E quem é que está preso? Vai preso nessa história por estupro virtual, fazendo as meninas se automutilarem. É uma coisa bárbara. Mas veja bem, né? Eles vão nas adolescentes, que ainda não tem essa força, né? Ficam morrendo de medo de serem expostas. Elas se deixam dominar. Eles vão de nomes mais fracos. Mas com a gente, o que eles vão fazer com a gente? A não ser provocar medo. Esse tumulto todo, tumultuando a vida de todo mundo. Aí quando a gente reconhece isso, você pensa, “cara, eu vou largar minha vida, deixar de fazer minhas coisas por um merdinha desse?” Não, né? Sem esquecer que tem alguns merdinhos que saem dali e vão matar pessoas, né? De fato. Mas é isso. Eu espero ter te ajudado.

G: Muito.

V: Ah, o que você precisar, pode...

G: Muito obrigada. Por dedicar seu tempo, por rememorar...

V: Imagina que isso... No que eu puder ajudar... Que eu puder ajudar, pode... Eu acho, eu acho que é, sabe? Eu acho que é importante. Por todas. Porque se você pega um caso isolado, e principalmente aqueles que não ganham, né? No meu caso, por exemplo, o meu caso foi amplamente divulgado, mas tem colegas que não. Então tem colegas que provavelmente não receberam, não tiveram o acolhimento que eu tive. De instituições, talvez, dos colegas, do próprio local de trabalho. Familiar. Você sabe que até hoje a minha família não entendeu? Meus pais, eles não entenderam ainda o que foi aquilo. Eles não conseguiram... E dali não veio nenhum acolhimento. Olha, que doido! Porque mamãe é bolsonarista. A frase é a seguinte... “Também pra que você fica mexendo com essas coisas?” Tem, né? Tem gente que fala a mesma coisa, né? “Não, mas pra quê que você fica escrevendo isso? Você procura...” Juro, eu ouvi isso. “Você procura...” Eu falei, “a matéria nem é minha, querida, eu não procurei foi é nada. Eu tava quieta na minha vida de editora, linda lá, preocupada que eu fosse receber ameaça da outra matéria. Da outra. Que a única ameaça que veio foi de processo. Mas que não deu em nada. E é isso. É isso. Que bom que você tá dando vozes pra outras colegas. Que isso vai ficar registrado, isso é importante. Isso é muito importante ter isso registrado.

¹⁰⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/06/26/criminoso-que-agia-no-discord-tinha-pasta-de-arquivos-com-vitimas-catalogadas-back-up-das-vagabundas-estupraveis.ghml> Acesso em 30 jan. 2025

G: Uma coisa que eu não te falei antes.

V: Hmm...

G: Você deu uma entrevista pra Rafaela Sindorski...

V: Eu?

G: Da Abraji, do pessoal da Abraji

V: Dei! Falei alguma bobagem?

G: Não, não! Tem uma frase que você fala, que foi a frase que eu escolhi pra ser o título do meu projeto.

V: Mentira! O que que eu falei?

G: Como a gente convive com isso.

V: Como é que a gente convive com isso? É muito doi... Pra mim, quando eu falei isso, eu tava pensando... Como eu convivia com a culpa. Isso é uma coisa que pesou demais. Eu sentia muita coisa. Quando eu te falo, né? De envolver todo mundo.

G: Eu imagino. A gente escolhe ser jornalista, as outras pessoas não.

V: Pronto! É isso! É isso! E aí, cara... Eu lembro a cara da Mariana, do tipo... Com medo, bicha, sabe? E ela enfrentando um período tão difícil na vida dela. Tão difícil. A gente passando por tudo aquilo. E ainda veio um troço desse, que foi assim, né? Aquela semana foi um tsunami na minha casa. Foi um tsunami, foi uma doideira na minha casa. Ah, não tô acreditando que você tá aqui!

[Nesse momento, chegam no café onde estamos a filha mais nova, o marido e o genro de Vanessa]

V: Sua gostosa, vem aqui! Que surpresa, meu amor! A minha filha, meu marido... Mamãe estava dando uma entrevista. Pra Giovana, aqui ó. Fala, oi!